

FERNANDO SÉRGIO DAMASCENO

**LUTA OPERÁRIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR NA
VENEZUELA: ESTUDO SOBRE A RESISTÊNCIA DOS
TRABALHADORES - O PARO PETROLEIRO DE DEZEMBRO DE
2002**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA – MG
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FERNANDO SÉRGIO DAMASCENO

**LUTA OPERÁRIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR NA
VENEZUELA: ESTUDO SOBRE A RESISTÊNCIA DOS
TRABALHADORES – O PARO PETROLEIRO DE DEZEMBRO DE
2002**

Tese apresentada à Banca Examinadora do programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História, área de concentração História Social, sob orientação da Professora Doutora Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA - MG
2010**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Doutora Maria Luiza Fernandes (UFRR/RR)

Prof. Doutor Valério Arcary (CEFET/SP)

Prof. Doutor Aldo Duran Gil (UFU/MG)

Prof. Doutor Paulo Roberto de Almeida (UFU/MG)

**Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Helena Pacheco Cardoso (UFU/MG)
(orientadora)**

SUMÁRIO

Resumo.....	05
Apresentação.....	09
Capítulo I.....	33
<i>Os trabalhadores, a PDVSA e o patrimônio público</i>	
1 – O que é trabalhar na PDVSA, da ilusão ao sangue.....	42
2 – PDVSA, o país e as políticas em andamento.....	54
Capítulo II.....	82
<i>A organização política e sindical e a participação popular na Venezuela</i>	
1 – Caracazo: quando os setores populares dizem basta!.....	87
2 – O surgimento de novas correntes sindicais na década de 1990.....	101
3 – O movimento MVR.....	108
4 – Os Círculos Bolivarianos.....	131
Capítulo III.....	147
<i>Os trabalhadores, os movimentos e as crises: superações e projeções</i>	
1 – 10 de dezembro de 2001, o primeiro paro nacional.....	154
2 – 11 de abril de 2002, o golpe dura 48 horas.....	173
3 – Outubro de 2002, mais uma tentativa.....	201
Capítulo IV.....	223
<i>Quando os trabalhadores lutam, possibilidades se vislumbram</i>	
1 – O paro naval, um golpe frontal: como os trabalhadores o neutralizam.....	226
2 – O paro eletrônico e sabotagem virtual: seu arranque vem da cúpula, seu desarme vem da base.....	233
3 – O quadro de paralisação nos setores primordiais: educação, venda de combustível, bancos e saúde.....	242
4 – A fome assola trabalhadores e populares venezuelanos.....	250
5 – Refinaria de Puerto La Cruz: de onde vem a maior resposta operária.....	258
6 – O movimento Popular.....	286
Concluindo:	296
<i>Uma avaliação necessária</i>	
Bibliografia e Fontes.....	333

RESUMO

Luta operária e participação popular na Venezuela: estudo sobre a resistência dos trabalhadores – o Paro petrolero de dezembro de 2002. Com este título, apresentamos aqui a tese de doutorado que visualiza este país nas sucessivas tentativas de golpes civis-militares no início do século XXI e a participação direta de trabalhadores e populares nas lutas por suas reivindicações.

A Venezuela é um país que, com a posse de Chávez na presidência, em 1999, vem provocando muitas controvérsias pelo mundo, seja de simpatizantes que ouvem dele a necessidade de construir o socialismo, ou da burguesia que pensava ter apagado de uma vez esta palavra e seu significado. Deste modo, ambos os setores se engalfinham em amplos debates e confrontos diretos dentro e fora do país. Se, por um lado, é positivo para a classe trabalhadora, e os setores oprimidos de maneira geral, resgatar a palavra e o significado do socialismo, por outro, ambos os setores, chavistas ou anti-chavistas, não compreenderam o que é socialismo. Se, de fato, o primeiro grupo sonha com o socialismo, não será com Chávez, porém, que se chegará a esse intento. Já o segundo, embora seja crítico do chavismo, não percebe que Chávez é um matiz burguês *sui generis*.

Para a compreensão de todo este processo venezuelano, em específico o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, sob uma ampla análise histórica, procuramos abranger as ações e o papel da classe trabalhadora venezuelana e setores populares nestes embates de classe no país, que se dão desde a subida de Chávez ao poder. Para isto foi destacado o início de toda esta efervescência social, a partir da insurreição popular de fevereiro de 1989, conhecida como Caracazo, e seu posterior desdobramento.

O ponto central de todas estas disputas foi o *Paro Petrolero de dezembro de 2002*, na empresa produtora de petróleo do país, Petróleos da Venezuela Sociedade Anônima – PDVSA. Com a paralisia da economia do país, a oposição burguesa e golpista, junto com seus aliados na classe trabalhadora, a burocracia sindical, tentou sangrar a economia venezuelana, causar um colapso e derrubar Chávez. A pronta entrada em cena de milhares de trabalhadores e populares na ação direta e ocupação da empresa, colocando-a a funcionar, minaram o projeto da oposição golpista que mais uma vez foi derrotada pela iniciativa de mobilização da classe operária e setores populares explorados que se identificavam com a classe oprimida.

Ocorreu que, além de derrotarem o golpe, estes operários petroleiros, apoiados pelos populares, tiveram sob suas mãos o controle da segunda maior empresa do mundo em produção de petróleo. Com este feito demonstrou *in lócus* que a classe trabalhadora possui condições atuais de controlar a produção e a administração dos bens produzidos por ela. Tudo isto dentro de um efervescente processo histórico de lutas sociais, restabelecendo marcos do socialismo, perdidos na década de 1980 e 1990.

Neste trabalho de tese, buscamos compreender estes agentes sociais, suas lutas, demandas e experiências, analisando os germes que permitiram o desenrolar deste processo histórico, ressaltando a experiência do que pode ser uma sociedade, em que os próprios trabalhadores e setores explorados, mobilizados e organizados, podem realizar, quando decidem controlar a produção e distribuição de suas mercadorias.

Palavras-chave: Paro Petroleiro, Venezuela 2002, luta de classes.

ABSTRACT

Workers' struggle and popular participation in Venezuela: a study on the resistance of workers – The oil Paro of december 2002. With this title, here is the doctorate thesis that sees this country in successive attempts at civil-military coups in the early twenty-first century, and analyses the direct participation of workers and popular sectors in the struggle for their claims.

Venezuela is a country that, with Chavez's possession in the presidency in 1999, is causing many controversies around the world, whether from his supporters who hear from him the need to build socialism or from the bourgeoisie who thought he had erased once this word and its meaning. Thus, both sectors are pitted in broad discussions and direct confrontations inside and outside the country. If, on the one hand, it is good for the working class and the oppressed sectors in general, to redeem the word and the meaning of socialism, on the other, both sectors, pro-Chavez or anti-Chavez, did not understand what socialism is. If in fact, the first group dreams of socialism, it is not with Chavez that they will come to that intent. The second, although critic of Chavez, don't realize that Chavez is a bourgeois hue *sui generis*.

To understand this whole Venezuelan process, specifically in the oil *Paro* of December 2002, under a broader historical analysis, we include the actions and the roles of the Venezuelan working class and popular sectors in these clashes on the country, which occur since Chavez's rise to power. To this purpose, the beginning of all this social effervescence was emphasized, from the popular uprising in February 1989, known as the *Caracazo*, to its subsequent unfolding.

The main point of all these disputes was the oil *Paro* in December 2002 at the country's oil producing company, *Petróleos de Venezuela Sociedad Anónima - PDVSA*. With the country economy paralysis, the plotter bourgeois opposition, along with its allies in the working class, the trade union bureaucracy, tried to bleed the Venezuelan economy, cause a collapse and overthrow Chavez. The prompt arrival on the scene of thousands of workers and popular sectors in direct action and occupation of the company, putting it to work, has undermined the project of the scammer opposition that once again was defeated by the initiative to mobilize the working class and exploited popular sectors that operated identified with the oppressed class.

It happened that, in addition to defeating the stroke, these oil workers, supported by popular sectors, had their hands under the control of the second largest company in the world oil production. With this, it was demonstrated *in locus* that the working class has current conditions to control the production and management of goods produced by it. All this within a bubbly historical process of social struggles, restoring landmarks of socialism, lost in the decades of 1980 and 1990.

In this thesis, we seek to understand these social agents, their struggles, claims and experiences, analyzing the germs that allowed the unfolding of this historical process. We highlight the experience of what a society can be and what its workers and exploited sectors can make when, they both mobilized and organized, decide to control the production and distribution of their goods.

Keywords: The oil *Paro*, Venezuela 2002, the class struggle.

APRESENTAÇÃO

Em um trabalho de pesquisa, e, neste caso, uma tese acadêmica, é impressionante o quanto de recortes se faz para abarcar com maior propriedade o tema que nos propomos a abordar. Primeiramente, defrontamo-nos com a necessidade de problematizar nossa temática, questionando a homogeneidade e a horizontalidade do conhecimento histórico, assumindo que ele não desvenda sentidos necessariamente verdadeiros, nem verdades absolutas. Segundo, a pesquisa nos leva a uma imensidade de materiais que tratam a questão, ainda que não sejam do específico de nosso objeto, mas circulam em torno dele, o que torna difícil selecionar, dentre este material existente, o que nos auxilia a enfrentar nossos questionamentos, fugindo da generalidade de que todas as fontes são importantes. Resultado, teremos de recortar, e recorte são escolhas e escolhas são proximidades, indentificações e, talvez, conteúdo efetivo. Portanto, uma pesquisa não é neutra, e não está carregada somente de elementos objetivos, há as subjetividades e nossas indagações são partes delas.

As preocupações com tudo isso são fortes, pois o trabalho final tem de ser agradável primeiramente para quem o está elaborando, e depois passar pela prova da banca, que, em sua maioria, são “velhos marinheiros”. Portanto, o trabalho tem de responder a uma metodologia bem desenhada e quando tudo isto é respondido positivamente, resta ao leitor avaliar o que lê, pois, como Novais diz, realizamos, com todo ardor do trabalho, somente *aproximações*¹ do que de fato aconteceu. Percebemos na feitura desta tese o quanto a História é rica e oferece diversas explicações para um mesmo assunto, identificando por onde a tesoura do recorte temático anda e com qual base teórica estamos comprometidos. Ao mesmo tempo, mostra-nos como nós, aspirantes a doutores, somos desprezíveis criaturinhas, visto que não temos a condição de tratar um objeto em sua complexidade, apenas em parte dela. Uma pesquisa é tudo isto.

O tema da pesquisa está centralizado no *Paro Petroleiro de dezembro de 2002*, na Venezuela, quando a oposição ao governo Hugo Rafael Chávez Frías tentou derrubá-lo, paralisando a produção de petróleo. Para enfrentar esta temática procurou-se primeiro conhecer um pouco da história deste país. Deste modo, por meio de uma significativa leitura, percebida nas obras citadas na bibliografia, procurei familiarizar-

¹ NOVAIS, Fernando A. *Aproximações – Estudo de história e historiografia*. Editora Casacnaify, 2005.

me com a história venezuelana, com maior atenção a partir do século XX, sempre tentando problematizar o país em relação à América Latina e, na medida do necessário, em relação ao mundo. Neste sentido, o historiador Domingo Alberto Rangel² é uma leitura necessária, pois, em sua obra, ao analisar o processo capitalista venezuelano, propicia uma interpretação da Venezuela a partir da segunda metade do século XIX, tornando-se um clássico. Alberto Rangel debate com toda uma corrente latino americana, que defendia que a Venezuela era um país semi feudal.

Tal teoria de uma América Latina semi feudal teve de encontrar sérios historiadores que se dispusessem a enfrentar o debate, já que esta concepção feudalista era fomentada por um forte aparato stalinista que a implantava nos espaços acadêmicos. Tal conceito implicava concluir que a revolução na América teria de ser tarefa para um futuro bem distante. Alberto Rangel, pode-se dizer, foi o pioneiro nesta oposição e possibilitou uma interpretação mais lúcida da realidade do país. Neste sentido, trabalhou com os conceitos de ciclos econômicos, e, ao mesmo tempo, tornou possível dialogar sobre o surgimento da indústria do petróleo, e a fuga de capitais, se relacionando com um desenvolvimento de uma economia parasitária, que posteriormente se convencionou a chamar de *rentismo petrolero*.

Não menos importante na historiografia venezuelana, e que abarca um processo de estudo e produção bem mais amplo pelo qual percorremos, foi o trabalho deixado por Federico Brito Figueroa³, professor da Universidade Central de Caracas. Mesmo a intelectualidade venezuelana indentificada com a elite do país, e hegemônica na UCV, não conseguiu negar ou apagar o talento de Figueroa. Este autor representou para a produção venezuelana o mesmo que Caio Prado Júnior representou na produção brasileira, ambos percorreram o período compreendido da Colônia a uma boa parte da segunda metade do século passado. Figueroa trabalhou com a história econômica e social do país, assim pode perceber a formação do venezuelano, que, mesclado entre o indígena, negro e o branco na maioria das vezes opressor, produziu os mais tensos embates da luta social do país, até as portas do século XX. Desse modo, a discussão dos problemas econômicos não se estabeleceu de forma dual, mas uma profícua sincronia entre o social e o econômico pode ser percebida na obra deste autor. Destarte, quando a exploração do petróleo se inicia com força, principalmente no início do século XX,

² RANGEL, Domingo Alberto. *Proceso del capitalismo venezolano*. 2ª edición. Valencia/Venezuela: Universidad de Carabobo, 2003.

³ BRITO, Figueroa Federico. *Historia Económica y Social de Venezuela*. Tomo I, II, III e IV. Caracas: Ediciones de la Biblioteca U. C. V. , 1974.

percebem-se melhor as vicissitudes e os embates a que estes recém operários petroleiros estão submetidos. Pode-se dizer, sem cair em etapismo, que Tennessee⁴, orientando de Figueroa, consegue, em sua dissertação, minuciar e aprofundar na questão de interpretar o surgimento da categoria de petroleiros, que Figueroa vê a partir do todo. Tennessee vê a parte, para isto se desbrua em um foco de pesquisa que cobre o período compreendido entre 1900 a 1950. Assim, o peso historiográfico destas três obras e autores consegue dialogar e orientar sobre o conhecer do país em seus primórdios de Colônia/independência, e o surgimento da indústria petrolífera e da classe operária que a movimentava, até aos anos de 1950.

Para analisar este mesmo período de 1900 a 1950, e não cair em um enfoque unilateral, procuramos em Alcántara⁵ um contraponto de análise, ainda que ele não venha com citações no corpo do trabalho. Alcántara, de visão positivista, possui uma vasta produção histórica acerca do país, e, neste trabalho, que analisa o governo de Juan Vicente Gómez, que governou o país de 1908 a 1935, praticamente a obra é uma biografia, contudo traça aspecto do país de toda esta primeira metade do século XX. Neste sentido, de um modo distinto dos outros três autores anteriores citados, Alcántara também destaca as lutas políticas, e a forma que estes governos estabelecem a relação de produção do petróleo que está surgindo no país. Assim, acerca dos acordos com as petroleiras multinacionais que vem para Venezuela, dos pactos com os governos europeus e ianque, o autor compartilha com uma visão oficial pensada para Venezuela, assumindo uma ótica de que se estava produzindo o progresso do país. Para fazê-lo, personalidades como o ditador Juan Vicente Gómez são exaltadas ou eleitas como destaque do processo de desenvolvimento do país. Deste modo, pode-se fazer um contraponto com a visão de Tennessee, que vê nos trabalhadores o epicentro do processo. É de se ressaltar que, como Alcántara produziu esta obra para o público no século XXI, e já percorria a 10ª edição venezuelana, se pode fazer uma observação do que autores como Tennessee disseram nos anos de 1970, e o que há de mais novo no debate.

Outra preocupação foi realizar uma leitura de literatura que estivesse mais relacionada aos problemas vividos no país, a partir da insurreição popular de 1989, chamado de Caracazo, até o *Paro Petrolero de dezembro de 2002*. Desta bibliografia, a

⁴ TENNASSEE, Paul Nehru. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela. Editorial Popular, S. A. 1979.

⁵ ALCÁNTARA, Tomás Polaco. *Juan Vicente Gómez: aproximación a una biografía*. 1ª edição espanhola e 10ª edição venezuelana. Barcelona – Espanha: Morales i Torres Editores, S. L., 2004.

maior parcela segue citada ao longo dos capítulos. Porém, o que não foi citado nestes capítulos encontra-se na bibliografia final, para que sirva de referência a quem desejar mais informações ou mesmo conhecer os caminhos historiográficos percorridos pela produção local.

Os documentos de pesquisa se concentram em 4 tipos de fontes mais específicos. Primeiro, a literatura que visualiza o Caracazo, os movimentos populares, a reorganização sindical e política, a questão do petróleo e os conflitos a partir da eleição de Chávez em 1998. Um segundo tipo de fonte são os diversos boletins, fascículos e informativos permanentes que a PDVSA- Petróleo de Venezuela Sociedade Anônima – produz, seja nas edições quinzenais, mensais ou bimensuais. O terceiro tipo de fonte usada no trabalho foram os jornais, entre eles o regional *El Tiempo*, da cidade de Puerto La Cruz, estado de Anzoátegui, no período de junho de 2001 a junho de 2003. Outro jornal pesquisado foi *El Nacional*, de circulação nacional, do mês de dezembro de 2002 a janeiro e fevereiro de 2003. A História Oral, a partir da produção de entrevistas com petroleiros e populares participantes dos eventos históricos de 1995 a 2008, e também outras entrevistas orais produzidas a partir de iniciativas da própria PDVSA, no *Paro Petrolero de dezembro de 2002*, e que posteriormente foram públicas, completa a relação de fontes desta pesquisa.

É necessário dizer que, em seu momento específico, cada tipo de fonte tem seu valor próprio, no entanto é oportuno informar que as pesquisas nos dois jornais diários e as entrevistas de protagonistas destes eventos forneceram a maior parte do conteúdo do trabalho aqui exposto. Logo, é importante, em breve comentário, tecer algumas considerações ou preocupações metodológicas sobre como estas fontes foram usadas neste trabalho.

Os jornais constituem fonte muito valiosa no aproveitamento de dados e informações. Contudo, não se consegue produzir matérias jornalísticas que sejam unicamente objetivas. Clénisson já há tempos dialogava com o historiador a respeito da subjetividade dos fatos, ou seja, de acordo com sua posição, por mais objetivo que parecesse um fato histórico, seu registro escrito ou oral estava permeado de subjetividades⁶. Neste sentido, é quase impossível narrar um fato somente pelo conteúdo objetivo que aparentemente traz, embora as escolas de jornalismo ou de comunicação social, em sua absoluta maioria, possuam uma visão muito superficial e

⁶ GLÊNISON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. RJ/SP: Difel, 1977.

acrítica deste tema. A propósito, as matérias dos jornais trazem uma carga ideológica que, às vezes, é melhor observada principalmente nos editoriais.

Deste modo, quando pesquisamos nestes jornais, procuramos identificar a afinidade política de seus donos e se percebeu que todos eles estavam comprometidos com o Golpe de 11 abril de 2002, que derrubou Chávez por quase 48 horas, e com o *Paro Petrolero de dezembro de 2002*. Em ambos os jornais estão empresários que seguem uma longa trajetória na elite do país, sendo que destes dois jornais, o mais novo é o *El Tiempo*, que, no ano de 2008, completou 50 anos, sendo que o *El Nacional* tem sua primeira publicação em 1943, tendo assim completado 67 anos. Estes empresários possuem o jornal como empresa de imprensa, assim, há casos em que são donos de mais de um jornal, com títulos e localidades distintos, além de atuarem em outros ramos da comunicação. Verifica-se também que a principal fatia de lucro destas empresas não são as vendas de seus exemplares, mas sim os anúncios, por conseguinte, o compromisso com o anunciante vem em primeiro lugar. O anunciante fundamental é a burguesia venezuelana, deste modo não poderia haver falta de sintonia entre o conteúdo veiculado e a proposta político-ideológica dos setores que o comandam. Todavia, é importante observar que tudo isto é feito por meio de *mediações*, em que as matérias devem apresentar aparente neutralidade, ou nada disto se sustentaria. Com tais observações, se procurou ao máximo utilizar este material que se mostrou muito útil na construção da pesquisa.

A respeito da fonte oral, e seu componente principal, que é a memória, procuramos trabalhar de forma a seguir uma metodologia em que a entrevista não é um testemunho estrito, mas um processo de luta em andamento⁷. Enfrentamos este desafio de construir o trabalho de forma a mostrar todo o desenrolar do processo, não somente no que se refere às entrevistas, mas no todo do trabalho final de pesquisa. Para isto foi de suma importância entender a classe trabalhadora e os setores populares em seu *fazer-se*, elemento que Thompson defende na construção de um trabalho histórico. Para o autor, a classe operária em sua constituição tanto recebe influência de fora, como interfere no processo histórico humano:

⁷ Algumas leituras foram importantes na construção de uma metodologia sobre narrativas orais. PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. In: *HISTÓRIA & PERSPECTIVAS*, N. 25 e 26 – Jul/dez. 2001/jan.2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de História e Programa de Mestrado em História. p. 09-54. Outro trabalho que o autor contribui sobre a discussão da memória é: PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: v. I, n.2. 1996. p. 59-72.

O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. Nem devemos imaginar alguma força exterior – “a revolução industrial” – atuando sobre algum material bruto, indiferenciado e indefinível de humanidade, transformando-o em seu outro extremo, uma “vigorosa raça de seres”. As mutáveis relações de produção e as condições de trabalho mutável da Revolução Industrial não foram impostas sobre um material bruto, mas sobre ingleses livres – livres como Paine os legou ou como os metodistas os moldaram. O operário ou o tecedor de meias eram também herdeiros de Bunyan, dos direitos tradicionais nas vilas, das noções de igualdade diante da lei, das tradições artesanais. Eles foram objeto de doutrinação religiosa maciça e criadores de tradições políticas. A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada⁸.

A Venezuela, contudo, respeitando as distintas diferenças que a separam da Inglaterra da revolução industrial, também possui uma classe operária que se faz e neste seu *fazer-se* carrega peculiaridades vividas por outros trabalhadores em diferentes épocas e locais, que, em certa medida, os fazem experimentar situações ou objetivos semelhantes em uma classe que se constitui a cada momento. Portanto, o movimento é de avanços, progressos e retrocessos, não há uma linearidade evolucionista, por mais que a classe aprenda com suas experiências e de suas organizações, o movimento está sempre em seu *fazer-se*.

A preocupação com o uso da fonte oral, surgida no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia na década de 1990, expressado nas palavras de um de seus professores, Paulo R. de Almeida, está no sentido não de apresentar uma história oral versus a história oficial, mas de ver e dialogar com outros elementos e sujeitos que não aparecem na história oficial. Para este novo desafio em produzir trabalhos de história, investiu-se muito na compreensão da memória, que é o problema central para se lidar com a fonte oral. Os resultados a que se chegaram e que continuam a ser desenvolvidos na compreensão da memória é que a mesma é um campo de lutas e de disputas, existindo, portanto, uma tensão nas formas de apreensão do passado, que se manifesta em uma entrevista. Assim, a entrevista não é algo morto e congelado, é uma expressão de vida que, de certa forma, martirizou o depoente e até o levou a situações limites. Tais meandros foram possíveis de perceber nas entrevistas e nas conversas realizadas com os petroleiros e populares participantes deste processo de luta

⁸ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed. V. I. 1997. p. 17,18.

venezuelano. Outro elemento abordado por Portelli, quando analisa o problema da memória no uso da produção histórica, é que a mesma pode ser reelaborada à medida que o indivíduo produtor daquele relato experimenta novas experiências. Neste sentido, a memória narrativa é um texto, todavia, um texto em movimento. O autor, ao analisar a relação entre memória, tempo e experiência individual do entrevistado, em diálogo com o problema da narrativa, destaca o seguinte:

A recepção em si é uma interpretação; então, sempre há interpretação, que está sempre se processando, em movimento constante.

Assim sendo, todos são historiadores de alguma maneira, todos têm uma visão de história, uma interpretação; todos dão um sentido ao passado, todos têm uma relação entre o presente em que narram ou relatam e o passado de que falam. Há esses paradigmas de forças, o presente e o passado, o entrevistado e o entrevistador, o “eu” enunciador e o “eu” enunciado e todas essas relações estão sempre em movimento, o tempo todo⁹.

Por último, na concepção de memória, é importante ressaltar que ela é uma disputa política de primeira importância. Isto foi percebido na realização do trabalho, e como alguns setores querem tirar vantagens da memória de outros grupos. Isto é evidente quando se analisa o grande trabalho de história oral que a PDVSA realizou com seus trabalhadores no *Paro Petrolero de dezembro de 2002*, usado posteriormente para glorificação de Chávez e, com isto, realizou-se, por parte da empresa e do governo, um congelamento desta memória. Neste trabalho de pesquisa uma das preocupações foi questionar esta memória histórica oficial, buscando como os trabalhadores e populares interpretaram os acontecimentos vividos por eles.

A respeito dos referenciais teóricos propriamente ditos, e não exclusivamente metodológicos, procurei trabalhar com uma análise histórica a partir do materialismo histórico e dialético. A dificuldade deste desafio é enorme, pois nos coube, desde a graduação, passar pela academia em uma época em que estes referenciais teóricos eram apagados dos ensinamentos de graduação, e atacados veementemente na produção da pós graduação. Neste sentido, a absorção desta concepção se localizou mais no campo da resistência que no campo de novas investidas e elaborações, fazendo-se a duras lutas em uma aprendizagem solitária desde a década de 90, com pouquíssimas exceções. Os

⁹ ALMEIDA, Paulo Roberto de, KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: Entrevista com Alessandro. In: *HISTÓRIA & PERSPECTIVAS*, N. 25 e 26 – Jul/dez. 2001/jan.2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de História e Programa de Mestrado em História. p. 35 e 36.

autores clássicos consultados foram Hegel, Marx, Engels, Lênin e Trotsky. Os mais contemporâneos são Thompson, na compreensão do *fazer-se* da classe, e Ciro Flamarion, em seu modo de ver como se produz a história escrita sob uma visão marxista. Outros autores, que navegam nesta matiz e que auxiliaram de um modo ou outro, estão citados na bibliografia de modo completo, além de ser exposto mais abaixo, na apresentação de cada capítulo, um pouco destes autores e de seus métodos.

Talvez a principal contribuição deste trabalho, dentro da linha marxista, seja compreender e relacionar a *parte* com o *todo*, e o processo do *fazer-se* da classe em permanente disputa dentro da luta de classes. Outros conceitos marxistas que poderiam ter sido melhor desenvolvidos não o foram até mesmo pelos limites já colocados anteriormente. Contudo, neste trabalho, a classe trabalhadora e popular venezuelana podem expressar suas lutas e inquietudes em um momento crucial (2009), em que se glorifica o comandante Chávez e tenta-se apagar e reescrever de outro modo a luta destes populares e trabalhadores em todos seus anseios e combates travados nestas duas últimas décadas.

O trabalho buscou apresentar, em cada tema que forma o conjunto da tese, a *capacidade dos próprios trabalhadores e seus aliados de classe controlarem a produção e distribuição dos bens produzidos*, a partir de um exemplo bem recente na história deste país, que foi o controle da PDVSA pelos trabalhadores em dezembro de 2002. Antes, porém, de se passar ao conteúdo de cada capítulo em específico, é necessário explicar, aos não familiarizados com o tema do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, que esta ação se iniciou por parte da oposição ao governo Chávez que não estava satisfeita com este governo e desejava derrubá-lo.

Ocorreu que após a insurreição popular venezuelana de 1989, chamada de Caracazo, a burguesia da Venezuela e seus tradicionais partidos políticos, AD – Ação Democrática – e COPEI – Partido Social Cristão –, perderam muito de sua legitimidade para governar diante da maioria trabalhadora deste país. Assim, paulatinamente a burguesia vinha sofrendo contestações em suas políticas e, como resultado deste descontentamento popular, elege-se, em 1998, e assume a presidência do país, em fevereiro de 1999, Hugo Rafael Chávez Frías. Este governo não fazia parte do tradicional poder político e embora tentasse conciliar com a burguesia do país, em dezembro de 2001, esta burguesia rompe momentaneamente com ele e realiza uma paralisação de protesto, chamado de *Paro*, sendo o primeiro em 10 de dezembro de 2001. O segundo ataque contundente da burguesia ao governo será no golpe de 11 de

abril de 2002, em que se afasta Chávez do poder, no palácio *Miraflores*, por quase 48 horas. Restituído por ação direta da população pobre do país e da classe trabalhadora e setores militares, Chávez volta novamente ao poder.

Em dezembro de 2002, ocorre outra tentativa de derrubar o governo Chávez, sendo esta ação o nosso tema central de pesquisa. Este episódio ficou conhecido como o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, que consistiu basicamente na união entre setores do patronato, localizados na FEDECÁMARAS, que é o sindicato central da burguesia, a CTV que é a Confederação de Trabalhadores de Venezuela, a Igreja Católica e a direção da PDVSA que, no momento, era oposição ao governo. Estes quatro setores unidos vão paralisar a produção de petróleo do país, principal fonte de economia da Venezuela, que na época representava 1/3 do PIB. Com este garrote sobre o governo, pretendia a oposição depor Chávez e restaurar a antiga hegemonia política dos partidos AD e Copei. A classe operária petrolera, com o apoio de uma parte da população pobre do país, sai uma vez mais contra esta atitude e mediante um processo tumultuado de luta tomam o controle das instalações da empresa, e a partir da refinaria de Puerto La Cruz, estado de Anzoátegui, reiniciam a produção e distribuição de combustível e petróleo.

O processo de disputa se torna nacional e, em uma feroz luta diária, os petroleiros e populares vão restabelecendo a produção, fornecendo combustível ao país, possibilitando a execução das atividades normais na produção e circulação de mercadorias e serviços. Com esta atitude dos operários petroleiros, apoiados por populares em ações diretas, vence-se mais uma vez a oposição golpista do país, restabelecendo de vez por todas as bases sólidas para que Chávez continuasse seu governo. Tal feito se distingue dos anteriores, pois, neste *Paro petrolero de dezembro de 2002*, os operários e populares assumem, de forma independente, o controle da produção e distribuição das mercadorias, no caso do setor petrolífero, em uma empresa das mais complexas da atualidade e a segunda maior do mundo.

Busco, nesta pesquisa, entender o ocorrido a partir de todo o processo histórico de luta anterior destes trabalhadores e populares, centralizando a análise no *Paro petrolero de dezembro de 2002*. Nossa tese é a de que há *capacidade dos trabalhadores, junto com setores populares pobres, de controlarem a produção e administração dos bens produzidos*. Tal tese é defendida a partir de um novo fato histórico recente, de grande vulto, e que vem se contrapor à visão de que os trabalhadores perderam a centralidade da produção, e que, em um mundo globalizado e informatizado, não haveria mais espaços para lutas políticas e sociais que sinalizassem

perspectivas socialistas ou revolucionárias. Neste sentido, ao construir este trabalho histórico, estamos enfrentando tal debate. Debate, este, que fora lançado com força a partir das afirmações de Fukuyama¹⁰ sobre o *fim da história*, argumentando-se que os processos históricos, pós 1989, com a queda do muro de Berlim, e a desintegração da ex URSS, em 1991, redundariam em uma vitória certa do sistema capitalista. Portanto, as lutas sociais somente se dariam na arena das instituições que tenderiam a evoluir implementando uma cidadania planetária.

O efeito da queda do muro de Berlim e do stalinismo contribuiu para que, nestes primórdios, teóricos com posições como a de Fukuyama fossem se multiplicando sendo que tal multiplicação gerou uma nova orientação sindical, em que o que se primava era a parceria entre patrão e empregado e não mais a luta de classes. Na Venezuela, a Confederação de Trabalhadores da Venezuela – CTV – que já era afeita a parceria entre patrão, empregado e estado, encontrou um campo mais amplo ainda para esta colaboração de classes. Esta perspectiva chegou a tal ponto, que, em 2002, o presidente desta organização de trabalhadores, Carlos Ortega, afirmou e propagandeou aos empresários e aos governos capitalistas que a retirada imediata de Chávez representaria uma segurança aos capitais aplicados pelos investidores neste país.

Em meio a estas posições de teóricos que debatem o problema da Venezuela, neste contexto, destacando seu papel como produtor de petróleo, bem como as relações sociais e de trabalho que ocorrem no país, gostaríamos de apresentar, de forma sucinta, alguns posicionamentos mais recentes, de 2003 para cá, para que se perceba o que se encontrará na obra de forma mais completa. José Ignacio Moreno León¹¹, com mais de 10 obras publicadas, professor da Universidade Central de Caracas e da Universidade Simón Bolívar, discute a Venezuela e interpreta o país a partir de um prisma liberal. Neste sentido, sua vertente teórica é recíproca a de Fukuyama, assim, opina que a chave de solução dos problemas sociais por que passa o país, como: fome, desemprego, violência, desnutrição, baixa escolaridade, falta de capacidade associativa dos venezuelanos, dentre outros, encontra sua saída no desenvolvimento do *capital social*. Dentro deste olhar fala de *capital natural*, que é a dádiva da natureza que ali colocou os recursos para serem explorados, *capital físico*, ou seja os bens produzidos pelo homem,

¹⁰ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

¹¹ LEÓN, José Ignacio Moreno. *El capital social: nueva visión del desarrollo, Venezuela de primera: del rentismo a la sociedad productiva y solidaria*. Universidad Metropolitana. Centro de Estudios Latino Americanos. Caracas: Editorial Texto C. A., 2004.

capital *finaceiro*, que é todo acarbouço capaz de gerar lucro, e por fim capital *humano*, que é o homem trabalhado a partir da incorporação de habilidades.

O capital *social* seria todos estes elementos anteriores, agindo de forma positiva em uma população específica, tornando esta população enriquecida de conhecimentos e habilidades, portanto, uma população socialmente capitalizada. Este, para León Moreno, seria o caminho para desenvolver o país e os venezuelanos em geral. Contudo, na avaliação do autor, tudo isto, que seria o correto para a Venezuela, não funciona por alguns fatores, dentre os mais importantes a falta de ética e a exploração equivocada do petróleo do país. Para esta explicação faz um longo debate relacionando os problemas sociais e o modelo de exploração petrolífera inadequado, interpretando-se a falta de desenvolvimento de um povo e um país pelo seu atraso em integrar-se ao capitalismo moderno. Neste, segundo o autor, as instituições e grupos econômicos e sociais, que atuam de forma ética, funcionariam com significativa harmonia, exemplo, o modelo estadunidense.

Persistindo ainda na busca de dialogar com outros, interpretar e entender a Venezuela, seus problemas, embates sociais e a relação da produção petrolífera, trabalhamos também a obra *Poder y petróleo en Venezuela*¹², em que diversos autores expõem seus artigos condensando uma multiciplidade de debate a respeito do petróleo. Lander, organizador da obra, é um deles, que traça um histórico de como os governos desde o início do século XX vão regulando a exploração do petróleo, o surgimento do *rentismo*, que é a capacidade de setores burgueses do país viverem da renda gerada pelo país na produção de petróleo. Faz uma discussão sobre a *Apertura petrolera*, política de abertura petroleira iniciada nos anos de 1980, e que abre a prospecção de petróleo, no país, às multinacionais de forma avassaladora. Lander é contra esta abertura petroleira, culminada com o presidente Rafael Caldera, em seu segundo mandato, contudo, Lander passou a defender essa abertura depois que Chávez assumiu o poder, argumentando que este novo presidente soube redimensionar a exploração de petróleo de forma benéfica para o país. Nesses moldes, fala positivamente do aumento da produção de petróleo e de gás que prometeria uma grande entrada de divisa ao país. Não compartilhamos com esta visão de Lander, e o debate lançado por Pablo Hernandez Parra¹³, em um estudo agudo do problema da exploração petrolífera do país, joga por terra uma pretensa mudança de

¹² LANDER, Luis E. (Editor). *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003.

¹³ HERNÁNDEZ, Pablo. *El verdadero golpe de PDVSA*. Maracaibo/Venezuela: Imprenta Internacional, julio de 2006.

conduta da política de abertura petroleira por parte do Presidente Chávez. Pablo Hernandez diagnostica que Chávez, ao invés do que muitos pensam, entrega as riquezas petrolíferas do país ao capital internacional, mais ainda do que os governos anteriores a 1998, discussão, esta, que segue condensada em todo capítulo I de nosso trabalho.

Ainda nesta obra organizada por Lander, encontramos a participação de Alí Rodríguez Araque, ex-ministro de minas e energia de Chávez e presidente da PDVSA no momento do *Paro petroleiro de dezembro de 2002*. Araque parte do pressuposto de que se deve garantir os investimentos estrangeiros nesta exploração petrolífera do país, que assim a nação estaria mais capacitada ao desenvolvimento. Neste sentido, ao longo de sua discussão, por estranho que seja, o tildo revolucionário, Alí Rodríguez Araque, está lado a lado com o liberal José Ignacio Moreno León, fazendo observar que o governo Chávez é um neoliberal disfarçado de socialista. Assim, quando Araque defende a nova lei dos *Hidrocarburos*, aprovada por este governo em 2001, de fato confirma as premissas da permanência do processo de abertura petroleira iniciada com a entrada da política neoliberal nos países americanos a partir dos anos de 1980.

A importância desta obra organizada por Lander, para o trabalho de tese, e, ao mesmo tempo, o diálogo historiográfico, é que esta obra coloca temas e visões pós golpe de 11 de abril de 2002 sobre Chávez, ou seja, consegue, em certa medida, dimensionar a política petroleira do presidente após sua conciliação com setores golpistas venezuelanos e ianques. Questão que não se pode menosprezar em um debate sério quanto ao problema da exploração do petróleo e a identificação social e política dos principais setores que melhor se beneficiam desta economia petroleira.

Esta tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Os trabalhadores, a PDVSA e o patrimônio público*, busca apresentar a empresa como espaço de luta. Esta preocupação surgiu quando a Professora Déa Ribeiro Fenelon, em 2006, fez a mesma cobrança em uma banca de mestrado, no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, ou seja, como abordar uma categoria se não se discutir sobre o espaço em que se vive e ocorrem as disputas desta mesma categoria, ou seja, a empresa. A PDVSA – Petróleos da Venezuela Sociedade Anônima - foi o epicentro do *Paro Petroleiro de dezembro de 2002*, além de ser um determinante político na Venezuela por sua centralidade na economia do país.

A forma da análise sobre o que é esta empresa se concretizou com a realização do I seminário de pesquisa, em que professores e colegas sugeriram como focar o assunto, partindo da ênfase dos professores Paulo R. de Almeida e Heloisa Helena P.

Cardoso que avaliaram como importante situar a empresa, antes de entrarmos no tema da tese, começando pelo viés e visão dos trabalhadores. Assim, acordamos fazer este exercício, embora a minha primeira idéia fosse visualizar as políticas petroleiras e a visão de seus dirigentes e governos para depois mostrar o âmbito dos trabalhadores. Como havia pensado outro caminho, tive de refazer esta dialética e depois de pronto penso que foi mais acertada esta proposta dos professores.

Neste quadro, o I capítulo se inicia com um histórico de como surgiu a categoria dos trabalhadores petroleiros. Buscamos os primórdios, com a leitura de diversos autores, e fomos construindo ou reconstruindo estes momentos difíceis destes trabalhadores. Para isto, aportamos muito no trabalho de Tennessee¹⁴, que reconstitui o início do século XX e o papel social e político que esta nova categoria petroleira tem naquele momento. Buscamos, com este intento, situar o que significava ser petroleiro e de onde vinham os alicerces da categoria. Posteriormente, avançamos para os anos de 1990, observando como estes trabalhadores enfrentam, na contemporaneidade, a dificuldade de entrar para esta empresa e ter um local de onde extrair seu sustento de cada dia. Foi interessante localizar na fala destes protagonistas, e na pesquisa de jornais, como era uma luta conseguir uma vaga de emprego. Neste ponto, as pesquisas nos arquivos do Jornal *El Tiempo*, da cidade de Puerto La Cruz, serviram muito para dar uma visão ampla do processo, e a entrevista com Gustavo Guarema contribuiu de forma significativa para ver a opinião de um processo sentido e vivenciado por um destes protagonistas.

Após perceber o que é entrar na empresa, focalizamos o que é permanecer na mesma, ou seja, é o segundo tempo do jogo. Não é nada fácil a vida de um trabalhador neste setor de produção, somado a todos os tipos de vícios, impensáveis em uma instituição com a envergadura que a PDVSA possui em todo mundo. Nesta parte, tentamos dialogar com a visão dos trabalhadores sobre a empresa, e que resposta eles esperam da mesma diante de suas solicitudes.

Do meio ao fim do capítulo, mais especificamente o segundo tópico, a partir de uma ampla leitura, fomos mostrando as políticas da empresa e o modo como diversos governos a trataram. Observamos o significado da política de *Abertura Petroleira*, o que é o *Rentismo* na sociedade venezuelana. Para isto, pesquisamos outros autores fora do eixo do materialismo histórico e dialético de nossa interpretação para um diálogo

¹⁴ TENNASSEE, Paul Nehru. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela. Editorial Popular, S. A. 1979.

aberto, mostrando outras visões. Apresentamos alguns dos atuais projetos para a empresa, a partir de 2006, o significado e parceria da PDVSA com as outras multinacionais, e outros governos da América e da Europa. Os parceiros da PDVSA não são seus trabalhadores, mas o capital internacional e a burguesia venezuelana. Neste viés, procuramos visualizar o que se quer desta empresa e como o atual Governo Chávez cumpre bem este papel de *internacionalização* da indústria de petróleo, que favorece sobremaneira os grandes cartéis do petróleo como a Shell, Total, Repsol etc. Para Chávez realizar esta façanha de falar de socialismo e promover o capitalismo neoliberal, usam-se todos os subterfúgios possíveis, desde a mídia aos programas sociais.

Para terminar o I capítulo, mostramos os projetos maiores em que a empresa PDVSA participa por meio do IIRSA - *Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Regional Sul Americana* -, um grande projeto sul-americano para manter a produção de matéria prima às grandes corporações. Pensamos que, de certa forma, o capítulo ainda fica um pouco aberto, e não poderia ser fechado totalmente, pois a discussão do que é a PDVSA de uma forma ou de outra segue sendo retomada a partir do III capítulo. No entanto, acreditamos que, com este capítulo inicial, pudemos oferecer elementos para o leitor perceber e opinar sobre o que é a PDVSA, porque esta vai permitir este espaço para a confabulação dos diversos intentos de golpes, em 2002, e do *Paro Petroleiro*, de dezembro, vindo de suas próprias entranhas. Uma última ressalva é que, ao construir o capítulo, percebemos, durante a pesquisa, que a PDVSA não é uma só, mas pelo menos duas: uma, a do governo e seus diretores, outra, a disputada pelos trabalhadores.

O segundo capítulo analisa o movimento da sociedade venezuelana nesta luta, mantendo o fio condutor da tese, que trata do *Paro Petroleiro de dezembro de 2002*, entendendo que não se poderia chegar nele por si só. Por este ângulo, o segundo capítulo estabelece um diálogo com as forças vivas que estão em gestação nesta sociedade a partir dos anos de 1970, e que vão atuar nos momentos mais acirrados. Com esta estratégia, mergulhamos a fundo neste capítulo no sentido de perceber de onde surgem todas estas forças sociais. Inicialmente, não era proposta fazer um capítulo longo, somente pontuar as forças sociais, como são gestadas, sua composição social e seus interesses. Contudo, as fontes possibilitaram uma análise mais profícua, que resultou em um capítulo mais longo, ainda que não tenhamos esgotado em absoluto a discussão.

Este II capítulo leva o título de: *A organização política, sindical e a participação popular na Venezuela*. Para discorrer sobre o tema subdividimo-lo em 4 tópicos. Nesta divisão, antes de iniciar o ponto do Caracazo, fizemos uma curta abordagem tentando mostrar a América Latina como parte das políticas neoliberais da década de 1980, e a força desta política pós a queda do Muro de Berlin em 1989. Em paralelo buscamos compreender um pouco da Venezuela a partir dos anos de 1970, os diversos governos e seus planos econômicos como o *Viernes Negro* de 1983, os acordos inter-burgueses e alguns massacres sobre a população. Para isto, utilizamos autores que debatem o neoliberalismo, como David Harvey, e outros da história venezuelana, como Maya e Elio Colmenares, com seu livro específico sobre o Caracazo¹⁵.

O primeiro tópico busca compreender os elementos sociais que levaram a sociedade pobre venezuelana a sair em uma verdadeira insurreição popular, nos dias 27 e 28 de fevereiro de 1989, chamado de Caracazo. Procuramos mostrar em que meio ocorre a posse do novo presidente do país Carlos Andrés Pérez, em seu segundo mandato, em fevereiro de 1989, suas falsas promessas, a corrupção, os protestos constantes da população pobre exigindo melhores condições de vida. Os estudantes e suas diversas lutas contra o alto custo de vida, principalmente o transporte público que mais os afeta, e as constantes repressões a estes setores populares. Por fim, o grito de basta desta população que sai nestes dois últimos dias de fevereiro a saquear toda Venezuela: são explosões sociais de norte a sul, de leste a oeste, a Venezuela chega a maior comoção social de toda sua história do século XX. Tal feito leva a pior repressão sofrida pelos setores populares, operários e estudantis até então. Elio Colmenares e Maya, nossas principais fontes, falam de cifras, e Colmenarez destaca entre duas a três mil pessoas mortas pela repressão, em praticamente uma semana, ainda que o grosso destas mortes se desse nos dias 27 e 28 de fevereiro.

É um momento histórico em que, embora a população tenha sofrido um grande massacre, se começa, em seu interior, a romper com o modelo vigente, tentando-se ao seu modo criar novas organizações próprias e desacreditar as instituições burguesas. Exemplo gritante disto é que o novo presidente pós Caracazo, Rafael Caldeira, vai ser eleito em 1994 com somente 25% dos votos. O número de abstenções é de 60%, ou seja, o regime está em xeque, os componentes das forças armadas não podem sair às

¹⁵ HARVEY, David. *Espaços de Esperanças*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006. COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Caracas: Ediciones la Chispa, 1989. MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Venezuela-Panamá: Alfadil ediciones, 2005.

ruas fardados para realizar simples atividades, como pegar um transporte público, sem serem xingados abertamente. É sem dúvida o momento mais emblemático que a Venezuela vive no século XX. Assim buscamos compreender este processo em que se muda a correlação de forças no país: na expressão de alguns jornalistas da época, *nada seria mais como antes*.

O segundo tópico analisa o surgir de novos setores operários que estão descontentes com a política nacional, e principalmente com suas lideranças sindicais corruptas. Neste espaço, destaca-se o papel de uma pequena corrente sindical, o *Movimiento Clasista La Jornada*, que, a partir da refinaria da cidade de Puerto La Cruz, inicia um trabalho clandestino no meio operário, trabalho, este, que servirá muito no sentido de polarizar a classe trabalhadora quando ocorre o *Paro Petrolero de Dezembro de 2002*. Com isso, além de mostrar estes setores sendo criados dentro da sociedade, pretendemos em outros capítulos, visualizar a importância que foi o surgir de nova orientação operária para impedir a paralisação da PDVSA e assim, junto com a população explorada, reverter a tentativa de golpe sobre o governo em finais de 2002 e início de 2003.

A respeito do terceiro tópico, destacamos o papel do MVR – Movimento Quinta República -, movimento que leva Hugo Rafael Chávez Frías à presidência do país, em 1998, assumindo o cargo em fevereiro de 1999. Este tópico é um pouco maior, uma vez que para dialogar com o MVR, vamos à origem do movimento bolivariano, quando era somente *Ejército Bolivariano Revolucionario*, e assim percorremos suas distintas fases até se fundir como MVR. Para esta discussão do MVR, perpassa-se também pelo quadro de análises das forças armadas, e dialoga-se com alguns autores como Soteldo¹⁶, que defendem que o movimento bolivariano vem de uma concepção humanista.

É parte ainda deste tópico a análise sobre outras correntes políticas que germinam na Venezuela neste momento e que vão disputar a direção do país, sendo uma opção a esta parcela da população que, cada vez mais, é avessa aos antigos partidos políticos, como AD e COPEI. Trata-se de *La Causa Radical*, como surge e de onde vem esta nova força política e sindical que disputa mais abertamente o espaço político no país, a partir de 1980. Por fim, para terminar este penúltimo tópico, apresentamos e analisamos a *Agenda Alternativa Bolivariana – AAB* – documento de campanha

¹⁶ MILANO, Elías Jaua (org.). *Seminario De dónde viene nuestra Revolución? Movimiento Quinta República*. Dirección Nacional de Ideología y Formación. Caracas: 2004.

política de Chávez, elaborado em 1996, que será o norte de sua campanha e de seu governo quando assume em 1999.

A última parte deste segundo capítulo enfoca os Círculos Bolivarianos – CBs -, que são organismos populares impulsionados por Chávez, em 1992, mas que florescem mediante os anseios próprios destes venezuelanos a partir de 2001. É um riquíssimo momento histórico em que a participação popular e local busca a solução de seus problemas. Este movimento dos CBs, embora tenha sido tentado em 1992, não foi adiante e abortou, porém ressurgiu a tal ponto, em 2002, que tenta, por alguns meses deste ano, fazer as coisas por sua própria conta, e assim quase passa por cima de Chávez. É um riquíssimo exemplo do que podem os movimentos sociais e populares quando a população explorada resolve, por si mesma, assumir seu destino.

O terceiro capítulo analisa as lutas sociais a partir de 2001. Se o segundo capítulo serviu muito para mostrar os setores em formação na sociedade, o terceiro coloca estes setores no processo acirrado de luta de classes. Este capítulo se intitula: *Os trabalhadores, os movimentos e as crises: superações e projeções*. Para sua construção levamos muito em conta os jornais pesquisados, em especial *El Tiempo*, de Puerto La Cruz, que auxiliou no acompanhamento do processo de lutas na refinaria da cidade, e nos embates da capital Caracas. Trabalhamos também com o uso das fontes orais, em especial a entrevista cedida por Elio Colmenares, ex vice ministro do governo de Chávez e mais duas entrevistas de integrantes do *Movimento Classista La Jornada*. Da mesma forma, ainda que não a citando muito, sempre fizemos referência à entrevista de Wladimir, no segundo capítulo, que aborda os Círculos Bolivarianos – CBs -. Apoiamo-nos também em uma bibliografia usada no segundo capítulo que se desdobra na compreensão do terceiro, e novamente apresentamos e buscamos em Lênin a compreensão do aspecto sindical.

O capítulo foi dividido em três tópicos, com o intuito de compreender as crises que houve a partir do final de 2001, até novembro de 2002, as superações por parte dos populares e trabalhadores, e suas projeções, pois, a cada nova fase de luta, se colocava outra em disputa. Privilegiamos, no geral, além de mostrar evidentemente a força e a organização da oposição ao governo, os movimentos populares. Assim, este terceiro capítulo, sem dúvida, privilegia os setores populares, enquanto o bloco mais dinâmico de resistência aos golpes que se colocaram contra Chávez.

O primeiro tópico destaca o primeiro *Paro* sobre o governo, ocorrido em 10 de dezembro de 2001. Partimos da ebulição social em que vivia a Venezuela, quando uma

enorme participação popular reivindica para si compartilhar da vida política do país e isto é um fato importante. Os populares de todas as matizes buscam adentrar naquilo que a burguesia sempre possuía como sua, ou seja, a discussão política do país. Esta experiência popular se contrapõe aos interesses da elite venezuelana e do sindicalismo burocrático e mafioso do país, representado pela CTV – Confederação de Trabalhadores de Venezuela – liderada pelos adecos e copeianos. Tal embate faz com que estes setores burgueses e sindicalistas burocráticos organizem o primeiro *Paro* nacional em 10 de dezembro de 2001, um *Paro* que obtém uma adesão inquestionável.

Este primeiro *Paro* vai colocar em confronto direto todas as divergências que a burguesia possuía com o governo Chávez; e o modo como encontrou de barrar a participação popular; que ultrapassa qualquer experiência vista no século XX do país. Assim, a elite venezuelana e o sindicalismo de parceria tentam matar a semente em seu germinar, ou seja, impedir que a participação popular ganhe um espaço que depois nem mesmo o Governo Chávez iria segurar. E de fato a participação popular e a iniciativa de ação direta destes setores vão colocar em questionamento o próprio governo Chávez, ainda que por um curto período, de agosto a dezembro de 2002.

Vencido o *Paro* de dezembro de 2001, o segundo tópico trata do golpe de 11 de abril de 2002, momento no qual Chávez é destituído do governo por quase 48 horas. Trabalhar este tópico foi um problema a ser enfrentado, no sentido de que é um tema que, por sua complexidade, oferece conteúdo para uma tese inteira. Assim sabendo, abordamos os elementos que consideramos os mais significativos para entender o processo, as crises e as superações. O golpe em si vem como uma evolução, entendida dialeticamente, a partir do acúmulo de forças que a burguesia, por meio da FEDECÁMARAS e seus parceiros no movimento operário vão conseguir reunir para destituir Chávez. Ainda que por pouco tempo, período em que durou o golpe civil-militar, contudo ele mostrou sua cara nefasta, uma espécie de reprise dos eventos pós Caracazo, em que a eliminação física de populares e operários lutadores seria a tônica do regime. Ao perceber isto, rapidamente uma insurreição popular e operária, não dimensionada pelo chavismo e pela oposição burguesa golpista, sai à luta e derrota o golpe e instala uma crise revolucionária no país.

Com a derrota do golpe de 11 de abril, pela intervenção dos populares e operários, o governo Chávez continua sua política de se aproximar da burguesia e fazer uma conciliação com estes setores golpistas. Esta política conciliatória de Chávez oferece nova oportunidade para a oposição se recompor da derrota sofrida e se preparar

para mais um embate. É importante compreender que todo este processo se dá em meio a um abrangente intercâmbio de interesses burgueses localizados não somente no país, mas no processo da política dos Estados Unidos de controle da economia e tutela dos governos dos países pobres.

O último tópico chamado de: *outubro de 2002, mais uma tentativa*, oferece uma visão da dinâmica do campo popular pós golpe de abril, em que, em uma luta árdua, estes setores mais sofridos da população venezuelana, os que vivem nos piores lugares e sob as piores condições nas cidades, exigem que Chávez avance com o processo compreendido como revolucionário. Tal luta é perpétua nestes meses até dezembro. Entretanto, ao mesmo tempo e se aproveitando da política de conciliação de classes promovida por Chávez, estes setores oposicionistas vão realizar um novo *Paro* em 21 de outubro, como forma de avaliar se possuíam forças suficientes para derrubar Chávez. Neste sentido, este último tópico do terceiro capítulo privilegia este *Paro* de outubro, contudo não especificamente o movimento, mas o arcabouço que está em volta do *Paro* e do interesse da oposição. É um tópico muito interessante, se visto sob a ótica de se perceber o trato que Chávez oferece aos seus seguidores que tentam anular a conciliação defendida pelo governo, objetivando aprofundar o processo de lutas em que vivem, qualificado pelos próprios populares como revolucionário. Assim, este tópico ajuda a perceber um meandro aparentemente oculto de Chávez e, de certa forma, revela seu caráter de classes, ao ser contraposto com os movimentos populares e seus interesses efetivos.

No quarto capítulo, chegamos ao foco central de nossa tese, que é a fundamentação de que os *operários nos dias atuais possuem condições não somente de produzir as riquezas, mas de controlar a produção, distribuição e administração das mesmas*. Para tanto, há que se destacar que a classe operária e seu entorno popular não perderam seu caráter social de protagonistas. Para demonstrá-lo, vamos abordar o que foi o *Paro petrolero de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003*, quando os operários petroleros, com o apoio dos populares venezuelanos em luta, tomam o controle da segunda empresa petrolífera do mundo, a PDVSA. Sem os gerentes, assumem o controle operário, produzem e administram a empresa, e ainda derrubam mais um golpe sobre o governo Chávez que acreditavam ser seu governo. Tal façanha enquadra-se dentro de um longo processo histórico que vem se construindo dentro do país, e que gastamos os três primeiros capítulos para avaliá-lo, ou seja, concebemos todo este exemplo de controle da produção pelos operários petroleros da Venezuela em meio à

dialética de seu próprio processo histórico. Assim, quando colocamos a tese de que atualmente a classe trabalhadora tem condições de assumir o destino da produção a partir de seu controle e distribuir as mercadorias conforme seu interesse, pontuamos o problema a partir de um exemplo claro e real. Este exemplo foi o controle da produção de petróleo na Venezuela pelos próprios trabalhadores com o apoio popular. E se eles puderam fazê-lo em uma grande empresa, podem fazê-lo no país e como perspectiva pode ser um exemplo para toda classe trabalhadora mundial.

No quarto capítulo, procuramos sedimentar a tese da pesquisa e tivemos o cuidado de, ao focar o papel dos trabalhadores operários da refinaria da cidade de Puerto La Cruz, de onde parte este controle da produção, o explicarmos a partir de uma visão de processo. Assim, pudemos sair do perigo de cair em um tipo ideal, pois mesmo que uma boa parte destes operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz tenham jogado um papel central no processo de recuperação da produção e derrota do golpe, isto é dialogado a partir de toda a classe, que em seus principais eixos estavam divididos entre apoiadores do governo, oposicionistas e neutros. Destarte, abrimos o capítulo com um tópico mostrando o *Paro Naval*, que foi a atitude da oposição de paralisar a circulação marítima no país e, divulgando-o, internacionalmente, oferecer ao mundo a noção de que a Venezuela era ingovernável. Privilegiamos no início da discussão o setor de trabalhadores marítimos. O principal problema se apresentava naquele momento no Lago de Maracaibo, bem distante da região de Puerto La Cruz, embora esta cidade vivesse também a questão. Desta forma, optamos pelo geral, para depois vir ao particular, que foi a participação efetiva dos petroleiros de Puerto La Cruz.

Em um outro tópico, analisamos aquilo que foi chamado de *Paro eletrônico*, que consistiu na atitude da oposição burguesa paralisar todas as atividades da PDVSA, usando a sabotagem eletrônica. Tal fato ocorre devido à empresa possuir uma alta informatização em seu sistema de trabalho. A partir de Caracas se executam tarefas nas salas de controle da empresa, o que interfere diretamente e instantaneamente na sua produção. Por exemplo, em um comando de computador se pode fechar ou abrir válvulas que regulam a produção de petróleo a uma distância de 400, 500 km, ou mais. Todos os outros setores da empresa, como Comércio, Finanças etc., são controlados a partir do processo de informática. Ocorreu que, com o *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, o setor da oposição dentro da empresa se apoderou do sistema e por meio de sabotagens impedia que a empresa funcionasse com os poucos trabalhadores que resistiram a permanecer trabalhando. O resultado foi que os trabalhadores venceram esta

sabotagem eletrônica e restabeleceram o sistema, mostrando que não é a era da informática ou a revolução da robótica que inviabilizará um projeto da classe trabalhadora.

Em um terceiro tópico se visualiza o quadro de paralisação a que chegou o país, destacando os setores de *educação, venda de combustível, bancos e o problema da saúde*. Isto porque durante todo o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, estes setores se viram muito afetados com a paralisação. Procurou-se dialogar como cada ramo deste se portou e como a oposição não teve nenhuma dignidade com os populares e trabalhadores, cortando inclusive a distribuição de medicamentos no país. A luta de classes mostrou mais uma vez que não há ética universal e tampouco moral. Discute-se também como o governo Chávez concebe o problema e quais são as respostas do governo diante desta ofensiva da oposição golpista do país.

Foi necessário desenvolver um curto mais importante tópico para falar da fome que recaiu sobre os trabalhadores e populares venezuelanos, uma vez que a burguesia opositora e seus colaboradores como a CTV, FEDECÁMARAS e Igreja, no afã de derrubar Chávez a qualquer custo, matavam a população de fome. Isto porque, com a entrada do *Paro*, no dia 2 de dezembro de 2002, faltaram alimentos, e no dia 10 de dezembro a CTV e seus colaboradores declararam abertamente que a partir daquela data a indústria de alimentos, e tudo que a circula, não colocariam mais produtos no mercado. O processo foi duro, pois, com a fome, estes setores golpistas esperavam que a população saísse aos saques, o que justificaria uma intervenção armada de setores internos e da OEA – Organização dos Estados Americanos. Neste processo, a oposição burguesa, além de tirar os alimentos das prateleiras e da mesa dos trabalhadores e populares, também cortou a distribuição de gás de cozinha: com isto, mostram aos trabalhadores que se eles ainda conseguissem algo para comer, teriam de comê-lo cru. O golpe sobre os trabalhadores e populares é duro, mas eles resistem à fome e encontram a saída.

Depois de todo este âmbito geral, procuramos mostrar como um forte setor dos operários petroleros da refinaria de Puerto La Cruz, com o apoio popular, consegue se organizar e iniciar um movimento de resgate da indústria petrolífera. Para isto, construímos um tópico exclusivo, tratando destes trabalhadores da cidade. Aqui se percebe como estes operários da refinaria de Puerto La Cruz encaram o problema: suas decisões, sua organização política e sindical prévia permitiram-lhes um grau maior de organização. Havia anos que o trabalho sindical e político era feito de forma

clandestina, o que neste momento se mostrou decisivo. A participação e ações destes petroleiros são analisadas passo a passo, como eles frustram a oposição golpista petroleira dentro da empresa, fazendo o seu desalojamento de dentro da PDVSA, e assumindo a produção. A ação destes petroleiros é muito rápida, não permitem que a produção paralise totalmente como nos outros lugares, e passam, por si mesmos, sem gerentes, sem orientações da cúpula da empresa em Caracas e do governo, a dirigir a refinaria. Nos primeiros quatro dias atuam completamente por si, sem que Chávez tenha nomeado outra direção para a refinaria. Estes operários assumem rapidamente o comando, até que a direção da PDVSA nomeie outra gerência para a refinaria, que depois de nomeada vai agir segundo as diretrizes destes trabalhadores no comando das funções. A refinaria e os petroleiros de Puerto La Cruz passam a ser o exemplo no país, e paulatinamente vão travando as lutas, até derrotar definitivamente o golpe em uma árdua batalha de 63 dias.

De tal forma, acreditamos que com este tópico exclusivo dos trabalhadores petroleiros de Puerto La Cruz, pudemos contar uma história real de vitória da classe. Fato que sempre se deseja omitir, pois dificilmente se contam as vitórias da classe trabalhadora e o que elas podem trazer de exemplos e formulações.

Por fim, construímos um pequeno e último tópico mostrando como os setores populares da região de Puerto La Cruz entram no processo contra o *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, e, apoiando os operários, oferecem a possibilidade destes conseguirem a vitória. É um fato importante perceber a conjugação entre populares, movimentos sociais e operários, pois, se não há esta sincronia, a heróica luta dos operários petroleiros não teria vencido todos os planos da oposição golpista.

Por último, fazendo uma avaliação, elaboramos uma reflexão intitulada *Concluindo: Uma avaliação necessária*, esta foi construída não para mostrar a tese em si, pois acreditamos ter realizado com satisfação esse propósito até o quarto capítulo. Esta elaboração final traz uma ponderação sobre o desdobramento do *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, assinalando alguns erros e acertos dos trabalhadores, bem como o operativo de Chávez para desmontar estas mobilizações independentes dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, tirar o maior proveito possível das circunstâncias. Para fazê-la e de forma mais curta, dividimos em dois tópicos o problema, tendo o primeiro tópico a seguinte designação: *Um oportunismo sem quartel: “Ellos facilitaron nuestro servicio”*. Neste tópico, partimos primeiramente da análise de Chávez e do

MVR, de como eles se aproveitaram da vitória dos trabalhadores e populares sobre o *Paro* petroleiro e a oposição golpista.

A história tem nos ensinado que em muitas lutas sociais, e até mesmo revoluções, a burguesia tem se aproveitado de grandes mobilizações e canalizado grandes lutas sociais em benefício de seus interesses próprios. Foi assim na Revolução Gloriosa Inglesa de 1685, em que os camponeses viram sair de suas mãos uma vitória sua sobre a monarquia, transferindo-a diretamente à burguesia inglesa. Ou nas lutas sociais de 1848 que sacudiram toda Europa, quando as vitórias dos primeiros operários franceses passaram diretamente às mãos da burguesia em formação. Neste sentido, o mundo animal ensina que o papel das Hienas em roubar a caça de outros animais é uma similitude que a burguesia assimilou com exímio em todos estes séculos de lutas de classes. Nesta escola, Chávez provou ser um bom aluno.

Assim, observamos um fato muito intrigante e oportunista, que foi o governo ter se aproveitado da vitória dos trabalhadores petroleiros e populares mobilizados sobre a oposição golpista, e ter canalizado a vitória em seu benefício próprio. Ocorre que o governo, dando seguimento à política burguesa de centralização dos capitais, continua com a linha de internacionalização da PDVSA, que consistia justamente em abrir cada vez mais as reservas petroleiras do país às multinacionais do petróleo. Para que o projeto seguisse adiante, Chávez necessitaria fazer uma política de reestruturação da PDVSA, acompanhando as diretrizes da política internacional de petróleo, vindo da Agência Internacional de Energia. Nesta reestruturação, priorizava-se a política neoliberal de enxugar os gastos. Para isto, seria necessário reduzir drasticamente o número de funcionários da empresa em praticamente 50%, segundo os estudos dos experts neoliberais em corte de gastos. Tal medida era um quebra cabeça para Chávez, pois como um governo de tino revolucionário implementaria uma política desta sem ser desmascarado, este era o desafio.

Tal solução é encontrada por Chávez quando, após ser salvo pelos operários petroleiros e populares mobilizados contra o *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, observa que no clima desta vitória poderia roubar os logros do conjunto da classe que havia lutado a seu favor. É com esta estratégia que consegue fazer toda a reestruturação da PDVSA, demitindo pouco mais de 19 mil funcionários, em um universo de 41 mil. Como isto é feito, as artimanhas que são usadas, ou seja, a Hiena na savana, é o conteúdo deste tópico.

O segundo momento do concluindo privilegiou-se - *O papel da ação direta e do controle operário na luta de classes* - procurou discutir o papel dos operários petroleiros juntamente com o apoio popular no controle da indústria do petróleo no país. Com o desfecho do *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, os operários, principalmente da refinaria de Puerto La Cruz, assumiram as rédeas da produção, e levantaram o funcionamento da empresa e distribuíram combustível ao país, evitando o colapso e o golpe. Com esta atitude, os trabalhadores formaram os *Comitês Guías*, o mesmo que os *comitês de fábricas*, e sob uma ousada ação direta, rompendo as barreiras da institucionalidade, controlaram de forma independente a produção.

Deste modo, neste último tópico de todo o trabalho, procuramos entender teoricamente o que é controle de produção e comitês de fábricas, bem como a ação direta, subsidiando-nos nas contribuições do teórico e revolucionário Leon Trotsky. Após isto, tentamos perceber em que condições se desenvolveram este controle operário e popular da produção no *Paro Petroleiro de dezembro de 2002*, seus meandros, acertos e erros. Para este diálogo foi muito importante a contribuição de entrevistas e conversas com os trabalhadores, construindo, em paralelo, a pesquisa de jornal e da política oficial do governo para a empresa neste momento.

Com isto encerramos a pesquisa de uma forma humilde, assim como entramos nela, porém sem nenhuma lástima do que faltou ou daquilo que poderia ter sido feito de outro modo, pois isto sempre vai existir em um trabalho acadêmico. Acreditamos que melhores trabalhos podem e devem ser feitos no entendimento deste rico processo da luta de classes na Venezuela, pós Caracazo de 1989. Aqui se fez o maior esforço, deslocando-me milhares de quilômetros, sem uma política de bolsa da Capes, que reduziu em 50% sua já minguada ajuda, morando dois anos na Venezuela, tentando compreender os arquivos, a luta e vida destes companheiros trabalhadores. Assim, por tudo, fica o agradecimento a todos aqueles brasileiros e venezuelanos que compartilharam estes momentos, acreditaram na viabilidade da pesquisa, e auxiliaram coletivamente na concretização física desta elaboração.

I CAPÍTULO: OS TRABALHADORES, A PDVSA E O PATRIMÔNIO PÚBLICO

A experiência direta de milhares de trabalhadores petroleiros, e de milhões de pessoas indiretamente ligadas a este tipo de produção, é que poderia responder de modo mais satisfatório a esta indagação. E como ao menos quatro gerações de venezuelanos já passaram por este caminho do que hoje se consolida por PDVSA – Petróleos da Venezuela Sociedad Anônima -, injusto seria iniciar esta discussão renunciando a estes operários precursores.

O salutar desta preocupação é que nos afastamos de um cenário apoteótico de valorização de ilustres figuras “criadoras” da empresa, e/ou da produção aqui feita pelas multinacionais, ao mesmo tempo em que se enaltece a grandiosidade da atividade petrolífera como a saída do país da pobreza e do atraso, que podem ser revertidos com mais aumento de produção. Nesta avaliação se esquece de mencionar que, em meio a este empreendimento, há uma carnificina que sempre lhe acompanha:

Volvemos más explícitamente sobre la reiterada deformación de la realidad y la fabricación de una imagen pretendidamente favorable para la nación y la sociedad venezolanas, porque es el leit motiv de la operación propagandística, y porque no se trata sólo del presente sino de reescribir toda la historia petrolera del país para hacerla digerible a los venezolanos.

Pues hay muchos otros aspectos importantes en que se procura reforzar esa ilusoria perspectiva. Uno de ellos es el intento de presentar la actividad petrolera realizada por las compañías foráneas en Venezuela como esencialmente positiva para la Nación. Para ello se silencian cuidadosamente todas las secuelas adversas y los conflictos generados por los hidrocarburos – sangre, dictadura, cárcel, expulsiones, devastación étnica, destrucción ecológica irreversible, deformación cultural, etc., etc. – A tal punto llegan, que borran por completo `La guerra del asfalto...`¹⁷

Como destaca Mieres, chega-se a apagar toda uma guerra interna chamada de *Revolução libertadora ou Guerra do Asfalto* acontecida entre 1901-1903, um confronto entre os interesses do capital internacional com os do governo do Presidente José Cipriano Castro Ruiz (maio de 1899 a dezembro de 1908), que vai se desdobrar, posteriormente, em 1908, com a intervenção direta de potências – Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra - contra a Venezuela, bem como os Estados Unidos que, como negociador da demanda, impõem a derrocada do Presidente Cipriano Castro e a subida

¹⁷ MIERES, Francisco. Org. *PDVSA y el golpe*. Caracas – Venezuela. Editorial Fuentes SLR, pp. 134-35. 2002.

do sanguinário ditador Juan Vicente Gomes (dezembro de 1908 a dezembro de 1935) que permanece 27 anos no poder beneficiando estes capitais¹⁸. Se tudo isto foi realizado no início da exploração petrolífera em princípios do século XX, o que não pode ser feito em relação a questões menos evidentes como a luta diária dos operários desta produção?

Com este questionamento, e a preocupação de não esquecer os episódios em que os petroleiros estiveram envolvidos, é que introduzimos esta discussão do que é a PDVSA e, de um modo amplo, a indústria dos hidrocarbonetos, destacando a experiência de vida e de luta dos trabalhadores petroleiros a partir do início do século XX, analisada por Paul Nehru Tennessee¹⁹.

Há uma discussão na historiografia venezuelana, absorvida pelos meios de imprensa como jornais, revistas e televisão, de que a Venezuela se faz moderna, ou seja, entra na era industrial e urbana a partir de uma geração de líderes forjados no movimento estudantil e nas suas lutas de 1928. Assim, ex-presidentes, como Rômulo Betancourt, e outras figuras que não chegaram à presidência, como Jovito Villaba, estão no panteão da transformação venezuelana para um país de leis, tribunais, instituições civis e públicas, isto é, um estado democrático burguês. Não se trata de negar que existiram estes líderes e seus feitos, mas de perceber que há um processo histórico muito maior e que, neste, os antes anônimos trabalhadores venezuelanos surgem na cena

¹⁸ Em 1908, por diversos motivos aparentes, nações europeias realizam um cerco naval a Venezuela. Itália e Alemanha alegaram dívidas do governo venezuelano com estes países e não acordando a contenda em tribunais deveria ser resolvida à baioneta. Holanda, a que foi mais afoita, chegando à tomada de barcos de guerra venezuelanos, efetuou o bloqueio alegando que a atitude do governo venezuelano, ao proibir por medidas sanitárias a circulação de embarcações entre a ilha de Curazao e Venezuela, cortava o abastecimento de víveres deste povo colônia holandesa. Inglaterra alegava ter sido ultrajada com a rescisão do contrato da Bermúdez Company, companhia de asfalto e o governo venezuelano, que afirmava que a empresa inglesa não havia cumprido seus compromissos além de ter financiado a Guerra do Asfalto contra seu governo. Todas estas demandas explodem a partir de agosto de 1908. Os Estados Unidos com Teodoro Roosevelt e a doutrina Moore enviam uma frota naval à Venezuela, afastam as potências estrangeiras, realizam acordos e Cipriano Castro sofre o golpe militar de Juan Vicente Gomes, seu pupilo.

¹⁹ TENNASSEE, Paul Nehru. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela. Editorial Popular, S. A. 1979. Tennessee, neste trabalho de tese de mestrado, orientado pelo professor Titular da Universidade Central de Caracas Federico Brito Figueroa, um dos maiores marxistas da academia venezuelana, comparado ao Caio Prado Junior brasileiro, consegue com sua habilidade e ótima orientação produzir uma obra muito reconhecida na historiografia venezuelana, na qual nos apoiamos. ALCÁNTARA, Tomás Polaco. *Juan Vicente Gómez: aproximación a una biografía*. 1ª edição espanhola e 10ª edição venezuelana. Morales i Torres Editores, S. L. Barcelona – Espanha: 2004. Esta obra é mais recente, trabalha praticamente o mesmo período histórico. Alcântara é um renomado intelectual venezuelano, possuidor de diversos títulos e prêmios literários e autor de outras sete obras históricas. Possui um viés da história política e analisa sob uma ótica positivista. Neste sentido é um autor que pode ser consultado para o confronto de opiniões e seguramente outras interpretações.

como protagonistas de uma classe em seu *fazer-se*, com toda a carga de vicissitudes que há na formação de uma classe operária de qualquer país²⁰.

Tennessee faz perceber que a Venezuela moderna se lapida com novos sujeitos sociais, diretamente relacionados com o surgir da indústria petroleira, uma vez que, até 1928, o principal produto da riqueza nacional deste país fora o café, que então deixara de ter o 1º lugar como produto que fornece mais divisas para o país, passando este posto para a indústria do petróleo. Isto não quer dizer que a exploração do petróleo na Venezuela se inicie no século XX: há uma exploração de petróleo e asfalto já na última metade do século XIX. A fundação da 1ª empresa nacional, ainda bem rudimentar, acontece em outubro de 1878, a *Compañia Nacional Minera Petrolia del Táchira*. Portanto, a fase de transição para uma nova economia se dá entre finais do século XIX e início do XX.

O significado disto na vida do trabalhador venezuelano, na visão de Tennessee, é que ele vai saindo da “marginalidade” da produção agrícola - com uma relação de trabalho arcaica, dentro de um quadro de peonagem, em que era submetido a um eterno endividamento com o fazendeiro, seja produtor de café ou de gado - e passa a ser um assalariado. Um novo sujeito social com relações de trabalho definidas e não a mescla anterior de salário e “favor” a que estava condicionado no campo. É dentro deste processo que este trabalhador constrói suas demandas e vai se tornando uma centralidade no processo histórico venezuelano, e não um espectador ou seguidor dos líderes políticos burgueses. Porém, toda esta luta se constitui dentro daquelas vicissitudes que assinalamos existir neste *fazer-se* da classe e, sem dúvida, este trabalhador, antes camponês, com uma relação de trabalho paternalista, ou mesmo vivendo nos centros urbanos sem garantias trabalhistas definidas, sonha em entrar para esta nova produção, ter sua independência financeira e decidir sobre sua própria vida e de seus familiares.

Tennessee, em sua pesquisa, oferece um quadro da luta mordaz que este iniciante operário petroleiro do começo do século XX enfrentou para construir este sonho de saída da pobreza, mesmo sob o jugo de miséria que a nova indústria petroleira oferece a seus trabalhadores. Vejamos o que ele consegue extrair a partir da História Oral realizada com alguns destes trabalhadores percussores do movimento operário

²⁰ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3ª edição. Paz e Terra: São Paulo, 2002. V. I, II e III. Este autor contribui com a perspectiva de que a classe operária não está pronta, em sua origem desenvolvimento e lutas diárias vão se fazendo. Esta visão é necessária para se perceber a classe operária com suas vicissitudes e não um delinear harmonioso. Adotamos este conceito neste trabalho.

petroleiro. Tennessee, com o objetivo de ter uma descrição deste período a partir da opinião destes trabalhadores, consegue entrevistar Manuel Taborda, que visualiza seu passado petroleiro da seguinte maneira:

Llegué a Alta Gracia al comienzo de la década de los años 20, proveniente de Margarita, donde encontré un trabajo como cargador de tubos de la compañía Bristsh Controlled Petroleum. Eramos un grupo de 122 venezolanos, de los cuales 12 éramos margariteños. Al llegar no había vivienda, por lo que decidimos los margariteños colocar un canal de zinc debajo de una mata de uva, muy cerca de la playa. En esa forma nos protegíamos de la lluvia y almacenábamos nuestros alimentos. Sobre la arena prendíamos fuego y allí cocinábamos nuestra comida. Nos bañábamos en la playa y en la vegetación hacíamos nuestras evacuaciones. No había ningún tipo de servicio, ni siquiera médico. Un día, mientras trabajábamos, mister Duboy, el superintendente del campamento, vio nuestra vivienda improvisada y dio órdenes para que fuera destruida. Al llegar en la noche, no teníamos ningún sitio donde protegernos contra la lluvia, que desafortunadamente esa misma noche cayó. Al día siguiente decidimos no ir a trabajar y exigimos una explicación a la compañía. El resto de los venezolanos se solidarizaron con nosotros y así todos nos pusimos en huelga. La explicación dada por la compañía que la apariencia de nuestra casa improvisada era desagradable...²¹

Para o autor, estas são as origens do operariado petroleiro. No processo industrial desta produção, as companhias que fazem a exploração do petróleo, em sua maioria empresas estrangeiras, impõem uma relação de trabalho tão exploradora como aquela que se efetivara no campo. Este operário vai perceber que tudo está por ser feito, que nas relações capitalistas de produção nada é natural. A lógica destas companhias é que, como conseguiram uma licença de exploração a preços ínfimos, proporcionada pelo Estado venezuelano, vão querer usar uma mão de obra a preços também ínfimos, correspondendo essa base salarial ao que é pago no campo, assim como as condições de trabalho são semelhantes às encontradas na área rural. Para estes operários isto basta: não foi para ter o mesmo tratamento que eles se sujeitaram a trabalhar neste produto cancerígeno, tal como se noticia hoje.

Assim, nesta relação de interesses inconciliáveis, é que a classe se estabelece, primeiramente com um impacto cultural trazido pela mudança do ser camponês para ser assalariado, com tudo que isso implica nos primeiros anos das iniciais levadas de trabalhadores. A experiência nos primeiros conflitos mostrará que há que se organizar,

²¹ TENNASSEE, Paul Nehru. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela. Editorial Popular, S. A. 1979. p. 107.

construir suas organizações classistas, fazer greves e produzir líderes de classe. O destaque que Tennessee faz é que os operários petroleiros venezuelanos vão conseguir realizar essas pretensões entre os anos de 1918-48 e, como façanha, transformar a Venezuela arcaica e rural em um país moderno com tribunais, leis e partidos políticos modernos como AD – Ação Democrática; COPEI – Partido Social Cristiano²²; PCV – Partido Comunista Venezuelano; CTV – Central dos Trabalhadores Venezuelanos, em um cenário de eleições democrático-burguesas. Tudo isso obra dos anseios desta classe, e não uma realização das lideranças políticas burguesas ou pequeno-burguesas, advindas do movimento estudantil de 1928, ainda que estes protagonistas e seus sucessores ocupassem ininterruptamente os principais postos políticos do país de 1958 a 1989.

E como isso se processa? Como assinalamos anteriormente na fala de um destes trabalhadores, as condições de trabalho na produção petroleira eram bem ruins. Somando-se a tal, a Venezuela possuía áreas tão inóspitas aos trabalhadores petroleiros que adentravam nas florestas para exploração petrolífera, quanto às encontradas pelos espanhóis em 1500, e muitas vezes são nestas áreas que irá se desenvolver a prospecção de petróleo.

Tennessee destaca que as zonas iniciais da produção petroleira se desenvolvem nos estados de Zulia, compreendendo o grande Lago de Maracaibo e Falcón, outro estado adjacente. Zulia faz fronteira com a Colômbia e, como se firma em termos de reservas petrolíferas, vai ser um epicentro cobiçado pelas multinacionais que ali instalam suas companhias. Tais companhias europeias, e posteriormente também norte americanas, virão com seu modo peculiar de existência, ou seja, o modo colonialista de ser, instalam-se como donas, não somente do subsolo, mas das terras, leis, tribunais e das pessoas e agem como se estivessem em seus países de origem. É neste primeiro contato com o estrangeiro arrogante e explorador que o operário petroleiro verá que, embora em um trabalho inóspito, o estrangeiro europeu ou norte americano estará mais bem equipado, oferecendo melhor comida, alojamento, roupa, salário e uma melhor localização técnica na produção por ser reservado a estes os trabalhos mais qualificados. Até a água servida a este trabalhador técnico estrangeiro é distinta da oferecida aos petroleiros venezuelanos. Nesta relação, não somente de exploração, mas também de

²² Em sua estrita tradução COPEI significa *Comité Organizativo Pro Elecciones Independientes*. Usaremos a tradução de Copei como Partido social cristão, definição usada por outros autores e que define melhor a diretriz teórica deste partido.

desigualdade, nem mesmo o viés de se aperfeiçoar na profissão para ir galgando postos técnicos melhores poderá ser executada, uma vez que estes postos de trabalho estão reservados ao estrangeiro do hemisfério norte. Até para beber água fria, como o estrangeiro colonizador fazia, o operário petroleiro venezuelano terá de fazer greve, como observa Tennessee.

Com este panorama, a classe vai se fazendo: primeiro nem sabe o que é uma organização de classe, ouve falar, por meio de algum estrangeiro trabalhador petroleiro técnico mais receptivo, que na Europa os trabalhadores se organizam, lutam por direitos e já conquistaram muitos deles. Mas sabê-lo é pouco, não possuem idéia clara do que seja um sindicato. Na verdade estes trabalhadores petroleiros venezuelanos, na opinião de Tennessee, acabam, com raras exceções, tendo de construir suas organizações sindicais a partir de suas próprias experiências. Assim, os venezuelanos vão se constituindo como classe nesse processo. O surpreendente é que por mais amargo que tenha sido cada dia de luta deste operário venezuelano, ele consegue fazer este percurso relativamente rápido, ou seja, em aproximadamente 30 anos, de 1918-48. E quais são os elementos que podem explicar a duração desse processo? A situação é que logo que o petróleo passa a ser a principal base exportadora do país, entre 1918-28, o quadro econômico, e as lutas sociais, que ai se configuram, vão intensificar, tendendo a transformar a organização social e política venezuelana. Estes operários inserem, nas suas lutas, as demandas há muito represadas, o que provoca diversas greves menores no início da década de 20, e uma outra mais forte em 1928. Entretanto, é em final de 1936 e início de 1937 que estes trabalhadores protagonizarão a maior greve da história venezuelana, chegando ao ponto de transformar uma greve de uma categoria em greve geral, dada a capacidade de comoção social que este setor desperta na sociedade venezuelana da época.

A greve se inicia em dezembro de 1936 com os trabalhadores petroleiros, principalmente de Zulia, e em menor peso os de Falcón, os dois estados mais produtores do país e quase os únicos, pois em outros estados havia somente ensaios de produção. Neste momento ocorrem mobilizações e greves pequenas, visto que o Presidente General Eleazar López Contreras (dezembro de 1935 a 1941) anunciou um pacote de leis que retrocedia as conquistas democráticas anteriores, ou seja, foram anuladas as conquistas feitas a partir de fevereiro de 1936, como direito à organização sindical, direito à construção de organizações políticas, garantia de eleições presidenciais livres

etc. Conquistas, estas, realizadas pelos trabalhadores, populares, setores intelectuais e frações burguesas, na oportunidade do fim do governo do ditador Juan Vicente Gomes.

Neste clima de mobilizações, intercalado com repressão, estes petroleiros vão lançar um plano preparatório de uma grande greve e iniciam as discussões em seus setores, uma greve que tivesse logística, pauta clara e objetiva e defendida por toda a base, inclusive pelos populares vinculados ou não aos petroleiros, uma liderança reconhecida e brava para lutar. É neste quadro que se dará a maior greve da história venezuelana até então, a greve de 09 dezembro de 1936 a 24 janeiro de 1937, que se transformou em greve geral e nacional pelo apoio dos diversos seguimentos da sociedade. No ensejo, a pauta construída democraticamente na categoria foi levada diversas vezes às direções das empresas, que riam da pauta, comparando-a ao que os camponeses ganhavam, argumentando que, em relação a esses últimos, os petroleiros ganhavam uma “fortuna”. Acontece que os camponeses, na opinião de Tennessee, não possuíam relações capitalistas, viviam em uma semi-servidão, com o subterfúgio de um eterno endividamento.

Observando o desfecho dos acontecimentos, quando os petroleiros deflagram a greve, os trabalhadores e a população já estavam cientes de sua pauta e do esforço que a categoria fez para chegar a um acordo pacífico. O enorme lucro das empresas, em comparação ao que se pagava de salários e tributos ao governo federal, também é propagandeado, contribuindo para a formação de um sentimento nacionalista e antiimperialista.

A greve é forte e há diversos episódios e desdobramentos. Em um destes, os camponeses e populares, contratados para substituírem os operários no projeto de fura greve, conhecem a realidade ao chegarem aos locais de trabalho e se solidarizam com os grevistas. Vem o apoio de associações e sindicatos para manter os lares destes operários que deixaram de receber salário. Há ajuda, como dos plantadores de bananas e agricultores em geral, pescadores, e outros; da capital vem contribuição de pequenos comerciantes oferecendo pares de calçados, tecidos, fumo, etc. Há uma comoção social, as companhias petroleiras estavam paralisadas, não entravam dividendos para o Estado, o governo entra na contenda a partir do ministro de Fomento Nestor Luis Pérez, mas nada se resolve. A empresa estava irredutível, não quer abrir este precedente. Uma campanha a partir dos petroleiros, com medo da repressão, reúne seus filhos, para serem levados à casa de outros populares, ficando ali enquanto durasse o conflito. Para isto é feito uma campanha nacional para ver quem poderia acolher estas crianças: em meio a

este sentimento nacional, até famílias ricas da capital se ofereceram e sai um navio com cerca de 200 crianças de Zulia para Caracas. Ao chegarem, rapidamente são acolhidas, faltando crianças para a quantidade de pessoas presentes à sua chegada. Os jornais noticiam que a comoção é nacional, a situação se agrava para o governo e, em 20 de janeiro, o Presidente, para não dizer ditador, Eleazar López Contreras, assina um decreto impondo um mísero aumento salarial geral para os petroleiros de 1 bolívar e impõe ao movimento “ou voltam ao trabalho ou bala”. Em 22 de janeiro as tropas federais tomam as posições para o confronto. O movimento, em meio a duas propostas, uma de resistir fisicamente, outra de aceitar, sai em debate e marca suas assembléias. Depois de calorosos debates, vão paulatinamente votando para retornarem ao trabalho, com o sentimento de não terem saído vitoriosos em sua pauta, mas, por outro lado, também não fizeram um acordo espúrio com o governo ou com as multinacionais.

Um dos elementos principais neste quadro da história venezuelana, descrito por Tennessee, é que não era possível mais viver sem leis trabalhistas reais, direitos à organização, direitos políticos e a uma nação verdadeiramente livre, dirigida por forças políticas dentro de um regime democrático burguês, com eleições livres, secretas, universais e diretas. Não era possível mais uma pseudo nação dirigida pelos cartéis do petróleo. Foi isto que estes operários petroleiros demonstraram à nação como um todo, que a estrutura social e política venezuelana estava arcaica para o novo quadro que se impunha. Uma nova forma de administrar e conceber o país deveria ser posta a partir daquele momento e é aí que, na década de 1940, estas novas instituições, que citamos, passam a ser a base organizativa da sociedade. É importante destacar que, como estes operários petroleiros possuíam a mais estreita relação com as multinacionais, puderam perceber, como nenhum outro setor, que o imperialismo sangrava suas veias, que não haveria uma nação livre enquanto este explorador estivesse em solo venezuelano. Daí surge o sentimento antiimperialista, não como um simbolismo trazido a partir das lutas de independência dirigida por Simon Bolívar no século XIX, mas como a experiência real e material vivida por estes trabalhadores em seus postos de trabalho e nas relações aí estabelecidas. Interessante, como observa Tennessee, é que a burguesia venezuelana não chega a este entendimento, tanto é que vai aceitar ser a sócia menor nesta relação capitalista.

Assim, quando estes novos setores políticos burgueses, dentre eles o advindo do movimento estudantil de 1928, se estruturam e pactuam, em 1958, com o acordo do

*Pacto del Punto Fijo*²³, acabam por dirigir o país por 40 anos em perpétuos acordos com o imperialismo. É no contexto dessa política que se assina o decreto oficial de Carlos Andrés Peres, em 1976, oficializando a criação da PDVSA, sob esta ótica das boas relações com o imperialismo e tudo o mais que isso significa.

As conclusões que retiramos desta primeira etapa é que esta classe operária petroleira, contra a maioria das apostas, consegue se formar, influir nas diretrizes sociais e dar um novo curso ao país, o que Tennessee apontou até 1948. Uma pergunta que pode ser feita é como ela pode conquistar isto, se é justamente em 1948 que se inicia uma outra fase de ditadura de 10 anos com Marcos Pérez Jimenez. A resposta particular que temos é que a burguesia e seus parceiros imperialistas lutaram por uma política preventiva em dois tempos. Se, por um lado, haviam concedido nos primeiros anos de 1940 algumas liberdades democráticas como tribunais, leis, eleições diretas livres e secretas, legalização de partidos, por outro lado, os setores operários e populares, ao lutarem por mais, estavam colocando em risco a governabilidade. Diante disso, optaram por uma instalação de uma ditadura militar, em 48, por Marcos Pérez Jimenez, ainda que prejudicasse momentaneamente alguns setores burgueses. É aí que entra o General Jimenez com seus 10 anos de assassinatos, desaparecidos, e todo tipo de perseguições. Quando seu governo cumpre o papel preventivo, a própria burguesia o isola diante dos protestos populares em 1958, assim, a elite política, advinda do movimento estudantil de 1928, instrumentada no bipartidarismo de Ação Democrática e Partido Social Cristão assume as rédeas do país por 40 anos (1958/1998). Um desta linhagem, ainda que não da primeira leva, é Carlos Andrés Perez que, como apontamos, assina o decreto oficializando a criação da PDVSA. Ora, a PDVSA é obra destes indivíduos? Definitivamente não, ainda que capitalizem este troféu. A PDVSA está mais para a primeira foçada dos primeiros petroleiros que abriam as picadas, os primeiros golpes de picaretas que perfuraram os primeiros poços, que para o decreto de Carlos A. Pérez de 1976.

A tese de Tennessee é que são os operários petroleiros o setor que vai transformar social e politicamente a Venezuela de 1918-48. Concordamos com esta tese. Acrescentamos que a PDVSA de hoje são estes trabalhadores do passado,

²³ Em 1958, depois de diversas ditaduras militares, os partidos burgueses AD, COPEI e URD assinam no estado de Falcón, em um localidade de nome Punto Fijo, um acordo em que eles aceitariam os resultados eleitorais e se revezariam no poder. Logo depois a URD sai do pacto, os dois que ficaram reforçarão seus acordos na década de 1960, ficando estabelecido que os demais postos do governo seriam nomeados em comum acordo entre eles. Assim, em um mandato, um ocupava a presidência o outro levava mais postos e vice e versa. Isto funcionou por 40 anos e não houve mais golpes militares.

permanecendo um fazer contínuo com os atuais. Mas um elemento não poderia deixar de ser agregado: se a burguesia nacional aceitou ser a sócia menor do imperialismo e da sua indústria petrolífera ali instalada, lançou ao mesmo tempo as bases do *rentismo* petrolero, política predatória que expropria cotidianamente o trabalhador venezuelano, o que analisaremos mais adiante.

1 - O QUE É TRABALHAR NA PDVSA, DA ILUSÃO AO SANGUE

Marx, em *A Ideologia Alemã*, argumenta que um dos primeiros atos históricos do homem ainda em seus primórdios é criar as condições que permitam sua existência, isto mesmo antes de formar sua consciência, ou dialeticamente concomitante a isto. Na Venezuela do século XXI, a condição que permite a existência de milhões de seres humanos é o trabalho e uma significativa parte destas pessoas procuraram este trabalho na PDVSA. Gastaremos algumas laudas para contar um pouco desta saga, pois antes de estar neste posto de trabalho para sobreviver, é necessário lutar por ele. Escolhemos o Jornal *El Tiempo*²⁴ para visualizar uma parte deste processo.

Para tentar ingressar, como trabalhador de uma estatal, a segunda maior empresa mundial de petróleo, era necessário que o proponente ao emprego prestasse um concurso público para um cargo efetivo ou apresentasse um *curriculum* à empresa, se se tratasse de uma vaga temporária. Contudo, não bem é assim. Se for para um escalão médio ou alto da empresa, se possuidor de um diploma de nível superior ou técnico, entrava-se por grupo familiar, amizade, indicação ou vínculo político: estas eram as formas mais aceitas. Se o posto era de menor qualificação, ou seja, a maioria deles, a entrada ocorria por cupons de emprego: as federações e sindicatos recebiam cerca de 60% dos direitos às vagas, os outros 40% ficavam por conta de contratação direta da empresa. Isto funcionou até 1999, quando algumas alterações foram feitas pelo Governo, no sentido de paulatinamente ir retirando o direito, assegurado em contrato

²⁴ Este jornal de circulação regional foi fundado por Jesus Alvarado em agosto de 1958, é um jornal com três prêmios nacionais de periodismo, 1982, 1989 e 1990, sua sede se localiza na cidade de Puerto La Cruz, estado de Anzoátegui. A escolha deste jornal se fez devido ao mesmo oferecer uma boa cobertura do *Paro Petrolero* de dezembro de 2002 a fevereiro 2003. E por estar no epicentro da cidade que localiza a refinaria que polarizou contra o *Paro*, servindo de referência ao país, traz um ótimo aporte de informações que, talvez, nem mesmo eles se deram conta disto na época. Politicamente a direção do jornal sempre se mostrou em oposição ao governo Chávez e ao lado dos setores que o queriam derrubar. O jornal traz também um boa cobertura de fatos ocorridos em Caracas e o tumultuado ano de 2002.

coletivo, de estes 60% das vagas serem administradas pelos sindicatos. Elas passaram diretamente às mãos da empresa. Imaginemos então um quadro em que não são realizados concursos para uma empresa pública como meio de conquistar um posto de trabalho, mas o sindicato, que deveria estar lutando por melhores condições de trabalho e remuneração, assumisse o papel de contratante de pessoal.

Essa política é perniciosa, em uma situação em que não há cupons de emprego para todos que procuram, em um país onde a miséria reina, onde cerca de 85% da população vive na linha da pobreza²⁵, onde a grande maioria das direções sindicais e trabalhadores não possuem uma consciência classista, mas um perfil de conciliadores. A corrupção reina e um cupom de emprego torna-se moeda corrente preciosa para ser negociada: por um lado, os sindicalistas, já com todos estes vícios, vão querer complementar seus salários com a negociação deste cupom e se manter na direção do sindicato, comprando as consciências, pois tem o controle do processo de contratação. Por outro, o trabalhador que, para conseguir um posto de trabalho, teria de estar submetido a diversos dispositivos: um era de fato comprar diretamente a vaga, pagando com o que não tinha, endividando-se ou vendendo um bem para custear; outro era negociando parte de seus primeiros salários juntamente com uma parcela à vista; ou realizando operação *colchón*, que consistia em “ajeitar” uma irmã ou prima para o sindicalista ou a quem ele indicasse. Gustavo Guarema, trabalhador de modo temporário do setor petrolífero durante dez anos, e, recentemente, a partir de 2008, contratado como trabalhador fixo da PDVSA, perguntado sobre suas experiências de operário petrolífero, conta um pouco destes períodos tristes e desmoralizantes para a classe trabalhadora:

Bueno es que as veces habían, sabe no veo la necesidad, pero era más que todo la falta de moral por parte de los trabajadores, sé tenía una hermana se la presentaba al directivo sindical para que saliera, y a través de eso pudiera optar por un cupo de empleo, una cuestión desmoralizante totalmente²⁶.

²⁵ LEÓN, José Ignacio Moreno. *El capital social: nueva visión del desarrollo, Venezuela de primera: del rentismo a la sociedad productiva y solidaria*. Universidad Metropolitana. Centro de Estudios Latino Americanos. Editorial Texto C. A. 2004. p. 247. Aqui o autor traz um estudo mostrando a explosão da economia informal, a proletarianização da classe média, o incremento do desemprego e da marginalidade, e os índices de pobreza: extrema 45%, relativa 24%, atroz 16%.

²⁶ Entrevista realizada pelo autor, em novembro de 2008, a Gustavo Jose Guarema, trabalhador petrolífero de Puerto La Cruz, Estado de Anzoátegui. Guarema é natural da Cidade de Barcelona, capital do Estado, porém se criou em Puerto La Cruz, vivendo a três quadras da refinaria de Puerto. Nas experiências sindicais, participou do Movimiento Clasista La Jornada e atualmente milita em Opção Classista, uma corrente sindical de petrolíferos.

Para as mulheres era uma situação pior, pois quando entravam na empresa sempre pairava uma suspeita se havia conseguido a vaga decentemente, com um honesto de plantão ou via empresa, ou se havia se sujeitado aos segundos trâmites. Os maridos sempre tinham a preocupação de como os colegas iriam chamá-lo, mas, ao mesmo tempo, era bom que a companheira trabalhasse: era um sonho de vida ser empregado da PDVSA. De todas as formas essa situação se apresentava difícil e perdurou até os anos 2000 a 2001, quando definitivamente se retira dos sindicatos o direito de contratação. Guarema observa que não via a necessidade de fazer estes trâmites da operação *colchón*, ele coloca a questão mais como desmoralização da classe. Se bem que, neste aspecto, as condições de existência de cada um é mais sentida por ele mesmo, e saber qual é o limite de cada um em aceitar seu estado de necessidade mantendo a moral elevada é uma cobrança por demais objetiva, em uma vida cheia de subjetividades. Assim, fazer uma avaliação moral do problema sem ver a materialidade não o explica, além do que, o próprio entrevistado, quando perguntado, afirma que não era uma prática isolada, mas frequente naquele período. Mas como a classe sentia, absorvia e dava a resposta a esta situação? Guarema nos conta mais um pouco:

Era una vivencia total, total, sabe se sentían como oprimidos, mira porque era la medida que tenia que saber, pasar por vejamen para conseguir poder optar por un cupo y salir. Bueno habían, pero ni todos trabajadores hacían eso, también habían otros trabajadores que se sabe empezaron a luchar, a luchar por reclamar sus derechos por empleo, que ellos sabían que tenia derecho a empleo (tose, tose...pausa, agua)²⁷

Neste sentido, a resposta começa a surgir pela classe, o sentimento de vexame para conseguir conquistar uma vaga de emprego, a opressão sentida nesta vivência de falta de trabalho, vão direcionar a classe a que tome medidas coletivas, pressionando por emprego, reclamando e exigindo mediante a mobilização, ressonância que chega ao novo governo.

A partir de 1999, no governo Chávez, ocorrerão mudanças no sentido de ir revertendo o controle destes 60% de cupons de vagas destinados aos sindicatos e

²⁷ Entrevista com Gustavo Jose Guarema em novembro de 2009.

federações. Eles vão passando paulatinamente para a *Organización de Vecinos*, o que poderíamos chamar de Associações de Bairros, que engloba não necessariamente somente o bairro, mas, às vezes, o município, como também para os *Comité de Desempleados*, um modo de se democratizar a participação nas decisões sobre quem receberia a vaga. Mais uma vez é interessante ouvir Guarema, que oferece uma opinião de como os sindicatos, porque havia uma diversidade de outros grupos de luta por emprego, vão começar a lutar por um emprego:

Sí, sí, porque en ese tiempo los trabajadores tenían también a lo sindicato como su casa. E iban desde la 7 de mañana hasta las 5 de la tarde esperando que, que viniera un llamado de emergencia para ellos poder optar. Ahí comían, sabe, ahí jugaban ajedrez la barajo y pasaban todo los día preparando comida también, para ellos pernoctar durante todo esos días, ese periodo. Entonces comenzaron a organizarse y creando, creando mecanismos para ellos reclamar sus derechos de empleo. Estoy hablando de aquellos trabajadores que no, no eran amigos o compadre de ningún de directivo sindical, sino que, que van al sindicato con esperanza de empleo, y bueno comenzaron a organizar para reclamar el empleo como un derecho, no como una limosna que se lograba con un directivo sindical... Bueno, después se creó una comisión de desempleado, desempleado que asistían bien a sindicato y se organizaron y hicieron lista por clasificación: obrero, electricista, carpintero, andámielo, mecánicos que ya para ese tiempo se venían, se hacían fuerte la construcción de la Apertura, porque fue Petrozuata en aquello momento. Entonces ahí hubo, había una cantidad mayor de empleo, pero también había que organizar la gente para saber quien era carpintero, quien era electricista, saber quien era albañista, para que cuando viniera esos empleos, se estaban ahí de los tercerizados, mandarlos de aquí, mediante el llamado²⁸.

É por este caminho, disputando e passando por cima de muitos dirigentes sindicais burocratas, que os trabalhadores vão levando suas demandas por emprego na PDVSA. Nesta situação de correlação de forças, criam-se comissões que passam a exigir que, para cada pessoa contratada pelo sindicato ou pela PDVSA, se ofereça também uma vaga a um destes trabalhadores que participavam das comissões.

O governo por sua parte criou representantes federais para acompanhar a distribuição destas vagas via Ministério do Trabalho. Boas intenções do Governo Chávez em moralizar uma situação vergonhosa e ir colocando “justiça social, participação cidadã”. O resultado é que estas mudanças causaram uma reforma no modo de lidar com as vagas de trabalho e, como toda reforma, logo se torna obsoleta, pois, embora tenham ocorrido mudanças com a paulatina saída do controle dos sindicatos

²⁸ IDEM.

sobre as vagas de emprego, o problema vai passar também para as novas organizações, consideradas mais participativas e democráticas, que não estão imunes ao problema. Como dizia Trotsky, enquanto *no há comida para todos, o organizador da fila dos que vão comer tem os germes do próximo burocrata*²⁹. E, na verdade, as vagas continuavam a ser ínfimas diante da procura. Uma questão que se pode observar aqui é que o governo conseguiu contabilizar a seu favor a demanda que antes era controlada pelos sindicatos. Isto nós vamos perceber quando analisarmos os confrontos futuros para entrar em uma vaga de emprego. O jornal *El Tiempo*, em uma matéria que divulga os conflitos ocorridos na cidade, envolvendo trabalhadores que protestavam por melhor distribuição dos postos de trabalho do município de Puerto La Cruz, oferece uma versão de como se davam estas demandas na região:

Los comités de empleos de los municipios Sotillo, Guanta y Lechería denunciaron que están perdiendo las cuotas de puestos laborales que para la industria petrolera tramitan a través de la Inspectoría del Trabajo debido a que el comisionado Raúl Párica no se hace presente en las reuniones de las comisiones.

Ligia Maita, representantes de los vecinos organizados ... plantearon que al parecer Párica se reúne con otro grupo a espaldas de la mayoría de las coordinadoras que son los que representan a las juntas vecinales y desempleados.

Dijeron que el comisionado está violando los convenios firmados el 20 de marzo de este año, según los cuales algunas coordinadoras recibirían el 100% de los cupos de empleo hasta tanto llegase la decisión del Ministerio del Trabajo en torno a las que quedarían legalmente constituidas y que manejarían las cuotas de empleo.

*Estos personeros le solicitan a Párica que aclare su situación, pues cada vez que envían a un postulado para determinado puesto, sin importar que empresa sea, manifiestan que el comisionado ya colocó a otras personas. Así ha ocurrido con Confurca, por lo cual exigen una explicación.*³⁰

Pode se perceber, cruzando informações com outras fontes como a entrevista, que, no meio sindical, os antigos vícios transferem-se de espaço, mas não são solucionados. A nova figura do Inspetor, no caso aqui de Raúl Párica, conhecido sindicalista de Puerto La Cruz, vai continuar em atitude semelhante a dos anteriores sindicalistas. Não que inexistissem sindicalistas lutadores, há, e vamos conhecer alguns desses lutadores da classe em confronto com os setores golpistas ao longo de 2002 e

²⁹ LEÓN, Trotsky. *A revolução traída: O que é e para onde vai a URSS*. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann. São Paulo: 2005.

³⁰ Acusan a comisionado de violar cuotas de empleo. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 20 de mayo de 2002. N. 16.527, p.07.

parte de 2003. A questão é que, como Raúl Párica, outros inspetores vão assumir nos seis Estados petroleiros e continuarão a mesma política dos cupons de emprego. A única saída para os trabalhadores que buscavam incansavelmente uma vaga de emprego é continuar a luta, e eles continuam, e vejam que tudo isto é apenas para entrarem na PDVSA, pois, uma vez lá dentro, vai ocorrer uma outra batalha para continuar a trabalhar e reivindicar melhor remuneração e condições de trabalho. Porém, enquanto não entram na empresa, a luta continua pelo posto de trabalho e o desempregado anônimo que participa de uma organização popular que luta por emprego vai ser a maior vítima destes confrontos.

A complexidade se manifesta pela presença de grupos sindicais, representantes ou inspetores do Trabalho e organizações populares por emprego e pela formação de grupos armados para controlar os cupons de emprego que valem ouro em um país de necessitados. Um exemplo disso pode ser visto no mesmo jornal *El Tiempo*, em uma matéria localizada indevidamente na seção de crimes, que destaca um trágico resultado de duas mortes em uma manifestação de trabalhadores por emprego em que grupos adversos se enfrentam:

Dos trabajadores muertos y otros tres heridos fue el corolario de una manifestación que un grupo comenzó de manera pacífica.

El trágico hecho se registró ayer en la población de Jusepín, estado Monagas, cuando un nutrido grupo de personas pertenecientes a unas nueve asociaciones civiles vecinales, y un grupo de simpatizantes del líder de una de las dos coordinadoras de empleo existentes, manifestaban por la repartición de las plazas laborales en esa jurisdicción oriental.

Al parecer una turba liderada supuestamente por Franklin Véliz, quien sería el coordinador de empleos entrante, se fue encima de los manifestantes, originándose una riña colectiva.

Transcendió que el otro grupo está presuntamente conformado por simpatizantes del partido de gobierno.

En medio de la trifulca, algunas personas utilizaron armas de fuego y bombas molotov, con las cuales arremetieron en contra de los manifestantes.

El primero en caer mortalmente herido fue Félix Ramón Medina (41), quien recibió doce impactos de perdigones.

El otro fue un hombre de unos 32 años de edad, de quien se conoció que llevaba por nombre Marcos Hernández y que tenía aproximadamente una semana trabajando para la empresa Lever Lux, en esa misma jurisdicción. Hernández recibió un tiro en la cabeza que lo mató instantáneamente.³¹

³¹ Dos muertos y tres heridos dejó riña de trabajadores. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 05 de abr. de 2002. N. 16.483, p. 42.

Perceber o que se passa nesta situação, ou melhor, em todo o processo, é continuar com aquela pergunta inicial do capítulo, o que é PDVSA? Mesmo que ainda não se tenha uma resposta, já possuímos elementos para perceber que a empresa é muito mais que uma simples propaganda que visa mostrá-la como a panacéia³² dos venezuelanos. Ainda neste momento permanece a propaganda oficial de tempos antigos, de que a saída da crise social do país está em aumentar a produção do petróleo. Nesta empresa perpassa não somente os sonhos e esperanças de milhões, mas o suor e sangue de milhares. Também não se trata de discutir quais são os culpados específicos das tragédias, ver se foi de fato o bando de Franklin Véliz, agora representante do Ministério do Trabalho para distribuição dos 650 cupons em seu poder, se é ele responsável pelo ocorrido no Estado de Monagas, assim como se é Raúl Párica em Puerto La Cruz o negociador dos cupons de emprego. Parece que a reflexão mais importante pode ser feita a partir de um pequeno cartaz, feito em cartolina, empunhado por um manifestante no dia seguinte, que cobrava justiça pela morte de seus dois companheiros, que trazia a simples frase “*PDVSA ASESINÓ A LOS DESEMPLEADOS DE JUSEPÍN*”. Para este manifestante indignado, e de camisa surrada, não é difícil perceber quem é culpado por todas as incertezas, violências e situações miseráveis a que estão submetidos, parece que tudo é um eterno fazer, pois, com gerações passadas de trabalhadores se fez a empresa, todavia ela ainda não é destes que a construíram. Porém eles não desanimam, ainda que individualmente muitos desistam no caminho e outros passem a defender os interesses de quem os oprimia, mas a classe, em suas organizações diversas, segue em luta, tenta de um modo e obtém pouco resultado. Surgem novos organismos como as *Coordinadoras de Empleo* e muitos aderem à idéia, acreditando que agora pode ser mais justo, como podemos observar na opinião de alguns:

Julián Pinto – desempleado – “*Tengo catorce meses esperando un cupo. Desde que las coordinadoras de empleo y las asociaciones de vecinos vigilan la administración de los puestos de trabajo se ha reducido el nivel de corrupción. De allí que no estoy de acuerdo con la transferencia de la cláusula 69 a Fedepetrol y Fetrohidrocarburos ya no protegen a los trabajadores como debe ser. En cambio las juntas de vecinos son más transparentes y confiables*”.

³² Do grego panákeia, remédio para todos os males. Uma planta *Solanum cernuum* que popularmente serve para curar todas as doenças. Na Venezuela se deposita toda esperança de desenvolvimento do país na produção do petróleo, deste modo este modelo de exploração econômica se torna uma panacéia para todos os governos.

Héctor Ramos – desempleado – *“Tengo un año cesante. La última vez que tuve un trabajito fue en mayo de 2001 en Sincor. Desde que existen los comités de desempleados hay más transparencia en la administración de los cupos. En otras oportunidades acudí a Fedepetrol Y Fetrahidrocarburos, pero las plazas de trabajo no fluyen como debe ser. Si la cláusula 69 se la devuelven a los sindicatos petroleros se ocasionará un gran malestar a los desempleados. Los comités defenderán su labor”*.

Victor Bernay – Desempleado - *“Tengo tres meses sin trabajar. Todos los días voy a la sede de Fetrahidrocarburos a esperar una oportunidad, pero lamentablemente las vacantes se manejan con vicios. No hay ningún tipo de orden, y eso que estoy afirmando a Fetrahidrocarburos. Miguel Rojas, quien es el secretario general, nunca da la cara. Cada vez que hay una posibilidad de otorgar cupos lo hacen vía telefónica, sin respetar a los obreros que estamos en espera de una plaza”*.³³

A opinião de que estes novos organismos criados sejam mais justos para lutar por uma vaga de emprego fez com que surgissem diversas organizações com esse caráter, as quais, por não acreditarem mais na organização dos sindicatos e federações, como a *Fetrahidrocarburos*, passam a polarizar a luta. E nesta demanda está o rechaço à cláusula 69, que dava a estas organizações sindicais o direito de administrar 60% de todas as vagas que surgissem na indústria petrolífera estatal ou mesmo nas empresas privadas que exploram em solo venezuelano. Também deveriam oferecer uma porcentagem dos postos de trabalho para os sindicatos administrarem. Portanto, a luta é para que as alterações efetivadas em 1999, quando Chávez, percebendo a demanda, retira este direito dos sindicatos e federações e passa-os paulatinamente ao Estado e à empresa, resultem em mudanças efetivas para estes desempregados. Ao mesmo tempo, os sindicatos e federações vão fazer o contraponto, afirmando que o modo mais justo é por meio deles e das organizações já constituídas da classe, ou seja, os sindicatos. Nesse sentido, as acusações são mútuas, com sérios e diversos enfrentamentos físicos. Porém, para os trabalhadores que lutam honestamente por uma vaga de emprego, não há dúvida de que a razão estava com eles. Isto é expresso quando opinam que os sindicalistas burocratas trancavam todas as possibilidades de conseguir uma vaga de emprego de forma transparente para toda a classe, Guarema analisa a questão do Estado de Anzoátegui:

Era bien difícil, porque pá, había en ese tiempo todavía estaba en el sindicato, que era general del sindicato para orcamiento que era Luiz León,

³³ Puntos de vista. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 26 de mayo de 2002. N. 16.533, p.07.

que era un dirigente sindical adeco pues que dominaba aquí en norte de estado Anzoátegui era el sindicato. Y los cuales, eso era como una aristocracia, una aristocracia que cada sindicalista tenía sus cupos, e daba sus cupos a sus familiares, hermanos, primos cuñados, y era esa también, é traficaban con los cupos³⁴.

É importante destacar que toda esta demanda de lutas diretas por emprego, que surge, é possível mediante a efervescência que vive o país, onde diversos setores vão estar em pugna para fazer valer seu grito de revolta, seus gritos de mudança. É uma realidade política que tende a cada momento explodir, aí o explicar de tamanha mobilização da massa. Isto seria impensável, por exemplo, no Brasil do mesmo período, ou seja, grandes levas de desempregados formando comitês e parando o trânsito etc., exigindo do Presidente da República, do Governador do Estado ou mesmo do Prefeito, postos de trabalho, no Banco do Brasil, na Petrobrás em outro órgão estadual ou municipal. Inclusive, neste processo, vamos encontrar setores indígenas, e não poucos, que cansados das empresas explorarem em seus solos, não dando nada em troca a não ser a degradação ambiental, social e cultural, vão fechar estradas, indo às portas das companhias exigir postos de trabalho para seu povoado. É um fato contagiante todo esse processo: se sai do isolamento, do mato ou da vila, e coloca a demanda na rua, na ação física pessoal, direta e intransferível. A Venezuela arde e neste fogo toda uma classe quer mudar as coisas, quer que a exploração do petróleo não seja sua somente de fachada, mas de fato. Trabalhando ali, os manifestantes querem mudar as leis e colocá-las em sua lógica: eu também sou venezuelano, necessito de um emprego, de uma moradia digna, sair da casa de lata, do esgoto a céu aberto, poder estudar, ter um salário que alcance minhas necessidades, basta de alugueis caros, de sumiço das mercadorias esperando os preços aumentarem. Na realidade tudo isto está expresso no peito de cada um destes até então anônimos venezuelanos.

É, portanto, percebendo tais aspectos que se pode avaliar o grau de insatisfação e participação na luta. Vejamos mais um último caso de luta por um cupom de emprego e mais uma dolorosa repressão militar sobre a qual o jornal *El tiempo* oferece uma descrição:

³⁴ Entrevista com Gustavo Jose Guarema, em novembro de 2008.

*Lo que comenzó ayer como una manifestación de desempleados para exigir cupo en la industria petrolera terminó en un enfrentamiento entre dirigentes de organizaciones civiles y la Guardia Nacional. En el incidente perdió la vida el obrero cesanteado Juan Osorio (26), tras recibir un tiro en el pecho.*³⁵

Desta vez se confirmou o disparo de fuzil pela Guarda Nacional. O jovem desempregado Juan Osório, de 26 anos, está falecido no solo em meio a uma enorme poça de sangue, e sobre seu corpo se estende a bandeira nacional venezuelana: triste ironia, a pátria que mata é a pátria idolatrada. Qual seria o segundo cartaz do manifestante de Jusepín em rechaço a mais esse assassinato? Poderia ser *PDVSA mata uno mas* ou *Hasta cuando PDVSA va matar*. Seja qual for a insígnia, uma coisa é certa: a empresa não pode continuar sendo construída com esse peso social que exige das camadas mais pobres ao mesmo tempo em que um outro setor se beneficia e dirige a empresa, sem ter em conta os próprios trabalhadores que de fato a levam sobre seus ombros.

Vamos avançar em alguns outros aspectos do depoimento de Guarema que nos ajudam a entender o que é a PDVSA sob a ótica de um trabalhador atual, que, depois de ter passado pela luta de conseguir a vaga, vai encontrar uma relação na empresa que não pensava existir:

*Bueno una expresión, expresión porque PDVSA sigue siendo la misma PDVSA de antes, verdad, como es un estado dentro de un otro estado, es una monarquía porque generalmente los que trabajan ahí son como familiares, familiares e se hacen como una casta .Ellos tienen una forma de pensamiento, una forma de pensar, una filosofía que ellos son, no se como te hablo, que trabajadores de primera, son muy, muy burgueses. Entonces as veces piensan. Bueno tratan con una cierta diferencia, bueno es como una relación obrero patrón, que ellos sabe, lo que saben de la industria son ellos y se ellos no están ahí, se no están ellos, la industria no podía avanzar, lo ven lo obrero con todavía con cierta diferencia, cierta*³⁶.

Ao entrar nesta empresa, depois da luta por que passou, em que muitos ficaram pelo caminho, o trabalhador vai perceber que a tão sonhada PDVSA tem dono, e que os donos não são os trabalhadores. As relações de trabalho acontecem entre patrão e

³⁵ Desempleados cerraron por 14 horas vía a Oriente. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 18 de jul. de 2003. N. 16. 844, p. 05.

³⁶ Entrevista com Gustavo Jose Guarema, em novembro de 2008.

empregado nos moldes capitalistas e não como uma empresa estatal em que supostamente todos ali alocados fazem seus esforços para uma boa produção com uma sadia relação entre os trabalhadores. Na opinião de Guarema persiste a empresa de antes, uma alta gerência com seus gordos salários, se relacionando, de forma aristocrática, com a massa de trabalhadores que de fato executam a tarefa de produção petrolífera. Depois de 10 anos de luta na experiência deste trabalhador, segue sendo a PDVSA um estado dentro de outro estado, ou seja, a empresa não é nada daquilo que se propagandeava oficialmente a seu respeito.

Neste sentido o trabalhador da PDVSA, que não faz parte desta alta hierarquia, ou seja, a grande maioria deles tem várias dificuldades para se manter neste trabalho, com problemas de saúde, com falta de segurança mínima para executar as tarefas, baixos salários que não cobrem uma vida mais digna que pensava estar construindo ao fazer todo este esforço para entrar neste trabalho. De fato, a ilusão do que seria a empresa cai por terra e este trabalhador, recente no quadro desta enorme categoria, vê-se tão instável quanto antes e explorado como os demais trabalhadores: *somos igual que explotados que los demás trabajadores, no somos ningunos privilegiados, porque ahorita con la cuestión del sueldo as veces tenemos que trabajar de sobre tiempo para poder, poder llevar cierta condiciones mínima de lo hogar.* É assim que Guarema define: não há diferença efetiva em ser explorado pela estatal PDVSA ou pela indústria privada. Portanto, as dificuldades dos baixos salários do setor privado também serão realidade na PDVSA, que não vai proporcionar um piso mínimo, para um mínimo de dignidade a seu trabalhador, o que irá empurrá-lo a fazer horas extras na tentativa, em um primeiro momento, de resolver sua situação para ter o básico em casa. Vejamos como Guarema coloca esta questão:

Lo mínimo, bueno hacer mercado y hacer mercado, que se usted. una vez va a la playa o a un restaurante de vez en cuando, sabe una sola vez al mes, no se es como. Ahorita con la cuestión de la inflación y la desvaluación de la moneda el sueldo de un trabajador de la PDVSA no alcanza para esa, esos gastos extras, con sabe, gasto normales, pues puede ser con recreación, ir al cine con la familia, ir a un buen restaurante así como los gerentes, no alcanza para eso.

Bueno sí, afecta porque los trabajadores hacer más horas de trabajo este, se desgasta en su salud, y en su vida familiar, ya no comparte con su familia la misma carga de las horas de trabajo. Entonces tiene que compensar esa relación entre familia y hogar, saber como decimos aquí en Venezuela la

*cabeza de la familia. Eso va afectando este físicamente y mentalmente el trabajador*³⁷.

A realidade se configura desta forma ao trabalhador da empresa, ele deixa de ter condições de lazer. Uma simples praia, para quem mora na cidade litorânea, passa a ser uma casualidade, ou mesmo outra atividade com os filhos e família no máximo uma vez ao mês. E como ele coloca, a relação entre trabalhador e companheira vai se desgastando, há diversas cobranças, ao mesmo tempo em que ele cada vez mais se ausenta de casa com suas horas-extras para manter o mínimo em casa. Além da má convivência que vai se criando, começam a surgir doenças, pois são mais horas expostos aos produtos nocivos da indústria petrolífera, maior desgaste físico e emocional. Isto somado à pressão a que estão sendo expostos pelo aumento da produção a cada mês ou pelos equipamentos que não recebem a manutenção devida indicada nos manuais. O resultado de tudo é que estamos vendo uma PDVSA menos segura para seu trabalhador, e com uma exploração que aumenta a cada dia. A propósito, conforme mesmo observa Guarema, a cada vez que o governo assina mais acordos de novas vendas de petróleo, é um maior fornecimento que a empresa está obrigada a cumprir, contudo não se pergunta a estes trabalhadores sobre os novos “desafios da produção”. Tudo recai sobre eles sob a forma de uma exigência de um máximo de rendimento.

E qual a resposta coletiva que os trabalhadores tem dado a tudo isso? Se inicialmente a luta foi para entrar no emprego, agora a luta é por melhores condições de trabalho e salários. Nesse sentido, dentro dos limites desta nova fase de luta, Guarema nos oferece uma opinião sobre a situação:

*Bueno ahorita los trabajadores petroleros se encuentran en una coyuntura muy importante, porque todavía ahí esa presión psicológica sobre el trabajador petrolero, bueno en algunos sectores no en todos, que de la cuestión de la perdida del empleo porque se cohiben de manifestar sus ideas o de reclamar sus reivindicaciones con las medidas de represión que puede tomar el gobierno en contra de ellos destituyendo. Ahí ese temor ahorita en sector petrolero, con los trabajadores petroleros. E que el gobierno tiene una ofensiva contra los trabajadores*³⁸.

³⁷ IDEM.

³⁸ IDEM.

A questão é que os trabalhadores, no final de 2008, se encontravam com muita dificuldade para colocar suas demandas para apreciação junto à direção da PDVSA, pelas pressões de demissões e a própria insegurança dos trabalhadores em se colocarem mais a frente neste processo de luta. Acrescentado a isto, os antigos burocratas sindicais de Ação Democrática e Partido Social Cristão são substituídos por novos burocratas chavistas, que tentam fazer negociações salariais por fora da categoria, acusando os que são contra esta atitude de golpistas, que não querem ajudar a empresa e o país. Ou seja, é por esse processo que passam os trabalhadores quando, neste momento, se ouve ou se vê a frase: *PDVSA ahora es del pueblo*.

2 - PDVSA, O PAÍS E AS POLÍTICAS EM ANDAMENTO

Para avançarmos um pouco mais nesta tentativa de perceber o que é a empresa, vejamos a partir de agora outros enfoques de administradores, governo e críticos que discutem ou formulam políticas para o país e a empresa, ou tentam interpretá-las.

Moreno León³⁹, dentro da concepção liberal, faz um exaustivo estudo para entender e explicar as raízes do atraso e miserabilidade do povo venezuelano e sua relação com o papel da produção petrolífera e a PDVSA, naquilo que considera o maior mal do país, a questão do *rentismo petrolero*.

O debate de Moreno León esta embasado no teórico Arturo Uslar Pietto. Usa as noções de *capital social e capital estrutural* para explicar sua tese de como a nação, com enormes riquezas minerais, vai se empobrecendo cada vez mais, o que justifica as mazelas e contrastes sociais vividos no país. O autor destaca que desde os primórdios, há uma débil herança cultural; o indígena caribenho não incorporou quase nada de valores que agregasse o sentido de riqueza e acumulação, e mesmo de organização mais estruturada com o uso do caráter associativo dos povos para empreendimentos mais elevados. Como exemplo contrário, cita os índios mexicanos e peruanos que introjetaram valores, cultura e esforço organizativo com as obras que empreenderam nos

³⁹ LEÓN, José Ignacio Moreno. *El capital social: nueva visión del desarrollo, Venezuela de primera: del rentismo a la sociedad productiva y solidaria*. Universidad Metropolitania. Centro de Estudios Latino Americanos. Editorial Texto C. A. 2004. Este autor tem mais de dez títulos publicados, é professor da UCV, foi ministro por mais de duas vezes, ex-embaixador venezuelano no Canadá, além de diretor de instituições importantes como o Banco Central Venezuelano.

seus processos urbanos de vida. Destaca que mesmo que o indígena não tenha contribuído com praticamente nada para erguer a sociedade venezuelana, não se pode ter preconceitos em relação a estes povos, eram o que eram. A respeito do elemento negro, avalia que este trabalhava como castigo, não estabelecia um vínculo entre trabalho e riqueza. Neste sentido, para Moreno León, o caráter destes dois setores era anárquico, individualista e sem estímulo associativo. O *Laissez faire* era também individualista, porém não anárquico e sim associativo.

O espanhol, ao ver de Moreno León, também não se deu ao trabalho de ser associativo aqui, mas, sempre que pode, viveu da renda do que conseguia minerar e explorar de uma maneira geral na colônia, ou seja, a riqueza não estava associada ao trabalho. Agregando-se a isto, houve o que chama de *Realismo mágico*, que era a crença popular em uma força sobrenatural para ajudar a sair da miséria em que se encontrava, ou seja, uma falta de racionalismo. Desse modo, para o autor, as raízes do *rentismo*, da cultura parasitária estavam lançadas e com isso dificilmente um processo produtivo sério poderia se desenvolver no país:

*Ya que, con notables excepciones, los grupos económicos nacionales se han desarrollado en la Venezuela petrolera bajo la sombra del rentismo y del proteccionismo estatal, que por una parte se ha expresado en la forma de subsidios y otras prebendas oficiales y contratos con el Estado pero, por otra, se ha manifestado en la permisería burocrática, con sus vicios de entrabamiento y corrupción, todo lo cual ha conspirado contra las posibilidades de desarrollar una economía nacional eficiente y competitiva.*⁴⁰

Em uma linguagem marxista, poderíamos concluir que se criou uma *burguesia lumpen*⁴¹ na Venezuela, que, além da cotidiana expropriação da mais-valia, tem no

⁴⁰ *Idem.* p. 245.

⁴¹ FRANK, André Gunter. *Lumpenburguesía: lumpendesarrollo, dependencia, clase y política en latinoamerica*. Ediciones prensa latinoamericana S. A. Chile: 1970. Frank foi professor da Universidade do Chile nos anos de 1960 e parte de 70. Cunhou o termo lumpenburguesia ao qual nos reportamos. Não concordando com a visão de que na América houvesse uma burguesia nacional progressista e que havíamos passado por modelo feudal. Assim em seu trabalho o autor vai sustentar três teses para compreender a América Latina, seus governos e o processo histórico. I tese, com a conquista ibérica ocorreu a subordinação e dependência econômica colonial e neocolonial à matriz capitalista. II, subordinou-se a estrutura de classe e de cultura. III, deste estado geral a burguesia nacional desenvolveu um projeto de desenvolvimento dos países subordinados ainda mais aos elementos anteriores o que denomina-se de lumpenburguesia. Para a Venezuela o autor vê o projeto mais acentuado com a exploração do petróleo desde o início do século XX, assim a burguesia venezuelana vai ser mais leviana com o desenvolvimento de seu próprio país, não desenvolvendo um parque industrial ou relações modernas, mas parasitando diretamente o estado.

Estado um modo ainda menos oneroso de manter seus capitais mediante a *tendência da queda da taxa de lucro*⁴². Talvez seja um destes motivos de, na Venezuela, se produzir uma burguesia mais asquerosa que em outros países da América Latina, por não estar necessariamente ligada à produção, estar mais longe do povo e aí ter pavor quando o povo se organiza e participa. Ressalta-se a produção petrolífera alta, porque os demais setores econômicos do país são muito débeis, por exemplo, mesmo a economia venezuelana sendo a quarta da América Latina, atrás do Brasil, México e Argentina, o país importa 70% do que consome, desde frango do Brasil até os produtos de maior tecnologia e valores agregados como as maquinarias. Voltando a Moreno León, a situação se resolveria se a sociedade venezuelana conseguisse eliminar os setores que paralisam o Estado, para isto, deveria paulatinamente aplicar menos na produção petrolífera, diversificando a economia. Ele constrói um quadro comparativo entre a Venezuela e o Estado do Texas, nos Estados Unidos, que possui uma capacidade produtiva de petróleo bem próxima à venezuelana. Vejamos o exemplo reproduzindo o quadro 13 de sua análise:

MODELO RENTISTA *VERSUS* MODELO DE MERCADO

Indicadores	Venezuela	Texas
PIB / PC US\$	3.000	28.000
Petróleo / % PIB	24	5
Propriedade de petróleo	Monopólio Estatal	Privada
Regime econômico	Estadista, rentista e populista	De mercado

Ao fazer a comparação, Moreno León discute que a renda per capita do Texas chega a ser quase 8 vezes superior à venezuelana, e ao mesmo tempo a região diversifica a economia a tal ponto de depender do petróleo somente 5%, ao passo que na Venezuela é 24%, com uma capacidade produtiva de 2,8 milhões de barris de petróleo por dia. Como um liberal, sem dúvida, mostra a economia de mercado como muito mais eficiente que o desarranjo estrutural venezuelano. Partindo desta análise, o autor

⁴² Marx, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Coleção *Os Economistas*. São Paulo: Victor Civita: Livro III, tomo IV. 1984. Karl Marx explica que uma contradição permanente que o capitalista vive é que, a cada momento que se produz uma mercadoria, o lucro obtido nela será menor que o lucro anterior, devido à concorrência entre os capitalistas e as inovações paulatinas. Assim, os capitalistas para se manterem no mercado de mercadorias devem aumentar a taxa de exploração. Na Venezuela, além da burguesia realizar este passo, busca permanentemente no Estado este outro auxílio.

vislumbra, como política para sair desta situação, que o Estado deveria criar condições de desenvolver o *capital social* e o *capital estrutural*. Por *capital social* ele entende a capacidade das pessoas de se educarem em uma escola de qualidade, desde a infância até a universidade, desenvolverem pesquisas, fomentarem elementos sociais e culturais que possibilitem os vínculos associativos, terem uma visão racional do mundo, que possibilitem em termos gerais o crescimento dos Índices de Desenvolvimento Humano. O *capital estrutural* diz respeito à entrada do Estado na construção de toda a infraestrutura que permitiria estes espaços que seriam ocupados pelas pessoas durante sua fase de desenvolvimento cognitivo e social, formando um novo indivíduo. Em um quadro deste, a economia se diversificaria, seriam gerados empregos e novos empreendimentos, afastados os setores que vivem de parasitar o Estado, deixando de ter subsídios ou financiamentos a preços módicos. Aí a renda do petróleo seria mais bem destinada para o desenvolvimento social geral da sociedade venezuelana. Moreno León somente não tem consciência de uma coisa: de que a sociedade está dividida em classes e que seus interesses são antagônicos.

Para perceber um pouco mais como este problema real do *rentismo* venezuelano sangra a economia, e a classe trabalhadora em específico, usando a PDVSA como instrumento, veja um outro exemplo, o de César Neto⁴³, um sindicalista e militante político, com uma aguda percepção do país e da realidade em que vivem os trabalhadores venezuelanos. Ele, em 2007, andava intrigado com os títulos das dívidas públicas de outros países como Argentina, compradas pelo Governo Chávez, e negociados com os banqueiros venezuelanos. Para o governo Chávez, comprar títulos destas dívidas era motivo de orgulho, anunciada nos informativos oficiais da PDVSA: *El presidente venezolano también está gastando miles de millones en el resto de América Latina, intercambiando contratos por buques cisterna llenos de crudo y proyectos de infraestructura, y comprando las deudas de Argentina y Brasil*⁴⁴.

Que motivos levavam este Governo, do socialismo do século XXI, entrar neste tipo de atividade? César Neto percebeu neste tipo de transação um intrincado sistema em que legalmente o Governo Chávez ajudava a mandar dinheiro ilegalmente para fora do país à custa da renda petroleira. Vejamos os passos no esquema desenhado por Neto:

⁴³ César Neto é técnico de segurança do trabalho, trabalhou nas principais indústrias automotivas do Brasil até os anos 90 quando se aposentou. Atualmente é integrante do Instituto Latino Americano de Estudos Sócio Econômico – ILAESE -, que oferece formação sindical e política a sindicatos brasileiros e esporadicamente à América Latina.

⁴⁴ *CORPORATIVO*. Avances de la nueva PDVSA. Año II nº. 13 mayo de 2006. p. 08.

- 1 – Argentina emite papéis em forma de dívida externa;
- 2 – Vende à Venezuela em Dólares;
- 3 – Chávez compra os papéis e vende aos bancos venezuelanos que pagam em Bolívar;
- 4 – Os bancos vendem estes títulos nos EUA, Europa ou Japão, e os mesmos estão em moeda estrangeira;
- 5 – Compradores pagam em uma conta no exterior, desta maneira se tem uma remessa ilegal de divisas;
- 6 – Agora os banqueiros possuem dólares no estrangeiro e podem vendê-los no mercado local em câmbio negro;
- 7 – Neste ciclo uma parte da renda petrolífera é legalmente repassada aos banqueiros.

Assim se esfumaça uma parte dos rendimentos da produção petrolífera da PDVSA. Vejamos que o governo comprou outros tantos lotes de papéis da dívida externa da Bolívia e também do Equador para ajudar os ditos governos de esquerda destes países. No caso dos banqueiros venezuelanos, isto é apenas uma modalidade, pois o governo mantém subsídios permanentes a estes setores, em parceria com o setor industrial ou importador, seja com isenções de impostos, perdões e outros. O caso mais recente foi o lançamento do Projeto *Reimpulso Productivo, la Inversión es Venezuela*, realizado no dia 11 de junho de 2008, no Hotel Alba, em Caracas, televisionado ao vivo pela TV estatal, onde estiveram cerca de 500 convidados do mais alto escalão burguês do país: FEDAGRO, FEDEINDUSTRIA, COFAGAN, CAVIDEA, empresa Polar, bancos BANESCO, etc. No Programa do governo, criou-se o *Fundo de Fomento da Produção Privada*, com um milhão de dólares para os setores de alimentos, manufaturas e matérias primas; *Plano Colheita Segura* com 76 milhões de bolívares fuertes; o *Plano Dívida Zero*, com o perdão aos produtores agrícolas de dívidas somadas em 246,7 milhões de *bolívares fuertes*⁴⁵. Há uma grande quantidade de outros projetos estabelecidos na mesma noite.

Percebe-se agora com maior clareza o que é *rentismo*, é a transferência pura e simples dos recursos da PDVSA. Não vamos esquecer que a maior renda do Estado é a

⁴⁵ Em 2007, o governo Chávez realiza uma reestruturação da moeda venezuelana, cortando 3 zeros de seu valor. A moeda se chamava Bolívar, e passa a se chamar Bolívar Fuerte.

extração⁴⁶ do petróleo, que passa para os setores mais ricos do país. São milhões e milhões de dólares a cada ano injetados nestes parasitas, segundo o cálculo corroborado por Moreno Leon. Nos últimos 30 anos (1975-2005), os governos tiveram uma renda petroleira equivalente de 10 a 15 planos Marshall, responsável pela reconstrução da Europa pós II Guerra. Portanto, não estamos falando de quantias irrisórias, mas do grosso da produção de petróleo. Sobram somente as migalhas para os programas sociais, para a empresa se mostrar com uma cara social (veremos isto mais adiante) e pagar um mísero salário a maior parte de seus trabalhadores. Assim, não se trata de uma briga de cães pequenos e controlar a PDVSA é a chave de todo sucesso da manutenção do modelo, quem a controla tem a torneira dos recursos. E por isto, ao mesmo tempo e cada vez mais, a empresa tem de ser maior, exportar mais do que o fez no ano passado, ir se internacionalizando, pois efetivamente ela sustenta uma refinada burguesia que vive com o dilema *da tendência da queda da taxa de lucro*. E a empresa, indubitavelmente, deve cumprir com o papel que a ela está destinado.

Partindo para a visão de um dos principais diretores da PDVSA nestes últimos 10 anos, vejamos como o governo federal, na figura de Alí Rodríguez Araque, que foi presidente da empresa em seu período mais conturbado, nos sucessivos intentos de golpe sobre o governo Chávez em 2002, apresenta os interesses da PDVSA:

*En el escenario petrolero internacional concurren tres grandes actores: el propietario del recurso, el inversionista y el consumidor. Todos ellos con derechos legítimos: el primero, a reclamar una contribución patrimonial por el acceso a su recurso natural; el segundo, a obtener una ganancia por su capital invertido en la búsqueda y extracción y el tercero, a garantizar su abastecimiento a un precio razonable, es decir, que le sea accesible. Naturalmente, el primero tenderá a obtener la más alta remuneración, el segundo, a la más alta ganancia, y el tercero, al precio más bajo. El punto de partida es reconocer tales derechos a cada uno, sin que sea legítimo negar el de ninguno de ellos.*⁴⁷

⁴⁶ LANDER, Luis E. (Editor). *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003. p. 11. A participação do petróleo no PIB chega a quase um terço, as exportações petroleiras alcançaram 81,2% em 2000 e 76,5% em 2001 do total das exportações venezuelanas. Luis Lander é sociólogo professor da Universidade Central de Caracas e integrante do Conselho Mundial do FSM – Fórum Social Mundial -. Ele representa na intelectualidade venezuelana aproximadamente o que os irmãos Sader representam no pensamento crítico brasileiro.

⁴⁷ ARAQUE, Alí Rodríguez. La reforma petrolera de 2001. In: *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003. p. 41.

A visão do governo, expressa na fala de Araque sobre o processo produtivo da empresa e da produção petrolífera em geral, é aquela segundo a qual o trabalhador não é lembrado. Os três grandes atores são: o dono do subsolo, ou seja, o Estado, o investidor e o consumidor. Sem dúvida que se parte de uma visão liberal como modo de conceber a empresa e dizer que o direito dos três deve ser garantido. É perceber o investidor como aliado, e quem é ele? São os grupos dos monopólios e o sistema financeiro. Aqui o trabalhador, responsável por todo este esforço humano histórico, é custo de produção. A capacidade do sistema capitalista coisificar o homem é surpreendente, não é à toa que as condições de trabalho e o salário na PDVSA têm se deteriorado, são alarmantes os casos de contaminação tóxica, as doenças ocupacionais. E os problemas da exploração do petróleo não se localizam somente no trabalhador, embora ele sofra diretamente os efeitos colaterais, mas é uma contaminação assustadora de populações inteiras que vivem nos arredores da exploração e do refino. São casos de deformação genética, e uma infinidade de problemas de má formação dos fetos, que, quando crianças nascidas, não são reconhecidas pelo Estado como problemas advindos desta indústria e as famílias miseráveis tem de arcar com mais este ônus e sofrimento⁴⁸. O caso de contaminação do maior lago do país, o Lago de Maracaibo, que sustentava milhares de famílias que viviam da sua produção pesqueira e da agricultura em suas bordas, hoje é um lago sem peixes, cheio de tubos contaminados deixados em seu fundo pelas empresas “investidoras”, que após sugar o ouro negro, deixam a sucata. Segundo o atual (2008) Ministro do Ministério de Energía y Petróleo e presidente da PDVSA, Rafael Ramírez Carreño, “*No solamente las empresas contaminaron el lago sino que en el fondo lacustre se estima que hay 45 mil kilómetros de tubería inservibles*”⁴⁹

A quantidade de vilas e povoados que são abandonados após a exploração, deixando as famílias no mais completo abandono, vivendo em locais desertos, parecidos a filmes de ficção em que ocorre uma contaminação radioativa, também é uma realidade da população venezuelana. Onde está o Estado, onde está a PDVSA, qual o programa para estes problemas?

Efetivamente o que se tem visto neste processo é uma luta de gigantes para ver quem controla a empresa e quem pode parasitar mais. Em meio a isto, encontra-se o

⁴⁸ É muito oportuno assistir ao filme documentário *Nuestro petroleo y otros cuentos*, do autor Edizioni Gattacicova, que pode ser encontrado na página www.soberania.org. Neste trabalho se visualizam todos estes problemas a que estamos nos referindo, mostrando-os em sua realidade, talvez não totalmente dimensionados na leitura quando nos aludimos a eles.

⁴⁹ *DISCURSOS*, Serie. El petróleo es la plataforma de la soberanía de Venezuela. Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. Caracas, Venezuela. N° 4, janeiro de 2006. p.18.

trabalhador, ou o pretense trabalhador, que vai dia a dia tentar encontrar um cupom de emprego, o estudante que faz um curso técnico para encontrar uma vaga qualificada e garantida, contando o sonho à namorada, pensando que o casamento está próximo, que irá ser contratado e vão poder ter uma vida melhor. Uma pergunta interessante a ser feita: até que ponto trabalhadores e populares vão suportar tudo isto? De fato vem suportando, não de forma passiva, mas aguerrida, tanto é que enfrentaram a elite venezuelana e os setores parasitas do estado localizados na Fedecámaras, CTV, Igreja e Forças Armadas em pelo menos três tentativas de golpe sobre o governo Chávez que acreditam ser seu.

E quando se observa a posição de Ali Rodrigues Araque, não se trata de um mau entendimento, uma expressão ou palavra involuntariamente dita, é um programa de governo, é o reconhecimento efetivo de que embora os três atores possuam interesses contraditórios, estes *interesses não são necessariamente irreconciliáveis*. Isto dentro da política petroleira significou e significa muito. Vejamos a partir da *Abertura Petroleira*, uma política que abre as portas ao capital internacional na exploração de petróleo com novas facilidades⁵⁰. Se formos fazer um breve histórico, e há esta necessidade, a legislação petroleira, quando é para a defesa dos interesses da maioria, vem sendo construída sob uma luta de sangue da classe trabalhadora e da população pobre em geral, no sentido de impor limites às multinacionais e ao seu afã de lucro. Não é difícil recordar a luta dos operários petroleiros no início do século XX, culminando na histórica greve de 1936-37, que reivindicava, além de melhores salários e condições de trabalho, maiores tributos para explorar o petróleo e apontava quem eram os inimigos externos.

Observando Lander⁵¹, nos primórdios da exploração petrolífera na Venezuela, a primeira lei mais séria, que o governo venezuelano cria para legislar o problema da exploração petrolífera, se dá em 1918, com o *Decreto Reglamentario del Carbón, Petróleo y Sustancias Similares*, que cria a Reserva Nacional. Porém, mesmo com outros elementos agregados, até 1943 não haverá respeito às reservas do Estado, embora a Venezuela estivesse sob o marco do código napoleônico, segundo o qual as riquezas

⁵⁰ A Abertura Petroleira inicia de fato no II governo de Carlos Andrés Pérez – CAP – 1989 – 1993, com os acordos conhecidos como *Contratos de Servicios Operativos*. Contudo, devido à debilidade deste governo que inicia seu mandato com uma insurreição popular o Caracazo de 1989, não se consegue aprofundar esta abertura petroleira da forma que desejava a direção da PDVSA. O II governo de Rafael Caldera, 1994 – 1998, é que implementa efetivamente a abertura petroleira que significa a entrada do capital estrangeiro na exploração do petróleo que era estatal.

⁵¹ LANDER, Luis E. (Editor). *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003. pp.57-92.

do subsolo não são de indivíduos particulares, mas do Estado: a regra era o código anglo-saxônico, em que o indivíduo é dono⁵². Na Venezuela, até este período, eram as multinacionais que compravam o terreno e simplesmente eram donas do subsolo e pagavam míseros tributos. Em 1943, dentro de um quadro conjuntural anterior, de pressão popular, a exemplo da pauta reivindicatória da greve petroleira de 1936-37, que denunciava e cobrava, dentre outras coisas, uma maior participação do Estado nos lucros da exploração feita pelas multinacionais; da II Guerra Mundial; e da política de boa vizinhança de Roosevelt, aprova-se uma nova *Lei dos Hidrocarburos*, que de fato sedimenta o código napoleônico como eixo, nivela uma taxa de impostos a todas as concessões de 16,66% sobre o produto explorado. Este modelo, com poucas transformações, permanecerá até 1974.

Em 1975, vamos ter a nacionalização do petróleo, evidentemente com as indenizações, e em janeiro de 1976 é assinado o decreto de criação da PDVSA. Desta última data até 1989, o Estado venezuelano possuiu todo o controle da exploração de petróleo e outros derivados, ainda que houvesse as multinacionais em seu solo. A partir de 1989, com uma nova conjuntura política mundial e da América Latina, vamos ter a inserção da política neoliberal na Venezuela. Não é casual que neste mesmo ano aconteça o Caracazo. Esta política chamada de *Apertura Petrolera*, ou Abertura Petroleira, consistia basicamente em três linhas: *desregulamentar o monopólio da empresa; abrir as iniciativas ao capital externo sem limites e aumentar a produção em geral de todos os produtos*. Em muitos aspectos é o que o governo FHC fez depois de 1994 na Petrobrás brasileira⁵³, no entanto a PDVSA é a segunda maior empresa do mundo na área. Citemos alguns casos como exemplos destas mudanças a partir de 1989. O projeto *Cristóbol Colón de Gas Licuado*, que descobriu 4 enormes reservas de gás no Golfo de Paria, que deveriam ser explorados diretamente para o abastecimento norte americano: em 1996 o projeto foi adiado, pela sua enormidade, o que não quer dizer que

⁵² As bases teóricas para sustentar as posições e elaborações da legislação jurídica do país esteve disputada em duas concepções: a de orientação anglo saxônia previa ao individuo ser dono do subsolo caso já fosse dono da superfície do solo. O código napoleônico defendia a tese de que o indivíduo poderia ser dono unicamente da superfície do solo, o subsolo pertenceria em qualquer circunstancia ao Estado. Estas duas concepções estiveram em disputa. Na Venezuela venceu a posição do código napoleônico e assim desenvolveu a legislação do país.

⁵³ LUCENA, Carlos. *Tempos de destruição: educação, trabalho e indústria do petróleo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2004. Neste trabalho o autor analisa como o Presidente Fernando Henrique Cardoso consegue vencer a greve dos petroleiros em 1994, e programar uma desestruturação da Petrobrás, privatizando setores e indústrias da área, retirando juridicamente o monopólio do petróleo sob o controle do estado, e retirando direito dos trabalhadores. Em muitos pontos as medidas são semelhantes, pois insere estas empresas na internacionalização do petróleo.

deixe de ser executado. Um outro elemento da *Abertura Petroleira* foi a reativação dos poços marginais, que passam a ser explorados mediante o pagamento de um módico tributo. Nos contratos fica estabelecido que, a partir de então, caso ocorram desavenças entre o governo venezuelano e as multinacionais, os tribunais serão internacionais e não mais venezuelanos.

No entanto, com o novo governo Chávez efetivamente o projeto de *Abertura Petroleira* não é anulado, se dá outra dinâmica em relação a ele, uma vez que as empresas multinacionais não são mais inimigas da nação, são parceiras que devem ser respeitadas. De acordo com a exposição de Alí Rodríguez Araque, ex-presidente da PDVSA, no governo Chávez:

Hoy, nuevamente, Venezuela está llamada a jugar un rol destacado en un mundo donde las realidades han experimentado grandes cambios y donde aparecen nuevos retos para los países propietarios de hidrocarburos... Por ello, no solamente debemos fortalecer tanto cuanto se pueda a organizaciones como la OPEP, sino que debe irse más allá, al encuentro con otros productores fuera de la OPEP tomando en cuenta que tenemos intereses comunes que defender. Esto incluye hasta los productores norteamericanos aún más afectados por las crisis de precios y por las consecuencias que ellas acarrearán.

*La relación internacional planteada entre propietarios, inversionistas y consumidores cuenta hoy con un escenario de el Diálogo entre Productores y Consumidores que se realiza anualmente ... Será una oportunidad más para avanzar en la aproximación de los intereses que, como ya se expresó anteriormente, si bien muchas veces tienen una connotación contradictoria, no por ello son irreconciliables. Así parece ocurrir cuando la idea de adoptar una banda de precios a fin de buscar el objetivo común de estabilizar el mercado y los precios se va generalizando cada vez más.*⁵⁴

Aqui está a política petroleira pós abertura, já no governo Chávez. As multi norte americanas agora são parceiras e uma preocupação da política do governo é não deixar que a crise de preços afete a economia norte americana, ou seja, garante-se um petróleo a preços negociáveis para o mercado dos EUA. Dentro deste quadro, uma meta importante segue sendo aumentar a produção. Isto tem uma consequência muito real na vida do venezuelano: o desdobramento deste modelo de visão segue medidas práticas que se relacionam diretamente com a vida de cada pobre, de cada trabalhador ou desempregado. É uma política petroleira que vai diretamente contra os interesses e

⁵⁴ ARAQUE, Alí Rodríguez. La reforma petrolera de 2001. In: *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003. pp.53-4.

necessidades da grande maioria. É certo que a *Abertura Petroleira* não foi obra e criação do Governo Chávez, pois em 1989 Chávez estava dentro dos quartéis. Porém, depois que assumiu o poder através de eleições democrático-burguesas, em 1998, esse governo nada fez para barrar a *Abertura Petroleira*. Nas palavras de Lander, *el nuevo gobierno, si bien ha insistido en que los contratos y acuerdos contraídos por la República serán respetados, y hasta la fecha así ha sido, también ha anunciado que serán revisados en defensa de los intereses de la Nación*⁵⁵. O papel que Chávez tem jogado é de justamente aprofundar a política de *Abertura Petroleira* e não, em uma luta de correlação de forças, tentar reverter o projeto em favor de uma política que tenha a grande maioria da população como beneficiária da exploração dos hidrocarbonetos.

Dentro deste cenário, aprofundemos a compreensão do que significa a política de *Abertura Petroleira* iniciada no Governo Rafael Caldera e continuada por Chávez com outra roupagem, mas que garante os três objetivos elementares desta política, como citado: *desregulamentar o monopólio da empresa; abrir às iniciativas do capital externo sem limites e aumentar a produção em geral de todos os produtos*. Embora este novo governo, por meio dos ministros, opere a política de *Abertura*, Chávez afirma que a enterrou: *“Hoy hemos puesto punto final y cerrado un perverso ciclo. Hoy, por fin, hemos enterrado 10 años de un perverso proceso que llamaron apertura petrolera”*⁵⁶. Com um bom conselho que se há tornado histórico, devemos analisar uma pessoa pelo que *faz* e não pelo que *diz*. Em 18 e 19 de agosto de 2005, o Presidente Chávez e o Ministro Ramírez, no evento *“Planes Estratégicos de la Nueva PDVSA”*, lançaram oficialmente o Projeto *Siembra Petrolera*.

Hoy hacemos la presentación al país y al mundo del proyecto estratégico que nace y se genera en la Nueva PDVSA. Es un proyecto nacional en el que venimos avanzando desde hace ya varios años y en el cual el gobierno nacional, el país como un todo, está comprometido en cuerpo, nervio, alma y espíritu.

*El Plan Estratégico es 2005-2030, para los próximos 25 años, para que coincida con el Bicentenario Bolivariano y a su término podamos decirle al mundo No hemos arado en el mar, aquí está la patria salvada, reconstruida y en plena marcha, en un proceso irreversible para siempre jamás*⁵⁷.

⁵⁵ IDEM. p. 82.

⁵⁶ CORPORATIVO. Avances de la nueva PDVSA. Año III n°. 21 marzo-abril de 2007.p.04

⁵⁷ CORPORATIVO. Avances de la nueva PDVSA. Año I n°. 08 septiembre de 2005.p.04.

Este projeto *Siembra Petrolera* é o projeto mãe, dentro dele está toda a política petroleira para os próximos 25 anos, ou seja, até 2030. Esta política está basicamente dividida em 6 eixos e cada um com suas diretrizes. Vejamos o básico de cada um destes eixos e depois elegeremos alguns para compreender com mais profundidade o desdobramento de cada eixo e da política em geral

O projeto Eixo 1 - *Cuantificación y certificación de las reservas* - propõe-se a certificar, mediante estudos quantitativos, todas as reservas venezuelanas em órgãos mundiais. Para isto se leva um amplo trabalho científico de prospecção: como exemplo a área da Faixa do Orinoco, é de 55.314 km², e desta faltam 18 mil km² a serem certificados; em outras áreas de produção falta ser certificadas o equivalente a 25 mil km². Projeto Eixo 2 – *Orinoco* - vale do Rio Orinoco, o maior rio do país, o equivalente ao Rio Amazonas do Brasil, é o Orinoco para a Venezuela, se coloca para exploração petrolífera, incluindo parte do Rio *Apure*: nesta zona se dividem quatro grandes campos de exploração, o *Boyacá, Junín, Ayacucho e Carabobo*. Para efetivação deste enorme projeto, realizam-se parcerias com os setores privados. O projeto Eixo 3 - *Delta Caribe* - é um projeto de exploração de gás natural. Venezuela é o oitavo país em reservas deste produto no mundo, com uma confirmação de 150 trilhões de pés cúbicos de gás⁵⁸, o que equivale a 5% de todo continente, e há mais reservas a serem confirmadas. Este projeto, por sua vez, se subdivide em diversos outros: o CIGMA, localizado na Península de Paria, no estado de Sucre; a plataforma Deltana que se inicia com o projeto Rafael Urdaneta, na Península de Paraguaná, onde se encontra a maior refinaria do mundo. O projeto Eixo 4 - *Refinación* - consiste na melhoria das refinarias existentes no país e fora dele, na construção de mais três na Venezuela *El Toreño, Caripito e Cabruta*, e outras mais fora do país, como a atual parceria com o Brasil, na construção de uma em Pernambuco, no nordeste brasileiro. É o aumento da capacidade de refino de petróleo no mundo, com a participação da PDVSA. O Projeto Eixo 5 - de *Infraestructura* – trata-se de realizar grandes obras dentro e fora de Venezuela que ofereçam condições para o desenvolvimento destes planos. Assim, além da construção destas três novas refinarias no país, pretende-se construir enormes oleodutos, gasodutos, estradas, pontes, redes elétricas e usinas produtoras de energia etc. O último Projeto Eixo 6 - *La Integración Regional* – constitui-se na criação de infra-estrutura e estruturas, a PETROSUR com Argentina e Brasil, a PETROCARIBE para os países insulares, e a

⁵⁸ *DISCURSOS*, Serie. El petróleo es la plataforma de la soberanía de Venezuela. Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. Caracas, Venezuela. N° 4, janeiro de 2006. p.06.

CENTROAMÉRICANA com os países do Panamá até o México, todas empresas ligadas à produção e exportação de produtos petrolíferos.

Uma vez visto os 6 eixos que demandam este projeto mãe que é *Siembra Petrolera*, vamos adentrar em alguns deles, e destacar um destes subprojetos para ter uma melhor dimensão do que está sendo configurado. Assim dentro do eixo *Delta Caribe*, vamos abordar o projeto CIGMA – *Complejo Industrial Gran Mariscal Ayacucho*. Trata-se de um gasoduto que sairá da Península de Paria, especificamente na região de Guiria, no estado de Sucre, no oriente do país, rica região de reservas de gás. É um projeto grande em conexão com outros setores:

El Complejo Industrial Gran Mariscal de Ayacucho albergará plantas de licuefacción, industrialización y petroquímica y facilitará el procesamiento de los crudos de la Faja Petrolífera del Orinoco. La inversión total será de 13.000 millones de dólares, de los cuales 2.300 millones de dólares se destinarán a los proyectos sociales para el estado Sucre, destacó el presidente⁵⁹.

A grande produção deste gás exigirá obras de infra-estrutura concomitantes com a abertura de outras no centro do país. Por exemplo, a região da Ciudad Guayana e de maneira geral o estado de Bolívar, será um pólo de obras de infra-estruturas, por ser uma região onde se entrecruzarão gasoduto e novas refinarias. O lançamento da pedra fundamental do projeto sucedeu em agosto de 2006. O projeto consiste na saída de um duto de gás desta região, passando por todo centro do país, chegando à cidade de Boa Vista-RR, primeira capital brasileira por onde entra o gás, chegando a Manaus-AM na primeira etapa da obra. A segunda etapa sai de Manaus, atravessa toda a Amazônia, chegando à cidade de Araguatins, no Estado de Tocantins, onde se bifurca: uma linha segue para Fortaleza e desce todo litoral brasileiro chegando ao Rio de Janeiro e São Paulo, o outro ramal desce no centro do país até Rio Preto, aonde se junta novamente com o ramal que chegou até São Paulo. Esperava-se que até 2012 se chegasse com o gasoduto em Fortaleza-CE.

Depois do sudeste, o duto vai à direção sul do Brasil, chegando à Argentina, Paraguai e Uruguai, em um total de 12.515 km de rede. Nas palavras de Chávez: “*Sin embargo será barato*” o preço deste gás oferecido por este projeto. Este gasoduto sul

⁵⁹ CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año II nº. 16 septiembre de 2006.p.03.

americano, na opinião dos críticos, vai servir mais à burguesia brasileira e ao Mercosul de matéria prima barata, começando pela indústria de Manaus, passando por todo nordeste e chegando a burguesia sulista.

Ao analisar o projeto, percebe-se a problemática embutida nele. Não o fato de se ser contra um processo industrial, porém os efeitos podem ser próximos aos que se observa com a exportação de gás da Bolívia ao mercado brasileiro. Este gás abastecia as indústrias a um quarto do preço do mercado internacional, isto à custa da miséria do povo boliviano. Enriquece a burguesia sulista, enquanto as famílias brasileiras, que necessitam de um botijão de gás, compram-no a preços exorbitantes. O problema do meio ambiente também não é menor, passando com este duto de gás por toda selva amazônica, em terras indígenas, áreas completamente alagadas, terras sem solidez para obras deste tipo⁶⁰.

O significado da *Abertura Petroleira* não é nada difícil de visualizar, dentro do que foi implantado a partir de Rafael Caldera ou em 1989. Neste projeto do gasoduto estão os três elementos apontados como seus objetivos: no primeiro deles, desregulamentação do monopólio da empresa, o próprio Chávez diz que neste projeto CIGMA há uma grande quantidade de investidores que estão interessados em participar. Para ele “*A este proyecto van a sobrar recursos*”. A questão de aumentar a produção e baixar os custos é efetiva no CIGMA. Não vemos como a classe trabalhadora venezuelana e a população, em geral, vão ganhar com este tipo de projeto, ainda que haja a geração de milhares de novos empregos, porém este não é o eixo principal para o governo.

Há ainda dentro do projeto o eixo *Delta Caribe* de exploração do gás, um outro tronco do projeto, o *Rafael Urdaneta*., no qual se inclui *a la construcción del Gasoducto Transcaribeño, tramo “Antonio Ricaurte”*⁶¹. O início da construção ocorreu em julho de 2006. A obra, nesta primeira fase, consta de 225 quilômetros, sendo 88 km em território colombiano e os restantes 137 na Venezuela, no Estado de Zúlia, que é uma região industrial da Venezuela. Este gás vindo da Colômbia vai abastecer esta zona por aproximadamente cinco anos de fornecimento, após o duto ser construído, uma vez

⁶⁰ Os exemplos dos dois projetos de gasodutos feitos na Amazônia brasileira, o Urucun-Porto Velho e Coari-Manaus, interferiram diretamente em 13 povos indígenas, afetaram a vida dos ribeirinhos por onde passou o duto, causando a poluição das águas a quem sobrevivia da pesca, atingindo até na coleta da castanha do Pará. No entanto, favoreceram a multinacional norte americana El Paso, que com a nova matéria prima, passou a controlar até 2003, cerca de 76% da produção de energia no estado do Amazonas. Neste sentido, provocar-se-ão problemas sérios atravessar com este gasoduto de Chávez e da burguesia sul americana por toda Amazônia brasileira, trata-se de um impacto ambiental não dimensionado.

⁶¹ *CORPORATIVO*. Avances de la nueva PDVSA. Año II n°. 11 Julio-Agosto de 2006. p. 03.

que as reservas colombianas são reduzidas. Depois deste período, a partir de 2011 será a Venezuela que mandará, por este mesmo duto, em direção à Colômbia, o gás então explorado no *Golfo de Venezuela e Falcón Noroeste*. Para isto a PDVSA já pesquisou e dividiu toda esta área marítima em 29 blocos de exploração, os quais vão ser leiloados às empresas privadas. No primeiro lote saiu ganhador a empresa Gazprom da Rússia, e a Chevron dos EUA, sendo que a empresa russa ficou com dois blocos no valor total de 40 milhões de dólares, e a norte americana ficou com um outro no valor de 5,6 milhões, para fazerem as respectivas explorações por um período de 30 anos. A negociação se deu após estas empresas comprarem da PDVSA um pacote de dados do projeto por 250.000 dólares. É papel da PDVSA fazer as pesquisas, conhecer o subsolo para negociar com a iniciativa privada.

Este projeto *Rafael Urdaneta*, em sua totalidade, é de dimensões semelhantes ao CIGMA que vai para América Latina. Sua primeira fase levará gás da Venezuela para Colômbia e Panamá. Neste último país, será construído um porto no Oceano Pacífico, para daí levar gás à Ásia, porém no projeto o tronco sobe Panamá acima, em uma segunda fase, chegando ao México e depois à Califórnia. Como bem lembra o ex-ministro Alí Rodríguez Araque, os Estados Unidos são nosso parceiro comercial. Nesta parceria está também convidado o Governo da Bolívia, para subir com um ramal de gás até a Colômbia e aí interligar com este, para ter mais oferta de gás nos mercados exteriores.

Dentro deste projeto mãe da PDVSA, que é *Siembra Petrolera*, buscamos mais um outro dentre aqueles 6 eixos para aprofundar a análise: *Refinación* é um destes. Na história venezuelana de produção de petróleo, um caso interessante começou a ocorrer a partir de 1982, com o governo de Luis Herrera Campíns, que foi a associação da PDVSA com empresas de outros países, em específico, nesta data, com a Alemanha. Nesta negociação, a PDVSA passa a ter participação em três refinarias daquele país. De lá até o desenvolvimento da política de *Abertura Petroleira*, inúmeras outras refinarias fora da Venezuela passaram a ser adquiridas pela PDVSA, seja totalmente ou em parte das ações, o que chegou a 23 refinarias segundo dados de 2005⁶². A grande quantidade destas se localiza nos Estados Unidos e Europa e em diversas destas refinarias não se processava nenhuma gota do petróleo venezuelano. Além disto, a PDVSA possui uma

⁶² Gerencia corporativa de Asuntos de Petróleos de Venezuela, S. A. *La Internacionalización: una costosa ilusión*. Caracas, Venezuela, jul. de 2005.

rede de postos de venda de combustíveis nos EUA, a CITGO que chega a quase 14.000 unidades de venda, com os menores preços do país ao cliente.

Esta política fazia parte de um projeto de internacionalização da PDVSA, um argumento defendido pelas administrações da empresa de que a estatal deveria estar em todos os ramos do negócio. Isto, em uma política de parceria com as multinacionais, pois em muitas destas refinarias, para não dizer todas, em um malabarismo contratual e contábil, praticamente nenhum centavo de lucro destes estabelecimentos poderiam ser remetidos à Venezuela. Com isso os grandes Cartéis petroleiros não somente exploravam o país de dentro, mas de fora também, uma vez que para instalação ou manutenção das refinarias se requer um alto investimento. Agora, neste novo projeto do Governo Chávez, vai se constituir o segundo arranque na construção de novas ou readequação de antigas refinarias. Na Venezuela serão construídas três novas refinarias com um custo estimado em 10,5 bilhões de dólares e, com parcerias, outras novas no Brasil, Argentina, Equador. Existem projetos para Bolívia, Panamá, Nicarágua, Síria e China e reformas nas de Cuba, Curacao e outras. Ao que se percebe, o Governo Chávez continua os antigos projetos da *Abertura Petroleira*, porém desta vez não são novas instalações nos EUA ou Europa, até mesmo porque estes países não querem esta indústria poluente em suas casas. Assim, usando um discurso de integração entre os povos latinos, o que poderia ser uma política positiva, se esconde um financiamento via PDVSA para uma obra de forte envergadura, uma vez que as grandes multinacionais estão correndo desta tarefa, sabem que o petróleo está por esgotar em um prazo de 20 a 40 anos e não vão investir seus capitais para virarem sucata.

Neste âmbito entra a contribuição destes governos oferecendo esta infraestrutura. Pablo Hernandez, um ferrenho crítico destas políticas de Chávez e um estudioso da questão petrolífera nacional e internacional, argumenta que “*Mientras la AIE les recomienda a las grandes compañías petroleras no invertir en exploraciones, el FMI exige que las inversiones en exploración y refinerías las realicen los países de la OPEP*”⁶³. Ou seja, os países pobres, ou os países não participantes do G8 estão destinados pela Agência Internacional de Energia – AIE - a fazerem estes gastos, e

⁶³ HERNÁNDEZ, Pablo. *El verdadero golpe de PDVSA*. Imprenta Internacional. Maracaibo, Venezuela, julio de 2006. p. 63 Pablo Hernandez é professor da *Universidad de Yacambu*, Barquicimeto capital do Estado de Lara. Para quem se interessa em questões da PDVSA ou do petróleo, Pablo H. tem outros trabalhos e artigos publicados na página: www.soberania.org, Indicamos os artigos *Empresas Mixtas, privatización final de PDVSA* (I), (II) e (III).

como há uma pressão por maior consumo de petróleo em todo mundo, sem novas refinarias, e melhorias das atuais, não se consegue suprir a demanda.

Um outro projeto dentro da *Siembra Petrolera* é o *Orinoco*, que, assim como o das plataformas de gás, traz em seu centro o processo de constituição de Empresas Mistas, para exploração destas áreas. O modelo de empresas mistas veio a partir do governo Chávez, por meio do Ministério do Poder Popular para Energia y Petróleo, sendo efetivado pela PDVSA. Tal projeto foi aprovado pela *Asamblea Nacional de la República Bolivariana de Venezuela* em 30 de março de 2006 e se apóia na *Ley Orgánica de Hidrocarburos* de 01 de janeiro de 2002. Com este projeto, as empresas, em sua maioria as multinacionais que faziam exploração de petróleo, gás ou outro mineral, pagavam ao Estado venezuelano impostos de exploração estabelecidos em tais contratos, para tanto estas empresas faziam a pesquisa de prospecção e em seguida negociavam com os governos os termos do contrato. Agora, com a Empresa Mista, o governo entra como sócio majoritário da nova empresa, com no mínimo 51%, das ações, e implementa uma parceria entre o setor estatal e o capital privado. Este modelo passou a funcionar em 2006, com a adesão das primeiras empresas:

Sin embargo, la mayoría abrumadora de las empresas privadas que participaron en los convenios operativos aceptaron migrar hacia el modelo de Empresas Mixtas, signo inequívoco de la acertada iniciativa emprendida por el Estado y del vigoroso potencial petrolero de Venezuela, ahora bajo una nueva estrategia y visión de país, donde buena parte de los recursos derivados de la principal riqueza benefician a la población⁶⁴.

Como se percebe, as empresas multinacionais se interessaram muito pelo novo projeto e aceitaram, sem relutância, esta nova modelagem. Dos 32 primeiros convênios oferecido pelo governo, 30 foram aceitos de imediato. Nesta nova concepção contratual de Empresas Mistas, a PDVSA faz a política de orientação e regulamentações, no entanto é a estatal *Corporación Venezolana de Petróleo – CVP* – que se responsabiliza pelo projeto por parte do governo. Neste sentido atua como uma *holding* e ao mesmo tempo tem poderes legais, que abarcam grandes responsabilidades, para oferecer condições viáveis à concretização deste novo modelo:

⁶⁴ CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año I nº.1 abril de 2006. p.03-09. Esta primeira edição se dedica a explicação deste processo de Empresa Mixtas.

También ha correspondido a CVP el financiamiento a través de Fideicomiso constituido con el Banco de Desarrollo Económico y social (BANDES) y el Banco del Tesouro, de obras de servicios destinados al desarrollo de infraestructura, vialidad, actividad agrícola, cooperativismo, salud, educación de la población, Empresas de Productos Social y cualquiera otra inversión productiva⁶⁵.

Portanto, o Estado, via seu banco de desenvolvimento social, estabelece as condições para que os projetos fossem viáveis, mediante o controle da CVP. O governo oferece ao mesmo tempo diversos argumentos positivos ao projeto, tais como: incremento de ingresso fiscal de 34% a 50%; incorporação de novos tipos de impostos, como o de desenvolvimento sustentável de 1% do ingresso bruto, para ciência e tecnologia 2% do ingresso bruto; incremento da produção de petróleo em 20 Mil Barris por Dia já em 2006, e de 102 MBD até 2012; são empresas autônomas que declaram seus rendimentos aos acionistas e tem que pagar todos os impostos regidos pelas leis venezuelanas; a Venezuela economiza 31 milhões de dólares nesta nova modalidade, dinheiro para ser aplicado no bem estar dos venezuelanos. Há outros benefícios que o Governo defende como positivos e convida os empresários nacionais e internacionais a *“trabajar y a sacar buen petróleo y todos saldremos ganando, porque nadie va a perder aqui”*⁶⁶.

Uma explicação legal que o Governo Chávez usa para defender esta nova modalidade de contratos é que tudo está de acordo com o artigo 12 da nova Constituição Bolivariana aprovada pela Assembléia Nacional 20-12-1999, e que o projeto de Empresas Mistas foi aprovado na Assembléia Nacional. Em seu entendimento, todos passos legais e democráticos. Ao mesmo tempo critica a anterior lei de *Apertura Petrolera* (que diz ter enterrado) que era uma filha da legislação de 1973, que nem havia passado pelo Congresso Nacional. Acrescenta ainda que, na transferência dos antigos acordos para este de Empresa Mista, os trabalhadores das antigas empresas foram incorporados na base da PDVSA, não havendo prejuízo a estes funcionários.

Em uma observação mais rigorosa da questão das Empresas Mistas, e evidentemente vendo outros materiais para confrontar com os do governo, vem à tona

⁶⁵ IDEM, p.04.

⁶⁶ CORPORATIVO. Avances de la nueva PDVSA. Año I n.º 9 marzo de 2006. p. 02.

uma grande quantidade de problemas, alguns detectados na propaganda do próprio Governo. Pablo Hernandez mostra como este projeto *Siembra Petrolera* é uma continuação do projeto neoliberal de *Abertura Petroleira*, que Chávez está executando com outra roupagem. No caso da Empresa Mista, destaca que os contratos são feitos sob uma ótica de “abastecimento seguro”, o que os coloca sob uma intervenção de tribunais internacionais, em caso de demandas, e de intervenções militares caso os tribunais civis não resolvam. A assinatura destes acordos são muito lesivos ao país, pois a exploração do petróleo é por 20 anos, o gás por 30 anos, e o carvão até 100 anos. Neste contexto são levadas as riquezas minerais do país.

As empresas petroleiras, em geral, tem seus valores de ações cotizados nas bolsas mediante a quantidade comprovada de reservas que possuem, ou seja, seu valor está naquilo que tem embaixo da terra, o que está por cima não passa de sucata. Ocorre que, nestes últimos anos, estas multinacionais estão pressionando os órgãos oficiais, como a *Oficina Fiscal Norte Americana*, responsável pelos dados oficiais das reservas petrolíferas, para que mudem seus parâmetros de aferir reservas, uma vez que as multi estão perdendo em termos de cotizações nas bolsas. A saída encontrada foi pressionar os países da OPEP a firmarem Empresas Mistas com as multinacionais e encontraram este espaço na Venezuela. Afinal, embora estes novos contratos com o governo Chávez não digam que estas multi sejam donas das reservas, são lhes oferecidos direitos de exploração, no caso do petróleo, por 20 anos e ainda renováveis. Destarte, se resolve o problema destas grandes exploradoras, uma vez que entram em uma reserva comprovada, a porcentagem que lhes toca no acordo contratual significa efetivamente a mesma porcentagem da reserva, o que mantém as cotizações de suas empresas e, evidentemente, continuam a produção diária em reservas que aparentemente seriam do Estado, que não as controla sob este prisma, à medida que as abre ao capital privado.

Outro elemento muito interessante é que todos os acordos antigos de exploração petroleira antes de Chávez já estavam próximos de vencer, entre 7 e 11 anos para a maioria. Qual seria uma saída legal para Chávez se não quisesse enfrentamentos com o imperialismo e ao mesmo tempo assumir as reservas nacionais?

¿Qué era lo que debía hacerse? Sencillamente bastaba someter los convenios a las nuevas reglas jurídicas y fiscales y luego dejarlos expirar, se aumentaba a la participación estatal, se reducían los costos, se conservaba la propiedad y

*sobre todo no había necesidad de indemnizar por más de 4500 MM de \$ las compañías por todo el saqueo que han hecho desde 1992*⁶⁷.

Chávez, com este projeto *Siembra Petrolera*, e todos os eixos em que se desdobra o mesmo, comete uma traição histórica à classe trabalhadora, e à população pobre deste país. Ele estava com as cartas nas mãos para se ver livre destas multinacionais há um século no país, porém, ao contrário, reabre-lhes toda a possibilidade de permanecerem. E agora as mesmas estão em condições ainda mais vantajosas, não haverá necessidade de gastos com pesquisas, a PDVSA vai entregar áreas que já pesquisou, em um processo que leva em torno de seis anos de profundos estudos e custos. Se ainda não fosse suficiente, a *Corporación Venezolana de Petróleo – CVP* - via o *Banco de Desarrollo Económico Social – BANDES* -, investe na infraestrutura para que os contratos sejam feitos em condições menos onerosas às Empresas Mistas. Efetivamente era tudo de que o capital petroleiro necessitava.

Uma pergunta que se coloca é: como Chávez consegue fazer tudo isto, ter ainda uma grande aceitação na população e posar de revolucionário? Em boa medida, a *existência determina a consciência* e a experiência real vivida pelas pessoas de carne e osso necessita ser analisada. Para ver o que se passa, tentaremos visualizar em poucas laudas uma parte disso.

Uma tática muito usada pelo Governo Chávez, seja em seus pronunciamentos, dos ministros e assessores ou materiais de divulgação, é fazer crer que esta PDVSA de agora é totalmente diferente da PDVSA de antes e para isto a divulgação dos projetos sociais vinculados à empresa e aos setores mais pobres da população é de vital importância.

*En la vieja PDVSA era impensable que se dispusiera, como hemos hecho desde el año 2003 hasta ahora, de más de 6 mil 300 millones de dólares para la acción social directa en Misiones Sociales: Misión Ribas, Misión Barrio Adentro, construcción de universidades, casas, escuelas, carreteras, entre otros programas sociales. Ahora podemos decir que tenemos una empresa nacional fortalecida en todas sus capacidades técnicas y además al servicio de su pueblo*⁶⁸.

⁶⁷ HERNÁNDEZ, Pablo. *El verdadero golpe de PDVSA*. Imprenta Internacional. Maracaibo, Venezuela, julio de 2006. p. 38.

⁶⁸ *DISCURSOS*, Serie. El petróleo es la plataforma de la soberanía de Venezuela. Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. Caracas, Venezuela. N° 4, janeiro de 2006. p. 14.

O Governo Chávez fortalece e legitima seus projetos ao colocar a PDVSA acionando projetos sociais. Assim, em todos estes empreendimentos de Empresa Mistas, todos os contratos garantem 1% do orçamento a projetos sociais, e 2% em incentivo a pesquisa que as novas modalidades de contrato impõem em cada área de exploração. Dessa forma, uma população pobre, sempre relegada e reprimida pela IV República⁶⁹, tida pela antiga direção da PDVSA como um povinho ignorante e preguiçoso⁷⁰, passa a ter um reconhecimento, mesmo se tratando de um reconhecimento oportunista. Assim, usando o slogan de *Sembrando el petróleo en beneficio del pueblo*, o Governo Chávez, em um grande projeto, que diz resgatar a dívida social com a população pobre venezuelana, cria as missões: *Misión Negra Hipolita, Barrio adentro I e II, Mercal, Milagro, Robinson I e II, Piar, Zomora, Ribas, Vuelvan Caras, Sucre, Cultura, Identidad, Madres de Barrio e Clinicas Popular*⁷¹. Cada uma com um segmento da sociedade. Conheçamos um pouco de algumas delas. *Misión Ribas* é um projeto educativo que se iniciou em 2003, visa oferecer o ensino médio para pessoas que deixaram de estudar, ou que trabalham em condições especiais de assistência às aulas, conforme a realidade de cada estudante. Este projeto, assim como os outros de educação, oferece uma bolsa de assistência a uma porcentagem de seus participantes: a bolsa oscila de 100 a 150 dólares mensais. A *Misión Robison II* está vinculada ao combate ao analfabetismo, percorre os quatro primeiros anos de alfabetização e vai até a 6ª série. A *Misión Sucre* é para cursar a universidade. Vejamos o depoimento de quatro integrantes da *Misión Ribas*:

Linda Estrada – *Estoy muy contenta porque gracias al presidente Hugo Chávez, pudimos graduarnos de Bachiller. Es el único presidente que nos ha visto como hermanos y piensa siempre en nuestro bienestar.*

⁶⁹ A IV República é considerada pelo atual governo como o período histórico compreendido com o fim e consolidação do processo de independência nacional da colônia com a Espanha em 1830, passando por sua última fase, a do *Punto Fijo*, de 1958 a 1998. Chávez anuncia que a partir de 1999, com a sua entrada no governo, se fundou a V República no país.

⁷⁰ A ex-direção da PDVSA e sua rede de gerência, identificada com os governos do período de 1958 a 1998, constantemente alegavam a incapacidade de o país resolver seus problemas sociais crônicos de miséria, devido contar com um povo muito inculto e preguiçoso.

⁷¹ Na acepção do governo Chávez, *Misiones* são espaços institucionais em que, mediante as políticas públicas de assistencial social, se objetiva a fomentar o desenvolvimento social do país a partir de um grande projeto nacional de assistência social. Este projeto se divide em varias *Misiones* atendendo a cada fração social necessitada. Em sua realidade é um projeto de políticas compensatórias.

Manuel Martínez – *El sistema de estudios fue muy bueno, ya que las video clases facilitaron el aprendizaje. Debemos seguir adelante preparándonos para contribuir con la formación de la patria del socialismo del siglo XXI.*

Maria Belisario – *Me siento feliz por mi y por mis hijos, ya que después de 43 años sin sentarme en un pupitre, puede lograr mi sueño de ser bachiller de la República Bolivariana de Venezuela.*

Henry Reyes – *El la Misión Ribas aprendimos mucho. Nos enseñó que debemos superarnos y que debemos ser mejores seres humanos. Todavía me falta cumplir la etapa de graduarme de abogado para ser un defensor del pueblo⁷².*

Estes são depoimentos de pessoas sofridas, trazem na face as marcas da vida difícil do povo, o semblante alegre de ter conseguido chegar a este grau de estudo. A satisfação de Maria Belisario, depois de 43 anos sem ir a uma escola, é muito contagiante e profunda, é difícil se sentir indiferente à expressão dela. Linda Estrada, com um jeito aparentemente tímido, não esconde um sorriso interior muito forte. São pessoas do povo, antes anônimas, agora percebendo que existem e fazem parte do país, promovem o esforço pessoal para melhorá-lo e acreditam neste presidente como seu. Ao buscar entender estas pessoas e este processo, tem de se ver de que ângulo vai se dialogar, pois de um pedestal acadêmico não será possível dialogar com os problemas, sentimentos e demandas destas pessoas. Tive a oportunidade de participar de um diálogo com um venezuelano, que vivia na fronteira com o Brasil, que dizia mais ou menos assim: antes deste governo meus filhos andavam descalços, não tinham roupa, não podiam ir à escola e passavam fome, e eu por mais que lutasse não podia resolver esta situação. Hoje eles tem escola, ganham a roupa, até um par de calçado, os objetos de estudo, o ônibus passa bem perto de casa. Nunca houve um governo assim.

Outros tipos de programa são oferecidos via PDVSA: jogos, torneios, viagem de férias a grupo escolares. Como exemplo, um que é tratado como marketing da empresa: trata-se de uma viagem em 2006, realizada da cidade de Puerto La Cruz a Ilha Margarita, cartão postal do Caribe, onde um grupo de 360 crianças e adolescentes, entre 11 a 14 anos, vai passar uma semana na ilha. A satisfação desta turma é fotografada, pois uma semana de passeio, com todo um cronograma de atividades dedicadas a elas, com certeza, as fazem sentir que algo há, ainda que não entendam de política. E para esta recreação, tudo é documentado e divulgado, não somente em matéria escrita,

⁷² CORPORATIVO. Avances de la nueva PDVSA, el barril social. Año I nº.3 julio-agosto de 2006. p. 03.

narrando a programação, mas com a produção da imagem desde a saída do porto, passando pelas atividades e o regresso da turma.

Contava-nos um trabalhador da PDVSA que, quando criança, pulava a cerca do condomínio residencial dos gerentes de alto escalão, denominados de *Nomina Maior* de Puerto La Cruz, para se banhar na piscina juntamente com dois companheiros seus. Contudo, logo a segurança os detectava, principalmente a ele, que era negro, uma vez que era proibida a entrada de negros no local. Outrossim, nos mostra agora, na mesma piscina, uma turma de crianças escolares, visto que, mediante um cronograma, durante a semana, o espaço é aberto às escolas. As crianças fazem festa, inclusive algumas negras, o que era impossível de acontecer. Assim, essas pessoas relacionam todas estas mudanças com o advento do Governo Chávez.

Um outro setor social muito relegado em todo passado venezuelano é o indígena. Mostramos um pouco da presença destes setores fazendo a cobrança de vaga de empregos e outros benefícios ao governo ou à PDVSA. Este segmento também é absorvido nestes projetos sociais do governo, e se criam programas de saúde, educação, habitação, trabalho, lazer, melhoria e criação de meios de transporte destinados a eles, pois alguns necessitam de comunicação por barcos, etc. Nesta perspectiva se conquista para o projeto bolivariano mais um setor antes marginal da sociedade. Vejamos um exemplo:

Veinte niños Warao en Plan vacacional. 20 niños de la etnia de la comunidad indígena de “El Caigual”, Municipio Tucupita, Delta Amacuro, participaron en un Plan Vacacional auspiciado por PDVSA San Tomé.

“Ustedes representan nuestras raíces, para nosotros es un placer recibirlos en cualquier circunstancias, ya que su presencia nos remonta a nuestra idiosincrasia aborigen” dijo Oscar Capote, gerente general de PDVSA San Tomé.

El plan vacacional lo integraron 20 niños – 9 varones y 11 hembras -, entre 8 y 14 años. Los pequeños viven a expensas de la naturaleza y por primera vez salieron de su localidad para conocer y experimentar nuevos espacios⁷³.

A experiência que estes irão passar será impar nesta fase da vida e, como desdobramento, levam todas estas novidades aos seus lugares de origem. Não se pode negar o efeito positivo que isto proporciona, a realidade é que, na visão destes, as coisas

⁷³ CORPORATIVO. Avances de la nueva PDVSA. Año I n° 8 septiembre de 2005. p. 19.

estão mudando para melhor. Nesse sentido, a exploração petroleira, que está sendo feita nas terras indígenas, se torna um fato justificado, pois está trazendo uma melhoria a todos, é uma lógica perversa, porém é a que ocorre em nosso modo de ver.

Por fim, não se pode deixar de mencionar o grande horizonte de apoio que o Governo Chávez conquistou com as missões ligadas à área de saúde. São milhares de novas construções e reformas e a vinda de médicos cubanos com os acordos petroleiros. Tudo isso trouxe ao cotidiano do venezuelano pobre uma possibilidade, ainda que de forma limitada, de tratar de seu mal: ser assistido por uma rede médica, com intervenções cirúrgicas, fisioterapia, medicação, planos de vacinação, exames e, às vezes, até um psicólogo para desabafar seus traumas. São impressionantes os depoimentos nestas áreas. Na visão destes, tudo é graças ao governo Chávez, não percebendo que é graças às suas lutas, desde o Caracazo, que as mudanças vem acontecendo. Muitos não percebem porque não se veem como agentes históricos dentro do processo. É com esta percepção que o atual modelo capta o descontentamento e os logros da luta de classes destes setores.

Tivemos até aqui um panorama bem abrangente do que é a PDVSA e como ela consegue se legitimar enquanto promotora de benefícios ao seu povo, ainda que as políticas centrais da empresa e do governo visem à entrega dos recursos da nação. Porém, incompleto seria ver esta enorme engrenagem desconecta de projetos maiores destinados à América Latina, como o IIRSA. Será necessário, antes de finalizar, ao menos apresentá-lo para se ter uma visão do todo em conexão com as partes, no caso aqui a PDVSA.

IIRSA – *Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Regional Sul Americana* – é uma superestrutura criada a partir da reunião de presidentes da América Latina, realizada em agosto de 2000, em Brasília, capital do Brasil. Fazem parte deste organismo 12 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Suriname, Uruguai e Venezuela. Segundo as diretrizes oficial do órgão⁷⁴, o mesmo possui como objetivo *promover o desenvolvimento da infra-estrutura de transporte, energia e comunicação sob uma visão regional*. Surgiu quando os participantes acordaram sobre a necessidade de impulsionar um projeto de integração política, social e econômica da América Latina, modernizando a infra-estrutura regional e tomando medidas para integrações de áreas isoladas. Sua estrutura está desenhada

⁷⁴ <http://www.iirsa.org> Neste portal oficial se encontram as informações referentes a seu histórico, integrantes, projetos, financiamentos etc.

basicamente assim: Comitê de Direção Executiva, sob o qual se subordina a Coordenação Nacional e Comitê de Coordenação Técnica; que se desdobram em Eixos de Integração e Desenvolvimento, Processo Setorial de Integração, e diversas Secretarias de Coordenação Técnica. Com esta estrutura, o IIRSA, segundo seus criadores, vai permitir que:

O desenvolvimento e a integração regional não devem servir simplesmente para produzir mais do que tradicionalmente temos produzido; deve ser um processo de melhoramento constante da qualidade e produtividade dos bens e serviços (mediante a inovação e a geração de conhecimento) para que a economia gere cada vez mais riqueza para a sociedade⁷⁵.

Para que estas propostas fossem efetivadas, acordaram que o BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – fizesse um projeto. Em três meses, mediante a aparente eficiência do BID, o projeto foi apresentado, *Um Novo Impulso a Integração da Infra-estrutura Regional na América do Sul*. Neste projeto eram detectados os problemas de infra-estrutura do comércio entre países e indicadas as alternativas para melhorar o fluxo das mercadorias, bem como as carteiras para financiamento, das quais se destacavam o próprio BID, a CAF – *Corporación Andina de Fomento*, a FONPLATA – *Fondo Financiero Para el Desarrollo de la Cuenca del Plata*, e outros parceiros menores pelo mundo.

O projeto se dividiu em 10 eixos para atuação efetiva. São eles: Eixo Andino, Andino Sul, Capricórnio, Hidrovia-Paraguay-Paraná, Amazonas, Escudo Guayanense, Do Sul, Interoceânico Central, Mercosul-Chile e Perú-Brasil-Bolívia. Os investimentos estimados para 2007, para tocar as obras demandadas por todos estes eixos, são de 38 bilhões de dólares, vindos dos setores públicos, privados e órgãos multilaterais de créditos, como BID e BIRD – Banco Internacional Para a Reconstrução e o desenvolvimento.

A Venezuela está em dois destes eixos, o Andino e o Escudo Guayanense. No Andino, a Venezuela faz parte do grupo 09, denominado, eufemisticamente, de *Armonización Regulatoria: Eléctrica, Gasífera y Petrolera*. Adentrando na leitura dos projetos oficiais do IIRSA, e nos projetos e obras do Governo Venezuelano, é incrível como as coisas vão se desenhando harmonicamente; até a preocupação com a natureza,

⁷⁵ <http://www.iirsa.org> Esta anotação se encontra no item Aumento do Valor Agregado da Produção.

os animais e os povos nativos e modos sustentáveis para sua preservação são semelhantes. No eixo Escudo Guayanense, a Venezuela está no grupo 01 com projetos de expansão da atual rede de transmissão de Gurí-Boa Vista-RR-BR, reabilitação da rodovia Caracas-Manaus-AM-BR e fibra ótica Caracas-Norte do Brasil. Para a execução destas obras na área de produção de eletricidade, o BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - havia aprovado, ainda em 2003, uma quantia de 387 milhões de dólares à Venezuela e Equador⁷⁶.

Neste quadro que se desenha, não se pode desconectar as obras e projetos da PDVSA, como integrante de importância significativa enquanto aquilo que a Venezuela pode oferecer como um dos 12 países que fazem parte do IIRSA. Para analisar a árvore, é necessário *ver a floresta*, desse modo passa a ser compreensível o porquê de um gasoduto da Venezuela até a Argentina, com 12.515 km de extensão, e todos os problemas ambientais e sociais, afetando diversas populações ao longo deste percurso, e o porquê de oferecer um produto barato, não ao povo em geral, mas a uma indústria mais competitiva, ao mesmo tempo causando uma rapinagem aos venezuelanos.

O projeto IIRSA tem todas estas dimensões de estabelecer uma nova infraestrutura, em toda América Latina, com rodovias modernas, pontes, hidrovias, hidroelétricas, aeroportos, portos, gasodutos, oleodutos, sistemas integrados de eletricidade, mineração, escoamento rápido, barato e eficiente para qualquer oceano. É um novo patamar na *divisão internacional do trabalho*. A Venezuela é chamada a contribuir com sua parte, e no que mais pode contribuir é com os recursos naturais que possui, e com a moderna PDVSA, administrada pelo Governo Chávez, e outros setores que compactuam com esta lógica. Porém, o jogo continua, na partida da luta de classes o apito final não foi soado. Se a PDVSA vai continuar sendo administrada da forma como está, nada o garante, pois houve um momento recente da história venezuelana em que os trabalhadores petroleiros, com o apoio da população pobre, assumiram as rédeas desta empresa, de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003, e a dirigiram em um verdadeiro controle operário, a maior façanha do início do século XXI da classe trabalhadora mundial. Fato pouco conhecido, mas que fez ver àqueles trabalhadores que há tempos lutam por uma empresa justa, que ela pode ser dos explorados venezuelanos, controlada diretamente pelos obreiros, que novas possibilidades existem, em que suas demandas podem ser colocadas e disputadas. Há que fazer uma observação: em tudo o

⁷⁶ PAIM, Elisangela Soldatelli. IIRSA ¿Es esta la integración que nosotros queremos? Núcleo Amigos da Terra/Brasil, dezembro de 2004. p. 28.

que se mostrou como PDVSA, as pessoas estão fazendo suas experiências e a classe operária venezuelana, depois de algumas decepções e repressões sofridas por este próprio governo, avança no aspecto de compreender esta política petroleira. Os setores populares estão menos mobilizados nesta reflexão, porém, não quer dizer que estejam imóveis, e tudo isso, sem dúvida, pode levar a novos desdobramentos e lutas.

A você que conseguiu acompanhar a leitura até aqui, deixamos o convite para conhecer como foram as coisas quando os trabalhadores e populares dirigiram a PDVSA. Discutiremo-lo a partir do capítulo III, uma vez que, no próximo, tentaremos visualizar as forças sociais que tem permitido e construído todo este efervescente movimento de lutas sociais e políticas no país. Por fim, na última página deste capítulo, apresentamos um mapa para que o leitor visualize a localização das refinarias do país.

II CAPÍTULO: A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SINDICAL E A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA VENEZUELA

Na análise das transformações do capitalismo a partir da segunda metade do século XX, a historiografia tem apresentado interpretações que privilegiam a década de 1980, como marco de mudanças, tendo como símbolo a queda do Muro de Berlin em 1989 e a posterior derrocada do socialismo na União Soviética, o que representou o fim proeminente do stalinismo e dos estados operários burocratizados⁷⁷. Ao mesmo tempo se expande com força, nesta década, a política neoliberal, auspiciada pelo Governo Ronald Reagan nos EUA, e Margareth Thatcher na Inglaterra⁷⁸, ainda que o Chile de August Pinochet já fizesse a introdução de políticas neoliberais desde meados de 1970. Contudo, são estes dois primeiros países os maiores impulsionadores deste novo modelo em que o Estado vai sendo paulatinamente mínimo, para a maioria da população, pois retrai sua participação em políticas sociais, e, ao mesmo tempo, máximo, para as políticas da burguesia e do grande capital, uma vez que o processo de desregulamentação da economia permite maior abrangência do setor privado na economia com a abertura de áreas antes controladas ou administradas pelo Estado, de caráter social, como saúde, educação, telefonia, produção de energia, dentre outras, que passam à economia privada.

Podemos conferir na América Latina uma diversidade de maneiras, cronogramas, lutas políticas e sociais no processo de implementação desta nova política econômica de maior apropriação da produção pela burguesia, principalmente a burguesia das sete maiores economias mundiais⁷⁹. Na Venezuela, a década de 1970 vai ser o caudatário que irá colocar o país em ebulição, chegando a seu ponto de explosão no Caracazo de 27 e 28 de fevereiro de 1989. Porém, antes de adentramos nesta questão

⁷⁷ Temos acordo com a interpretação de que no Leste Europeu, pós consolidação do poder nas mãos de Stalin e seu grupo, ao fim da década de 1920 e principio de 30, se consolidou um regime de estados burocratizados, ainda que operários. Ver TROTSKY, Leon. *La revolución traicionada*. Editora Antídoto, Lisboa: 1977. Também para um debate mais recente ver HERNÁNDEZ, Martín. *El veredicto de la historia. Rusia, China Cuba... De la revolución socialista a la restauración capitalista*. San Pablo. Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

⁷⁸ HARVEY, David. *Espaços de Esperanças*. Edições Loyola. 2º edição, São Paulo, 2006.

⁷⁹ GONZALES, Érika. *Monopolios Petroleros en América Latina y Bolivia: Repsol y otras transnacionales europeas*. Centro de Documentación e información Bolivia. Cochabamba, 2007. Neste trabalho de Érika, se visualiza como a burguesia europeia, em especial a Espanhola, obriga o Estado a privatizar a estatal petroleira daquele país, que é vendida a estes setores nacionais, que potencializam a capacidade de produção desta com a centralização de capitais europeus, transformando a estatal em Repsol, multinacional. Ao se transformar em multinacional esta empresa se dirige aos países pobres possuidores de reservas, fazendo em seu beneficio a exploração destes subsolos. Bolívia se tornou um filão para estes objetivos.

tão importante que foi o Caracazo, que muda a correlação de forças entre as classes sociais neste país, vejamos um pouco destes elementos dos anos de 1970.

Os anos 70 foram bons, em sua maior parte, para a economia venezuelana e para a parcela dos apropriadores das riquezas que, com os bons preços do petróleo, puderam jorrar dólares no esquema do *rentismo* que explicamos no capítulo anterior. É um momento em que, sob a pressão popular, são realizadas muitas obras públicas que beneficiam a população pobre em geral, como a construção de casas populares, hospitais, escolas, estradas etc.⁸⁰. É assinado o decreto presidencial de Carlos Andrés Pérez oficializando a criação da PDVSA em 1976, bem como a nacionalização do petróleo. Porém, é nos últimos anos de 70 que os problemas insolúveis, sob a ótica burguesa, vão se desenvolver, chegando à explosão de 89. E quais são estes problemas?

No final dos anos 70, abateram sobre a Venezuela uma decadência econômica e um esgotamento social, já sentidos no próprio governo de Carlos Andrés Pérez em fim de seu primeiro mandato de 1974/79, ainda que, neste momento, este governo não fizesse algum pacote econômico impopular. Todavia, em seu final de mandato, as receitas do Estado venezuelano haviam diminuído drasticamente. É uma decadência que reflete a crise capitalista mundial que ocorre nesta década: a Venezuela, possuindo uma matéria prima de grande comercialização – o petróleo -, vai sentir esta crise em fins de 1978/79. Neste panorama assume a presidência do país, em 1979, Luis Herrera Campíns que governará até 1984. Seu governo teve um curto alívio na crise, entre final de 1979 a 81, quando os preços do petróleo sofrem alta, no entanto, isto não impediu que, mesmo titubeando, iniciasse um programa de reestruturação de cunho neoliberal. Deste governo Campíns para frente, serão quatro administrações aplicando planos neoliberais, uns mais fortes outros mais fracos, contudo a população se enojou destes planos que a cada dia fazia suas penúrias aumentarem.

Estes planos consistiam de acordos com o Fundo Monetário Internacional - FMI -, chamados de *Pactos Sociais*. Os mesmos exigiam o máximo de esforço da classe trabalhadora e dos setores pobres, enquanto protegia o capital, uma vez que se garantia o pagamento das dívidas externa e interna. Tanto era assim que, no primeiro mês do segundo governo (1989-93) de Carlos Andrés Pérez, a população vai assistir, com

⁸⁰ GOMES, Américo. ITURBE, Alejandro. WELL, Joseph. NETO, César. Dossiê: Venezuela. *Marxismo Vivo*. Revista de política e Teoria Internacional. Instituto José Luiz e Rosa Sunderman, n. 10. São Paulo: 2004. pp. 57-93.

assombro, ao envio de oito toneladas de ouro à Inglaterra para assegurar ao FMI os novos acordos.

Neste quadro ocorreram diversas desvalorizações da moeda, a mais conhecida foi de 21 de fevereiro de 1983, taxada de *Viernes Negro*, realizada no Governo de Luis Herrera Campíns. Seguem as privatizações, enxugamento da máquina do Estado, corte de orçamento de Ministérios que atendiam aos setores mais sociais. Ou seja, se para o trabalhador venezuelano antes da interferência assídua do FMI a vida era difícil, com a intervenção deste a vida se tornou pior. Vejamos um desses planos, o de Carlos Andrés Pérez, assinado em 28 de fevereiro de 1989, porém já anunciado oficialmente pelo Governo, no que se refere a medidas para a população, já no dia 16 do mesmo mês. Segundo Maya⁸¹, o conteúdo principal era: a – restrição ao gasto fiscal; b – restrição dos níveis salariais; c – unificação do regime cambiário com paridade única e flutuante; d – taxas de juros flexíveis e aumento imediato dos níveis de taxas de juros reguladas, eliminação de créditos a taxas preferenciais para a agricultura, estabelecimento de taxas de juros para o mercado tão rápido quanto possível; e – redução dos controles de preços; f – **proposição** de programas de inversão de baixa prioridade; g - redução de subsídios; h – introdução de um imposto sobre a venda; i - ajuste de tarifas de bens e serviços, provindos de empresas estatais, incluindo os preços de produtos de petróleo no mercado interno; j – reforma no regime comercial, incluindo a eliminação da maior parte, exceções nas tarifas e liberação das importações; k – suspensão das restrições das transnacionais e multinacionais, agregando a inversão estrangeira e a repatriação de divisas.

Maya analisa que estas medidas causam um arrocho econômico muito forte à classe trabalhadora que vê seus salários perderem, de modo avassalador, o poder aquisitivo. Junto a isto, os setores de trabalhadores informais e a população pobre habitante dos bairros populares se percebem sem condições de manterem o pagamento das taxas de serviços públicos e transporte para se locomoverem. Outro problema que Maya observa é a questão do desabastecimento dos produtos de consumo básico na alimentação e higiene - devido à liberação de tarifas, começaram a esconder as mercadorias, esperando o aumento de preços.

Em geral, era um programa neoliberal que jogava o peso de seu custo sobre as costas dos trabalhadores. É verdade que o governo criou um plano paralelo que previa

⁸¹ MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Venezuela-Panamá: Alfadil, 2005.

subsídio a produtos da cesta básica; construção de restaurantes populares e com isenção total para uma parcela dos usuários; programas de amamentação materna; programa de combate a enfermidades respiratórias e diarreias e programas de vacinação; apoio a microempresas e a criação de uma Comissão Presidencial para a Luta Contra a Pobreza, dentre outros, para atender à pobreza dita mais extrema. Embora o pacote econômico do governo atingisse todos trabalhadores e os setores pobres, no entanto, o programa assistencial era somente para uma parte daqueles que viviam em extrema miséria. Entretanto, desta vez os trabalhadores não aceitaram as esmolas sociais. Antes de estourar o Caracazo, em 27 e 28 de fevereiro de 1989, a historiografia⁸² mostra dois casos em que se explicita a posição dos trabalhadores e setores populares pobres, que mais nenhum ultraje ou pacote econômico seriam recebidos pacificamente.

Um destes ultrajes ocorreu em 13 de março de 1987, no Estado de Mérida, em que um estudante de engenharia da Universidade dos Andes, Luis Carvallo, fazendo um percurso pela noite, na companhia de outros colegas e comemorando sua graduação naquele dia, se viu necessitado e urinou no jardim de uma residência. Ocorreu que a residência era de um ilustre advogado copeiano da cidade, que desferiu dois tiros no jovem que não pode realizar seu sonho de profissão, uma vez que faleceu logo após esta brutalidade. O advogado prontamente foi protegido pela polícia secreta e ou política, que o livrou do linchamento, e a população, já sabendo que para este tipo de protegido nada ocorreria, irrompeu a legalidade tão idolatrada pela burguesia e iniciou os confrontos com a queima da casa do advogado. Neste episódio, foram cinco dias de distúrbios generalizados, saques, queima de ônibus e automóveis, confrontos com barricadas. No final, um saldo de mais de 500 presos, dezenas de feridos e um prejuízo que, para a época, foi contabilizado em 10 milhões de bolívares em Mérida. Foi um ato que repercutiu nos estudantes de todo o país, sendo seguido de lutas nestes mesmos dias em outros lugares, como: Caracas, Maracay, Valencia, Barquisimeto, Maracaibo, Barcelona, Puerto La Cruz, dentre outras. Nestes, a revolta não se localizou somente entre os estudantes, que constantemente eram alvo da polícia, mas trabalhadores e setores pobres se sentiam no processo, participando do mesmo.

A interpretação de como um fato ocorrido com este estudante transforma-se em um caso de revolta geral pode ter diversas explicações. É possível perceber que todos

⁸² Podemos citar para este exemplo duas obras que interpreta neste horizonte. MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Alfadil. Venezuela-Panamá, 2005. COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Ediciones la Chispa. Caracas, 1989.

estes setores: trabalhadores, estudantes donas de casas etc. já estavam fartos de tanto abuso vindo da classe dominante, somado ao pacote econômico resolveram expressar nas ruas e não nas urnas seu descontentamento.

O segundo caso foi conhecido como *Masacre de El Amparo*, ocorrido em 29 de outubro de 1988, no estado de Apure, onde o Comando Especial de Contrainsurgência, Jose Antonio Páez, noticiou que, em um confronto com rebeldes colombianos, havia dado baixa em 16 deles. No entanto, o caso era outro: tratava-se de um grupo de pobres pescadores e camponeses da pequena cidade de El Amparo, município fronteira com Colômbia, que saíram no domingo para tomar um run e fazer uma farra e foram fuzilados por este comando. As causas, embora advenham investigações na época, não foram bem esclarecidas. Ocorreu que as mortes não foram dos 16, pois dois conseguiram se jogar na água e não sendo percebidos fugiram. Regressando ao lugarejo, contaram sua versão. Temendo a morte, se protegeram na pequena chefatura da polícia, a população mobilizada fez a proteção junto com a pequena guarnição. Chegou a Guarda Nacional e a Disip – *Dirección Nacional de los Servicios de Inteligencia y Prevención* -, polícia secreta e/ou política para levá-los. Contudo, o chefe de polícia resistiu a entregá-los. Com a população junto e prevendo uma outra carnificina, a Guarda Nacional desistiu, e uma grande crise se abriu na questão e no governo que sempre defendeu a versão dos militares, exigindo que alguns parlamentares mediassem o episódio.

Os dois casos indicavam que trabalhadores e setores populares pobres não aceitavam mais a justificativa de que *tudo é a mesma coisa, sempre foi assim e sempre será*. Neste quadro, o cenário para o Caracazo estava preparado, pois a partir de segunda-feira, 27 de fevereiro de 1989, o pacote econômico de Carlos Andrés Pérez iria passar a vigorar e ele não se estabeleceria sem resistência, devido à própria resignação de revolta que estes dois casos do estudante de Mérida e de El Amparo já diagnosticavam no humor ou na consciência destes setores explorados. O governo de Carlos Andrés Pérez não observou a sua volta, assinava um acordo com o FMI, como se fosse uma simples ação de um clube. Porém, os setores populares sabiam que se não lutassem ou não protestassem suas vidas não mudariam, e eis que vem o vulcão humano do Caracazo, que completou, em fevereiro de 2009, 20 anos ininterrupto de lutas sociais. Passemos a ele.

1 - CARACAZO: QUANDO OS SETORES POPULARES DIZEM BASTA!

A posse do segundo mandato de Carlos Andrés Pérez ocorre em 2 de fevereiro de 1989, em um evento que, como noticiaram os meios de imprensa da época, como o jornal *El Nacional*, o estilo parecia uma coroação de um rei de tanto luxo, requinte e extravagância nos gastos da cerimônia. Tiveram a presença das figuras e governos mais proeminentes da Europa e EUA, mas também daqueles que se identificavam com a esquerda ou com a redemocratização, como Fidel Castro, de Cuba, e José Sarney, do Brasil. Todos, juntos e unidos, não deixaram faltar elogios ao novo presidente eleito, com exceção do vice-presidente dos EUA, que não via com bons olhos a proposta de Pérez em criar um clube de devedores do FMI para negociar melhor as dívidas.

Os populares, neste episódio, começam a ter um mau agouro, pois estavam com esperança de que o novo presidente desse uma saída salutar à crise que viviam. Lembravam do primeiro governo deste presidente que, mediante a conjuntura internacional dos preços do petróleo, conseguiu realizar algumas políticas favoráveis aos mais pobres. Contudo, os anos eram outros, apesar de Pérez haver sido eleito com este discurso, de reviver os anos de ouro da Venezuela “Saudita”, enterrar a miséria, fazer um combate à corrupção vinda dos anteriores governos e principalmente de Jaime Lusinchi (1984/89) que lhe passava o cargo. De fato havia um estado de corrupção devastador no Estado venezuelano. Vejamos uma importante opinião de Colmenarez que analisa o Caracazo no mesmo ano de sua ocorrência.

La corrupción es moneda corriente de los funcionarios del estado. La mayoría de los dirigentes de AD y COPEI han llegado a millonarios a partir de los “servicios prestados al país”. Pero el gobierno de Lusinchi llegó a niveles de escándalo. Toda una intrincada red de funcionarios construida a base de favores, regalías, agradecimientos, gratificaciones, etc., se tejió a través de todas las áreas del estado, que abarcaba ministerios, Fuerzas Armadas, empresarios, Parlamento, etc. y cuyos hilos eran manejados hábilmente por la secretaria privada del Presidente, Blanca Ibáñez, verdadero poder detrás del trono. Su “poder” era reconocido públicamente. Tanto así, que se sabía que a través de ella era más fácil “acceder” a los favores del gobierno que por cualquier otra vía”⁸³.

⁸³ COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Ediciones la Chispa. Caracas, 1989. p. 14. Em nosso diálogo sobre o Caracazo aportamos neste autor que realiza uma ótima análise deste fato muito importante para compreensão da atual Venezuela a partir deste episódio. Queremos citar mais duas outras obras para este ponto do trabalho. CATALÁ, José Agustín. Editor. *El estallido de febrero: un país mas*

A questão era aterradora. Para se ter uma idéia em números, somente esta secretária, amante de Lusinchi, afanou 15 milhões de dólares aos cofres públicos, segundo cifra de Maya, ou seja, dinheiro que faltava nos hospitais, escolas etc. Outro fato que chamou muito a atenção, nestes primeiros dias de fevereiro, foi a milionária festa realizada no casamento da família mais rica do país, Cisneros-Tinoco: champanhe, caviar e todo luxo mostrado pela mídia como o casamento modelo, pareciam um regozijo do império romano. Colmenarez faz uma avaliação de que tudo isto não aconteceria se o movimento operário não estivesse desarmado como se encontrava, posto que, em uma trajetória de luta por toda a década de 1970, quando chega em 1981, o movimento é derrotado, com o apoio que a burguesia teve da burocracia sindical; se não fosse o apoio desta burocracia, o movimento operário teria melhores condições de lutar neste momento contra a burguesia, entretanto não foi assim.

O novo na situação é que, a partir de 1988 e início de 89, o movimento operário recomeça sua peleja, tendo nos trabalhadores públicos e nos operários têxteis, os primeiros setores a reiniciarem as lutas, porém ainda incipiente para comandar ou influir decisivamente no que foi o Caracazo. Outro ponto forte da classe trabalhadora, que começa a se reerguer, ocorre no Estado de Bolívar na Ciudad de Guayana, quando se consegue afastar da direção do sindicato Suttis – Sindicato Único de Trabalhadores Siderúrgicos y Similares - os antigos interventores, que estavam na direção do sindicato desde 1982, propiciando a La Causa Radical recuperar a direção do mesmo⁸⁴. Os estudantes também participam e fazem manifestações contra a política educacional de Pérez, ou, aliás, pela falta de política satisfatória deste governo. Os estudantes da Universidade Central de Venezuela – UCV - são duramente reprimidos e, neste confronto, a polícia tira a vida de uma jovem estudante. Em seu enterro, no dia 20 de fevereiro de 1989, não satisfeito com a morte desta jovem, a polícia mata mais um, agora um funcionário da universidade que acompanhava o cortejo.

Neste quadro, no dia 25 de fevereiro, a *Coordinadora de Federaciones Estudiantiles* se reúne para ver o que o movimento estudantil tiraria de política para tudo isto. Inclusive, naquele pacote econômico de Pérez, que citamos anteriormente, havia

cierto y mas dramático. Ediciones Centauro. Caracas, 1989 e MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Alfadil. Venezuela-Panamá, 2005.

⁸⁴ Este sindicato havia sofrido uma intervenção federal em 1982, visando frear o movimento operário que é grande nesta região, onde se agrega o setor siderúrgico do país. O governo, justificando segurança nacional na época, interveio neste sindicato, destituiu a direção e colocou uma nova diretoria de sua confiança. No final dos anos 80 uma corrente sindical, que se havia implantado na região a *La Causa Radical*, consegue impor uma derrota sindical aos interventores e fazer respeitar as novas eleições que elegeu Andrés Velásquez desta corrente à direção deste sindicato.

algumas medidas para serem postas à execução a partir do dia 27 de fevereiro, na segunda-feira. A medida que mais incomodava os estudantes era o aumento da passagem do transporte público, que diante do pacote do governo, de aumento de 100% no preço do combustível, levou os donos dos transportes públicos a acordarem em subir a passagem na mesma proporção. O governo relutava, pedia para que eles fossem mais devagar, subissem somente 30% e posteriormente fizessem outros aumentos. Não houve acordo entre governo e condutores de transporte coletivo, sendo que os representantes dos condutores disseram que, na segunda-feira, iriam rodar com o aumento por conta deles, ou seja, as passagens custariam o dobro.

Estes estudantes acordaram fazer uma campanha de propaganda para a população sobre esta medida do governo e sair em mobilização na segunda-feira dia 27, ou seja, tudo estava convergindo para dia 27 de fevereiro de 1989. O governo, em sua compreensão de que a situação estava sob controle, manda sua Comissão em voo, no dia 26, domingo, para ir ao FMI assinar o acordo com que se comprometeu. Como já havia enviado as oito toneladas de ouro de garantia, faltava a assinatura a ser feita por esta comitiva.

Dia 27, bem cedo, chegam uma leva de aproximadamente 50 estudantes ao terminal *Nuevo Circo* em Caracas, para protestar e impedir que os ônibus saíssem com este novo preço e sentam a frente da passagem, impedindo a circulação. A polícia, como sabia de tal manifestação, estava também cedo para dar a *paliza* que sempre tinha acostumado a dar nos estudantes. Porém, desta vez, saiu errado. Os usuários do sistema de transporte que iam chegando à estação se ajuntavam ao grupo de estudantes, logo o grupo de estudantes se tornou diminuto no meio de uma multidão irada que aguardava uma pequena iniciativa para principiar seu desabafo entranhado nos anos de vida paupérima. E esta ação veio de Guarenas.

Guarenas é uma cidade dormitório nas proximidades de Caracas, lá vivem trabalhadores e estudantes que não possuem condições econômicas de habitar a capital, contudo possuem a atividade do dia a dia na metrópole. Todas as madrugadas estudantes e trabalhadores fazem fila em pontos de transporte para conseguir chegar a tempo na capital. Nesta madrugada do dia 27 de fevereiro, havia uma pendência, os condutores queriam cobrar a passagem a 16,00 bolívares, e os passageiros se negavam a aportar mais que 10,00 bolívares. Os mais indignados começaram a obstruir a passagem até que se resolvesse a questão, e começa a discussão entre condutores e passageiros. Um oficial da Guarda Nacional, que até então não entrara na pandega, resolve entrar

exigindo ao condutor que saísse com seu veículo a uma passagem de 10 bolívares: o condutor responde ao oficial que cobra aquilo que acredita ser correto. O oficial, na perspectiva de amedrontar o condutor, dá um tiro em seu pneu, isto foi o tiro de largada, a massa começou a destruir os ônibus, em vão foi a tentativa do oficial e seus soldados de tentarem frear a multidão. Outra versão diz que um condutor empurrou uma senhora que bateu a cabeça e veio falecer no local⁸⁵.

Em outras fontes como as noticiadas por TV, rádio ou jornais, as visões se diversificam, porém o comum, nesse tipo de imprensa, era tentar desviar a atenção do centro do problema e dos fatos, uma vez que era difícil negar a relação entre o pacote econômico de Carlos Andrés Pérez e a insurreição popular. A Venevisión, canal 4 de TV, tentou criar uma música slogan para desviar a atenção para estes fatos de insurreição popular aberta, o que foi rechaçado amplamente. Além disso, recorreu a seus atores, atrizes, modelos e locutores para passar mensagens estimulando o civismo e enaltecendo a civilização venezuelana a respeitar as instituições democráticas. Fora isto, apelou para a exibição de desenhos animados e outras programações de animação, evitando assim a passar a realidade que ocorria no país. Francisco Solorzano Frasso, repórter gráfico do jornal *El Nacional* e que cobriu estes eventos, oferece uma opinião de como os meios de imprensa televisiva viam estes eventos, e como o canal 4 Venevisión atuou nestes dias:

Yo me quede sorprendido cuando el martes 28, al llegar con la imagen de tantos muertos, vi como un animador de Venevisión presentaba un desfile de modas. Con mujeres y vestidos lindos. Y yo pensé que como en este país se presentaba un desfile de modas, pero no se informaba de toda la gente muerta, de la cantidad de asesinatos⁸⁶.

Em rádios e Tvs o foco era relacionar os protestos iniciais com o vandalismo de pessoas seguidoras de direções subversivas e descomprometidas com a nação. Jornais de circulação nacional, como *El Nacional* e *El Universal*, também relacionavam os protestos como questão de descomedimento popular⁸⁷.

⁸⁵ CATALÁ, José Agustín. Editor. *El estallido de febrero: un país mas cierto y mas dramático*. Ediciones Centauro. Caracas, 1989. pp. 116. Esta obra foi realizada a partir da união e esforço de professores e alunos da *Escuela de Comunicación Social de la UCV*. Nesta obra são apresentados artigos, crônicas e entrevistas com repórteres, fotógrafos e jornalistas que cobriram os eventos do Caracazo

⁸⁶ IDEM. p. 126.

⁸⁷ IDEM.

Em Caracas continuava o cerco dos estudantes e populares no Terminal de *Nuevo Circo*, que, ouvindo o que acontecia em Guarenas, iniciaram suas ações com a mesma ira e logo o terminal de passageiros se transformou em um campo de batalha. A situação se alastra com tanta velocidade, que, já às 10:00h, os saques estavam ocorrendo no centro de Caracas. Ainda nesta mesma manhã o quadro é nacional, e não apenas a área metropolitana de Caracas. Colmenarez descreve a situação da seguinte maneira:

Otras ciudades-dormitorio registraron protestas y enfrentamientos por los abusivos precios del transporte. Fueron los casos de San Antonio de los Altos, los Valles de Tuy, La Guaira y Catia La Mar. En el interior, empezaban a darse disturbios, iniciados generalmente por los estudiantes, pero luego se incorporaba el resto de la población. Se dirigían a la gobernación, asambleas legislativas o casas del partido de gobierno. En Mérida, aún militarizada desde la semana anterior, comenzó todo en Ingeniería y luego se extendió a los barrios. En Maracaibo, en la parte sur, tomaron las calles quemando varios camiones. En Barquisimeto, los disturbios comenzados en la Escuela Técnica se extendieron a los barrios. En Puerto La Cruz las barriadas se dirigieron al Concejo Municipal, y saqueaban lo que encontraban a su paso. Lo mismo se repetía en Valencia, San Juan de los Morros, San Cristóbal, San Félix, Puerto Ordaz⁸⁸.

A situação ainda pela manhã já se mostrava descontrolada. Quando iniciou a refrega em Guarenas, uma forte unidade da Guarda Nacional foi para aquele local auxiliar a polícia que não controlava a situação. A própria Guarda custou a chegar ao local, dado o número de obstruções no caminho pelo qual teve de passar. Chegando lá, tiveram de retornar rapidamente, pois em Caracas havia aumentado mais ainda os protestos de rua, solicitando assim que este contingente militar regressasse porque o fogo maior estava na capital. Neste sentido a situação ocorria em todo país, parecia uma ação combinada, porém nada disso aconteceu, os únicos que haviam combinado em fazer a manifestação eram os estudantes, que agora se tornavam diminutos nas enormes levadas humanas que, por onde passavam, levavam aquilo que acreditavam ser seu e que nunca o país lhes dera, dava sim à burguesia. Porém, neste dia, comeria a população tudo que a burguesia esbanjava cotidianamente. Assim carnes, enlatados, bebidas das melhores marcas, roupas, calçados, tudo isto estava à disposição da massa. A burguesia, suas polícias e o FMI tinham sido mandados ao inferno neste dia.

⁸⁸ COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Ediciones la Chispa. Caracas, 1989. p. 26.

A opinião de Colmenarez era que a organização dos grupos em luta se dava de forma espontânea, porém respeitando alguns princípios, uma vez que a população estava neste momento desarmada, e a polícia com o melhor equipamento. Era uma refrega que tolhia todas as energias da polícia, que abria fogo à queima roupa, tombando corpos cravados de bala a sua frente, mas nada apagava o ânimo, pelo contrário, quando a polícia começou a matar dessa forma, mais a população ficou irada e começou a se armar também. Neste quadro, um problema que observa Colmenarez é que a polícia estava preparada e treinada em bater nos estudantes, apresentava os estudantes como um perigo à sociedade, e sempre que os estudantes faziam suas manifestações, possuíam um local a ser defendido, o que a polícia fazia era tomar este local e desbaratar os mesmos. Porém, desta vez, a situação era muito diferente, os supostos locais para se tomar eram móveis, as barricadas se moviam, e nelas estavam desde crianças e mulheres até idosos. Até quem nunca se dispusera a manifestar, neste dia foi contagiado, *“me siento feliz decía una muchacha yo nunca había manifestado, siempre dicen que son estudiantes revoltosos, pero ahora yo lo hago y me siento bien, puedo decir lo que quiero y protestar contra lo que me molesta”*⁸⁹.

Às 14:00h, os manifestantes tomam uma das principais vias de Caracas, a Francisco Fajado, nada os detém mais, o centro da cidade é incontrolável, a polícia neste momento recebe ordem explícita de colocar total força na repressão, as mortes se intensificam, os feridos são milhares em todo país. Os hospitais iniciam a medida de guerra, salvar apenas os em melhores condições, e aplicar morfina para que os outros morram com menor dor⁹⁰. Nesta tarde do dia 27 a polícia bateu forte, no entanto, não envergonhou a disposição de enfrentamento. Ao começar a noite deste dia 27, Colmenarez descreve a situação da seguinte maneira:

En la noche el centro es una batalla campal. La mayoría de las personas que caminaban por la calle debido a la falta de transporte se iban incorporando a los saqueos. Uno a uno, los barrios fueron bajando y se generalizaban los enfrentamientos y saqueos en toda la ciudad. Las masas, ahora enfurecidas por los primeros muertos y heridos que dejara la represión policial, se armaron con lo que tuvieron a mano. La policía perdió toda organicidad siendo fácil víctima de la acción del pueblo que las rebasaba. En

⁸⁹ IDEM. p.28

⁹⁰ CATALÁ, José Agustín. Editor. *El estallido de febrero: un país mas cierto y mas dramático*. Ediciones Centauro. Caracas, 1989. pp. 75.

*la madrugada, la mayoría de los policías habían desaparecido de las calles. La represión policial había sido derrotada*⁹¹.

Quando cai a madrugada em Caracas, a polícia, temendo ainda mais por suas vidas, abandona as ruas, pois as mesmas já não são suas mais. Os manifestantes levam agora não a comida, bebida e roupa que transportaram todo dia, mas leva sua sonhada geladeira, seu colchão, a cama tanto esperada, o ventilador, enfim, se abastecem dos produtos produzidos pela classe trabalhadora que não chegam a suas mãos. Neste momento da madrugada, parte da polícia, que ainda não havia se integrado à manifestação durante o dia, se integra aos saques, e lotam suas patrulhas de eletros e utensílio, fazendo o transporte para suas casas. Afinal, a vida era difícil também para a eles que, embora reprimissem, passavam por similar situação de privação.

O governo de Pérez, por meio de seus assessores, dá declarações durante o dia, dizendo da turba de vândalos, incontroláveis subversivos que haviam planejado todos os atos vergonhosos à população civilizada e pacífica da Venezuela. Que a ordem deveria se restabelecer, que o direito de propriedade iria prevalecer: toda esta argumentação não era ouvida. Pérez permaneceu todo o dia 27 em uma viagem agendada em Barquisimeto com o empresariado daquela importante cidade. Seus assessores militares que o acompanhavam não ofereciam os informes corretos do que se passava, segundo o próprio presidente disse posteriormente. Somente veio a ter a dimensão da realidade quando, altas horas da noite, regressam a Caracas e encontram a cidade em fumaça. Começam a procurar culpados, olham para os sindicatos adecos e copeianos, querem ver de onde saía toda aquela tremenda força, porém, os sindicatos pelegos, dirigidos por uma burocracia tão corrupta como a do governo, não tem a menor participação e tão pouco controle sobre estas levas humanas.

Havia uma participação de diversos grupos de esquerda, alguns revolucionários, outros de movimentos populares, guerrilheiros, uma diversidade, porém não influíam mais que seus militantes em uma periferia onde realizavam seus trabalhos de base. Assim, nas manifestações daquele dia, estas organizações eram insignificantes, não houve uma organização de peso social que dirigiu aquele mar humano naqueles dois dias determinantes na mudança da correlação de forças na luta de classes venezuelana. O povo saiu à rua em luta, era uma insurreição popular, não havia programa de governo,

⁹¹ COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Ediciones la Chispa. Caracas, 1989. p. 30.

não havia comandos organizados, não havia perspectiva de tomar o governo e o poder, era uma legítima e pura insurreição popular.

As levadas humanas mais organizadas eram as dos bairros, chamadas de *barriadas* ou *cerros*. Locais pobres ou favelas, onde morava o grosso da classe trabalhadora e dos setores populares, no caso de Caracas, uma cidade montanhosa, era nos morros que vivia uma massa de favelados, que sofria cotidianamente a agressão da polícia, que na subida a estes locais, à procura de marginais, ia deixando uma trilha de mortos pelo caminho. É uma população sofrida, que tem que viver seu dia a dia com todas as humilhações das batidas policiais que levam os homens presos por três dias para averiguações, quando retornavam, em muitos casos, já estavam despedidos por justa causa, por afastamento do local de trabalho. Ou conviver com o bandido destes morros que também impõe sua maneira de respeito, ou seja, uma população espremida entre a polícia e o bandido e todo tipo de lumpem que para lá vai.

Estes setores explorados, com todas estas características, saem para a luta, e organizam melhor, que os grupos do centro da cidade de Caracas, suas trincheiras e saques. Visto que uma boa parte já se conhece, fazem uma rápida assembléia, e decidem tomar tal ponto para saquear tais e tais comércios. A insurgência se estabelece com certa ordem. Por exemplo, quando o bloco policial que vai enfrentá-los é duro, se organiza primeiramente uma turma de jovens com suas pistolas e revólver, se posicionando bem de uma parte do morro e abrem fogo, enquanto isto uma leva de homens e mulheres vai pela rua soltando uma chuva de pedras e garrafas, até conseguirem avançar recuando a polícia. Tal avanço faz com que se organize rapidamente uma barricada, com tudo que se encontra, neste ínterim a refrega sofre uma interrupção, socorrem-se os feridos ou se cobrem os mortos. Um grupo fica olhando um para o outro, da barricada, depois de observar, sai uma comitiva de mulheres, crianças e idosos a negociar com a polícia, discute-se, a polícia concorda em que venha saquear, mas com ordem, devem vir as mulheres e crianças, os homens devem permanecer na barricada. A polícia, neste dia, depois de muito combate passou a administrar a situação deste modo, e uma boa parte destes destacamentos passaram para o lado da população.

Amanhece o dia 28, a capital está sem transporte, envolta em fumaça, barricadas, quebra de agências de bancos, postos policiais etc., e imensas levadas de populares fazendo os saques, agora em grandes fábricas e supermercados, não somente a pé transportando o produto do saque, mas de carros, camionetes, caminhões cheios de mercadorias levadas destes locais, pois havia uma grande quantidade de mercadorias

estocadas, esperando o pacote do governo para aumentar os preços, por isto haviam sumido dos estabelecimentos, somente encontradas a preço de ouro.

A capital era um total desgoverno. Ainda neste mesmo dia a CTV e a Fedecámaras assinaram um acordo entre empregado e patrão oficializando um aumento salarial de 2 mil bolívares, o equivalente a 50 dólares, e 3 meses sem poder demitir nenhum trabalhador. Era o peleguismo e o patrão tentando ajudar o governo que afundava em sua própria lama. Colmenarez define o panorama da seguinte forma:

El gobierno no podía echar mano de los mecanismos políticos del régimen pues éstos no funcionaban. Los ministerios estaban vacíos, los ministros desaparecidos; no fue posible montar una reunión de gabinete completo para el mediodía del 28 a pesar de la urgencia que la situación ameritaba. El Congreso de la República era lo mismo, el edificio administrativo en la esquina de Pajaritos perdió su seguridad habitual, se entraba y salía sin problema, las oficinas estaban desiertas al igual que el estacionamiento. Los “dirigentes políticos” habían desaparecido. Familiares de personeros gubernamentales salían de Caracas a toda prisa. Grandes burgueses abandonaban el país. El gobierno había perdido el control de la situación”⁹².

Nesta situação, a medida de Pérez foi chamar o exército para manter ou restabelecer a governabilidade e a democracia burguesa. Assim, ao meio dia do dia 28 o exército começou a patrulhar as ruas, e iniciou sua carnificina a partir do centro da cidade, empurrando as levas humanas para os bairros. Quando foi às 4 horas da tarde, Pérez, o apreciado presidente elogiado até por Fidel Castro, suspende as garantias civis da população e a avalanche de mortos e feridos começa a aumentar. No testemunho de um médico, citado por Colmenarez, vemos o seguinte quadro:

Sólo el martes llegaron treinta muertos y aproximadamente tres mil heridos, la mayoría con armas de guerra. Al principio casi todo era hombres jóvenes. Luego comenzaron a ingresar mujeres, niños y hasta ancianos (...) Vi a un niño de nueve años con una enorme lesión de bala en el pecho. Lo más impresionante fue una madre que llevaron al hospital con su niño recién nacido. Según contaron sus familiares, estaba amamantando al pequeño cuando el proyectil entró por la ventana, atravesó el piecico del bebé y le pegó en el pecho de la mujer. Ella falleció en el centro asistencial y el menor fue dado de alta después de la sutura⁹³.

⁹² IDEM. p. 47.

⁹³ IDEM. p. 50.

Foi um verdadeiro massacre a ação do exército, que se iniciou ao meio dia do dia 28 de fevereiro. Quando chegou o dia 1º de março, ainda pela manhã, os soldados estavam exaustos de tanto confronto na capital. No interior do país, sob uma intensa força, o exército, com todo tipo de atrocidades, com fuzilamento, espancamento, aprisionamento, submete estes locais, salvando o governo com um banho de sangue dado à população. Com este controle do interior do país, na noite do dia 1º, foi para a capital um contingente de 10.800 soldados, armados para uma guerra convencional, para submeter a capital. Chegam e ajudam a “pacificar” definitivamente o centro de Caracas e empurram o movimento para os bairros mais pobres e populosos, onde efetivamente ocorre uma guerra a partir de então. Não há garantias de vida aos populares, e se abre fogo indiscriminadamente, agora não somente com FAL – Fusil Automático Leve - uma arma já letal, mas com metralhadoras ponto 30, e ponto 50, usadas para defesa antiaérea, e assim lajes de puro concreto são varadas como um boneco de argila. Uma parte da classe média que não participou dos saques, dizendo sobre o perigo dos vândalos, agora em seus prédios passa a ser submetida ao pesado tiroteio e o número de atingidos mortalmente por estes projéteis também aumenta neste setor da sociedade.

Logo após a conquista dos bairros de classe média, onde também uma parcela participou, o exército chega aos bairros pobres, às favelas, chamadas de *cerros*. A população, consciente de que se eles subissem seriam mortos indiscriminadamente, organiza a defesa. Assim, neste momento se uniram a população pobre e trabalhadora, os antigos lutadores em movimentos armados do passado, até mesmo velhos lutadores do tempo do ditador Pérez Jimenez, os traficantes e todos aqueles que se dispusessem a defender de arma em mãos o bairro, e assim foi. Em uma rede de solidariedade, começaram a se organizar, e improvisavam “hospitais” para os feridos, residências exclusivas para velhos e crianças, resgate de feridos em meio ao tiroteio, primeiros socorros. Enfim, a população, ao seu modo, improvisou o que podia e resistiu, houve bairros, como 23 de enero, Petare, Catia, que até o fim dos confrontos mais duros, em 5 de março, não haviam permitido que o exército subisse até eles, as forças repressoras conseguiram chegar somente às suas portas. Como comentou um jornalista citado por Colmenarez, *esta foi a semana mais longa de toda a história venezuelana*.

Neste entorno, a crueldade não teve limites, a partir do dia 2 de março, o exército, junto com a polícia política, aproveitava a situação para caçar os ativistas, e

quem não pode se esconder muito bem, era preso para averiguações. Destes, sobre a maioria nunca mais se ouviu falar, de alguns, posteriormente, os corpos foram encontrados, porém a maioria foi para a vala comum, uma crueldade imensa. Venezuela sofreu, nestas três semanas posteriores, o mais puro extermínio de ativistas, e os estudantes foram um alvo direto. De fato ocorreu o banho de sangue, Colmenarez aponta o número de 2 mil mortes no Caracazo, um espanto para uma Venezuela tida até então como pacífica. A máscara caiu, de aí por diante este país não seria mais o mesmo, a correlação de forças efetivamente muda e a burguesia já não irá mandar como antes.

Se fôssemos partir para as diversas interpretações do Caracazo, inúmeras laudas seguiriam, somente assinalamos rapidamente a posição de Colmenarez de Maya e de uma imprensa escrita. Colmenarez produz uma narrativa bem detalhada do evento e uma interpretação dos fatos com uma riqueza de detalhes e de análise, que nos faz privilegiar este trabalho para compreender bem este evento do Caracazo. Para Colmenarez, esta análise de que as forças repressoras não atuaram com rapidez e força não se sustenta e quem tem esta visão não compreende a sociologia da sociedade. Os destacamentos repressores agiram conforme a correlação de forças que a luta de classes permitiu, não avançou mais porque, no fiel da balança, que pesa a luta de classes, o prato da classe trabalhadora e dos setores pobres foi mais pesado neste momento. Assim, a repressão se viu diante de uma muralha. Contudo, para compreender cada uma das visões, é importante destacar que Colmenarez possui uma posição nestes acontecimentos, ele era direção sindical reconhecida no setor têxtil, de onde vem sua militância sindical, além de ser membro da direção do PST. Em seu trabalho sindical, que, na época, pertencia a uma categoria significativa dentro da classe trabalhadora venezuelana, percorre o país por diversos estados auxiliando em eleições sindicais, organização de sindicatos e oposições sindicais. Neste sentido, percebe estes embates dentro de uma luta de classes bem específica, entre trabalhadores versus burguesia. Fato que para outros intérpretes não se justifica, à medida em que existem mais agentes sociais que estes dois blocos hegemônicos e que as lutas e as demandas poderiam ser mais fluidas. Assim, sob o ponto de vista historiográfico, o trabalho de Colmenarez pode ser criticado sob este viés.

Já Maya, depois de produzir uma extensa obra da história atual venezuelana, chega ao ponto do Caracazo com uma interpretação superficial, ainda que use teóricos como Thompson, para explicar a moral justa dos preços. Maya acredita que se as forças repressoras tivessem atuado rapidamente os fatos não teriam chegado ao ponto em que

chegaram. Assim, o grau de radicalização do Caracazo é medido por ela devido à demora de uma resposta contundente por parte do Presidente Carlos Andrés Pérez, e que também a fúria popular foi uma questão de traição da economia moral: *En la descripción hay suficientes evidencias, tanto de que se ha producido una traición a la economía moral de los venezolanos pobres, como que el contexto institucional condicionó de manera significativa la naturaleza y modalidades de la revuelta*⁹⁴. O entendimento que possuímos é de que o conceito de moral da economia popular que explica revoltas populares dos períodos pré-capitalistas não se ajusta à realidade venezuelana de 1989. Havia naquele momento diversos outros elementos próprios da vida do país como desemprego, subemprego, falta de previdência social, corrupção, luxúria da burguesia, repressão e um bipartidarismo que não permitia vias alternativas, além da implementação da política neoliberal.

Assim, quando Maya conclui seu trabalho avaliando que *Sin embargo, fue la debilidad de las instituciones diseñadas en el pasado para contener y regular el orden político y la vida cotidiana lo que explica la extensión, duración y violencia de la protesta*⁹⁵, não leva em conta que a classe trabalhadora e os setores explorados deste país gestavam um longo descontentamento e uma revolta represada pelas três décadas consecutivas do pacto do *Punto fijo* que mantinha estes setores sociais explorados sem ferramentas para suas lutas, sejam sindicais, organizações populares e fortes partidos de esquerda independentes. Deste modo, o descontentamento transbordou a barragem em 1989, vindo 10 anos depois de fato a jogar fora este modelo superado em 1989, com a eleição de Hugo Rafael Chávez Frias, em 1998, que capitalizou, de forma distorcida, este descontentamento.

A imprensa escrita na época, uma das principais do país, através do jornal *El Nacional* do dia 28 de fevereiro, face à crise e insurreição popular que vivia a Venezuela, defende o pacote econômico de Pérez, *El FMI no puede adelantarle dinero a ninguno de sus miembros hasta que no haya un acuerdo con el solicitante, quien debe aceptar las condiciones Del FMI*⁹⁶. Nesse sentido, a burguesia e seus principais veículos ofereciam a visão de que o governo federal possuía razão em conduzir o programa econômico do país da forma como estava conduzindo. Para estes meios de

⁹⁴ e MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Venezuela-Panamá: Alfadil ediciones, 2005. p. 65.

⁹⁵ IDEM. p. 83.

⁹⁶ CATALÁ, José Agustín. Editor. *El estallido de febrero: un país mas cierto y mas dramático*. Ediciones Centauro. Caracas, 1989. p. 34.

comunicação, o erro estava com esta população inculta que não percebia a necessidade do ajuste econômico para selar o acordo internacional. Ao final deste tópico, apresentamos uma foto que destaca um pouco, para os não familiarizados com este evento, a difícil situação dos setores populares explorados e os trabalhadores venezuelanos no Caracazo em 1989. Nesta foto se observa uma ação comum naqueles dias de Caracazo, que foi a solidariedade entre os setores explorados e reprimidos, que além de dividirem o produto dos saques, socorriam seus feridos, mesmo sob intenso fogo do exército ou polícias, que dispararam 3 milhões de projéteis nestes setores explorados do país.



2 - O SURGIMENTO DE NOVAS CORRENTES SINDICAIS NA DÉCADA DE 1990

Chama a atenção, não pelo seu tamanho, mas pelo papel que exerce em 2002, uma pequena corrente sindical que surge e se desenvolve na década de 1990, na cidade de Puerto La Cruz, quando os operários petroleiros tiveram um papel importante, no *Paro Petroleiro de dezembro de 2002*, no objetivo de revertê-lo. Deveras, seria incompleto ver as forças sociais em ebulição pós Caracazo de 1989, e de certa forma injusto, se não dedicássemos algum espaço para abordar a organização deste setor operário que, a partir da refinaria de Puerto La Cruz, Estado de Anzoátegui, polariza a classe operária Venezuelana. Polariza no sentido de não se integrar aos setores golpistas de direita que querem derrubar o governo e instalar uma ditadura civil-militar em 2002.

Estamos falando da *Corriente Clasista La Jornada* que, pela ação de alguns de seus membros, consegue incubar dentro desta refinaria um trabalho de formação operária, em que se repudia a corrupta e burocrática procedência dos sindicalistas adecos e copeianos, além de introduzir entre seus pares a necessidade de se combater a antiga colaboração de classes entre trabalhador e patrão. Com estes princípios básicos, busca-se constituir um movimento operário petroleiro com caráter de independência de classe⁹⁷. É importante destacar que esta perspectiva é minoritária dentro do movimento sindical venezuelano dos anos 90 e mesmo nos princípios de 2000.

Há uma grande disputa no movimento operário venezuelano, principalmente entre finais de 90 e início de 2000, que ocorre na órbita da CTV – Central de Trabalhadores Venezuelanos e a corrente chavista estabelecida no movimento operário, a Força Bolivariana de Trabalhadores - FBT-, não esquecendo também o peso sindical advindo do *novo sindicalismo* representado na força política de La Causa Radical - LCR-, com os quais vamos dialogar no decorrer do trabalho. Não propomos, nesta pesquisa, fazer uma grande discussão sobre o sindicalismo venezuelano, mas vamos nos referir a ele quando necessário à explicitação de nossa análise.

A *Corriente Clasista la Jornada* (La Jornada) surge dentro dos petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz, a partir de um trabalho clandestino, uma vez que os setores

⁹⁷ LENIN, Wladimir I. *Sobre os sindicatos*. Coleção Teoria e História 4. São Paulo: Editora Polis Ltda., 1979. O sentido que se coloca aqui de independência de classe é de os trabalhadores fazerem suas lutas sem dependerem de nenhum tipo de favor do patrão ou do Estado, como ajudas financeiras, cargos de confiança e ou orientações políticas.

burocráticos e mafiosos, que se constituem no movimento operário venezuelano, como tivemos a oportunidade de visualizar no primeiro capítulo, impedem e coíbem qualquer nova orientação sindical. Assim, somente em 1995, depois de anos de clandestinidade, é que *La Jornada* terá condições de sair a público, de acordo com a opinião de um de seus integrantes Jose Bodas:

...como el Movimiento Clasista La Jornada, que tiene más de 7 años, 10 años trabajando. Tuvo un periodo de construcción, si se quiere, bastante largo en la clandestinidad, en el sentido de que estábamos siendo perseguidos y el que se organizaba esta tecnocracia lo iba a despedir. Pero a partir de 1995 salimos a la palestra, hemos conquistado puestos importantes dentro de Fedepetrol, pero con la intención de derrotar, a la burocracia adeca, copeyana y masista que se encontraba aquí, y para movilizar y organizar a los trabajadores...pero muchas veces los trabajadores no sabían que con estos compañeros teníamos más de 10 años reuniéndonos, con Numan, Mario Quiñónez, De Sixto, con profesionales dentro de la industria, que por su condición de Nómina Mayor y no tener la estabilidad laboral, si la tecnocracia se llegaba a enterar de esos casos, de una vez eran despedidos⁹⁸.

Foi com esta forma sutil de fazer luta, e ao mesmo tempo não perder o posto de emprego, que este setor, descontente com a eterna burocracia sindical, encontra a maneira de ir se organizando como uma nova alternativa de direção operária. Bodas, dirigente sindical, conta que muitos anos depois, já em 2000, muitos perguntavam a eles como conseguiram romper e se desenvolver em um meio sindical onde tudo era minimamente controlado pela burocracia dos sindicalistas ligados aos partidos AD, COPEI e MAS, que eram umas verdadeiras máfias (vide a questão dos cupons tratados no capítulo anterior). A explicação que temos para isto é que, embora possuíssem uma abnegação tremenda, o processo histórico por que passa toda Venezuela, na década de 1990, permite às forças vivas na sociedade irem se localizando, desenvolvendo e entrando na luta aberta e declarada quando se vê que a antiga direção política do país já está esgotada. Somente entendendo a Venezuela neste caldo de lutas sociais é que se pode compreender este novo fenômeno na política do país, o chavismo, que sai vitorioso entre as outras opções que estavam em disputa.

⁹⁸ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 369-70. Entrevista com Jose Bodas, um dos dirigentes sindicais petroleiro de Puerto La Cruz, integrante de La Jornada. Este trabalho coordenado pela PDVSA compõe-se de 420 páginas de entrevistas com diversos trabalhadores, gravadas em 2003/2004, logo após o Paro Petroleiro, em que se busca registrar a visão daqueles que participaram da luta para não parar a produção de petróleo, em dezembro de 2002, e assim manter o governo de Chávez.

Esta corrente sindical acreditava que, ao ir organizando os trabalhadores petroleiros com estes princípios de independência de classe, em um dado momento de acúmulo de forças, poderiam ser protagonistas em uma luta que revertesse à batalha desfavorável que estavam tendo até então. Assim, investiu-se neste objetivo e nesta tática, estratégia que ia além de estabelecer uma nova corrente sindical para ganhar mérito pessoal, mas, sim, reverter um processo de decadência da moral operária do país, conforme destacado na opinião de Guarema vista no capítulo anterior. A Venezuela dos anos de 1990, com seu modelo político esgotado, mostrava gangrena por toda parte, e, no setor petrolífero, talvez por ser o de maior porte econômico do país, se fazia mais visível a prática da corrupção. A opinião de Félix Ramírez aponta para esta interpretação:

...bueno, en nuestra organización hablar de "Yo" nos cuesta mucho. Desde el año 95 nosotros irrumpimos como movimiento sindical dentro de la industria petrolera. Primero, por lo que representaba el movimiento sindical venezolano, no tanto en la industria petrolera sino en Venezuela. Lo que enfrentaba el movimiento sindical para ese momento, un movimiento sindical totalmente devaluado, con toda una serie de degradación, corrompido. Llega un momento donde el movimiento sindical venezolano no representa la esencia de lo que fue el movimiento, de lo que es el movimiento sindical, como tal.

Nosotros veíamos que la cuestión sindical y nuestro propósito no era nada más el de irrumpir en el mundo sindical para tratar de impulsar una nueva... una corriente clasista, sino era el combate contra esa podredumbre, contra ese monstruo que era Pdvsa y que era difícil de romper, de penetrar por los diferentes ángulos dentro de ese monstruo, después de haber vivido ya 10 años dentro de él⁹⁹.

Construir a *La Jornada* para Ramírez, naquele momento, era fazer um trabalho de introspecção de toda classe trabalhadora venezuelana, olhar a partir de dentro, ir a seu âmago, perceber e tatear sua decomposição. Isto doía a estes trabalhadores, pois, se antes, por longas décadas, os operários petroleiros serviram de exemplo de luta a toda classe trabalhadora venezuelana, representando, em suas palavras, a essência do movimento sindical, agora não passavam de moribundos. É neste quadro de vontade de combater esta podridão na qual estavam envoltos, uma vez que faziam parte há anos desta empresa, e da classe trabalhadora, é que muitos vão fazer um trabalho formiguinha, a partir da clandestinidade, construindo um referencial de classe que em

⁹⁹ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 395. Entrevista com Félix Ramírez, integrante do Movimento Classista La Jornada.

um momento mais favorável pudesse ser mais ousado. Neste sentido, a história posterior veio confirmar o acerto político deste pequeno grupo sindical, quando, após anos de trabalho a fio, puderam experimentar a força que haviam acumulado ao surgir dos embates de 2002:

Pero aparte de ese infiltramiento en ese plan de contingencia, por lo menos en el caso nuestro aquí, y allí es donde voy, ese trabajito que nosotros empezamos a hacer dentro del sector petrolero el año 95, con el Movimiento Clasista La Jornada, que no le veíamos resultados, los vimos, pero fue en diciembre, pues, ¿me entiendes? Desde el año 95 y esos resultados lo vimos en Diciembre. Exactamente aquí, en este sector fue donde los trabajadores tenían mayor nivel de conciencia, de que aun estando molestos con Chávez no podían paralizar la industria petrolera¹⁰⁰.

A experiência que Ramírez nos mostra acende um diálogo que vamos ter a oportunidade de melhor debater a partir do capítulo III, contrapondo-o com outras fontes, possibilitando ver que todo este trabalho político sindical, quando surgem os sucessivos intentos de golpes políticos na Venezuela em 2002, estes operários e populares vão resistir como uma muralha, derrotando-os um a um. Assim, em uma análise mais ampla, é possível perceber que um projeto de ditaduras militares, como se vê em toda segunda metade do século XX, em quase toda América Latina, não pode novamente ser introduzido a partir de Venezuela como queriam os Estados Unidos. Isto é novo no quadro conjuntural da América Latina, o que denota uma reorganização da classe trabalhadora latina americana e de todos seus movimentos sociais com uma perspectiva até maior em suas pautas de reivindicações, depois de anos de retrocesso e perdas de direitos com as políticas neoliberais implementadas a partir dos anos de 1980.

Para que se tenha uma idéia de como este contexto conjuntural maior pode ser transformado a partir das muitas lutas políticas e sociais semeadas por toda América Latina, analisemos um pouco o exemplo deste movimento operário *La Jornada* a partir da pauta específica destes petroleiros que compõem a organização. Trata-se de uma pauta simples, resumida em duas páginas das quatro de seu boletim de campanha sindical do final de 1999. Estes operários, de uma forma simples, mas com um perfil classista, colocam seus interesses e idéias em disputa. O programa se divide em dois blocos, um de políticas sindicais em âmbito local e outro em nível nacional. Assim, o

¹⁰⁰ IDEM. p. 398.

programa inicia com uma proposta de como combater a corrupção pelos postos de trabalho, aquele famoso problema dos *cupons* de emprego que discutimos no I capítulo. A proposta do programa é que:

*Los directivos no manejaran el empleo entregaremos el 100% de los puestos de trabajo a la coordinadora de desempleados en el sindicato, que se repartirán los martes y jueves, según el orden de inscripción en un listado que permanecerá publicado a la vista de todos en el sindicato*¹⁰¹.

O principal objetivo que este grupo coloca é de não negociar mais as vagas de emprego via sindicato, um dos aspectos que havia contribuído para que estes operários estivessem envoltos em um verdadeiro toma lá dá cá, com as federações e sindicatos burocráticos se transformando em mafiosos. É uma visão de categoria que este grupo possui, de que o sindicato não tem responsabilidade de escolher quem vai ou não trabalhar, e assim propõe que quem deveria cuidar da administração destas novas vagas de emprego, de forma transparente, eram as novas coordenadorias de desempregados. Tivemos a oportunidade de debater, no capítulo anterior, que estas coordenadorias, por mais democráticas que se mostraram, também não conseguiram lograr o intento. O exemplo mais claro foi o papel cumprido por Raul Parica, que, aliás, vem da corrente *La Jornada*, acusado de negociar os cupons de emprego. Como havíamos comentado anteriormente, vencer a burocracia instalada no seio sindical e petroleiro passaria por planos muito mais estruturais que os apontados localmente por esta corrente, o que não tira o mérito de estarem, em forma micro, tentando dar respostas positivas à classe trabalhadora, porém estava no limite daquilo que Lênin chama de *Tradition Union*¹⁰².

Outras medidas elencadas por estes trabalhadores iam no propósito de redução da jornada de trabalho para 6 horas diárias, o que criaria milhares de novos postos de trabalho, além de assegurar uma melhor saúde a este trabalhador, pois estaria um menor tempo exposto a esta indústria insalubre que é o petróleo. Contra a política de bônus e

¹⁰¹ Jornada de trabajo de la plancha 7. Por la democracia sindical con dignidad venceremos. Movimiento Clasista La Jornada. Este documento de campanha saiu ao final de 1999, nas eleições que se dariam no início do próximo ano. Esta corrente, em eleições sindicais proporcionais, conseguiria dois postos no sindicato, onde colocam suas idéias em disputa.

¹⁰² LENIN, Wladimir I. *Sobre os sindicatos*. Coleção Teoria e Historia 4. São Paulo: Editora Polis Ltda, 1979. Um dos problemas que Lênin destaca no surgir histórico destas organizações de trabalhadores a partir da experiência dos trabalhadores ingleses do início do capitalismo. O limite sindical não consegue levar as reivindicações dos trabalhadores a uma concretização efetiva e duradoura, para que isto ocorresse deveriam fazer a luta política e construir suas próprias organizações políticas.

por uma política salarial efetiva; salário mínimo igual à cesta básica do país e direitos iguais para os trabalhadores fixos e terceirizados, uma vez que executavam as mesmas tarefas.

No campo da participação democrática, o programa propunha que todo trabalhador tinha direito de participar das decisões do sindicato e que houvesse sanções à direção sindical que não respeitasse a decisão da base, uma vez que era corriqueiro esta votar em uma proposta e a diretoria efetivar outra bem diferente. Dessa forma, fazia-se uma cobrança para que a democracia fosse instituída pela base. Outro elemento era a apresentação semestral de informes sobre a questão financeira do sindicato, uma atitude inexistente na prática sindical até então. Para ampliar a participação democrática da base e, ao mesmo tempo, atacar os problemas sentidos diretamente pelos trabalhadores, propunha-se a criação de uma secretaria de higiene e segurança com a constituição e eleição de comitês de higiene e saúde nos setores de trabalho.

A respeito do funcionamento do sindicato e da formação dos trabalhadores, propunha-se uma reunião mensal ampla, que debatesse os problemas da indústria do petróleo e do país. É um ponto curioso e que mostra um interesse maior pelas questões políticas, ao fazer um esforço para compreender a indústria na qual trabalhavam. Além disso, colocava-se a necessidade de uma reunião semanal da diretoria do sindicato.

Sobre o programa de tarefas sindicais em nível nacional, *La Jornada* propunha a defesa das empresas básicas nacionais, uma política contra a privatização e contra o neoliberalismo. Este é um ponto importante: observar a visão de até onde havia chegado a experiência destes trabalhadores com a política neoliberal. Aqui se discutia e se revia o dano que foi a privatização de todos estes setores estatais da indústria do petróleo, das indústrias minerais e siderúrgicas de Guayana, Estado de Bolívar, e do sistema de comunicação CANTV. Toda esta política neoliberal era contestada, entretantes, dialogava-se também acerca do quanto foi perversa esta política em outros países da América Latina em que o mesmo receituário do FMI fora aplicado. Por fim, mostrava-se o exemplo do Metrô de Caracas, que era estatal e considerado um dos mais eficientes e baratos do mundo, para se contrapor ao discurso neoliberal da ineficiência do setor público. Colocava-se a necessidade da criação de um sindicato petroleiro nacional, com um contrato coletivo único, válido nacionalmente, qualquer que fosse a empresa de prospecção. Reativação das prestações sociais, o que significa a criação de uma previdência social a todos trabalhadores venezuelanos, fato até hoje (2009) inexistente no país.

Este programa de tarefas nacionais é importante de se observar, à medida que se percebe um movimento vindo a partir dos próprios trabalhadores, no sentido de contrapor a toda política neoliberal vinda desde o Presidente Jaime Lusinich, início da década de 1980, e que havia sido aprofundada com Carlos Andrés Peres a partir de 1989. Nota-se uma classe não preocupada somente com seu local de trabalho e com sua categoria em específico, mas com todos os trabalhadores venezuelanos, o que será diferencial e qualitativo para enfrentar todos os problemas a partir de 2002, quando se tenta derrubar o presidente Hugo Chávez. Presidente em quem acreditam e confiam que levará este programa de classe a uma concretização. Portanto, é toda esta gestação social que vai impor a derrota dos futuros golpes militares, e não o feito exclusivo de alguns iluminados.

Para aglutinar a classe contra esta política neoliberal, *La Jornada* propõe unificar as lutas:

Impulsaremos los encuentros regionales, y nacionales de trabajadores para unificar a los dirigentes revolucionarios y progresistas en un solo programa contra las políticas neoliberales que los patrones nacionales, el Fondo Monetario Internacional (FMI) y las transnacionales quieren imponer al país¹⁰³.

O programa efetivamente coloca na ordem do dia uma unificação da classe trabalhadora, além de fóruns próprios de debates e esforços coletivos no sentido de encontrar um programa que sirva para todo o país sob a perspectiva da classe. É um detalhe relevante, pois o sindicalismo que primava neste momento não colocava este tipo de proposta, uma vez que estavam adequados ao modelo neoliberal, elementos que vamos perceber quando entrarmos nos debates da CTV – Confederação de Trabalhadores Venezuelanos -, que é uma viva parceira da Fedecámaras, a Federação do patronato. Tanto que no discurso desta central pelega, o que vai estar colocado é a competitividade, o empreendedorismo, a capacidade de o trabalhador ser flexível, ou seja, os atributos do neoliberalismo.

Ainda no aspecto das tarefas nacionais, *La Jornada* coloca a necessidade de unificar as quatro Federações de trabalhadores (CTV, CGT, CUTV e CODESA),

¹⁰³ Jornada de trabajo de la plancha 7. Por la democracia sindical con dignidad venceremos. Movimiento Clasista La Jornada, 1999.

proposta que depois o tempo confirmaria ser ingenuidade, dado o grau de colaboracionismo, peleguismo, corrupção e máfia em que estes espaços haviam se tornado. Na verdade, o movimento independente dos trabalhadores teria de ser construído novamente.

Na apreciação deste contexto social venezuelano, seus diversos atores sociais percebem que uma parte da sociedade está procurando sair de amarras e da podridão, ou seja, se reencontrar. Neste ensejo, é forte o sentimento popular de lutar e encontrar uma saída e para isto é necessário criar, e ainda que sua criação seja somente um elemento a mais, o que importava é que a organização da vida não poderia ser mais como antes.

3 - O MOVIMENTO MVR

A análise desta efervescência social seria incompleta se deixássemos de fazer uma observação também a outras forças políticas que estão em ebulição ainda embrionária, mas que são visíveis a partir dos anos de 1980. Como desdobramentos deste longo processo, o Movimento Quinta República - MVR - vai ser o principal no sentido de conseguir capitalizar o descontentamento social. Contudo, há outros que o precedem e é recomendável seu conhecimento para se ter uma dimensão da floresta e não somente da árvore como alerta Hegel¹⁰⁴. Isto é necessário para que se possa entrar na compreensão do ano de 2002, momento do *Paro* petrolero, com um panorama mais esclarecedor do que é a Venezuela e as forças que aí atuam.

A situação venezuelana, nos anos de 1960 e 70, a respeito do combate das esquerdas na América Latina, é um pouco distinta do que ocorre na maioria dos países latinos, pois alguns, por exemplo, Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, dentre outros, estariam sob o regime político de Ditaduras militares¹⁰⁵. A Venezuela vai passar

¹⁰⁴ Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Filósofo alemão do século XIX um dos principais formuladores da teoria da dialética, possuía o princípio de que não se deveria observar um objeto ou problema somente se atendo a sua especificidade, mas também ver os outros elementos que cercam este objeto. A propósito, oferece o exemplo de que um cientista não poderia estudar uma única árvore se, ao mesmo tempo, não estudasse a floresta a que pertence esta árvore. Karl Marx e Friedrich Engels, também filósofos do século XIX, avançam com a concepção dialética, transformando-a em materialismo histórico e materialismo dialético no qual nos aparamos. Assim, seria um erro tentar entender o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, se não entendêssemos a Venezuela em seu conjunto com todas as forças sociais em desenvolvimento antes do acontecimento do *Paro* em si.

¹⁰⁵ D'ARAÚJO, Maria Celina (org.) *Os anos de chumbo. A memória militar sobre a repressão*. RJ: Relume-Dumará, 1994.

por todo este período sem instalar ditaduras militares, contudo isto não significa que inexistisse a repressão do Estado e, ao mesmo tempo, o movimento guerrilheiro no país, afinal, quando os stalinistas definiam uma política, a mesma deveria servir a todos os países, independentemente do estágio em que estivesse a luta de classes naquele país. Desse modo, para não fugir à regra, nos anos 60 e 70, diversos movimentos guerrilheiros de orientação stalinista, guevarista e maoísta tentarão a tomada do poder na Venezuela, via luta armada foquista, desprivilegiando a luta sindical, estudantil e os movimentos sociais dentro de um campo de lutas sociais. Fará parte deste cenário também o MIR – *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* -, que teve uma participação em países como Chile, Equador e Venezuela¹⁰⁶. Porém, todas estas iniciativas equivocadas de muitos honestos lutadores sociais sacrificaram abnegados revolucionários, e não conseguiram infligir derrota ao governo, pelo contrário, todos estes movimentos foram derrotados, e assinaram o acordo chamado de *Política de Pacificación* promovido pelo presidente Rafael Caldeira em seu primeiro mandato (1969/74)¹⁰⁷.

Neste contexto, o Partido Comunista Venezuelano - PCV-, foi o que mais sofreu o peso da derrota, não só militar, mas também política desta aventura. Assim, nesta década de 70, esse partido perde um significativo número de militantes, dentre eles quadros de primeira linha que, desacreditados do método de luta armada e de tomada de poder, vão originar novas agrupações políticas na Venezuela. Uma delas é a *La Causa Radical*, conhecida por LCR ou La Causa R; outra organização foi o MAS - *Movimiento Al Socialismo*, todos eles saíram das fileiras do Partido Comunista Venezuelano em 1970. Um problema muito sério de todas estas organizações é que, como tiveram uma atuação ultra esquerdista, ou seja, desligada dos trabalhadores e dos movimentos populares, após a derrota, não fazem, em nossa opinião, uma apropriada avaliação dos feitos e passam atuar paulatinamente no viés direitista. Tanto foi assim que, neste caso venezuelano, estas duas organizações que saíram do PCV chegaram a apoiar a burguesia golpista e os Estados Unidos, nos sucessivos intentos de golpes em 2002, sob Chávez.

¹⁰⁶ Estes grupos eram tipicamente centristas, oscilavam entre a reforma e a revolução. O MIR venezuelano é o típico caso de centrismo de direita. O chileno tinha características de centrismo à esquerda. O equatoriano oscilou entre ambas as posições até sua explosão em oito pedaços.

¹⁰⁷ MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Venezuela-Panamá: Alfadil ediciones, 2005. p. 134.

Para iniciar pela LCR: quando em 1970, Pablo Medina, Jose Lira e Lucas Matheus saem a construir esta nova organização, não tinham a dimensão que poderiam construir uma organização do porte que fizeram¹⁰⁸. Para este projeto de construção, centralizaram seus esforços em três pontos privilegiados, que foram a Universidade Central de Caracas, a cidade de Guayana, especificamente o sindicato de Sidor, e a zona populosa de Catia em Caracas. Nesta investida, os dois últimos locais renderam bons frutos à organização, que passou a influenciar, nos anos de 1980, uma significativa parte do setor operário de Guayana e movimentos populares de regiões pobres de Caracas, fazendo assim lutas sindicais e elegendo-se para postos políticos do país. A principal, ou primeira figura política pública desta agremiação, foi Andrés Velásquez, que entra para ela em 1973, atuando no sindicato de SUTISS – *Sindicato Unico de Trabajadores de la Industria Siderurgica y Similares* -, em Sidor - *Siderurgica del Orinoco* -. Elege-se para um posto do sindicato em 1977 e ganha a direção do mesmo na eleição de 1979, dando força àquilo que se chamou de *sindicalismo alternativo*, ou seja, saía da influência do sindicalismo dirigido pelos adecos e copeianos. Porém, este sindicato sofre uma dura intervenção federal, entre 1981 até 1988. Apesar de estar fora da direção do sindicato, devido a este afastamento obrigatório, não impediu que a organização crescesse, fazendo três deputados em 1988, elegendo Velásquez ao governo do Estado de Bolívar em 1989, e Aristóbulo Isturiz prefeito de Caracas em 1993. Passa também a compor suas fileiras, a partir de 1981, Alí Rodríguez Araque, que será um importante ministro de Chávez na direção da PDVSA, sobre o qual se observou um pouco seu papel na direção da empresa no capítulo anterior.

A concepção política da LCR, conforme argumenta Maya, era de que a organização possuísse caráter de movimento e não de partido. Isto provavelmente devido ao resultado da negativa experiência no seio do PCV, com sua política guerrilheira. Como havíamos argumentado anteriormente, esses movimentos tem uma experiência ruim com o stalinismo e não fazem uma leitura profunda de todos esses anos. Destarte, a recente organização optou por não possuir estatutos e nem uma ata constitutiva de sua origem. Ao mesmo tempo, isto era uma política oportunista da organização. Ainda que em seus princípios não tivesse esta intenção, pensava que se não polemizasse com a classe trabalhadora a necessidade de que ela tivesse seu partido, assim como a burguesia possui os seus, os percalços seriam mais fáceis para a

¹⁰⁸MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Alfadil ediciones. Venezuela-Panamá, 2005. Esta autora trabalha especificamente esta organização no capítulo VI de sua obra.

construção da organização no seio do movimento que já dava fortes sintomas anti partido. O problema que surgiu daí é que, primeiro, não havia uma fronteira clara de quem era militante e, ao mesmo tempo, tudo deveria ser resolvido com base no consenso, nada se votava em seu interior. Isto adiava sempre o problema, pois nesta de consensos indefinidos, o que se criava era uma camarilha de cúpula, afastamento da base das decisões, e nada garantia que a opinião da maioria seria seguida pela minoria, o que criou, na verdade, uma falsa coesão. O resultado foi que, em 1997, a LCR racha, pois, como não houve acordo de quem seria candidato à presidência do país pelo partido, um grupo resolveu sair do partido ou, em outras palavras, é expulso por Andrés Velásquez e seu grupo que hegemoniza o partido naquele momento.

Desta ruptura da LCR se forma o PPT – Pátria Para Todos –, partido que em determinado momento fará parte do Movimento Quinta República – MVR. É importante dizer ainda que, nas eleições de 1993, o candidato da LCR obtém o segundo lugar para eleições presidenciais, em que ganha Rafael Caldera pela organização *Convergência Democrática*. Entretanto, houve fortes indícios de que quem ganhou de fato as eleições presidenciais de 1993 foi Andrés Velásquez da LCR, no entanto, a fraude e os acordos de cúpula reverteram os resultados¹⁰⁹. É um assunto para futuros historiadores, contudo é possível que o próprio Velásquez tenha concordado com isto, uma vez que ex-guerrilheiros e neoliberais andavam lado a lado e a LCR, deste momento, já era um encubatório de oportunistas, portanto, não é impossível que ele - Andrés Velásquez - soubesse dos verdadeiros resultados da eleição de 1993 e tenha se calado por algum motivo.

O importante de se notar neste processo de constituição desta organização política é que os setores populares e trabalhadores aspiram por mudanças e buscam em outras organizações, como a LCR, uma opção fora do eixo dos adecos do partido AD – Ação Democrática - e dos copeianos do partido COPEI – Partido Social Cristão -. Os venezuelanos explorados clamavam por mudanças, sentiam que a situação não podia ser suportada por mais tempo e a LCR foi um pólo aglutinador que hegemonizou este processo ainda que por um curto tempo. Porém, não compreendeu bem a situação sob a

¹⁰⁹ “Hasta el final sostendré que fui electo Presidente”. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 08 de junio de 2003. N. 16. 904, p. 09. Nesta entrevista de Andrés Velásquez ao jornal *El Tiempo*, ele afirma que ganhou as eleições presidenciais de 1993, contudo não explica por que não fez uma ampla campanha denunciando a fraude e reclamando seu posto de presidente do país. Nos indícios é possível deduzir que ele foi convencido de alguma maneira a não lutar por seu posto de presidente. O importante de tudo isto é perceber que a maioria do país já não queria mais os partidos AD e Copei. Em 1998, Chávez não negocia seu posto e reclama a ratificação de sua vitória nestas eleições, atitude que Andrés Velásquez não assumiu em 1993.

qual vivia e perdeu a oportunidade que Hugo Chávez não desperdiçará após sua saída da prisão em 1994. Assim sendo, Chávez lutou mais pelo poder e conseguiu ser a força de expressão do descontentamento da grande maioria dos venezuelanos, ainda que esta expressão seja uma distorção no sentido de ser o caminho para a população explorada resolver efetivamente seus problemas.

É oportuno dizer que, a partir de 1994, Rafael Caldera, até então do partido AD, é aclamado presidente da Venezuela pela *Convergência Democrática*, com um fraco desempenho de 25% dos votos, sendo que 60% serão de abstenção¹¹⁰. É mais um resultado de descontentamento com os partidos AD e COPEI, dirigentes ininterruptos do país desde 1958, ou fraude, do que uma crença dos eleitores de que com Caldera a situação iria mudar. E assim foi, tanto que neste governo a *Abertura Petroleira* será o tom da política governamental, juntamente com uma ampla política neoliberal: era tudo que a população pobre não queria e Chávez, pós 1994, fará seu discurso capitalizando estes descontentamentos.

Para compreender como, no meio destas disputas e das novas organizações que surgem, o Tenente-coronel Chávez chega ao governo nas eleições de dezembro de 1998, expressando esta vontade de mudança por parte dos venezuelanos, é importante que se vejam os primórdios deste movimento chavista para chegar à sua constituição em MVR, que o elegerá.

O *rentismo* petroleiro, sobre o qual explicamos no capítulo anterior, corroia os trabalhadores e os setores explorados em geral, assim, além do enriquecimento fácil de alguns setores da elite, a ajuda constante dos governos a diversos segmentos burgueses e a corrupção generalizada não deixavam isoladas do contexto as forças armadas, que paulatinamente, se integravam diretamente à rapina. Ao mesmo tempo, vamos encontrar, nos anos de 1970 e 80, um movimento operário que, por mais que lutasse, não conseguiu construir organizações e direções fortes e duradouras fora do âmbito do peleguismo dos adecos e copeianos, que servissem de referência nacional à luta dos trabalhadores e em âmbito dos explorados em geral. Sendo assim, em uma sociedade dividida em classes sociais, diversos setores vão colocar suas demandas em disputa e com isto concorrer à direção do país, tentando impor seu programa como saída deste descontentamento. O setor militar e, em específico, uma mediana oficialidade integrante da classe média venezuelana será um deles.

¹¹⁰ GOMES, Américo. Imperialismo, nacionalismo e revolução na Venezuela. In: *Marxismo Vivo*. Revista de Teoria e Política Internacional. Instituto José Luiz e Rosa Sunderman. SP: 2004, n. 10. p. 61.

Florêncio¹¹¹ em sua análise destaca a corrupção em que viviam as forças armadas, que, em suas diversas etapas a partir do *Pacto del punto fijo*, em 1958, sempre auxiliaram os governos de turno, desde que os dividendos da renda petroleira também chegassem às mesmas. Quando o presidente Rômulo Betancourt, se aproveitando do processo de mobilização popular, assume o governo do país em 1958, colocando ponto final a 10 anos de ditadura militar de Carlos Pérez Jiménez e encerrando o ciclo de ditaduras na Venezuela durante o século, acaba promovendo todos os ex-oficiais contrários ao ditador Jiménez e que haviam sido afastados para a reserva. Estes novos oficiais, na visão de Florêncio, assumem os principais postos das forças armadas e do governo, são oficiais em sua maioria adecos e copeianos, portanto, vão estar sempre de acordo com a dobradinha AD-COPEI. Estas forças armadas passarão por diversas fases. A primeira delas é de combate às guerrilhas dos anos 60 e princípios de 70: neste sentido é uma força armada muito integrada ao plano norte americano de combate ao comunismo na América Latina. Passada esta fase, chega-se à *paz dos cemitérios*. Assim, esta força militar perderá um pouco deste perfil, uma vez que não há mais guerrilhas, contribui evidentemente com alguns serviços sujos pela América Central, como foi o *Plano Condor*¹¹² para a América do Sul. No entanto seu perfil de formação de novos oficiais estará dentro daquilo que Florêncio chama de humanismo.

*Observamos que en La década de los setenta se inició un proceso orientado al aumento de La calificación en La formación de los oficiales. A La par, en el Ejército, desde la Academia Militar, se inició el Plan de Estudio Andrés Bello. La primera promoción que se graduó bajo ese esquema fue la Del presidente Chávez, la promoción Simón Bolívar, que ingresó a la Academia Militar de Venezuela en el año 1971 y egresó en el año 1975*¹¹³.

Com este novo perfil, Soteldo avalia que a formação das novas turmas de oficiais passou a ter conteúdos de economia, com a participação de professores vindos

¹¹¹ MILANO, Elias Jaua (org.). Seminario *¿De dónde viene nuestra Revolución? Movimiento Quinta República*. Caracas: Dirección Nacional de Ideología y Formación, 2004. Este trabalho tem a participação de 7 apresentadores, cada um com seu texto. Destaco os mais significativos de Margarita López, Florêncio Porras Echezuría e Wilmar Castro Soteldo, os outros são mais aladatórios de Chávez.

¹¹² Este plano integrou as ditaduras de Brasil, Chile, Argentina, Paraguai, que, com orientação norte americana, perseguia e eliminava opositores a estes regimes, seja oposição de viés marxista ou mesmo de democracia burguesa. Tal plano foi responsável pela eliminação física de centenas de pessoas na América Latina ou mesmo na Europa que fugiam ou contestavam estes governos nos anos de 1970.

¹¹³ MILANO, Elias Jaua (org.). Seminario *¿De dónde viene nuestra Revolución? Movimiento Quinta República*. Caracas: Dirección Nacional de Ideología y Formación, 2004. p. 63.

da Universidade Central de Caracas, que ofereciam palestras sobre assuntos políticos, a situação do país, eventos até então inexistentes na formatura das anteriores turmas. Somado a isto, Soteldo destaca que a própria conjuntura em que viviam, de final de ginásio e início da escola militar, com os processos de contestação à guerra do Vietnã, o papel de Che Guevara como influência na juventude daquele período, os diversos cantores com seus movimentos de contestação, o movimento hippie, tudo isto permeia esta geração de jovens militares. Neste sentido, ele cita um exemplo de que, em 1974, estando na escola de aviação, eles organizam uma reivindicação para terem uma biblioteca na escola, uma reivindicação difícil dos oficiais aceitarem e, neste processo de cobrança, fazem entre os alunos um inventário das obras que deverão compor esta biblioteca. Em primeiro lugar, apareceu a obra de Marx, O Capital, e em segundo lugar a biografia de Che Guevara. Nas palavras dele “faltou pouco para que os oficiais da escola os queimassem vivos”. Na opinião de Soteldo, este foi o primeiro motim dos novos e futuros oficiais contra a antiga geração.

Ao mesmo tempo em que tudo isto ocorria, Florêncio destaca que nas forças armadas vivia-se uma profunda corrupção dos comandantes e do generalato, posto que, no processo de compras de equipamentos de modernização das forças armadas, se rapinava uma barbaridade. Também havia uma promiscuidade dos comandantes, um favorecimento entre governos e comandantes, somado às questões de narcotráfico na fronteira com a Colômbia. Há falta de trato dos antigos militares, acostumados com o combate à guerrilha, e na tortura continuavam a mesma prática, às vezes, espancando camponeses por pequenas razões quando operavam nestas áreas. Tudo isto desagradava a esta nova oficialidade que está formando o Movimento Bolivariano Revolucionário - 200.

A década de 1980 veio aprofundar estas concepções de mudanças que o MBR-200 propunha dentro das Forças Armadas, dado o acirramento das corrupções, exemplo do general Sánchez Gil, chamado por Florêncio de General Blanca Ibáñez, que possuía o mérito de escovar bem as éguas de Blanca Ibáñez, aquela que surrupiou 15 milhões de dólares, amante do presidente Jaime Lusinchi. Esta atividade do general Sánchez fez com que ele subisse ao posto de comando: as relações funcionavam deste modo. Tudo isso, na opinião de Florêncio, serviu de caudatário a este movimento classe média dentro das Forças Armadas venezuelanas.

Este quadro que Florêncio e Soteldo observam é relevante para se perceber, a partir da ótica deste grupo, a dinâmica dos diversos setores dentro desta sociedade,

principalmente do quadro militar. Contudo, seria muito prematuro conceber, a partir de aí, que este novo setor militar, descontente com o procedimento até então das Forças Armadas, da qual fazia parte, seja o bloco que vá redimir da Venezuela estes problemas sociais e políticos. Este novo segmento das Forças Armadas, chamado de bolivariano, em homenagem a Simon Bolívar, dirigido por Chávez, vai conseguir, sim, capitalizar o descontentamento popular, porém, não soluciona os problemas estruturais do país, como desemprego, falta de moradia, violência, saúde, analfabetismo, dentre outros.

Tal movimento surgiu de forma muito embrionária na década de 1970, com liderança de Chávez, que promovia iniciativas de formação de grupos clandestinos dentro do Exército, por isto que o primeiro nome foi *Ejército Bolivariano Revolucionario 200*. Neste período, como o próprio nome indica, participavam somente elementos do Exército, mas, com o passar do tempo, já nos anos 1980, adentraram elementos de outras armas e também de civis, o que fez mudar o nome para *Movimiento Bolivariano Revolucionário 200 - MBR-200*. É a partir deste grupo que, em quatro de fevereiro de 1992, há a tentativa de realizar um golpe militar ainda no governo desgastado de Pérez. Contudo, este movimento liderado por Chávez é derrotado militarmente, com a morte de centenas de pessoas, e Chávez vai preso juntamente com dezenas de lideranças. Em novembro, do mesmo ano, tenta-se um novo golpe com os integrantes do grupo que não foram presos. Novamente desbaratados nesta segunda tentativa, Chávez é condenado a uma longa pena, mas cumpre somente dois anos. Em 1994, sob a pressão popular a favor dos rebeldes que haviam conquistado simpatias na população, Rafael Caldera assina um decreto dando liberdade a todos os integrantes. Contudo, ficou condicionado que cada um aceitaria a baixa definitiva das Forças Armadas a que servia. É então que Chávez e o que sobrou do grupo saem a campo com as idéias bolivarianas, na disputa pelo apoio popular a seu projeto político, que é vitorioso nas eleições de 1998, tomando posse em 1999.

Antes, porém, de iniciarmos uma análise direta sobre o projeto político de campanha de Chávez, seria muito importante ver outro autor para dialogar com a visão de Florêncio e Soltedo, quando explicam a origem do Movimento Quinta República – MVR – em suas distintas etapas e seu caráter humanista. Pablo Hernandez, em um curto artigo¹¹⁴, oferece elementos que discordam desta visão de que o movimento chavista,

¹¹⁴ *El oscuro pasado del 4 de febrero (o porque una vez mas no voto)*. Neste trabalho, Pablo Hernandez, professor da Universidade de Yacambu, em Barquisimeto, capital do estado de Lara, observa a corrupção, o porquê de ser contra a emenda de elegibilidade indefinida aprovada em 15-02-09, dialoga sobre os

desde sua origem, como Ejercito Bolivariano Revolucionário-200 e MBR-200, posteriormente MVR e por fim PSUV¹¹⁵ – Partido Socialista Unido de Venezuela - em 2007/08, seja humanista, mas, ao contrário, está envolto na corrupção¹¹⁶ e na repressão sobre trabalhadores e setores populares, neste sentido o *novo traz as marcas do velho*.

Para analisar a repressão, Pablo Hernandez trabalha com os dados oferecidos pela *Fiscalía General de la Republica* de 2007:

**CASOS DE VIOLACIÓN DE DERECHOS HUMANOS - DELITO DE HOMICIDIO:
ENFRENTAMIENTOS O AJUSTICIAMIENTOS - ENERO 2000 - NOVIEMBRE - 2007**

CASOS	6.405
VICTIMAS	7243
FUNCIONARIOS IMPLICADOS	6.885
PRESOS	412

FTE: INFORME FISCALÍA GENERAL 2007, VENEZUELA

Neste informe se observa que, desde o ano 2000 até 2007, o Exército, a Polícia e a Guarda Nacional venezuelana haviam matado oficialmente 7.243 pessoas. Destaca-se, ainda, segundo Pablo Hernandez, que este número não representa enfrentamentos com os órgãos de repressão, mas exclusivamente acertos de contas e extermínio por parte

assassinados aonde o atual PSUV governa, além de fazer um histórico de onde vem a origem do movimento bolivariano. Tal material ainda não havia sido publicado em imprensa escrita, contudo, o autor autorizou o uso do mesmo.

¹¹⁵ É importante entender que em todas estas fases por que passa este movimento, ocorrem rupturas, reagrupamentos, enfim, uma dinâmica, em que setores antes componentes dos grupos passam à oposição, e outros opositores passam a aderir. Momento mais dinâmico neste sentido foi quando se torna MVR, em que elementos de primeira linha, como Luis Manuel Miquelena Hernández, cotado para substituir Chávez, passa para o lado dos golpistas em 2002. É necessário observar isto para que não se pense em uma linearidade evolucionista desde EBR-200, na década de 1970, até se conformar em PSUV em 2007/8.

¹¹⁶ Chávez solicitó a militantes dejar de actuar como adecos. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 12 de jul. de 2003. N. 16. 938, pp. 09. Acusan a Rodríguez Chapín por ilícitos. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 04 de abr. de 2003. N. 16. 841, pp. 08. O trabalho de pesquisa permitiu visualizar a prática de corrupção dentro do movimento bolivariano, fato que o próprio Chávez não nega, visto que faz a alusão de que alguns militantes iniciaram a revolução possuindo 20 vacas, e, quatro anos depois, já estavam com 2.000. O próprio Chávez recebeu mais de um milhão de dólares do Banco Santander em sua eleição de 1998. Neste trabalho, não vamos desenvolver este ponto, somente assinalamos o fato, uma vez ser evidente a existência da Boliburguesia, em que de simples oficiais bolivarianos se tornaram milionários em poucos anos de revolução, o exemplo mais ilustrativo é de Diosdado Cabello.

destes órgãos, ou seja, são mortes de pessoas já rendidas ou indefesas. E, quando se aprofunda a análise sob os dados oficiais, chega-se a conclusões opostas ao caráter humanista do movimento bolivariano:

De los 7243 asesinatos cometidos por los organismos policiales del país, 2437 (34%) de ellos fueron bajo la jurisdicción de los militares “bolivarianos”. Si a estos asesinatos le añadimos los 731 cometidos por la policía al mando del “Poeta de la Revolución” y los 99 cometidos en las tierras bajo el control de la dinastía Chávez en Barinas, la macabra cifra se eleva a 3267 (45%) asesinatos por la policía en los territorios bajo el control del entorno íntimo del “Comandante Supremo de la Revolución”¹¹⁷

Estes dados - no cômputo geral 3.267 mortes executadas diretamente sob a administração de pessoas da mais alta intimidade com Chávez, como seu próprio pai e seu fiel escudeiro Tarek William Saab, governador do Estado de Anzoátegui, poeta e militante dos Direitos Humanos - não podem passar despercebidos. Isto se quer compreender o caráter de classe do governo e do movimento bolivariano. É de se destacar ainda que estas mortes não são de indivíduos ou burgueses que estivessem contra as propostas “socializantes” de Chávez, mas de pessoas jogadas pela miséria na criminalidade, dirigentes camponeses, estudantes, trabalhadores e sindicalistas. Como exemplos, nos últimos meses de 2008, em novembro daquele ano, foram executados três reconhecidos sindicalistas (Richard Gallardo, Luis Hernandez e Carlos Requena) no Estado de Aragua, sob os olhos do governo estadual do PSUV, e, posteriormente, em fevereiro de 2009, dois trabalhadores (Jose Marcano e Pedro Suarez), um de Mitsubish e outro de Macusa, em uma ocupação de fábrica. Estes dois últimos foram assassinados à queima roupa com tiros 9 mm no peito pela polícia do governador Tarek William Saab do PSUV. Todos estes acontecimentos se passam sem que haja processos judiciais efetivos, que cheguem a sentenças. Pablo Hernandez, em um estudo específico do Estado de Lara, chega à seguinte conclusão:

De cada 100 funcionarios implicados en homicidios, sólo 25 son imputados, de ellos 12 son formalmente acusados, de estos sólo 5,2 son detenidos y menos de dos son sentenciados, lo que no quiere decir que pagaran la condena porque ahora con reciente reforma al Código Penal, asesinos, violadores,

¹¹⁷ *El oscuro pasado del 4 de febrero (o porque una vez mas no voto)*. 2009. pp. 02-03.

*secuestradores y narcotraficantes pagaran sólo la cuarta pena impuesta, tu sabes si se portan bien y sobre todo si tienen dinero para pagar el beneficio. En conclusión la probabilidad para un funcionario policial de cometer un homicidio y ser declarado inocente es del 98.5%, de ir preso menos del 1%, y de pagar la condena 0%. Sabes amigo cuanto significan 7.243 víctimas del Ejército y la Policía en 10 años. 314, significan trescientas catorce masacres como la de Cantaura.*¹¹⁸

Assim, mesmo sendo alto o número de assassinatos por parte da administração bolivariana, inexistente a possibilidade de que haja julgamentos e condenação a seus executores. A pergunta que soa é como pode ser humanista ou ter advindo do humanismo este movimento batizado em seus primórdios de *Ejército Bolivariano Revolucionário - 200*? A questão que se coloca é que este movimento bolivariano não veio de um profundo descontentamento com a antiga IV República, que se propôs a refundar a nação sobre moldes democráticos, que, por infelicidade, se desvirtuou ou se burocratizou no caminho. É um movimento, como dissemos anteriormente, que capitalizou o descontentamento popular, introduziu novos mecanismos eleitorais, políticas assistenciais e, sobre a pressão popular, permitiu o espaço de discussão política no país, contudo, não houve transformações estruturais. Estes militares que formaram o movimento, alguns deles não podemos negar que eram bem intencionados, trouxeram, no entanto, toda a bagagem repressora de um estado burguês. O movimento bolivariano em seu conjunto herdou os vícios dos militares da IV República, uma vez que eram parte dela. Por exemplo, o Ministro do Interior Ramón Rodríguez Chacín, um dos principais líderes do grupo, participou do palco de massacres e operações Centro Americana na era Reagan; Henry López Cisco foi o principal mentor e criador dos órgãos de repressão do Estado na década de 1980; o próprio Chavez foi peça dos palcos de combate à insurgência que lutava contra o *Pacto del Punto Fijo*. Todos estes negam, um dos únicos que assume ter participado da repressão no Caracazo em 1989 é o general Wilfredo Silva, promovido no governo Chávez.

Neste sentido, a geração que compõe o campo militar do MVR vem de uma formação anticomunista, contra insurgente e alguns deles alunos diretos da *Escuela de las Américas*, do curso *Para Comandantes y Oficiales de la Plana Mayor del Ejército*, aplicado no Panamá. E se torna desnecessário aqui destacar quantos militares esta instituição norte americana formou para manter quase toda América Latina debaixo de

¹¹⁸ IDEM. p. 04. O massacre de *Cantaura* ocorreu em 04-10-1982, no estado de Anzoátegui, fazendo 23 vítimas fatais.

ditaduras militares na segunda metade do século XX. Para Pablo Hernandez, esta foi a verdadeira origem destes oficiais que comporiam o MVR, e não os chamados humanistas. Há, no entanto, uma outra justificativa para este grupo militar de bolivarianos ter participado de “alguns” casos de repressão no passado: é que, com o ato do Caracazo, estes mesmos militares refletiram e passaram para outro campo social, o dos excluídos e explorados do país. Novamente, Pablo Hernandez é taxativo nesta argumentação:

Y no te justifiques con el cuento de que fue el 27 de febrero, cuando el MBR-200 tomó conciencia de lo que pasaba en el país, porque resulta que tenían años conspirando con hombres, como William Izarra, Douglas Bravo, Francisco Prada, Ali Rodríguez, Pablo Medina y muchos otros revolucionarios que precisamente se habían alzado en armas contra la IV república, y conocían muy bien de la situación del país.¹¹⁹

O grupo de civis, quadros de primeira linha que compõem o movimento desde seus tempos de MBR – 200, possuía uma clareza da realidade do país, portanto, os militares do mesmo grupo não podiam ser tão alheios assim ao problema, tendo de viver a experiência de repressão no Caracazo para compreender a realidade. Acreditar nesta versão do segmento militar dos bolivarianos, que foram os atos do Caracazo que fizeram com que eles refletissem e se voltassem para os setores pobres, é acreditar no conto da carochinha.

Por fim, pode-se perceber que ir literalmente à perspectiva de Florêncio e de Soltedo, e todos que vão pela mesma vertente, sem fazer as devidas mediações e contrapontos, é correr o risco de cometer sérios equívocos de síntese, além de não compreender porque toda esta gestão administrativa bolivariana, que dirige o país, na atualidade, mata tantos trabalhadores e populares, principalmente depois de afastado o perigo de golpe militar da antiga direita representada pelos partidos AD e COPEI.

Após passar por alguns aspectos intrínsecos da origem do movimento bolivariano até sua fusão no MVR, vejamos, então, qual foi o programa político com que Chávez ganhou esta primeira eleição, sob a chancela do MVR - Movimento Quinta República - aonde o antigo MBR-200 vai se diluir, saindo daí a nova organização política que dará sustentação a este novo governo.

¹¹⁹ IDEM. p. 05.

Chávez, após sair da cadeia em 1994, passa a militar na sociedade venezuelana, inicialmente com seu grupo denominado MBR-200 - Movimento Bolivariano Revolucionário-200 -, que empreende uma peregrinação pelo país e não somente nos setores militares como era a prioridade até então¹²⁰. Neste trabalho de base elabora com seus integrantes um documento, em 1996, Chamado de *Agenda Alternativa Bolivariana*¹²¹, que servirá como base para seu programa de governo caso fosse eleito.

A *Agenda Alternativa Bolivariana* – AAB – se organiza da seguinte forma: apresentação feita por Hugo Chávez; I eixos problemáticos; II objetivo geral; e mais oito tópicos que são: O Papel do Estado; Política Petroleira; Propriedade e Gestão do Aparelho Produtivo; Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia; Dívida Externa; Equilíbrios Macroeconômicos; Equilíbrios Macrosociais e Dinamização da Produção. Não sendo possível apresentar e discutir todos um a um, optamos pelos que julgamos mais importantes para a compreensão do programa.

Na apresentação da *Agenda Alternativa Bolivariana* – AAB –, Chávez procura fazer um contraponto com a *Agenda Venezuela*, do governo de Rafael Caldera. Chávez quer mostrar, com a AAB, que outra forma de governar e conceber o Estado Venezuelano deveria ser proposta para se sair da crise que arrastava o país e que se havia agudizado com o Caracazo. Neste sentido, Chávez começa a apresentação do projeto fazendo uma abordagem de que o *Pacto do Ponto Fijo*, iniciado em 1958 pelos dois principais partidos políticos do país AD – Ação Democrática – e COPEI – Partido Social Cristão -, possuía dados, não só econômicos, mas também históricos e sociais, que não expressavam mais a situação do país. Como medida para reerguer a Venezuela Chávez propõe refundar a nação, sob a ótica de que a IV República, período histórico pelo qual passava o país, não respondia mais às necessidades daquele povo. Chávez observa que a IV República iniciara com a divisão da Gran Colômbia, ou seja, com o

¹²⁰ ELIZALDE, Rosa Mirian. BAEZ, Luis. *Chávez nuestro*. Casa Editora Abril. Nesta edição consultada, não se encontram data e local de produção. Os autores são repórteres cubanos reconhecidos por outros trabalhos como *Los disidentes*. Nesta obra biográfica de Chávez, são privilegiadas entrevistas com diversos integrantes do grupo, além do próprio Chávez e familiares, contendo elementos importantes para análises. A obra traz o sentido de homenagem a Chávez e no seu conteúdo oferece a própria versão dos protagonistas. No geral, não se pode negar que Chávez e este grupo lutaram assiduamente pelo poder, colocando a vida pelo projeto.

¹²¹ *Agenda Alternativa Bolivariana*. Ministério Del Poder Popular para la Comunicación e información. Caracas, fevereiro de 2007. Analisaremos nestas próximas laudas deste tópico este material que saiu em forma de cartilha, com um total de 44 páginas. É um material simples e resumido, mas que mostra de forma clara as diretrizes do projeto de governo caso fosse eleito. À época seus opositores na eleição quase não deram atenção ao material, primeiramente, por jamais acreditar que seria eleito, outrossim, até mesmo por não ser tradição na política venezuelana apresentar projeto de governo por escrito e fazer dele o centro da campanha. Nesta oportunidade, estamos trabalhando com uma reedição publicada em 2007.

processo da morte de Simon Bolívar e a re-acomodação das forças políticas, aproximadamente em 1830. Sua última fase se inicia com o *Pacto do Ponto Fijo*, através do qual, em 1958, em um concerto entre os principais setores da burguesia venezuelana, com seus partidos AD e COPEI, se estabelece os acordos de não mais usar os golpes militares no país. Assim, passa-se a aceitar o resultado das eleições e dividir o poder, assim sendo, não ocorre mais nenhuma ditadura militar naquele país até findar o século XX. Sucede que este modelo, na visão de Chávez, era um modelo que, principalmente em seus anos finais, se baseava exclusivamente na imposição, dominação, exploração e extermínio do povo pobre daquele país, que, conseqüentemente, era a maioria da população. Deste modo, seria necessário refundar o país, o que seria a V República.

Diante deste quadro, a proposta que Chávez apresenta perpassa por resgatar os ideais dos antigos heróis da nação, como Simon Bolívar, invocando a unidade da América Latina, na solução de seus problemas e, de certa forma, em oposição aos governos estadunidenses, que sempre saqueiam estes países. Logo, não é por demais observar o significado da busca de heróis nestes momentos cruciais da luta de classes:

E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada¹²².

Outro herói a que Chávez faz alusão é Simón Rodríguez de quem tira a perspectiva de que este povo não deve imitar outros modelos, ou os *latinos inventam ou vão errar*. Faz a crítica de como estes últimos governos vem dilapidando o patrimônio venezuelano, observa que nos últimos 20 anos estes governos surrupiaram algo em torno de 300 milhões de dólares, deixando a população em um verdadeiro quadro de miséria e indignação, do qual saíram o Caracazo de 1989 e as duas rebeliões promovidas pelo seu grupo militar em fevereiro e novembro de 1992.

Chávez apresenta que tudo isto é um desgoverno e, quando a crise se intensifica, os governos de turno estabelecem programas para sair da crise financeira e

¹²² MARX, Kart e ENGELS, Friedrich. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Textos 3 edições sociais*. Alfa-omega, São Paulo: sd. pp. 203.

nunca social, sempre em parceria com o capital internacional e com os governos imperialistas. Portanto, a população tem de amargar os programas do FMI, que a levam a situações nunca vistas em toda sua história pós independência:

Como tampoco les dice nada en sus tableros el hecho criminal de que entre 1988 y 1991, el número de venezolanos por debajo de la línea de pobreza crítica se incrementó de 45% a 60%, y ahora, con el ultrashock, se acerca de 90%; mientras que la pobreza extrema saltó sus barreras históricas desde un 25% hasta la descomunal cifra de 50%, en mayo de 1996, nivel de cuyo registro no hay precedentes en la memoria histórica venezolana, ni siquiera en los años posteriores a la larga y dolorosa Guerra de Independencia, que a su vez precedió a la Revolución Federal¹²³.

Tal quadro não se pode sustentar mais, não se pode viver eternamente com as reformas cosméticas que mantêm o modelo colonialista dependente, o rentismo e, acrescentando, a partir da década de 1980, a política neoliberal que transfere as riquezas da nação ao capital privado. Neste quadro explicativo de Chávez, ele propõe: “para sair do labirinto: alternativa bolivariana”, assim, nega em suas palavras a visão de Francis Fukuyama¹²⁴, e do neoliberalismo, e chama os bolivarianos, os revolucionários, os patriotas e os nacionalistas a se juntarem neste bloco de negação da então política governamental e suas diretrizes, vindas dos organismos internacionais, e anuncia sua estratégia:

Así, la estrategia bolivariana se plantea no solamente la reestructuración del Estado, sino de todo el sistema político, desde sus fundamentos filosóficos mismos hasta sus componentes y las relaciones que los regulan. Por esa razón, hablamos del proceso necesario de reconstitución o refundación del Poder Nacional en todas sus facetas, basado en la legitimidad y en la soberanía. El poder constituido no tiene, a estas alturas, la más mínima capacidad para hacerlo, por lo que habremos, necesariamente, de recurrir al Poder Constituyente, para ir hacia la instauración de la Quinta Republica: La República Bolivariana¹²⁵.

¹²³ Agenda Alternativa Bolivariana. Ministério Del Poder Popular para la Comunicación e información. Caracas, fevereiro de 2007. p. 11.

¹²⁴ Francis Fukuyama é politólogo estadunidense, de origem japonesa. Nascido em 1952 e um dos maiores defensores do neoliberalismo. Ficou conhecido mundialmente com seu ensaio, em 1989, e a publicação de seu livro, em 1992, *É o fim da História?* Que colocava o fim da história humana a partir do evento da queda do Muro de Berlim, em 1989, e a desintegração da ex URSS, em 1991. Com esta teoria afirmava o fim das revoluções e de processos sangrentos para o homem, o caminho haveria de ser uma luta pelos direitos humanos universais dentro de processos democráticos.

¹²⁵ Agenda Alternativa Bolivariana. Ministério Del Poder Popular para la Comunicación e información. Caracas, fevereiro de 2007. p.13.

Com este projeto, Chávez propõe fazer o que chama de *contra ofensiva total* ao neoliberalismo, e não atacando os problemas de forma superficial, mas em seu todo. Este projeto era visto como *Projeto de Transição Bolivariano*, haveria que aprofundá-lo ainda mais até se chegar, a longo prazo, ao *Projeto Nacional Simón Bolívar*. Fazendo uma análise crítica deste postulado de Chávez, percebem-se mudanças significativas que ocorrem no interior do movimento MBR-200 (Movimento Bolivariano Revolucionário – 200), a MVR (Movimento Quinta República): a mudança não é somente de terminologia, mas de conteúdo. Primeiro, se observarmos com atenção a citação acima, constatamos que não haveria mais caminhos a percorrer por meio da luta armada, ou da tomada do poder violentamente, o direcionamento agora é a constitucionalidade, fator que não era hegemônico no MBR-200 até aquele momento. Chávez propõe refundar a nação e necessariamente recorrer a uma nova *constituente*. Não há dúvidas de que, em certos aspectos, a mudança é significativa e se mostra no decorrer dos processos de golpes da direita em 2002: que este governo bolivariano não atuaria mais com prioridade no confronto e sim na conciliação, tanto foi que, nos processos subseqüentes, sempre apelou à constitucionalidade.

Olhando por outro lado, o que seus opositores burgueses não perceberam é que este governo poderia, de fato, cumprir com sua agenda, e duvidaram. Uma, porque, sempre garantidos no mando do Conselho Nacional Eleitoral – CNE -, os resultados não escapariam de seus controles; outra, é que jamais, na prática eleitoral do país, os projetos redigidos de governo, em campanhas, fossem cumpridos, eram somente formalidades e jamais para se efetivarem. Ocorreu que este projeto AAB foi levado a cabo, trazendo em seu interior uma questão central que era refundar a nação, isto passou despercebido e o pior resultado, para os antigos grupos políticos que dirigiram o país, por longas décadas como AD e COPEI, foi a elaboração de uma nova Constituição como previa a AAB, ainda que esta nova Constituição não saísse das diretrizes burguesas de constitucionalidade, como, por exemplo, de todas as garantias à propriedade privada e da exploração do homem pelo homem. A nova Constituição serviu muito para legitimar o novo governo, e, de quebra, arrebatou o senado, deixando somente a Assembléia Legislativa de deputados, organismo, este, muito mais fácil para este novo governo, a partir do poder executivo, defender seus objetivos com um modelo

unicameral e, nesta lógica, Chávez vai paulatinamente dirigir o governo a partir de duas instituições principais, o Executivo e as Forças Armadas.

Em seu conjunto, é possível dizer que Chávez e o MVR-200 souberam perceber melhor a conjuntura venezuelana, o sentimento da maioria da população, e para onde tendiam as transformações. Assim, não perderam a oportunidade, como havia perdido anteriormente Andrés Velásquez e a LCR – *La Causa Radical* –, como Chávez sinaliza nesta apresentação da AAB, indicando as mudanças que vinham germinando na América Latina. Pontua a contestação geral do neoliberalismo, ainda que para a década de 1990 fossem contestações incipientes. Neste viés, detecta onde deveriam ancorar seu discurso e seu programa, e, neste momento, não fazia referência ao socialismo, seja de que matiz fosse.

Adentrando um pouco mais no conteúdo da AAB, passemos aos *Objetivos Gerais* do documento que aspira construir uma sociedade em que as *necesidades humanas básicas* estejam colocadas em primeiro lugar. A propósito, define os objetivos gerais da seguinte maneira:

Elevar en el corto plazo el nivel y calidad de vida de la población venezolana, por encima del umbral básico, constituido por el conjunto de sus necesidades físicas (alimentación, salud, vivienda), necesidades sociales (seguridad, integración, igualdad, libertad), necesidades culturales (educación, deporte, recreación, creatividad), necesidades políticas (participación, protagonismo). Contribuir a la reivindicación de nuestra independencia nacional y a la reafirmación de nuestra soberanía¹²⁶.

Para obter estes objetivos gerais, a AAB destaca oito eixos de atuação conjunta, integrais e novos. Novos, na perspectiva de ver os problemas a partir da ótica das necessidades internas e não mais a partir das diretrizes externas, alusão aos organismos internacionais até então orientadores das políticas nacionais. É daí que Chávez populariza a tão falada expressão *endógeno*, desde adentro, por dentro, ou seja, uma Venezuela que, até certo ponto, revivesse a descartada política nacionalista, que teve, nos anos de 1950, uma acolhida maior por governos da América Latina, como do Brasil

¹²⁶ IDEM. p. 18.

e México, e em outros lugares e momentos como o de Nasser no Egito¹²⁷. Neste sentido, o Estado passa a ser o propulsor de projetos, posição supostamente contrária ao neoliberalismo ortodoxo que via o Estado apenas como regulador do mercado. Assim, o primeiro eixo dos 8 é o *Papel do Estado* venezuelano, como promotor, proprietário e regulador, fenômeno que o antigo Estado, ou o Estado sob a égide do *Pacto do Ponto Fijo*, já débil, não pode executar. Por isso, Chávez propõe medidas de reestruturação do Estado, e não medidas que chama de simplistas como as saídas neoliberais de “redução do Estado”, como seus adversários propunham. Fala de um novo Estado democrático e popular com funções elementares de elaboração de políticas estratégicas nacionais; defesa nacional e soberania; responsável pela política macro social e macro econômica e provisão de serviços públicos. Nas funções suplementares do Estado estão a criação, impulso e suplementação de mercados, bem como a regulação e fiscalização como a de preços, e concentração da propriedade.

Observar este primeiro eixo da AAB muito faz lembrar a obra de Lênin, *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*¹²⁸, em que Lênin destaca o papel de um setor da elite do Estado Czarista na criação de um mercado interno e nas transformações que o país realizou no final do século XIX, para o XX. A proposta era de direcionar a economia agrária, sem peso industrial, para uma economia industrial com peso na indústria de bens de consumo. Neste sentido, a criação do mercado interno para Lênin vai ser um forte elemento para esta política. Em Venezuela, respeitando as devidas diferenças, neste quesito o objetivo central se assemelha, que é criar uma indústria para o mercado interno, mais forte e estável do que a já existente: é por isto que, a princípio, em nossa visão, o governo Chávez eleito tentará ampliar sua arqueadura, para não ficar refém dos controladores do rentismo. Diversificando a economia e o mercado, permitindo que uma parcela maior consumisse, o novo governo teria mais tentáculos para estruturar sua força. Aí a forte presença do Estado para garantir este objetivo. Em certos aspectos, dialeticamente compreendendo, Chávez faz isto ao mesmo tempo aceitando o monopólio do petróleo na economia e conciliando com as forças políticas que desejam continuar a viver do rentismo petrolífero, além das mudanças sociais que as

¹²⁷ ITURBE, Alejandro. Chávez e o “socialismo do século XXI”. In: *Marxismo Vivo*. Revista de Teoria e Política Internacional. SP: Instituto José Luiz e Rosa Sundermann. 2004, n. 15. p. 05-33. Neste trabalho, o autor faz uma discussão conceitual do caráter do governo Chávez, e destaca alguns elementos nacionalistas deste governo. Ver também PEREIRA, Alejandro. *Socialismo del siglo XXI, o socialismo científico?* Bogotá: Ediciones El Socialista, 2007.

¹²⁸ LENIN, Wladimir Ilitch. O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno para a grande indústria. 2ª edição. Coleção: *os economistas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985. Tradução: José Paulo Netto. Revisão, com base no original russo, de Paulo Bezerra.

classes populares estarão lutando para conquistar. Isto de certa maneira vai estar colocado nos embates de 2002, tanto no golpe de abril, como no *Paro petrolero de dezembro*, ainda que não seja claro desta forma para aqueles atores que viveram o processo.

O segundo eixo é a respeito da *Política Petroleira*. A AAB confirma que, para as próximas décadas, a base central de acumulação para o Estado vai continuar sendo a economia petroleira. Porém, faz um destaque que, diferentemente da política anterior de exploração e exportação de crudos, se desenvolverá uma indústria “hacia abajo”, que consiste no desenvolvimento de uma indústria de refino e seus derivados, não ficando só na exportação de produto *in natura*. Nessa linha, os argumentos são de que, além de valorizar o produto, se criará um mercado de mão-de-obra qualificada e mais ciência e tecnologia próprias. A AAB reivindica a Internacionalização Petroleira, política sinistra para o país, uma vez que os resultados são um maior apoderamento das reservas nacionais pelas multinacionais, além da PDVSA financiar o processo de refino nos países desenvolvidos sem ganhar com isto, questão que explicamos detalhadamente no capítulo anterior. Ainda neste ponto, a empresa estatal tem a responsabilidade de aumentar sua contribuição ao fisco nacional, diminuir os custos de produção em 15%, aumentar a produção até 2005 de 3,2 para 5,7 milhões de barris de petróleo ao dia. Neste eixo, percebe-se a maior contradição deste governo, uma vez que manter a política de *Internacionalização Petroleira* e aumento da produção é efetivamente entregar as riquezas nacionais à rapina estrangeira, e porque Chávez fará isto? Em nosso ponto de vista, Chávez o faz, porque é um governo de conciliação de classes, com um agudo sentido de percepção: por um lado tem de oferecer mais aos setores populares que o apoiaram, dada a mobilização deles, por outro, não pode romper totalmente com a burguesia que dirige o negócio do petróleo, sejam seus representantes nacionais ou estrangeiros. Chávez percebe isto e tenta mediar, no entanto, esta mediação não beneficia à classe trabalhadora e setores populares em geral, oferece, sim, políticas de compensações. A burguesia venezuelana não entende assim, e toda sua luta, principalmente no tumultuado ano de 2002, é para que as relações políticas voltem a ser como antes, ou seja, a mesma política iniciada a partir do processo de 1958. No entanto, histórica e socialmente o modelo havia falido, o Caracazo de 1989 foi seu golpe mortal, é verdade que o enterro deste modelo do *Punto Fijo* demoraria mais 10 anos, ou seja, nas eleições de 1998, mas o molde já havia perecido.

O terceiro eixo é *Propriedade e Gestão do Aparato Produtivo*, em que se propõe um modelo sócio econômico *Humanista e Autogestivário*, que tem por objetivo principal reduzir a utilização improdutiva dos excedentes e maximizar os níveis de acumulação. Este é um ponto necessário de ser observado, pois trata da questão da propriedade privada, onde os princípios do antigo modelo dirigido até então pela IV republica não é contestado, e sim há uma busca de sua dinamização. O que leva a compreender que, em seu todo, o projeto visa mais a estruturar, com maior efetividade, o modelo capitalista, ampliar e aprimorar as relações capitalistas na produção e no mercado, antes de qualquer outra coisa¹²⁹. O gráfico 2 da AAB¹³⁰ é claro para visualizar a proposta:

Sector	Caraterización	Regimen de propiedad
I	Empresas básicas y estratégicas. Sector petrolero, empresas básicas. Minería, alta tecnología militar.	ESTATAL
II	Bienes de consumo esenciales. Se compone de la industria de la Construcción, agroindustria, PYMI, Turismo	MIXTO
III	Servicios esenciales y Gobierno. Sectores productivos como educación y salud, además de un sector no productivo del Gobierno, generador de servicios esenciales no transables	MIXTO
IV	Banca y finanzas orientado hacia la intermediación financiera. No transable	MIXTO, pero regulado y controlado por el Estado
V	LA Gran Industria conformada fundamentalmente por la gran industria importadora, generadora de bienes y servicios no esenciales	Fundamentalmente Privado

Rapidamente, podem-se destacar dois elementos importantes, diante de vários outros. Um deles é de que o Estado visa fortalecer as relações capitalistas e criar um mercado interno mais dinâmico. Para isto investe na indústria de base com o monopólio estatal, como se vê no setor I. Ao mesmo tempo, realiza as parcerias que estão nos setores II, III e IV e estas parcerias não são ruins para o setor privado, como se ofereceu

¹²⁹ Destacamos estas inferências, porque, na AAB e na política econômica da atualidade, nesta primeira década do século XXI, não há medidas socialistas no programa de governo de Chávez, ainda que o governo se auto proclame socialista, e sua base social e a oposição de direita acreditem. Tudo não passa de um mal entendido. Na Venezuela de Chávez, não há planificação da economia, controle do comércio exterior pelo Estado, controle social da produção, estatização do sistema financeiro, etc. elementos imprescindíveis em um estado socialista como propunha Marx e como se executou com a Revolução Russa de 1917.

¹³⁰ Agenda Alternativa Bolivariana. Ministerio Del Poder Popular para la Comunicación e información. Caracas, fevereiro de 2007. p. 25.

um exemplo no capítulo anterior, do projeto *Reimpulso Productivo*, do final do ano de 2008. O setor V, que é fundamentalmente privado, se torna uma mãe para os capitalistas, uma vez que a importação se realiza no privado e o consumo interno venezuelano depende entre 70% e 80% das importações, ou seja, quase tudo que se come, veste, etc., é vindo de fora, passando pelas mãos dos grandes importadores. Isto permite uma grande especulação e uma acumulação a estes setores controladores.

O governo efetivamente não fiscaliza o monopólio do comércio exterior para acabar com a especulação e trazer um custo mais baixo para o consumo destes 28,1 milhões de venezuelanos¹³¹, que, na absoluta maioria, são os mais necessitados da ajuda do Estado, porém o Estado auxilia o outro lado, o privado, que controla o setor de importação. Neste sentido, aqueles que avaliam e defendem que o Governo Chávez é socialista, ou caminha neste rumo, sem fazer uma análise mais detalhada de seus projetos e medidas, estão, na verdade, “procurando terra na água”. Toda AAB não traz nenhuma proposta de socialismo e, lendo atenciosamente todo conteúdo, não vamos encontrar sequer a palavra *socialismo*. Encontramos solto aquilo que se poderia dizer mais “próximo”, *cooperativas, famílias, e controle social da produção*, nada mais que isso. Assim, proposição alguma autoriza dizer que o projeto do governo de Chávez defende, em seus primórdios, o socialismo. Tal fraseologia vai aparecer com Chávez, quando, a partir das lutas de 2002, a mobilização tenta empurrar o governo à esquerda e a fazer medidas mais radicais. Aí o governo passa a adotar paulatinamente em seu vocabulário a palavra *socialismo*, uma pura demagogia circunstancial.

O quarto item é um dos que o governo mais teve de negociar com a burguesia, devido à fragilidade do estado venezuelano nesta área, e, ao mesmo tempo, a indisponibilidade que enfrentaria com a burguesia se tocasse neste filão desde o início. Assim, o governo contentou-se em regularizações que não afetassem o eixo dos rendimentos da banca nesta área. Neste aspecto, o controle do valor do dólar oficial foi uma de suas principais preocupações.

O quinto é *Dívida Externa*. Todos que possuem uma visão a partir da classe trabalhadora e dos setores pobres em geral são unânimes em dizer que o pagamento destas dívidas traz grandes sofrimentos a todos os países devedores, além de ser completamente exploratório e imoral o seu mecanismo: não se trata de um empréstimo

¹³¹ De acordo com a CELSA – *Centro de Estudios Latinoamericanos* – para 2008 a população venezuelana estava calculada neste número.

sério entre devedor e credor, mas, sim, de uma falcatura¹³². Partindo desse pressuposto, um governo que esteja comprometido com a maioria de seu povo deve tratar com muita seriedade a questão. Lembremos que o governo Pérez, em vésperas do Caracazo, em 1989, fez um acordo muito lesivo aos venezuelanos, e envia antecipadamente oito toneladas de ouro à Inglaterra para assegurar o novo acordo. Somado a isto, o governo Jaime Lusinchi faz acordos com o FMI muito lesivos ao país, questões estas vistas no primeiro tópico, portanto, um problema muito grave na vida dos venezuelanos. Vejamos como a AAB apresenta as propostas, uma vez que a Venezuela vive esse processo. Primeiramente, a AAB realiza um apanhado da dívida do país, destacando o aprofundamento devido aos últimos acordos desfavoráveis com o FMI, fazendo com que, em 1997, aproximadamente 50% do orçamento do país estivessem destinados a pagar os juros da dívida, sendo que, naqueles últimos quatro anos, os dados do Banco Central Venezuelano mostravam um pagamento anual dos juros no valor de 3.560 milhões de dólares.

A AAB critica a falta de uma política negociadora digna para a nação, cita como exemplo o acordo lesivo que Jaime Lusinchi assina em Nova York, em 24 de fevereiro de 1986, acordo que inclusive enfrentou uma ação na corte Federal de Nova York, acusando os bancos estrangeiros de terem estafado a Venezuela. A AAB apresenta cinco opções que as reproduzimos aqui. 1ª *Morar* (De moratória) a dívida externa não estruturada, aproximadamente 38% dela, e pagar os juros da reestruturada; 2ª *Morar* a dívida não reestruturada e negociar a reestruturada; 3ª *Moratória* negociada de toda dívida externa; 4ª fixar os parâmetros de pagamento de toda dívida externa sem comprometer a reconstrução do país e 5ª *Negociar* o perdão da dívida. Como se pode observar, as medidas anunciadas no programa são muito tímidas. A 5ª opção fala ainda de negociar o perdão. Ora, sabemos que, em uma medida efetiva de não pagamento, na maioria das vezes, esta somente pode ser tomada em caráter unilateral. Portanto, neste tratamento que se pretende ter com o problema da dívida externa, embora a AAB argumente que com uma destas opções negociadas, milhões de dólares anuais poderiam ser economizados em benefício da dinamização da produção do país, efetivamente não

¹³² www.jubileubrasil.org.br e <http://www.divida-auditoriacidada.org.br/> Neste endereço se encontra um extensivo material que explica o mecanismo das dívidas externas dos países pobres. No caso do Brasil, um destes países, há uma auditoria da dívida externa brasileira feita pelas entidades e instituições que compõem esta organização, e exigem uma auditoria oficial do governo federal.

concordamos se entrarmos no histórico do Banco Central Venezuelano e observarmos os pagamentos regulares e as cifras¹³³.

O sexto eixo da AAB trata do *Equilíbrio Macroeconômico*, em que está colocada a política cambiária, fiscal e monetária. O sétimo eixo é *Equilíbrio Macrosociais*, trata-se da política de emprego, segurança social, saúde, moradia, distribuição de renda, sistema de integração e reintegração social e segurança pública. É um arcabouço grande, se comparado com os anteriores governos, em que alguns destes itens eram inexistentes no planejamento, contudo, a conotação que a AAB oferece a estes problemas é dentro do marco de políticas compensatórias, ou sem sincronia, como pudemos conferir¹³⁴. Por exemplo: jovens técnicos são formados nos novos projetos educacionais, mas não são absorvidos nas respectivas profissões; a política de emprego não funciona e o resultado neste caso tem sido uma precarização do trabalho, pois são mais candidatos a disputar as mesmas vagas, subordinando-se a um salário cada vez menor, questão que precisaremos quando discutirmos a reestruturação da PDVSA.

Em seu oitavo eixo, a AAB coloca a *Dinamização da Produção*, é uma política que tem por objetivo o desenvolvimento interno, a partir de dentro, e localiza seus esforços na indústria de construção, a agroindústria, a pequena e média indústria e o turismo. Para a efetivação deste projeto, a AAB prevê os modelos de empresas familiares, microempresas, cooperativas, modelos industriais chamados de “indústrias industrializantes”. Há também uma preocupação com a revitalização das indústrias de ferro, aço e alumínio. É um arcabouço grande, que vai desde os já citados setores, até a indústria eletromecânica, os organismos estatais de planificação, e aquilo que a AAB chama de *inserção solida nos blocos regionais e na economia mundial*. Um dos resultados internos desta política foi a instalação de novas bases de montadoras automotivas, por exemplo, como a Toyota, Chrysler, GM, Ford e outras de autopeças que oferecem peças e equipamentos a estas montadoras. Outras indústrias, como a de

¹³³ No final de 2007, segundo dados oficiais do Banco Central da Venezuela - BCV-, o total da dívida externa venezuelana era de 52.949 milhões de dólares, um crescimento de 17,79% em relação ao ano anterior. Isto, de acordo com o Jornal *Repórter Economía* de 29-01-08, representava 54,6% do PIB venezuelano, contra os 29% que representavam, em 1999, ano em que Hugo Chávez assume o poder. Os dados informam que, com Chávez, a política a respeito do problema não tem se revertido, ao contrario, se profunda.

¹³⁴ A CONINDUSTRIA, um dos sindicatos patronais, diz que, para o ano de 2008, 350 mil empregos deixaram de ser criados no país. Somado a isto, o INE – Instituto Nacional de Estatística –, órgão oficial, destaca que para dezembro de 2008 havia 782.917 pessoas desempregadas, um percentual oficial de 6,1%. Outros órgãos não oficiais falam na cifra de 1,3 milhões de desempregados para a mesma data. Há ainda em torno de 5 milhões de trabalhadores informais, o Jornal *Reporte Economía* de 29-01-08 afirma que 58% da população economicamente ativa da Venezuela se ocupam em trabalho informal.

computação, advem desta perspectiva, e se concretizaram parcerias entre a indústria chinesa de computação e novos módulos de montagem de computadores na Venezuela.

Compreendemos que alguns destes projetos vieram servir fundamentalmente ao projeto IIRSA, que analisamos no capítulo anterior, no qual se potencializa a capacidade de suprir de matérias-primas os países industrializados e, ao mesmo tempo, dinamizar um mercado consumidor interno que permita esta sincronia, recebendo novamente os produtos vindos de fora. Isto se mostrou como essência, agora, em aparência, efetivamente se mostra como *justiça social* para aqueles que defendem este conceito, ou simplesmente dinamização da capacidade industrial e de “distribuição” de renda no país e geração de emprego.

Por fim, na análise deste documento, avaliamos que Chávez aplicou muito dele em seu governo, aplicou até mais do que seus opositores acreditavam, daí a importância de analisar esta *Agenda*, que, sem dúvida, vai ser uma das partes que comporá o programa do grupo MVR-200, que levará, em 1998, Hugo Chávez à presidência da República da Venezuela.

4 - OS CÍRCULOS BOLIVARIANOS

Como já havíamos ressaltado anteriormente, a participação popular direta de milhares de venezuelanos na política interna de seu país e em seus problemas imediatos assume uma dimensão ainda não vista na história do século XX, que ultrapassa as mobilizações de derrubada do modelo de Juan Vicente Gomes, em 1935, e Carlos Pérez Gimenez, em 1958. O Caracazo de 1989 e todo o processo de gestão social após esta crise denotam esta efervescência social. Nesse sentido, o clima de lutas sociais impregnado na sociedade venezuelana permite a criação oficial dos *Círculos Bolivarianos*¹³⁵ – CB – em 17 de dezembro de 2001. Um espaço em que estes populares colocarão suas demandas para serem atendidas mediante a pressão social que exercerão entre fins de 2001, e partes de 2003, quando estes grupos disputaram o controle da política, tentando arrancá-lo da burguesia, tendo seu ápice de independência política aproximadamente entre agosto a dezembro de 2002.

¹³⁵ Círculos bolivarianos formarán a los nuevos revolucionarios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 17 de dic. de 2001. N. 16.483, p. 12.

Estudar os Círculos Bolivarianos – CBs – é trabalho para uma tese completa. O intento aqui é mostrar este organismo popular enquanto um importante elemento a mais, que constrói o palco de lutas contra o *golpe de abril* de 2002, e também no *Paro Petrolero* de dezembro do mesmo ano. Os CBs aglutinaram um grande número de populares que lutavam para transformar suas realidades, coletivas e pessoais, em lutas por educação, saúde, transporte, água potável, energia, segurança, emprego, assistência social a mães solteiras, e outras. Eram muitas necessidades represadas que se transformavam em reivindicações para serem atendidas agora, e não com promessas de campanhas eleitorais.

Estruturalmente estes CBs se formam com o ajuntamento de 4 ou 5 pessoas, até o máximo de 11 pessoas cada grupo. Na Venezuela de dezembro de 2001, havia cerca de 15.000 Círculos Bolivarianos registrados oficialmente na oficina do Palácio Blanco, local de onde Miguel Rodriguez, representante direto de Hugo Chávez, tenta controlar a ação destes grupos via sua institucionalização. Porém, os CBs foram muito mais que uma simples criação e controle de Chávez. Em um curto período, estes organismos funcionaram independentemente do poder central, embora tendo sido posteriormente transformados em correia de transmissão do puro chavismo, chegando depois aos controlados *Consejos Comunales*. Para ver um pouco desta trajetória, nada melhor que ver o processo em movimento com toda sua demanda. Para tanto, extraímos um depoimento de um de seus integrantes, aliás, um integrante de base que vê, neste espaço dos Círculos Bolivarianos, uma oportunidade de solucionar seus problemas e de seu bairro, e aí poderemos ver como isto é construído socialmente e não como decreto de 17 de dezembro de 2001.

Wladimir é um destes integrantes que possui uma vida difícil, assim como a maioria dos venezuelanos e milhares de refugiados colombianos que para este país vem tentar a vida. Vejamos sua experiência:

Mi nombre es Wladimir, soy un joven de 31 años, soy emigrante colombiano ya hace muchos años, y es por ello también que tengo mi doble nacionalidad, colombiano y venezolano al mismo tiempo. Mi infancia la pase prácticamente toda en Venezuela, enfocado aquí en la capital, Caracas. Por necesidad en aquellos años, en la década de los `90, a principios de la década de los `90 tuvimos que volver a Colombia, dadas las condiciones económicas subyacentes o existentes en nuestra familia y el resto de las familias venezolanas. Quisimos llegar a Colombia, precisamente buscando un nuevo horizonte, por el cual habíamos dejado atrás con la llegada aquí a Venezuela, y que tras los cinco años de infancia no se pudo realizar, el sueño este de emigrante como tal, que

es mejorar su calidad de vida, no se logró en ese tiempo. Volvimos a Colombia y dure prácticamente una década en Colombia, estudiando todo el bachillerato. La situación en Colombia nuevamente, como en la infancia se volvió a presentar esta vez mucho mas grave porque ya era un adulto y soy el hijo mayor de tres hermanos mas mis padres estaban desempleados, mi hermana la mayor, como yo, no pudo culminar sus estudios superior por esas mismas dificultades económicas. Viendo las circunstancias así muy malas en las que estábamos, pensamos, - bueno Venezuela es un país petrolero, aunque ahora hayan pasado diez años, creo que no es lo mismo, o creemos que no podía ser lo mismo y decidimos en una primera instancia mi madre y yo venir otra vez a la capital de Venezuela, como anteriormente habíamos llegado toda la familia. Cuando llegué, lógicamente ya adulto, y teniendo las experiencias de esta ciudad, de este país cuando era infante nosotros pensábamos, o yo particularmente pensé con tantos años de ausencia que Venezuela iba. Esta ciudad iba a ser totalmente distinta, en qué aspecto? Bueno en el aspecto de infraestructura, y que no iba a ser aquella Caracas donde la delincuencia también era un factor de preocupación, por todos los sectores que vivimos en los barrios pobres. También hubo otro gran choque en que la dinámica o una diferencia muy grande también lo que es Venezuela y Colombia, sus distintas situaciones particulares, en Colombia la situación laboral es demasiado precaria, demasiado desempleo, es por ello que muchos emigrantes colombianos, por esa necesidad vienen aquí a Venezuela buscando mejores condiciones económicas¹³⁶.

A vida de incertezas, de vai-e-vem, de ansiedades, tentativas frustradas, é que faz a constância destas pessoas que vão habitar os bairros mais populosos de Caracas. Ainda que estejamos falando de uma pessoa com dupla nacionalidade, contudo, cada um possui sua experiência, e, em muitos sentidos, expectativas comuns, seja do emigrante vindo de outro país, seja do cidadão que deixou seu lugarejo ou pequena cidade do interior, ou mesmo o homem do campo que vem arriscar a vida nas grandes cidades. Todos pensam em melhorar suas vidas, porém, encontram realidades piores, pois onde se é possível alojar é nos *cerros*, bairros muito pobres, verdadeiras favelas, sem infra-estrutura e com uma criminalidade exorbitante. Descer todos os dias destes morros, e voltar à noite sãos e salvos é motivo de regozijo:

... porque en una de esas necesidades que teníamos estaba en poder comenzar o culminar nuestros estudios inclusive, claramente esta en poder trabajar, trabajar y estudiar; trabajar para sostenernos, y estudiar para superarnos; no hubo ningún problema en la cuestión del trabajo, al día siguiente de haber llegado yo comencé a trabajar, no necesariamente lo que yo quería, fue un empleo de estos que se trabajan doce horas, y que es un trabajo en un estacionamiento de automóvil, ¿hacia la guardia de los carros? Eso, era como

¹³⁶ Entrevista realizada em 11-09-2008, em Caracas. Wladimir é de nacionalidade colombiana, porém se criou em Venezuela, retornou depois para Colômbia por uma década, e novamente volta à Venezuela, onde se integra aos movimentos populares a partir de 2000. Integra-se ao chavismo e aos Círculos Bolivarianos, faz sua experiência e rompe posteriormente com esta ideologia. Entrevista feita pelo autor.

un vigilante, mas o menos así, para empezar estaba bien, uno lógicamente quiere cambiar de trabajo y estudiar, pero también choque de que a pesar de que había trabajo no se pagaba bien tampoco, cuando yo, o sea, todo emigrante ve, o sea, todo emigrante colombiano al llegar a Venezuela ve que es un país petrolero es un país rico y que el dinero va a estar así, en todos lados, en todas las aceras, que con cualquier trabajo uno puede amasar el dinero, pues no, tampoco esto fue así, pude notar que ante el gran dinero entrante en este país las desigualdades también son enormes, es increíble como un país tan rico, es al mismo tiempo un país tan pobre. Yo vivía en Colombia en un municipio tranquilo, un pueblo, y que teníamos ciertas comodidades en casa, comodidades en el sentido de espacio, y esto; y que al tu llegar a las barriadas populares de caracas también pega duro porque el ambiente es muy distinto, tienes que lidiar con mucha gente que en verdad, es decir, que en los barrios hay una problemática muy grande en las barriadas de Caracas, hay mucha delincuencia, mucho trafico de droga, las costumbres son distintas, es modo de vivir pega mucho, porque se vive muy apiñado, muy asilado, y esto causa mucha molestia, si no estas acostumbrado a vivir así¹³⁷.

Wladimir oferece um quadro da vida dos trabalhadores habitantes destas localidades pobres, que, na realidade, continuam pobres, com uma carga de trabalho bem arrochada e uma péssima condição de vida. Ao mesmo tempo, assimilam o país petrolero pela propaganda da grande produção petrolífera, os novos investimentos em oleodutos, gasodutos, refinarias etc., cujos efeitos não chegam a eles. Sendo assim, compreendem que *não vão amassar dinheiro*, expressão que se usa para dizer que não vão nadar em dinheiro, entendem que a vida para os venezuelanos pobres é mais árdua, o *pão nosso de cada dia* não se torna difícil somente pelo suar da camisa, mas pela ausência de qualquer distribuição de renda - ainda que distribuição de renda esteja no campo reformista, o que se torna plausível afirmar que o período é de um *reformismo sem reformas*.

Outro dado importante de se destacar na fala de Wladimir, para observar a experiência de vida de muitos, é o fato de se viver nestas *barriadas* ou *cerros* de modo *apinhado* e *asilado*. Em português, estas duas palavras querem dizer *amontoad* e *isolado*. É uma vida muito contraditória: ao mesmo tempo, em que o indivíduo vive amontoad, está completamente isolado de seus pares, ou seja, uma vida até então sem unidade nas lutas sociais. É dentro deste quadro, descrito por Wladimir, que estamos trabalhando neste II capítulo: neste movimento em que as pessoas, as milhares de pessoas, fazem suas experiências e veem um novo governo surgir, com um novo modo de falar, uma fala que se assimila à sua, com maiores discussões de seus problemas, percebe-se que estes problemas não são exclusivos seus, mas de todo o bairro e de

¹³⁷ IDEM.

muitas outras regiões. É neste panorama que surge a vontade de participar deste novo, criar e compor organizações que tratem de seus anseios, ser um ator e não somente um espectador do que ocorre no país. Vejamos como Wladimir absorve este processo, como vai se tornando, a partir da experiência, um integrante de base dos Círculos Bolivarianos.

Veo que en los sectores populares en especial, veía esa alegría, ese gorgoteo hacia un gobierno, o sea, yo nunca había visto la voz de los pobres por un gobierno, esa no es la realidad, de Colombia no es la realidad, si había escuchado de Chávez pero al verlo o estar materialmente en la situación en algún momento, debe ser por el atraso que traía de Colombia, veía a Chávez como un luchador, luchador por la causa de los pobres, y que quería hacer o hacía todo lo contrario a la vieja dirigencia que gobernó a este país por mucho años, o sea a Venezuela, y que me gusto mucho, me gusto mucho como de cierta forma el dinero de la venta petrolera podía ser distribuido entre los pobres, me animó, y en ese animo y en esa lucha de clase venezolana simpatice con Chávez y entré en el gran movimiento bolivariano, no fuerte pero si se hizo mía las ideas de él, como a muchos venezolanos, es decir, era chavista, digo era porque ahora estoy al contrario, después vemos como se desarrolló esto.

Fue una experiencia propia, era como un imán, cualquier persona preocupada por la justicia, pun, todo podía ser absorbido acá en sentido también de poder luchar contra la vieja dirigencia política y sus vicios y todas estas variantes, algo que destacar aquí fue lo de los círculos bolivarianos, que a pesar de que el gobierno de Chávez logro promoverlos, estos se consolidaron a partir del golpe de estado del 2002; pero voy a describir que era un circulo bolivariano, los bolivarianos como tal, o los sectores populares organizados en estos círculos tenían bien claro de que no querían la vieja dirigencia política y si esto conllevaba a morir por las ideas propugnadas por este gobierno y no llegar al exterior, se ameritaba morir por ello. Este es el caso de estos círculos, los círculos eran un espacio de discusión de las barriadas populares. En estos espacios se discutía el de venir o el accionar concreto de estas personas hacia qué o para qué tenían que servir o qué tenían que materializar para que la revolución avanzara. Dar sus opiniones para que se concretaran y estas se materializaran a través del gobierno. Esa era la posición de los círculos bolivarianos, que en una primera instancia tuvieron independencia del gobierno. Pero esto poco a poco fue derrumbándose, en el sentido que hay que estar claro que a este gobierno no le gusta que nada este por fuera de su control¹³⁸.

Nesta confluência entre a realidade material destes milhares que viviam em condições paupérrimas e um novo presidente - lembremos que, em 2000, completava um ano de governo de Chávez -, falar o mesmo idioma desta população, aspirar aos mesmos desejos, de fato os atraía. Assim, uma vida que antes era sofrida solitariamente, passa a ser discutida coletivamente, e a pretensão de não mais voltar à política dos

¹³⁸ IDEM.

adecos e copeianos do *Pacto del Punto Fijo* - em que se distribuía a renda do petróleo entre poucos, ou seja, o rentismo já mencionado - unifica esta gama de populares venezuelanos, que se fazem membros dos CBs. Nas palavras de Wladimir, *se fez minhas as idéias de Chávez*, não é uma simples metáfora, é uma adesão a um projeto coletivo que os CBs tentarão impulsionar, em defesa do qual, de fato, se morria pelos ideais, pelas expectativas de não voltar ao passado, mas de aprofundar as transformações sociais. É este ambiente que permite uma ascensão dos CBs, que se consolidam mais ainda depois do golpe civil militar de abril de 2002, quando estes organismos vão ter papel fundamental no retorno de Hugo Chávez ao poder, como vamos ter a oportunidade de discutir no próximo capítulo.

Antes de avançar na análise de outras partes do depoimento de Wladimir, é importante perceber que a dinâmica da luta de classes é muito forte neste momento. Entendemos que os CBs não surgiram de uma hora para outra, mas sim de todo este ambiente de lutas sociais da década de 1990. Ou seja, tudo vem após o Caracazo que desperta a população pobre e a classe trabalhadora, fazendo-os compreender que algo poderia mudar somente se houvesse participação direta nas lutas políticas e sociais do país. Vale ressaltá-lo, pois, quando Wladimir argumenta que os CBs tiveram um tempo em ação independente, poderia ter ocorrido, em nosso ponto de vista, outro destino para Venezuela que não fosse o chavismo. Acreditamos que Chávez possuía essa visão muito clara, tanto é que oficializa a criação dos CBs para ter o controle deles, pois estes mesmos organismos poderiam ter saído com outros nomes e destino, assim como foram os *Cordões Industriais*¹³⁹ do Chile. Porém, Chávez aqui consegue assumir o controle em uma disputa que vai por todo um ano, ainda que o pico de independência destes organismos tenha se mostrado aproximadamente entre agosto a dezembro de 2002. Todavia, para que esta leitura dos fatos não seja somente uma inferência do pesquisador, vejamos o que diz Miguel Rodrigues, responsável direto de Chávez pela organização dos CBs: *“Hasta ahora no hay un mecanismo que pueda contener la lucha por el poder, entonces se empieza a pujar por ser el coordinador y se puede convertir esto en una cosa que no se quiere”*¹⁴⁰

¹³⁹ Os Cordões Industriais foram organismos surgidos a partir da organização dos trabalhadores e populares no governo de Salvador Allende, no Chile de 1970, possuíam o caráter de ir administrando paulatinamente a produção e distribuição da produção sem a participação da burguesia. Um organismo embrião de autonomia da classe trabalhadora, que teve seu curso interrompido com o Golpe do Ministro das Forças Armadas de Allende, General August Pinochet, em 1973.

¹⁴⁰ Círculos bolivarianos formarán a los nuevos revolucionarios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 17 de dic. de 2001. N. 16.483, p. 12

Chávez possuía a clareza de que, se não controlasse estes organismos que surgiram a partir da organização da população pobre do país, os mesmos poderiam transformar-se em uma ferramenta contra ele. Pode-se constatar que esta população possuía uma vontade de assumir, ela mesma, as rédeas do país, ainda que não tivesse construído outros organismos para potencializar esta realização. Contudo, a vontade de poder está semeada, e haveria de controlá-la, por conseguinte, Chávez entra duro na disputa por seu controle. Não é somente Chávez, entretanto, que percebe isto, a burguesia não afeita ao chavismo, e que havia sido temporariamente desalojada do poder, também compreende este perigo¹⁴¹. Assim, podemos conceber, neste íterim, que há pelo menos três blocos fortes em disputa: um, querendo a autonomia dos CBs, levando a luta às ultimas conseqüências; outro, constituído por Chávez, para controlar o movimento ao seu favor; e um terceiro, a burguesia mais consolidada, querendo acabar com esta perspectiva de decisões desde as bases. São três blocos e, em cada um deles, havia outra luta interna sobre a maneira como levar isto a cabo. Mas uma coisa era certa: tanto para Chávez, como para a burguesia, haveria que colocar um freio na população engajada, para que ela não lutasse de forma independente por seus desejos, e, assim, controlar o destino da Venezuela.

Ouvindo um pouco mais da experiência de vida de Wladimir, podemos adentrar em alguns meandros que perpassavam os integrantes desta organização e como eles viam todo esse devir:

No, antes lo veía como algo espontáneo por el cual creía que todas esas decisiones que se discutían ahí podían conllevar a que se materializaran, podían tener o podía que el gobierno tomase esto y lo hiciese, y estas eran todas las expectativas que tenían los sectores populares de aquí, o sea, que la voz de los explotados, la voz del pueblo fuese escuchada y que se hiciese, pero esto con el tiempo, algo que recalcar, es que ante la aguda lucha entre la oposición política representada por las viejas dirigencias y el movimiento bolivariano había un enfrentamiento no solamente en sus diferencias políticas sino también era un enfrentamiento físico, muchas veces los sectores bolivarianos estaban armados, estaban organizados pero también con armamentos, en el sentido que también eran atacados, eran atacados y se tenían que defender, atacados por las bandas armadas también de la vieja dirigencia, o sea, si yo recibo lógicamente por instinto tengo defenderme, los

¹⁴¹ Rosedo revelou contraataque com los Círculos bolivarianos. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 11 de mayo de 2002. N. 16.518, p. 08. Círculos bolivarianos tendrán comando regional autónomo. *El Tiempo* Viernes, 17 de mayo de 2002. N. 16.524, p. 08. La oposición busca frenar acción de círculos chavistas. *El Tiempo* Domingo, 26 de mayo de 2002. N. 16.533, p. 03. Círculos chavistas atacaron medios en todo el país. *El Nacional*. Caracas, Miércoles, 11 de dic. de 2002. N. 21.290, p. A/3. Aqui mostramos quatro edições, mas existem diversas outras em que os meios de comunicação e a burguesia satanizam os Círculos Bolivarianos.

*círculos bolivarianos también estaban armados, no todos pero si la gran mayoría*¹⁴².

É uma situação permeada de expectativas de que este governo resolva suas demandas, demandas, estas, discutidas e encaminhadas coletivamente. Era assim o funcionamento destes CBs, que viviam ainda com uma dura realidade: nos lugares mais polarizados havia confrontos físicos diretos entre os bandos armados da direita, como explica Wladimir, e são muitos membros dos Círculos que vão perder suas vidas em todo esse processo, quando há enfrentamento contundente entre a oposição burguesa golpista e os manifestantes populares dos CBs. Havia uma luta acirrada e um desejo enorme de sair da miséria em que viviam. Para tal, não faltavam esforços em formar um novo CB. Nas palavras de Wladimir, bastavam quatro ou mais novas pessoas para se ter um novo Círculo e a partir daí defender-se e defender o governo em quem acreditavam que levaria suas pautas reivindicativas adiante. Em princípios de 2002, na opinião de Wladimir, tudo isto se conseguia fazer sem que os Círculos se tornassem apêndice do governo e do Estado. Talvez este tenha sido um dos elementos de sua grande e rápida propagação, por este ano de 2002, nos lugares mais pobres e populosos da capital:

*Por lo menos aquí José Félix Rivas de Petare es una de las barriadas populares mas grandes de Latinoamérica comparable con las favelas de Río de Janeiro había mas de 10 ó 15 círculos bolivarianos y todos iban coordinados en un plan común de lucha que a pesar de que estaban en diferentes sectores de las barriadas había una coordinación conjunta y que en algún caso o en algún momento hubiera conflicto con las bandas armadas de las vieja dirigencia de la oposición de derecha, aquí los círculos se organizaban todos y formaban su plan de choque también... Como era una dinámica que por primera vez veía, y joven también, yo en lo material no estaba de lleno pero si participe de sus discusiones, puntos que se discutían en este tipo de organización era cómo nos organizamos nosotros para poder solventar la problemática del agua, la delincuencia, problemas de electricidad y otros puntos álgidos en el sentido de la convivencia de la gente de los barrios, y el plano político cómo consolidar la revolución, esto partía de defensa de este gobierno contra los ataques del imperialismo, particularmente del yanqui, que tuvo sus manos totalmente miscuidas en el golpe y en el paro sabotaje y dicen de Jesús Lacayo, directo que era la oposición golpista*¹⁴³

¹⁴² Entrevista com Wladimir em 11-09-2008.

¹⁴³ IDEM.

A experiência que nos mostram os CBs, em sua origem, é que havia uma grande perspectiva de que estes organismos pudessem fazer fluir as demandas represadas de décadas. Assim, problemas de água, luz, violência etc., ou seja, o cotidiano destas pessoas possuía pautas próprias, surgidas delas mesmas, que estavam prontas ao mesmo tempo em salvar o governo Chávez, que identificavam como seu, e, de fato, o defenderam em diversos momentos como vamos ter a oportunidade de discutir adiante. O problema que se coloca aqui e agora é que os CBs eram muito mais dinâmicos do que à primeira vista possam parecer, eles não eram simples apêndices do governo, mas, sim, um organismo independente e não um bando de desordeiros como queriam a imprensa e a burguesia na época. Os CBs eram a expressão do “vamos fazer nós mesmos”, ainda que Chávez tenha obtido o total controle, mas isto foi no processo, a princípio tudo era uma disputa.

Um sentimento era comum aos integrantes dos CBs, eles queriam, com todas suas energias, aprofundar a revolução, fazer valer seu grito de liberdade. Contudo, o que não esperavam é que o governo os estivesse desarmando deste intento mais profundo, ficando somente o objetivo que lhe interessava, ou seja, a defesa do governo, ainda que o despertar político destes setores populares tivesse sido mais profundo e rico de experiências:

Lo primero me despertó lo que fue, o sea, a mi no me gustaba la política, en Colombia la detestaba, pero al participar en estas organizaciones, me despertó la política, o sea, me dije a mi mismo: -Caramba, yo quiero participar, yo quiero ser escuchado. Yo también quiero ser escuchado porque yo también hago parte del barrio y como hago parte del barrio también quiero que mis y las demás reivindicaciones de todos sean escuchadas. Por primera vez podía ver como el imperialismo es capaz de financiar a sectores, que en este caso fueron desplazados de la vieja dirigencia, y como ésta vieja dirigencia quería de uno u otro modo recuperar su poder, y por ese ámbito, por ese punto lo que estamos en la lucha no queríamos de nuevo lo mismo. Se despertó el querer participar, querer saber más de política, esa dinámica realmente fue la que me marcó, me marcó mucho. ¿Por qué digo que me marcó mucho? Me despertó las ansias en los hechos concretos de la realidad, me sacó de la ignorancia sumergida en que la lucha de los pobres o de los ricos es sin duda una lucha política; que aquellas todas esas reivindicaciones que quiere uno era una lucha política, o sea, una lucha en enfrentamiento con los ricos y con el imperialismo, eso fue lo mas claro también para el resto de la gente que esta organizada en los círculos y en la experiencia completa de la lucha de clase venezolana¹⁴⁴.

¹⁴⁴ IDEM.

Esta percepção de Wladimir é de muita profundidade. Deixemo-la como está sem tentar interpretá-la. Vejamos sua experiência enquanto integrante de um Círculo Bolivariano, nos eventos de 2002, o golpe de abril, quando começa a entender que, por mais que lutassem, Chávez não estaria aprofundando a revolução que eles queriam:

Hemos mencionado el golpe de estado del 2002, pero quiero meterme un poquito en esto, la raíz del golpe de estado en abril del 2002, hubo una dinámica bastante peculiar en los círculos bolivarianos, si había un obstáculo cierto a nivel nacional después del golpe del 2002, esto se reprodujo impresionantemente en todo el territorio de llegar de unos cientos a miles, es decir, el golpe fue como un impulsor en el sentido de eso que como hemos dicho con anterioridad de no querer que la vieja dirigencia volviese, esto realmente fue el motor o el trampolín para decir no, este gobierno es mío, ¿porque me lo quieren quitar? Es más, ahora si estoy luchando voy a luchar más, por ello ahora vamos a formar mas círculos bolivarianos por doquier, vamos a defender este gobierno que ahora es de nosotros, vamos a articularnos mucho mas, vamos a organizarnos mucho mas, y este fue un por decirlo así, un punto cualitativo o un salto cualitativo y cuantitativo también de los círculos bolivarianos, al ver que se tornaba mucho más autónomo, que crecían muchos más los círculos bolivarianos, y que habían mucho mas enfrentamientos directos de los círculos con las bandas armadas también de los sectores reaccionarios, se empezaba a dar una desestabilización, hablo de la desestabilización en el sentido de que quería el gobierno, se estaba saliendo del control del gobierno¹⁴⁵

A opinião de Wladimir é que, com o golpe de 11 de abril de 2002, dado pela burguesia golpista sobre o governo Chávez, retirando-o do cargo e colocando Pedro Carmona Estanga, presidente da FEDECÁMARAS, por quase 48h na Presidência da República, incentivou-se ainda mais que estes membros dos Círculos se multiplicassem. Tal opinião é corroborada pela própria imprensa burguesa, que se assusta com o súbito crescimento dos CBs, depois dos dias 11 de abril de 2002¹⁴⁶. Nos números oficiais da imprensa, em 17 de dezembro de 2001, havia 15.000 CBs; após o golpe (em quatro ou cinco meses), o número de CBs passa a 123.000, ou seja, um crescimento de quase 1.000%, isto, trabalhando com os números oficiais, é um crescimento estrondoso. Porém, em nosso modo de ver, o crescimento foi maior, uma vez que muitos CBs não se registravam no governo, estavam mais preocupados com a luta que com a legalização. Então, neste quadro, a participação dos CBs extrapola a própria capacidade do governo

¹⁴⁵ IDEM.

¹⁴⁶ Círculos bolivarianos formarán a los nuevos revolucionarios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 17 de Dic. de 2001. N. 16.483, p. 12. Aumentarán los Círculos bolivarianos. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 14 de mayo de 2002. N. 16.521, p. 04. Círculos chavistas se elevaron a 123 mil luego de 11 de abril. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 16 de mayo de 2002. N. 16.521, p. 08.

Chávez em controlar as ações dos circulistas, e eles começam a se organizar com maior solidez e intensidade para enfrentar as bandas armadas da direita, ocorrendo enfrentamentos corporais e enfrentamentos armados. Uma parte dos Círculos vai se armando, pois possuíam a compreensão de que, ao aprofundar as mudanças que almejavam, necessitariam se preparar para a reação da direita e do imperialismo norte americano que não deixariam as massas dirigir este país, ainda mais se tratando de um grande exportador de petróleo.

É nesta dinâmica que Wladimir vai percebendo que Chávez não quer ver estes CBs aprofundando suas demandas, e pouco a pouco, como militante de base, pois não dirigia nada, toma ciência de que, sempre que eles lutavam, vinha o governo e negociava uma saída pacífica com a burguesia. Esta primeira constatação se dá de forma mais clara, quando, depois do golpe de 11 de abril de 2002, não ocorre nenhuma punição aos militares golpistas, ao contrário, Chávez pactua para que as tensões sejam levadas em banho-maria até que os militares golpistas sejam inocentados:

Sí, que tras esas negociaciones no escondía más que una política concreta del gobierno, que no quería meter preso a ningún golpista y que era lo mejor negociar con ellos, para así llegar a una estabilidad, a una normalización y así poder pacíficamente este por la vía pacífica poder obtener, lograr, concretar un proyecto político, que era precisamente el chavismo, política compensatoria, esto, un no que aquello para los pobres, ahí fue donde llegó mi conclusión como tal. Ahí tiene que haber otra dirección y es cuando como se puede decir, consigue y entrega, o se puede conseguir personas que realmente me daban una respuesta a esas dudas y preguntas que tenía, aquí fue donde comencé a coquetear con el marxismo revolucionario, con la idea de Lenin, Marx, Trotsky, y poco a poco tanto de la situación material y concreta y al mismo tiempo interesándome por el marxismo revolucionario fue que llegué a la conclusión de que había que tener que los explotados como tal, que la clase trabajadora y el resto de los sectores explotados tenían que tener su propia organización política¹⁴⁷.

Esta conclusão a que Wladimir chega é interessante, posto que, em sua participação nos CBs, vai se dando conta do que seja a política, aliás, algo que detestava anteriormente. Por que Chávez não quer colocar em prática as demandas dos CBs? Isto é uma questão que o acompanha por cerca de quatro anos. No entanto, nos conta que é depois de mais de dois anos que começa a buscar nos teóricos marxistas uma resposta para suas indagações. É uma experiência sem dúvida extraordinária, pois ele, enquanto

¹⁴⁷ Entrevista com Wladimir em 11-09-2008.

popular de um bairro favela, Petare, inicia pela experiência material para depois ir a uma visão teórica, enquanto que na academia, na maioria das vezes, ocorre o contrário, se busca a teoria para depois compreender a materialidade destas classes sociais. Para Wladimir chegar à conclusão de que Chávez era um freio às lutas populares não foi uma tarefa fácil e romper com o chavismo mais difícil ainda: *No fue una decisión fácil hay que repetir, porque el peso de un gobierno como este realmente es fuerte para los oprimidos, o para los que quieren llegar a la conclusión de que este no es su gobierno, toda conclusión fue por la lucha material, la situación objetiva*¹⁴⁸.

Até agora tentamos mostrar os CBs a partir de dentro, o que pensavam e o que moviam os populares para serem integrantes destes organismos, ou seja, a vida celular deles. Para encerrar esta apreciação do que foram os CBs, vejamos uma avaliação de um não participante dos Círculos, mas que, estando no governo e também com uma antiga experiência de militante de organizações sindicais e populares passadas, possuía uma apreciação estrutural da causa, e também pode acompanhar sua mãe, uma mulher de 70 anos de idade, à adesão a um organismo deste:

... los Círculos Bolivarianos eran unidad prácticamente de barrios, con distintas características, es decir, habían unos que eran apenas Círculos de estudio, había otros Círculos que eran más activistas, habían otros que eran casi organismos militares, sabe, dependía de quien formaban este. Había en lo mínimo que era una estructura absolutamente independiente en conexión, no tenían relación ni con el gobierno ni entre si, era una estructura donde se reunía los bolivarianos, a ejecutar, a cada uno interpretar como le daba a interpretar. Y ese con mucho contenido barrial, y se da otro elemento que además eso era Círculos donde se discutía mucho, de todo que se había que discutir, no? Tenía 3 elementos se se quiera organizativo de momento, por un lado tenia. Es los Círculos Bolivarianos eran una estructura de base, pero muy base sin ninguna ramificación hacia arriba ni al lado, que discutían política, más, o menos basado en sus intereses, pero basado en la política que le llegaban. ¿Por donde llegaba la política? Por televisión, vio, la televisión Chávez empieza a hacer un programa todos los domingos, que empieza primero con un programa de radio, después pasa a ser un programa de radio y televisión que es Aló Presidente, dónde Chávez todos los domingos da línea, no? Entonces la gente discutió eso. Y el tercero elemento que es un fenómeno que se da en paralelo, que no se dió mucha importancia en ese momento, pero después tubo una importancia fundamental posterior, tanto en golpe como en Paro, fue la aparición de toda una red de radio comunitaria. Eso fue un proceso que se dió solamente en momento polari, los Círculos activos puede se decir que Chávez ordenó que la gente hiciera Círculos Bolivarianos, nadie dijo como y todo mundo comenzó a hacer Círculo Bolivariano, mí mamá que tenía 70 anos, tenía un Círculo Bolivariano, pues Círculo Bolivariano era las viejitas que se reunían a los domingos en mí casa 7 o 8 señora ¿ no? Y hacían comida para ellas, entre ellas, y pasaban todo el domingo oyendo al Aló Presidente. Pasaban todo domingo oyendo Aló Presidente, de que conversa

¹⁴⁸ IDEM.

incluso se oía, esto estaba prendido y estaba al lado. ¿E de que hablaban? De barrio, de las cosas que había que hacer en barrio, de las cosas que había que ayudar, de que cosa meterse y de lo que decía el presidente, eso era los Círculos Bolivarianos. Tú no puedes acusar esos Círculos Bolivarianos de ser un grupo armado, otro más avanzado era Círculos de estudios, que se reunían para leer vaina de Marx, de alguna manera discutir. Otros eran grupos militares porque se reunían 4 ó 5 carajos comenzaban a pensar que hay que montar una unidad de táctica, y se dedicaban a hacer entrenamientos sabe. Era el gusto, se Tú no gustaba de ese grupo, Tú metía en otro¹⁴⁹.

A situação, em que opina Elio Colmenarez, leva-nos a entender que, em meio a este turbilhão de participação popular e ação dos Círculos, o governo estava caminhando para um processo de descontrole. Afinal, ainda que necessitasse do apoio desta massa humana para defender seu governo, precisava ao mesmo tempo controlar o movimento para que este não se transformasse em um desgoverno que o empurrasse cada vez mais à esquerda. De fato, a ação direta dos CBs caminha neste sentido, tanto que, somente em 2001, em torno de 60 lideranças camponesas, participantes ou não dos Círculos, haviam sido assassinadas pelas bandas armadas da direita, uma vez que estes movimentos passam a ocupar a terra por uma reforma agrária. Ao mesmo tempo, a situação nas cidades era de luta acirrada, pois os CBs sempre propunham avançar com a luta, por isto, já no final de 2001, Chávez oficializa os CBs com a intenção de controlá-los. Para tanto, elege um quadro de primeira linha e de sua confiança, liderado pelo Comandante Simon Rodríguez do MBR-200, participante do golpe de 1992, para assumir este comando.

Nesse sentido, indicamos mais uma vez que interessava a Chávez que estes organismos não avançassem muito em organização e fusões, mas que viessem a ser um apêndice direto do poder central. Isto fica claro quando se pergunta a Simon Rodríguez se em cada estado há uma coordenação dos Círculos Bolivarianos:

¹⁴⁹ Entrevista com Elio Colmenares, em 12-10-2008. Local: Puerto Ordaz - Estado Bolívar - Venezuela. Entrevistador: Fernando Sérgio Damasceno. Elio Colmenarez é atualmente (2009) Vice Ministro do Trabalho, foi Vice Ministro de Indústrias Ligeiras e Assessor Especial do Ministério de Relações Exteriores. Participou dos eventos de 2001 e 2002 em que esteve em jogo o governo de Chávez, fazendo a seu modo a defesa contra os golpistas. Elio foi militante do PST – Partido Venezolano de Trabajadores -, abandonando esta organização em meio à crise da Lit ci – Liga Internacional de los Trabajadores Cuarta Internacional - na década de 1990, e em meio ao próprio desfalecimento do PST na Venezuela, visto que os principais quadros aderiram ao chavismo. Esta entrevista foi possível mediante a intervenção de Neto e Servaes, o primeiro ex companheiro de organização, e o segundo grande amigo de Elio Colmenarez que, se não fosse por este apoio, não haveria esta oportunidade. Estamos diante de um depoimento raro, e de qualidade, que enfoca um difícil período venezuelano.

No, eso se coordina desde acá, para evitar que esto se convierta en un partido. Si se hace una asamblea municipal va a comenzar la puja por ser el coordinador municipal, los hemos llevado hasta nivel parroquial porque nos interesa que en los Consejos Locales de Planificación estén los Círculos Bolivarianos por parroquia, esa es la fuerza real. Hasta ahora no hay un mecanismo que pueda contener la lucha por el poder, entonces se empieza a pujar por ser el coordinador y se puede convertir esto en una cosa que no se quiere¹⁵⁰.

Não estava muito claro para onde esse processo poderia caminhar e o governo age para que culmine a seu favor. Portanto, é necessário entender a dialética desses episódios, posto que Chávez também é propulsor dos CBs, tanto que alimenta estes organismos lançando a política desde seu programa de Rádio, e posteriormente Rádio e TV, através do programa Alô Presidente, proferido todos os domingos. È a partir destes programas, na opinião de Colmenarez, que as pessoas são alimentadas politicamente da pauta que deveriam ter durante a semana, mas como fazê-lo, Chávez não possuía o controle, e neste ponto residia certa margem de ação independente destes Círculos. Queremos aferir isto no sentido de não se entender idealisticamente que estes CBs eram organismos independentes, houve uma dura disputa em seu interior; em dados momentos houve independência e a história poderia ser diferente. É isto que compreendemos ao analisar as fontes, e não que os CBs tenham sido os solvets da revolução russa de 1917, contudo houve curtos momentos ou elementos para isto, respeitando evidentemente as distintas realidades históricas.

Observando um pouco mais a opinião de Colmenarez, e não perdendo de vista os objetivos de Simon Rodríguez, responsável por disciplinar os CBs, podemos avaliar que os CBs tentaram se integrar em uma força nacional independente, e não somente local, e sob o apêndice do governo central como queria Chávez:

Sí, sabe se voy hacer Círculo con las viejitas van a me matar, entonces buscaban Círculos más políticos, todo mundo estaba alrededor de los Círculos, pues eses Círculos Bolivarianos no tenían ninguna estructura horizontal ni vertical, no atendían ni a partido, porque no tenían ninguna actitud radical, ni estaban relacionados entre si. Ni siquiera porque uno solo edificio eran dos Círculos Bolivarianos ¿Tú podía montar una coordinación, no? Cada quien iba para si. Muchas veces en un tiempo después eses Círculos Bolivarianos se convirtieron en parte del problema, ¿No? Porque ellos tenían una interpretación de lo que habían que hacer conforme su Círculo

¹⁵⁰ Círculos bolivarianos formarán a los nuevos revolucionarios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 17 de dic. de 2001. N. 16.483, p. 12.

Bolivariano, entonces uno vía que tenía de defender Chávez en su gobierno ? No? Esa vaina es así entonces sabotear, porque esa vaina es así, lo Círculo Bolivariano tenía de estar allá. Eso no tubo estructura por suerte. La otra cosa que no tubo estructura es que muchos de esos Círculos Bolivarianos empezaron a hacer trabajo de barrio, porque era su medio natural y la mejor forma de hacer trabajo fue crear radios comunitarios, hun. Eso, en todos barrios de Caracas se empezó a montar una antena, y entonces con una antena se empezaba a transmitir para la comunidad, estamos hablando de radio con un circuito de 8, 9 ó 10 cuadras. Vale que decir Yo participé de miles de entrevistas con esas radios comunitarias, cada una es una radio que decía a la gente como el señor pepe estaba cumpliendo año, transmitía los chinos de barrio, ah se queda enfermo la hija, una coleta para esa vaina. Pero durante todo día andaba hablando de los volantes, de la vaina que recibía, como que remarcaba toda esa vaina, e la gente iba a la radio porque la radio era lo que informaba lo que pasaba en barrio, en el mercado, en lo no se lo que, toda esa vaina. Y se convirtió en una actividad de barrio la actividad de radio comunitaria, la radio comunitario jugaron un papel importante en la organización de los barrios en el golpe ?No? Los Círculos fueron la estructura de base, pero las radias comunitarias es que permitió la engranaje que no tuvieron los Círculos, porque los Círculos actuaron solo¹⁵¹.

Para ir diretamente ao problema central, que era o controle dos CBs, conforme estamos nos propondo a analisar, ainda que a fala de Colmenarez traga uma diversidade de temas que poderiam ser examinados, observamos que também ele possuía um receio de que os Círculos saíssem do controle. E sair do controle significaria que os CBs se tornariam parte do problema para Chávez, isto porque neste período mais acirrado os Círculos estavam independentes demais, cada qual interpretava a realidade como queria e assim usavam métodos próprios para avançar com a revolução¹⁵². Porém, não o conseguiram, dada a falta de sincronia entre si, apesar de a opinião de Wladimir ser de que esta sincronia estava surgindo. No entanto, na avaliação de Colmenarez, quando surgem as Rádios Comunitárias, que poderiam ter o papel de fazer a sincronia entre os milhares de CBs, isto não se concretiza, ainda que se tenha ensaiado nos momentos mais tumultuados e de luta acirrada em 2002.

Ao encerrar este ponto e também este capítulo, o que queremos ressaltar é que todos estes elementos e setores que se formam desde os anos de 1970, potencializados com o Caracazo de 1989 até 2000, são importantes no processo de luta de classes a partir de 2001 na Venezuela. Assim, buscar entender o golpe de abril de 2002 ou mesmo o *Paro Petrolero de dezembro de 2002 a fevereiro/março de 2003*, o tema

¹⁵¹ Entrevista com Elio Colmenares.

¹⁵² Quando nos referimos à revolução aqui, estamos falando naquilo que os populares como Wladimir entendia por revolução, ou seja, a transformação de suas realidades mais simples, como a vida nos bairros, e não permitir o retorno da velha direção política do país, representadas pelos partidos AD e COPEI. Isto para eles, naquele momento, era o que determinava o sentido de revolução.

central de nossa tese, sem ver como se formam os atores sociais que vão estar em pugna, seria um erro gritante. Erro que cometem adeptos e não adeptos do chavismo por que passa a Venezuela, ao não perceberem que tudo é um processo histórico e nada está predeterminado.

III CAPÍTULO: OS TRABALHADORES, OS MOVIMENTOS E AS CRISES: SUPERAÇÕES E PROJEÇÕES

Antes de iniciar a discussão do primeiro ponto deste capítulo, que é o *Paro* de 10 de dezembro de 2001, é importante, a título de informação, que destaquemos três fatos que ocorreram no segundo semestre de 2001, em que se definem algumas das principais forças políticas em pugna no país e seus respectivos representantes. Falamos da eleição de Carlos Ortega à presidência da CTV – *Confederación de Trabajadores de Venezuela* -; a eleição de Pedro Carmona Estanga à central patronal Fedecámaras – *Federación de Cámaras y Asociaciones de Comercio y Producción de Venezuela* -; e a eleição de dois dirigentes sindicais do *Movimiento Corriente Clasista La Jornada* para o sindicato Fedepetrol de Puerto La Cruz, estado de Anzoátegui.

Com esta iniciativa, não desejamos fazer a história das personalidades, mas conferir a devida atenção ao significado que cada uma destas forças políticas e seus respectivos representantes tiveram na luta de classes venezuelana. Neste sentido, a localização de cada um destes atores representa estas forças sociais e políticas se movendo no ringue da luta, entretanto, não queremos dizer com isto que todos os trabalhadores estivessem localizados nestes blocos ou que refletiam diretamente estes interesses.

A eleição de Carlos Ortega à CTV – Confederação de Trabalhadores de Venezuela –, em novembro de 2001¹⁵³, traz muitos elementos contraditórios. Primeiro porque ainda que ocorram uma reorganização e um ascenso dos setores populares se organizando e cobrando cada vez mais seus direitos e espaços, como tivemos com os Círculos Bolivarianos – CBs -, o setor operário continua nas mãos da burocracia sindical dos partidos AD e COPEI, históricos dirigentes destas entidades. Assim, ainda que usando de uma descarada fraude eleitoral, pois 56% das atas eleitorais foram roubadas dos sindicatos, Carlos Ortega, a partir de dentro das instalações físicas da Fedecámaras, vai ser proclamado Presidente da CTV com somente 42% das urnas apuradas¹⁵⁴.

¹⁵³ Falta de estructura organizativa selló derrota de Istúriz en la CTV. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 26 de nov. de 2001. N. 16. 358, p. 10 e 11.

¹⁵⁴ Dados obtidos a partir da entrevista com Elio Colmenares, em 12-10-2008. Elio, juntamente com Maria Cristina Iglesias, em fins de 2001, são os representante da FBT – Força Bolivariana de Trabalhadores – que, junto com outras forças políticas e sindicais, estavam negociando para exigir a anulação das eleições fraudulentas da CTV, para chamar novas eleições sem fraudes.

Este feito coloca uma dificuldade ao governo, pois, ainda que tivesse usado de todos seus meios para que seu candidato Aristóbulo Istúriz, ex dirigente de *La Causa Radical* – LCR - e agora participante do MVR, fosse o vencedor destas eleições, não logra o intento. Isto coloca Chávez fora do controle da principal organização burocratizada dos trabalhadores, a CTV. É necessário dizer que ao governo não faltou iniciativa em impulsionar um movimento operário sob sua égide, e assim criou a FTB – *Força Bolivariana de Trabalhadores* -, contudo, não obteve o êxito que pretendia em controlar o movimento operário. Isto mostrava uma vez mais que este governo vinha de um ascenso a partir dos setores populares, pós processo de 1989, e não do movimento operário organizado do país, ainda que o governo estivesse constantemente trazendo para sua órbita este movimento operário. O fato do governo não estar inserido nas organizações operárias nos leva a supor que Chávez sempre foi um corpo estranho ao movimento operário venezuelano, ainda que lhe interfira, pelo peso de sua personalidade.

O outro campo político que se prepara para os embates que teremos, a partir do final de 2001, é a Fedecámaras, que elege seu novo presidente Pedro Carmona Estanga, em julho deste ano. Carmona eleito inicia um discurso de conciliação com o governo, que, neste momento, não é bem visto pelos empresários. Tenta, nestes primeiros meses, essa conciliação e não sua remoção violenta ou rápida, como irá pleitear três meses depois. Assim, o novo presidente da Fedecámaras lança a discussão sobre três problemas centrais, que são a *desconfiança* em relação ao governo, o *desemprego* e a *violência* com alto número de criminalidade, situação em que vivia o país naquele período de crise. Para isto faz um chamado ao diálogo:

*Esta misma semana solicitaré una entrevista con el Presidente de la República para tratar de sentar las bases de una relación seria, respetuosa e institucionalista, preservando la búsqueda de salidas para avanzar en los grandes problemas que padece el país y a lo cual debemos abocarnos todos, sector público y privado*¹⁵⁵.

Nos principais jornais, neste momento, o enfoque é a necessidade da conciliação e do diálogo para tirar a Venezuela da crise. Assim sendo, percebe-se uma intensiva

¹⁵⁵ Carmona: el desempleo es el drama social del país. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 30 de julio de 2001. N. 16.240, p. 02.

propaganda da mídia, capacitando Carmona a ser este homem de que a Venezuela necessita nesta hora difícil, um homem que trabalha 18:00h por dia, deixando de prestar atenção aos problemas da família, embora seja bom esposo, para cuidar dos problemas do país, a que inclusive sacrifica seus próprios momentos de lazer:

***Sacrificios:** Anteriormente tenía una rutina clara de ejercicios. Pasaba largos ratos practicando aviación, mi hobby. De vez en cuando jugaba golf. Pero todo eso he tenido que abandonarlo; casi también hasta mi familia, a la que ahora veo poco.*

Esos cambios lo he notado considerablemente a partir de mi elección como presidente de Fedecámaras, que es una institución que consume los siete días a la semana y las 24 horas del día.

He cumplido en el pasado algunas funciones públicas, pero siempre he estado ligado al sector empresarial. Desde mis comienzos he ocupado altas posiciones directivas en organizaciones industriales como Venoso¹⁵⁶.

Assim, neste discurso de homem capaz e propício aos sacrifícios, se constrói a personalidade de Carmona como uma luz futura para a saída da situação de instabilidade por que passava o país. Destarte, os problemas principais da Venezuela são postos na pauta por ele, como: o sentido de confiança que o Presidente da República deve oferecer; uma *abertura segura* a investimentos, *sair do estatismo* e criar condições seguras para *as inversões de capitais*. Nestas condições, o economista Carmona faz um chamado à conciliação, lançando um programa que o governo deveria atender para que a conciliação ocorresse, e o país saísse da crise, obtendo, ao mesmo tempo, os alicerces sólidos para as inversões que propiciariam o crescimento da economia. Nesta crise, a que Carmona se refere, é a participação popular efervescente que coloca a burguesia em sinal de alerta.

O terceiro elemento que gostaríamos de pontuar, enquanto uma das forças sociais e políticas que estará no palco de lutas, é a eleição do sindicato Fedepetrol do norte do Estado Anzoátegui, em setembro de 2001, em que Gregório Rodrigues e Jose Bodas, dois integrantes de La Jornada, são eleitos proporcionalmente para a nova gestão sindical¹⁵⁷. Cumpre observar que nenhum sindicalista da Força Bolivariana de Trabalhadores – FBT- foi eleito neste pleito da Fedepetrol de Puerto La Cruz.

¹⁵⁶ Los mensajes del Presidente hay que evaluarlos con hechos. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 21 de enero de 2002. N. 16.411, p. 11.

¹⁵⁷ Fedepetrol-Puerto La Cruz pasó a manos de Plancha 1. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 20 de sep. de 2001. N. 16.411, p. 07.

Destacamos que este fato da eleição da Fedepetrol, como se viu anteriormente, quanto à CTV e à Fedecámaras, se torna um fator não quantitativo, mas qualitativo. Embora não estivessem nos principais cargos do sindicato, estes dois dirigentes, Gregório Rodrigues e Jose Bodas, a partir de todo o conjunto do *Movimento Classista La Jornada*, vão polarizar contra as políticas da CTV e da Fedecámaras. Em um dado momento, vão fazer da refinaria de Puerto La Cruz um exemplo para os outros operários, principalmente os petroleiros.

É importante frisar que isto somente foi possível devido à capacidade que tiveram em unificar os setores operários petroleiros com os setores populares lutadores e descontentes dos velhos partidos políticos, que, de fato, eram a maior força humana, que, neste momento, se percebeu com um mesmo objetivo e aí suas ações vão ser conjuntas. O que não quer dizer que a CTV e Fedecámaras também não unificassem uma grande massa humana ao seu redor. Fato que pode ser observado nas duas fotos seguintes, quando, já em finais de 2001 e janeiro de 2002, havia diversas mobilizações da oposição para depor Chávez. Na primeira foto desta abertura, se observa a participação de copeianos, além de outros grupos, se manifestando contra Chávez. A segunda, uma manifestação nacional da oposição ao governo, que escolheu o dia 23 de janeiro data que simboliza para os venezuelanos um dia de comemoração a Democracia e a referência era que deveria se voltar a democracia em Venezuela.

Tudo isto vai se dar em meio a uma grande crise que será exposta ao longo deste capítulo, contudo, antes, seria necessário enunciar um pouco do que se entende por crise, relacionada a estes eventos em discussão. Destarte, é inegável que todo ano de 2002 será um ano de muitas crises. E o que se entende por crise está no centro da pergunta: *quem governa?* Todos os setores e classes sociais aqui expostas se faziam esta pergunta consciente ou inconscientemente. Neste sentido, a *crise* se dará em torno de se disputar qual classe social e, especificamente, qual setor vai dirigir a política do país, situação que não estava definida conjunturalmente, entre dezembro de 2001 a fevereiro de 2003. Deste modo, a pergunta sobre quem ganha ou quem perde com a crise não é bem colocada, a questão primordial é *quem governa*. Cabe ressaltar, assim, que, neste período venezuelano de disputas, ascenso e mobilizações, ao menos 3 setores mais organizados ou mais dinâmicos concorriam ao governo: um deles é Chávez, seus setores burgueses e sua base social entre populares; um segundo é a tradicional elite do país, inconformada com a perda do executivo, auxiliada pela CTV e a Igreja; e um terceiro setor formado de operários com suas bandeiras próprias, acompanhados de um

significativo setor social que, embora chavista, contudo, queriam aprofundar suas reivindicações.

Portanto, quando se analisa todo este capítulo e o processo histórico aí vivido, não se entenderá o sentido da *crise*, se não se percebe ao menos estes três blocos em permanentes disputas no ring da luta de classes, com a observação de que naquele momento nada estava definido, hoje é que se olha do futuro ao passado, naquele momento tudo era conjuntura presente. Assim, de modo claro e definido, o termo *crise* aqui exposto, ao longo destas discussões, está no sentido de saber *quem governa* o país, nisto os sucessivos episódios que veremos.





1 - 10 DE DEZEMBRO DE 2001, O PRIMEIRO PARO NACIONAL.

O *Paro* de 10 dezembro de 2001 foi o de maior adesão de toda a história venezuelana. Somente pode ser comparado a um outro: o *Paro* ocorrido em 1958, no processo de derrubada do ditador Carlos Pérez Gimenez. Um *Paro* consiste em paralisar todas as atividades em um dia, como uma greve geral de trabalhadores. Porém, neste caso do *Paro* de 10 de dezembro se conseguiu dar um caráter não de classe a ele, ainda que o fosse, em essência, mas um caráter de sociedade civil unida contra o presidente. Este foi um dos elementos que levou à adesão quase que total da população.

Para organizar atividades de tal envergadura, e que se constituirão no primeiro ensaio contra Chávez, necessita-se de organizações fortes, com estrutura nacional e quadros experimentados na luta de classes. Além disto, uma unidade de ação é importante. Este *Paro* de 10 de dezembro de 2001 conseguiu isto, aglomerando três forças políticas e sociais importantes na sociedade venezuelana, que foram a CTV, a Fedecámaras e, em menor grau, neste momento, a Igreja Católica, que posteriormente se transformou em “alcoveta” entre CTV e Fedecámaras¹⁵⁸. Aqui, cabe mencionar um fato curioso: que uma central patronal se una juntamente com a Igreja para derrubar governos populares ou governos burgueses atípicos¹⁵⁹, lançando, depois, uma carnificina sobre a população, não é nenhuma novidade na história contemporânea, basta ver exemplos no golpe do Chile de 1973, Argentina de 1976, dentre outros, porém, ter uma central operária, ainda que burocrática, neste rol, não é algo comum. Neste sentido, para a compreensão desta disputa será indispensável analisar a CTV, com maior ênfase nos meses que antecederam ao *Paro*.

¹⁵⁸ Entrevista feita pelo autor, em 09-09-2008, com Pedro Arturo Moreno, Secretário Executivo da CTV. Pedro Arturo infere que foi Luis Ugalde, reitor da Universidade Católica Andrés Bello, que, em março de 2002, tenta formar uma mesa tripartite entre Governo, CTV e Fedecámaras. O Governo não se senta. Em nosso ver, analisando as fontes documentais, não se logra a tripartite com o governo, mas se logra a conciliação da CTV e Fedecámaras e a Igreja fazendo um papel de alcoviteiro nos próximos intentos de derrubada do Governo.

¹⁵⁹ A burguesia prefere eleger governos dentro de seus próprios partidos. Quando isto não logra êxito e é eleito um presidente, que embora não rompa com a institucionalidade burguesa da propriedade privada, por exemplo, contudo, vem de outro partido fora do âmbito oficial da burguesia, se diz um governo burguês atípico.

Sabemos que esta central já havia se burocratizado completamente e, além de ser uma central afeita ao neoliberalismo¹⁶⁰ e à conciliação de classes, também possuía sérios desvios gangsterista em seu interior, como, por exemplo, se viu, no capítulo I, a máfia dos cupons de emprego nos setores petrolíferos feito por direções sindicais cetevistas. Contudo, se colocar como principal protagonista na elaboração de um golpe civil-militar, em parceria com a burguesia e a Igreja, é um salto qualitativo, pois o que estava traçado para o dia 10 de dezembro de 2001 era a deposição de Chávez do poder. Neste sentido, a imposição a qualquer custo de uma direção para a CTV que levasse a cabo esta política era de fundamental importância para o bom êxito do projeto. Portanto, somente com uma nova diretoria comprometida com este projeto se poderia levar a cabo o empreendimento. Assim, para os adecos e copeianos, ganhar a direção da CTV era condição *sine qua non* para retornar o poder aos velhos partidos AD e COPEI, que Chávez havia removido nas eleições presidenciais de 1998.

A primeira garantia de que necessitava a AD e a COPEI para seu projeto era eleger, de seus quadros sindicais, a nova diretoria da CTV. Foi neste contexto que se deu a eleição mais fraudulenta e tumultuada da história da central. Passemos a ela. Primeiramente, recordemos que historicamente sempre quem havia dirigido a CTV eram estes partidos, AD e COPEI, contudo, nesta eleição, ocorreu uma disputa muito mais intensa pelo controle da entidade, pois a FBT – Força Bolivariana de Trabalhadores – estava com certa possibilidade, a partir de seus acordos, de retirar esta hegemonia dos adecos e copeianos¹⁶¹. Como era de suma importância ganhar a presidência da entidade e a maioria dos cargos, pois eram eleições proporcionais, os adecos e copeianos saem com todas as armas. Vejamos como Elio coloca a situação a partir do processo de eleição da CTV:

este, ya durante las elecciones había elementos de que la situación de golpes, en que mataron a tres dirigentes sindicales en la calle llegando a su casa, en

¹⁶⁰ Enfrentamientos venezolano llega las calles de Nueva Iork. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 16 de enero de 2003. N. 16. 763, p. 11. Aquí Carlos Ortega textualmente afirma que com a oposição no poder do país os inversionistas estariam mais bem garantidos.

¹⁶¹ Bolivarianos ratificam candidatura de Istúriz. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 23 de ago. de 2001. N. 16. 264, p. 08. A pesquisa teve o cuidado de seguir pela imprensa a eleição da CTV, desde a formação das chapas, em agosto de 2001, até os resultados e aclamação do novo presidente da Central, em novembro. Posterior a isto, acompanhei a Central até julho de 2003. Aportamos-nos também em algumas entrevistas, uma de Elio Colmenares, que representou internamente a FBT nas eleições de 2001, e uma outra de Pedro Arturo Moreno, Secretário Executivo da CTV, em 2008, e que havia participado da diretoria neste período de 2002.

ese momento ya había mas de 60 dirigentes campesinos muertos en 2001. Ya había actividad de terror de la burguesía sobre la dirigencia, sobretudo, más que sobre el sector sindical, sobre sector campesino y sector barriales, pero empieza a darse en sector sindical porque pone la CTV esta en rol. Los tipos llegaron a los sindicatos asaltaron a los sindicatos y robaron las urnas, los sindicatos que ellos sabían que de otra federación asaltaron en el proceso electoral, había un proceso, primero que empieza el terror de la burocracia sindical, pero por otro lado empieza a tener la actitud indiferente de los trabajadores¹⁶²

A opinião de Elio é que a situação, em geral, para os setores camponeses e populares já era de um ataque frontal da direita sobre suas organizações e dirigentes, matando mais de 60 deles até meados de 2001. Todavia, Elio não conta que após os acordos de Chávez e a burguesia pós golpe de abril de 2002, Chávez vai fazer vista grossa aos assassinatos destes camponeses, até submeter este setor que estava em ascenso. Ocorre que, com o processo de eleições da CTV, esta violência se estende ao campo sindical que até aquele momento, de certa forma, estava fora desta violência mais extrema. É, então, que a garantia do controle da CTV se torna questão de vida ou morte para o projeto dos adecos e copeianos de voltar à direção do país. Então, surge uma ofensiva dentro do setor sindical para ganhar as eleições a qualquer custo. A título de informação, todas as eleições sindicais que ocorrem na Venezuela são dirigidas oficialmente pelo Conselho Nacional Eleitoral – CNE. Na Venezuela, nenhuma eleição sindical da classe trabalhadora é feita sem que o CNE a dirija, pois, se assim não se faz, a eleição e tampouco o sindicato são reconhecidos oficialmente. Neste sentido, este processo de eleição fraudulenta da CTV contava com a benevolência do CNE. Não é à toa que, depois do golpe de abril de 2002, Chávez vai fazer uma luta dentro do CNE para afastar os representantes opositoristas que dirigiam o órgão até então, colocando pessoas de sua confiança.

Voltando à questão da eleição da CTV, a fraude, na opinião de Elio Colmenares, se instala de modo geral em todo país:

Sí. Todos estaban siendo victimas de fraude de hecho, Causa R ganaba, ganaba la sección de Bolívar, nosotros estábamos peleando el candidato de sección de Bolívar, nuestro candidato era José Gil. Gil estaba peleando la dirección de Fetrabolívar, se estaba peleando el candidato de Causa R, AD no tenía posibilidad de ganar, estaba muy lento. Cuando abre las votaciones, empieza a checar las votaciones gana un tipo adeco. Sabe es que roban las

¹⁶² Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.

elecciones a Causa R. Cuando sentamos en la mesa todos habían sido víctimas de fraude, porque nadie entendía por la voracidad de AD, sabe. AD en los mejores momentos de la burocracia jamás controla las 23 federaciones ¿No? Siempre una federación tenía la oposición, que tenía el MAS, e en ese momento AD gana las 23 federaciones. ¿No? Sabe producto de un fraude, entonces aporrea sus propios aliados¹⁶³

Percebe-se que há crédito na visão de Colmenares, pois, de fato, os adecos e copeianos ganharem todas as 23 federações sindicais era impossível, e ganhar da Causa R – LCR – no Estado de Bolívar, seu principal reduto, também estava no campo do impossível. Não temos dúvida de que foi uma fraude geral, ainda que isto não queira dizer que, se fossem transparentes as eleições, o candidato principal de Chávez pela FBT, Aristóbulo Istúriz, ganharia o cargo de presidente da CTV no lugar de Carlos Ortega da AD.

Mediante este roubo descarado que segue por todo país, Elio Colmenares e Maria Cristina Iglesias propõem às outras correntes e forças políticas, que também estavam sendo roubadas, que se parassem as eleições: nomear-se-ia uma nova junta eleitoral, e uma direção colegiada da entidade encaminharia uma nova eleição para dar posse a um novo presidente. A proposta foi aceita por todas estas correntes que estavam sendo roubadas. Assim, em dois dias, foi convocado o Conselho Eleitoral Nacional da CTV, em que estas forças se faziam maioria diante dos adecos e copeianos. Este grupo, que estava sofrendo fraude, designa um representante de La Causa Radical – LCR para propor a paralisação destas eleições e chamar outra eleição, conforme haviam acordado. Nas palavras de Colmenares:

Quando llegamos a las 48 horas, cuando llegamos él presidente de la comisión electoral que era Causa R que esta comprometido con nosotros en la propuesta se para y expone la propuesta, dice “proponemos que se pare las elecciones”, la propuesta es que se pare las elecciones, y que se convoque las elecciones en 3 meses, se nombra una nueva junta electoral. Termina la propuesta y dice “Yo no estoy a favor, la propongo nada más, pero no estoy a favor”. Una locura y empezamos a revisar, los únicos miembros teníamos nosotros en la comisión era Maria Cristina y era yo. Bueno fuimos los únicos votos a favor de la propuesta, todos los demás cuadraban la propuesta y se orquestaba el fraude. La contra propuesta fue reconocer, se había perdido 56% de las actas¹⁶⁴.

¹⁶³ IDEM.

¹⁶⁴ IDEM.

Para a surpresa da FBT, nestes dois dias transcorridos desde as negociações entre as correntes que estavam sendo roubadas e a reunião do Conselho Eleitoral Nacional da CTV, os adecos e copeianos conseguem comprar todas as outras correntes, sem que a FBT soubesse. Além disto, consegue aprovar nesta mesma reunião o reconhecimento como válida a eleição da CTV, com somente 42% das urnas contadas, ao passo que as demais haviam desaparecido. O roubo foi enorme, embora estes próprios setores da CTV não pudessem negar que houve fraude, conseguiram com que fossem silenciadas neste processo:

Rolando Díaz admite que se cometieron faltas, pero afirma que a pesar de ello la CTV está legitimada e institucionalizada. “La trampa la hicieron todas las fuerzas que participaron, aunque en mayor medida el FUT porque es la mejor organizada”. Las irregularidades que todos reconocen existió, no es argumento para rechazar los resultados, apunta Díaz, quien agrega que Aristóbulo Istúriz ni siquiera ganó una federación de educadores¹⁶⁵.

Estes resultados solidificam as forças dos adecos e copeianos e possibilitam a unificação da CTV com a Fedecámaras para colocar em marcha um projeto de remoção de Chávez, fazendo do *Paro* de 10 de dezembro de 2001 sua primeira tentativa mais organizada.

Há outros elementos interessantes de serem pontuados, de que estas forças políticas desejavam de fato realizar um golpe sobre o governo e aí a importância de se ter a CTV para isto. Colmenares conta que na reunião do Conselho Eleitoral Nacional da CTV, em que se legaliza a fraude, realizada na sede da central, participa ele e Maria Cristina Iglesias, e, como Maria era uma fumante inveterada, esta saía para fumar constantemente. Em umas destas saídas, as outras forças sindicais a agarram no banheiro e a espancam, deixando-a no solo. Colmenares, descobrindo o episódio, chama seu grupo para resgatá-la, e com isto se formam dois grupos armados, um de cada lado:

Entonces me llama Zerpa Miramar para negociar la vaina, ya se había concretado legalmente el fraude y toda comisión electoral ya había votado para reconocer la acta, la reconocer la acta le dá un triunfo a AD, ellos

¹⁶⁵ Falta de estructura organizativa selló derrota de Istúriz en la CTV. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 26 de Nov. de 2001. N. 16. 358, p. 11.

habían recambiado los números para que no hubiera proporción para otra plancha y la única plancha que quedaba afuera de CTV éramos nosotros y eso no tenía ninguna lógica con los números eso ya había se acordado. En cuanto estamos ahí, saca Ortega, Carlos Ortega é anunciado como nuevo Presidente de la CTV en la sede de Fedecámaras...Esa noche en la roda de prensa no es anunciando Ortega como Presidente, se no el nuevo presidente de CTV, el presidente de Fedecámaras y el representante de la Iglesia que anuncian que llamaban a Paro, primero Paro que se dá que es día 10 de Diciembre de 2001, contra el intento de gobierno de las leyes habilitantes...Bueno hecho el cuento que de esta veces yo supe negociar con Zerpa Miramar una situación, bueno yo voy entregar María Cristina, lo tipo “tranquilo, tranquilo donde esta María Cristina que la consigo buscarla, entregarla” ?No? Al tratar de vista el peo y Zerpa Miramar dice, “chamo nosotros no tenemos 4 años, que no sea 15, 20 años, se Tú no es chavista”, Yo era públicamente conocido en uno grupo aparte de Chávez, “Tú no es chavista, coño chamo vente de ese lado”, dice mira “Chávez no dura 3 o 4 meses, no hay posibilidad para Chávez” ¿No? “No va durar se pasa Chávez Diciembre es mucho” ¿No? “Máximo, enero, febrero, y nosotros vamos a garantizar, nosotros lo que queremos es que (incomprensible) sea un golpe incruento, que saquemos Chávez de país” ¿No? “Y nosotros vamos a garantizar nuevas elecciones de la CTV, vamos a garantizar participación de todos los sectores, coño vente de ese lado, quede tranquilo” toda esa vaina¹⁶⁶.

A situação, que antes era somente de uma fraude eleitoral sindical, se desvenda em sua essência, na opinião de Colmenares, quando o Adeco Zerpa Miramar lhe faz a oferta e coloca, ao mesmo tempo, que Chávez estava por ser removido. Não que Elio Colmenares desconhecesse o termômetro da luta de classes na Venezuela, no entanto, ele e até mesmo Chávez não sabiam que sua agudez estava tão próxima. E como estes setores golpistas iriam justificar um golpe sobre Chávez? Conseguiriam, à medida que o *Paro* de 10 de dezembro de 2001 fosse vitorioso. E para ser vitorioso deveriam conquistar a maioria. E conquistar a maioria significava pousar-se de democráticos e macular Chávez de autoritário, para isto intensificam um projeto de mídia que já havia há tempos, porém, para fazer um *Paro* necessitariam de argumentos mais fortes, foi então que buscam nas Leis Habilitantes os elementos que o justificariam. Entremos neste tema.

As Leis Habilitantes eram 49 leis que o Presidente da República sancionou, em 13 de novembro de 2001. Embora fosse um ato constitucional legal a partir da legalidade burguesa, é alardeado pela burguesia como um fato inaceitável e autoritário do presidente. É aí que surgem os argumentos e os bombardeios da mídia que possibilitam criar o clima favorável ao *Paro* de 10 de dezembro.

¹⁶⁶ Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.

As Leis Habilitantes mais alvejadas foram a lei de n. 1 - *Ley de Tierras y Desarrollo Agrario*; a de n. 19 - *Ley de Zonas Costeras* e a de n. 35 - *Ley de Pesca y Acuicultura*. Todas estas foram intensivamente bombardeadas como sendo o fim da propriedade privada, da democracia e o futuro do comunismo. Vejamos como se aludiu à lei de Zonas Costeiras

De acuerdo a los cálculos de la Cámara Inmobiliaria de Anzoátegui, 20 mil inmuebles se verán afectados si se aplican la disposiciones contenidas en la nueva Ley de Zonas Costeras. De este total, 70% corresponde a viviendas y el 30% restante a hoteles, centros comerciales y sitios de interés turístico.

Orestes Rosin, presidente del gremio inmobiliario, considera que se creara un caos si el Ejecutivo nacional confisca estas edificaciones.

El polémico instrumento jurídico, integrante del paquete de leyes de la Habilitantes ... establece en su artículo 9 una zona de 80 metros desde la marea más alta para el dominio público.

También se verá afectado el desarrollo del turismo, 25% de la geografía del estado es zona costera y allí se asienta la infraestructura hotelera y recreativa.

Los inmuebles ubicados en Maurica, Paseo Colon, Complejo Turístico El Morro, avenida Américo Vespucio, Píritu, Puerto Píritu, Boca de Uchire, Guanta y aldeas de pescadores de Lechería y Puerto La Cruz podrían ser enajenados si el gobierno lo estima conveniente¹⁶⁷.

Esta tônica de denúncias alarmantes passa por todos os meios de imprensa, como se uma tragédia fosse ocorrer e que o governo era o responsável. Somente no Estado de Anzoátegui, 25% dos imóveis estariam à disposição de Chávez para aliená-los. Por mais que os setores do governo explicassem que não se tratava de tomar estes imóveis, mas de um projeto de zoneamento e melhor planejamento para ocupação futura, um plano diretor respeitando uma margem segura de 80 metros do litoral das praias para se construir novas edificações, a polêmica não findava. Neste sentido, essa população, em sua maioria classe média e alta, iniciou a organização de comitês em defesa da propriedade, com palestras, assessoria jurídica, medidas cautelares. Uma avalanche de comitês e organizações enfrenta o governo e as instituições jurídicas: *Fedecámaras Fedenagas y el resto de sus organismos afiliados iniciaron la batalla legal anunciada para después del 10-D, que pretende la suspensión de las leyes Habilitantes¹⁶⁸.*

¹⁶⁷ Cámara dice que ley costera afectará a 20 mil inmuebles. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 13 de Dic. de 2001. N. 16. 374, p. 06

¹⁶⁸ IDEM. p.09

É necessário observar que a polarização vai esquentando de ambos os lados, e se dermos crédito à opinião de Colmenares, neste ano de 2001, já haviam sido assassinadas mais de 60 lideranças camponesas. Lideranças, sem contar as mortes dos militantes rurais de base. O clima é intenso e do lado do Governo os setores populares estão se movendo com suas organizações:

Algunos calcularon que Hugo Chávez Frías tuvo que sortear una masa serpenteante de 300 mil personas. Eran casi las cinco de la tarde, y demoró casi media hora en llegar hasta la tribuna, donde juramentaría a más de 20.000 Círculos Bolivarianos, en el acto de relanzamiento del MBR-200.

“No creí que esta manifestación fuese a tomar la magnitud que ha tomado. Hay más gente que en 1998”.

La imprevista asistencia animó al jefe de estado, para apretar aún más el alicate de su verbo contra sus adversarios¹⁶⁹.

Como se percebe, governo e os movimentos sociais se aliam para se contraporem ao bloco de oposição. Estamos em um daqueles momentos, a que Wladimir se referia, conforme vimos no capítulo anterior, em que crescem os setores populares que acreditavam que todas estas medidas do governo estariam sendo tomadas em seu favor. Portanto, esta campanha contra as Leis Habilitantes e o próprio *Paro* de 10 de dezembro fazem fundir cada vez mais os distintos setores em luta, assim, mesmo a própria CTV entra coligada com a patronal contra as Leis e apresentam sua queixa aos tribunais.

Padrón agregó que del 20 al 25 celebrarán la semana de la protesta con asambleas, marchas, tomas y vigílias. Para el 27 de febrero tienen previsto realizar una gran marcha nacional hasta el Parlamento a fin de solicitar la derogatoria del paquete de leyes aprobadas al amparo de la Habilitantes. El 14 de marzo irán hasta el Tribunal Supremo de Justicia (TSJ) para introducir un recurso de nulidad en contra de estas normativas. La CTV ya comenzó a recoger las 550 mil firmas para solicitar un referendo revocatorio de la legislación aprobada.

El presidente de la máxima central obrera, Carlos Ortega, aprovechó la reunión para declararle la guerra al Gobierno. “La mesa esta servida y la CTV acepta el reto”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Chávez amenaza a banqueros con enviarlos a cárcel de Yare. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 13 de Dic. de 2001. N. 16. 379, p. 08

¹⁷⁰ El próximo lunes la CTV inicia agenda conflictiva. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles, 23 de enero de 2002. N. 16. 413, p. 02

Nesta iniciativa da CTV, ela deixa claro que a entidade não se afastaria da luta pela saída de Chávez, e, em breve, vamos ver que isto era a qualquer custo.

A discussão, que permeia o processo de luta contra as leis Habilitantes, é longa. Englobam-se, conforme dissemos, 49 leis, todas elas em menor ou maior grau, cheias de polêmicas. O que fica claro é que um clima de oposição está instalado com o debate destas leis¹⁷¹ e com o *Paro* de 10 de dezembro, o que oferece o artifício para derrubada de Chávez.

Nas leis propriamente ditas, que foram publicadas na Gazeta Oficial, em 11 de novembro de 2001, não detectamos nenhum destes riscos de desaparecer com a propriedade privada como alegava a burguesia¹⁷². Por exemplo, a Lei de Zonas Costeiras regulava o uso do solo, no sentido de preservar ecologicamente para futuras gerações estas áreas, determinando diversas medidas de preservação. Havia uma preocupação com o patrimônio histórico e cultural destes espaços e seu uso regulado para o lazer.

A respeito da lei de Terras, ela regulava aquilo que toda constituição burguesa possui e que não serve à classe trabalhadora e aos sem terra, que é afirmar que as propriedades devem ser exploradas, respeitando-se o interesse social. Havia um artigo mais forte que colocava a obrigação do Estado de rever o direito às suas terras ocupadas ilegalmente, ou seja, quando griladas. Por último, outro artigo mais polêmico que definia como latifúndio a propriedade de 5.000 hectares ou mais, que estivesse ociosa ou não cultivada. Em essência, estas 49 Leis Habilitantes não trouxeram mudanças significativas. Ainda que abrangessem e regulassem diversos setores da economia, os pobres continuaram pobres e a burguesia continuou com seus bens.

Partindo, neste momento, para o *Paro* de 10 de dezembro de 2001 em si, vejamos como, a partir dos meios de comunicação se pode visualizar sua efetivação.

¹⁷¹ São diversas as edições e matérias que tratam do tema das leis Habilitantes, deixaremos alguns mais a título de informação. Vecinos de Urbaneja van contra la Ley de Costas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 20 de Dic. de 2001. N. 16. 438, p. 04. Comisión de diálogo discrepa sobre cambio de Ley de Costa. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 22 de Dic. de 2001. N. 16. 383, p. 07. Chávez pidió a Fedecámaras que rectifique su posición. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 02 de dic. de 2001. N. 16.364, p.08. Ganaderos de Anzoátegui marchan hoy. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles, 05 de dic. de 2001. N. 16. 367, p. 05. Chávez aceptó que se reforme contenido de la habilitante. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 06 dic. de 2001. N. 16. 368, p.08. Ejecutivo dice que respetará propiedad en zonas costeras. *El Tiempo* Puerto la Cruz, viernes, 07 de dic. de 2001. N. 16. 369, p.04. Fedindustria asegura que fueron llamados para revisar nuevas leyes. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado, 08 de dic. de 2001. N. 16. 370, p. 04.

¹⁷² *Decretos leyes contenidos en la Ley Habilitante reformados por La Asamblea Nacional.* www.asambleanacional.gob.ve

Contamos para isto com duas edições do jornal *El Tiempo*, dos dias 09 e 11 de dezembro, uma vez que o jornal do dia 10 não saiu em solidariedade ao *Paro*. Para início de análise, percebe-se que Chávez não dá atenção à ameaça e não se prepara para a mesma, e também não trata com a devida seriedade o problema, fazendo até alusões ao fato, ao invés de atuar nele:

“Los escuálidos quisieron llegar al Palacio de Gobierno a pedir mi renuncia. No lograron juntar ni mil personas. Nos dan lástima. Tendremos que prestarles gente. Pero tienen que darse cuenta que a ellos y a sus aliados corruptos los sacamos de allí para siempre. Jamás volverán a Miraflores. Yo me retiraré en 2021”, recalcó el mandatario antes de subrayar que todos los intentos de desestabilización del país “serán derrotados”¹⁷³.

Enquanto Chávez, neste momento, não percebe a dimensão do problema, a oposição leva a questão mais a sério, no sentido de justificar sua ação. Assim, a oposição destaca que somente em momentos muito difíceis de uma nação é que se chega a atitudes deste porte, oferece exemplo do primeiro *Paro* ocorrido na história do país, quando os empresários se uniram. Isto é, a referência ao *Paro* de 1958, quando decorria o processo de derrubada do Ditador Carlos Pérez Gimenez.

É dentro desta tônica que setores citados pelos meios de comunicação, como Fedecámaras, CTV, sindicato de transporte, de construção, educação privada, agropecuários, câmara petroleira, câmara de centros comerciais, setor pesqueiro, Igreja e outros, se unificam neste *Paro* do dia 10¹⁷⁴. Ao se observar atentamente o desenrolar do processo, percebe-se que o discurso destes setores da oposição estava afinado, no sentido de combater o desemprego, a falta de investimento e a insegurança na sociedade. De fato, a Venezuela vivia todos estes problemas sociais, mais de 50% da população economicamente ativa localizava-se no trabalho informal, o desemprego rondava oficialmente seus 20%, e uma criminalidade imensa, assaltos, tráfico, matanças eram a rotina a que a população estava exposta.

Evidentemente que estes são problemas antigos, mas também Chávez não os havia resolvido, o que traz certa capitalização da população à proposta da oposição, que tem neste momento um raio abrangente, desde CTV, Fedecámaras, passando pela LCR.

¹⁷³ Chávez pronostica fracaso a enemigos de la revolución. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 09 de Dic. de 2001. N. 16. 371, p. 07.

¹⁷⁴ IDEM. p. 10.

Todos estão unidos, na verdade, não para solucionar efetivamente estes problemas sociais gritantes, mas para, de duas uma, ou trazer Chávez para sua órbita, pois até este momento alguns setores deste bloco acreditava na cooptação segura de Chávez, ou removê-lo definitivamente, dependendo do desdobramento desta ação programada para o *Paro* de 10 de dezembro de 2001:

Tenemos en la causa R, la plena convicción de que si el Presidente no rectifica y no se producen urgentes cambios que permitan introducir variables en materia de reactivación de empleos. Políticas contra la inseguridad, contra la pobreza y el hambre, contra la corrupción, la militarización y la manipulación de la institucionalidad. Hugo Chávez no durará los 5 años que aún le restan por gobernar.

De allí que sea completamente y válida la consigna de “rectificas o te vas”. El presidente Hugo Chávez, debe dar muestras de querer encontrar el camino correcto para salir de este laberinto que él mismo construyó o de lo contrario estará transitando la recta final¹⁷⁵.

Estas são palavras de Andrés Velásquez, dirigente principal da LCR, um partido que já havia perdido seu auge, mas que ainda possuía inserção social, principalmente em setores sindicais, sendo o mais forte o do Estado de Bolívar. Portanto, em âmbito geral, a oposição está se solidificando para enfrentar o governo, em uma unificação não somente nacional: ia mais longe com o papel da mídia e da Igreja, o problema ganhava cunhos internacionais. O próprio jurista constitucionalista, muito respeitado em Venezuela, Hermann Escarrá, advogava que, se não houvesse uma retificação de Chávez, o problema poderia se desdobrar no papel da OEA.

Segundo esse ponto de vista, já se fazia presente a necessidade, por meio do Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos – OEA -, César Gaviria, de a instituição tomar ciência da questão e de sua responsabilidade para não deixar que a Venezuela, ou este Governo, iniciasse um processo de desestabilização no continente americano. É, portanto, neste clima que o *Paro* de 10 de dezembro de 2001 ocorre e, um pouco mais tarde, se mostra a ingerência dos próprios Estados Unidos nestes problemas internos do país, principalmente por meio de César Gaviria. O quadro, então, é para que Chávez se retifique, porém, o que significa retificar? A opinião de Paulina Gamus, colunista de *El Tiempo* a partir de Caracas, e afirmada por outros, é de que:

¹⁷⁵ IDEM. p. 11.

Los escenarios optimistas vislumbran un Chávez que 'al fin!' se percata de que su gobierno se está desmoronando y decide rectificar: Acepta consejos, se deshace de los talibanes de su gabinete (léase Giordani el primero y Adina después, sin olvidar a Navarro) y se rodea de gente sensata, sin las gringotas ideológicas marxistas sesentonas que caracterizan a los antes mencionados. Cesar en sus insultos contra los empresarios, los medios de comunicación, la Iglesia y demás sectores de la vida nacional que no comulgan con su estilo ni con la orientación de su Gobierno y decide sentarse a dialogar con el ánimo sincero de lograr acuerdos. En pocas palabras, se transforma en un verdadero Jefe de Estado en busca de la gobernabilidad¹⁷⁶.

Assim, o governo deveria conciliar com todos estes setores se desejasse permanecer no poder e as condições desta negociação estão colocadas claramente, ou seja, que se fizesse do modo burguês e se solidificasse a política neoliberal. Contudo, o que esta oposição não entende é que o governo continuava fazendo a política neoliberal, porém, agora disfarçada de popular, socialista, revolucionária, pois a correlação de forças havia mudado¹⁷⁷.

A situação então se desenvolve com um dia 10 de dezembro bem polarizado, pois de fato a oposição consegue parar a Venezuela neste dia. Os jornais de 11 de dezembro trazem dezenas de matérias visualizando a situação de cada localidade. Vejamos o quadro que a Fedecámaras oferece de todo o país, por estados. Estado de Amazonas 80%, Anzoátegui 80%, Apure 97%, Aragua 80%, Barinas 95%, Bolívar 85%, Carabobo 90%, Cojedes 90%, Distrito Federal 90%, Falcón 85%, Guárico 95%, Lara 90%, Mérida 90%, Miranda 90%, Monagas 95%, Nueva Esparta 90%, Portuguesa 95%, Sucre 90%, Táchira 95%, Trujillo 95%, Vargas 70%, Yaracuy 99%, Zulia 95%. Sendo que a média nacional ficou na cifra de 89,39%¹⁷⁸. Este número, segundo a Fedecámaras, representa a indústria, produção agrícola, comércio formal e informal, transporte, escolas, etc., ou seja, uma paralisação geral de todas as atividades produtivas do país.

Deveras, o *Paro* de 10 de dezembro de 2001 foi avassalador, e isto devido a diversos fatores. Um, era que a oposição havia de fato feito um grande chamado em todo país, e com a questão das Leis Habilitantes, vistas anteriormente, conseguiu ganhar

¹⁷⁶ IDEM. p.03. anexo1

¹⁷⁷ Um assunto já discutido no I capítulo, e que é importante para entendermos esta afirmação, é que o governo Chávez avançou com o processo de internacionalização da PDVSA, e não há outra medida mais neoliberal que esta, levando em conta que o petróleo é o principal produto econômico do país.

¹⁷⁸ Fedecámaras asegura que el paro empresarial se cumplió en 90%. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 11 de Dic. de 2001. N. 16. 372, p. 11.

uma boa parte da população para seus objetivos, que era levar o governo à bancarrota. Segundo, havia uma parte da classe trabalhadora que estava descontente com o governo, que não resolvia sua situação de miséria, ainda que acreditasse nas suas possibilidades. Neste ponto, o governo estava esquecendo os contratos coletivos dos trabalhadores e não avançava com o processo que eles queriam, havia uma dezena de problemas que faziam com que os trabalhadores se sentissem um pouco apáticos nesse cenário. Terceiro, Chávez não tomou medidas efetivas para ir contra o *Paro*, ficou esperando, e isto contribuiu para que os setores populares não dessem uma resposta mais contundente neste momento. E, por último, como o *Paro* era somente de um dia, muitos não viram como difícil suportar um dia de paralisação e ver se algo significativo ocorreria.

Avaliar que a Fedecámaras estivesse superdimensionando os números da paralisação é pouco provável, inclusive na opinião de Colmenares: neste dia, em Caracas “*aquí no se movía ni una hoja*”. Ele conta que somente conseguiu ir ao trabalho, porque possuía carro próprio: não havia Metrô, não havia transporte público, nada se movia na capital. Luis Peres, outro entrevistado, militante de movimentos populares, afirma que de fato a Venezuela parou neste dia 10 de dezembro de 2001.

Assim, os dados que colhemos nos jornais possuem sedimentação. Observam-se a paralisação de bancos, das grandes redes de supermercados, escolas privadas e também públicas: devido ao fato de não haver transporte todas pararam. O transporte público intermunicipal e estadual da mesma forma sofreu o efeito; o sistema de transporte marítimo, muito usado em algumas áreas, também funcionou muito precariamente. O sistema aéreo também foi afetado, com o cancelamento de vôos. Ademais, os setores ou comércios que conseguiram abrir, não tiveram pessoas para comprar ou realizar serviços. Enfim, não se pode negar que neste primeiro *round* a oposição levou absoluta vantagem. Até o funcionalismo público em geral parou. O único setor que não parou em peso foi o setor petroleiro, principalmente na estatal PDVSA.

Passado alguns dias do vitorioso *Paro* da oposição, a mesma começa a mostrar a amplitude de seu projeto, uma vez que decide de vez abandonar Chávez. É interessante ater-nos a isto: a burguesia abandona Chávez, não é Chávez que abandona a burguesia neste momento, inclusive Colmenares defende esta posição. Como se observa nos diálogos, Chávez estava disposto a retroceder, quando diz que quer rediscutir a lei de terras e todas as outras leis Habilitantes e de fato faz modificações logo em seguida para

atender ao pedido da oposição. Ocorre, então, abertura de mecanismos legislativos, ou mesmo políticas do Executivo, no sentido de conciliar com a oposição¹⁷⁹.

No entanto, ocorreram duas variáveis importantes em final de dezembro de 2001 e janeiro de 2002. Uma delas é que a oposição começou a superdimensionar a força real que possuía, afinal, embora a possuísse, havia limites. Sai abertamente e afoita para derrubar Chávez. Vamos abordar aqui uma gravação entre Carlos Ortega, presidente da CTV, e o foragido e ex-presidente Carlos Andrés Pérez, acusado de surrupiar um milhão e oitocentos mil dólares dos cofres públicos¹⁸⁰. Esta conversa, gravada ilegalmente e divulgada por alguns parlamentares, foi posteriormente confirmada como verídica por Carlos Ortega, que alegou não ter necessidade de esconder nada:

La cinta presentada consta de dos partes: en la primera, Ortega habla con la esposa del expresidente Pérez, Celia Matos. “Estamos a punto de lograr la mayoría (en la Asamblea), pero tenemos allí cuatro talibanes”, señaló Ortega a Matos refiriéndose a los emeverristas necesarios para que la oposición lograra el control legislativo.

Posteriormente, pasa a hablar el propio Pérez.

CAP: Ahora te toca. Tú vas a ser el protagonista de esta etapa, no? Ahora, desde luego, mucha sensatez y mucha tranquilidad (...) Pero no echar para atrás.

Ortega: No, no. De ninguna manera. Aquí vamos con todos los hierros.

CAP: ¿Creo que vas a hacer paros escalonados?

Ortega: Si estamos trabajando en eso, y va a culminar en eso si no hay cambio de actitud y de conducta del gobierno, en una huelga general. Allá es que vamos...

CAP: Yo creo que eso es lo que hay que hacer. Tú actuaste con mucha sensatez (...) No pierdas el contacto con Pedro Carmona.

Ortega: Presidente, necesitamos su ayuda aquí. Necesitamos por cualquier vía, tomar el control de la Asamblea Nacional.

CAP: Exacto, exacto, estamos de acuerdo.

Ortega: Ayer me reuní con Freddy Lepage Y con Timoteo (Zambrano)

CAP: Yo los llamé.

Ortega: ellos están aceptando la propuesta del Gobierno, de la segunda vicepresidencia...

CAP: Yo les dije que esa era torpeza absoluta.

Ortega: Políticamente es un error garrafal.

CAP: Garrafal.

Ortega: Yo voy ahorita hacia allá. Me voy con Urbietta.

CAP: Pero diles que se acuerden lo que yo hablé con ellos, y que los vuelvo a llamar (...) Después del 10 de diciembre, ya el enfrentamiento es frontal¹⁸¹.

¹⁷⁹ Chávez cambió estrategia y aceptó revisión de leyes. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 06 de dic. de 2001. N. 16. 368, p. 08.

¹⁸⁰ Fiscalía reabrió juicio a ex presidente Pérez por cuentas conjuntas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 18 de Dic. de 2001. N. 16. 379, p. 11

¹⁸¹ Tolda oficialista reveló charla grabada entre CAP y Ortega. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 18 de enero de 2002. N. 16. 408, p. 08.

Aqui se percebe por onde caminham as intenções políticas, e, de certa maneira, confirma a opinião de Elio Colmenares discutida anteriormente, segundo a qual os adecos e copeianos fazem de tudo para ter a CTV em suas mãos, para afrontar o governo de um lugar privilegiado. Assim, esta dobradinha CTV e Fedecámaras possibilita ir até a uma greve geral total para derrubar o governo, ainda que tentem outros meios, como lutar para obter maioria na Assembléia Legislativa. Percebe-se ainda Chávez tentando negociar cargos para arrefecer a situação, contudo, a oposição avalia que, depois de 10 de dezembro de 2001, o choque é frontal. De certo modo, aqui incidiu um erro de cálculo da oposição, como o próprio Zerpa Miramar havia dito a Colmenares, quando da disputa eleitoral da CTV, que Chávez não durava três meses no poder. E o que levou a este erro foi a segunda variável que ocorreu, que foram os movimentos populares, como os CBs (populares, camponeses, pescadores, etc.), saírem com maior força em combate após o *Paro* de 10 de dezembro de 2001. Porém, tudo é muito rápido e sobre estes desdobramentos vamos ter maior clareza em abril de 2002, quando do golpe em que a oposição não contava com a mobilização popular a favor de Chávez. Neste sentido, quem vence, com todas suas contradições, como teremos oportunidade de discutir a partir do processo de Abril, são os setores populares e uma parte do operariado mais organizado, no entanto, isto se verá no outro tópico.

Porém, antes de avançar para o golpe de 11 de abril de 2002, algumas interrogações sobre este *Paro*, de 10 dezembro de 2001 e do seu processo, devem ser postas aqui. Uma mais geral é entender por que a burguesia se lança contra as Leis Habilitantes. Isto, de certo modo, já foi discutido aqui. A segunda é: por que a oposição quer derrubar Chávez, se ele não rompe com o sistema burguês como vem se afirmando? Isto parece contraditório e merece uma análise. Para este debate recorreremos à opinião de Elio Colmenares que, em sua longa entrevista, oferece elementos essenciais para esta compreensão.

Voltando às Leis Habilitantes, faltavam poucos dias para encerrar o prazo legal para promulgá-las e os diversos setores não haviam entrado em acordo:

¿Que había pasado esa semana? Chávez se le quedaba un mes para ejecutar las leyes habilitantes, y las leyes habilitantes estaban paralizadas porque las negociaciones habían sido imposibles, Chávez decide agarrar las

leves y tirar en un solo coñazo, mandarlas tal como estaban. Algunas leyes eran una cagada, que después tuvimos que remendarlas, pero que estaban fundamentalmente la leyes de Tierras, la de Hidrocarburos varias leyes que habían escrito en el marco de la constituyente. Eso es Noviembre antes del golpe de abril. Chávez. Lo que fue que pasa, la constituyente fue una asamblea generale en todo el país, en toda parte habían asambleas, y en toda parte se decidían vaina, entonces toda constituyente funcionaba como un sitio donde llegaba toda las propuesta y se generaba una discusión. Con ese método además que no era una asamblea revolucionaria (risos), parecía ¿No? Tenia dos constituyente en la practica, una constituyente dónde estaba la burguesía que estaba reventando con toda gente, donde estaba preocupada en controlar las principales discusiones que tenia que ver con la vaina económica, con la propiedad y toda esa vaina. Y por otro lado había una constituyente social no? Que iba para las comisiones sociales, porque la constituyente se partió en comisiones, había la económica. Había otra constituyente que era un rodeo de peo porque ahí estaba la pelea de los pescadores, la pelea de las tierras, la pelea de los indígenas toda esa mierda que salía de ahí un despelote de asamblea¹⁸².

Todo o problema para a burguesia começa quando os diversos setores populares do país resolvem entrar na discussão política e participar do processo de mudanças de suas vidas. Esta efervescência social faz com que a nova Constituição se divida em duas, a discutida e votada normalmente dentro do parlamento, e a popular, discutida na população para levar seus anseios. O Brasil, de 1988, também viveu um processo semelhante, havia uma constituinte parlamentar e, paralelo a isto, havia os movimentos sociais e sindicais que lutavam por um direito distinto, que deveria estar na Constituição. Citamos, por exemplo, o *Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública na LDB*, que possuía na pessoa do Deputado Florestan Fernandes do PT, o interlocutor entre estes setores populares e sua tentativa de colocar esta proposta do movimento no item de educação que regulamentaria o caráter educacional do país na nova Constituinte de 1988¹⁸³.

A diferença do caso brasileiro e do caso venezuelano é que, na situação venezuelana, os setores populares possuíram maior força, e isto faz o processo rachar.

¹⁸² Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.

¹⁸³ BRZEZINSKI, Iria. (org.). *LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam*. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: Cortez, 1998. p. 19-42. Nesta obra, em particular o artigo de Ivany Pino, dialoga-se sobre embates que sucederam na elaboração de uma nova Lei para educação, pós fim da ditadura militar brasileira de 1964. Pino destaca que os movimentos sociais, tais como associação de pais, sindicatos de professores, estudantes com seus diretórios, faziam enormes encontros para debater o tema, chegando a encontros de 5 mil pessoas em Minas Gerais. Deste trabalho saiu uma proposta de lei para educação surgida do movimento para ser aprovada no congresso nacional, e assegurada na Constituição Federal de 1988. O deputado que fazia esta interlocução entre movimento e parlamento era o sociólogo Florestan Fernandes. Ao final venceu a proposta de lei elaborada pelo senador Darcy Ribeiro, e sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, como lei 9.394, em 20-12-1996, que abre a perspectiva da educação para o mercado.

Em um dado momento, a burguesia teve de conviver com esta dualidade, enquanto no Brasil se freia mais rapidamente esta participação popular e sindical independente. Os setores da elite venezuelana aceitam ter uma constituinte discutida no parlamento que prime os quesitos econômicos, seu interesse primordial. E aceitam que as questões sociais fossem discutidas nesta constituinte paralela, para que estes pescadores, camponeses, indígenas, populares, favelados etc., não fossem para o confronto. Neste sentido, na opinião de Colmenares, estes setores políticos e parlamentares acertam o seguinte:

Vamos hacer lo siguiente todos los artículos que tiene carácter constitucional, las actuales propuestas que tiene carácter constitucional van a la constitución. Todas las propuestas que no tiene carácter constitucional van a las leyes y vamos a redactar una serie de leyes que tiene que aplicarse a partir de la elecciones de la constituyente... Bueno para que estas leyes no tengan que pasar por el proceso de asamblea nacional, del congreso, vamos hacer lo siguiente, vamos escribir las leyes y vamos entregar al presidente y vamos hacer que la constituyente vote un poder habilitante, un poder que habilite el presidente aprobar leyes sin pasar al congreso, eso fue el famoso marco de las habilitantes. Entonces la constituyente creó primero una comisión que hizo el trabajo que se considera que cosas era de la constitución que cosas era de la leyes, después dejó los constituyentes haciendo la constitución y la los otros que no éramos constituyentes nos puso hacer las leyes, no? Entonces cuando se termina la constitución o sea cuando termina el trabajo de la constituyente hay una constitución y como unas 70, 80 leyes que fueron escritas en mismo proceso de la constitución, pero que no formaban parte de la constitución, solamente que la constitución vota que presidente tiene un poder habilitante de un año para votar las leyes¹⁸⁴.

Portanto, na narrativa acima citada, estes setores políticos concordam em dar o poder para que o presidente assine a aprovação destas propostas sociais, um total de 70 a 80 leis, que vão ser as 49 Leis Habilitantes. Esta prerrogativa de Chávez assinar estas leis se instituía dentro do marco legal, portanto, dentro do acordo anteriormente feito entre as forças políticas, e consignado na Constituição. No entanto, a burguesia, já em princípios de 2001, quer voltar atrás nesta decisão, e pressiona para criar uma nova comissão para analisar melhor estas leis. E este triunfo a burguesia consegue: por meio de Luis Miquelena, estas leis, antes de serem aprovadas, voltam à discussão negociada em comissões. Na opinião de Colmenares:

¹⁸⁴ Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.

Él decide que todas esas leyes antes de pasar al presidente debe ser renegociada con los sectores ese es papel de gobierno de frente popular nada más. Entonces nombra comisiones para cada ley, por ejemplo, la ley de pesca entra la cámara de pescadores, entra los empresarios de la pesca y entra un representante de los trabajadores de la pesca, o sea, la relación es distinta de la broma, ¿por que? La comisión de la pesca de la constituyente iban todos los pescadores que les daban la gana, entonces coño esa vaina era 200 pescadores que representaban 200 asambleas de pescadores y ahí en esa mierda no ocurría de entrar un dueño de flota por que iban a matar de coñazo, porque era así, esa vaina aparecía loco esa vaina, ahí se mataba... Toda la pelea era muy fuerte, entonces pasa un año, acuerda que Chávez se queda 6 meses a hacer reelecto, no? Y cuando llega de nuevo, estamos en plena elecciones de la CTV, entonces las leyes constituyentes no avanzan, no avanzan porque no es posible llega a acuerdos en esas mesas, no? Claro, como ya habían un texto previo llegar a un acuerdo significa modificar el texto, y toda esa vaina era un peo. Resultado en 15 de Noviembre faltando de echar un mes para que se venza el plazo para la vaina de la constituyente, con el país vuelto en un caos con pleno fraude de la CTV y proceso y nosotros peleando en la CTV en tema de fraude Chávez decide agarrar las 52 leyes y disolver las comisiones y lanzar las leyes tal cual como estaban, en las cuales los tipos habían logrado meter un contrabando¹⁸⁵.

É necessário observar alguns elementos, como a participação popular, para entender os intentos da burguesia e todo este alarde na mídia contra as leis Habilitantes, que, em muitos aspectos, haviam sido abrandadas com as alterações feitas pela oposição e pelo governo. Cabe aprofundar as nossas indagações anteriores do *porquê a burguesia se lança contra as leis habilitantes e por que a oposição quer derrubar Chávez, se ele não rompe com o sistema burguês*. A burguesia vai contra as leis Habilitantes não pelo seu conteúdo, mas, sim, pelo seu mau exemplo de permitir que os setores populares participem dos destinos do país e de fora de suas instituições como o parlamento. Sob esse prisma, o *Paro* de 10 de dezembro de 2001 tem esta prerrogativa de não permitir que o país vá para o campo da democracia direta. A segunda questão do porquê a burguesia toma a decisão de derrubar Chávez, é que ele deixa de ser confiável, ainda que defenda a institucionalidade e o modelo burguês. Na verdade, a grande preocupação da classe dominante é que este governo está se mostrando frágil para barrar o ascenso popular. É com esta visão que se avança para o golpe de 11 de abril de 2002. Passemos a ele.

¹⁸⁵ IDEM.



2 - 11 DE ABRIL DE 2002, O GOLPE DURA 48 HORAS.

A força que criou o sucesso do *Paro* de 10 de dezembro de 2001, no ânimo da oposição venezuelana, fez com que o final do ano de 2001 e início de 2002 passassem sem arrefecer a luta de classes no país. Os acontecimentos são sucessivos e abrangentes, contudo, é impossível tratar de forma satisfatória a confabulação do golpe somente em um tópico, pois se trata de conteúdo para uma tese. Isto posto, o nosso objetivo, até chegar ao *Paro petrolero de dezembro de 2002*, persiste sendo a continuidade e as classes se movendo.

Embora, muito se estivesse fazendo no sentido de ir desgastando o governo desde o *Paro* de 10 de dezembro de 2001, é, em 7 de fevereiro de 2002, que ocorre um fato, com uma repercussão nacional e internacional, que mostra uma ofensiva maior da oposição. Trata-se da declaração pública do Coronel da Aviação Pedro Vicente Soto, em um enorme ato em espaço fechado, promovido pelos setores de oposição e imprensa, chamado de “Voces de la Democracia”, em Caracas. Neste ato, de forma “inesperada”, o Coronel, com seus trajes de militar, se lança ao microfone e solicita a saída imediata de Chávez do governo. Isto poderia ser um ato de menor expressão, se não fosse a velocidade com que a mídia infla o fato:

Los cimientos de la Fuerza Armada Nacional se estremecieron este jueves cuando el coronel activo de la Aviación, Pedro Vicente Soto, se paró frente a un auditorio lleno de periodistas y rompiendo el protocolo, tomó la tarima para manifestar su descontento con la gestión del Presidente Hugo Chávez...

En su dura intervención, Soto aseguró que su postura es compartida por el 75% de la Fuerza Armada Nacional, la cual está cansada de los atropellos y abusos del primer mandatario. “Los militares no están para vender verduras en los Próceres”, fustigó en un tono de indignación que reflejaba herido el más intrínseco de los valores castrenses: el orgullo...

Explicó que las irregularidades con el Plan Bolívar 2000 y las amistades comprobadas del gobierno con la guerrilla colombiana lo llevaron a dar el paso y a estar dispuesto a asumir todas sus consecuencias. Pidió la renuncia de Chávez, pues afirma que los militares quieren una salida constitucional¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Militar activo se rebeló ayer contra el Presidente Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 08 de Feb. de 2002. N. 16. 429, p. 08.

A situação criada com este pronunciamento foi levada às últimas conseqüências pela oposição, pois antes a mídia trabalhava com diversas denúncias sobre o governo, mas ainda não possuía um testemunho “respeitável” como este. Soto afirmava que Chávez estava ajudando os rebeldes da Colômbia, o que a mídia já vinha dizendo, que o governo oferecia armas, treinamentos militares e facilitando seu livre acesso para se refugiarem em território venezuelano. Tudo isto se juntou em uma só voz, e a faísca se incendiou, aproveitando os meios de comunicação para alimentar outros ensejos, como a acusação de que Chávez estava cubanizando a Venezuela, ou seja, estava levando o país a um processo e regime semelhante ao de Cuba com Fidel Castro. Veja como rapidamente Ibéyise Pacheco, diretora do jornal “Así es la noticia”, define a situação:

“Este hecho comprueba que lo escrito y comentado en los últimos días a través de los medios acerca del descontento de la Fuerza Armada por el rechazo a la creciente politización de este cuerpo por parte de Chávez, de la cubanización, de las relaciones con la guerrilla colombiana y politizar a la FAN”¹⁸⁷

Esta investida teve resultado e por mais que o comandante das Forças Armadas daquele momento, General Lucas Rincón Romero, negasse tudo, não conseguiu demover a imprensa destas campanhas. O coronel Soto, antigo integrante do MBR-200 de Chávez, que havia em seu passado de insurgente se responsabilizado pelo assalto à residência do Presidente da República, Carlos Andrés Perez, para capturá-lo no movimento de novembro de 1992, consegue trazer uma significativa parte das Forças Armadas para o seio da CTV, Fedecámaras e Igreja. Este fato vai fazer com que uma avalanche de outros oficiais comece a se declarar publicamente contra Chávez, exigindo sua renúncia, juntamente com a organização de diversos atos públicos em solidariedade a estes militares.

Outros tipos de atuação que a oposição passa a realizar é o uso de ações judiciais nos tribunais, denunciando o governo. Entra-se com ações contra os acordos da Venezuela com Cuba, em matéria de petróleo e de parceria entre o Banco Central Venezuelano e o governo cubano, alegando serem acordos lesivos ao país e de não terem sido aprovados na Assembléia Legislativa¹⁸⁸. Toda esta propaganda midiática

¹⁸⁷ IDEM.

¹⁸⁸ MAS-oposición solicitó anular convenio petrolero con Cuba. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 21 de Feb. de 2002. N. 16. 429, p. 10.

ganha espaço internacional, com declarações de várias organizações e governos em toda América Latina. Mas são as declarações dos EUA as que mais vão polarizando a diplomacia entre estes países e Venezuela:

El Departamento de Estado norteamericano considera que si el presidente de Venezuela, Hugo Chávez, “no arregla pronto” la crisis política en la que está sumergido su país, entonces no “completará su mandato”.

Así lo afirman fuentes de la cancillería estadounidense citadas hoy por el diario The Washington Post, según el cual la crisis política en Venezuela “preocupa” a la Casa Blanca, donde se está siguiendo de cerca cómo se “hundió” la popularidad del presidente Chávez.

Mientras crecen la protestas contra Chávez señala el Post, la administración Bush está cada vez más preocupada por la posibilidad de que el presidente venezolano esté enfrentando una crisis política que pueda desestabilizar a uno de sus tres principales proveedores de petróleo¹⁸⁹.

A questão, então, tende a ganhar a imprensa internacional, com um chamado de Bush para que Chávez arrume a situação e rápido, uma vez que a Venezuela, sendo um dos grandes fornecedores de petróleo aos Estados Unidos, deve uma preocupação maior com este país. Na conjuntura internacional, os Estados Unidos estão envolvidos com o conflito do Afeganistão e praticamente um ano depois em conflito com o Iraque. Portanto, para a política norte americana era de suma importância não deixar que a Venezuela saísse do controle: é um momento em que se percebe uma forte ingerência dos EUA na política venezuelana. Esta interferência é denunciada publicamente, acusando-se o FMI, segundo relatórios de investigações dos aparelhos de inteligência venezuelana, de estar financiando setores oposicionistas, principalmente os militares que haviam, a partir de Soto, se alçado contra Chávez¹⁹⁰.

É neste quadro, cada dia mais intenso, em que estes setores oposicionistas se fortalecem após ter uma boa repercussão internacional às críticas ao regime de Chávez, que a CTV chama os atos de abril que vão culminar no golpe do dia 11. Carlos Ortega, presidente da CTV, usando de um grande espaço na mídia, como: os jornais nacionais *El Nacional* e *El Universal*, bem como as emissoras de rádio e TV como *Globovisión* e *RCTV*, conclama as federações de trabalhadores a uma greve geral ainda que deixe aberto o seu dia exato:

¹⁸⁹ Washington teme caída del presidente Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 24 de Feb. de 2002. N. 16. 445, p. 16.

¹⁹⁰ Huizi Claviera asegura que sigue el espionaje. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 17 de mar. de 2002. N. 16. 466, p. 08.

La reserva en torno al esperado día se mantiene para evitar presuntos saboteos que ya estaría preparando el gobierno nacional, por lo que el blindaje de la protesta es vital para la dirigencia obrera. Por eso, el comité ejecutivo laboral y las federaciones nacionales y regionales se reunieron ayer para fijar la agenda de preparativos.

Como ya es conocido, se efectuará asambleas en todo el país del 2 a 9 de abril y se fijaran reuniones con importantes sectores como el académico, el eclesiástico, entre otros¹⁹¹.

A CTV vai construindo o movimento dentro de um aparente viés democrático, pois há um cuidado muito grande de todos estes setores, desde a Igreja até a CTV, de se passarem por democráticos. Por isto, são de suma importância as assembléias que a entidade operária marca, dando conotação de participação da base e esquentando o ambiente, pois são atividades que recebem cobertura dos meios de comunicação. É de se observar que, ao mesmo tempo, a imprensa internacional não para, e o próprio presidente dos Estados Unidos, Georg W. Bush dá suas declarações mostrando a preocupação com a política venezuelana: “Nos preocupa cada vez que hay inquietud en nuestro vecindario, y estamos observando la situación muy minuciosamente¹⁹²”. Esta situação faz com que o embaixador norte americano na Venezuela, Charles Shapiro, se reúna, no início do mês de abril, com Chávez, no intento de negociar a situação, uma vez que o golpe iria se concretizar uma semana depois¹⁹³.

Outro elemento que fortalece a oposição, e todo caráter de conflito em torno da política governamental após a alçada dos militares, é o ferrenho rechaço que o alto escalão da PDVSA cria em torno da nomeação da nova diretoria para a empresa. Ainda no mês de fevereiro, o alto escalão da empresa rejeita veementemente a substituição da antiga direção da empresa, encabeçada pelo General Guaicaipuro Lameda, pelo professor Gastón Parra Luzardo.

Esta atitude tem um efeito muito grande, percorre todo o mês de março em uma grande disputa, com mobilizações dentro da empresa, operação tartaruga, manifestações de rua, até chegar à paralisação efetiva da categoria. Tudo isto oferece um grande espaço para que a CTV decreta o *Paro* oficial para o dia 09 de abril de 2002, posto que,

¹⁹¹ La primera quincena de abril es el tope para huelga de CTV. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 21 de mar. de 2002. N. 16. 470, p. 10.

¹⁹² IDEM. p.16.

¹⁹³ Shapiro se reunió ayer con Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 04 de abril de 2002. N. 16. 482, p. 10.

desta vez, não intenciona parar somente por um dia, mas até que se derrube o presidente Chávez. Neste sentido, o acúmulo de forças que obtém a partir do mês de fevereiro é enorme, primeiramente, os militares, que, depois de Soto, saem a público pedindo a renúncia de Chávez, agora a principal empresa do país paralisando. Tudo isto com uma grande cobertura da mídia impressa e televisiva.

É interessante destacar que este novo ato de Chávez, em nomear uma junta diretiva da empresa sob o aspecto da legislação burguesa, não era um ato inconstitucional, sempre o Presidente da República, desde a criação da empresa, possuía esta prerrogativa. Contudo, havia uma indicação desta alta gerência da indústria petrolífera de quais nomes o Presidente do país deveria escolher. Desta vez o Chávez não escolheu todos da mesma lista e ignorou o poder paralelo que possuía esta alta gerência da empresa. Assim, os altos funcionários, denominados *nomina maior*, saíram em campanha dizendo que Chávez havia escolhido pessoas de viés político para dirigir a empresa, e que estes não possuíam conhecimentos na área do petróleo. Fato totalmente inverídico, pois esta nova diretoria possuía um comprovado conhecimento da área do petróleo, muitos eram antigos funcionários da empresa, outros, estudiosos do tema petróleo, além de que é um equívoco subordinar a capacidade política administrativa à capacidade técnica.

O movimento destes funcionários exigia que se respeitasse a chamada meritocracia, ou seja, respeitar os que haviam estudado e trabalhavam na empresa, estes eram os que de fato deveriam dirigi-la. Esta discussão cresceu e ganhou peso nacional e se intensificou, quando, em inícios de abril, Chávez destituiu 7 gerentes da empresa que discordavam da nomeação do governo.

Além do fortalecimento deste outro segmento petrolífero no bloco oposicionista, não se pode perder de vista que os antigos setores comprometidos com o golpe, e que haviam atuado em consonância no *Paro* de 10 de dezembro de 2001, continuavam suas confabulações:

*La CTV, Fedecámaras y la Iglesia se reunieron ayer para continuar definiendo los parámetros del acuerdo de gobernabilidad que presentarán el próximo martes a las 11 de la mañana. Aunque el encuentro fue privado, se pudo conocer que se habrían discutido las medidas para el rescate institucional, la recuperación económica y los escenarios de transición después de que salga el presidente Chávez*¹⁹⁴.

¹⁹⁴ Gobernabilidad. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 03 de mar. de 2002. N. 16. 452, p. 09.

Assim, estava claro para estes setores golpistas que a queda do presidente era iminente, sendo necessário preparar um programa de governo para fazer a transição de Chávez para o ditador que assumiria o posto. Parecia, para estes golpistas, que o Chile de Salvador Allende estava às portas de se repetir na Venezuela. A propósito, se não fosse pela intervenção dos populares e operários, de fato, se repetiria, pois, Chávez, mediante toda esta confabulação que se estava formando a sua volta, ainda persistia em apunhalar a classe trabalhadora que havia dado mostra de abnegação. Assim, se recusou, diante das perdas aquisitivas dos trabalhadores, qualquer aumento salarial a estes para o ano de 2002:

El Presidente de la Republica, Hugo Chávez Frías, dijo ayer minutos antes de partir hacia Curazao que para este año no habrá aumentos de sueldos y salarios. “Eso no está previsto, no. Ese tema, ustedes saben que no está previsto ni en el presupuesto, ni en las medidas que yo hasta ahora he realizado”¹⁹⁵.

Este era o pagamento que o governo estava fazendo aos trabalhadores em geral, pois, ao não reajustar o salário mínimo do país, e conceder um aumento aos funcionários públicos em geral, o governo descarregava o peso da crise sobre as costas dos trabalhadores. Isto criou um mal estar na classe trabalhadora, se lembrarmos o depoimento de Gregório Rodrigues, de La Jornada, em que dizia que embora os trabalhadores estivessem “molestos” com Chávez, havia que lutar contra o golpe. Neste sentido, pode-se perceber a responsabilidade de Chávez neste golpe de abril, uma vez que, somente de forma oportunista e às vésperas do mesmo, quando o retiraram do Palácio de Miraflores por 48h, é que vai conceder um aumento do salário mínimo do país em 20%.

Tudo isto estava acontecendo e a oposição não perdia tempo. Já em início de março consegue solidificar uma aliança inédita e lança um programa de propostas, a partir da CTV, Fedecámaras e Igreja, com 10 pontos para um novo governo que assumiria pós Chávez:

¹⁹⁵ IDEM.

Como una alianza inédita podría calificarse la consagración del acuerdo democrático suscrito ayer entre trabajadores, empresarios e Iglesia.

Tanto Ortega, como Pedro Carmona Estanga resaltaron durante sus intervenciones la esencia de los diez puntos: unidad nacional que genere una solidaridad productiva, respeto a los principios básicos de la Constitución, combate a la anarquía y la violencia, retorno de la Fuerza Armada a sus funciones naturales de defensa, eficiencia en la administración pública, Estado abierto al diálogo, incremento de la actividad industrial para generar empleo, libertad sindical y derecho a la contratación colectiva, recuperación de la imagen de Venezuela en el exterior y solvencia moral de los líderes.

El pacto fue bendecido por la Iglesia, institución que reconoció el esfuerzo que supone colocar de lado los intereses particulares de cada sector. “Hoy la Conferencia Episcopal Venezolana ve con alegría el rechazo a la violencia y que el acuerdo acentúe un compromiso sin sectarismo ni exclusión”¹⁹⁶.

Assim, se materializa, em programa, uma proposta sobre a qual já se vinha trabalhando desde a confirmação, em novembro de 2001, de Carlos Ortega na presidência da CTV, instituição importante para se fazer esta dobradinha com a Fedecámaras. Cumpre ressaltar que estes 10 pontos, de forma geral, escondiam o banho de sangue a que se levaria o país. Em um dos pontos citados, referente ao combate à anarquia, estava de fato o combate à participação popular massiva e direta, como Wladimir destaca em seu depoimento e se percebe nos meios de imprensa. Uma participação popular nunca vista, de simples lugarejos a bairros, na cidade de Caracas, colocando seus desejos de ter água a sua porta, emprego, segurança para sair de casa, comida, estudos às crianças, a faculdade aos adultos, direito a saúde, etc. Tudo isto era o que estes setores golpistas entendiam como anarquia e assim desejavam decepar este grito de luta e este desejo de transformação.

Olhando outros setores organizados da oposição, nota-se também uma frente bem formada de antigos partidos burgueses querendo voltar ao comando do país, pois se, de um lado, cada setor ou direção, como Ortega da CTV ou Carmona da Fedecámaras, respondiam a um partido político, estes partidos, da mesma forma, avançavam com suas atividades no sentido de oferecer um programa e capitalizar o descontentamento. Neste viés, o partido da Ação Democrática, conhecido como AD, que havia sido alijado do governo nas eleições de 1998, dos quais Ortega é um dos seus quadros, lança também seu programa para substituição de Chávez:

¹⁹⁶ Se firmó pacto democrático para eventual transición. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 06 de mar. de 2002. N. 16. 455, p. 11.

Entre las medidas lanzadas para ser asumidas por un gobierno post-Chávez, se apuntan la lucha contra la exclusión social, una reforma constitucional, la redemocratización del país, profundizar la descentralización, fortalecimiento del esquema de propiedad, la participación privada para el desarrollo petrolero y la creación de fondos de pensiones y retiro.

Por otra parte, profesionales de distintos sectores anunciaron la creación de “Alianza por la Libertad”, un nuevo movimiento político que levanta el capitalismo militante como bandera¹⁹⁷.

É necessário observar neste programa, em seu arcabouço geral, a conotação que a AD queria introduzir novamente na política venezuelana, o aspecto declarado da política neoliberal, uma vez que esta mesma política somente poderia existir na Venezuela de Chávez sob a forma de disfarce. No entanto, a AD desejava introduzir abertamente mais elementos neoliberais na política do país. Se já estava difícil para Chávez segurar este movimento que desejava transformações coletivas, imagine para a AD tentar a volta dos anos do presidente Carlos Andrés Perez de 1989. De fato, o que não se percebia neste momento é a forte contestação que as políticas neoliberais estavam sofrendo em toda América Latina, e na Venezuela não era diferente, ainda mais que o país havia sofrido a dolorosa experiência do Caracazo. Neste contexto, a conjuntura se formava com outros elementos e o que estes partidos de direita não percebiam era que o ânimo da luta de classes havia se modificado, pois as pessoas participavam mais de seus problemas, se discutia e se lutava por propostas conjuntas, a apatia política deixou de existir nestes momentos. Assim, a defesa aberta do capitalismo na Venezuela deste período era inaceitável, pois, estava claro, na experiência destes, os pacotes capitalistas e neoliberais de Pérez em 1989 e todos seus desdobramentos.

São elementos de mudanças importantes pelos quais passa a América Latina, e a Venezuela é parte deste maior que é a América, além do que não se pode esquecer que também a Europa passava por um novo pulsar de lutas. São as lutas dos diversos movimentos contra a globalização¹⁹⁸, movimentos que representaram muito no conjunto

¹⁹⁷ AD propone paro general concertado con militares. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 17 de mar. de 2002. N. 16. 466 p. 08

¹⁹⁸ Ver, entre outros: SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

de contestação ao capitalismo, pois, a cada momento que o grupo do G8¹⁹⁹ se reunia, uma escaramuça ocorria neste local de encontro. Venezuela é parte de todo este processo, por mais que cada país ou região viva e participe da ação de forma particular.

Não entendendo desta forma, a oposição sai guinando seu programa para substituir Chávez, e até outros candidatos aparecem bem cotados, segundo os meios de pesquisa e de imprensa, para ser o sucessor, sendo que o Governador do estado de Miranda Enrique Mendonza aparece em primeiro lugar²⁰⁰. Neste quadro quente, de um lado os gerente da PDVSA, ditos *nomina maior*, representados por Horacio Medina, Juan Fernández y Gonzalo Feijoo ameaçam entrar em *Paro* nacional já no início de abril, fato que ocorre em muitas áreas antes do dia 09 de abril²⁰¹. A justificativa principal destes setores é que o governo não respeita a meritocracia dentro da empresa. Também são contra as violações de direitos de muitos trabalhadores que, sendo oposição ao governo, foram transferidos arbitrariamente de áreas de trabalho ou outros foram aposentados, assim entram em greve.

Em 7 de abril, a Fedecámaras decreta o apoio à CTV que marca o *Paro* nacional para o dia 9 de abril, chamando toda sociedade para juntar-se na luta decisiva contra o presidente:

Impulsados por la magnitud de la gravedad que adquirió este fin de semana el conflicto en Pdvsa y el llamado urgente de la CTV a paro nacional, los empresarios agrupados en Fedecámaras decidieron plegarse a esta convocatoria, a fin de “rescatar al país de la grave crisis propiciada por el gobierno nacional” según expresó su presidente Pedro Carmona Estanca. Carmona pidió a la población que responda al llamado ya que “estamos jugándonos el futuro de la nación”²⁰²

É assim que as organizações oposicionistas chegam ao *Paro* nacional de 9 de abril de 2002 e dão o golpe em Chávez no dia 11, retirando-o do governo e empossando Carmona como presidente da Venezuela.

¹⁹⁹ O Grupo dos 8 são os países mais ricos do mundo, e fazem suas reuniões periódicas no sentido de definir a política econômica mundial. São integrantes natos deste grupo Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha, Canadá e Japão.

²⁰⁰ “Creen que soy el Robocop que acabará con Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 24 de Feb. de 2002. N. 16. 445, p. 10 e 11.

²⁰¹ Gerentes de Pdvsa descartan acudir a mesa de negociación. *El Tiempo* Puerto La Cruz, Miércoles 03 de abril de 2002. N. 16. 481, p. 06.

²⁰² Fedecámaras se une a paro cetevista en apoyo a Pdvsa. *El Tiempo* Puerto La Cruz, Miércoles 08 de abril de 2002. N. 16. 481, p. 09.

Agora vejamos como o outro bloco, formado de trabalhadores e populares, vai viver e se organizar para enfrentar este golpe. Assinalamos anteriormente que a *nomina maior* já estava em confronto com o governo devido às questões de nomeação da nova direção da PDVSA sete semanas atrás. E se os conflitos vinham esquentando com paralisações e operações Morrocoy (operação tartaruga) nestes últimos dias, as entidades dos trabalhadores também se faziam presente. No caso da Refinaria de Puerto la Cruz, estado de Anzoátegui e no seio do sindicato Fedepetrol, um setor sindical não aceitava estas ações e se contrapunha a estas atitudes:

Dos dirigentes gremiales del sindicato Unión Fedepetrol manifestaron su rotundo rechazo a las acciones de los integrantes de las nominas mayor y media de Pdvsa en el estado Anzoátegui.

Eudis Girot, secretario de cultura y propaganda del gremio petrolero, dijo que si es necesario usarían la fuerza para evitar que se paralizen las operaciones de la empresa.

Igual criterio expresó Gregorio Rodríguez, secretario de organización del sindicato, quien advirtió que recurrirán a la violencia para impedir que los “rebeldes petroleros” se salgan con la suya²⁰³.

De fato, neste dia, entraram em choque os setores operários que agrupavam a corrente sindical *La Jornada*, outras forças sindicais como a de Eudis Girot, mais populares e Círculos Bolivarianos, para retirar das instalações da Refinaria de Puerto la Cruz um grupo de gerentes que estava sabotando os sistemas de produção. Mostra-se claramente, a partir deste fato, que os intentos golpistas não seriam aceitos passivamente por trabalhadores e populares. É de se notar que mesmo antes deste incidente físico, estes grupos de trabalhadores, contrários aos intentos da oposição, faziam um debate das idéias e contra argumentavam os motivos que levavam a *nomina maior* a decretar o movimento de paralisação. Lembrando que o argumento mais forte da oposição dentro da PDVSA era de que o governo não respeitava a meritocracia da empresa, o que era tido como intocável. A meritocracia, para esta gerência, significava respeito aos esforços de anos de estudos e trabalho destes quadros da alta direção da empresa, tirando deles os elementos dos principais postos e cargos da empresa, ou seja, o argumento é que quem se esforça é que deve ser recompensado. Era a política da

²⁰³ Sindicalistas amenazan con usar la fuerza. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 05 de abril de 2002. N. 16. 483, p. 03.

meritocracia vinda dos EUA, nos anos de 1970²⁰⁴, sendo levada, à risca, por eles. Sim, para esta gerência, e não para os trabalhadores em geral.

Girot y Rodrigues afirmaron que los mismos gerentes que hoy se desgarran las vestiduras para defender la meritocracia han violado los preceptos y normas internas en el manejo del recurso humano de la compañía.

Explicó Girot que hay muchos trabajadores que con gran esfuerzo han culminado estudios universitarios, pero que Pdvsa no ha cumplido con el reintegro estudiantil.

Según este precepto, la corporación energética debe reintegrar al trabajador los gastos de sus estudios y reconocer su calificación como profesional de la república²⁰⁵.

Esta política servia para beneficiar grupos. Assim, este setor de altos funcionários conseguia liberação com salários e despesas pagas para cursar mestrado, doutorado ou outra especialização fora ou dentro do país. No entanto, quando um trabalhador comum, de base, geralmente localizado nos postos de trabalhos mais extenuantes, com seus baixos salários e com um enorme sacrifício, conseguia concluir uma graduação ou curso técnico, a empresa não restituía seus gastos, não o transferia para outra função de acordo com esta nova capacitação, tampouco aumentava seu salário conforme o regulamento. Pode-se atestar, neste exemplo simples, que o argumento desta alta gerência era pífio e os trabalhadores travavam a luta política para em todas as instâncias desmascarar e desmontar o movimento golpista.

Neste início de abril, mediante paralisação e sabotagens, falta combustível em algumas áreas do país²⁰⁶. O clima na refinaria de Puerto La Cruz não é ameno, pois, se de um lado, neste local, vão surgir direções operárias comprometidas em construir uma organização independente de trabalhadores, ao mesmo tempo, esta refinaria possuía altos quadros da oposição como Fernando Ansenjo, que se destacará enquanto oposição. É assim que, em 5 de abril, ocorrem novos desentendimentos nesta região de Anzoátegui, envolvendo os dois setores:

²⁰⁴ GENTILI, Pablo (Org.) Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: *Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação) p. 77-108.

²⁰⁵ *Sindicalistas amenazan con usar la fuerza. El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 05 de abril de 2002. N. 16. 483, p. 03.

²⁰⁶ IDEM.

Revolucionarios bolivarianos y energéticos midieron fuerzas ayer en un escenario destinado a promover la productividad del país: el llenadero de combustible de Guaraguao, sirve a las estaciones de servicio de Anzoátegui, Sucre y Monagas... 22 círculos bolivarianos pertenecientes la red coordinadora por Simón Correa y representantes de los partidos que integran la coordinadora revolucionaria de Sotillo, intervinieron con la ayuda de la Guardia Nacional para reestablecer el despacho de combustible en Puerto La Cruz²⁰⁷.

Deste modo, onde havia mais organização e consciência de que era necessário se contrapor a todo ardil que a oposição estava estabelecendo, as lutas antecederam ao golpe que viria no dia 11 de abril. Ao mesmo tempo, aonde não se organizava um movimento de resistência, a oposição conseguia paralisar com maior força a produção, a exemplo da produção de gás do complexo Jose, na própria região norte de Anzoátegui, paralisada em 60%, segundo as mesmas fontes. Porém, na refinaria de Puerto La Cruz a disposição de luta para não se paralisar toma certo destaque, e a oposição sai no sentido de atacar os setores populares que se prestavam a defender, junto com os operários, a refinaria: *El gerente general de la planta portucruzana, Fernando Asenjo, dijo que sostendrá el lunes una reunión con la directiva de Pdvsa para lograr que sea garantizada la seguridad en las instalaciones, amenazadas por la presencia intermitente de los círculos bolivarianos²⁰⁸.*

A partir de segunda feira, dia 8 de abril, a polarização no sindicato Fedepetrol de Anzoátegui toma uma dimensão claramente de divisão dos dois setores operários, um polarizado por *La Jornada*, tendo à frente Gregório Rodrigues e Jose Bodas, outro por Fernando Fraga, da antiga burocracia sindical. Este dois setores vão disputar efetivamente quem vai ocupar a refinaria da cidade, se a oposição ou os setores afeitos ao governo, que compreendiam chavistas e não chavistas, mas que estavam contra o *Paro*. A tensão tomou conta da cidade, e, neste processo de disputa, até o prefeito do MVR, Nelson Moreno, entra na contenda, inclusive com assembléias populares, em um dos principais pontos da cidade, o elevado de Puerto la Cruz:

Las expectativas se acrecientan y la efervescencia en el conflicto petrolero llega a su máxima expresión. La conflictividad que envuelve a Pdvsa

²⁰⁷ Restablecieron por 8 horas despacho de combustible. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 06 de abril de 2002. N. 16. 484, p. 04.

²⁰⁸ Refinería Puerto la Cruz trabaja a 54% de su capacidad. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 07 de abril de 2002. N. 16. 485, p. 03

puede acrecentarse hoy y ello dependerá de lo que suceda en la refinería Puerto La Cruz, ante el anuncio de la Coordinadora para la Defensa de la Revolución, de desalojar hoy a los trabajadores petroleros en rebeldía.

En una asamblea general los representantes de los Círculos Bolivarianos, MAS-MAS, PCV, PPT, Liga Socialista, MVR, Fuerza Bolivariana de Trabajadores y autoridades municipales, acordaron dar respuesta contundente al conflicto petrolero y al paro convocado por la Central de Trabajadores de Venezuela²⁰⁹.

Tal mobilização trouxe uma unificação de diversos setores contra o *Paro* marcado para o dia 9, e esta atitude faz com que antes do *Paro* se desalojasse o pessoal de trabalho afeito à oposição que permanecia dentro da refinaria de Puerto La Cruz. O resultado disto para a luta é que, mesmo tendo um comprometimento da produção na refinaria, quando inicia o *Paro* e o seu posterior desdobramento em golpe, no dia 11 de abril, a refinaria já estaria sendo administrada pelo movimento, e não pela oposição, que consolidou o controle rapidamente em outros pontos do país, mas não na refinaria de Puerto La Cruz. Esta análise se torna mais pertinente, quando se contrapõe a realidade do Complexo Refinador de Paraguaná, localizado no Estado de Falcón, onde funciona a maior refinaria de petróleo do mundo. Nesta refinaria de Falcón, responsável por 60% do abastecimento do país, no dia do *Paro* 09 de abril, já não se conseguia fazer mais a exportação de petróleo, dada a grande ausência dos trabalhadores neste local.

Se desenvolvemos aqui um quadro acerca de como estavam se organizando as forças de oposição para construir o *Paro* e o golpe do dia 11 de abril, e, ao mesmo tempo, investigamos como os setores operários organizados e populares constituíam sua disputa contra esta oposição, vejamos rapidamente agora como se portava o governo nesta situação. Para vislumbrar este outro lado da perspectiva, nada melhor do que observar os atos do Ministro da Defesa do país, José Vicente Rangel. Para ele, ou para o governo, *La situación es absolutamente normal en la industria y también en todo el país, no hay nada que indique que puede verse perturbada la paz pública²¹⁰.*

Assim, o Ministro da Defesa, mesmo com o país “pegando fogo” por todos os lados, não dialogava com os trabalhadores e populares. Isto ocorre no início de abril, mas mesmo durante as últimas horas, às vésperas do golpe, o próprio governo Chávez negava que estivesse acontecendo algo na Venezuela. Quando se chega ao dia 10 de

²⁰⁹ Chavistas tomarán hoy la refinería Puerto La Cruz. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 08 de abril de 2002. N. 16. 486, p. 04.

²¹⁰ Legalidad y opiniones encontradas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 6 de abril de 2002. N. 16. 484, p. 09.

abril, ou seja, o *Paro* em pleno acontecimento, o Ministro continua ignorando a situação e agora conta com outro cúmplice, o Ministro de Minas e Energia:

A criterio del ministro de Defensa, José Vicente Rangel, de visita en el estado, “el paro se cayó, no hubo paro en la industria petrolera nacional”. También recalcó que los servicios públicos, el transporte y las empresas básicas de Guayana funcionaron con normalidad.

Mientras que para el Jefe del despacho de Minas, Alvaro Silva Calderón, quien acampanó a Rangel, la situación en la dependencia portocruzana de Pdvsa funciona adecuadamente y aseguró “no hay problemas en la producción, transportación, embarque de crudo y despacho de combustible”²¹¹.

Era certo que o governo não poderia cair no grande alarde da mídia e dos setores golpistas, entretanto, deveria ter discutido séria, clara e firmemente com os operários e populares que defendiam o governo Chávez, ou simplesmente eram contra o golpe. No entanto, esta não é a atitude do governo, causando na verdade um desarme de ação dos que desejavam defender o regime: *“Um dirigente político não responde apenas pelo modo como dirige, mas também por aquilo que fazem os dirigidos por ele. Isto, às vezes, ele não o sabe, e frequentemente não o quer saber, mas a responsabilidade recai sobre ele”²¹²*. Neste sentido, não era somente o Ministro de Defesa, José Vicente Rangel, que estava levando os trabalhadores à derrota, ao iludir de que nada acontecia no país, mas o próprio Chávez era cabeça dessa situação. E não se pode dizer que o Ministro de Defesa estivesse sentado em seu gabinete em Caracas, pois, assim como ele havia estado em Anzoátegui, e visto as escaramuças que ocorriam na refinaria de Puerto La Cruz, também visitava outras regiões produtoras, como Falcón, local de maior produção do país.

El ministro de la Defensa, José Vicente Rangel, aseguró que todo estaba normal en la petrolera estatal este martes, y señaló que el ausentismo laboral fue contrarrestado en 100%, con lo que se hizo eco de la misma opinión expresada por el presidente Chávez en Caracas.

²¹¹ Rangel dice que Pdvsa trabaja 100% y descarta plan de militarización. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 10 de abril de 2002. N. 16. 487, p. 13.

²¹² LÊNIN, Vladimir. *Ilitch Ulianov. Sobre os sindicatos*. Coleção Teoria e História 4. São Paulo: Ed. Polis, 1979. p. 202.

Rangel, Junto al Inspector General de la FAN, Lucas Rincón, visitó las refinerías de El Palito y Paraguaná²¹³.

Era uma política deliberada de se esconder os fatos e tal atitude vai ter conseqüências trágicas para os operários e populares, pois, enquanto em pleno desenvolvimento do golpe o governo se omitia, a oposição ia, a cada dia, conquistando mais força e ocupando os pontos-chaves. Assim, cada quadra tomada pela oposição significava vidas de operários e populares que tombavam ao chão, e, sem que o governo os armasse para defesa, o golpe foi fulminante. O disparate foi tamanho que, mesmo depois de passados muitos dias do golpe, quando se havia restituído Chávez ao poder, o Ministro da Defesa, José Vicente Rangel, passa para sua segunda fase de omissão e nega que exista divisão nas Forças Armadas:

Luego de los acontecimientos de 11 a 13 de abril, todo vuelve a la normalidad. Al menos para el ministro de la Defensa, José Vicente Rangel, quien ayer señaló que no existe división en el seno de la Fuerza Armada.

“Hubo un pronunciamiento de una cúpula muy reducida de generales, pero eso no es un división. Orgánicamente la FAN tiene 70 mil hombres, si acaso hubo 30 o 40 participantes en el golpe. Eso no es división”, dijo²¹⁴

Tal questão é de uma gravidade enorme, ficando uma indagação: até que ponto o governo possuía divergências com os golpistas? Mas deixemos esta questão para o próximo tópico e passemos agora para os dias do *Paro* e do golpe, ou seja, os dias mais acirrados de 09 a 13 de abril de 2002.

O dia 9 de abril foi um dia de paralisação nacional e os jornais do dia 10 trazem os números e o alcance da greve. Para mostrar o mapa nacional recorreremos ao quadro oferecido pela Fedecámaras que mostra a paralisação por estados e o total do país: estado de Amazonas 50%, Anzoátegui 70%, Apure 51%, Aragua 85%, Barinas 55%, Carabobo 80%, Cojedes 52%, Falcón 50%, Guárico 83%, Lara 90%, Mérida 70%, Miranda 65%, Monagas 80%, Nueva Esparta 60%, Portuguesa 65%, Táchira 70%, Trujillo 65%, Vargas 40%, Yaracuy 65%, Zulia 80%, sendo que a média nacional ficou

²¹³ Petroleros anuncian paro de refinería de Paraguaná. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 10 de abril de 2002. N. 16. 487, p. 13.

²¹⁴ Rangel niega división en la Fuerza Armada. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 20 de abril de 2002. N. 16. 497, p. 08.

na cifra de 82%. Não aparecem os dados dos estados de Bolívar, Sucre e Distrito Federal²¹⁵. Esta é a informação da Fedecámaras, que, em seu balanço, analisa a paralisação nos setores da indústria, agropecuária, transporte, comércio, escolas e setores informais de trabalho. É possível que estes números estejam inflados.

Ao se compararem estes dados com o do *Paro* de dezembro de 2001, verifica-se uma queda na capacidade da Fedecámaras, CTV e Igreja de fazer a paralisação. Acreditamos ainda que mesmo estes dados oficiais da Fedecámaras estejam super estimados, embora eles mostrem uma queda em relação ao passado. Contudo, o *Paro* do dia 9 conseguiu ter uma adesão muito grande da mídia, principalmente a mídia televisiva, que saiu declaradamente contra o governo e em uma correlação de forças muito superior aos outros acontecimentos, pois, neste dia 9, as TVs não aceitaram passar todo o dia em cadeia de transmissão oficial, e dividiram a tela em duas programações. A metade da tela exibia o governo, que exigiu 24 cadeias de transmissão durante todo dia, do outro lado, mostravam-se os confrontos da cidade, e as montagens destes confrontos, no sentido de distorcer muito do que ocorria²¹⁶.

Neste sentido, ter uma atenção de como o poder político burguês beneficia deste espaço de comunicação, a partir de sua intensificação com o modelo neoliberal e o surgimento de novos métodos, é compreender com mais profundidade aquilo para o qual Milton Santos chama a atenção: *Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagens e do imaginário, e se põem ao serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal*²¹⁷. Cumpre ressaltar que, neste golpe de abril de 2002, a mídia, de forma clara e aberta, levou isto às últimas conseqüências, fazendo inclusive das mortes que ocorriam nas ruas um apanágio para a vitória do golpe e de seu império do dinheiro.

Ao mesmo tempo, o MVR resistia em dizer a verdade à população e deputados destacados do grupo, como Nicolas Maduro e Cilia Flores, afirmavam que a presença ao trabalho era de 100%, a mesma atitude do Executivo. Mediante isto, o *Paro* é prolongado por mais um dia, ou seja, dia 10 de abril, e a oposição passa a noite em

²¹⁵ CTV y Fedecámaras extienden paro general por 24 horas más. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 10 de abril de 2002. N. 16. 487, p. 11. Neste número aparecem diversas outras matérias que exploram a amplitude do *Paro* de 9 de abril.

²¹⁶ Material interessante para ver estas montagens que influenciaram muito no processo é o documentário *A revolução não será televisionada*. O documentário, no entanto, não mostra a divisão dentro do próprio chavismo, os momentos de covardia dos principais quadros chavistas e o oportunismo.

²¹⁷ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.18.

vigília, na sede da PDVSA, em Chuao, na capital Caracas. No dia 11, depois de agregarem uma multidão de cerca de 200 mil pessoas, rumam em direção ao Palácio do Governo, produzindo um enorme confronto acompanhado de 19 mortos do lado dos populares que defendiam Miraflores e outros mortos mais do lado da oposição, o que causa a queda de Chávez na mesma noite do dia 11 de abril de 2002²¹⁸.

Pedro Carmona Estanga assume o governo, que não dura as exatas 48:00h, mas que mostra a força que viria ter este regime ditatorial, uma vez que estabelece um decreto de 11 pontos:

1- Constituir un gobierno de transición democrática y de unidad nacional. Se designa a Pedro Carmona Estanca como presidente de la Republica de Venezuela, quien asume en este acto, de forma inmediata, la jefatura del Estado por el periodo establecido en este mismo decreto. 2- Se reestablece el nombre de Republica de Venezuela, antiguamente Republica Bolivariana de Venezuela. 3- Se suspenden de sus cargos a los diputados principales y suplentes de la Asamblea Nacional y se convoca a elecciones legislativas nacionales a más tardar el mes de diciembre del 2002 para elegir a los miembros del Poder Legislativo Nacional, el cual tendrá facultades constituyentes para la reforma general de la Constitución de 1999. 4- Se crea un Consejo Consultivo que ejercerá las funciones de órgano de consulta del Presidente de la Republica. El Consejo de Estado queda integrado por 35 miembros principales y sus respectivos suplentes, en representación de los diferentes sectores de la sociedad democrática venezolana. 5-El Presidente de la Republica coordinara las políticas de transición democrática nacional y las demás decisiones adoptadas para garantizarlas con los poderes públicos estatales y municipales. 6- Se convocará a elecciones nacionales en un lapso que no excederá de los 365 días a partir de la presente fecha. El gobierno de transición democrática cesará en sus funciones una vez que el presidente electo democráticamente asuma su cargo. El Presidente designado en este acto no podrá ser candidato a la presidencia de la Republica en dicho proceso. 7- El presidente de la Republica en Consejo de ministros podrá remover y designar transitoriamente a los titulares de los órganos de los poderes públicos nacionales, estatales y municipales para asegurar la institucionalidad democrática y el adecuado funcionamiento del estado de derecho, así como a los representantes de Venezuela ante los parlamentos Andino y Latinoamericano. 8- Se decreta la reorganización de los poderes públicos a los efectos de recuperar su autonomía e independencia y asegurar una transición pacífica y democrática. A sus efectos se destituyen de sus cargos al presidente y demás magistrados del Tribunal Supremo de Justicia. 9- Se suspende la vigencia de los 48 decretos de fuerza de ley, dictados de acuerdo con la Ley Habilitantes de fecha 13 de Noviembre de 2001. El presidente de la Republica instalará una comisión de revisión de dichos decretos, integrada por representantes de diversos sectores de la sociedad. 10- Se mantienen en plena vigencia el ordenamiento jurídico en cuanto no colida con el presente decreto ni con las disposiciones generales que dicte el nuevo

²¹⁸ Chávez entregó su renuncia a tres generales en Miraflores. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 12 de abril de 2002. N. 16. 489, p. 11. Neste número se trás as informações de participação dos parlamentares chavistas, o número de mortos, a repercussão internacional, uma gama de matérias e informações importantes, que puderam ser confrontadas também com o depoimento de Elio Colmenares, que participou nos feitos da defesa do Palácio Miraflores durante o desfecho do golpe.

gobierno de transición democrática. Asimismo, se mantiene en vigencia todos los compromisos internacionales validamente asumidos por la República. 11- El gobierno de transición democrática y unidad nacional entregará sus poderes y rendirá cuentas de sus gestiones a los órganos del Poder Público que legítimamente se elija de acuerdo con lo dispuesto en el decreto y además disposiciones constitucionales y legales. Dado en el palacio de Miraflores en Caracas, el día 12 del mes de abril año 2002²¹⁹.

O decreto é abrangente. No 1, se designa Carmona como presidente: quem o designa? O 3 dissolve a Assembléia e anuncia que se fará uma nova constituinte; o 5 diz que quem coordena tudo é o Presidente empossado; o 7 dá poder para remover quem for necessário, de simples funcionários a governadores; o 8 destitui o Tribunal Superior de Justiça; o de número 9 suspende as leis habilitantes, ou seja, a antiga luta afinal vencida. Por último, o 10 assinala que tudo que colida com o decreto presidencial não tem validade. Não paira dúvida de que seria uma ditadura.

Para conhecer um pouco de como se executa o golpe, a partir da opinião de pessoas que estiveram no palco do confronto, vejamos o testemunho de Elio Colmenares. Ele nos conta que depois de passar todo dia 11 em escaramuças com os setores golpistas armados, pois ele comandava, neste momento, um grupo de soldados, eles conseguem desarmar os franco-atiradores que estavam matando os manifestantes do alto dos prédios, nos arredores do Palácio Presidencial Miraflores. Na próxima foto se pode ver uma vítima destes franco-atiradores. Depois de mais refrega, acabam liberando a área de Miraflores do perigo. Resolve dar um pulo em casa, pois estava há 3 dias sem dormir e morava próximo de Miraflores. Quando regressa ao Palácio não é permitida sua entrada, sendo que possuía passe livre no local. Então é orientado de dentro do Palácio a fugir e se esconder por 15 dias, pois o governo Chávez estava tecnicamente caído e depois ele receberia outras instruções. É então que nota:

... por un lado la televisión esta dando las imágenes de alto mando militar acercando de Miraflores para buscar a Chávez, filmando acto de entrega, y por otro lado están dando las imágenes de los allanamientos que están produciendo en la ciudad. Y bueno empieza los allanamientos en los barrios, no? Buscando a los Círculos Bolivarianos y la vaina y empieza a haber las resistencias en los barrios en la propia noche, en la propia madrugada del golpe, resistencia mínima pequeña, que era sencillamente “Yo no me voy a entregar, porque no”, o sea empieza a echar. Muchos militares empezaron a retirar armas e a irse para los barrios, o sea, como una forma de cosa, Yo en la madrugada vine ca para Guayana²²⁰.

²¹⁹ El decreto inicial. *El Universal* Caracas, sábado 13 de abril de 2002. N.33.317, p.02

²²⁰ Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.



Ao sair de Caracas já se percebe uma resistência popular simples, mas resignada a não aceitar o golpe, inclusive setores de oficiais de baixo escalão das forças armadas e praças. Quando Colmenares chega a Ciudad Guayana, estado de Bolívar, segundo pólo industrial e operário do país, zona de complexo siderúrgico e petroleiro, encontra também uma intenção de resistir ao golpe por parte dos trabalhadores que estavam desinformados até então:

Al día siguiente, eso fue al día siguiente al golpe, y nosotros reunimos unos 150 carajos en patio de la casa, de Alcasa, de toda las partes, todo mundo quería saber que hacer y en ese momento, más una cosa esos carajos no habían tenido la vivencia del golpe se no televisada, no habían visto lo que nosotros habíamos visto en los enfrentamientos en los peos. Entonces prácticamente era convencer una gente de que no sentía nada, que la vaina estaba fea, sabe Yo venía con una instrucción de esconder por 15 días, y Yo tenía 150 carajos ahí me preguntando que hacer hoy y no entre 15 días, ... Una hora después, una hora después, Yo estoy hablando de las 10:00, 11:00 de la mañana día viernes, ya había enfrentamientos en Caracas, Yo estaba haciendo un papel que me habían mandado, que fue ir buscar los principales dirigentes de la revolución, una lista de 12 carajos, no? De los cuales solamente uno me abrió la puerta, uno²²¹.

Interessante notar que a única visão de todos os acontecimentos que se haviam passado em Caracas era a versão da televisão. De fato, a mídia conseguiu fazer um trabalho bem feito no sentido de distorcer a realidade e com isto justificar o golpe. Por exemplo, em relação aos franco-atiradores que a oposição havia colocado nos prédios para matarem os manifestantes, a mídia congelava-lhes a imagem, fazia um corte e colocava em seguida um grupo de chavistas atirando. Ocorreu, como se comprovou depois, que este grupo de chavistas estava atirando para se defender de outros atiradores e não contra manifestantes, no entanto, a imagem fazia crer que os chavistas estavam matando os manifestantes. Estes trabalhadores percebem a gravidade e as distorções e querem lutar, ou seja, reverter o golpe, ao passo que os chavistas oficiais e com cargos públicos ruíam, em sua absoluta maioria, desde vereadores a governadores. Foi uma debandada imensa: o dito, segundo o qual *os ratos são os primeiros a abandonar o navio em um naufrágio*, se comprovou mais uma vez. Portanto, agora se percebe com

²²¹ IDEM.

mais clareza o quanto foi maléfico para os trabalhadores e populares o fato de o governo esconder a todo o momento o conflito que existia no país.

Outro problema é que os governistas que estavam dispostos a lutar foram orientados a se esconderem por 15 dias, para somente depois aparecerem. A cada momento fica mais claro quem de fato derrotou o golpe e Colmenares consegue oferecer pistas valiosas para nossa interpretação:

María Cristina se va para la Asamblea Nacional y empieza una grande película que talvez tenga María Cristina, María Cristina quiere hacer una roda de prensa como ministra de Trabajo denunciando que Chávez fue detenido, sabe lo que había visto en Miraflores, que Chávez no había renunciado, que Chávez fue detenido y toda esa vaina. Y varios diputados impide que ella dé la entrevista, entre ellos muchos diputados chavistas, que impiden que dé la roda de prensa diciendo algo así, “coño mira hay que sobrevivir vamos a tratar de buscar un, un acuerdo”, en ese momento ya los tipos estaban buscando un acuerdo con un sector del chavismo para garantizar un traspaso. Tenia que vir porque ya había resistencia, solamente que resistencia que el chavismo no controlaba ni evaluaba, había como especie de descontento en la calle con la vaina²²².

Um setor do chavismo estava por todos os meios tentando fazer a negociação entre golpistas e governo, fazer uma transição segura. Acontece que os populares em geral não queriam saber de Carmona, havia um enorme sentimento popular não avaliado, nem por Chávez, nem pelos golpistas, e tal resistência se fazia mais forte. É então que se percebe todo este processo em movimento, pois pós Caracazo a população pobre do país aprendeu muito. Wladimir é um exemplo de popular que consegue passar a representatividade dos sentimentos destes setores sociais que buscam o novo²²³, não concordam mais com tudo que é feito, se posicionam e vão à luta. Era isto que acontecia em todo país e, nas palavras de Wladimir, este governo era do povo, um governo que se identificava com ele e que poderia resolver o problema do bairro, etc. e *agora querem tirar o presidente que eu coloquei, não! Se antes lutei agora lutarei mais*. Ao não se entender o significado deste sentimento, não se entende a tamanha disposição de luta

²²² IDEM.

²²³ PORTELLI, Alessandro. História oral e memórias. *Historia & Perspectiva*, revista dos cursos de Graduação e do Programa de pós-graduação em história. N. 25/26. Uberlândia: 2002. p. 27-54. Aqui, e em outros trabalho de Portelli, o autor destaca que trabalhar com depoimentos e conseguir encontrar pessoas que, por sua experiência e capacidade, conseguem expressar aquilo que os outros como ele sentiam, é muito importante para entender uma dada realidade. Avaliamos que o depoimento de Wladimir consegue, mais que outros, realizar este objetivo.

destes setores populares e operários para restituir Chávez ao poder. Se este fato não ocorresse, o país se tornaria ingovernável para ambos os lados.

Como esses populares começam a resistir assiduamente ao golpe, os dirigentes chavistas que estavam foragidos voltam à linha política, ao invés de se esconder por 15 dias, passam a chamar todos os movimentos em direção a Miraflores, antes que estes populares derrubem Carmona sem que as direções chavistas estivessem por perto. Na opinião de Colmenares, na noite de sexta feira, dia 12 de abril estava se dando a seguinte situação em Caracas:

... ya estoy hablando porque toda la noche de viernes hay tiroteo alrededor de Miraflores, no? Una locura, de una locura lo que, el tiroteo, mientras todo el resto del país, esa vaina pasó en película de numero nueve, viernes en la noche, la mitad de la ciudad las discotecas están full, corrían champagne, borracheras descomunales, fiestas descomunales, orgía y vaina de estas, vaina en moteles. Entonces ese es lo pequeño proceso venezolano, esa es la mitad de la ciudad eso es de Chacaito para acá, de Chacaito para acá hay un tiroteo descomunal entre la policía Metropolitana de Caracas y Guardia Nacional intentando defender Miraflores porque ya había abandonado el resto de la ciudad de los barrios que estaban avanzando encima. Eso era manifestaciones, sabe es decir el barrio se organizaba y montaba una manifestación de 300, 400 personas trancaba la puerta del barrio, quemaba caucho y paralizaba el barrio. Una hora después bajaban a la avenida principal, la avenida principal se consiguió 10, 20, 30 manifestaciones que venían de barrios distintos y los carajos se agrupaban en Miraflores. Eso era avenida toda de gente, caminando, caminando, caminando kilómetros y cuando llegaban en Miraflores, o sea cuando llegaba a cercanía de Miraflores encontraba con una situación ya bien difícil, al final los tipos ya han tomado. La vaina es tan loco que al día siguiente, eso es día viernes juramente Carmona y el día sábado estaba anunciado el acto de juramentación de los ministros, de los ministros de lo gobierno y es una fiesta, una fiesta con tarjeta de entrada especial, que daba la burguesía, la propia burguesía una fiesta, una fiesta con tarjeta especial. Y Carmona fue, Carmona fue, claro que Carmona esta encerrado en ese momento, porque esos tipos tiene toda la noche de tiroteo negociando como sale do peo que esta metido, a las 11:00 de la mañana se anuncia la renuncia de Carmona. Pero a las 8:00 de la mañana era la fiesta de Miraflores en la juramentación de los nuevos ministros, los nuevos ministros muchos no llegan porque están sabiendo del peo, pero la mayoría llega a Miraflores con sus esposas, llega señores de la burguesía con sus paletó y toda esa vaina, por encima de lo peo de la vaina. Es que Tú va en un carro, en una limosina, y que esta haciendo pasar por calle porque la Guardia Nacional tiene desviado todo el trafico y Tú esta metiendo directo para Miraflores, por la avenida, por la calle lateral, y los tipos van para la fiesta y no se preocupa que alrededor hay sonido de tiroteo descomunal, hasta ese momento lo que los tipos están defendiendo es las últimas 4 ó 5 cuadras alrededor de Miraflores Pero insuficiente, los tipos abrieron los pasos para los carajos para la fiesta, los tipos están en plena fiesta Miraflores, bebiendo hay película de toda esa vaina, de toda esa broma. Cuando les llega la noticia que renuncia el presidente, o sea, ellos se interán por televisión²²⁴.

²²⁴ Entrevista com Elio Colmenares. 12-10-2008.

A situação foi que a massa resignada entrou diretamente na ação, conjugando-se manifestações, enfileiramentos leves e tiroteios, de todos os lados até encurralar o governo de Carmona em Miraflores. Isto, em Caracas, visto que em outras partes do país a luta seguia com força.

Em Puerto Ordaz, cidade parte de Guayana, para onde Colmenares havia se dirigido, o movimento operário siderúrgico vai tomar a guarnição da cidade em busca de armas, e saem em marcha, a cada momento a marcha engrossa mais. Quando estão às portas do destacamento da Guarda Nacional, os soldados já faziam parte da marcha com seus fuzis e, quando entram nas instalações, encontram 7 oficiais no casino e nada mais. Assim a guarnição é controlada sem nenhuma resistência. A empresa CVG – *Corporación Venezolana de Guayana* -, a maior da região, era o local central onde os operários montaram o QG, de lá partia mobilizações para as atividades que o movimento deliberava. As outras empresas do complexo, como Alcasa, também foram tomadas pelos trabalhadores. No dia 12 de abril, cerca de 20 a 30 mil operários, na avaliação de Colmenares, se concentraram nos pátios da CVG e o Prefeito da cidade teve de entregar as armas da Guarda Municipal para estes operários que as exigiram. Neste sentido, já se tornava um movimento operário armado, quem não possuía armas retiradas da Guarda Nacional e da polícia, possuía suas armas particulares²²⁵. As armas, em sua maioria, eram pistolas 9 mm, mas havia também fuzis e metralhadoras, o que seria insuficiente, evidentemente, para confrontos mais pesados, pois inclusive havia uma frota estadunidense no mar do Caribe para uma possível invasão à Venezuela. Contudo, esta resposta rápida dos trabalhadores e populares possibilitou mudar a correlação de forças, inclusive em Maracay, cidade militar da Venezuela, o general de divisão, Raúl Isaías Baduel - tendo a população da cidade, cerca de 50 mil pessoas, cercando seu quartel de comando e exigindo que este resistisse ao golpe ou entregasse as armas para eles - resolveu apoiar o retorno de Chávez. Vale lembrar que ele possuía sob seu controle o melhor armamento do país.

Os petroleiros e populares de Puerto La Cruz também ofereciam sua participação no movimento. Ao controlar a refinaria, permitiam que o abastecimento

²²⁵ Após o Caracazo em 1989, e a matança generalizada que as polícias e forças armadas realizaram sobre as populações civis, principalmente dos bairros pobres, estes populares decidiram se armar para se defenderem da polícia. Assim, há um significativo armamento na mão da população, estima-se entre 9 a 12 milhões de unidades, armamento este que se mostrou indispensável para que a correlação de forças entre golpistas e populares revertesse rapidamente, quando estes setores populares e operários resolveram não aceitar o golpe de Carmona.

não interrompesse, não trazendo mais caos e permitindo um deslocamento para Caracas se fosse necessário. Portanto, o retorno do Presidente Chávez ao poder esteve principalmente sob a ação destes setores. As evasivas declarações do Ministro de Defesa José Vicente Rangel, do comandante Lucas Rincón Romero, nada mais foram que balelas. As instituições oficiais como tribunais, ministérios, pastas militares muito idolatradas não funcionaram, com uma pequena exceção do Fiscal Geral Isaías Rodríguez do Ministério Público, que sai declaradamente contra o golpe, dando diversas entrevistas e não reconhecendo Carmona. No entanto, o que pesou mesmo foi a ação direta de populares, trabalhadores e militares de baixo escalão que romperam com a disciplina e a hierarquia militar e, unidos, não temeram a vitória. As outras questões que muitos setores oficiais destacam no evento, como o resgate de Chávez da ilha Orchila e seu retorno em helicóptero ao Palácio Miraflores e toda esta pompa figurativa, não passam de simples acontecimentos diante do universo e da dinâmica dos que lutaram nas ruas contra o golpe.

Quando Chávez regressa ao poder, na noite do dia 13 de abril, sábado, a primeira medida que toma é para que estes setores populares e operários mobilizados voltem para suas casas. Assim, com um crucifixo na mão, solicita que todos se perdoem para que Venezuela viva em paz. Com esta política, volta atrás nas 7 demissões de gerentes golpistas da PDVSA, desiste de nomear a junta diretiva da empresa, conforme estava propondo anteriormente, aceita a renúncia do quadro de pessoal que havia escolhido para dirigir a empresa e chama os gerentes golpistas da PDVSA a negociar²²⁶. A imprensa mostra a maneira ampla como Chávez faz o convite a todos os golpistas:

Con respecto al conflicto laboral que se presentó en Petróleos de Venezuela, y que fuera el detonante de la crisis institucional ocurrida la semana pasada, el presidente Chávez informó que Gastón Parra le había presentado la renuncia colectiva de la junta directiva cuestionada por la nomina empresarial del holding estatal, y aseguró estar dispuesto a dialogar, para “adelantar la recomposición del equipo directivo de la principal industria del país”, de manera consensual y negociada.

Luego el ejecutivo empleó un tono conciliatorio par efectuar un llamado a la unidad nacional de todos los sectores de la sociedad con la finalidad de propiciar “el entendimiento y el diálogo, respetando las diferencias”.

Asimismo Chávez invitó a los empresarios, a los medios de comunicación, a los sindicatos, a los partidos de oposición y a la Iglesia a reflexionar para encontrar salidas concertadas a los problemas del país.

²²⁶ Gerencia de Pdvsa dialogará con el presidente Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 15 de abril de 2002. N. 16. 492, p. 03.

“llegó a hora de las rectificaciones es necesario que vuelvan a los carriles de la razón, porque parece que la han perdido. No vengo con una carga de odio, pero tomaremos decisiones y tendremos que ajustar algunas cosas”, advirtió. De igual modo el jefe de estado enfatizó que no existirá ninguna retaliación o cacería de brujas contra las personas que lo derrocaron temporalmente de su cargo, “nosotros somos humanistas y no convalidaremos atropellos o violaciones”²²⁷.

Com estes setores golpistas, o governo Chávez será muito humanista, e somente com estes, pois, como se teve oportunidade de discutir um pouco sobre o humanismo do movimento bolivariano, no capítulo anterior, tal caráter benevolente não é para todos. A propósito, como o perdão que Chávez propõe aos setores golpistas não podia ficar somente em palavras, já no dia 17 de abril cinco dos principais militares dirigentes do golpe são libertados da prisão para responder em liberdade condicional os processos. São eles: Vice-almirante Héctor Ramirez Pérez, os contra almirantes Daniel Comiso e Carlos Molina Tamayo, o general de aviação Pedro Pereira e o coronel da Guarda Nacional Isidro Pérez Villalobos.

Todavía, enquanto está ocorrendo esta política conciliatória de Chávez, os setores populares possuem outra política, desejam afastar do poder os que haviam se posicionado a favor de Carmona ou os que haviam passado de bagagem para o outro lado. Podem-se observar exemplos desse tipo em todo canto do país. Mostraremos o caso do município de Puerto La Cruz e Barcelona, capital do estado de Anzoátegui. Neste estado, o governador David de Lima, que era do MVR de Chávez, havia passado para o lado de Carmona e a contestação a este estava forte pelos trabalhadores e populares. As prefeituras e câmaras de vereadores destas duas cidades estavam tomadas por populares e Círculos Bolivarianos que exigiam a renúncia dos golpistas:

Mientras tanto, Cedeño trataba de salir de la cueva del lobo, de donde duras penas, y escoltado por dos policías municipales, llegó a entrada de la alcaldía, y de allí haciendo alarde de su condición atlética, tuvo que echar a correr hasta la catedral de Barcelona, donde refugió hasta que un comisionado de la Defensoría del Pueblo y funcionarios de Poli Anzoátegui lo rescataron sano y salvo²²⁸.

²²⁷ IDEM. p. 08.

²²⁸ Ediles de Sotillo y Bolívar fueron acosados por el MVR. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 17 de abril de 2002. N. 16.494, p. 03.

Este Cedeño era um parlamentar do partido AD, que havia apoiado o golpe e, assim como ele, inúmeros outros eram postos literalmente para correr pelo movimento popular que estava nas ruas. Tais atitudes desagradavam muito a Chávez e aos EUA, que solicitam, por intermédio de César Gaviria, secretário geral da OEA, que colocasse um freio aos movimentos populares e principalmente aos Círculos Bolivarianos que se mostravam como perigo:

*Además invitó al gobierno a disipar las dudas que existen sobre los círculos bolivarianos, pues durante su estadía en el país escucho muchas denuncias sobre el papel que juegan estos defensores del proceso revolucionario.
“Me parece que habiendo tantas preocupaciones de esta naturaleza, el gobierno de común acuerdo con las partes, debería buscar maneras de eliminar los temores que tiene la sociedad”²²⁹*

Então, a preocupação de desarmar este espectro, que assombrava toda a burguesia, passa a ser uma bandeira também nos EUA, que vendo por qual meio o golpe fracassara, exige que o governo Chávez segure os CBs. Porém, a situação extrapola a existência dos CBs, pois, embora estes estivessem participando do processo, e, tendo certa estrutura organizacional, fossem mais percebidos, o movimento de resistência é muito superior a eles: há uma enormidade de populares que, de modo algum, estão na estrutura destes Círculos, mas que participam das atividades dos confrontos, ou seja, estão na linha de frente da ação direta e prática. Estes desejam avançar com as transformações e não liberar os golpistas como estava acontecendo.

Tudo isto é um problema enorme para o governo naquele momento pós golpe, pois uma significativa parte do movimento bolivariano e do MVR havia sido trãnsfuga, assim Chávez estava com duas alternativas. Uma era perdoar seus correligionários que estavam, neste momento, na direção das instituições, nos governos de estados e prefeituras, e permanecer com estes quadros políticos que não lhe ofereciam nenhuma confiança. Outra era afastar este pessoal e incorporar nestes postos os elementos mais radicalizados do movimento que o haviam defendido. Chávez preferiu a primeira opção, deixando caminho aberto para o *Paro petrolero de dezembro de 2002* e a tentativa do terceiro golpe.

²²⁹ Gaviria pide que militares dejen el debate político. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 18 de abril de 2002. N. 16.495, p. 10.

Contudo, a pressão dos setores populares e trabalhadores não se dissolve rapidamente nestes dias, uma vez que estes colocaram suas vidas em risco, e muitos haviam perecido nestes confrontos, além do quê, se o golpe vence, ocorreria uma matança generalizada destes populares e militantes no país. Colmenares conta que, no local de concentração da oposição em Chuao, a partir do dia 10, havia um muro aonde se iam colocando os nomes das pessoas que supostamente seriam fuziladas depois da derrubada do presidente. Este muro era tratado como paredón, e, de fato, outras fontes confirmam a existência deste muro e a relação de nomes que lá se colocava²³⁰.

Esta situação de eliminação física de populares não ficou somente como promessa. No dia 15 de abril, o *Comité de Defensa de los Familiares del 27-F--89* (Cofavic), órgão dos direitos humanos das vítimas do Caracazo em 1989, confirmava a morte nos confrontos de 34 pessoas entre 11 a 13 de abril²³¹. Os dados ainda são preliminares, segundo o órgão, o que poderia elevar o número ainda mais²³². Estes dados são somente da região de Caracas, onde o corpo de bombeiros acrescenta a informação de mais 332 feridos. Embora a região de Caracas fosse o palco mais acirrado da luta, uma vez que a polícia Metropolitana estava sob o controle dos golpistas com o prefeito Alfredo Peña, antigo aliado de Chávez no MVR, e que havia há algum tempo se despedido de bolivariano e se ajuntara à oposição golpista, em outros pontos também ocorreram mortes. Muitas delas se realizaram no campo, contra camponeses que haviam ocupado terras, ou já haviam sido beneficiados com lotes de terra pela reforma agrária: estes passaram a ser mortos a partir do dia 11, quando Chávez cai, uma vez que os fazendeiros viram-se na hora de vingar.

A respeito da opinião de outros países e instituições como a ONU e a OEA, sobre o retorno de Chávez ao governo e o todo sucedido, o secretário da ONU Kofi Anan expressou satisfação pelo retorno à normalidade institucional do país. A OEA oferece uma declaração tímida, se opondo a qualquer saída violenta de qualquer governo democraticamente constituído. Alguns países da América Latina se mostram contentes com o retorno de Chávez, como o presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, que, desde a posse de Carmona, não apoiou o mesmo, e se solidarizou com o

²³⁰ 48 horas de clandestinidad hicieron reflexionar al MVR. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 22 de abril de 2002. N. 16.499, p. 10.

²³¹ Origen de manifestaciones y saqueos son investigados. El fin de semana hubo 34 muertes en Caracas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 15 de abril de 2002. N. 16.492, p. 11 e 34.

²³² Informe de Amnistía señala retroceso de derechos humanos. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 29 de mayo 2002. N. 16.536, p. 16. Neste informe da Anistia Internacional, realizado posteriormente, aponta um número maior de mortos, no golpe de 11 de abril, um total de 45 mortes já confirmadas, podendo se elevar ainda mais este número.

retorno de Chávez. Cuba diz que venceu a revolução em Venezuela, ao se referir ao retorno de Chávez. Colômbia que havia se apressado em reconhecer o governo de Carmona, da mesma forma dá boas vindas a Chávez.

A União Européia retificou que o governo deveria restabelecer com maior atenção os valores democráticos no país. Os EUA, que haviam rapidamente reconhecido o curto governo de Carmona, no dia 12 de abril, se abstêm de felicitar o retorno de Hugo Chávez. A Rússia, ao contrário, viu com muito otimismo o retorno do presidente Chávez ao poder em Miraflores. Por último, uma parte da comunidade venezuelana que vive em Miami, um total de cerca de 180.000 pessoas, se viu frustrada com o regresso do presidente Chávez²³³.

A situação de Pedro Carmona Estanga, após seu fracassado golpe, não foi das piores. Em 15 de abril, uma segunda-feira, Carmona é levado ao Tribunal de controle 25, onde a responsável, Josefina Gomes Sosa, ordenou prisão domiciliar para que, em um prazo de 30 a 45 dias, o Tribunal julgasse se ele era culpado dos delitos de rebelião e usurpação de funções. No dia 2 de maio, Carmona é ouvido na Assembléia Nacional, onde, em longa sessão, afirma que somente aceitou tomar posse no lugar de Chávez, porque o local estava vago, uma vez que o general Lucas Rincón Romero havia anunciado a renúncia de Chávez, então outros militares o convidaram a ocupar o cargo vago e ele aceitou. Quando os parlamentares perguntam pela trama do golpe, ele responde inúmeras vezes de forma tranquila que “*No hubo golpe, ni rebelión. No participé en actos con militares. Nada de ello ocurrió*”. Desta forma dantesca, ocorriam os processos sobre os golpistas, sendo que:

El empresario y ex presidente de la junta transitoria que asumió el gobierno durante los días 12 y 13 de abril, Pedro Carmona Estanca, pidió asilo político a Colombia luego de burlar la custodia de los funcionarios de la Dirección de los Servicios de Inteligencia y Prevención (Disip), cuerpo de seguridad encargado de vigilarlo en su residencia, donde cumplía arresto domiciliario desde el pasado 15 de abril.

Durante casi todo el día se desconoció el paradero del ex dirigente de Fedecámaras, quien según su abogado, Juan Martín Echeverría, había salido a caminar por los alrededores de la urbanización Santa Eduvigis, “pero no retornó”²³⁴.

²³³ Jefes de gobierno del mundo saludan el retorno de Chávez. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 16 de abril de 2002. N. 16.493, p. 13. Ver también número 16.497, p. 13.

²³⁴ Carmona pidió asilo político ante embajada de Colombia. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 24 de mayo de 2002. N. 16.531, p. 11. Ver también números 16.510, p. 08 e 16.493, p.08.

Nestas circunstâncias, os principais elementos propiciadores do golpe vão fugindo do país, outros vão sendo inocentados, o que, por um lado, cria um clima de impunidade, fazendo com que esta oposição golpista da PDVSA, militares, CTV, Igreja e Fedecámaras se preparem para mais um golpe. Por outra parte, os movimentos populares e trabalhadores sentem-se burlados e intensificam ainda mais suas lutas, passando a cada momento para a ação direta. É então que se polariza a luta, que culmina em um novo *Paro* em dezembro de 2002, o maior, de 63 dias. Contudo, antes, teremos um pequeno *Paro* no dia 10 de outubro.

3 - OUTUBRO DE 2002, MAIS UMA TENTATIVA

Antes de chegarmos às grandes mobilizações populares do mês de agosto, e também à construção do *Paro* de outubro de 2002, é importante assinalar outros elementos na política do governo e na assimilação geral de resultados do golpe de 11 de abril.

Como inferimos anteriormente, após o golpe, dada a polarização que havia em Venezuela, Chávez teria duas opções: uma era se absorver dos elementos mais radicalizados do movimento que derrotou o golpe, outra era pender para o lado mais moderado. Como o governo decide pela segunda opção, sua política vai se desdobrar no seguinte: segurar os setores radicalizados do movimento que o apoiavam; promover os setores moderados; e negociar no sentido de conciliar com os que haviam se lançado à oposição, ou que o haviam deixado sem respaldo. Com isto, Chávez evidenciará uma política, em termos estruturais, semelhante ao processo que viveu a França de Luis Bonaparte de 1848, incorporando não somente a política, mas também a personalidade do conciliador e ditador Luis Bonaparte analisadas por Marx *...enquanto um setor limitado da burguesia governou em nome do rei, toda a burguesia governará agora em nome do povo. As reivindicações do proletariado de Paris são devaneios utópicos, a que se deve por um paradeiro*²³⁵. Por este viés, como auxiliar escudeiro, não haverá

²³⁵ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Textos 3 edições sociais*. São Paulo: Alfa-omega, s/d. p. 209.

quadro político que tão bem prestou este serviço a esta política como foi José Vicente Rangel:

Como “temerarias” calificó el ministro de la Defensa, José Vicente Rangel, las acusaciones que vinculan al empresario Gustavo Cisneros con el golpe de 11 de abril contra el Presidente Hugo Chávez.

“Tengo una vieja relación con Cisneros, creo que él no se va a involucrar en una aventura de este tipo”.

La reunión con el magnate de las telecomunicaciones es parte de los diálogos que adelanta el Gobierno para aliviar las tensión política, e incluye encuentros con los sindicalistas, la Iglesia y el sector empresarial.

Rangel pidió que se deje actuar a los organismos competentes, antes de “emitir juicio de priori”.

Aconsejó a los diputados a mantener la cautela sobre los rumores e informaciones que acusan a ciertos sectores de los Estados Unidos de haber participado en la supuesta conspiración golpistas y pidió dejar este delicado punto en manos de alto gobierno.

Versiones extraoficiales aseguran que la nave privada que avistó el presidente Hugo Chávez durante su cautiverio en la isla La Orchila, preparada para sacarlo de Venezuela, pertenece al grupo que lidera Gustavo Cisneros, versión desmentida tanto por Rangel como por el mismo magnate.

El líder empresarial mostró su satisfacción por la iniciativa gubernamental de concertación y diálogo...

“Se habló de reconocer la legitimidad de la Confederación de los Trabajadores y hacer una revisión de las leyes de la habilitante”²³⁶.

O ministro José Vicente Rangel dá a linha política de como deveriam ser tratados os problemas advindos do golpe de 11 de abril, ou seja, livrar de qualquer suspeita o mega empresário venezuelano Gustavo Cisneros, ainda que um de seus aviões fosse encontrado na ilha de Ochila, para retirar Chávez da Venezuela. Outro ponto que pesava sob Cisneros era o papel que cumpriu seu canal de televisão, ao dar todo aporte ao golpe. Tudo isto estava sendo discutido, inclusive a deputada pelo MVR, Iris Varela, havia solicitado trâmite à Assembleia Nacional para ouvir Cisneros. Porém, Rangel estava, como ministro, desautorizando a deputada a fazer tal acariação e colocava a necessidade de que todos estes assuntos delicados fossem discutidos somente com órgãos competentes, ou seja, o executivo.

Com esta política do executivo, vai se colocando uma pedra nos assuntos mais melindrosos, incluindo aí, como o principal, a participação direta dos EUA na elaboração do golpe e seu apoio material. Neste quesito, Rangel atua diretamente com o

²³⁶ Rangel defendió actuación de Cisneros. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 25 abril de 2002. N. 16.502, p. 08. Ver también número 16. 521. p. 08.

embaixador estadunidense Charles Shapiro para retirar qualquer dúvida que possa pairar:

En su intento por limar asperezas, el gobierno sigue realizando encuentros con distintos sectores en su cruzada por la reconciliación. Ayer el turno fue para el embajador Charles Shapiro, quien se reunió con José Vicente Rangel, ministro de la Defensa.

Con la tradicional reserva que suele caracterizar a los diplomáticos, los funcionarios se limitaron a mencionar superficialmente temas tan delicados como la presunta participación de militares norteamericanos en el golpe de estado al Presidente Hugo Chávez²³⁷.

Neste encontro, o embaixador norte americano esclarece sobre as ações de seu país, e mostra que estão fazendo uma sindicância para que não paire qualquer dúvida sobre a participação dos EUA nestes lamentáveis episódios de 11 de abril. Shapiro argumenta ainda que era simples coincidência se encontrar como diplomático, no Chile de Allende em 1973, em El Salvador, do tempo da guerrilha e da intervenção ianque em 1980, e da Nicarágua, no tempo de Anastácio Somoza, apoiado pelos EUA, e agora se encontrar como responsável diplomático pela Venezuela no período do golpe de 11 de abril.

Embora houvesse toda esta campanha de José Vicente Rangel para abafar a questão, o governador de Táchira Roland Blanco argumentou que possuía provas da participação norte americana, quando caiu preso dos corpos policiais golpistas²³⁸. Além destas denúncias mais reforçadas, havia outras confirmações de sindicâncias militares, que, contudo, foram desautorizadas de sair a público. Neste sentido, o Ministro da Defesa vence seu primeiro *round* e questões como a da participação dos Estados Unidos no golpe sai de cena.

Outra medida que Chávez realiza pós golpe é a criação de algumas comissões, para que institucionalmente fossem dadas respostas aos conflitos que ocorreram naqueles dias.

²³⁷ EEUU y Venezuela investigan participación extranjera en golpe. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 26 abril de 2002. N. 16.503, p. 10.

²³⁸ Ronland Blanco señala conspiración de EEUU. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 09 de mayo de 2002. N. 16.516, p. 08

Hoy se realizará la primera sesión de la Comisión Presidencial para el Diálogo Nacional, la cual trabajará sobre la base de siete instancias. Según fuentes oficiales el mandatario nacional, Hugo Chávez, acudirá a este encuentro que se realizará en el Salón de los Espejos del Palacio de Miraflores a las nueve de la mañana.

En esta oportunidad se tratarán varios temas, entre ellos la situación social, política y económica del país, así como la descentralización, para tomar algunas decisiones orientadas a reducir los niveles de conflictividad²³⁹.

Se, de um lado, o ministro Rangel realizava seus esforços para diluir os conflitos, da mesma forma, Chávez parte para uma ofensiva do executivo no sentido de colocar todos os problemas para que esta instância oferecesse respostas. Estas comissões vão agregar as “personalidades” e instituições como CTV, Fedecámaras, Igreja, etc, na acepção de conjuntamente irem encontrando uma saída para a crise em que vivia o país e, na visão de Chávez, todos deveriam contribuir. Além desta comissão Presidencial, dirigida pelo presidente, vai ser criada outra comissão, a da Assembléia Nacional, nomeada como Comissão da Verdade, dirigida pelo deputado Tarek William Saab, conhecido como o poeta da revolução. Para fechar o cerco, na visão do governo, e descobrir todos os pormenores do golpe e punir os culpados, a missão Centro Carter, com o apoio de José Vicente Rangel, será aceita na Venezuela para que tudo seja investigado e a democracia se restabeleça no país²⁴⁰.

Chávez, em 28 de abril, usando uma prerrogativa legal da legislação venezuelana, nomeia seu novo Vice-presidente. Assim, além de recompor seu quadro de ministros e cargos de primeiro escalão, pois a grande maioria de seus principais o havia abandonado no golpe do dia 11, também faz uma recompensa àqueles que tiveram uma atuação digna de sua política. E como não poderia ser outro, José Vicente Rangel é nomeado Vice-presidente da república em reconhecimento por ter levado tão bem a política de pacificação e conciliação na luta de classes venezuelana: *Pido para José Vicente Rangel toda la colaboración, todo el reconocimiento, porque en todo esto, en todo lo que son instrucciones de gobierno, José Vicente es algo así como el segundo*

²³⁹ Hoy sesiona Comisión Presidencial de Diálogo. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 04 de mayo 2002. N. 16.511, p. 10.

²⁴⁰ O Centro Carter é uma missão norte americana idealizada pelo ex-presidente Jimmy Carter, antecessor de Ronald Reagan, que visa restabelecer a democracia burguesa nos países onde esta se sente abalada. Um dos seus primeiros frutos foi convencer a guerrilha salvadorenha, dos anos 1980, que possuía 3/4 do país sob seu controle, a negociar uma paz com a ultra direita que estava sendo derrubada. Feito isto em El Salvador, a direita volta fortalecida ao poder e o movimento guerrilheiro depõe as armas em troca de ocupar postos nas forças armadas.

*comandante*²⁴¹. Destarte, é nomeado no dia 28 de abril, e empossado juntamente com outros ministros no dia 6 de maio de 2002:

*“Acepté la vicepresidencia ejecutiva porque creo que el llamado a diálogo del primer mandatario, lo creo sincero y honesto. Pienso que es una muestra de valentía. Por estar durante mi existencia dispuesto al diálogo y al ejercicio constante de la democracia, de la tolerancia y del respeto al adversario, entiendo que el mandato constitucional que recibo es para unir a los venezolanos, curar heridas y tender puentes. La palabra de orden es diálogo”*²⁴².

Era a política de reconciliação com toda a burguesia que Chávez havia iniciado e tentava assumir, como uma ofensiva, uma vez que pretendia passar todas estas questões de disputas por dentro das instituições, inclusive sua contestação como presidente deveria ser dirimida dentro destas instâncias. Para isto, se dispôs a se colocar mediante o referendo revocatório que a oposição estava cobrando que ocorresse ainda no ano de 2002, sendo que Chávez defendia que fosse a partir de agosto de 2003²⁴³.

Este período é de uma dificuldade imensa para Chávez, pois, se, de um lado, ele deseja uma saída amigável, ao mesmo tempo a oposição não deixa de bombardear. A TV não deixar de se opor, e os jornais impressos do país estão com os principais colunistas discorrendo contra o presidente, contra as mobilizações oficiais, e contra os CBs, que se transformam em um grande monstro para a oposição.

Os órgãos internacionais desejam, como Chávez, que se resolva tudo dentro das instituições, e, para isto, é enviada à Venezuela uma comissão da OEA dos direitos humanos, dirigida por Juan Ernesto Méndez. Assim, há um esforço conjunto no sentido de apaziguar os ânimos e principalmente as lutas diretas:

El próximo martes, durante la sexta reunión de la Comisión Presidencial para el Diálogo Nacional, sus integrantes discutirán la situación de los círculos bolivarianos.

²⁴¹ DIETERICH, Heinz. *Hugo Chávez: El destino superior de los pueblos latinoamericanos y el gran salto adelante*. Conversaciones con Heinz Dieterich. 2ª edición. México: Jorale editores, 2006. p. 165.

²⁴² Ministros estrenan optimismo. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 07 de mayo de 2002. N. 16.514, p. 09.

²⁴³ Referendo revocatório era uma prerrogativa que havia na Constituição de 1999, em que vencendo a metade do mandato de um cargo eletivo público, a população poderia, por meio de assinaturas, exigirem que ocorresse um plebiscito para o vereador, prefeito, presidente etc. Se 50% mais um fosse contrário a este mandato, se abriria um novo processo eleitoral para escolher um novo representante para o cargo.

El Vicepresidente y coordinador de la instancia, José Vicente Rangel, anunció que también analizarán la reestructuración del Consejo Nacional Electoral (CNE), el plan de desarme, entre otros puntos de interés.

Rangel pedirá a la Asamblea Nacional información detallada sobre la Ley Electoral y la nueva designación de los miembros del CNE, pues los integrantes de la mesa de diálogo han puesto énfasis en este tema debido a la importancia del organismo para la democracia.

Además, el Vicepresidente invitará a su antecesor y actual ministro de Interior y Justicia, Diosdado Cabello, para que explique los detalles del anunciado plan de desarme de algunos grupos políticos, así como de la población en general²⁴⁴.

As diversas comissões trabalharam arduamente para abaixar os ânimos de luta e, ao mesmo tempo, adiantar mecanismos que evitassem novos confrontos. Portanto, era importante para estas colocar o tema dos CBs em debate, uma vez que nem o próprio chavismo estava barrando suas ações cada vez mais diretas. Um dos elementos era passar todas estas demandas por dentro do sistema eleitoral, e o Conselho Nacional Eleitoral passa a ser uma grande preocupação do Vice-presidente José Vicente Rangel. Assim sendo, haveria que reorganizá-lo, pois era tido de *importância do governo para a democracia*, logo se passa a fazer uma disputa de quem controla o CNE, para que, uma vez o governo apostando nestas instâncias, as mesmas também não se voltassem contra ele. Outro elemento importante, em que o governo colocará ênfase, trata-se do desarme da população, mas tal desarme é dirigido à população pobre e aos CBs: este era o entendimento, não deixar que estes populares tomassem iniciativas próprias. Tal fato era um dos elementos que Wladimir coloca em seu depoimento, de que este governo não gostava nem desejava que estes setores tivessem independência, tudo deveria ser dirigido pelo comandante Chávez.

Este período é muito rico no processo de participação popular, pois, embora seja um andamento entre um golpe e outro *Paro*, os movimentos sociais possuem a dinâmica e ensaiam uma independência das rédeas do chavismo com muita força. Há diversos depoimentos que confirmam isto, inclusive um de Rodolfo Baptista, colunista de Caracas, que esteve trabalhando na cobertura do golpe de abril, no palácio Miraflores, e conta, por exemplo, como a hierarquia militar é quebrada dentro das forças armadas, inclusive dentro do próprio batalhão de segurança do palácio. Sem dúvida que naqueles 3 dias ocorreram muitos acontecimentos que ainda devem ser melhor discutidos, inclusive a denúncia de um dos maiores colunistas burgueses do país, Fausto Masó, de

²⁴⁴ Mesa de diálogo debaterá sobre círculos chavistas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 24 de mayo de 2002. N. 16.531, p. 12.

que, na noite do dia 11 de abril, uma das exigências de Chávez para sair do poder estaria em levar consigo 7 milhões de dólares²⁴⁵.

Ocorreram, nos dias do golpe de 11 de abril, alguns saques na capital e também em outros estados como Anzoátegui. Tais atividades estariam em duas direções principais, uma da oposição burguesa, incentivando e criando pânico com isto, outra de mostrar a resposta de um setor da população com a retirada do presidente que consideram seu, além da própria vida difícil. Contudo, já se passavam semanas e não se liberavam estes homens e mulheres acusados de saque, fato que vai mostrando uma experiência destes setores com as medidas legais que punem os “saqueadores” e libertam os assassinos do 11 de abril. É então que estas famílias, depois de muito lutarem para retirar seus familiares, fazem um protesto em Barcelona:

Acompañados de sus hijos menores y bajo un intenso sol, familiares de los 19 detenidos por la policía del estado por participar en Barcelona, se apostaron ayer en la entrada del Palacio de Justicia para solicitar la libertad de los imputados.

Esposas, madres, tías, sobrinos e hijos de 10 hombres y 9 mujeres detenidas, aseguraron que éstos son inocentes y que el día de los actos de vandalismo sólo miraban lo que pasaba en los establecimientos.

Los solicitantes sostuvieron que sus familiares fueron aprehendidos por la Policía del estado el lunes 15 cerca de sus residencias y que a ninguno de ellos le encontraron mercancía en su poder.

El caso es que continúa el proceso contra los detenidos. La juez de Control 6, María Ramírez, les acordó la privación de libertad y ordenó su reclusión en el retén de Polianzoátegui hasta tanto la Fiscalía II formule la acusación en un lapso no mayor de treinta días²⁴⁶.

Ao mesmo tempo em que isto sucedia com populares, a *Comissão da Verdade* da Assembléia Nacional, depois de 3 semanas, sequer havia dado um passo no sentido de investigar ao menos os assassinatos do dia 11²⁴⁷. Se a *Comissão da Verdade* não funcionava, tampouco o *Tribunal Supremo de Justicia* dava sinais de que os processos iriam ocorrer, ao contrário, os advogados dos militares envolvidos no golpe conquistam importantes pareceres do órgão. Um destes pareceres, ditado no dia 15 de maio, anunciava que o Ministério Público teria que reiniciar todo processo de acusação aos

²⁴⁵ Chávez gana tiempo. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 26 de mayo de 2002. N. 16.533, p. 01 anexo.

²⁴⁶ Familias piden libertad de presos por saqueos. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 26 de abril de 2002. N. 16.503, p. 42

²⁴⁷ La verdad será un difícil. *El Tiempo* Puerto La Cruz, viernes 06 de mayo de 2002. N. 16.513, p. 10.

militares, pois o que havia possuía inúmeras irregularidades e foi rejeitado²⁴⁸. Isto não era tudo, o contra almirante Carlos Molina Tamayo, um dos principais líderes militares do golpe, usando dos mesmos benefícios de Pedro Carmona, consegue ludibriar a segurança e se refugia na residência diplomática de El Salvador, onde, de lá, pede asilo político. No dia 07 de junho, depois da autorização de salvo conduto de Chávez a Molina, ele embarca no Aeroporto de Maiquetía em Caracas e chega ao mesmo dia em El Salvador, são e salvo²⁴⁹.

Por outro lado, o Ministério Público - que já havia decretado a prisão de diversos bolivarianos e populares que se defenderam dos grupos armados da oposição burguesa, em troca de tiros, cujo principal deles era Richard Peñalver da ponte Laguno que estava preso - não atua a favor dos populares. Pelo contrário, no dia 6 de junho o Ministério Público pede a prisão de mais três que são: Amílcar José Arroyo, José Antonio Ávila e Carlos Rafael Fernández, pelos delitos de intimidação pública, resistência à autoridade e uso indevido de arma de fogo. Neste sentido, a política do governo em neutralizar seus apoiadores mais radicais, promover seus correligionários mais conservadores e conciliar com a oposição, surte efeito.

Entretanto, embora esta política de Chávez saia vitoriosa, a mesma é muito contestada, no mês de agosto, momento em que os Círculos Bolivarianos e populares ensaiam uma ruptura com os mandos do governo. Ao avaliar o processo, surgem muitas evidências de que, no período entre agosto de 2002 a dezembro do mesmo ano, os CBs se colocaram fora do controle de Chávez, ainda que não em sentido de uma linha contínua, mas de vai e vem, destacando que o próprio governo foi posto em contestação por estes setores. O primeiro fato de grande vulto, que provoca toda esta onda de ascenso, se produz ao mesmo tempo em que os setores populares vinham sendo reprimidos, seja pela polícia ou pela justiça, que soltava os golpistas e prendia os “saqueadores” e “pistoleiros”. No entanto, quando o TSJ não condena os golpistas, “o balde” transborda. Aconteceu que, no dia 31 de julho, o TSJ, reunido em sessão para julgar os militares acusados do golpe, o general de divisão Efraín Vasquez Velasco, o vice-almirante Héctor Ramírez, o general de brigada Pedro Pereira e o contra almirante Daniel Comiso Urdaneta, profere como sentença o inocentamento destes quatro principais, sendo que o quinto, Molina, havia fugido. A revolta foi tamanha, pois os

²⁴⁸ Oficiales piden reiniciar investigaciones. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 16 de mayo de 2002. N. 16.523, p. 09.

²⁴⁹ Carlos Molina Tamayo llegó ayer a El Salvador. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado, 08 de jun. de 2002. N. 16.546, p. 11.

populares estavam nas portas do tribunal esperando o julgamento e uma condenação, porém, o que houve foi absolvição. Neste momento, Caracas se transformou em um campo de batalha.

Por segundo día consecutivo la violencia se apoderó de los alrededores de la alta corte. Afectos al régimen y antichavistas desataron una verdadera batalla campal en donde piedras, botellas, palos, contenedores de basura y cauchos quemados fueron los protagonistas del día.

Mientras un contingente de la Guardia Nacional protegía la fachada de TSJ, cerca de 1.200 efectivos de la Policía Metropolitana se encargaron de controlar a los afectos al oficialismo quienes al grito de “muerte a los golpistas” y “militares golpistas al paredón” intentaban llegar a la sede del TSJ²⁵⁰.

A revolta foi generalizada, uma vez que se esperava uma justiça pelos mortos caídos no processo do golpe de 11 de abril. Contudo, o TSJ avaliou que o Ministério Público não havia apresentado provas suficientes. Posteriormente, nem o termo golpe foi aceito por estas instâncias. Na primeira quinzena de agosto vão acontecer fortes confrontos, uma vez que não se aceitava esta decisão, tanto que foi necessário todo o aparato chavista, inclusive os quadros de primeira linha do governo, para barrar a revolta popular generalizada, para o governo não perder o controle da situação: “*La decisión de a alta corte desmonta la mentira de que el presidente Hugo Chávez controla los poderes públicos. Creo que el dictamen demuestra que tenemos un Poder Judicial autónomo*”. Nestes termos, não houve papel mais criminal para a organização popular que o executado por José Vicente Rangel, que expressa estas tristes palavras em avaliação à sentença do TSJ, que libertava os militares golpistas.

Esta forte revolta, com enfrentamentos, que se inicia com esta primeira sentença do TSJ, faz com que o vice-presidente José V. Rangel tenha de descer pessoalmente às manifestações para acalmar os populares. Rangel vem não como um orador de tribuna, mas como pessoa do povo, caminha no meio da multidão, pede, dialoga para que todos aceitem os resultados das instituições democráticas, como necessário para que o processo revolucionário bolivariano siga firme. No entanto, estes populares não querem ouvir o vice-presidente Rangel, e no dia seguinte a revolta percorre o centro de Caracas

²⁵⁰ El TSJ rechazó la propuesta de enjuiciamiento a militares. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 01 de agosto de 2002. N. 16.600, p. 09.

em um forte dia de batalha campal: é então que o próprio presidente Chávez sai para barrar o movimento:

Según el presidente de la Republica, Hugo Chávez, quien se pronunció desde Miraflores en horas de la tarde, los culpables de los hechos de violencia fueron un “pequeño grupo de anárquicos y provocadores”, que ya estaban siendo investigados.

“Ordené a la Guardia Nacional que ocupe posiciones en la ciudad para garantizar el orden público y la paz. Porque no hay razón que estas personas estén truncando avenidas y lanzando piedras”, enfatizó el primer mandatario en su escueta declaración a los medios²⁵¹.

A justificativa de Chávez era de que não havia razão para os distúrbios. Neste sentido, aquela antiga pergunta de qual era a verdadeira *diferença dos interesses de Chávez e os interesses da oposição golpista* volta a soar com maior força. Enquanto os populares estavam presos por “saques”, outros bolivarianos que tiveram de acirrar a luta, no dia 11 de abril de 2002, e em legítima defesa trocar chumbo, são presos como “pistoleiros”; os acusados do golpe absolvidos. Isto não estava sendo aceito pelas pessoas, e ouvir de Chávez que eles eram um pequeno grupo de anárquicos e provocadores deixava-os atordoados. Houve uma crise no movimento neste momento, crise que se desdobra em mais violência: é quando foi necessário que todos os principais quadros do MVR, os bolivarianos, descessem à população mobilizada para barrar o que já era um descontrole. Assim, o presidente da Assembléia Nacional, William Lara do MVR, sai em declaração *“Si un ciudadano asume una conducta violenta, independientemente de la afinidad política que profese, está incurriendo en una actitud antidemocrática, la cual tiene ser rechazada...”*. O deputado Tarek Williams Saab, o poeta da revolução, da mesma forma chama à reflexão: *“Hago un llamado a la calma y a la cordura a quienes piensan que actuando de esa manera tan violenta le están haciendo un favor al proceso de cambio revolucionario que lidera el Presidente de la Republica Hugo Chávez”²⁵²*.

Todos estes defensores chavistas e membros do movimento bolivariano, além do próprio Chávez, procediam intervenções de modo cada vez mais forte, à medida que os setores populares não se demoviam de suas vontades de avançar com o processo, e não

²⁵¹ Fuertes disturbios dejaron ocho heridos en Caracas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 03 de ago. de 2002. N. 16.602, p. 08

²⁵² IDEM.

retrocediam. Neste meio, Caracas se transformava cada vez mais em campo de batalha. No centro da cidade já não trafegava transporte público, a linha dois do metrô teve de ser paralisada, nos confrontos do dia 2 de agosto, barricadas se formavam nas vias. A Polícia Metropolitana, sob o controle da oposição pelo prefeito Alfredo Peña, antigo parceiro de Chávez no movimento bolivariano e agora ao lado da oposição golpista, desfechava uma sangrenta repressão a estes populares. Esta polícia era dirigida pelo carniceiro Henry Vivas, responsável pelas mortes de diversos manifestantes, no dia 11 e principalmente no dia 12 de abril, quando Carmona já estava no poder²⁵³. Assim, o quadro não era nada alentador, pois, se, de um lado, as direções bolivarianas desautorizavam as manifestações de revolta popular, em contestação à ordem do TSJ, de outra, a oposição aproveitava para despejar seu ódio represado sobre os manifestantes. Era uma situação muito contraditória e a fala de Diosdado Cabello, ex-vice-presidente e agora Ministro de Interior e Justiça é emblemática sob este ponto de vista “*Diosdado Cabello, culpo a la PM de atacar a los manifestantes con bombas lacrimógenas y perdigones “Antes de reprimir a las personas debieron conversar con ellas”, indico*”²⁵⁴.

O titular da *Fiscalía*, que responde em âmbito nacional pelo Ministério Público, Isaías Rodrigues, e que havia se colocado contra a posse de Pedro Carmona Estanga, via também com preocupação a situação e pedia que se aceitassem as decisões do TSJ.

Como o movimento permanecia em constantes mobilizações, nesta primeira quinzena de agosto, foi necessário que Chávez fosse mais enfático aos setores em luta, para demover do intento de aprofundar as lutas como queriam. É então que Chávez deixa claro que:

*“Estos militares estuvieron sin duda allí, comprometidos en el golpe, pero es bueno que sepamos y tengamos esto en la conciencia y en la mente, esos militares ni siquiera son los verdaderos autores intelectuales y conspiradores, ellos fueron manipulados. Si fueron condenados, a lo mejor yo les hago un sobreseimiento (sic). Recuerden que yo estuve preso dos años”*²⁵⁵.

²⁵³ No vídeo documentário *A revolução não será televisionada* pode-se ver cenas do dia 12 de abril de 2002, em que a polícia metropolitana encerrava manifestantes desarmados e os executa friamente sobre o solo. Fatos que fizeram ainda mais a população dos bairros pobres de Caracas se indignarem com o golpe de Carmona e descerem os morros em direção ao Palácio de Miraflores.

²⁵⁴ Fuertes disturbios dejaron ocho heridos en Caracas. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 03 de ago. de 2002. N. 16.602, p. 08.

²⁵⁵ Hugo Chávez evalúa indulto para acusados de rebelión. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 14 de ago. de 2002. N. 16.613, p. 06.

Os setores populares radicalizados não ouviam os clamores e agiam por própria conta, criando seu próprio poder de decisões e ações, e isto era mau para o governo. A situação chega ao ápice, quando, no dia 14 de agosto, o TSJ dá a decisão definitiva, inocentando os 4 militares processados, alegando que a pena de rebelião militar não está estabelecida no artigo 467 do *Código Orgânico de Justiça Militar*, que somente descreve o fato, mas não oferece qualquer pena para o feito²⁵⁶. Isto foi como um estopim e a massa mobilizada sai atônita a protestar furiosamente, e mais uma vez José V. Rangel se coloca em seu papel de conciliador: *El primero en pronunciarse fue el vicepresidente de la República, José Vicente Rangel, quien exhortó a los chavistas a mantener la tranquilidad y aceptar el dictamen del máximo Tribunal. “Vivimos en un juego democrático y hay que respetar sus reglas” señaló*²⁵⁷. A revolta novamente é imensa, e nestas horas difíceis foram necessários todos os quadros do MVR para desviar os populares das ações diretas que estavam tomando. O grito de ordem das massas era *“Justicia popular es hora de luchar o los cerros bajarán y los ajusticiarán”*. De fato, se não fosse uma rápida e contínua ação das direções bolivarianas em frear o movimento, a massa muito possivelmente teria descido dos morros e colocado fogo no prédio do TSJ e o desdobramento disto era imprevisível.

É necessário observar que esta revolta popular e a ação de sair às ruas contra as resoluções do TSJ não aconteceram somente em Caracas. No interior do país, o movimento também queria justiça:

Una vez conocida la decisión del Tribunal Supremo de Justicia, los seguidores en Anzoátegui del Gobierno del Presidente Hugo Chávez reaccionaron. Algunos, con el Kit Bolivariano, tomaron la Plaza Bolívar de Barcelona y desde allí rechazaron pacíficamente la sentencia.

“No compartimos la decisión del Tribunal, la orden por ahora es permanecer en las calles protestando. Si aquí hay muertos los únicos culpables serán los jueces. El pueblo los juzgará”, dijo Amado Torres, dirigente de los Círculos Bolivarianos.

*El alcalde de Bolívar, José Fernández, se apersonó, les pidió abandonar la calle y concentrarse hoy frente a la alcaldía. Dijo que la decisión tribunalicia es un golpe institucional*²⁵⁸.

²⁵⁶ El TSJ negó tesis de rebelión al sobreseer causa a oficiales. *El Tiempo* Puerto La Cruz, jueves 15 de ago. de 2002. N. 16.614, p. 06

²⁵⁷ IDEM. p.09.

²⁵⁸ IDEM. p. 03

A indignação não era somente em Caracas, explodia por todo país, e os dirigentes do MVR, da mesma forma, saíram para apaziguar os ânimos dos populares. No caso da capital Barcelona, o Prefeito José Fernández, da direção bolivariana do estado, saiu para combater a mobilização popular que pedia a prisão dos culpados e a cabeça do governador, o trãnsfuga David de Lima. O sentimento era de justiça popular aos culpados, objetivo que extrapolava, de longe, os interesses de conciliação de classes de Chávez.

O bloco da oposição canta vitória neste momento e festeja, em seu reduto, em Chuao, o primeiro triunfo judicial sobre o governo, e principalmente sobre os setores populares. Com esta prerrogativa saem definitivamente para construir o próximo *Paro* que ocorre em outubro do mesmo ano.

No processo de lutas, muitas ações vão se dando simultaneamente. Quando toda esta efervescência sucedia nos julgamentos dos golpistas, a oposição não parava de criar novas ações. Neste sentido, em meados de junho, a Fedecámaras, agora com um novo presidente, Carlos Fernández, uma vez que Pedro Carmona Estanga havia fugido do país, lança uma nova campanha para debilitar o governo. Trata-se de um movimento de desobediência tributária, em que se chamavam os empresários a não pagar seus impostos ao governo no sentido de enfraquecê-lo²⁵⁹.

Paralelo a estas ações, os setores oposicionistas tomavam medidas no intuito de se armarem. Foi uma corrida às lojas de venda de armamentos que os estoques de armas, em diversas áreas, se esgotaram. Além desta medida, em bairros destes setores foram instaladas condutas de seguranças, tais como contratação de pessoal, aparelhos, e mesmo a construção de trincheiras e barricadas de sacos de areia, esperando um confronto em grandes proporções²⁶⁰.

A oposição, neste momento, já se havia aglomerado em uma organização chamada de *Coordinadora Democrática* - CD -, que compunha as organizações com que já trabalhamos, como CTV e Fedecámaras, contudo, sua abrangência vai muito além. Segundo dados de seus representantes, a organização possuía cerca de 30 ONGs e 10 partidos políticos. Esta *Coordinadora* vai tentar levar a cabo os outros passos, que serão o *Paro* de outubro e o de dezembro, além de uma ocupação militar realizada no mês de outubro, na Praça de Francia, no bairro de Altamira, em Caracas.

²⁵⁹ Seniat condena el llamado a desobediencia tributaria. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 15 de jun. de 2002. N. 16.553, p. 09.

²⁶⁰ Presidente de Cazor criticó autodefensa en complejo El Morro. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 09 de jul. de 2002. N. 16.577, p. 09.

Em meio a toda esta diversidade, não se pode esquecer de que a política conciliatória de Chávez, em frear as mobilizações de ambos os lados, está como medida de primeira linha. Como ele havia logrado alguns sucessos entre seus correligionários, também vai lográ-los no meio da oposição, conquistando um setor da oposição burguesa que não mais se lançará contra seu governo e também não estará na CD, principalmente um setor mais identificado com o que se poderia chamar de uma espécie de burguesia nacional. Expressão disto é Francisco Natera, empresário venezuelano²⁶¹. Ao mesmo tempo, com as cunhas que Chávez vai introduzindo por todos os lados, tal política contribui para que a própria *Coordinadora Democrática* – CD²⁶² se fragmente em 3 forças mais visíveis que são: pró golpe militar efetivo novamente, trata-se de um setor representado pelos militares que vão ocupar a Praça Francia, a partir de outubro de 2002; outro, de derrubada de Chávez, porém, não usando um golpe militar direto, mas matando o governo por asfixia, são expressões desta corrente a CTV de Carlos Ortega, a Fedecámaras de Carlos Fernández e a Igreja, por meio da conferência de bispos venezuelanos, representada pelo bispo Baltasar Porras; e a última corrente está mais identificada com uma expressão do grupo *Queremos Elegir*, que via a necessidade de derrotar o governo pela via legal, conseguindo as assinaturas que a Constituinte exigia para realizar um referendo revocatório e, assim, legalmente, destituir o Presidente Chávez. Todas estas forças políticas, na mesma sequência aqui elencadas, vão constituir etapas de predomínio dentro da oposição burguesa, esgotando uma, se coloca a outra.

A primeira força política tentará um segundo golpe militar, sua atuação está pautada até final de novembro e primeiros dias de dezembro. A segunda é a que vai dirigir o Paro de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003, quando é derrotada definitivamente e ocorre a prisão de Carlos Fernández, presidente da Fedecámaras, e Carlos Ortega da CTV foge do país. A terceira inicia-se a partir da derrota do *Paro*, em fevereiro e vai até agosto de 2004, quando é definitivamente derrotada no referendo revocatório que confirma a permanência de Chávez no governo até o fim de seu mandato em 2006.

Todavia, nada estava claro e definido no decorrer do processo, e como Chávez usa uma política de perseguição aos seus correligionários aguerridos, enquanto, ao

²⁶¹ Esta é a opinião de Luis Peres, um de nossos entrevistados. Tal opinião faz sentido, contudo, com ponderações, já que, para uma maior apreciação, haveria que aprofundar a discussão, ação que não podemos seguir devido aos nossos objetivos e espaço.

²⁶² Coordinadora Democrática descarta fractura interna. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 13 de jul. de 2002. N. 16.581, p. 10. Ver também n. 16.589.p.10.

mesmo tempo, procura uma conciliação com a oposição golpista, isto oferece novamente forças a estes setores. Com este quadro, a oposição se lança à construção de outro *Paro* para outubro. Sabendo disto, o governo chama mais uma vez estes setores a refletir sobre suas atitudes:

“Los golpistas de abril, sobre todo los planificadores intelectuales, que son sectores privilegiados con ramificaciones internacionales, siguen buscando mil maneras de sacarme”, sentenció.

El mandatario exhortó a la cúpula económica y a los trabajadores “honestos” a no dejarse manipular por los “empresarios falsos, de maletín y de conspiraciones”, quienes pretenden llamar a un nuevo paro nacional²⁶³.

A partir desta política, o governo tenta demover as intenções da oposição, chamando inclusive os banqueiros a ajudar a solucionar a crise econômica pela qual passava o país, *“Necesitamos una banca fuerte y consciente que ayude al desarrollo nacional”*. Ao mesmo tempo, o próprio movimento *Unidos por la Democracia*, com cerca de 14 organizações políticas e mais 20 organizações diversas, se soma à *Coordinadora Democrática* – CD – aumentando ainda mais a força desta organização.

Por outro lado, os setores populares, ainda que passado o mês de agosto, em que o protesto contra as decisões do TSJ havia feito com que Caracas se tornasse um campo de batalha, permaneciam em lutas e constantes escaramuças. Setores, estes, que o governo não controlava, e, ao mesmo tempo, chamava a própria Polícia Metropolitana, de autoridade de Alfredo Peña, o carniceiro da oposição golpista, para que viesse dissolver estes grupos:

El Comando Táctico del Movimiento Quinta República (MVR), responsabilizó al alcalde metropolitano, Alfredo Peña, de permitir la proliferación de actos de violencia en la esquina de puente Llaguno, ubicada en las adyacencias de Miraflores.

El director político de la organización y presidente de la Asamblea Nacional, William Lara, hizo un llamado para que no sólo Peña, sino todas las autoridades capitalinas, incluso el alcalde de municipio Libertador, Freddy Bernal, asuman sus competencias de resguardo y protección en el marco de las normas del Estado de derecho democrático.

Lara aclaró que no le corresponde al MVR actuar para impedir que se repitieran actos de violencia similares al del pasado fin de semana, cuando un

²⁶³ Chávez acusó a empresarios de querer quebrar el proceso. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 26 de ago. de 2002. N. 16.625, p. 09.

vehículo que trasladaba a un equipo periodista del canal de noticias Globovisión fue atacado por defensores de la revolución chavista. Y es que según Lara, los agresores no son militantes del partido de gobierno. “Nosotros sólo somos responsables de la conducta de aquellos integrantes del MVR. Estas personas son grupos autónomos que no reconocen la autoridad partidista. De hecho, los propios dirigentes del MVR han sido cuestionados por quienes se congregan en puente Llaguno”, dijo Lara luego de condenar la violencia contra Globovisión²⁶⁴.

O significado desta posição do governo é de grande importância. Assim como se abriam brechas para o novo *Paro*, a própria imprensa mais uma vez veio a se somar aos golpistas, por isto não era à toa a revolta popular contra os meios de imprensa do país, que declaradamente apoiavam a derrubada iminente de Chávez e se somavam ao novo *Paro* de 21 de outubro:

Es la tercera vez en menos de un año, que un grupo importante de venezolanos recurre a un acto extremo para ser escuchado: el paro cívico. Así fue el 10-12-2001 y el 09-04-2002. Hoy no sólo se mantienen intactas las razones que impulsaron los reclamos de las dos ocasiones anteriores, sino que la crisis de gobernabilidad que el mismo ha desatado al desconocer a una masa creciente, ha paralizado al país en un estado de expectativa que profundiza la crisis económica. Por todo ello, este diario se suma al paro y no circulará el día de mañana. Esta decisión empresarial no compromete nuestra política editorial. Con la misma firmeza, y como lo hemos demostrado en 44 años, mantendremos una cobertura balanceada de la noticia²⁶⁵.

Portanto, o novo *Paro*, de 20 de outubro de 2002, insurge com uma adesão ampla, ainda que este *Paro* estivesse sendo feito somente para que a oposição tivesse uma verdadeira dimensão de suas forças depois dos episódios de 11 de abril, quando foi, posteriormente, derrotada. Neste sentido, este *Paro* de outubro foi pensado principalmente para avaliar a correlação de forças.

No dia 22 de outubro, por meio da imprensa, foi avaliada sua abrangência e, segundo a CTV e Fedecámaras, ela foi de 84% de paralisação das atividades nacionais. Número, este, muito superior ao real. Desta vez não se ofereceu o quadro de paralisação

²⁶⁴ MVR acusa a Peña por permitir violência. *El Tiempo* Puerto La Cruz, lunes 24 de Sep. de 2002 N. 16.654, p. 09.

²⁶⁵ Editorial. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 20 de Oct. de 2002. N. 16.680, p. 01.

por estados, como antes: se ofereceram apenas dos estados de Anzoátegui e Sucre 90%, Nueva Esparta e Monagas 85%, Bolívar 60% e Capital 80%²⁶⁶.

Por outro lado, o governo, pela primeira vez, admite a existência de paralisação em algumas áreas, uma vez que nos outros *Paros* sempre dizia que a normalidade e presença ao trabalho havia sido de 100%. Desta vez, a ministra do trabalho, Maria Cristina Iglesias, disse que o setor público trabalhou em 90%, e a PDVSA 100%, ou seja, admitia que 10% não haviam ocupado seus postos de trabalho. No entanto, o presidente da PDVSA, Alí Rodríguez Araque, mostrava outros números em seu relatório, segundo o qual havia parado 80% de todo setor de gerência da empresa, na capital, e, no interior do país, procedera-se uma paralisação em torno de 35%.

Com este *Paro* de 20 de outubro se impulsionou outro caminho para a oposição burguesa, visto que, embora a corrente favorável a um novo golpe militar sob Chávez estivesse na ordem do dia e atuando, o setor da gerência petroleira se fortalece sobremaneira após este evento. Sua coesão a partir de então vai ser muito forte, e, sempre na ofensiva, provocará uma crise ainda não vista na vida do país. Contudo, antes que o setor da gerência petroleira tomasse a dianteira do movimento, o setor militar em rebeldia contra o governo vai fazer seu último intento. No dia 22 pela tarde, em rede de televisão, um grupo de 14 militares de alta patente, incluído aí os que não haviam sido condenados pelo TSJ, lança um comunicado à nação, declarando desobediência legítima para retirada de Chávez. O general, que lê a declaração, é Enrique Medina Gomes, que convoca a população a ocupar a Praça Francia, em Altamira, bairro de classe alta em Caracas. Imediatamente a praça é tomada pela oposição e militares que começam a primeira vigília e seus primeiros atos para construir o momento de um novo golpe militar²⁶⁷.

Tudo isto se deu dois dias depois do *Paro* de 20 de outubro, ou seja, as atitudes conciliatórias de Chávez estavam fortalecendo novamente a oposição. A Fedecámaras e CTV, no outro dia, oferecem nota de apoio ao movimento militar de Altamira, que logo congregava centenas de militares que foram se alçando contra o presidente e solicitando sua destituição imediata. Todavia, a CTV e Fedecámaras não davam carta branca aos militares, já em seus comunicados as duas organizações solicitavam paciência e tranquilidade, nenhum golpe militar seria apoiado pelas duas entidades. No dia 27 de

²⁶⁶ CTV y Fedecámaras aseguran que el paro se cumplió en 84%. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 22 de oct. de 2002. N. 16.681, p. 11.

²⁶⁷ Militares del 11-A llamaron a “desobediencia legítima”. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 23 de oct. de 2002. N. 16.682, p. 11.

outubro, o Tribunal de Control n. 8 condenou a insubordinação militar e ordenou a prisão dos militares, ação não efetivada²⁶⁸. Eram cerca de 600 militares na praça, com apoio da população oposicionista, assim a lei somente servia ao lado fraco, já que muitos populares e chavistas aguerridos ardiam nas cadeias do país, no entanto, a oposição sempre contou com a complacência, ou se outros preferirem, com incapacidade do governo Chávez em fazer a lei cumprir para estes militares insubordinados.

Quando chega o dia 05 de novembro se instala um grande conflito na capital, pois, se, de um lado, os militares estão na Praça Francia organizando como colocam o golpe em ação, de outro lado, a CD vai neste dia em grande passeata entregar as assinaturas ao CNE. Assinaturas que pediam a abertura de um novo processo eleitoral para substituição de Chávez. Postada nas proximidades do CNE estava outra manifestação popular para impedir o intento desta entrega, o confronto, então, se deu entre a polícia Metropolitana de Alfredo Peña e os populares, para que, limpo o terreno, pudesse passar a oposição. Rodolfo Baptista jornalista de Caracas descreve a escaramuça:

“!Esto es cómo Afganistán!”, gritó un militante chavista, a la 1:45 pm en la esquina Colón de El Silencio. Eran el lugar y la hora del inicio de la confrontación.

“!Ya llegaron!”, “!Pasarán. No pasaran! Se escuchó a modo de grito de guerra, inmediatamente una lluvia de piedras describió una parábola en el aire, a pocos metros de la movilización antichavista que usaba como ariete 2 millones de firmas traídas desde Altamira. Inmediatamente los efectivos policiales respondieron lanzando bombas lacrimógenas...

El apoyo fue creciendo a comienzos de la tarde. Un refuerzo de motorizados bajó hasta el sitio del intercambio. Inmediatamente, la ofensiva se hizo más agresiva. Uno de los revolucionarios, penetró a un terreno en construcción. Para robar un camión de carga. Aceleró el vehículo media cuadra y lo estrelló contra un muro para impedir el avance de opositores y policías.

*En este momento, el centro de Caracas se convirtió en un **pandemónium**. Una densa y arrasadora nube de bombas lacrimógenas se extendió desde las inmediaciones del CNE hasta las proximidades de la Plaza Bolívar; en medio de carreras de pánico.*

Entre las 2:15 y las 2:30 pm la policía ya había despejado el terreno para que ingresara, finalmente, la manifestación opositora que se había mantenido en todo momento a la espera de ganar la batalla. Muchos revolucionarios se replegaron hacia la avenida Baralt y otros hacia Urbaneta, donde se dejó ver el vicepresidente, José Vicente Rangel.

Precisamente Rangel fue la única voz del Ejecutivo que se dirigió a los venezolanos para pedir calma. Rangel felicitó “a los venezolanos por haber reforzado el pensamiento democrático”, y dijo estar satisfecho de que la

²⁶⁸ Oposición crítica orden legal en contra de militares. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 27 de oct. de 2002. N. 16.686, p. 02.

jornada concluyera exitosamente. “No hubo el choque que esperaban”, dijo²⁶⁹.

É difícil acreditar que houvesse tanta harmonia entre o vice-presidente José Vicente Rangel e a oposição. O problema neste momento para o governo Chávez é que uma considerável parte do movimento estava fora do seu controle. Neste sentido, incentivar a repressão sobre seus próprios correligionários, como foi o exemplo do presidente da Assembléia Nacional William Lara, e líder do MVR, e agora de Rangel, dizendo que ganhou o setor democrático, é perceber que a conciliação deveria vir a qualquer custo. Neste dia, a luta foi muito desigual, houve 27 manifestantes chavistas feridos à bala pela polícia Metropolitana para desalojar os populares. O governo dava um banho de sangue em sua própria base. Assim, Chávez e a direção bolivariana não deixavam nada a desejar ao papel bonaparte: *A farda era seu manto de poder; a guerra a sua poesia; a pequena propriedade, ampliada e alargada na imaginação, a sua pátria, e o patriotismo a forma ideal do sentimento da propriedade²⁷⁰.*

Mediante todo este cenário, os militares rebeldes da Praça Francia decretam *Paro* indefinido para o dia 19 de novembro e, com isto, provocar um cenário para outro golpe militar. Entretanto, com a divisão que ocorria na CD, as entidades não fizeram o chamado às suas bases, os principais CTV e Fedecámaras não apoiaram, e o *Paro* foi um total fracasso. Assim, é retirada a principal oportunidade deste setor militar de orquestrar o golpe que intentavam²⁷¹. Embora continuasse em rebeldia na Praça Francia, e com um poder paralelo ao de Chávez, este grupo não vai conseguir dar a linha política da CD. Assim, assume definitivamente a direção da CD o bloco que desejava matar o governo por asfixia, ou seja, a linha de Carlos Ortega, Carlos Fernández e Baltasar Porras.

Contudo, antes de se lançar o *Paro* de dezembro, o governo vai se ver submergido em um sério problema, já que, depois de dar respaldo à polícia Metropolitana de Alfredo Peña para usar de toda força contra sua base, os manifestantes repensam a questão. E porquê o governo Chávez agia assim? Isto pode ter várias

²⁶⁹ Barricada chavista detonó nueva carga de violencia. *El Tiempo* Puerto La Cruz, martes 05 de nov. de 2002. N. 16.695, p. 09.

²⁷⁰ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Textos 3 edições sociais*. São Paulo: Alfa-omega, s/d. p. 281.

²⁷¹ Paro convocado ayer por oficiales disidentes transcurrió sin éxito. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles 20 de nov. de 2002. N. 16.710, p. 09.

interpretações: seria porque era preferível o racha da oposição a unificação desta com o setor militar golpista, contradição. Ou talvez também o governo estivesse dividido em sua tática de defesa, ou talvez o grupo popular fosse ultra e a polícia aproveitou disso e o governo omitiu, pois preferia um referendo popular a um golpe militar ou mesmo contribuir com uma mobilização de sua base que pudesse passar por cima de si. Todas são indagações podem ser dialogadas. Neste quadro, a ação do dia 04 de novembro, quando sofreram nas mãos da polícia, faz o problema se agravar para o governo, posto que foi uma ação de repressão da polícia sobre os populares, ação, esta, que contava com respaldo do governo Chávez:

El lunes por la noche había razones para el optimismo, el gobierno parecía dividido. William Lara, Freddy Bernal, José Vicente y hasta la misma Lina Ron, habían intentado que los chavistas se retiraran. Al Final la Guardia Nacional con bombas lacrimógenas disolvió a los círculos bolivarianos²⁷².

Somado a este método do governo Chávez, uma semana depois, em uma nova manifestação popular, a polícia Metropolitana do carniceiro Alfredo Peña fere 15 manifestantes à bala, e matam outros dois, sendo que, dos feridos, 4 estavam em risco de morte. O problema cresce para o governo, uma vez que tal política de reprimir sua base estava saindo pela culatra, de tal modo que, no dia 13 de novembro, Chávez resolve iniciar o patrulhamento da capital com a Guarda Nacional e assim tentar reprimir seus apoiadores mais aguerridos com certa prudência. Os confrontos eram praticamente cotidianos, entre chavistas e as bandas armadas da oposição, além da polícia Metropolitana. Em um dado oferecido pela imprensa, desde Caracas, uma cifra, a partir de julho, registra nas manifestações 127 feridos, sendo 61 à bala, e dois mortos²⁷³.

O problema havia se agravado muito, e, da mesma forma como esta polícia executa a repressão, uma parte de seus integrantes, que sentem a pressão popular e vivem em condições de vida similares aos populares pobres dos bairros periféricos ou favelas, se insurge contra esta política de repressão. Com isto, uma parte da polícia entra em desacordo com os setores reacionários da corporação que estavam, de bom grado, fazendo a repressão. Isto produz confrontos entre as polícias, com troca de tiros, tomada

²⁷² En el disparadero. *El Tiempo* Puerto La Cruz, miércoles, 10 de nov. de 2002. N. 16.710, p. 01. anexo.

²⁷³ Defensoría acusó a PM por muertos y heridos de la refriega violenta. *El Tiempo* Puerto La Cruz, sábado 16 de nov. de 2002. N. 16.706, p. 09.

de instalações, e uma crise se instala nesta polícia de Alfredo Peña. É então que, sob uma forte crise, o governo resolve intervir nas polícias com as Forças Armadas:

En la capital ayer, amaneció temprano. La noticia de una intervención inesperada en la Policía Metropolitana puso en alerta a los caraqueños a partir de las 3 de la mañana de este sábado. Pero la medida dictada por el Gobierno tuvo sus contratiempos y el órgano de seguridad es todavía escenario de enfrentamientos internos por su control. En menos de 24 horas ha habido tres directores y aún no se sabe quién es la autoridad²⁷⁴.

É este quadro que vai se conformando, quando se aproxima o final de novembro, às vésperas do *Paro petrolero de dezembro de 2002*. Ao mesmo tempo, se de uma parte o movimento esquenta em confrontos e instabilidades para o governo, da mesma forma o governo age para dar resposta a este flanco antes que se torne uma frente efetiva contra si. Isto, porém, não era tudo, havia a mesa de negociação entre governo e oposição burguesa, em que a oposição passou a centrar-se em 4 pontos básicos sua pauta, que eram: oferecer uma saída eleitoral imediata para resolver a crise; fortalecer o sistema eleitoral; constituir a Comissão da Verdade que não atuava e, por último, desarmar a população²⁷⁵. Ou seja, o governo estava tendo que dar muitas respostas de uma só vez para manter sua governabilidade. Em novembro, a situação não era fácil para Chávez, produto, por certo, de sua política conciliatória e tudo isto vai vir à tona nos primeiros dias de dezembro, quando os setores mais consequentes sabiam que os embates seriam muito duros. Assim, se preparavam tanto a oposição, quanto os setores organizados dos movimentos operários e populares:

Numa Losada y Eudis Girot, voceros del Bloque Petrolero Patriótico que agrupa a sindicatos regionales como Pequimar y La Jornada, enfatizaron que para detener “la escalada golpista que prepara la línea gerencial” se está organizando en Puerto La Cruz un plan de contingencia, en el que participarán todas las asociaciones de vecinos del área de influencia de la Refinería²⁷⁶.

²⁷⁴ Intervención de la PM genero tres cambios de directivos. *El Tiempo* Puerto La Cruz, domingo 17 de nov. de 2002. N. 16.707, p. 08.

²⁷⁵ IDEM. p.03 anexo.

²⁷⁶ IDEM.p.03.

Para dezembro, o campo de batalha estava preparado e, em linhas gerais, três concepções estavam colocadas, a do governo que acreditava ainda na possibilidade de conciliar; a oposição que vislumbrava uma vitória com o fortalecimento de todos seus setores, nestes meses pós golpe de 11 de abril; e, por último, um setor operário muito pequeno, mas consciente de seu papel e uma massa de populares que desejava avançar com o processo e com isto salvar o governo, ainda que para uma parcela destes as experiências com Chávez não fossem das melhores. Porém, haveria que lutar para não permitir o retrocesso e a volta de seus antigos algozes ao poder político do país. É assim que se entra no *Paro Petrolero de dezembro de 2002*.

IV CAPÍTULO: QUANDO OS TRABALHADORES LUTAM, POSSIBILIDADES SE VISLUMBRAM

O *Paro de dezembro de 2002* tem início no dia 02, e promete derrubar o governo que, embora fazendo de tudo para reconciliar as classes sociais, não era confiável para controlar o movimento de massas, em especial os CBs, sob a ótica burguesa e os costumes dos antigos partidos que dirigiram o país até 1998. E como o mês de outubro de 2002 serviu para medir a força que a oposição *escualida*²⁷⁷ possuía, sua avaliação era de que quanto mais contundente, mediático e implacável fosse sua força de asfixiar a economia do país, mais rápido Chávez cairia em suas mãos para o golpe de misericórdia e tudo voltaria a seu controle.

Neste sentido, quando acontece o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, a disposição da oposição burguesa era de levar até o fim a contenda a qualquer custo. Possuía ainda atenção para que seu setor militar, composto na Coordenadora Democrática – CD -, não saísse de controle e de fato levasse disciplinadamente os mesmos passos do planejado, durante todo este tempo de preparação após os resultados de 11 de abril. Assim, o principal elemento, em que a oposição colocava muita atenção, era o setor petrolero, por ser o mais importante economicamente, portanto, este setor econômico deveria ir com toda força ao *Paro*. E, de fato, o *Paro petrolero* foi o mais importante de toda esta história e se iniciou com uma forte adesão, conforme vemos na interpretação de Héctor Rincón, petrolero da refinaria de Puerto La Cruz e militante do *Movimiento Clasista La Jornada*:

Es bueno recalcar que yo en ese momento, cuando arranca el paro, que es el 2 de Diciembre, el paro nacional, yo me encontraba trabajando, y el 3 de Diciembre justamente el día martes – el 2 arranca el paro nacional con Fedecámaras y todos los sectores y la CTV – es cuando se pronuncia, es bueno reseñarlo, es cuando se pronuncia la parte tecnocrática que estaba comprometida con el paro petrolero, el 3 se pronuncian ellos y giran toda la línea hacia abajo, a que se paren las operaciones.

El martes 3 me encontraba trabajando, de guardia, de 7:00 a 3:00 de la tarde, cuando salgo a las 3:00 de la tarde evidencio que la parte administrativa parecía un fantasma, parecía como cualquier domingo, eso me llenó de mucha preocupación y empiezo a recorrer las áreas, paso por el llenadero, había una que otra gandola, que estaba entrando y saliendo, me voy a hacer unas diligencias personales, pero a las 5:00 de la tarde, pendiente todavía de la situación, llamo a un compañero camarada, Félix Ramírez,

²⁷⁷ A oposição que fazia os movimentos e ações de maior força contra o governo era conhecida como *Escuálida*, nome que significa *fraca*, embora esta denominação carregue um pouco de pejorativo, a oposição burguesa ao governo Chávez neste momento se assumia *escuálida* sem nenhum problema.

*preocupado, o sea, ¿qué vamos a hacer? Y de una vez evidentemente visualicé que el paro ya estaba dado, que la columna vertebral era Pdvsa*²⁷⁸.

A coluna vertebral de todo o *Paro* nacional de dezembro, nas palavras de Rincón, e nas análises vistas, se localiza na produção de petróleo. A gerência petroleira consegue de fato parar a empresa, levando consigo uma absoluta maioria dos trabalhadores, além de danificar e sumir com equipamentos de controle da empresa para que os poucos que ficassem não restabelecessem a produção. É necessário destacar que uma greve, seja de trabalhadores de base ou gerentes, é plenamente legal sob a ótica da legislação venezuelana, e, sob a ótica da moral operária, inclusive a greve é a arma mais eficaz da classe trabalhadora na luta de classes. Contudo, esta ação de paralisação que a gerência estava promovendo não era fruto de uma decisão discutida abertamente com a base, com participação na pauta de reivindicações, assembleias abertas e democráticas. Era uma paralisação que ocultava os seus objetivos dos operários, e queria, na verdade, restabelecer seus antigos privilégios na empresa. Ora, sob a ótica da moral operária, não se pode levar uma greve ou qualquer outra iniciativa para estabelecer ou restabelecer privilégios e privilegiados no seio da classe operária.

Assim, este *Paro* vai encontrar um forte repúdio no seio dos trabalhadores que possuíam uma trajetória de luta contra os privilégios na classe e a deformação do sindicalismo no país, conforme tivemos condições de visualizar, em oportunidades passadas, em falas de trabalhadores como Félix Rodríguez e Gustavo Guarema. Porém, a luta vai ser árdua, uma vez que a oposição burguesa ao governo Chávez vem com peso, conforme se pode conferir nas fontes de pesquisa que trazem o viés da oposição, a começar pela adesão da imprensa:

*Las razones que impulsaron tres paros nacionales, en diciembre de 2001, y en abril y octubre de ese año, continúan intactas...Retomamos las calles, con el mismo fin de informar de manera responsable. Y para hacer más contundente nuestro apoyo al paro nacional, **El Tiempo** se une a la decisión unánime del Bloque de Prensa Venezolano de circular hoy sin ningún tipo de publicidad*²⁷⁹.

²⁷⁸ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 403. Entrevista com Héctor Rincón, trabalhador petroleiro da refinaria de Puerto La Cruz, Estado de Anzoátegui. Rincón possuía, naquele momento, 14 anos de empresa e trabalhava no setor de refino de petróleo. Foi um componente muito ativo no processo do Paro de dezembro de 2002, e atuou no sentido de manter a produção da empresa e evitar o golpe que se pretendia com esta paralisação.

²⁷⁹ Editorial. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 04 de dic. de 2002. N. 16. 722, p. 01.

A imprensa participa claramente deste outro *Paro*, e, com uma organização chamada de *Bloco de Prensa Venezolano*, ativa uma ampla cobertura a fim de dar a pauta do dia, e o que estava pendente nesta pauta diária era a remoção do governo. A iniciativa da CTV e FEDECÁMARAS, em suas declarações, era de seguir o *Paro*, avaliando-o a cada dia, diferentemente das outras vezes em que se chamou o *Paro* por um ou máximo dois dias. Desta vez se pretendia ir mais longe, embora não sabendo bem como efetuar isto, uma vez que a adesão nos setores comerciais e industriais não havia sido a mesma que nos outros *Paros*. Ocorreu que o próprio empresariado entrou dividido, pois uma parte já se havia conciliado com Chávez, e a outra parte não desejava repetir a mesma forma de 11 de abril. Assim, em linhas gerais, observando os jornais do período, havia uma adesão, segundo a imprensa, de 70% a 90% do setor industrial e comercial nestes primeiros três dias de *Paro*. Informação corroborada por Luis Peres, participante das atividades pelo setor popular e que, no caso de Anzoátegui, confirma que os três primeiros dias apresentaram esta margem, porém, depois, foi abaixando paulatinamente a participação do setor industrial, com exceção do setor petrolero.

Há um primeiro informe oficial da CTV e FEDECÁMARAS, oferecido após completar o quarto dia de *Paro* nacional: Estado de Amazonas 70%, Anzoátegui 85%, Apure 70%, Aragua 85%, Barinas 70%, Bolívar 30%, Carabobo 85%, Cojedes 70%, Delta do Amacuro 70%, Distrito Federal 70%, Falcón 85%, Guárico 70%, Lara 80%, Mérida 85%, Miranda 90%, Monagas 90%, Nueva Esparta 70%, Portuguesa 87%, Sucre 70%, Táchira 70%, Trujillo 75%, Vargas 85%, Yaracuy 80%, Zulia 85%²⁸⁰. Estes números eram mais baixos do que de todos os outros *Paros*, sem levar em conta qual era a porcentagem que estava inflada, contudo, como o governo não apresentava números, ou apresentava que 100% estavam em normalidade, existiam somente estes dados oferecidos pela oposição em âmbito nacional.

A princípio, quando o *Paro* estava na rua, o mesmo não iria ter a força desejada para colocar o governo na parede e depor o mesmo. Porém, alguns fatos vieram mudar um pouco o quadro: um deles foi a repressão que a Guarda Nacional, sob o comando de Chávez, realizou nas imediações das instalações da PDVSA-CHUAO, em Caracas, local reduto da oposição burguesa, onde a oposição permanecia 24 horas do dia. Esta repressão, realizada logo nos primeiros dias, inflamou ainda mais os nervos da *nomina maior* da PDVSA, ou seja, os altos funcionários, pois a Guarda Nacional bateu neles na

²⁸⁰. Conflictividad en ascenso. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, Viernes 06 de dic. de 2002. N. 16. 724, p. 02.

mesma proporção que batia nos apoiadores do governo, quando este não os controlava. Isto causou uma indignação muito forte, até as mulheres sofreram muita violência, e as TVs mostraram imagens de mulheres sendo espancadas sem nenhuma possibilidade de defesa.

Outro fato que veio fortalecer o ânimo da oposição foi que, no dia 6 de dezembro, à noite, na Praça Francia, no bairro Altamira, em Caracas, onde estava em rebeldia declarada um grupo de militares, desde o dia 23 de outubro de 2002, aconteceu um atentado. João De Gouveia, que depois confessa ser o autor, saca suas armas e mata instantaneamente 3 pessoas e deixa outras 29 feridas. Com isto, a arremetida da imprensa sob o governo é violentíssima, pois rapidamente esta localiza a foto de João De Gouveia em manifestações do governo, sendo que, em uma delas, o acusado estava perto do Prefeito Freddy Bernal do MVR. Fato, este, que, efetivamente, o MVR jamais teria objetivo de provocar, pelo contrário, como se teve a oportunidade de visualizar no capítulo anterior, a política do MVR e de Chávez era de se acercar cada vez mais da pacificação e da oposição, ainda que houvesse falhas como a da repressão de Chuao.

Com este ataque de Altamira, a oposição burguesa, em uma mesa conjunta entre CTV e Fedecámaras, declara, no dia 7 de dezembro, o *Paro* indefinido²⁸¹. Assim, o setor da gerência, denominado de *nomina maior* petroleira, que vinha em uma violenta paralisação, usando todo tipo de meios, como as sabotagens das instalações do setor petroleiro, para tudo aquilo que se relaciona com a produção de petróleo. E se, na primeira semana, já faltava combustível nas bombas de gasolina, na segunda, o país se transforma em um verdadeiro caos, com *Paros* em diversos setores da produção.

1 - PARO NAVAL, UM GOLPE FRONTAL: COMO OS TRABALHADORES O NEUTRALIZAM

Embora tenham sido muito importantes, sob a ótica da oposição burguesa, os fatos da repressão em Chuao e os atentados em Praça Francia, a entrada do setor naval no *Paro* veio oferecer uma enorme força para a manutenção do movimento da oposição. O ingresso dos cargueiros petroleiros ao *Paro* e depois a marinha mercante em geral

²⁸¹. Ataques en Altamira abren camino al paro indefinido. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 07 de dic. de 2002. N. 16. 725, p. 03.

salvam a CTV e Fedecámaras, que estavam quase desistindo de manter a atividade, uma vez que os setores comerciais e industriais estavam deixando em isolamento o setor petrolífero, que estava, com o passar dos dias, quase que sozinho assumindo o *Paro*. Nas palavras de Mario Isea, que atuou contra o *Paro petrolífero de dezembro de 2002*, a entrada da PDV marina no movimento da oposição gira totalmente a política da CTV e Fedecámaras, que passam a acreditar efetivamente na derrubada do governo:

¿Ustedes recuerdan que hubo un día en que Ortega estaba en televisión y no se sabía si el paro continuaba o no? Y... Ortega dio toda una argumentación cuya conclusión lógica era decir, y por eso se suspende el paro indefinitivo, y entonces el tipo cuando va a concluir, dio la impresión que se le había perdido el final. Le hacen una seña y dice el paro es indefinido y estalla lo del “Pilin León”, era la confirmación de la Marina Mercante, que no la habían logrado convencer. Ellos necesitaban parar las salidas de buques²⁸².

Ocorreu que, com a entrada da marinha mercante no *Paro*, recobra-se uma força ainda maior para se levar o projeto adiante, pois agora eles haviam conquistado uma ampla estratégia operativa para travar qualquer tentativa de fazer a empresa petrolífera funcionar. A gerência da PDVSA havia ordenado a estratégia da seguinte forma: antes de decretar o *Paro*, em 2 de dezembro, havia trabalhado a todo vapor e enchido todos os reservatórios de petróleo *in natura* do país, de forma que enganou até o governo e seus analistas que viam um pico alto de produção: assim, como se faria um *Paro*? Sucedeu que, ao levantar o pico de produção, a gerência deixou ao mesmo tempo todos os tanques cheios e ainda ludibriou o governo. Quando se instala o *Paro* no dia 2, os tanques específicos para isto estão abarrotados de petróleo *in natura*, assim, nos locais de prospecção, não há como continuar a faina, pois onde a produção seria armazenada? O setor de refino não tinha como atuar, se não houvesse alguns tanques vazios, afinal onde colocaria o petróleo refinado? Em resumo: o petróleo deveria ser embarcado para esvaziar os tanques, para isto eram necessários os navios, contudo estes aderiram ao *Paro*.

Desta forma, com a entrada do setor cargueiro da PDVSA, não havia como fazer circular o petróleo, além do quê, a distribuição por terra também estava travada, pois os donos das transportadoras retiraram suas carretas de circulação e uma boa parte dos

²⁸² *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos*. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 63.

motoristas também não queriam transportar. Em meio a esta crise geral, o governo Chávez dá uma declaração no dia 5 de dezembro:

“Solicitó el patrullaje continuo no sólo por parte de la Guardia Nacional, sino también del Ejército de las diferentes sedes de Petróleos de Venezuela. Además, mandé a activar a la Armada, a la infantería de marina y a la aviación”, acotó el primer mandatario en su primera alocución a la nación luego de haberse iniciado el paro convocado por la oposición. Chávez también ordenó a la FAN rescatar el barco Pilín León, anclado desde el miércoles en la noche en el Lago de Maracaibo, el cual a su juicio fue pirateado por su capitán, Daniel Alfaro²⁸³.

O quadro neste momento era de que, das 13 embarcações da PDV marina, empresa seção da PDVSA responsável pelo transporte marítimo de petróleo e combustível, 9 barcos já haviam aderido ao Paro. Ocorria que, no caso do Pilín Leon, o mesmo estava carregado e havia se posicionado no canal do lago Maracaibo, o que impedia a circulação segura das outras embarcações. A paralisação causava também uma multa diária ao governo, pois as outras embarcações, impedidas de seguir, deveriam receber de 17 a 20 mil dólares por cada dia parado, o que dava uma perda em torno de 260 mil dólares diários²⁸⁴. Nesta mesma data, outras duas embarcações param, somando 11 das 13 naves venezuelanas. Este quadro levou a mídia a divulgar que o país estava um caos, nada funcionava, e os navios parados se tornaram um tema internacional, assim, em uma campanha de insegurança, recomendava-se que outras embarcações não se aproximassem dos portos venezuelanos, uma vez que havia alto risco de explosões. Ao mesmo tempo, a imprensa fez circular a argumentação de que estes navios da PDV marina não poderiam ser ocupados por outras tripulações, pois, não sendo estas capacitadas, o risco de acidentes era fatal. De fato havia risco de acidentes de grandes proporções: caso um barco deste explodisse, os efeitos atingiriam um raio de 15 a 20 km. Então, a campanha para as forças armadas não tomarem os barcos era imensa, assim, em muitos pontos, diversos iates, barcos e lanchas da burguesia opositora faziam um círculo em volta dos navios fundeados para impedir uma operação de tomada dos barcos. Um cenário de desespero era criado pela mídia.

²⁸³ Chávez ordenó militarizar las instalaciones petroleras. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 06 de dic. de 2002. N. 16. 724, p. 05.

²⁸⁴ *Capitán Leal advirtió pérdidas millonarias por buques anclados*. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 07 de dic. de 2002. N. 16. 725, p. 05.

Se, de um lado, a mídia tecia um fim macabro para o episódio dos barcos que aderiram ao *Paro*, de outro, Chávez, como vimos, elabora o grande *Plan Petrolero Soberano*, segundo o qual, exército, marinha e aeronáutica, sob a condução do *Comando Revolucionário Petrolero*²⁸⁵, deveriam tomar as rédeas da situação. Porém, como ironia da história ou simples posição social, mas central na cadeia de produção, quem vai oferecer uma saída para a crise naval serão os trabalhadores. Para isto, apreciar a versão dos fatos pela ótica de Arturo Dávila, capitão mercante, com uma larga experiência no trabalho de pilotagem dos barcos que chegam para descarregar ou carregar nos portos de Maracaibo, é importante para compreender esta crise. Em sua opinião, tudo começa mesmo no dia 2 de dezembro de 2002:

*Parece que por desconocimiento hubo intento de involucrar a todos los compañeros. Ese día, el día 2, bueno, salió declarando el capitán Blandín y otra gente que decía representar a los Marineros Mercantes pero nadie los tomó en cuenta. Pero resulta que llegó el día 4 y se para el buque tanque "Pilín León" ... El paro aún no se había declarado, El "Pilín León" había llegado, había fondeado, pero no se había declarado el paro. El paro se declara después de la masacre de Altamira". El capitán Daniel Alfaro... sale uniformado dando declaraciones de que se adhiere al paro, y la primera impresión que da, por el uniforme, es que hay un militar declarando, pero nosotros no somos militares, sino funcionarios*²⁸⁶.

A situação que se forma, no sentido de fortalecer o *Paro*, ocorre, a partir do atentado em Praça Francia, no bairro Altamira, em Caracas. Por diversas fontes, se confirma esta versão, seguida da adesão das embarcações que potencializa um clima de descontentamento com Chávez e, ao mesmo tempo, um apoio à oposição burguesa. Esta percepção é importante, embora não menos relevante seja o sentido de pertencimento de Arturo Dávila ao quadro de funcionários, ou seja, de trabalhadores, ainda que vestisse farda branca. Sente-se trabalhador e este sentimento é que o leva, quase que sozinho, a tomar as iniciativas de colocar os barcos novamente em funcionamento.

²⁸⁵ Este Comando Revolucionário Petrolero era uma equipe aprovada por Chávez, que além de contar com apoio de elementos das três forças militares, compunha também uma tecnocracia petroleira. O que mais identificava este grupo em seus deslocamentos era a semelhança de um esquadrão militar. Porém, suas armas eram os laptops. Este comando técnico se mostrou totalmente ineficiente no momento em que era necessário reativar a indústria petroleira.

²⁸⁶ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos*. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 38.

Para Dávila, estes barcos parados não poderiam inviabilizar, desta forma, a produção petrolífera e poderiam ser substituídos por barcos de outras bandeiras, contudo a mídia contou com esta situação. Para mover estes barcos bastariam pilotos, não haveria necessidade de trocar toda uma tripulação, pois a questão era levá-los para descarregar, ou retirar para navegar, atividade do ofício de Arturo que ele estava disposto a fazer. Era necessário que o capitão adjunto, responsável pela capitania, reafirmasse a decisão caso ocorresse contestação da tripulação dos barcos parados (isto para os barcos que estavam parados a contra gosto); os que haviam aderido de fato ao *Paro*, era necessária a tomada do barco. Neste sentido, Arturo Dávila faz a primeira retirada de um barco de bandeira panamenha e tripulação cubana do lago de Maracaibo:

... me toca sacar el primer barco, que es el barco ARO. Sacamos ese barco el día 9 a las cuatro de la tarde, pero ahí es cuando arranca el plan de contingencia, como no podía seguir para Guaranao porque si seguía para Guaranao me iban a inutilizar, yo le digo al capitán del barco: "Capitán, al llegar a la boca de Maracaibo, yo me tengo que desembarcar porque yo tengo que volver a sacar otro barco". El capitán del barco cubano me dice: "Sí, yo creo que es verdad, si quieres, vamos a fondear el barco aquí mientras que tú consigues", porque me habían inutilizado las lanchas y todo para desembarque, o sea, para que me desapareciera, o me llevaban para donde iba el barco, Colombia, porque no me podía desembarcar y entonces continuaba la situación. Gracias a Dios pasó una lancha pesquera, y a esa lancha pesquera le digo que si me puede llevar, y el pescador se pegó al barco, me desembarco. Me bajo y me vengo por el "Moján". El barco sigue en secreto, no hubo comunicación con nadie, nadie sabía que había un barco, ellos estaban viendo que el barco salió pero no sabía nadie quién llevaba el barco, y yo me bajo por el "Moján" y saco dos barcos más ese mismo día²⁸⁷.

Na opinião de Arturo, desta forma é que foi dando vazão ao problema do *Paro naval*, atitude a princípio assumida somente por ele, pois era uma atividade de muito risco. A oposição burguesa, quando descobriu que havia um piloto movendo os barcos, o buscou para eliminá-lo. Todo aquele alarde de Chávez, de colocar as três armas do país para remover os barcos, estava também no campo midiático, a ação silenciosa e pronta de trabalhadores como Dávila é que coloca solução real ao problema. De fato, o governo não possuía um plano B para retirar os barcos. Inclusive, percebe-se que sequer havia uma infra-estrutura para auxiliar seus trabalhos. No começo, Dávila teve de contar com pescadores quando regressava a terra. Muitos pescadores se acercaram destes

²⁸⁷ IDEM. p. 40.

barcos e procuraram dialogar com a tripulação, pedindo que voltassem ao trabalho, que o que se armava era um golpe. Em diversos barcos, esta ação pronta de pescadores anônimos surtiu efeito, provocando alguns motins em que se prendia o comandante para se liberar o barco.

Ao trabalho de Arturo Dávila se agregou outro piloto no dia 11 e, quando chega o dia 12 de dezembro, quase todos os barcos do lago de Maracaibo haviam sido removidos, faltando somente 3 barcos, o Pilín Leon, Morichal e Moruy. Neste caso da situação de Maracaibo, e em outros diversos pontos da indústria petroleira, além dos gerentes haverem parado, exercia-se uma forte pressão para que os trabalhadores não fossem trabalhar. A argumentação que os gerentes opositoristas usavam era de que eles iriam vencer esta contenda com Chávez e assumiriam os mandos da empresa, e que toda e qualquer pessoa que tivesse trabalhado no *Paro* seria demitida imediatamente. Assim, a grande maioria dos trabalhadores da PDVSA não assumiu seus postos de trabalho, ainda que não fossem da oposição, preferiram se omitir. Neste sentido, em cada setor dos trabalhadores petroleiros que acompanhamos, pudemos verificar uma minoria que agiu contra o *Paro*, o peso de massa se deu com o setor popular que se agregou a estes trabalhadores que não desejavam parar a empresa e isto potencializou a luta.

Dávila discute ainda, em seu depoimento, que o plano era para que faltasse gasolina até 17 de dezembro em Maracaibo, pois mediante este desgaste, se levantaria um bloco insurreto neste local, e outro em Caracas, levando ao combate armado efetivo para retirada do governo. Ao menos neste quesito, a falta de combustível foi solucionada a tempo em Maracaibo, retirando-se a oportunidade desta ação.

Em outras regiões como em Anzoátegui, em Condomínio de Jose, um importante ponto de escoamento marítimo, a situação também vai ser controlada a partir do dia 20 de dezembro, com o carregamento ainda que tímido, porém se efetuando a partir deste porto²⁸⁸. Para o dia 22 de dezembro, anunciavam-se na Bahia de Pozuelo 28 navios, dentre os quais 24 esperando para carregar. Porém, o grande ícone do *Paro Naval* estava com o Pilín Leon que havia se transformado em símbolo para a oposição burguesa, e continuava fundeado no Lago de Maracaibo, o que a fortalecia. Neste sentido, para dar um duro golpe na oposição e dismantelar o *Paro naval*, era necessário remover este enorme barco, manchete dos principais jornais. Arturo, que havia

²⁸⁸ Iniciaron carga de banqueros en el Terminal de Jose. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 21 de dic. de 2002. N. 16. 739, p. 03.

conquistado um forte respeito pelo trabalho que havia feito, foi designado como integrante da equipe de remoção deste barco e nos conta sua versão:

El día que se va mover el “Pilín León”... Nos vamos para el barco y preparamos máquinas, que ellos no se dieron cuenta, pero yo le había dicho al Comandante de Guardacosta que había que llamar a unos periodistas patriotas que habían... y les digo: “Ponganse en el sitio que voy a mover el barco”... Fue muy emblemático que esa fue la toma que salió, porque si no hubiese salido esa toma los escuálidos no hubiesen sacado la toma y hubiese pasado desapercibido... Siempre hubo un sabotaje para mover el barco, pero cuando se montan los hindúes, se hace una revisión y se dan cuenta que han echado agua en los tanques de combustible, han echado agua en los tanques del servomotor, del timón. Todo eso se repara antes del 21. Cuando llegó la tripulación nueva eso lo pusieron a tono. Pero resulta que cuando damos la vueltita, ellos estaban seguros que el barco se iba a apagar, y decían: No, que el barco se va a apagar, que el barco no va a pasar, que va a haber un desastre... Cuando da la vueltita, ustedes ven el humo que echa el barco, bueno, el barco se apaga. Nosotros probamos el barco, damos máquina atrás en este mismo movimiento, hacemos los movimientos, pero ellos no contaban con eso, ellos contaban que el barco iba a pasar directo y, al pasar, se iba a apagar y se llevar el puente por el medio. Cuando nosotros probamos, el jefe de Máquinas que se llama Ernesto Caraballo, logra dominar la situación y dice: “Ya, podemos darle”. Y le metimos un avance y pasamos ese puente a millón, de manera que si se llegaba a apagar en el camino con la estrepada llegara. ¿Qué era lo que nos interesaba a nosotros? Pasar el puente, porque ese barco lo que hacía era estorbar pero no hacía nada. Ese barco podía quedarse ahí y no pasaba nada, pero como era la cuestión mediática teníamos que pasar el puente. Una vez pasado el puente, el barco se podía llevar a muelle con remolcadores y no había ningún problema. El sabotaje fue tan perfecto para parar la producción, que arrancaron desde la base, o sea, “paramos los remolcadores”, como no pudieron parar los remolcadores porque había remolcadores fletados que no pueden meterse en el paro, “paramos la tripulación”; como la tripulación se podía parar pero podían seguir entrando barcos fletados: “paramos a los pilotos”. Y al parar los pilotos sí no entra barco ni sale barco en este país. Nadie sabía cuál era la función de un piloto hasta ese momento²⁸⁹.

Enfim a atuação pronta de anônimos pilotos de barcos apresenta uma grande e dura derrota à oposição burguesa que jogava com todas as armas neste *Paro de dezembro de 2002*. Não havia limites, na ótica da oposição, tudo era válido, desde que eficiente para derrubar o governo. Assim, usaram elementos de grande sabotagem, pois, no caso do barco Pilín Leon, se ele chega a se chocar com a enorme ponte do Lago de Maracaibo, seria um prejuízo humano, físico e ambiental incalculável, visto que poderia ocorrer uma explosão ou vir a pico esta embarcação, contudo, nada disto aconteceu. Toda esta aventura perigosa não era problema para a oposição, seu objetivo era tirar Chávez a qualquer custo. E a mídia estava empenhada nisto, inclusive, em uma ação de

²⁸⁹ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 44.*

pânico chama a população da capital de Maracaíbo para abandonar a cidade, afirmando que se explodisse a embarcação, levaria uma boa parte da capital do Estado ao chão. Por determinação daqueles trabalhadores, nada disto veio a ocorrer e a derrota do *Paro naval* retirou um grande triunfo que estava sendo construído com o barco Pilín Leon no Lago de Maracaibo.

O desenrolar final foi que, posteriormente à remoção do Pilín Leon, no dia 21 de dezembro, no dia 22, se move outro grande barco, o Barbara Palácios. O Yavire é movido para Jose, estado de Anzoátegui, no dia 25. Embora alguns barcos continuassem fundeados nestas baías, a situação ia se normalizando, sendo que o último barco a ser movido foi o Paria, que atracou no terminal de Guaraguao em Puerto La Cruz, em 02 de fevereiro de 2003²⁹⁰.

2 - PARO ELETRÔNICO E SABOTAGEM VIRTUAL: SEU ARRANQUE VEM DA CÚPULA, SEU DESARME VEM DA BASE

A PDVSA é uma empresa altamente informatizada, resultado de uma política internacional de aperfeiçoamento da indústria do petróleo, que visa reduzir gastos e obter maior capacidade de aproveitamento dos recursos. Ao mesmo tempo, contribui com a indústria do monopólio eletrônico que possui, nestes espaços de produção, um enorme filão de mercado.

A empresa adota em seu modelo de funcionamento um sistema de automatização, cuja década de 1990 e os primeiros anos de 2000 correspondem ao seu período de maior implementação até então. Esta automatização consiste em ter o máximo de funções possíveis sendo executadas a partir de salas de computação, em que, com o acionar do comando destas máquinas, executam-se as tarefas que antes eram realizadas em sua absoluta maioria de forma manual. Tal modelo tem, em teoria, sua vantagem, a de diminuir o esforço humano e preservar o trabalhador da fadiga, contudo, o projeto não está calcado sob esta base, pois, se assim fosse, não haveria tanta doença e acidentes ocupacionais neste tipo de indústria. Portanto, o problema é um pouco mais complexo do que se aparenta em uma primeira análise da questão.

²⁹⁰ Buque tanque Paria atracó ayer en muelle de Guaraguao. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 03 feb. de 2003. N. 16. 781, p. 02.

A PDVSA entra firme no processo de automatização em sua produção. São criados os ambientes SAP, que são Serviços Administrativos, que formam a coluna vertebral da empresa e são estruturados os serviços de Finanças, Recursos Humanos, Manutenção das Plantas de Produção, Materiais e Projetos. Todas estas funções são executadas, programadas e armazenadas a partir de programas de computadores, possuindo sua central em Caracas. Elas eram dirigidas pelo pessoal direto da PDVSA, ou seja, funcionários públicos da própria empresa administravam estes complexos e importantes dados e recursos. A situação muda dentro da visão política de internacionalização do petróleo, vista no I capítulo, em que o próprio governo Chávez a redireciona. Deste modo, cria-se uma outra empresa fora da PDVSA, uma espécie de empresa terceirizada que cuida de toda esta parte de informática e recursos da PDVSA. Tal empresa vai se chamar INTESA. Socorro Hernández esclarece como se dá este processo e o que é esta empresa:

SAIC es la empresa con la cual se asoció Pdvsa para crear Intesa, a través de un joint venture o un outsourcing de todos los servicios informáticos. SAIC es una empresa norteamericana que está muy asociada a las fuentes de poder en Estados Unidos. Realmente nosotros no teníamos toda esa información cuando se creó Intesa y cuando se nos vendió que se habían decidido por SAIC porque esta empresa tenía unas condiciones muy favorecedoras para los trabajadores porque manejaban la figura del empleado propietario. SAIC tenía entre sus beneficios, que podías adquirir acciones de la compañía, claro en función de “n” parámetros, que hacían que tus acciones fueran pocas en proporción al resto, pero que en el fondo, como supimos después cuando empiezan a salir todas las informaciones a la calle, era una empresa que estaba asociada a todo lo que era el poder de los Estados Unidos, el Departamento de Estado, la CIA, incluso que sus directivos forman parte o provienen de esas áreas. En este caso SAIC es la empresa que posee el 60 por ciento de las acciones de Intesa y Pdvsa posee el 40 por ciento²⁹¹.

Nesta associação entre capital público e privado, no sentido de reduzir custos, - afinal, como tivemos oportunidade de discutir anteriormente, os trabalhadores dentro da PDVSA são vistos pela direção como custo - o governo acaba colocando “a raposa dentro do galinheiro”. A INTESA, tendo o controle de todos os dados e funções, e sua

²⁹¹ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 201-02. Socorro Hernández era trabalhadora do setor de informática da PDVSA. No ano de 2002 esteve contra a oposição e suas atitudes e atividades de sabotagem dentro da empresa para inviabilizar o governo Chávez e conseguir seu afastamento. Usamos para este tópico seu depoimento que esclarece as sabotagens no *Paro Petrolero de dezembro de 2002*. Posteriormente à sua atuação contra o *Paro de dezembro de 2002*, Socorro Hernández assume importantes cargos no governo Chávez, sendo presidente da estatal telefônica do país, a CANTV, e também Ministra de Telecomunicações e Informática até 1º dezembro de 2009. Em 02 de dezembro de 2009, Socorro é escolhida pela Assembléia Nacional a compor o Conselho Nacional Eleitoral.*

intrínseca relação com a burguesia opositora venezuelana e com as políticas estadunidense para a América Latina, não vai pensar duas vezes para aderir ao *Paro*. Assim, provoca todas as sabotagens eletrônicas possíveis para evitar que, no *Paro petrolero de dezembro de 2002*, a produção de petróleo fosse reerguida pelos trabalhadores contrários ao golpe.

Tal atitude da Intesa já havia ocorrido no golpe de 11 de abril de 2002. Como Hernández relata, naquele momento, atuando de forma contrária às ordens da direção e de certa forma ingênua, usou todo seu esforço e conhecimento para colocar no ar alguns sistemas de programação que haviam caído entre os dias 10 e 13 de abril. Por esta atitude, ela foi repreendida posteriormente ao golpe, sendo ameaçada junto com outros mais de serem demitidos, por terem atuado sem ordens superiores para restabelecer os sistemas de serviços que a empresa prestava cotidianamente à PDVSA.

No *Paro* de dezembro, a INTESA entra no mesmo, alegando que seu pessoal havia aderido ao *Paro*, o que inviabilizaria, por motivos de força maior, que ela prestasse regularmente seus serviços à PDVSA como rezavam os contratos. Com esta justificativa, alegava que não poderia fazer nada para regularizar a produção, manutenção, comércio e distribuição de combustível, ou seja, tudo que controlava. Uma vez também não fazendo a manutenção cotidiana, que requer programação em suas oficinas, criava pane em seu próprio sistema, que se tornava lento e pesado, chegando ao ponto da paralisia. Somado a isto, a partir de seu equipamento e em comum acordo com outros trabalhadores e gerentes de dentro da PDVSA, entravam no sistema promovendo a desconfiguração cotidiana do equipamento, sendo que os poucos que ficaram trabalhando tentavam mover o sistema. Da mesma forma, realizava comandos que abriam e fechavam válvulas do sistema de condução de combustível e petróleo *in natura* através dos respectivos dutos²⁹². Os chamados *llenaderos*, que eram centros de distribuição terrestre de combustíveis, também eram sabotados. De forma geral, a INTESA e os setores golpistas dentro da PDVSA controlaram, em dezembro e parte de janeiro de 2003, toda a informatização da empresa, causando todo tipo de entrave possível, uma vez que possuíam os códigos e chaves de acesso. Assim, desde o ocidente do país em Falcón e Zulia, passando por Barquisimeto, refinaria de *El Palito* no centro do país, até Puerto La Cruz na região oriental, estes setores opositores e a Intesa

²⁹² Gerentes rebeldes de Pdvsa reportan nuevos derrames. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 10 ene. de 2003. N. 16. 757, p. 08.

possuíam o controle eletrônico e realizavam as sabotagens, uma vez que o sistema de informatização era nacional e controlado desde Caracas.

Ao mesmo tempo em que a Intesa está realizando estas atividades de sabotagens, o governo, por meio do presidente da PDVSA, Alí Rodríguez Araque, tenta negociar com esta empresa um restabelecimento de seus trabalhos. Assim, como a Intesa alegava que seu pessoal havia aderido ao *Paro*, não havendo pessoas disponíveis para realizar as tarefas de levantar o sistema, a PDVSA ofereceu-lhe o seu pessoal para que juntos pudessem sanar os problemas. Em resposta, contudo, a INTESA diz ser inconveniente usar o pessoal da PDVSA para trabalhar em suas instalações junto com seu pessoal. Este tipo de escusa foi levantado durante todo mês de dezembro de 2002 e sempre a empresa justificava que não oferecia seu trabalho, conforme o contrato de prestação de serviço, devido a uma questão de força maior, e a força maior era o processo instável pelo qual passava o país e que afetava diretamente a empresa. Foram diversas as trocas de correspondências entre o presidente da PDVSA e da INTESA e nada se resolvia.

No início de janeiro de 2003, no dia 02, o presidente da norte americana SAIC, que possui 60% das ações da Intesa, em uma carta oficial em inglês, dirigida a Alí Rodríguez Araque, argumentou que, de sua parte, não poderia prestar os serviços regulares à empresa enquanto não recebesse da PDVSA. Cobrava uma cifra de 19 milhões referentes às dívidas que esta possuía junto à INTESA pelos serviços já prestados. Ou seja, enquanto a situação era crítica em todo país, o presidente da PDVSA estava perdendo tempo e caindo na artimanha da oposição.

Por outro lado, enquanto o governo e o presidente da PDVSA seguiam seu caminho com respostas conciliatórias com a oposição burguesa, uma parte dos trabalhadores vai para a ação efetiva de tentar reverter o *Paro* que está instalado no país, principalmente na produção de petróleo. Socorro Hernández é uma destas trabalhadoras que, naquele momento específico, antes de ser cooptada por Chávez a ocupar altos cargos, atua com a classe trabalhadora, contudo, há diversos outros espalhados pelo país, tentando restabelecer o sistema virtual da empresa. No caso do setor de Comércio e Abastecimento, em que Hernández trabalhava, em Caracas, oferecendo suporte a estas pastas da PDVSA, o total de funcionários que cuidavam desta área era de 200 trabalhadores nesta oficina, na capital. Com o *Paro*, somente 6 pessoas, destas 200, optaram por trabalhar e levantar o sistema novamente. Em escala nacional eram 1600 pessoas que trabalham na Intesa, destes, segundo Hernández, permaneceram somente 155 pessoas, ou seja, menos de 10% do pessoal.

Diante deste quadro, a tarefa de reativar o sistema e colocar a PDVSA para funcionar passa a ser uma atividade hercúlea, que não é medida pela aparente insignificância do número de trabalhadores que permanecem a postos, mas sim pela abnegação e resignação destes em não ver o golpe sobre o governo se efetivar, ou pela simples razão superficial de que o país não poderia parar. Estes poucos trabalhadores se lançaram de cabeça aos pés neste objetivo. Assim, improvisando espaços, equipamentos, pessoal e uma série de recursos que requeria a obtenção do controle do sistema, estes poucos trabalhadores iniciam suas tarefas a partir do dia 02 de dezembro, quando começa o *Paro* oficial e os problemas no sistema de informatização da empresa. Hernández tem uma opinião que mostra como se efetivaram os passos para levantar o sistema:

Primero tomamos el control de la red de Pdysa y luego venía el aspecto de seguridad, bloquear la entrada a todos los usuarios del directorio activo. Eso causaba un trauma para la corporación porque al bloquear completamente el directorio activo, se podía entrar a los sistemas. Había que empezar a sacar todos los trabajadores que ya no estaban, bloquear todo eso y empezar a darle acceso realmente a los que eran: a los que habían quedado o a los nuevos que estaban llegando. Porque en todo ese período, ¿qué era lo que nosotros básicamente le pedíamos a Intesa? “Créame este código” y no lo daban, porque era la gente que estaba dispuesta a trabajar y ellos no le daban el código. No le creaban el código. Insubordinación total. ¿Qué hicimos nosotros? Lo primero fue una labor de seguridad, de bloqueo de todas las claves, de activación de las claves poco a poco a medida que iban surgiendo, de hacer respaldo de las aplicaciones, de ir levantando aplicaciones, bases de datos, en función al conocimiento que íbamos teniendo. Nosotros teníamos alrededor de unas 1.280 aplicaciones en la corporación, de las cuales todavía hay alrededor de unas 400 que están abajo, que no las hemos activado²⁹³.

O trabalho consistia em, pouco a pouco, ir ativando alguns serviços, criando novas senhas e neutralizando as senhas antigas, para que o pessoal, que realizava as cotidianas sabotagens, não continuasse a ter acesso ao sistema. Note-se que Hernández oferece esta entrevista em agosto de 2003 e, todavia, ainda continuavam umas 400 aplicações de funções virtuais que ainda não haviam sido resolvidas por diversas questões. De forma que o processo de levantar todo este sistema de informatização da PDVSA era uma tarefa por demais pesada. Diversos recursos e meios para fazer este trabalho foram improvisados ou criados pelos próprios trabalhadores.

²⁹³ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 215.*

Maria Fernández, outra trabalhadora da cidade de El Tigre, Estado de Anzoátegui, também oferece, em depoimento e conversas, explicações sobre como se moviam para reerguer o sistema²⁹⁴. Ela conta que no departamento de informatização, onde trabalhava, constavam cerca de 150 pessoas, entre trabalhadores e supervisores de alto escalão. Deste total, ficaram somente 3 que se dispuseram a reerguer a PDVSA nesta parte de sistemas computadorizados. Quando iniciaram o trabalho, as condições de vencerem todos os obstáculos eram mínimas, irrisórias, para quem olhasse de fora. Contudo, havia uma determinação muito grande destes trabalhadores. Conta Maria Fernández que o trabalho era por demasiado árduo, visto que, por exemplo, para conseguir resolver o problema de um único código de uma pessoa, que estava lá fora sabotando, se levava até dois dias. No começo, quando foi iniciado o trabalho de reconfigurar o sistema, havia um programa moderno de computação que descobria o código e senha de um funcionário, por exemplo. Porém, para cada caractere da senha de um destes trabalhadores, levava-se 4 horas para o programa ser executado e encontrar o caractere. Se uma pessoa possuísse uma senha de 10 dígitos, levava-se, em média, 40 horas de trabalho para desarmar um único sabotador. Nesta situação, seriam necessários mais de ano para levantar todo o sistema e a questão não permitia este lapso de tempo.

A resposta vem de fato de iniciativas destes próprios trabalhadores que procuram novos voluntários que entendessem de informática para ajudá-los, isto, sem salário, sem segurança e, às vezes, sem comida. Encontram muitos, sem títulos na área, mas conhecedores de informática, inclusive hackers. Em uma destas situações, Maria Fernández conta que consegue contato com um jovem de Caracas que se prontifica a auxiliar: ele possuía um programa pirata, que, ao invés de encontrar a senha perdida, destruía o código e reconstruía outro, com nova senha, e isto se processava de uma forma muito rápida. Foram produzidas diversas cópias deste programa e iniciada a sua distribuição no Estado de Anzoátegui, para levantar o sistema. O resultado foi tamanho, possibilitando encontrar a saída do problema até janeiro de 2003. Em março, já há um novo sistema funcionando, ainda que com reparos a serem feitos, mas totalmente seguro e dividido regionalmente, e não mais de forma nacional, em que, a partir de um ponto,

²⁹⁴ Em conversas com Maria Fernández, a mesma dá-nos um depoimento e uma visão de como ergueram este sistema eletrônico da PDVSA, que, por ser um sistema nacional, causou danos em todas as áreas de produção, inclusive com acidentes de derrames de petróleo, devido o acionar irresponsável de sabotadores. Para o mesmo tema do *Paro eletrônico*, considerado o cérebro da PDVSA, consultamos outra obra específica sobre o assunto. Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos, Dirección de Automatización, Informática y Telecomunicaciones. *El rescate del cerebro de PDVSA: una batalla por la soberanía*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Impregraf Ediciones, S. A, 2004.

se poderia entrar em todo sistema. Este novo modelo, posto a funcionar por estes trabalhadores, permitia que cada refinaria, ou cada zona de distribuição, etc., tivesse sua autonomia.

Sem dúvida que os trabalhadores estavam dando um exemplo: quando há determinação da classe trabalhadora em luta, as amarras não são tão resistentes como se propagandeia. Eles estavam vencendo uma tecnologia de ponta, vinda da Intesa, com suas ramificações da Companhia de Inteligência Norte Americana. De fato, trabalhadores e populares juntos pregavam uma peça na oposição golpista e na política imperialista dos EUA, que sempre apoiavam os golpes de direita na América Latina. Desta vez foram barrados.

Socorro Hernández opina que a participação de populares e trabalhadores de outros setores que se dispuseram a resgatar o sistema foi o ponto chave desta vitória:

Eso fue muy bonito porque llegó de los ministerios, del Ministerio de Ciencia y Tecnología, del Ministerio de Planificación y Desarrollo, del Ministerio de Educación, llegó gente de las universidades. Eso debió ser como el 16 de diciembre. Eso fue algo que fue creciendo, venía la gente y nos reuníamos, vino gente del CNTI..., de los todos sitios vino gente a apoyarnos. Claro, ya ahí, la diferencia total porque tú sientes que tienes un conjunto de gente que, que a lo mejor no tuvieran los conocimientos que teníamos nosotros en Pdvsa, de alguna manera nos íbamos a apoyar. Además, otra cosa bien importante, es que allí se demostró, contundentemente, que esa autosuficiencia y esa arrogancia nuestra, en Pdvsa, de pensar que nosotros somos los que sabemos y los demás no saben ... Era un gran error pensar que nosotros éramos los que sabíamos, que nadie era capaz de hacer lo que nosotros hacíamos y que nosotros éramos imprescindibles, porque cuando empiezas a ver las competencias de aquellos muchachos que vinieron a apoyar, te das cuenta que ellos también tienen las competencia, es decir, que no son diferentes las competencias y que no sólo es que no son diferentes las competencias sino que hay una cosa muy importante que , aparte de tener las competencias, estaban dispuestos a trabajar de sol a sol, por levantar esta industria. Ya ahí sientes que aquí hay conocimiento, hay voluntad, hay amor por lo que estamos haciendo. Eso en la salita del piso 6²⁹⁵.

O processo de luta que estava se dando permitia que muitas máscaras caíssem, até mesmo para aqueles trabalhadores não golpistas, mas arraigados à ideologia meritocrática, ou seja, de que somente quem possuísse anos de PDVSA e muito estudo é que poderia tocar a empresa. Estes voluntários, que se dispuseram a ajudar a levantar o sistema eletrônico da empresa, não possuíam nenhum dia de trabalho nela, mas

²⁹⁵ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 209-09.

conhecimentos próprios de computação ou outra habilidade que permitia encontrar a saída dos problemas. Pessoas anônimas que, em situações normais, em nada são reconhecidas, mas que no calor da luta de classes afloram toda potencialidade humana, escondida cotidianamente pela própria capacidade ideológica do sistema capitalista em anular estes seres humanos.

Em processos acirrados da luta de classes, estas fendas ideológicas se abrem com maior dinâmica, e a elite dominante perde sua capacidade de controle destes homens e mulheres que se levantam. Não faltaram situações semelhantes na revolução francesa, quando, por exemplo, de simples sapateiros, surgiram extraordinários estrategistas militares que levaram os invencíveis exércitos monárquicos a derrotas vergonhosas e à própria queda da monarquia. *Se o velho regime continua a existir até hoje, a nenhum de nós teria ocorrido pensar que, em fins do século passado, na França, alguns atores, tipógrafos, barbeiros, tintureiros, acadêmicos de Direito, merceiros e professores de esgrima eram gênios militares em potencial*²⁹⁶ nos diz Plekhanov.

O processo histórico venezuelano repetia estes casos emblemáticos da luta de classes em momentos acirrados, e os próprios trabalhadores da PDVSA percebiam o quanto estavam impregnados desta ideologia meritocrática, que nada mais faz que destruir talentos e justificar uma casta. Ao passo que um modelo educativo saudável deveria fomentar estes talentos, seja nas fábricas e indústrias ou qualquer área de atuação do conhecimento humano. Tal dinâmica estava se dando ao mover da classe em luta.

Havia meios e força de erguer a empresa em sua produção cotidiana, uma luta que era vencida passo a passo, hora a hora e dia a dia. Nada estava garantido a priori, contudo estes trabalhadores estavam sendo muito mais dinâmicos que o próprio governo Chávez e seu *Comando Revolucionário Petrolero*. E para tudo isto ocorrer, o calor humano de centenas e milhares de populares em todo canto, oferecendo apoio, ainda que moral, era de fundamental importância para a execução dos trabalhos, como opina Socorro Hernández:

La otra cosa, te digo, que te irrigaba por dentro, era esa gente que teníamos allí en la puerta de La Campiña. La tarima para nosotros fue fundamental. Hubo un día en que me dije, de verdad, que ya no importaba lo que pasara, que fue el día de los medios, no me acuerdo exactamente el nombre que se le puso, pero fue el día que tomaron los medios, ese día fue maravilloso. La gente, cómo manifestaba y estaba aquí y te demostraba su afecto, su apoyo e iban para allá arriba para Globovisión, simplemente gritándole que lo que

²⁹⁶ PLEKHANOV, Guiorgui Valentinovitch. *O papel do indivíduo na história*. Expressão popular, 3ª reimpressão. São Paulo: 2006. p. 149.

queríamos era poder expresarnos, que dijeran la verdad de lo que estaba pasando... Uno estaba haciendo lo que tenía que hacer y punto. Pero, si hay algo que a uno lo potenció tremendamente es saber que ese pueblo estaba allí y que ese pueblo realmente nos estaba dando todo ese apoyo y toda esa energía positiva nos las transmitía. Yo creo que eso fue parte del éxito. Yo creo que eso fue realmente lo que motivó a que toda la gente que estaba aquí que todavía éramos pocos, para ese momento, los que estábamos adentro, tú podías pasear por los pasillos y veías que no había nadie, ibas al comedor y había muy poca gente, pero, sin embargo, había mucha gente allá afuera que sabía, que estaba esperando por el resultado de lo que tú estabas generando aquí dentro.

Yo recuerdo que David decía “Vamos a echarnos un baño de pueblo”, entonces uno salía en la noche, iba un momentito y surgía gente que espontáneamente hablaba y decía cosas, allá afuera. Uno salía en la noche y regresaba para acá a seguir trabajando²⁹⁷.

Este apoio popular vai acontecer em diversas áreas do país, um exemplo da união entre trabalhadores, populares e movimentos sociais, juntos levando uma bandeira comum, que naquele momento era garantir a permanência do governo Chávez e, para isto, era necessário derrotar o *Paro petrolero de dezembro de 2002*. É um momento na história do país, que, desde a insurreição popular do Caracazo, em fevereiro de 1989, havia colocado o país em uma situação revolucionária na luta de classes²⁹⁸. Em 1989, os setores populares haviam sido os mais aguerridos nas lutas sociais de todos estes anos. Porém, em dezembro de 2002, o setor operário assume a dianteira, uma vez que o problema se coloca diretamente em suas mãos: se em 11 de abril os populares jogaram o fator principal para derrotar o golpe de Carmona e restituir Chávez no dia 13 de abril, no *Paro* de dezembro de 2002, que incidiu mais forte no ramo petrolero, os trabalhadores petroleros cumpriram o papel de primeira linha, contudo, sob um forte apoio popular, imprescindível para a vitória.

Com este quadro de luta em andamento, no dia 16 de janeiro de 2003, recupera-se o controle do sistema de automação da PDVSA, que, embora com um uso ainda precário, retira definitivamente o acesso que os setores da oposição burguesa possuíam sob o sistema de informática, inviabilizando o restabelecimento da empresa. É certo que o *Paro* vai continuar oficialmente até dia 03 de fevereiro, todavia, um passo importante

²⁹⁷ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos*. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 209.

²⁹⁸ Entendemos que após o Caracazo abriu-se uma nova situação na luta de classes venezuelana, que avaliamos como revolucionária. A definição clássica desta situação está em Lênin que a define como o momento em que *os de baixo não querem viver como antes, e os de cima não podem continuar governando como antes*. Para um maior aprofundamento da questão, sugerimos duas obras que tratam da questão. LÊNIN, Vladimir. Ilitch Ulianov. *Sobre os sindicatos*. Coleção Teoria e História 4. São Paulo: Ed. Polis, 1979. p. 139-48. e ARDAY, Valério. *As esquinas perigosas de história*. São Paulo: Xamã, 2004.

havia sido dado pelos trabalhadores para impedir que os objetivos da oposição fossem concretizados.

3 - O QUADRO DE PARALISAÇÃO NOS SETORES PRIMORDIAIS: EDUCAÇÃO, VENDA DE COMBUSTÍVEL, BANCOS E SAÚDE

O sistema educacional, tanto público, como privado, foi afetado sobremaneira com o *Paro* decretado pela Coordenadora Democrática – CD. Desde o dia 02 de dezembro de 2002, quando se decreta o *Paro*, as escolas e universidades do país paralisam suas atividades. É necessário destacar que o ano letivo venezuelano adéqua-se ao do hemisfério norte, portanto, seus meses de férias não se localizam entre dezembro e fevereiro, como no Brasil, mas, sim, de julho a parte de setembro. Desta forma, o *Paro* atinge muito o setor educacional, sendo que, no âmbito privado, as escolas continuam cobrando mensalidades, ainda que sem oferecer aulas, mas prometendo a reposição quando fosse solucionada a questão²⁹⁹. Alguns, com bem melhores condições de vida, mandaram seus filhos para a Flórida, nos EUA, para seguir seus estudos longe dos confrontos diários das ruas³⁰⁰. Por outro lado, o setor público, com maior número de alunos, encontrou-se dividido e inviabilizado, de forma que não conseguia normalizar sua situação.

Passado um mês de *Paro*, nada do retorno às aulas. Os pais, ansiosos para o regresso das mesmas, começam a pressionar, principalmente nas escolas públicas, para que voltassem ao funcionamento normal. Resultado disto é que muitas mobilizações de populares começam a ocupar as escolas, exigindo que os diretores restabelecessem as aulas. Não se pode esquecer que, neste momento, continuavam as grandes mobilizações, com marchas, tanto da oposição, como em defesa do governo, e constantes escaramuças se davam nas grandes e médias cidades. O conflito era latente em toda a sociedade. Mesmo as famílias estavam divididas entre oposição e governistas. Um exemplo emblemático do grau de divisão da sociedade pode ser percebido em uma matéria do jornal *El Nacional*:

²⁹⁹ Escuelas seguirán cobrando matrículas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 07 ene. de 2003. N. 16. 754, p. 04.

³⁰⁰ 5.000 niños venezolanos estudian en colegios de Florida. *El Nacional*. Caracas, domingo 09 de feb. de 2003. N. 21.348, p. B6.

*Los Gonzales (hechos reales, apellido ficticio) son una familia grande: mamá, seis hermanos, tres hermanos más por parte de papá. La mamá, ex chavista y ahora "ni-ni", no esconde su dolor. "Me siento muy mal con esa familia dividida. Algunos de mis hijos, que viven conmigo, dicen que me están envenenando a través de los medios, y yo les respondo que tengo criterio propio. Uno de mis hijos no quiere saber más de mí ni de una de sus hermanas. ¿Por qué tiene que haber esa diferencia por una ideología política? Estoy esperando que algún día se le pase. Yo soy su mamá para el resto de la vida"*³⁰¹.

A luta de classes, em toda Venezuela, estava se dando como nunca antes havia ocorrido no país. A expressão disto estava em todas as partes, desde o micro ao macro organismo ou instituição social. A educação não poderia fugir a esta realidade, neste sentido, a polarização neste setor era grande. Chávez, no dia 10 de janeiro, em uma ofensiva neste setor, chama seus seguidores a tomarem as escolas a partir do dia 13 de janeiro, e ainda ameaça cortar todas as verbas educacionais aos Estados e Prefeituras que permanecessem com suas escolas fechadas. Ao mesmo tempo, a Fedecámaras afirma que 90% do setor educacional do país continuam parados³⁰². Em resposta a esta pressão do governo federal, algumas universidades, como a Universidade do Oriente, Estado de Anzoátegui, uma grande instituição pública com diversos campos, vota em seu conselho superior o retorno às aulas para dia 22 de janeiro. Contudo, a administração destaca que efetivamente não há como retornar às aulas normais, pois faltam transporte, segurança, salários e materiais de uso cotidiano nas salas de aulas e laboratórios.

No dia 29 de janeiro de 2003, Coordenadora Democrática - CD - declara, como iniciativa de boa vontade junto às negociações, entre governo e oposição, mediadas pelo *Grupo de Amigos da Venezuela*³⁰³, que as aulas voltariam normalmente na próxima segunda feira, dia 03 de fevereiro. Neste sentido, a paralisação no setor educacional permaneceu todos os 63 dias de *Paro*, ainda que, em muitas escolas públicas, em que os setores populares realizaram pressões, as aulas voltaram. Contudo, de modo abrangente,

³⁰¹ La polarización política perturba el equilibrio y la armonía familiar. *El Nacional*. Caracas, miércoles 29 de ene. de 2003. N. 21.337, p. A8.

³⁰² Asamblea educativas son un ensayo de referendo. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 12 ene. de 2003. N. 16. 759, p. 06.

³⁰³ A primeira vez, em que se divulga a criação do Grupo de Amigos da Venezuela, ocorre em 20 de dezembro de 2002, pelo assessor de assuntos internacionais do Partido dos Trabalhadores do Brasil, PT, Marco Aurélio García. O grupo é oficializado em uma reunião realizada em Quito, capital do Equador, em 15 janeiro de 2003. Este grupo tinha por objetivo fazer uma mediação entre OEA, a oposição burguesa venezuelana e o governo Chávez, buscando uma saída pacífica e conciliatória para as lutas políticas por que passava o país. O principal protagonista deste grupo será o Brasil com o presidente Luis Inácio Lula da Silva. Faz parte deste grupo: Brasil, Estados Unidos, México, Chile, Portugal e Espanha.

o restabelecimento do calendário educacional se iniciou a partir de 03 de fevereiro de 2003³⁰⁴.

O *Paro* dentro do setor energético foi o maior e mais duradouro triunfo da oposição em todas as ações, desde a primeira vez que se realizaram estes *Paros*, em 10 de dezembro de 2001. Assim, quando é decretado o início do *Paro* petrolero, em 02 de dezembro de 2002, a falta de combustível e gás seria a tônica na vida de todos os populares. O quadro é que, a partir dos dias 03 e 04 de dezembro, já faltava combustível nos postos do país, por diversos motivos: um deles, por se ter o combustível, porém, o dono do estabelecimento negava que este existia. Outro, devido à corrida desesperada aos postos onde se vendia o produto, levando ao seu esgotamento rapidamente e, por fim, a adesão dos distribuidores de combustível ao *Paro*, deixando de abastecer os postos de vendas.

No quarto dia de *Paro*, o quadro é de longas filas para se conseguir abastecer os carros e veículos em geral³⁰⁵. O problema se estende por todo mês de dezembro, sendo que ocorrem momentos em que parece estar restabelecido o fornecimento, entretanto, logo surgem novas faltas destes produtos. Destaca-se ainda que, quando o produto era encontrado, havia uma forte intromissão dos meios de imprensa, dando voz aos gerentes líderes do *Paro*, asseverando que o produto não possuía qualidade e iria danificar os veículos, portanto, o melhor era não usá-lo. Esta era uma política deliberada da oposição, que o próprio gerente da refinaria de Puerto La Cruz tentava esclarecer: “*Los rumores sobre la contaminación de la gasolina solo buscan crear el caos en la comunidad, ya que muchos ven con malos ojos que nosotros estemos reactivando poco a poco la refinería*”³⁰⁶.

A partir deste exemplo, podemos perceber por onde andava a luta, sendo que os gerentes afeitos ao *Paro* sempre justificavam, sob a feição técnica, suas opiniões. Assim, para mostrar que este combustível era impróprio, alegavam três aspectos principais. Primeiro, como o estoque nos tanques estava em seu nível mais baixo, toda água do tanque encontrava-se neste produto, uma vez que a água, sendo mais pesada, estava no fundo, justamente onde também estava o produto que se estava consumindo. Segundo, devido ao baixo nível dos tanques, o óxido das paredes havia baixado e

³⁰⁴ Hoy evalúan suspensión del paro en bancos y unidades educativas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 29 ene. de 2003. N. 16. 776, p. 08.

³⁰⁵ Experto petrolero vislumbra crisis operativa en Pdvs. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 06 dic. de 2002. N. 16. 724, p. 03.

³⁰⁶ Alertan sobre la venta de gasolina sin certificación. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 13 dic. de 2002. N. 16. 731, p. 06.

contaminado o combustível e, em terceiro, como havia um pessoal técnico inabilitado, executando a supervisão da produção de gasolina com chumbo e sem chumbo, os mesmos estavam mesclando o combustível. Posteriormente, quando chegou combustível de fora do país para suprir as necessidades, como o combustível enviado pela Petrobrás vindo do Brasil e outro enviado pelo governo da Líbia, dizia-se que este combustível era elaborado para outro tipo de motores e o seu uso, em questões de dias, fundiria os motores dos veículos venezuelanos.

O que a oposição tentou criar era um clima de insatisfação geral na população e assim justificar arremetidas mais violentas contra o governo, questões que teremos a oportunidade de aprofundar. Todavia, a conduta da população pobre venezuelana e dos trabalhadores foi exemplar: esperava-se 1, 2 ou 3 dias na fila de um posto de combustível, sem arredar o pé e o veículo, sem o menor tumulto; em outros lugares mais isolados, sequer chegava combustível em todos estes dias. Tudo isto somente crescia a indignação contra a oposição e a burguesia. A falta de gás era um problema mais imediato ainda, que afetou sobremaneira toda esta população: houve momentos de se esperar 3 ou 4 dias na fila, os familiares se revezando para comprar um botijão de gás. Tudo isto a população agüentou resignada, gostaria que seu governo vencesse, que se aprofundasse o processo que concebia como revolucionário.

Nesta longa trajetória da falta de combustível, e os problemas advindos da mesma, a situação toma outro rumo no sentido de restabelecer a produção a partir do dia 03 de fevereiro de 2003. Fato que se pode ver no exemplo da refinaria de Puerto la Cruz, a mais ativa do processo. Ela consegue iniciar, em 03 fevereiro de 2003, o bombeio de gasolina com chumbo e diesel para três Estados do país, além do sul do Estado de Anzoátegui. Distribuição que antes se conseguia com certo limite, enviando somente carretas de combustível, agora, via tubulação, se efetivava o abastecimento normal paulatinamente³⁰⁷.

O setor bancário foi outro que atuou ativamente no apoio ao *Paro petrolero de dezembro de 2002*. Sua adesão à oposição não se apresentou oficialmente, desde o início, na primeira semana de *Paro*. Primeiramente, os bancos usaram subterfúgios, assim, uma mesma rede bancária abria algumas agências da cidade e deixava outras fechadas. Atendiam em umas agências, depois voltavam a fechar estas e atendiam em outras; abriam, às 9:00h, e fechavam, às 12:00h, ou seja, um atendimento muito precário

³⁰⁷ Refinería porteña inició bombeo de combustible. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 04 feb. de 2003. N. 16. 782, p. 03.

com longas filas e enormes reclamações. Esta atitude é mantida até o dia 10 de dezembro, quando de fato este setor entra oficialmente no *Paro* e estabelece que, em apoio a CD, estaria daquele dia em diante trabalhando oficialmente somente 3 horas por dia em seus guichês³⁰⁸. A respeito dos caixas eletrônicos, estes teriam o funcionamento normal nos diversos pontos da cidade, segundo sua direção. Tal fato causa um fortalecimento ao *Paro* e inviabiliza todo funcionamento do setor terciário, para não falar na tensão social que estabelece esta medida, pois vão ser filas e descontentamentos constantes nas portas destas agências. Ou seja, assim como na falta de combustível, era necessário do mesmo modo tentar criar um clima de descontentamento e com isto desgastar o governo para entrarem com ações mais efetivas.

Em resposta a esta decisão dos banqueiros, apoiados pelo sindicato dos bancários, sob a égide da CTV, o governo federal, 10 dias depois, se manifesta a respeito do caso: *En efecto el ministerio de Planificación y Desarrollo, resolvió sancionar a las instituciones financieras privadas que persistan en mantener restricciones al horario de atención al público con multas en efectivo de hasta 1% de su patrimonio monetario*³⁰⁹. Depois desta demorada medida, o governo no outro dia senta para conversar com os banqueiros e o vice-presidente José Vicente Rangel é o negociador neste problema. Após as negociações, Rangel dá a seguinte declaração: “*se ha hablado, ya hay una fórmula y los bancos van a empezar a trabajar en su horario normal a partir del lunes. De resto no hay ninguna medida. El dialogo, el diálogo. Ya se habló con ellos, se conversó y están de acuerdo en reiniciar sus horarios normales a partir de lunes*”. A verdade é que os bancos estavam pouco se importando com o governo, nada mais faziam do que empurrar o problema e alongar o *Paro*. Ao mesmo tempo, o vice-presidente José Vicente Rangel somente não fazia um papel de idiota porque era ciente de seu papel conciliador, e quem pagava todo transtorno continuava sendo a classe trabalhadora e a população pobre e explorada.

Quando chega o mês de janeiro de 2003, os bancos continuam trabalhando somente 3 horas diárias, assim como vinham fazendo desde o início do *Paro* em 2 de dezembro. Os acordos com o vice-presidente, as ameaças de multas milionárias, nada disto assustava os banqueiros que entraram pelo mês de janeiro com seu ritmo restrito de trabalho. Desta forma, todo mês de janeiro se passa sem que efetivamente o governo

³⁰⁸ Largas colas marcaron la jornada bancaria de ayer. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 11 dic. de 2002. N. 16. 729, p. 07.

³⁰⁹ Ejecutivo multará bancos que limiten los horarios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 20 dic. de 2002. N. 16. 738, p. 09.

fizesse cumprir sua decisão de multá-los. Efetivamente, os bancos voltam a funcionar normalmente no início de fevereiro, porque os operários e populares haviam derrotado nas ruas mais esta tentativa de golpe da oposição burguesa aglomerada na CD.

Aparentemente la cohesión monolítica que había caracterizado a los distintos sectores plegados al paro cívico nacional, está comenzando a debilitarse y algunos de los sectores involucrados en la protesta se han visto forzados a desistir de seguir participando en esta protesta inédita, que hoy arriba a 59 días consecutivos.

Por su parte, el titular de la Superintendencia de Bancos y otras Entidades Financieras (Sudeban), Irving Ochoa aseguró que se detendrán los procedimientos administrativos iniciados contra la banca privada, toda vez que se ha resuelto normalizar el horario en el servicio³¹⁰.

Com esta decisão, no dia 03 de fevereiro, ao completar 63 dias de *Paro*, o setor de bancos privados volta a funcionar normalmente, atendendo das 8:00h da manhã, às 15:00h. Retiram-se os processos administrativos sobre os banqueiros e, sem responder por nenhum de seus atos nestes 63 dias, o sistema financeiro volta impune de sua participação no intento de golpe pela terceira vez consecutiva no país.

A saúde por si só na Venezuela é muito precária³¹¹ e a esfera pública de saúde reflete esta realidade de forma potencializada. Neste *Paro* de dezembro de 2002, este setor, e conseqüentemente a população pobre que aí é atendida, passa por circunstâncias ainda piores. Nos exemplos vistos no Estado de Anzoátegui, já em meados de dezembro, devido à atitude dos setores de laboratórios que produzem e outros que distribuem os medicamentos, ocorre uma grande falta de medicamentos e insumos hospitalares em todos os centros de atendimento. Ao mesmo tempo, as farmácias também acusam a falta de medicamentos e a baixa de seus estoques. Simplesmente se corta a distribuição de medicamentos e, devido a estes setores funcionarem em tipo de

³¹⁰ Bancos privados retomarán horario normal desde el lunes. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 30 ene. de 2003. N. 16. 777, p. 07.

³¹¹ Existe uma deficiência crônica no país quanto ao tratamento e fornecimento de água potável. A rede de esgoto, da mesma forma, é insuficiente, e onde existe não há tratamento. O processo de rápida “urbanização”, junto com a falta de políticas públicas, fez com que diversas áreas de menor população tenham que contar com precários e improvisados sistemas de captação de águas de chuvas. O sistema de recolhimento de lixo é outro problema, até mesmo em centros da cidade tem-se água suja correndo a céu aberto e lixo espalhado. O setor público hospitalar, durante toda a segunda metade do século passado, foi totalmente esquecido, simplesmente as pessoas não possuíam atendimento público de saúde, era uma população que sequer conhecia o que era um médico. Neste momento do *Paro* de dezembro, no maior hospital público da região oriental do país, Luis Razetti, na capital Barcelona, Estado de Anzoátegui, os pacientes comiam com a mão, não havia talheres suficientes.

franquias ou grandes redes, a possibilidade de cortar o fornecimento é imediata. Pode-se conferir na pesquisa, que os setores de franquias, sejam elas quais forem, foram os que mais paralisaram seus serviços. Tais redes conseguiram efetivamente parar 100% de suas atividades: é impressionante como este setor de franquias ou grandes redes agiram como cartéis.

Neste contexto, o sistema de saúde foi muito afetado, como se pode ver nas constantes denúncias de usuários e médicos que vivem o processo do *Paro*:

A 16 días de iniciado el paro cívico nacional, las direcciones de los centros asistenciales de Anzoátegui esperan la llegada de medicamentos para abastecer sus áreas de emergencias durante el mes de diciembre.

Por su parte la doctora Jenny Boada señaló que, como todos los lunes, la emergencia del Luis Razetti amaneció ayer llena.

“Tenemos los insumos mínimos para laborar y hacemos grandes esfuerzos para atender a todos los pacientes. De allí que cuando no tenemos algún fármaco, le solicitamos a los familiares que lo compren”³¹².

Este quadro mostra um pouco do que foi o *Paro* para este setor. Desta forma, nada foi poupado pela oposição e onde se poderia infligir um golpe à população para render maior instabilidade, assim era feito. E o quadro se tornou grave, pois, mesmo simples, mas emergencial, medicamentos, como a insulina, por exemplo, faltavam aos pacientes dependentes do remédio. Em locais mais populosos, como em Caracas e mesmo outras capitais importantes do país, onde os confrontos eram diários, a situação era mais grave, uma vez que a entrada constante de pacientes feridos nas manifestações e escaramuças diárias saturava a possibilidade de atendimento. Estes hospitais, além do atendimento a sua demanda normal, recebiam constantemente pessoas com problemas por inalação dos gases lacrimogêneos. Caracas, por exemplo, era uma eterna nuvem de fumaça. Ferimentos à bala, cortes, fraturas, todo tipo de ferimentos impensáveis apareceram nestes dias. Uma repetição, em certo sentido, do Caracazo estava posta:

“Dios me tiene vivo”. Era su única certeza después de convalecer durante cuatro horas con una bala atravesada en el abdomen. A las 9:30 p.m., el cuerpo, desnudo de Edgar Arguente, cubierto de una sangre pegajosa, reposaba sobre el metal de una camilla también desnuda. El hospital Miguel

³¹² Emergencia del Razetti carece de fármacos para aliviar dolores. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 17 de dic. de 2003. N. 16. 735, p. 06.

Pérez Carreño, con todas sus carencias, le estaba cobrando un pasado turbulento. “no lo podemos operar porque no tenemos suturas, compresas ni el kit de laparotomía – explicó el médico residente Juan Hernández -. Ningún otro hospital lo quiere aceptar y los bomberos no se lo llevan si no tienen la seguridad de que lo van a recibir en un centro de salud”³¹³.

Edgar era mais um destes que, entrando ferido, não conseguiu ser atendido. Com uma bala no abdômen estava a 5 horas morrendo à míngua e implorando ao repórter, que cobria a matéria no momento, que conseguisse uma vaga em outro hospital, pois neste iria morrer. Depois de muita insistência, conseguiu sensibilizá-lo e, por meios de contatos, o repórter conseguiu uma transferência ao ferido e a bala foi retirada. Outros casos mostram em que estado estava o sistema de saúde. Embora nesta data do exemplo de Edgar o *Paro* oficial já houvesse se encerrado, a situação que ficou foi de terra arrasada.

Agregando-se a estes problemas estruturais, naqueles dias de *Paro*, outro agravou a situação: a falta de pagamento da patronal à previdência social, pois embora recolhendo dos empregados, e sendo uma previdência muito precária, se negaram a pagar a mesma no sentido de debilitar ainda mais o governo. Verdadeiramente era uma asfixia que se produzia por todos os lados para jogar por terra o presidente Chávez. Tudo que poderia ser usado para encurralar o governo a oposição usou sem o menor pudor.

4 - A FOME ASSOLA TRABALHADORES E POPULARES VENEZUELANOS

Já na primeira semana do *Paro*, em muitas regiões do país, começam a faltar alimentos básicos para a população e o processo se mostra em cadeia. Por exemplo, no setor agropecuário, filiado a Fedecámaras, por meio da Fedeagro, que compunham a CD, o ciclo de interrupção da produção se dava a partir da fazenda, que deixava de enviar seu leite, o laticínio de processar ou distribuir seu estoque, e o setor de distribuição em geral não levava o produto até os pontos de venda (padarias, supermercados, etc.). É assim que a falta de alimentos começa a ser realidade nos pontos de venda.

³¹³ El Pérez Carreño es un ambulatorio de 11 pisos. *El Nacional*. Caracas, domingo 23 de feb. de 2003. N. 21.362, p. B10.

Esta política deliberada da oposição burguesa em retirar do mercado os produtos de primeira necessidade e criar um pânico no país é oficializada a partir do dia 12 de dezembro, em uma declaração conjunta:

El comité de conflicto de la oposición alertó ayer a la población ante una “crítica” escasez de alimentos en las próximas horas. Según Carlos Ortega, presidente de la Confederación de Trabajadores de Venezuela, la paralización de los servicios también se agravará “de manera inmediata”, por lo que pidió racionar lo que se tiene y guardar solidaridad con las empresas y los empleados que están parados.

Pero para el ministro del Interior y Justicia, Diosdado Cabello, las advertencias sobre un eventual desabastecimiento sólo forman parte de una ola de rumores de los desesperados que quieren generar caos para presionar la salida del presidente Hugo Chávez³¹⁴.

A questão que antes era vista em atos isolados da oposição, ou atos sem coordenação, agora se torna uma política efetiva da CD: trancar as vias de distribuição e abastecimento para que os produtos não chegassem aos consumidores nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais. Somado a isto havia a ação das grandes redes de supermercados como Makro, Sitgo, Rede Casa etc. que passaram a abrir somente algumas horas por dia, o que favorecia a falta de alimentos.

É de se notar que, quando se analisa uma fonte de pesquisa, principalmente jornais, que formam opinião pública, há uma linha editorial, cortes, omissões, que pautam as interpretações na redação de uma matéria. Mesmo levando tudo isto em consideração, o governo não tomava as medidas necessárias e, nas palavras de Diosdado Cabello, isto tudo eram rumores: se acertadamente o governo não poderia criar pânico, da mesma forma teria de agir, ao invés de se fazer cego. E o problema não era somente do Ministro do Interior e Justiça, o conhecido José Vicente Rangel, que constantemente dava declaração de que tudo estava “muy bien”. A verdade é que o mecanismo de sumir com as mercadorias foi executado.

Neste processo, desapareceu do comércio a carne de frango, a mais consumida no país, a farinha pré-cozida de milho, um tipo de farinha com que se faz *arepa*³¹⁵. Juntas, estas duas mercadorias formam o básico da alimentação do venezuelano comum.

³¹⁴ Ortega pronostica escasez de comida y de servicios. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 13 de dic. de 2002. N. 16. 731, p. 05.

³¹⁵ Arepa é um tipo de bolo frito ou grelhado na chapa, que acompanha a alimentação no almoço e sendo no caso do jantar a própria janta, recheado de carne ou queijo se torna uma refeição completa para o venezuelano. Esta farinha especial que faz esta comida desapareceu de comercialização.

Além destes produtos desaparecem frutas, verduras e legumes. O sistema de distribuição foi controlado pela oposição burguesa, ainda que se quisesse vender o produto, a cadeia de distribuição não funcionava³¹⁶. Assim faltavam todas as outras mercadorias, como arroz, óleo, bebidas, principalmente os lácteos, na área de limpeza e higiene da mesma forma, enfim, um caos estava se formando no país. Mediante este quadro, os populares começaram a se organizar e a tomar os estabelecimentos comerciais. Onde havia estoque escondido, tratavam de encontrá-los, colocando-os à venda. Ou seja, por suas iniciativas, um verdadeiro controle popular e operário começou a existir sobre o comércio destas mercadorias. O governo inicia sua ação por meio da Guarda Nacional e do órgão de defesa do consumidor – Omdeco -, a fim de substituir a ação direta de populares e institucionalmente apreender mercadorias estocadas, forçando a venda onde ela não ocorria. Esta ação da população faz a burguesia “tremar”, uma vez que o sagrado da propriedade privada estava sendo violado:

Entre los delitos estaría la violación a la propiedad privada (al haber atentado contra empresas transportistas de combustibles y distribuidoras de alimentos), el atentado contra los derechos humanos de quienes manifiestan pacíficamente en las calles del país, intimidación y amedrentamiento contra los disidentes políticos, así como malversación de fondos públicos³¹⁷.

Estas eram as acusações ao governo e à sua base social que inicia uma arremetida contra esta política da oposição de esconder os alimentos. Desta forma, começam a aparecer alguns alimentos e os supermercados foram reabrindo parcialmente, ainda que não se encontrasse de tudo. Em algumas partes, onde teve início a venda de produtos, grandes filas se formavam para comprar de forma racionada. E o que se descobre com este processo é que grandes indústrias como a Polar, principal indústria de alimentos do país, estava escondendo suas mercadorias e não fazia a distribuição normal, sendo que os galpões estavam cheios. Descobrem-se enormes estoques de farinha pré-cozida, a usada na preparação de *arepa*, estoques de caixas de sucos, de consumo muito comum no país, as bebidas lácteas e frango. Tudo que se havia tornado mercadoria de cambio negro, estava estocado. A população passou a condenar

³¹⁶ Distribuidores de pollo se suman al paro cívico. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 15 de diciembre de 2002. N. 16. 733, p. 07.

³¹⁷ Fernández: Chávez le miente al país. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 17 de dic. de 2002. N. 16. 735, p. 08.

este procedimento, uma vez que as compras eram racionadas: podia-se vender por pessoa 2k de farinha, 1 frango, etc.. Para isto existiam enormes filas.

O setor de centros comerciais também se agregou ao *Paro*, segundo a informação do presidente destes centros: eram 216 unidades em todo país, com um total de 18.000 funcionários³¹⁸. Embora não seja espaço muito popular para se alimentar, no entanto, uma parcela de trabalhadores do setor comercial se alimenta ali, nas praças de alimentação e nas comidas rápidas, oferecidas nestes espaços. Isto evidentemente contribuía para que se agravasse a situação um pouco mais. Somente a partir do dia 23 de dezembro é que os supermercados voltam a funcionar normalmente até as 18:00h, pois antes disto eles permaneciam abertos apenas na parte da manhã. Contudo, as ações de tomada de estoques continuam, uma vez que a oposição também não demovia da opinião de levar a fome às últimas conseqüências. Assim continua a busca de mercadorias escondidas: por exemplo, em Anzoátegui, na capital Barcelona, foi encontrado um estoque com mais de 4 mil caixas de refresco. Também o governo federal, governadores e prefeitos procuraram promover e administrar improvisados comércios a céu aberto para oferecer mercadorias à população. Contudo, a ação que ganha manchete nacional foi realizada no estado de Carabobo, na empresa Panamco, onde a Guarda Nacional, sob o comando do general Luis Felipe Acosta Carles, entra na empresa e encontra um enorme estoque³¹⁹. Carregam os caminhões e, quando estão saindo, se deparam com uma manifestação de mulheres opositoristas que tentam impedir a saída dos caminhões. Ocorre um conflito entre a Guarda Nacional e as mulheres, ato muito difundido na imprensa. É um episódio representativo da luta de classes no país: mulheres da classe média, entrando em vias de fato com a Guarda Nacional, toda uma pancadaria em um setor que continuamente defende o pacifismo, as leis, critica sempre os “vândalos”, agora visto se agarrando no asfalto.

Embora já estivesse no mês de janeiro de 2003, e a situação de obtenção de alimentos não fosse resolvida, havia outros agravantes que não eram somente adquirir os produtos de alimentação, haveria que prepará-los, mas como? Ao ler algumas manchetes de uma página de jornal, percebe-se melhor o problema: “Aumenta la venta de leña en Barcelona”, “el carbón es una alternativa costosa para el ama de casa”, “Se

³¹⁸ Centros comerciales permanecerán cerrados. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 21 de dic. de 2002. N. 16. 739, p. 10.

³¹⁹ GN allanó a Coca Cola y a Polar en Carabobo. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 18 de ene. de 2003. N. 16. 765, p. 09.

agrava suministro de gas en la zona”³²⁰. Aí residia um problema vivido desde a primeira semana de dezembro, que era a falta de gás de cozinha, pois sem este produto tudo o mais era improvisado, e o improvisado não funcionaria para a maioria da população do país. Para compreender melhor esta complexidade da falta de gás, alimentos e fome, observemos a opinião de Elio Colmenares:

Entonces todas las informaciones que nosotros teníamos era que el peo de gas era lo más jodido, el peo de la gasolina no pegaba en los barrios, porque Tú no tenía carro, no tenía carro, no tenía como moverte Tú veía coño como iba para trabajo, Tú veía como iba para trabajo. De verdad el tema de la gasolina no pegaba, el tema de la comida tan poco, porque de alguna manera la gente resolvía y conseguía comida, y había mucho contrabando, por ejemplo, cerveza, cerveza los camiones brasileños traían la cerveza de Boa Vista y se paraban en toda la frontera y llegaba los carros de aquí y llenaban, pasaban por encima de Tú en la cara en la frontera se pasaban la cerveza, los guardias ayudaban, y las vendían en todas partes. Pero los camiones de la Bhama venían en caravana de Boa Vista hasta el punto de la frontera y allí no pasaban, se quedaban allí, y por encima de Tú en la frontera llegaban los carros a comprar y la Guardia Nacional, eso era una locura, o sea de alguna manera. Lo peo más jodido que no se podía resolver era el gas, porque la gente cocina con gas y aún que en algunas partes como aquí en Guayana resolvimos con leña, no era la situación de la ciudad en la ciudad Tú no puede resolver. Entonces hay una imagen de Chávez que va en un barrio, de Caracas, un barrio de esos marginales de los más coño madre que llama las Malinas, que queda en el valle y hay una negra, Chávez los llevan, porque empieza a promocionar lo que estaban haciendo en los barrios para resolver. Entonces en ese barrio Chávez va en un momento en que se está haciendo un sancoche, sancoche es una sopa pa todos van allí, entonces Chávez prueba de lo sancocho “esta más bueno que lo carajo”, dice y “de donde sacaron llena”, “de donde sacaron leña”, la negra dice “eso no es llena, eso es la cama mía, eso es la cama mía, y la próxima vez voy a quemar la puerta, para nosotros no hay problema, pero eso sí, Tú no va a rendir”, sabe, después fue sacando, pero la imagen de lo que me toca es resistir, lo que toca a mí es resistir y Yo estoy haciendo, pero Tú no rinda. Lo sea, lo miedo que tenía la gente no era cuanto aguantaba la gente, el gobierno tenía miedo de cuanto aguantaba la gente, la gente tenía miedo de cuanto aguantaba el gobierno. Pero esa imagen fue la propia imagen de que tranquilo que nosotros no vamos a, por hambre no van a convencer, el problema es que Tú aguanta allí donde está, eso fue cierto, fue una imagen de toda esa broma”³²¹.

O problema da falta de gás era irreparável, por mais que houvesse soluções paliativas em determinados pontos, mas não havia como cozinhar. Uma população predominantemente urbana, com uma significativa parte morando em prédios, como cozinhar a lenha? Neste sentido, somente uma grande força interna de mudanças para passar por todos estes longos dias. E isto a mulher negra citada por Colmenares, e todo

³²⁰ Vecinos buscan opciones. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 19 de ene. de 2003. N. 16. 766, p. 02.

³²¹ Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008.

o significado deste episódio, nos mostra o quão profundo era o problema e quanta determinação havia com os populares para que Chávez não se entregasse e continuasse seu governo que se identificava com toda essa população. Esta resignação popular de resistir às ações da burguesia somente pode ser entendida com profundidade se seguirmos todo o trajeto que se propôs a partir do primeiro capítulo, ver e perceber a experiência deste povo, expressa nas palavras de Wladimir “*Caramba este gobierno é meu e querem me tirar*”. A força vem daí, destes diversos setores explorados, pisoteados que quer se erguer ou melhorar sua vida e acredita que com Chávez isto seria possível. Ao mesmo tempo, pensar qual é o papel de Chávez na ação, ou seja, quando era possível aprofundar o processo, ele concilia. Isto também provoca a necessidade de uma reflexão mais profunda.

Contudo, o que aqueles populares faziam era resistir à fome, pois se não resistem, o pior poderia vir a eles, este era o raciocínio implícito que estes lutadores possuíam. Raciocínio este acertado, pois se olharmos novamente a opinião de Colmenares, pode-se perceber que a oposição não estava para brincadeiras:

Yo te mato de hambre, que fue que los tipos apuestan, con una buena campaña de prensa que ellos hicieron, pero no engancho la gente y con una situación que no había comida, no había gas, no había nada, no? Se suponía que la gente iba a salir a saquear, los tipos todos los días, todos los días empezaron a decir hay saqueos tal sitio, tal sitio, cosa que no ocurría, pero de alguna manera ellos querían promover un ambiente de saqueo. Lo que se apostaba era que la gente no iba a llegar hasta diciembre, las hallacas, la vaina, sin que se levantará la población en saqueo generalizado y eso obligará a intervenir al Ejército, a la OEA, a las Fuerzas Armadas para garantizar el control de la situación, eso era plan. Entonces los tipos empiezan a generar no hay gas, no hay comida, de verdad, en mi casa se llegó a cocinar con leña, no había comida en ninguna parte, se empezaron a organizar una especie de sopa popular, porque no había forma de que la gente. Muchos barrios la gente empezó a comer en la calle, hacer comida conjunta. Hay un cuento, entonces claro hay la puerta es la que va venir una insurrección, o sea, lo que va a ocurrir que la gente se va a alzar va empezar el saqueo, va empezar en la calle, va a un descontrol, incluso entrevistan un carajo que después lo sacan de televisión, es un carajo que está hablando con un tipo que es gobernador de Carabobo, de los escualidos que el tipo dice “bueno hasta cuándo vamos aguantar”, “coño tranquilo, tranquilo, la gente no va aguantar, en un momento van a estallar, cuando estalle va ser 3 ó 4 días de peo lo que tenemos que aguantar, refugiarse en nuestras zonas, y después el Ejército con la fuerza de paz de la OEA entra, calcula 4, 5 mil muertos y la vaina se estabiliza”. Esa es una vaina tan planificada que inclusive los hospitales de Caracas, porque tuvieron que sacar después, la Alcaldía de Caracas compró 4 mil bolsas de cadáveres hasta el Paro, en un país, es extraño porque en ese país no se usa bolsa para cadáveres, eso es una vaina muy gringa, está lidiando con unos expertos gringos que los dice hay que traer bolsa para cadáveres, y nadie se preocupa en comprar bolsas para cadáveres, pero en ese país no tiene bolsas eso es en Estados Unidos, no? Aquí los cadáveres tradicionalmente cuando se

ve este tipo masacre, se los amontona y después cuando se pasa mucho tiempo se mete en una fosa comuna. Aquí no hay cultura de coger uno a uno y meter en una bolsa (risos), esa vaina es gringa, y los tipos compraron 5 mil bolsas, claro eso son vainas que salieron después del Paro. La realidad es que ellos jugaron que aquí iba haber un saqueo muy fuerte, y que en medio de diciembre, mas tardar en final de diciembre imposible para gobierno controlar la situación por la hambruna que había, no había cerveza, no había vaina, no había diciembre, no había nada, la gente había quitado su navidad. Y el gobierno estaba desesperado porque ya había tomado la industria petrolera, la industria petrolera se toma en 15 con los obreros, pero en 20 y no podíamos arrancar, no teníamos barco, no teníamos distribución y fue la parte más difícil como Tú logra a tomar los barcos, este que está el papel de la gente de Puerto La Cruz, gente de Maracaibo, gente de la Guaira, los pescadores y toda esa vaina³²².

A questão era provocar uma fome geral e descomunal até que a população se rebelasse e saísse a saquear e provocar uma justificativa para os setores armados da oposição, com o auxílio da OEA, fazerem o serviço da paz dos cemitérios. Tal argumentação não é absurda, pois, ao olhar as fontes, principalmente os jornais de final de dezembro, de fato se tentou criar um pânico de saques em Guiria e Cumaná, no estado de Sucre. Contudo, estes focos não conseguiram se arrastar pelo país e se removeu este perigo. Ao mesmo tempo, era pauta muito cobrada pela CD diante da OEA, e das negociações que vão ter desde o fim do golpe de 11 de abril, que a OEA aplicasse a Carta Democrática no país. Carlos Ortega e Carlos Fernández cansaram de pedir e fundamentar esta intervenção da OEA com os argumentos da Carta Democrática, que diz que, quando um país membro da OEA passa por instabilidade política, e seus governos cometem atos antidemocráticos que desestabilize o continente, o organismo tem o dever de intervir.

Ocorria que a oposição não conseguia convencer o Conselho da OEA disto até aquele momento, o que poderia acontecer se de fato um movimento de grandes saques no país fosse iniciado, coisa que acabou não acontecendo. A questão dos 4 mil sacos para cadáveres nos hospitais de Caracas, de certo modo, corrobora a versão de Colmenares. Não se pode esquecer que quem controlava a prefeitura da grande Caracas era o carniceiro Alfredo Peña, com seu ajudante Henry Vivas, comandante da Polícia Metropolitana, que matou indiscriminadamente em todo ano de 2002. Assim, consciente ou inconscientemente, os populares estavam certos em resistir à fome e segurar Chávez no governo, porque, naquele momento, se o governo é derrotado pela direita esqualida, suas vidas seriam piores.

³²² IDEM.

Embora a situação dos populares e trabalhadores não fosse fácil com todos estes problemas e a questão da fome, contudo, em outros setores, a fome foi ainda pior. No caso dos detentos do país, mediante toda questão crônica de corrupção no sistema prisional e os problemas advindos do *Paro petrolero* de dezembro, a situação era de calamidade:

La organización no gubernamental Observatorio Venezolano de Prisiones (OGP) denunció ayer la grave crisis alimentaria que está afectando a prácticamente todos los internados judiciales, centros penitenciarios y centros de reeducación del país.

“La hambruna llegó a las cárceles venezolanas. Hemos recibido denuncias de casi todo el país. En el internado judicial Los Pinos, de San Juan de Los Morros, están cazando perros y gatos para comérselos. Los presupuestos asignados por el Ministerio del Interior para alimentos ni siquiera alcanzan para cubrir dos raciones decentes de comida.

Según Prado, quien fue director de prisiones y también funcionario de la Defensoría del Pueblo, en algunos penales se ha dado permiso a los familiares de los internos para que asuman parcialmente los gastos de su alimentación llevándoles comida de lunes a viernes, entre las 3:00 pm y 5:00 pm³²³.

O problema da fome se colocava como questão de âmbito nacional, gerar caos social era uma intencionalidade. Enquanto se observava esta falta de alimentos ou falta de gás para prepará-los, em outros pontos se jogava comida fora. Isto foi realidade nos setores de comida rápida ou franquias, como Mcdonald, setores que paralisaram 100% de suas atividades. Nestes estabelecimentos, seus funcionários eram chamados, em alguns momentos, para tarefas de limpeza, que consistia em amontoar os produtos estragados ou vencidos para serem jogados no lixo. Caminhões de comida foram inutilizados neste processo. Há um caso muito exemplar, no estado de Nueva Esparta, que é uma ilha do caribe venezuelano, em que órgãos do governo daquele Estado entram nos depósitos da Coca Cola e da Pepsi e descobrem um enorme estoque de mercadorias. Um inventário que, segundos cálculos, era suficiente para abastecer o pequeno Estado por dois meses, mas, como a grande maioria destes produtos já estava vencida, teve de ser destruída³²⁴.

O propósito da oposição era evidentemente avançar com medidas mais radicalizadas, como as assinaladas por Elio Colmenares. E há momentos, mais ou

³²³. La hambruna llegó a las cárceles. *El Nacional*. Caracas, lunes 17 de feb. de 2003. N. 21.356, p. A3.

³²⁴ Ordenan allanamientos en Margarita. *El Nacional*. Caracas, sábado, 18 de ene. de 2003. N. 21.326, p. B2.

menos a partir de 10 de dezembro, em que se percebe isto dentro da CD, quando os setores mais radicalizados, representados principalmente pelos militares da Praça Francia, no bairro Altamira, em Caracas, disputam esta iniciativa com os setores de Carlos Ortega e Carlos Fernández que desejavam asfixiar o governo. Ou pode ser também que Ortega e Fernández chegaram à conclusão de que a asfixia produzida era suficiente para entrar com a segunda parte do plano, ou seja, a remoção do governo, o que foi tentado por estas medidas mais fortes. A verdade é que este processo já estava muito tenso, e, quando se aproxima o Natal, mais tenso fica, pois há uma revolta popular enorme, uma vez que a população não podia de modo geral sequer beber sua cerveja, muito menos comer uma ceia de natal.

Mediante este processo de muita tensão, ocorrem diversas fraturas dentro da CD. É importante que se tenha como horizonte que nada estava definido, ou seja, que fim tomaria todo este *Paro*. Por exemplo, do lado do governo, havia um setor mais radicalizado dentro das forças armadas que se preparava para bombardear a Praça Francia com artilharia pesada, por outro lado, a oposição planejava matar uns 4 ou 5 mil chavistas e liquidar o processo de ascenso popular. Pensamos que estas medidas mais de cúpula não aconteceram devido ao lançamento pronto e rápido dos populares e trabalhadores que deram outra dinâmica ao processo em marcha. Todavia, os operários e populares lutadores não lograram aprofundar o processo revolucionário como pretendiam, contudo, hoje, em 2009, não se pode dizer que estão derrotados em definitivo.

Assim, este período de fome pelo qual passaram muitos venezuelanos propiciou a Chávez capitalizar, mais uma vez, este descontentamento, não perdendo popularidade em todo o período subsequente até agosto de 2004, quando, em um amplo referendo, foi aprovada sua permanência na presidência. É somente posterior a esta data, e até as eleições de 2006, que ele se desgasta um pouco mais, embora vença tranquilamente seus opositores nas eleições. Entretanto, uma limitada parcela de trabalhadores e populares passa a inferir que ele não quer revolução, fala dela para mantê-la distante.

5 - REFINARIA DE PUERTO LA CRUZ: DE ONDE VEM A MAIOR RESPOSTA OPERÁRIA

A refinaria da cidade de Puerto la Cruz, oficialmente conhecida como cidade Sotillo, se localiza no estado de Anzoátegui, região oriental do país. A cidade é a segunda do estado, perdendo em importância administrativa somente para a capital Barcelona. A refinaria se localiza dentro da área urbana, cercada em dois lados por casas, ao fundo por uma montanha, e sua última divisa é uma extensão de área de tanques e reservatórios que, embora cortada por uma rodovia, faz sua conexão com a Bahia de Pozuelo, onde atracam os cargueiros de combustível, administrados a partir das instalações físicas de Guaraguao. A cidade de Puerto La Cruz, e este espaço da refinaria podem ser visualizados no mapa da próxima página.

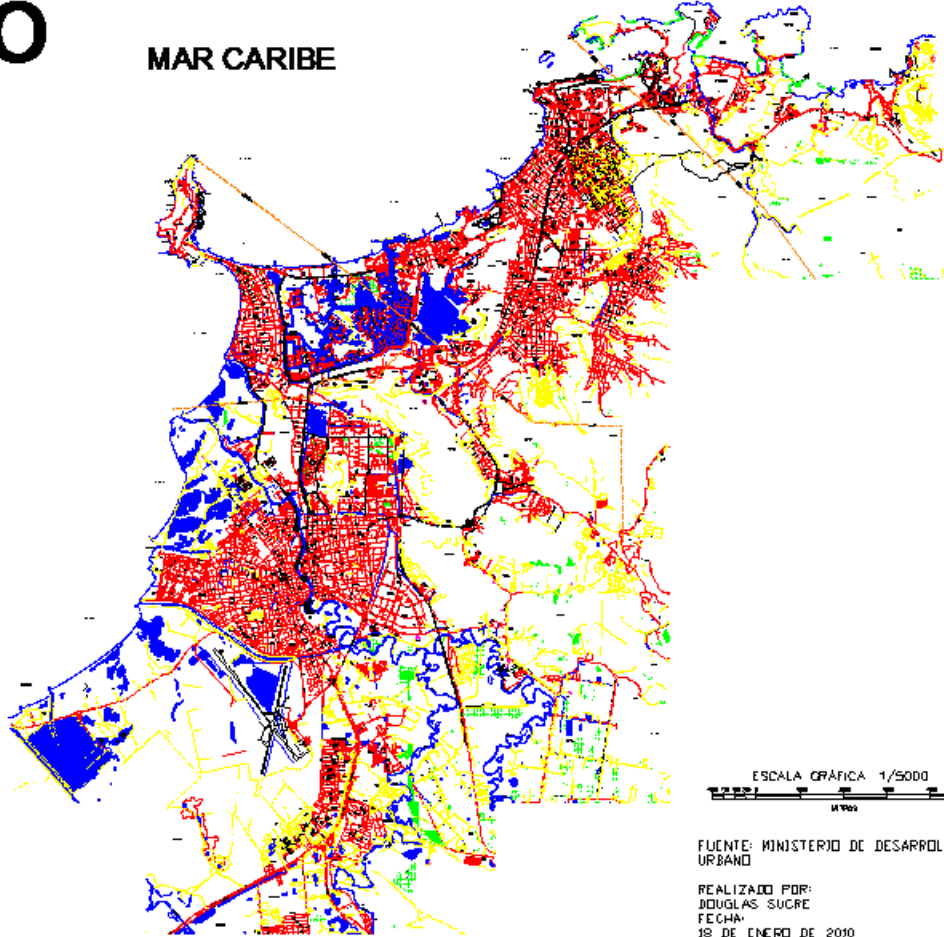
A refinaria de Puerto la Cruz tem sua capacidade normal de refino de petróleo, em 2002, em 177.000 barris de petróleo por dia, além de seu escoamento de petróleo *in natura*³²⁵, a partir das instalações adjacentes de Guaraguao. Não é a principal refinaria do país, está longe disto, a mais destacada se localiza no estado de Falcón, o complexo Paraguaná, que é responsável por 60% da produção do país, sendo a maior refinaria de petróleo do mundo até então.

A refinaria de Puerto la Cruz, entretanto, neste processo de *Paro petrolero de dezembro de 2002*, se evidencia exclusivamente pela audácia de seus trabalhadores, que não aceitam a paralisação da produção, e saem na frente de seus companheiros petroleros do país a combater este novo golpe que se armava.

³²⁵ Refinería Puerto La Cruz trabaja a 45% de su capacidad. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 07 de abr. de 2002. N. 16. 458, p. 03.

O

MAR CARIBE



Nesta refinaria, como se disse em outra ocasião, se constituirão fortes lideranças que naquele momento se projetam nacionalmente, tanto do lado da oposição burguesa, por exemplo, na figura de Fernando Asenjo, quanto do lado dos trabalhadores combativos, como é o caso de José Bodas.

No dia 02 de dezembro de 2002 se inicia o *Paro* nacional. No dia 03, como se teve a oportunidade de observar na opinião de Héctor Rincón, a refinaria de Puerto La Cruz se encontrava deserta, como se fosse um domingo, contudo, era uma terça-feira. Rincón que havia percorrido uma parte da área para reconhecer o grau de paralisação encontra com outros companheiros do movimento *La Jornada*, Félix Ramirez e Numan Lozada, este último pertencente à *nomina maior* da empresa. Pergunta como está o setor de Guaraguao, importante por ser de onde se administrava todos os embarques de navios e que havia parado, quando do golpe de 11 de abril de 2002. A situação exposta por estes companheiros de *La Jornada* era que os trabalhadores em Guaraguao permaneciam em seus postos de trabalho, porém, os setores de gerentes e supervisores haviam aderido ao *Paro*, e os trabalhadores que lá estavam esperavam ordens ou instruções do que fazer.

A pronta elaboração que surgia destes trabalhadores militantes era de que, se os petroleiros não se movessem logo, e iniciassem por si as operações rotineiras, a empresa não se restabeleceria, mas como fazer isto era a questão. Foi então que Héctor Rincón teve a idéia de fazer um ato de procedimento administrativo, que consistia de denúncia, acionando a Inspeção de Trabalho do Estado para notificar o abandono do trabalho dos responsáveis e, a partir de então, convencer os trabalhadores que eles deveriam agir por si mesmos. Numan de Losada e Félix Ramirez desacreditavam deste caminho, pois acreditar no legalismo naquele momento era ingenuidade. Héctor Rincón conta que foi com muita dificuldade que convenceu a Numan de Losada a realizar tal passo, e este deveria partir dele, uma vez que era um dos poucos pertencentes ao alto escalão que havia permanecido na refinaria de Puerto La Cruz. Este passo foi importante e difícil, uma vez que, a princípio, a oposição burguesa, que estava dentro das instalações, não deixava a Inspeção de Trabalho entrar e realizar os procedimentos legais. Rincón conta que:

Al día siguiente, el miércoles 4. Tomamos el muelle con los trabajadores de la Jornada, activistas, organizaciones del Movimiento Clasista La Jornada, con trabajadores de distintas áreas, con los compañeros de la comunidad,

*organizados espontáneamente. Inclusive, estuvo hasta el alcalde Nelson Moreno, una participación importante*³²⁶.

Deste modo, com um amplo apoio popular, consegue-se entrar nas instalações da refinaria, garantindo que, uma vez estando dentro, fosse possível lutar para retirar a oposição que estava nestas instalações, realizando todo tipo de sabotagens, a fim de danificar os equipamentos, caso os trabalhadores resolvessem realizar a produção. Foi uma dura disputa, pois o gerente da área, Jorge Kamkoff, em fúria alegava que nada funcionaria enquanto aquela “turba” de gente afeitos ao processo produtivo da empresa não deixasse aquelas instalações, juntamente com os trabalhadores que haviam realizado aquela ocupação. Héctor Rincón conta que os trabalhadores petroleiros estavam com uma moral e uma resignação de princípios e não se dispuseram a aceitar as chantagens da direção da refinaria. Além disto, contavam com populares das comunidades de Pensil, las Delicias, Mariño, Puerto Píritu e Monte Cristo. Era uma ocupação popular e ainda contavam com militares do lado dos trabalhadores que se faziam presentes. Assim, vencem esta primeira disputa em ocupar o espaço e, ao mesmo tempo, realizar os procedimentos legais com a Fiscal do Ministério do Trabalho, oferecendo simultaneamente uma ferramenta legal para justificar a ocupação da refinaria por quem desejaria trabalhar.

José Bodas, outro trabalhador da refinaria, um grande agitador, encontrava-se, no dia do *Paro*, de férias na casa de sua família em Maracaibo, no extremo oposto do país. Comunicando-se com seus companheiros, percebe que os embates eram graves. Isto porque, inclusive na região de Maracaibo, também produtora de petróleo, a paralisia atinge todo o sistema de produção. Assim, José Bodas vê pessoalmente que o quadro de paralisção é nacional e decide imediatamente regressar à refinaria de Puerto, local de trabalho onde poderia ajudar mais. Chegando em Anzoátegui, conta como viu a situação deste complexo:

Abandonaron los sitios de trabajo y el sabotaje se logra precisamente en el sitio donde estamos, el TAE, Terminal de Almacenamiento, Distribución y Exportación de Crudo, el Petroterminal TAE. El TAE se encuentra en Jose. Ellos sabotean las bombas, sabotean el sistema eléctrico. El sabotaje ocurre en el Llenadero de Sisor, aquí en Guaraguao, ya que ellos tenían las claves.

³²⁶ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 404.*

Cuando hablamos de ellos es la tecnocracia, los responsables de esto. La señora Zuleima León es, hoy por hoy, una de las más activistas de Gente del Petróleo en la región y ocupaba el cargo de gerente de Deltaven. Estas personas abandonaron las instalaciones y no sólo eso, sino que las bloquearon, porque recordemos que todo esto es un sistema automatizado, y ellos bloquearon las computadoras, cerraron las válvulas, las claves, cerraron las claves de este sistema, de modo que ellos quisieron blindar toda su acción de sabotaje, toda su acción criminal, para que no hubiese forma de evitar esto³²⁷.

Embora os setores afeitos à oposição tivessem deixado as instalações, realizaram um amplo ato de sabotagem dos sistemas da produção. A indústria de petróleo se desenvolveu muito e, na Venezuela, uma alta automatização foi instalada nesta indústria, como se teve a oportunidade de discutir em tópico específico do *Paro eletrônico* na empresa. Este sistema, na refinaria de Puerto La Cruz, havia sido amplamente danificado e o quadro que os trabalhadores tiveram de vencer para realizar uma autogestão da refinaria foi muito mais difícil do que se houvessem encontrado uma empresa sem problemas físicos. Neste sentido, o desafio era duplo: um era reparar o equipamento, outro convencer aos trabalhadores que os gerentes poderiam ser substituídos por eles mesmos de forma democrática em modelo de controle operário.

Pablo Hernández comenta que a refinaria de Puerto La Cruz conseguiu, mais que em outras áreas do país, restabelecer a produção devido a seu grau de informatização não ser tão avançado como em outras, como, por exemplo, no complexo Paraguaná, no estado de Falcón. Ademais, como na refinaria de Puerto La Cruz ainda persistiam muitas tarefas manuais, foi menos complexo para os trabalhadores assumir o controle e colocar a empresa para funcionar³²⁸. É um comentário que não se pode omitir, dado o conhecimento sobre a matéria que este Pablo Hernández possui. Avaliamos, porém, que o triunfo dos petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz residiu mais em seu grau prévio de organização e no apoio popular, fundamental no auxílio material e moral da luta, ainda que pese uma parcela técnica inferida por Pablo Hernández.

Não se pode esquecer que, ainda no dia 5 de dezembro, quando do processo de desalojamento da oposição de dentro das instalações da refinaria e principalmente da área administrativa de Guaraguao, a oposição cria um estado de pânico. Vendo que suas forças eram menores para continuar ocupando a empresa, decidem sair, do dia 4 para 5, provocando um grande alarde, desinformando e assustando os trabalhadores. Tal alarde

³²⁷ IDEM. p. 368.

³²⁸ Estas informações foram realizadas pessoalmente por Pablo Hernández ao autor deste trabalho.

consistiu em avisar, a partir do sistema de alto falantes da área de administração, que todos os trabalhadores deveriam abandonar a empresa, pois uma turba de vândalos e círculos violentos estava se dirigindo para a empresa para se arremeterem contra todos e não havia garantias de vida. A referência era aos populares e círculos bolivarianos que vilmente eram chamados pela oposição de círculos violentos, fato totalmente avesso, uma vez que nestes episódios os princípios destes CBs, e populares em mobilização, eram os de melhorar a vida e para isto se mobilizavam. Porém, havia mais de um ano que a oposição burguesa em uma forte campanha demonizava os Círculos Bolivarianos. Na foto da página seguinte se pode visualizar este procedimento.

Mediante todo este processo, e após algumas pequenas, mas rápidas vitórias na refinaria, consegue-se retirar a oposição burguesa e golpista, e a primeira medida destes trabalhadores foi controlar o terminal de embarque e desembarque de combustível. Era necessário não perder tempo. No processo industrial do petróleo, se as máquinas param, para reiniciá-las demanda-se um longo processo que se faz por etapas. Assim os trabalhadores da refinaria de Puerto La Cruz agiram rapidamente e conseguiram carregar o barco III Finnis, para liberar um espaço nos tanques, ainda que mínimo, mas suficiente para permitir a circulação do produto que não poderia parar. Ao fazer isto, a imprensa regional de Puerto La Cruz e de Caracas noticia que os trabalhadores desta refinaria, desrespeitando todas as normas de segurança e irresponsavelmente colocando a população da cidade em risco, enviam o primeiro navio para abastecer Cuba. Tratava-se da atuação da mídia de atacar por todos os lados estes trabalhadores, para inviabilizar que a refinaria se movesse e produzisse. Tal fato era tão evidente, porque este primeiro barco de petróleo *in natura* que saiu de Puerto La Cruz, se dirigia à costa leste dos EUA para os convênios de fornecimento entre PDVSA e a Philips norte americana. Porém, para a oposição tudo teria que ser elaborado no sentido de mostrar o perigo que corria o país com o comunismo e suas relações com os países deste matiz, como Cuba.

Vencendo esta etapa, estes trabalhadores entram em contato com Caracas, solicitando que o presidente da PDVSA, Alí Rodríguez Araque, nomeasse uma nova direção para a refinaria, uma vez que a antiga estava fora e era a direção do *Paro* na região. Assim, tudo que havia sido feito antes o foi pelos próprios trabalhadores que se organizaram no intuito de distribuir tarefas, para responsáveis e equipes: não havia direção oficial da empresa. No dia 6 de dezembro, Héctor Rincón conta que eles passam a pressionar mais o presidente da PDVSA para nomear uma nova diretoria para a empresa. Ali Rodríguez foi muito reticente com isto, demorou 3 dias para decidir.



Somente no domingo, dia 8 de dezembro, é que nomeia Nelson Martínez como gerente da refinaria, Luis Marín como responsável pela distribuição e Numan de Lozada como diretor de Energia e Minas em nível da região de oriente, assim, esta última nomeação colocava em um posto bem estratégico um antigo militante clandestino de *La Jornada*.

É significativo perceber que os trabalhadores, desde o dia 2 para o dia 3, até dia 8, praticaram muitas ações sobre as quais o governo não tinha controle ou direção. Ainda que houvesse militares junto com os trabalhadores, foram estes últimos que deram a linha política do que deveria ser feito na refinaria. Uma questão que se coloca é sobre o porquê desta demora de Caracas: o governo sonhava ainda com um acordo com a oposição? Possuía medo da oposição ou da ação direta dos trabalhadores como a da refinaria de Puerto La Cruz? Se o governo possuía o plano B, porque demorou tanto em acioná-lo? Ao que se percebe em todas estas indagações, vendo a questão do *Paro naval*, da sabotagem eletrônica, é que as análises caminham no sentido de reconhecer que, desta vez, quem salvou o governo do *lock out* foi a ação rápida do setor operário. O governo Chávez por si e por seus planos, na verdade, havia facilitado o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, e não teria força de resistir ao golpe, com o agravante de que tudo que havia feito, desde que voltara ao governo em 13 de abril de 2002, era dar espaço para que a oposição burguesa restabelecesse suas forças.

Após esta nomeação do dia 8, no dia 9, uma segunda-feira, estes trabalhadores saem anunciando a nova direção da empresa, agora comprometida com a luta, e que os companheiros deveriam firmar uma coluna conjunta com estes para tocar a refinaria adiante. Neste mesmo dia, o alto setor ainda não claramente declarado da oposição e um setor intermediário de funcionários, que não estava direto no movimento oposicionista, mas que respondia a estas direções, abandonam a refinaria, o que acabou por limpar em definitivo o quadro administrativo da refinaria de Puerto La Cruz. Na verdade, ficaram pouquíssimos engenheiros ou outros trabalhadores especializados da *nomina maior e média*. Assim, sem este pessoal, como tocar a empresa? Héctor Rincón esclarece que, como haviam tomado uma lição no golpe de 11 de abril, desta vez procuram se organizar mais:

Quiero decir algo acá, cuando estaban en toda esta cuestión de la articulación del golpe, nosotros después de abril – porque vivimos la experiencia de abril – visualizábamos sobre la necesidad de un frente petrolero unido, un bloque de

trabajadores, y empezamos a articular con diversos sectores y trabajadores para organizar un plan alternativo de emergencia. ¿Okay? Porque visualizábamos que venía otro golpe más.

Recuerdo que en el hotel Neptuno hicimos varias reuniones y planificamos, hasta promovimos un foro, un poco para ir incentivando y abriéndole los ojos a los trabajadores sobre qué es lo que se venía, el cual se realizó en 28 de noviembre y ... vino hablando con Pablo Hernández y Víctor Poleo³²⁹.

Desta forma, não se pode acreditar que tudo foi espontaneidade e que não havia um grau de organização prévia destes operários petroleiros. Ainda que no processo material, em dezembro, houvesse certo grau de espontaneidade e desorganização, parte viva na luta de classes, contudo, estes trabalhadores estavam conscientemente mais cientes da realidade que os rodeavam. Assim, a partir do dia 11 de dezembro de 2002, na opinião de Héctor Rincón, mediante as diversas chamadas telefônicas feitas entre os operários petroleiros de todo país, percebeu-se que o quadro de paralisia era nacional, e ativou-se um plano chamado ECOS - *Equipos de Coordinación Operacional* – que visava identificar as debilidades para poder ativar as operações do setor petrolífero. Para efetivar este plano operacional, na refinaria de Puerto La Cruz se escolheram dois no setor de Operações, que foram José Bodas e Héctor Rincón; em Manutenção, escolheram Ernesto Salazar e Jesús Jiménez, e para o setor de embarque e desembarque, em Guaraguao, ficaram responsáveis Eudis Giro, Pablo Urbano e Emiliano Urbano. Destarte, a refinaria de Puerto La Cruz consegue sobressair e se tornar um exemplo para a luta destes operários, na opinião de José Bodas:

Es importante aclarar una cosa, Refinería Puerto La Cruz jamás se paralizó. Durante todo los actos de diciembre, Refinería Puerto La Cruz estuvo siempre a la vanguardia, sus trabajadores y trabajadoras le dieron una contundente derrota a la tecnocracia, al imperialismo yanqui y a toda la patronal de este país, a la Cámara Petrolera y a los golpistas de este país. Fue contundente el hecho de que Refinería Puerto la Cruz se convirtió en una referencia nacional, por el hecho de que Oriente no tuvo esa crisis de gasolina tan, pero tan terrible como nosotros observábamos a través de los medios de comunicación a la gente haciendo cola en una estación de servicio, que de verdad para nosotros era doloroso lo que les pasó. Cómo utilizaron un recurso, una empresa que es del pueblo venezolano, cómo la utilizaron como arma de guerra en contra de este pueblo.

Puerto La cruz se convirtió en esa referencia, por ese hecho de lucha de los trabajadores, del pueblo, por esa victoria, en ese momento que tanto se necesitaba, de verdad que creemos y estamos seguros, y nos han dicho, que muchos trabajadores que se motivaron al rescate, tanto de Occidente como de

³²⁹ IDEM. p. 407-08.

*todo el Oriente, tenían como referencia a Puerto La Cruz, al hecho de que Puerto La Cruz servía de moralizador*³³⁰.

Os operários petroleiros de Puerto La Cruz deram todos os passos que apontamos anteriormente, possibilitando que a refinaria da cidade iniciasse um processo de capitalização da luta, no sentido de levantar a moral dos operários de outras regiões, que não estavam produzindo sequer um barril de petróleo por dia. Deste modo, ao não ficar esperando por ordens do *Comando Revolucionário Petrolero* de Chávez e agindo de imediato, a refinaria não paralisou de todo sua produção. Foi certo que a produção caiu a 30% do que produziam para depois ir subindo paulatinamente. Houve também, nesta refinaria, uma paralisação, no dia 17 de dezembro, devido a um problema de fuga de gases da planta Catalítica, quando os trabalhadores responsáveis pela área decidiram que haveria que parar para fazer este reparo, decisão difícil, mas acertada dos próprios trabalhadores. Neste processo, se destacaram algumas mulheres como: Roservi Marín, que havia sido ameaçada por seu chefe, e Jenny Rivera, juntas com Luis Pereira, Angel Barreto, Austin Guevara, dentre outros, que deram respostas a estes problemas. Os prognósticos de especialistas era que, uma vez esta planta parada, estes trabalhadores não conseguiriam acioná-la novamente. No entanto, estes trabalhadores e trabalhadoras conseguiram acionar a planta catalítica depois desta rápida parada.

Voltando ao dia 9 de dezembro de 2002, quando estes operários assumem o controle da refinaria, com o respaldo de Caracas, e com a nova direção já nomeada e trabalhando, a primeira medida mais efetiva foi fazer com que a distribuição de combustível retornasse a funcionar. A situação marítima ainda não estava resolvida, o *Paro naval* foi desativado dentro de um processo gradual e, embora se conseguisse atracar alguns poucos cargueiros no terminal de embarque e desembarque da refinaria, isto não viabilizava rapidamente a distribuição de gasolina e óleo diesel no país. Para onde estes barcos se dirigiam, a situação para descarregá-los e distribuir o petróleo era muito mais difícil, dado que o *Paro* petroleiro havia debilitado de forma avassaladora estas outras regiões. Neste sentido, Puerto La Cruz e os petroleiros vão realizar uma enorme tarefa, que é fazer carregar e distribuir o petróleo em gôndolas, que são as carretas de 5 ou 6 eixos, com capacidade de transporte entre 36 a 40 mil litros de combustível.

³³⁰ IDEM. p. 371-72.

O terminal onde se carregam estes veículos de combustível na refinaria se chama *llenadero*, espaço normal aonde há o estacionamento para os veículos, que, na ordem de chegada, vão entrando no terminal para efetuar a carga. Todo este carregamento era feito de forma informatizada: estaciona-se o veículo, os registros se abrem e em cada compartimento se coloca a medida exata que sai na fatura. Este sistema havia sido sabotado, assim os registros não se abriam, e tampouco saía nota fiscal do produto. Héctor Navarro e Juan Berra, especialistas em computação, depois de muito tentarem, conseguem destravar em parte o sistema. Assim, de forma semi-automática, o *llenadero* voltou a funcionar, os registros são abertos para se carregar as carretas, mas as notas fiscais e outros controles eram preenchidos à mão.

Tal façanha deixou indignada a oposição burguesa, pois esta acreditava que não era possível descobrir os comandos, houve também a necessidade de puxar outra rede de alta tensão, que saía do batalhão da Guarda Nacional nas proximidades, pois a rede elétrica do *llenadero* ficou inutilizada devido às sabotagens. Feito isto, iniciou-se o carregamento de alguns veículos. Uma indignação tomou conta da mídia, que alardeava que os petroleiros estavam ficando com o dinheiro dos carregamentos e que a situação de segurança era insustentável para a cidade. Tal campanha, devido ao funcionamento da refinaria, tomou proporções enormes. O chefe do corpo de bombeiros, Frank Diaz, deu declarações oficiais sobre o alto risco de explosões, o que poderia levar a cidade aos ares³³¹. Contudo, mesmo antes de ocorrer esta declaração do chefe de bombeiros da cidade, alguns setores já haviam entrado com ações judiciais para paralisar o funcionamento da refinaria, alegando medidas de segurança para a cidade. A Procuradoria do Estado, com os informes dos bombeiros e da Proteção Civil, e a denúncia de 25 associações de bairros, segundo a própria Carlota Salazar, havia viabilizado para que, no dia 15 de dezembro, eles dessem entrada na justiça com um processo solicitando a paralisação das atividades da refinaria da cidade³³². Não se pode esquecer que a oposição burguesa, além de controlar os altos cargos da empresa, também mobilizava trabalhadores e setores populares para a sua política, contudo, os setores operários, contrários ao *Paro* petroleiro, conseguiram mobilizar mais e sobressair na luta.

³³¹ Bomberos ratifican peligro en llenadero. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 20 de dic. de 2002. N. 16. 738, p. 04.

³³² Procuradora pedirá paralizar operaciones de la refinería. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 16 de dic. de 2002. N. 16. 734, p. 07.

Para os trabalhadores petroleiros, as medidas de seguranças estavam sendo seguidas a rigor, e o que ocorria era a enormidade de sabotagens que a oposição fazia constantemente nos recintos. Para revertê-las, foi fundamental a participação popular, que se destacou no resguardo do entorno da empresa para que ninguém desconhecido entrasse nela. As forças armadas auxiliaram com vôos de helicópteros com visão noturna, percorrendo os trajetos das tubulações, evitando, assim, as constantes danificações de válvulas que os sabotadores estavam realizando. Esta resistência não foi nada fácil e para o seu sucesso ocorreu uma coesa integração entre operários petroleiros, populares e os CBs, juntamente com alguns setores das forças armadas da cidade, que eram contrários ao *Paro*.

A situação foi que a pressão para paralisar a produção foi tamanha, que o próprio governador do estado de Anzoátegui, que até o dia 11 de abril de 2002 era bolivariano, e que havia passado para o lado da oposição, entrou com uma ação no sentido de apagar a única chama de produção do país que permanecia acesa, a refinaria de Puerto La Cruz:

La acción judicial ejercida por el gobernador David De Lima está dirigida a echar por tierra la decisión del gerente de la refinería, Nelson Martínez, de autorizar el llenado de cisternas y el atraque de tanques en los muelles para la carga de crudo y otros derivados petroleros.

Advierte el jefe del Ejecutivo que estas operaciones las ejerce gente que carece de conocimientos para certificar la calidad de los productos, efectuar su operación y darle mantenimiento diario a estas áreas.

“Ciudadano juez constitucional, en sus manos está paralizar mediante amparo constitucional y con la medida cautelar solicitada, la irresponsable distribución de combustible, presuntamente contaminado y fuera de los estándares de calidad, que actualmente se distribuyen desde la refinería de Puerto La Cruz”, precisa De Lima en el escrito³³³.

A situação dos operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz não se mostrava fácil, foi uma luta em muitas frentes, com diversas dificuldades, pois estes trabalhadores estavam pondo a perder os planos bem traçados da alta direção oposicionista da empresa. Enfim, sob a ótica da oposição burguesa, era um grande atrevimento destes simples trabalhadores consertar os estragos e colocar a empresa a funcionar sem supervisores, ou seja, estavam rompendo dois enormes pilares, um era o

³³³ Gobernador interpuso amparo por impericia en llenadero de gasolina. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 17 de dic. de 2002. N. 16. 735, p. 11.

da meritocracia, segundo o qual somente ela possuía conhecimentos capazes de fazer a indústria petrolífera funcionar. O outro era o controle desta produção, conseguindo realizar não somente a produção, mas a distribuição dos produtos à sociedade.

Tal exemplo tornou-se um problema nacional e não somente da longínqua cidade de Puerto La Cruz. Assim, a ofensiva avança para Caracas, onde a Câmara de Armadores de Venezuela, sob a direção de Nelson Maldonado, entra com uma ação no Ministério Público, acusando o presidente da PDVSA, Alí Rodríguez Araque, de ir contra os artigos 156, 167, 284, 286, 287 e 294 da constituição. Acusava-o dos atos de associação e instigação à delinquência, incitação a desobedecer às leis, promoção de saques e violações de convênios internacionais³³⁴. O presidente da PDVSA havia autorizado a remoção dos navios parados, porque os próprios trabalhadores haviam iniciado o processo de restabelecer a navegação, como se viu anteriormente, e nomeou outra direção para Puerto La Cruz, cidade que era considerada de trabalhadores perigosos.

A situação era que os operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz haviam arranjado inimigos não somente no estado Anzoátegui, mas, em todo país, a queda de braço estava forte, era uma demanda nacional. Assim, a derrota destes trabalhadores petroleiros de Puerto la Cruz significaria uma derrota em nível nacional, pois Chávez, com seus planos e o *Comando Revolucionário Petroleiro*, não estava tendo sucesso em derrotar a oposição burguesa e golpista. A classe operária se movia com muito mais dinâmica, dava respostas objetivas e aglomerava ao seu redor os setores populares, que travavam lutas cotidianas, uma vez que, por todo o mês de dezembro e janeiro, aconteciam escaramuças constantes nas ruas, principalmente na capital. A situação era muito tensa em todo país, principalmente entre os dias 9 e 11 de dezembro. Há que abrir aqui um parêntese para estes dois dias em âmbito nacional.

No dia 9 de dezembro o setor bancário decreta oficialmente adesão ao *Paro*, o que na prática estava realizando, porém se torna agora oficial. A Associação de Alcades de Venezuela (Adave) declara neste dia desobediência civil ao presidente Chávez, o que queria dizer que a oposição não aceitava, em suas cidades, qualquer intervenção federal, em qualquer local que fosse. A operação de gás realizada a partir da cidade de Anaco, estado de Anzoátegui, tronco principal da distribuição de gás ao país, fez as empresas básicas de Ciudad Guayana entrarem no *Paro*, pois, ao fechar os registros de

³³⁴ IDEM. p. 03.

distribuição de gás comercial e industrial no país, a Sidor inviabiliza o funcionamento do complexo siderúrgico localizado no estado Bolívar. Com isto se impediria o funcionamento da indústria de base do país³³⁵. A CD, neste momento, solicita do Secretário da OEA, César Gaviria, uma reunião de urgência, em que apresenta a necessidade de aplicar a Carta Democrática sobre a Venezuela, ou seja, em linhas gerais, era o pedido de intervenção das tropas no país, alegando ingovernabilidade. A situação é muito tensa, a oposição apertada de todos os lados, o que leva a crer, se observarmos sob a ótica da oposição, que, nestes dias, o governo não agüentaria. Há uma declaração muito enfática da oposição neste sentido:

Luís Manuel Esculpi, dirigente de Unión y vocero de la Coordinadora Democrática y Leopoldo Puchi, secretario general del Movimiento al Socialismo, MAS, advirtieron que al Presidente de la República, Hugo Chávez, se le “habían reducido las opciones y en este momento las vías de negociación se limitaban a solicitar la renuncia del jefe de Estado y la convocatoria inmediata a elecciones”.

La propuesta se vió respaldada por un documento presentado ayer por la alianza opositora.

Según apuntaron los dirigentes, en este momento ni siquiera estaría contemplada la posibilidad de aceptar un escenario donde el primer mandatario participe en unos eventuales comicios.

“Difícilmente Chávez puede gobernar un país en las actuales circunstancias de paralización”, dijo Puchi³³⁶.

O quadro não estava fácil nestes dias, ainda que muito disto fosse trabalhado pela mídia. A imprensa, entre os dias 9 e 11 de dezembro, assumiu uma ofensiva avassaladora sobre Chávez. Em similar proporção, saem os populares a protestar contra esta ofensiva que a mídia estava aplicando em todo o país. A ira aos meios de comunicação era tamanha, que os populares resolveram partir para o enfrentamento direto com os meios de imprensa, que nada mais faziam que passar as diretrizes da oposição, dos partidos adecos e copeianos, que falidos, buscavam se fazer ouvir via mídia. Colmenares, que viveu o processo, possui uma experiência e conta sua versão, que, embora seja uma citação longa, socializa uma informação importante:

³³⁵FIGUEROA, Roberto Alonzo. *Gás, testimonios del paro petrolero 2002-2003*. Puerto La Cruz/Anzoátegui/Venezuela: Litopapeles Síglo XXI, 2005.

³³⁶La oposición radicaliza salidas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 10 de dic. de 2002. N. 16. 728, p. 03.

... a día siguiente, en lunes 9 Yo me acuerdo de eso, porque nosotros estamos tratando de pasar a la ofensiva, pues los carajos están también en la ofensiva. En lunes 9 los tipos ordenan el Paro de transporte y nos quema un compañero en Maracay, un transportista que sale a trabajar a las 4:00h de la mañana los están esperando y lo queman dentro del carro, eso hace en Maracay, lo queman en carro con el tipo adentro, que es una vaina que se Tú atreve a salir en la calle, nos vamos a matar. Entonces empieza a correr una bola, el ambiente esta muy raro...

Yo tranquilo, me boy de Metro, en Metro Yo iba cuando me doy cuenta por la calle, no hay buhonero, no hay nadie y los buhoneros, y la mitad de los buhoneros que tenían en Caracas, en alrededor de allí. No hay buhonero, no hay cuño no hay nadie, Yo me monto en Metro y en Metro todo mundo viene discutiendo que esta noche, bueno que todo mundo se quede en su casa porque esa noche vas haber plomo, llego en mí barrio ta mí primo que lo propio carajo empieza pasar en la esquina, en mí casa, cuando lo veo me siento solidario a decirle chamo largue de ir al centro por esa noche, él, "sí, sí vay haber enfrentamiento. Yo estoy aquí en barrio e no vamos salir hasta que haga instrucciones para salir". Llego en mi casa y mamá me hecha otro cuento que van asaltar todo canto, Yo digo carajo mama yo estoy en gobierno y no sé un coño de esa vaina, como sabe Ustedes, y no era solamente Yo que no sabia nada, Chávez no sabia nada. Porque toda la oficialidad se habían cuadrado con la información que tenían que iban a salir y asaltar a Miraflores, para dejar ocurrir el asalto para justificar de la Plaza Francia. Entonces Chávez se entera porque los tipos acaban llegando, Chávez se entera con boca de alto mando militar y alto mando militar lo que dice a Chávez es que se él no asume la dirección del enfrentamiento, entonces Chávez le pide tregua, como diciendo a Chávez vamos hacer. El tema que todo mundo estaba esperando esa es la instrucciones que le dice en los barrios, que Chávez iba a dar una cadena nacional y cuando se dé la cadena nacional iba hacer un asalto, no? Y la cadena nacional era el sinal que los barrios bajasen en lo centro e iba a acabar con los carajos, no hubo roda de prensa, pasado las 8, pasado las 9 y a las 10 en los barrios todavía la gente taba esperando y decidieron lanzarse a la ciudad. Además Chávez sí tira de la roda de prensa, pero no que hace una roda de prensa, mas llama Vanesa, la periodista y por teléfono dice a Vanesa que sabe que esta se preparando un asalto a Miraflores, que no sé lo que y da toda la vaina, Y Vanesa empieza a radiar en todo alrededor de centro, todo mundo en barrio se quedo como que vamos o no vamos para el centro. A la media noche la gente se decide ir para centro y asaltaron todas las televisoras, eso fue en la noche que asalto, todos los barrios bajaron sobre la ciudad y fueron directo a los canales al 4, al de Maracay, o sea los tipos fueron a todos los canales de televisión, entraron, esa vaina era. Yo me acuerdo, que estaba en mí cama, estaba en casa durmiendo y me llaman de repente a que prenda televisor, prendo el televisor, hay una pila de carajos allí encerrado dentro de canal, diciendo que afuera hay unas turbas, pero Tú esta vendo que es un tipo diciendo que siempre estuvo con el pueblo, ayudaba en las campañas, que cuando las gentes están enfermas ellos siempre son solidarios, o sea los tipos todos desesperados, afuera tiene una turba. Y de repente pasan, hace un pase a los dueños de los canales, que en ese momento están reunidos con Gavidea en hotel en centro de la ciudad, a margen do que esta ocurriendo en su televisor, y pone uno de los dueños de los canales a decir así, "no le tenemos miedo no, hagan lo que hagan la gana, queme el canal, que hace con eso borracho, sucio" y toda esa vaina (risos). Claro el carajo esta allá, cuando vuelve lo canal tu ve la caraja blanca y el periodista se ha puesto a llorar, esta la caraja que fue que dio pase, que se queda como así como se dice "ese loco esta mando a nos matar, porque él esta allá", y los periodistas que están a lado se pone a llorarse se fue en lagrimas el carajo porque el tipo dice este carajo esta diciendo la vaina, y soy Yo que estoy aquí adentro. A mí me llama por cierto después que dice de programa, me llama Nicolas e me dice, "el tenemos que ir al canal, hay una instrucciones de ir parar la gente, hay que ir a los canales a

parar las gentes” Yo me empiezo a vestirme e después pienso para que coño para ayudar, va para el coño y me quedo prendido a la televisora, porque esa negociación se quedo hasta las 2:00h de la mañana entre gobierno y los manifestantes que querían quemar (risos), los canales, no? Y todos los carajos metidos con Gávidea pidiendo a OEA que interviniera, hay más o menos empezó el proceso de movilización de la, hay se empezaron los choques fuerte, porque a partir de hay empezó una movilización con gente de los barrios y con tantos de movimiento obrero empezaron a tomar fabricas, a tomar los centros, sobretudo petrolero, las empresas básicas se empezaron a tomar militarmente con nuestra gente aquí. Encerraron los centro comerciales, pero las calle se convirtió en un caos e contradictoriamente los pocos que tenían que ver con esa vaina, los comercios empezaron a cerrarse, por ejemplo aquí nuestros compañeros empezaron a asaltar todas las estaciones de gasolinas para que se abriera, claro con eso garantizara, te garantiza su suministro de gasolina³³⁷.

A situação chegou a tal ponto que os setores populares, que sofriam com o *Paro*, não suportaram mais este estado de incertezas e pressão midiática e partiram para a ação direta, quebrando os meios de imprensa em todo país. Parecia uma ação coordenada, pois embora Elio conte mais a situação de Caracas, no entanto, o fato se deu em todo país. Os populares nesta noite entraram nas TVs, rádio, oficinas de jornais, e destruíram o que se podia, fazendo fogueira de computadores, móveis etc. Muitas nunca mais voltaram a funcionar. Eram tanto ódio e vontade de resolver o problema que a população pobre não esperou mais pelo seu comandante Chávez. Isto trouxe um problema de muita envergadura a Chávez, pois, se de um lado, necessitava passar à ofensiva, contudo, deveria ser uma ofensiva comedida, pensava o governo. No entanto, os populares e trabalhadores queriam aprofundar o processo, o seu processo revolucionário, como destacou Wladimir em seu depoimento, enquanto participante de um destes Círculos Bolivarianos.

A situação foi que o governo teve de fazer o operativo de freio, que tão exemplarmente cumpria o vice-presidente José Vicente Rangel, porém, nesta noite, foi necessária toda liderança do MVR para segurar as massas. É um processo que se via em ascenso, desde agosto até dezembro, culminando neste quebra-quebra. É o momento em que as massas vão à ação direta fora das rédeas de Chávez, em uma permanente disputa. Assim, percebe-se no processo venezuelano deste momento que nada, absolutamente nada, estava definido de antemão, os diversos setores em pugna lutaram e atuaram na dinâmica do processo e o movimento popular e operário ensaiou uma autonomia que,

³³⁷ Entrevista com Elio Colmenares em 12-10-2008. Nicolás que Elio Colmenares se refere aqui é Nicolás Maduro, que foi, posteriormente a estes episódios, presidente da Assembléa Nacional e atualmente, em 2009, é Ministro de Relações Internacionais de Chávez. É a segunda ou terceira figura mais pública do país.

para a análise histórica, não chegou a desabrochar e ver que fruto daria se estes setores independentes vencessem. Um significativo setor militar também concordava em aprofundar o processo, este setor surge principalmente no pós 11 de abril, quando tenentes e capitães se insubordinam contra os generais, depois que Chávez retorna ao governo, no dia 13 de abril de 2002. E Chávez pessoalmente vai rápido à cidade de Maracay, pois estes oficiais se reuniam nesta cidade exigindo a destituição de todo o alto comando das Forças Armadas. Tais setores estavam vivos em dezembro, no entanto, todos estes seguimentos que aprofundam o descontentamento com as políticas conciliatórias de Chávez, não conseguem se agregar, ou serem agregados, por nenhuma força política ou social que possuísse este viés de ruptura definitiva com o modelo de país. Assim, o processo de autonomia é congelado em seu ensaio, embora no caso dos trabalhadores da refinaria de Puerto La Cruz o processo de independência das rédeas de Chávez permanecesse em disputa por todo o ano de 2003.

O fato foi que, com esta ação nacional e um efeito recíproco, os petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz dão um passo a mais no sentido de conseguir que o terminal de abastecimento e distribuição de combustível funcionasse, apesar de toda pressão que havia contra. Pouco a pouco as carretas vão sendo abastecidas, ação vital para colocar os combustíveis acessíveis à população. Porém, se depara com um problema que foi a falta de caminhões para fazer esta distribuição. Os donos das transportadoras haviam aderido ao *Paro* e guardado suas carretas, dispensando seus funcionários. Uma parte dos caminhoneiros também aderiu à oposição e, assim, se recusava a trabalhar. Quem possuía seu veículo próprio e não afeito ao *Paro* fazia o transporte, mas com o risco de perder a vida, pois a oposição não estava para brincadeira, a exemplo do motorista em Maracay que foi queimado vivo em seu veículo. Isto não era caso isolado, houve uma ação neste sentido. A situação se resolveu da seguinte maneira: efetivos militares contrários ao *Paro*, junto com populares, começaram a abordar as transportadoras e levavam os veículos mesmo sem consentimento. Era o fuzil e a ação direta falando mais forte, conseguindo veículos para fazer o transporte:

Sólo una nota de ocho líneas fue lo que dejó el teniente Juan Contreras, del Comando de la GN (Seguridad Urbana), en la oficina de Transporte Michelle, de donde se llevaron cuatro gandolas de combustible.

Segundo Lezama, propietario de la empresa, se mostró indefenso y denunció violación de la propiedad privada. “Un piquete de la GN, en compañía del alcalde de Barcelona, José Pérez Fernández, intimidada de una forma que está

fuera de ley, queriéndose llevar las gandolas a cargar combustible en Guaraguao, lo que desde el punto de vista constitucional es ilegítimo”. Sin embargo Lezama no impidió la acción. “Contra la fuerza no se puede hacer nada, contra eso lo único que hay es la razón”, dijo al ser localizado en la plaza La Libertad de Lechería³³⁸.

Para recrutar os novos motoristas, ou convencer os antigos, foram utilizadas diversas formas como: conversas entre os populares convencendo os motoristas a fazer o transporte, aparecimento de voluntários, como aposentados ou desempregados, que sabiam manobrar estes transportes e, desta forma, foi-se solucionando esta demanda. Ao mesmo tempo, medidas de segurança para acompanhar o motorista em escolta para não sofrer nenhum atentado. Contudo, até por volta do dia 11 de dezembro ainda ocorria sabotagem neste terminal de carregamento para veículos, uma vez que a antiga gerência entrava via internet e danificava o processo via sistema eletrônico. Tal problema foi resolvido em definitivo, ao se desconectar as atividades do sistema eletrônico, a partir de Caracas. Assim, a refinaria, ficando desconectada via eletrônica de Caracas, pôde, a partir dos trabalhadores da localidade, mover o sistema, ainda que em muitos casos de forma semi-automática ou manual.

As conquistas dos operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz iam se somando, porém em um processo muito dinâmico, de picos elevados de controle a embates ardentes, pois a oposição em Puerto La Cruz também mobilizava uma grande massa e isto não era somente condição da oposição de Caracas. Eram verdadeiros enfrentamentos cotidianos, com marchas e tomada de posições. Para estes trabalhadores de Puerto La Cruz, manter a refinaria custava uma permanente ação, não era somente o trabalho interno de reparar o material danificado e manter a produção, o que por si já era um grande desafio. Era necessário defender os limites da refinaria e Héctor Rincón, que participou ativamente do processo, nos oferece uma versão de como se construía isto:

Para clarificar el grado de compromiso y madurez que están asumiendo los trabajadores en cuanto a los Círculos Bolivarianos, ya en diciembre cambió; ya en diciembre entre los trabajadores eran muy pocas las personas reacias a no aceptarlos en los portones, por lo menos aquí en Refinería, porque ellos decían: “Nosotros garantizamos las operaciones” y así quedó demostrado, ellos lo garantizaron, pues esos equipos de la comunidad organizada, sectores muy dinámicos y dados a la lucha, sirvieron de muro de contención a las

³³⁸ GN se llevó 4 gandolas de transporte Michelle. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 10 de dic. de 2002. p. N. 16. 728, 11.

pretensiones del sabotaje, de venir a sabotear, de querer venir a tomar las instalaciones y obligar a los trabajadores a abandonar y amenazar. David De Lima, el gobernador golpista de acá, promovió conjuntamente con la Gente del Petróleo, un acto masivo a un área adyacente aquí al Llenadero, que es el Barrio El Pensil cerca de la avenida Municipal. Ellos lo organizaron desde Guaraguao para terminar aquí, pero lo que se traía detrás de eso era tomar las instalaciones del Llenadero. La Jornada y otros equipos, entre esos la comunidad organizada y el Movimiento Pequimar y de Dignidad, y también la Fuerza Bolivariana, varios compañeros, nos organizamos un poco para hacerles frente acá y otros compañeros estuvieron en la Redoma de Guaraguao, pero en verdad en ese día nos sobrepasaron en número, ellos fueron bastantes. Hicieron una marcha muy significativa con todos los que botaron y todos que sumaron, los adecos de Rafa, todos ellos hicieron una marcha bien buena, porque yo estaba ahí, yo la vi³³⁹.

Havia no processo estes elementos. Um era a capacidade de mobilização da oposição, o que demandava que, se os petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz quisessem manter seus trabalhos, deveriam contrapor também com mobilizações, portanto, a luta era cotidiana. Outro elemento foi que depois de meses de bombardeio da mídia a respeito do papel “anárquico” dos CBs, os próprios trabalhadores da refinaria possuíam temor deste setor. A mídia havia conseguido seu objetivo de relacionar os CBs com uma turba de vândalos e, naquele momento, os Círculos Bolivarianos eram a expressão popular mais avançada da revolta contra as condições de miséria em que vivia a população pobre. Neste sentido, a cobrança dos CBs era imediata, não desejam mais demora, por isto, seu processo de ação direta e luta permanente com a oposição. Muitos setores dos CBs compreendiam que aquele tipo de enfrentamento físico cotidiano era a melhor maneira. Isto não era compreendido de imediato pelos operários petroleiros em geral e também por uma parcela em Puerto La Cruz.

Foi necessário um convencimento de um setor dos operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz para que aceitasse, ou visse com bons olhos, o apoio dos CBs aos operários naquele momento. Desta forma, com muito diálogo, estas direções petroleiras conseguem convencer seus companheiros que haveriam de aceitar esta unidade para a luta, que somente os petroleiros isolados não avançariam com a produção na refinaria. É de se observar, ainda, que houve a necessidade de conseguir uma unidade sindical, pois as forças políticas sindicais não eram homogêneas. E mediante uma unidade de ação, procuraram enfrentar um inimigo comum que era a

³³⁹ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 411.

oposição e o plano golpista, que, se vencedor, deceparia as cabeças de todas estas correntes sindicais³⁴⁰.

O resultado de todo este progresso no campo político e sindical da unidade foi que unidos puderam suportar os embates e fazer a produção seguir. Como sustenta José Bodas, estes petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz puderam cumprir um papel de abastecimento muito importante a nível nacional:

Recordemos que estos señores tenían a su disposición tecnología de punta y era un plan completo. El mayor golpe que les dimos fue que en Puerto La Cruz, durante toda la contingencia de diciembre, a partir del 7 u 8, rescatamos todo el Llenadero, siempre hubo gasolina, y de esta parte de Puerto La Cruz llevamos gasolina para todos el Oriente. Recordemos que de aquí sale la gasolina para 5 estados orientales: Sucre, Guárico, Anzoátegui, Monagas, Bolívar y Nueva Esparta. Durante la contingencia también llevamos hasta Fuerte Tiuna en Caracas, suplimos a Caracas de gasolina, de combustible, durante todo esos días del sabotaje de diciembre, enero y febrero. Entonces ésa es la acción que se tomó³⁴¹.

Esta foi a lição que os trabalhadores e populares de Puerto La Cruz deram à oposição burguesa, porém, em um processo contínuo de muita instabilidade, uma vez que no decorrer dos dias muitas dificuldades se colocavam a estes trabalhadores. Trabalhamos as investidas judiciais da oposição, as sabotagens, manifestações massivas da oposição para recuperar a refinaria, a falta de transporte, o problema de se convencer os trabalhadores a se unirem aos populares, inclusive os lutadores dos CBs, o papel de se contrapor à mídia, os tanques cheios de petróleo *in natura*. Tudo isto contribuiu para que a produção de petróleo baixasse em níveis irrisórios, pois, de uma produção nacional diária anterior ao *Paro* de cerca de 2,8 milhões de barris de petróleo por dia, a PDVSA passou a produzir 200 mil barris diários, um número insignificante diante do que era o normal. Mas isto não é tudo, houve momentos próximos ao dia 10 de dezembro que a produção baixou a 50 mil barris diários, versão inclusive confirmada

³⁴⁰ MORENO, Nahuel, PETIT, Mercedes. *Conceptos políticos elementares*. Buenos Aires: 1986. Estes conceitos de unidade de ação no movimento sindical e da luta política dentro do movimento de esquerda marxista foram muito desenvolvidos por estes autores. Não chegamos ao estudo mais profundo destas forças sindicais no *Paro petrolero venezolano de diciembre de 2002*, no sentido de problematizar suas matizes ideológicas. Assim não podemos afirmar se a conquista desta importante unidade dentro da refinaria de Puerto La Cruz foi conquistada dentro de um viés teórico, ou prático, ou simplesmente um instinto de sobrevivência destes operários. A verdade é que conseguiram fazer este movimento de assimilação desta necessidade.

³⁴¹ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 368.

por trabalhadores contrários ao *Paro*³⁴². Efetivamente, o governo Chávez somente se sustentou desta vez graças à intervenção dos operários petroleiros contrários ao *Paro* e ao apoio popular.

Todos estes problemas são importantes de se ver por um prisma, pois Chávez havia criado mecanismos de defesa para contrapor aos ataques da oposição. Desta vez o golpe não pegaria Chávez “desprevenido”, como ocorreu em 11 de abril de 2002. O governo havia criado diversos comandos, o *Comando Revolucionário Petroleiro* era a menina dos olhos de Chávez, que acreditava que com este grupo de técnicos, militares e especialistas, se neutralizaria qualquer investida da oposição burguesa dentro da indústria do petróleo. Elio Colmenares, que participou de algumas reuniões deste comando com Chávez, informa que primeiro o Comando informou que não haveria golpe, tampouco paralisação da indústria do petróleo, o que contradizia a sua opinião como representante do meio sindical. Posteriormente, quando do *Paro*, a proposta deste Comando foi que o governo deveria negociar, não havia alternativas para Chávez. De fato, quem apresentou a alternativa de resistir foram os operários petroleiros, incluindo os marítimos, que atuaram rapidamente contra o *Paro naval* e o *Paro* da produção e distribuição do petróleo, no exemplo de Puerto La Cruz. Todos os comandos do governo, incluindo aí os comandos militares, vieram a reboque de um reduzidíssimo número de operários petroleiros, e uma massa de populares. Esta foi uma ironia que a história e o movimento operário pregaram a Chávez.

Dentre outros problemas enfrentados pelos operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz estava a falta de componentes químicos para se processar a gasolina e o diesel. Esta indústria possui uma complexidade, há vários elementos necessários para se produzir a gasolina, não é somente o petróleo *in natura*. Assim, a falta de nafta caiu sobre a refinaria de Puerto La Cruz, e por coincidência o produto estava no navio Barbara Palácios, que havia aderido ao *Paro*, na Bahia de Pozuelo, em frente a Puerto La Cruz. Desta forma, a ação de manter o controle do terminal de embarque e desembarque de Guaraguao foi de fundamental importância³⁴³. A outra parte foi realizar o controle do barco, pois não era uma simples ação de entrar um comando armado e tomar o barco. A oposição havia feito muitas sabotagens, explodir um barco deste, levando uma parte da cidade e justificar a intervenção da OEA era ação possível. Esta

³⁴² El gobierno mantiene plan para “normalizar” Pdvsa. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 19 de dic. de 2002. N. 16. 737, p. 05.

³⁴³ Llenadero porteño quedó sin reservas de diesel. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 21 de dic. de 2002. N. 16. 739, p. 07.

ação de realizar a tomada deste barco e reparar os problemas que detectaram na embarcação foi uma vitória destes operários petroleiros, assim puderam se abastecer deste produto.

Deve se agregar à discussão a percepção de como os trabalhadores realizavam isto, quem decidia o quê e quais eram as formas de agir. Afinal, o quadro de mando da empresa havia se dissolvido e ações complexas, de alta responsabilidade, não poderiam ser dúbias nas decisões, sob o risco de acidentes fatais não somente aos operários diretamente, mas à população da cidade. José Bodas, em seu depoimento, conta como os trabalhadores puderam superar este problema e administrar conjuntamente a refinaria:

Es bien importante resaltar los siguiente, los supervisores se van y allí queda un grupo de Nómina Mayor y de los trabajadores, entonces decidimos reunirnos y organizar las actividades, Éramos nosotros los trabajadores los que discutíamos: “Bueno, si tenemos problemas con los tanques vamos a bajar la carga, vamos a hacer esto de modo de que nos dé más días para cuando venga el barco a llevarse el residual, al llevarse la gasolina, a llevarse los productos refinados”, y señalábamos quiénes iban a ser supervisores. Muchos de esos compañeros están allí. O sea, rompimos con esa acción de que sea nada más la gerencia, a dedo los que colocan a la gente. Hacíamos la discusión y siempre prevaleció la capacidad, la experiencia, los años de servicio de los compañeros que estuvieron de las plantas, por esa decisión. Hoy están de supervisores de las unidades de las plantas, por esa acción, escogidos por los trabajadores. Es un precedente bien importante, un hecho de democracia, de consciencia de los trabajadores, de madurez política y es contundente el hecho que los trabajadores sí podemos dirigir esas empresas donde trabajamos³⁴⁴.

A iniciativa e dinâmica destes petroleiros foram um feito surpreendente, conseguiram romper com o dogma tecnocrático e academicista, de acordo com o qual somente os escolarizados no ensino formal é que possuem habilidades para tal empreendimento administrativo. Mais relevante ainda é ressaltar que estes trabalhadores não atuaram em situações normais, mas a partir de uma empresa sabotada, onde diversos processos de produção foram danificados. Foi um momento em que a tão idolatrada meritocracia caiu por terra, e se havia uma meritocracia entre os trabalhadores, esta se dava pela capacidade, experiência e habilidade por anos de profissão, tudo isto discutido democraticamente. Não se necessitava dos recursos

³⁴⁴ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p 372-73.

humanos da empresa, nem das distorcidas indicações, tudo era feito nos grupos de debate e nas assembleias da categoria.

Este processo que descreve José Bodas permitiu que os próprios trabalhadores experimentassem o domínio não somente da produção, mas da distribuição dos produtos, fato importante no sentido de decidir a quem e para onde vão as mercadorias. Experiência fora da realidade normal da produção do sistema capitalista, em que os trabalhadores não possuem nenhuma decisão no processo de distribuição das mercadorias, embora sejam os elementos primordiais na cadeia de produção.

A conclusão de que os trabalhadores podem dirigir as empresas em que trabalham, é um marco na fala de José Bodas, sintetizando uma importantíssima diretriz operária perdida nos processos de avanço do neoliberalismo na década de 1980 e da crise e queda do stalinismo no leste europeu em 1989. Há, sem dúvida, um reviver da diretriz de que os operários são capazes não somente de produzir, mas de administrar a produção. Fato que os petroleiros de Puerto La Cruz reviveram, não na teoria, mas na prática, no chão da empresa petroleira. O processo histórico venezuelano, e toda dialética e reciprocidade entre setor operário petroleiro, populares e militares insubordinados, está no centro da tese de que, nas condições atuais do capitalismo, a classe operária não perdeu seu lugar de protagonista.

A atuação destes petroleiros, a partir de Puerto La Cruz, permitiu reviver a classe operária como um páreo duro na luta de classes, pois conseguem introduzir elementos importantes na organização da classe, como os *Comitês Guías*. Tais comitês funcionaram como organismos de controle operário, assim, para cada tarefa necessária na refinaria se reuniam os petroleiros, discutiam o problema, traçavam as diretrizes, dividiam as tarefas e escolhiam os responsáveis para executá-las ou dirigi-las. Fato impensável sob a ótica do capitalismo, que agrega em seu discurso a complexidade do mundo global e virtual, impossível de ser assimilado pelos trabalhadores. Ocorre que a PDVSA vivia em um mundo global e virtual, e os petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz conseguiram, com seus mecanismos de organização, sobressair deste dito mundo virtual e global. Não se pode esquecer que estes trabalhadores, além de colocar a produção a funcionar, também se relacionavam com a complexidade do mundo de fora, pois vendiam as carretas de combustível e recebiam seu valor.

Era uma transação de grandes dimensões, a exemplo do que é vender um navio de petróleo, muito mais complexo que vender um caminhão de combustível. Tudo isto foi feito com o controle destes trabalhadores e há de se colocar que o grau de corrupção

na empresa baixou em níveis nunca vistos antes, pois não havia as justificativas de segredos industriais e a participação era ampla e democrática.

Este processo fundamental, que jogou os petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz a debilitar o *Paro* e o possível desfecho em golpe, foi reconhecido inclusive por Chávez, que se viu na necessidade de congratular estes operários petroleiros de Puerto La Cruz ainda no mês de dezembro de 2002:

Allí fueron galardonados con las órdenes Francisco de Miranda, Libertador y Mérito al Trabajo unas 39 personas, entre ellas el coronel José Arcón Matos, comandante del Destacamento 75 de la Guardia Nacional; Williams Arévalo, gerente de operaciones de la Refinería Puerto La Cruz; Antonio Valladares, capitán de la Marina Mercante y los dirigentes sindicales Gregorio Rodríguez, José Bodas y Félix Ramírez.

“Así como en la independencia el Oriente nunca fue dominado, esta refinaria (Puerto La Cruz) nunca fue parada por mano sabotadora alguna, lo que representa una victoria moral del pueblo y de los trabajadores que se echaron al hombro esta industria”.

Indicó el jefe del Estado que la producción petrolera nacional viene en ascenso, por lo que aspira que próximamente alcance su normalidad, aun cuando reconoce que las operaciones se han visto mermadas por el paro cívico³⁴⁵.

A atitude do Presidente da República de ir pessoalmente a Puerto La Cruz condecorar, com as mais altas honras ao mérito, 39 pessoas, dentre elas os trabalhadores que se destacaram como lideranças petroleiras, demonstra o papel que jogaram estes trabalhadores no processo. Isto ainda em dezembro, momento em que o *Paro* continuava, contudo, os petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz já haviam se transformado no símbolo de resistência nacional e irradiavam a necessidade de que os outros resistissem da mesma forma.

Neste quadro, outros setores petroleiros, até então em tímidas ações, como, por exemplo, a refinaria de *El Palito* no estado de Carabobo, começam a recobrar força, pois esta refinaria, embora fosse de pequena produção, centralizava a distribuição de combustível em 10 Estados centrais do país, incluindo Caracas. Todas estas atividades para reerguer estas áreas vão ser demoradas, ao longo do mês de janeiro a março, todavia, a ação de Puerto La Cruz mostrava um caminho a seguir.

³⁴⁵ Para Chávez Anzoátegui carece de gobernador. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 29 de dic. de 2002. N. 16. 746, p. 05.

Ao iniciar o mês de janeiro de 2003, a situação da produção da refinaria de Puerto La Cruz era bem superior em termos produção e distribuição de combustível, com 2032 carretas despachadas em 20 dias de trabalho. Este número evidentemente não cobria a demanda, contudo, não permitia o colapso do país:

Desde el 9 de diciembre, cuando la nueva gerencia de Pdvsa y el Ministerio de Energía y Minas asumieron el control absoluto del llenadero de Guaraguao, a raíz del paro petrolero, han sido despachadas desde esas instalaciones un total de 2.032 gandolas con combustible con plomo, sin plomo y diesel hacia Anzoátegui, Sucre, Monagas, Guárico y Bolívar. Este jueves a las 6:00 de la tarde ya habían sido despachadas más de 80 gandolas y otras 40 estaban en espera, por lo que se decidió trabajar hasta la medianoche para satisfacer la demanda. Según Navarro, la situación fue similar el 31 de diciembre, cuando se laboró a toda máquina para cargar 144 cisternas de carburante con y sin plomo y diesel³⁴⁶.

Somada a esta produção, o governo havia comprado alguns navios de combustível de outros países. Do Brasil veio o Amazonas Express, carregado de gasolina para atracar no terminal de Guaraguao, em Puerto La Cruz; outros navios com combustível vindo da Líbia, e também do Iran, chegavam ao país. Porém, a situação destes navios era complexa para descarregar e fazer o combustível chegar às bombas de abastecimento da cidade, pois, em regiões controladas pela oposição, era difícil retirar o combustível destes navios, que esperavam dias até conseguirem atracar e descarregar. De qualquer modo, favoreceram para, paulatinamente, restabelecer o fornecimento. Porém, isto tudo está ocorrendo frente a uma enorme campanha midiática, que dizia que estes países estariam interferindo na política interna da Venezuela e que este combustível não era apropriado para os motores venezuelanos. Tudo isto era válido para a oposição.

Em 8 de janeiro de 2002, a refinaria de *El Palito* arranca com uma tímida produção de 50 mil barris de gasolina por dia, não muito, mas devido a sua posição estratégica, qual seja, sua localização no país, é essencial para o abastecimento da região central, incluindo Caracas. Nesta mesma data, a refinaria de Puerto La Cruz consegue chegar a 80% de sua produção normal, fato que consolida a vitória em definitivo de ai

³⁴⁶ Llenadero ha surtido 2.032 gandolas en 20 días. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 03 de ene. de 2003. N. 16. 750, p. 03.

por diante do setor petrolero de Puerto La Cruz, ainda que muita contenda estivesse nas ruas do país.³⁴⁷

En diciembre se demostró al mundo que los trabajadores unidos junto al pueblo podemos hacer las cosas y mejorar las cosas, sin necesidad de que estén con un látigo y esa espontaneidad de organización demuestra capacidad, demuestra experiencia y sentido de pertenencia. Y que en equipo lo hicimos y lo vamos a seguir haciendo. Ahora, esa experiencia vivida la asumo muy positivamente como un avance enorme, porque uno de los sectores que siempre ha marcado la pauta en la historia del movimiento obrero venezolano ha sido el petrolero, en el 36, y por sus luchas, pero que a través de la historia eso se había venido como apagando y que surgió una llama desde el oriente, no porque La Jornada tenga una llama, sino que surgió una llama desde el oriente, una chispa donde empezó a luchar por eso, un poco con dignidad y con sentido ético y amor a este país, a esta patria y que no puede haber revolución si no hay transformación directa en Pdvsa y que la revolución pasa por Pdvsa, porque es la fuente de ingresos del país y de ahí eso debe ser apuntado para profundizar este proceso a favor de la mayoría del pueblo³⁴⁸.

Nesta fala de Héctor Rincón está sintetizada todo aquele processo do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, com uma reflexão a partir da classe operária. Os trabalhadores, com o apoio popular e todo o processo complexo a sua volta, mostraram não em palavras, mas nos feitos materiais, que era possível fazer as coisas, e fazer melhor, sem que houvesse a necessidade dos gerentes para dizer o que deveria ser feito. Neste período de *Paro petrolero*, dobravam-se em escalas de serviço, cumprindo a “rotineira”, e depois disto se juntavam às outras equipes em auxílio de tarefas e planejamento geral da produção da refinaria. Contam estes trabalhadores que por mais extenuantes que fosse a tarefa de colocar a produção a funcionar, foi o momento em que o número de acidentes de trabalho foi reduzido a cifras nunca vistas antes na empresa. Esta indústria tem um alto risco de acidentes, incluindo os fatais. Contudo, mediante a própria organização e prevenção feita por eles mesmos, a consciência de que não poderia haver acidentes permitiu uma integração quase que perfeita neste problema. Desta forma, a segurança do trabalho foi executada não com a hipocrisia do modelo predatório capitalista sobre os recursos energéticos e seus trabalhadores. Mas com uma visão classista e amor à vida de cada um, sabendo que, mesmo no coletivo, são, ao

³⁴⁷ Gobierno aspira activar las refineras este mes. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 09 de ene. de 2003. N. 16. 787, p. 08.

³⁴⁸ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos*. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 412-13.

mesmo tempo, singulares, para eles, suas famílias e amigos, todos os querem vivos, e assim todos devem voltar após cada jornada de trabalho. É de se observar ainda que, neste momento, havia um complô da oposição sabotando equipamentos, no sentido de causar tragédias. Foram diversos os derramamentos de petróleo provocados pela oposição para desestabilizar as operações, lançando uma campanha midiática contra os mesmos.

O sentido de pertencimento, de que Héctor Rincón fala, coloca uma reflexão da categoria petroleira, do que foi a greve de 1936, que tivemos a oportunidade de discutir no primeiro capítulo, revivida por estes operários. Na história passada, esta categoria lutou com toda sua força, em meio a toda contradição que poderia existir em sua época, e avança com a consciência geral de que aquele modelo aristocrático de 1936 estava falido, haveria que mudar, embora não conseguissem, na época, estar continuamente sob um controle operário, contudo lançam as bases de uma Venezuela moderna. Definição que Tennessee³⁴⁹ elabora em sua dissertação, vista anteriormente. Para estes petroleiros, que viveram o *Paro petroleiro* de dezembro de 2002, haveria que dar um rumo no sentido de trazer o brilho operário à categoria novamente. Na refinaria de Puerto La Cruz, isto é visto de forma mais clara. Não por serem iluminados, mas por viverem os problemas de corrupção e desmoralização da classe operária e da categoria petroleira e se indignarem como primeiro passo, experiência muito bem expressa por Gustavo Guarema, quando analisava que a questão das vagas de empregos, ou *cupos* como eram chamados as vagas de emprego, não poderiam permanecer naquela imoralidade.

Expressão também sentida por Gregório Rodríguez naquele momento, que percebia que o setor operário estava podre, e um mal estar acompanhava estes trabalhadores que não concordavam que as coisas deveriam ser “assim mesmo”. Para estes petroleiros, a dignidade, o sentido ético e o amor ao país, em benefício da maioria dos venezuelanos, permeavam a cabeça destes trabalhadores mais comprometidos e observadores do mundo que os rodeia.

A resposta a tudo isto foi implacável por parte dos operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz: esta refinaria não iria parar, sob quaisquer circunstâncias, sob qualquer isolamento vamos travar a luta, não importa que todo país esteja parando, nós estamos determinados, foi a resposta. O eco se fez sentir e quem não pensava na

³⁴⁹ TENNASSEE, Paul Nehur. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela. Editorial Popular, S. A. 1979

possibilidade da luta passou a pensar que era *possível vencer*³⁵⁰ e a faísca, como argumenta Héctor Rincón, se transformou em chama e o fogo se alastrou.

A situação foi que, após o dia 10 de janeiro de 2003, o *Paro* petroleiro continuava, e foi oficialmente até o dia 03 de fevereiro. Os eventos não permitiam dizer que a oposição estava derrotada, o gongo da luta de classes não havia soado seu último *round*, assim como não o soou até agora. No entanto, os trabalhadores vão pouco a pouco, após 10 de janeiro, recobrando suas forças e, sob um processo instável, vão galgando seus degraus. No mês de fevereiro, o fornecimento de combustível no país se normaliza, ainda que os problemas na PDVSA percorram ainda o mês de março, pois a oposição petroleira não desiste de sua luta. A Coordenadora Democrática já havia assinado os armistícios, aceitando e recolhendo assinaturas para que houvesse o referendo revocatório para que se consultasse a sociedade se o presidente continuava ou não. Ao mesmo tempo, os setores opositoristas na PDVSA levavam sua luta à frente, somente quando se viram completamente isolados e enfraquecidos é que saíram do campo de batalha.

Em todo este *Paro petroleiro de dezembro de 2002*, não se pode negar a audácia dos petroleiros de Puerto La Cruz e a covardia e oportunismo de Chávez. A covardia, explicamos agora, o oportunismo na última parte, em concluindo. Para enfatizar a covardia de Chávez, em tudo que já se discutiu até aqui, abordaremos um exemplo: o presidente não consegue sequer colocar o sistema bancário para funcionar normalmente, não há uma ameaça séria a este setor, sequer as tímidas medidas de multas se realizaram e os banqueiros jogaram um peso muito forte neste processo. Em todos os 63 dias de *Paro* Petroleiro, o governo federal não agiu. As medidas de freio à população, quando esta investe contra os meios de comunicação em todo país, é outro exemplo, por si evidente da covardia e limites deste governo. Naquele momento, em que se mobilizava contra os meios de comunicação da burguesa, um novo modelo de imprensa democrática, informativa e formativa poderia ser construído democraticamente no país com apoio absoluto dos setores populares explorados. Isto de forma covarde e vil é barrado.

Por fim, a peça que os operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz pregou a toda oposição burguesa é que, quando estes setores se organizavam, buscavam

³⁵⁰ Expressão cunhada pelo professor do Cefet, em São Paulo, Valério Arcary, em seus debates em defesa da classe operária. Para os operários petroleiros de Puerto La Cruz a expressão deixou de ser palavras e se materializou.

a unidade com todos os lutadores e excluídos sociais, possibilidades se construía. Com isso, o patamar de luta é superior, podendo trazer à tona inclusive o modelo político. De fato a burguesia tremeu ao ver o solo se mexendo a seus pés, embora esse tremor não viesse a provocar rachaduras para que se precipitasse. Ao mesmo tempo, Chávez percebeu que setores populares e operários muito mobilizados poderiam deixar para trás seu projeto bolivariano e haveria que, em momento oportuno, amordaçar esta ameaça.

6 - O MOVIMENTO POPULAR

Seria incompleta a análise do *Paro petrolero de dezembro de 2002* se não se dedicassem algumas laudas para análise da participação direta de populares em auxílio destes operários petroleros, especialmente da cidade de Puerto La Cruz, para colocar a indústria do petróleo a funcionar.

O movimento popular mais organizado, que fomentava reuniões, programava atividades e havia um funcionamento cotidiano, possuía uma dimensão de que o *Paro petrolero* iria ocorrer, uma vez que sempre estava mantendo relações e contato com estes operários petroleros de Puerto La Cruz. Esta é a opinião de Luis Peres, um dos integrantes destes movimentos populares:

Abordamos el problema desde el Movimiento Clasista La Jornada, con otros movimientos como lo eran el Movimiento Pequímar y trabajadores de la misma empresa que se montaron en hacerles seguimiento al problema y tratar de reactivar la producción y llamamos a una movilización aquí en el elevado de Puerto La Cruz, que es el sitio céntrico donde la gente se concentra. Concentrarse en este sitio se ha convertido en una tradición y efectivamente nos concentramos allí, para darle apoyo a la gente del muelle que estaban buscando reactivar el funcionamiento del mismo. Ahí se logro reactivar este muelle y la producción con el apoyo tanto de trabajadores como de personas que estaban desempleadas en ese momento. Otro problema para ese momento era el abastecimiento de la gasolina por suerte logramos formar un grupo para que se encargara de suministrar el producto tanto a los gandoleros como a los que se encontraban adentro trabajando. También hubo cierta dispersión entre los trabajadores y algunos de ellos decidieron quedarse como espectadores solamente, para el momento era importante que los trabajadores se sintieran apoyados para que pudieran resistir las presiones del momento y sobre todo por la falta de personal las jornadas ya no eran de ocho horas sino de muchas horas más de trabajo. Había que estar vigilando por si se acercaba

*algún grupo opositor ha sabotear, ese era parte del trabajo que estábamos realizando*³⁵¹.

O trabalho destes populares se iniciava com a mobilização no elevado de Puerto La Cruz, um viaduto cerca de 2 km da porta da refinaria. A partir desta massiva mobilização é que se iniciava efetivamente a participação destes setores no apoio aos trabalhadores que desejavam continuar a produção. O primeiro desafio foi apoiar para que o terminal de embarque e desembarque de Guaraguao voltasse a funcionar, atividade que o próprio Héctor Rincón esclareceu em seu depoimento. Tudo isto era o início de todo o processo, de aí por diante sempre estiveram lado a lado operários petroleiros e populares no resgate da indústria do país.

Luis Peres conta como era importante para os operários verem que não estavam solitários nesta luta, havia um setor que, embora não estando diretamente nas operações da refinaria, estava junto em solidariedade efetiva. Neste sentido, garantir a segurança do terminal de distribuição de combustível feito por veículos se tornou a principal tarefa à qual Luis Peres se integrou. Além dela, era importante vigiar as fronteiras da refinaria, evitando assim a entrada de pessoas que pudessem provocar sabotagens na empresa. Assim, o trabalho requeria uma boa participação e muita disponibilidade de luta:

*Habían muchos grupos, grupos de barrios, grupos de trabajadores. El grupo con el que yo trabajaba era alrededor de 200 personas que eran constantes. Había otros grupos más pequeños que llevaban alimentos. No olvidemos que para el momento no había muchos recursos y se contaba mayormente con la voluntad de la gente*³⁵².

A solidariedade entre populares e trabalhadores foi enorme, recorde-se que a empresa foi literalmente incapacitada de funcionar pela direção comprometida com o *Paro*, assim os operários petroleiros trabalharam todo este período sem receberem salários. A princípio, não havia caixa da empresa, sequer para comprar comida aos trabalhadores que tiveram de desdobrar em horas de trabalho. Soluções foram pensadas como recolher donativos, alimentos, sopas coletivas. Trabalhadores e populares estavam

³⁵¹ Entrevista com Luis Peres, em 16-07-2006. Peres, nesta data da entrevista, possuía 47 anos, é natural de Caracas e residia na cidade de Puerto La Cruz há 6 anos. Participou neste processo de reerguer a indústria petrolífera como apoiador, não era trabalhador petroleiro. Entrevista feita pelo autor.

³⁵² IDEM.

contando unicamente com suas forças, o tão propagado *Comando Revolucionário Petrolero* não apareceu na refinaria de Puerto La Cruz sequer para garantir as refeições diárias, imprescindíveis para suportar a fadiga do trabalho, da vigilância e dos enfrentamentos físicos.

Ao mesmo tempo, Nelson Núñez, trabalhador há 27 anos na PDVSA, funcionário na cidade de Maturín, Estado Monagas, região oriental, corrobora esta opinião de que a ajuda dos populares foi de total importância para recuperar a empresa, e avalia também que a infra-estrutura da oposição era muito boa, ao passo que a dos trabalhadores contrários ao *Paro* teve de transpor maiores dificuldades:

Mucha gente fue voluntariamente a ayudar, a resguardar las instalaciones. Por ejemplo, en Sisor nosotros teníamos gente que estaba ahí pendiente de las gandolas que saliera y que no fueran a sabotear. Otros fueron a las instalaciones, otros fueron a ponerse a la orden, a resguardar los edificios.

De ahí nosotros escogíamos. Nos decían: “Yo trabajé en tal parte”, bueno lo metíamos y así fuimos metiendo inclusive gente con sexto grado operando planta, que tuvieron experiencia en contratista. Así fuimos incorporando, así fuimos metiendo y otros que se fueron incorporando tarde, en enero, en febrero, que hacía falta. Y jubilados que se pusieron a la orden. Recuerdo que en Monagas estuvo un señor que tenía un plan, que era jubilado, y dijo: “Yo estoy aquí a la orden, yo conozco a Jusepín, vamos para la planta”. Fuimos metiendo, a todo el que iba participando y que quería, a nadie se le podía cerrar la puerta cuando se fue todo ese poco de gente; gente experimentada, que tenía práctica, que era preparada. Eso nos fue dando cabida, inclusive llamando públicamente, por la radio. Después vino el decreto que Félix metió en el Alto Tribunal donde decía que todo el mundo tenía que incorporarse a la instalación, nadie se podía ir, pero estos bárbaros tenían mucho dinero porque concentraban al trabajador en un sitio con unos toldos, con un sonido y le daban al trabajador semanalmente billete para que no fuera, Entonces, un tipo que tenía trabajo, que no estaba definido si estaba botado o no, que seguía cobrando por el sistema del banco o que le aparecía su salario igual y le daban real normalmente, ¿qué iba a estar yendo para allá a estar rescatando nada por nada?³⁵³.

A correlação de forças nesta disputa era muito desfavorável aos operários e populares, pois a oposição preparou bem o terreno para realizar a paralisação, fato não contraposto pelo governo, em sua administração, no período após o golpe de 11 de abril de 2002, até o final de novembro, às vésperas do *Paro*. Sendo assim, a unidade e mobilização que se conseguiram entre populares e operários petroleros foi o “bote salva vida”, e a admissão destes populares como trabalhadores, no decorrer do processo,

³⁵³ *Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos*. Testimonios de un rescate. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 296-97.

ofereceu a possibilidade de que a empresa pudesse aos poucos ter o pessoal para executar as atividades.

As mobilizações no sentido de apoiar os operários petroleiros de Puerto la Cruz vieram também de outros pontos. O vizinho estado de Sucre forneceu importante auxílio com pessoal para fazer frente aos embates que ocorriam na cidade:

500 seguidores del presidente Hugo Chávez, algunos pertenecientes a 27 círculos bolivarianos de Sucre, están presentes en la redoma de Guaraguao en apoyo al programa de reactivación del suministro de combustible para la región oriental que adelanta el oficialismo. Armiche Padrón, secretario del Partido Comunista Sucre y Rafael acuña del Núcleo de la Universidad de Oriente, indicaron que llegaron en 27 autobuses y que vienen más “para reforzar al pueblo de Anzoátegui”, y ahora más “con la intervención del gobernador Ramón Martínez”³⁵⁴.

Deste modo, uma ampla unidade de populares apoiava os operários petroleiros de Puerto La Cruz, uma vez que as pressões para que esta refinaria não produzisse eram enormes. Lembramos que ainda se está, neste momento, no início de dezembro e o quadro de paralisação nas outras regiões era total, e Puerto estava rompendo este *Paro*. A luta nesta região, desde o início, foi bem concentrada, para evitar que a empresa erguesse sua produção.

Quando estes fatos se dão na cidade de Puerto La Cruz, cria-se uma disputa entre os governadores de Anzoátegui e de Sucre, pois o primeiro era oposição, como vimos, e o segundo era do MVR. A oposição burguesa de Anzoátegui exigia que se prendesse o governador de Sucre, caso entrasse no estado de Anzoátegui, por apoiar materialmente a vinda de populares para Puerto La Cruz. Além de pessoalmente estar interferindo na questão do navio parado na Bahia de Pozuelo, Barbara Palacios, que se negava a descarregar uma carga de nafta, imprescindível para o funcionamento da refinaria da cidade. A oposição alegava que o governador de Sucre não possuía jurisdição em Anzoátegui, assim, não poderia estar diretamente participando de ações neste estado: estaria realizando delito, conforme o artigo 257 do código penal, e, assim, deveria ser detido³⁵⁵. Desta forma, os problemas eram de dimensões variadas, quando se tratava da

³⁵⁴ Sucrenses están en Guaraguao. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado, 14 de dic. de 2002. N. 16. 732, p. 10.

³⁵⁵ Procuraduría evalúa juicio contra gobernador de Sucre. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 27 de dic. de 2002. N. 16. 744, p. 05.

participação popular, uma vez que a oposição não desejava esta participação na refinaria do estado de Anzoátegui, seja de pessoas da própria localidade, principalmente as vindas de estado vizinho.

A permanência de populares junto a estes operários petroleiros se fazia cotidianamente, acompanhando cada passo da refinaria. Os próprios meios de comunicação da época relatavam a permanência constante destas pessoas:

Mientras tanto, en las afueras del llenadero de combustible de la Refinería de Puerto La Cruz, unas 100 personas vinculadas con el oficialismo se rotan turnos desde de las 5:30 am a las 11:30 pm para vigilar la salida y entrada de gandolas al lugar.

*Por los parlantes se escuchaban, con música de Alí Primera de fondo, a otros afectos al gobierno que decían: Ya van 80 gandolas. A Venezuela no la para nadie*³⁵⁶.

A unidade nesta luta entre operários e populares já se havia consolidado, e cada qual dava uma dinâmica conveniente conforme suas próprias características nas atividades. Luis Peres, um destes integrantes, nos conta que não era nada fácil manter um apoio durante 24 horas a estes operários, pois eles não arredavam o pé do terminal de carga de veículos da refinaria de Puerto La Cruz, local para o qual estavam designados. Possuíam apenas uma barraca, não havia estrutura que pudesse oferecer o mínimo de conforto e, por conseguinte, menos fadiga. Todos os dias eram incertos, vividos debaixo de um fatigante sol ou de uma inesperada chuva: foram mais de dois meses nesta situação. Como atividade rotineira destes grupos, ele oferece uma pequena descrição de como lidavam no dia a dia das tarefas:

Por medio de la radio uno más o menos tenía la idea de como estaba la situación. También por las noches aprovechábamos para realizar círculos de estudio con los compañeros que estábamos de guardia.

*Más que todo estudiábamos sobre el materialismo histórico, también teníamos un televisor, pero el interés central era hacer análisis sobre las discusiones realizadas en los medios de comunicación*³⁵⁷.

³⁵⁶ Nuevos gerentes garantizan combustible para 11 días más. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 15 de dic. de 2002. N. 16. 733, p. 09.

³⁵⁷ Entrevista com Luis Peres, em 16-07-2006.

Luis Peres indica um dos caracteres internos das atividades destes grupos de populares que se dispuseram a resguardar a refinaria: oferecer apoio humano e moral aos operários de Puerto La Cruz. A visão, neste caso, era que se deveria saber o que estava ocorrendo no país, e para compreender o que acontecia era necessário estar bem informado e saber analisar as informações colhidas. Acreditavam que um estudo de materialismo histórico poderia oferecer as ferramentas para compreensão e análise dos fatos que viviam. É possível perceber a partir de aí, que este setor que estava unido à classe operária petroleira, buscava modos mais organizativos para verem implementadas suas demandas. A Venezuela vivia uma forte efervescência social e política e os trabalhadores e populares procuravam uma saída para seus problemas, levando-os a imprimir certa dinâmica própria ao processo.

Outros eventos, em que participaram ativamente os populares, e que não eram tão estruturados, como o deste piquete no terminal de carga de veículos na refinaria, aconteciam constantemente na cidade. Bastava a menor suspeita de uma ação da oposição burguesa e logo aparecia uma gama de populares para rebater a ação. Um exemplo disto foi a atividade, em meados de dezembro, que a oposição estabeleceu em todo país, que eram os *trancazos*. Consistia de manifestação em locais inesperados onde a oposição burguesa, por meio de sua mobilização, se dividia em grupos, atravessava seus carros nas vias e formava um piquete impedindo a movimentação de veículos. Em Puerto La Cruz vemos situações em que os populares rapidamente agiam com o intuito de neutralizar estas atividades:

La acción de protesta denominada “el trancazo”, que se realizaría ayer en todo el ámbito nacional, no tuvo éxito en Anzoátegui. En horas de la mañana de ayer un grupo de seguidores de la oposición intentó obstaculizar; por ejemplo, la avenida Intercomunal, pero gente que se encontraba en los predios del Banco Mercantil lo impidió. Incluso trataron de voltear el vehículo que, con ese objetivo se atravesó en la vía³⁵⁸.

O processo era dinâmico e mesmo em suas atividades rotineiras de trabalho apareciam populares sempre que necessário para neutralizar as ações da oposição burguesa.

³⁵⁸ Frustrada la jornada del trancazo en la entidad. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 17 de dic. de 2002. N. 16. 735, p. 06.

Tais mobilizações, conforme já tivemos a oportunidade de ver, ocorriam em todo país, algumas de maior e outras de menor intensidade. Caracas vivia uma eterna luta entre populares, oposição e a polícia Metropolitana. Neste sentido, os movimentos populares nas ruas eram ainda mais fortes, prevalecendo à ação destes sobre a ação operária especificamente. Assim, muito importante neste momento era a participação dos setores conhecidos como *barriales*³⁵⁹, que intermitentemente ofereciam o quadro humano para fazer frente às ações da oposição burguesa, que conseguia da mesma forma mobilizar uma significativa parte de habitantes da cidade em enormes marchas e atos políticos³⁶⁰.

Tudo isto polarizou muito a luta de classes naquele país, de ambos os lados se via uma necessidade efetiva de participar da vida política. Foi uma situação acirrada e, de certa maneira, ainda permanecem elementos da mesma nos anos de 2008, quando o antagonismo de classes se desnuda e alguns mitos sociais passam a ser mais visíveis, ainda que isto se dê em um processo dialético e no emaranhado de confusões.

Do lado dos populares e trabalhadores contrários ao *Paro* Petrolero, a avaliação é de que eles conseguiram uma vitória, expressão esta sentida na fala de Luis Peres, integrante do movimento: *Había la satisfacción de que se había triunfado, de que se había logrado detener en ese momento el golpe de estado. Nuestro grupo, que era muy pequeño, participaba no exactamente apoyando al gobierno, sino enfrentando al golpe.* A sensação era que, enfim, haviam triunfado mais uma vez, e que a oposição burguesa não havia logrado o êxito de imprimir um golpe, que desde dezembro de 2001, em diversas oportunidades, havia tentado naquele país.

³⁵⁹ São pessoas que vivem nos bairros populosos das cidades, podem ser diretamente favelas, ou bairros urbanos, mas com uma grande concentração de população que não possuem meios de produção, são, em sua maioria, operários, trabalhadores precarizados, funcionários públicos, camelôs, trabalhadoras domésticas, lumpem, etc.

³⁶⁰ Megamarcha de la oposición rebasó autopistas de Caracas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 21 de dic. de 2002. N. 16. 739, p. 08. Chávez abrió expedientes a bancos que están en paro. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 24 de ene. de 2003. N. 16. 771, p. 08. Aqui se mostra duas fortes marchas, uma da oposição burguesa, outra do governo. As informações veiculadas nos jornais dão conta de que houve na melhor marcha do governo em torno de 2 milhões de pessoas, e na da oposição em torno de 1 milhão. São números cheios de controvérsias entre os próprios meios de imprensa, mas demonstram que, tanto do lado do governo como oposição, eram realizadas constantes mobilizações com participações de muitas pessoas em suas marchas. Este quadro para oposição burguesa dura somente até janeiro de 2003. Para o governo até agosto de 2004, quando do referendo revocatório em que Chávez ganha. Ocorre aí uma grande mobilização espontânea para ir às urnas apoiarem o governo. Após este momento, e mediante todo um processo de amordaçamento que Chávez usa sob sua base, não haverão mais mobilizações de massas espontâneas em sua defesa com grandes marchas, deste momento em diante as mobilizações serão a custa de aparato e ameaças, por exemplo, do setor público: quem não vai a seus atos quando é designado pelos seus superiores, ou não distribui os panfletos, é ameaçado ou posto em demissão. O caráter bonapartista de Chávez se concretiza visivelmente a partir de 2004.

Por outro lado, a oposição burguesa não sai totalmente derrotada, se levarmos em conta que não pagou por seus assassinatos e todo transtorno que causou³⁶¹. Ao mesmo tempo, não houve uma punição a seus líderes, a ação se configurou finalmente em uma conciliação entre Chávez e a oposição burguesa e golpista posteriormente³⁶², a contra gosto dos populares e operários que desejavam um avanço do processo concebido como revolucionário.

Desta forma, quando é encerrado oficialmente o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, em 03 de fevereiro de 2003, a oposição dentro da PDVSA, no caso de Puerto La Cruz, continua suas marchas e manifestações até 10 de março de 2003, data da última tentativa da oposição em ocupar a refinaria³⁶³. Contudo, o comando central da Coordenadora Democrática – CD – havia sofrido suas principais derrotas. A primeira, em 15 de janeiro de 2003, alguns dos principais militares rebelados na Praça França em Altamira recebem uma nova ordem de prisão. Em 20 de fevereiro, o presidente da Fedecámaras, Carlos Fernández, é finalmente preso, e o presidente da CTV Carlos Ortega, nesta mesma data, cai na clandestinidade para não ser preso também. Em 26 de fevereiro é a vez dos sete principais líderes da oposição dentro da PDVSA, Juan Fernández, Gonzalo Feijoó, Lino Carrillo, Horacio medina, Edgar Quijano, Juan Luís Santana e Mireya Ripanti, também sofrerem a sentença de prisão³⁶⁴. Porém, não são encontrados pela polícia.

Isto, em certa medida, explica como o governo Chávez se articula e constrói sua hegemonia entre as classes sociais em luta, e as distintas frações de classes em ambos os lados. Conseguindo ser maleável com ambos os setores para não perder o controle do país e, ao mesmo tempo, continuar dentro dos princípios da propriedade privada, ainda que, nesta perspectiva, quem mais se prejudicou foi a classe operária e os setores

³⁶¹ www.soberania.org. Las nacionalizaciones en Venezuela: Una victoria a medias. César Neto e Leonardo Arantes, 21-03-2007. Neste artigo, se observa um fato muito interessante, quando, em fins de 2006, o governo Chávez compra e nacionaliza a CANTV. Em uma das cláusulas do contrato de compra da empresa, está declarada a imunidade dos ex donos ou ex funcionários de qualquer ato ilícito ou criminoso no país. Isto foi acordado devido a Verizon, que era o suporte da CANTV, ter participado no *Paro petrolero de dezembro de 2002*, auxiliando a Intesa para criar pane no sistema telefônico e via satélite da Venezuela. Tudo isto Chávez perdoou, além do perdão econômico a estes setores e aos golpistas mais eminentes.

³⁶² Em Janeiro de 2008, Chávez sanciona um decreto que perdoa os indivíduos que dirigiram ou participaram do golpe de 11 de abril de 2002, e das ações do *Paro petrolero de dezembro* do mesmo ano, bem como outras atividades menores durante o ano de 2002. Com esta medida, pouco mais de 400 golpistas são anistiados, ficando somente 20 pessoas fora da abrangência do decreto.

³⁶³ Petroleros marcharon hacia Guaraguao y esquivaron a chavista. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 11 de mar. de 2003. N. 16. 817, p. 04.

³⁶⁴ Juzgado 50 ordenó captura de siete ex gerentes de Pdvsa. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 27 de feb. de 2003. N. 16. 805, p. 09.

populares explorados. Neste sentido, foi possível verificar que a hegemonia não era algo pronto e acabado, mas que se deslocava como um pêndulo, à medida que a correlação de forças entre as classes sociais se movia, permitindo a Chávez, em dado momento, pressionar ou ser maleável e generoso, quando a oportunidade aparecesse propícia.

O resultado destes processos é que, paulatinamente, assim como os militares de 11 de abril, foram absolvidos. Carlos Fernández da Fedecámaras passa uma noite na delegacia e depois, alegando problemas de saúde, é transferido para sua confortável residência, de onde posteriormente consegue um asilo político e sai do país. Carlos Ortega teve uma sorte melhor, não é preso nem por uma hora, consegue se evadir para a embaixada da Costa Rica, e, em 17 de março, do mesmo ano, consegue asilo político neste país e sai da Venezuela. Os outros 7 ex gerentes da PDVSA que haviam dirigido o *Paro* petrolero conseguem uma defesa da ação penal, em que a corte do país anula a sentença de prisão, afirmando que o processo havia violado o direito de defesa dos réus³⁶⁵. Desta forma, conseguem também se evadir das responsabilidades e da Venezuela.

Fim definitivo do *Paro* petrolero: a indústria do petróleo se encontra com perdas astronômicas, devido às sabotagens, paralisação da produção e roubo da gerência golpista sobre a empresa, uma vez que possuíam os códigos de acesso das contas, roubaram os cofres durante o *Paro*, antes de se evadirem do país. As estimativas de recuperação da empresa são cifras variáveis³⁶⁶.

Milhares de fábricas do país fecham suas portas, uma grande crise social toma conta do país, com cerca de 35% da população economicamente ativa na coluna do desemprego³⁶⁷. Ou seja, a Venezuela está mergulhada em uma crise social próxima do que foi o Caracazo, com uma inflação e desvalorização terrível da moeda.

Embora a classe trabalhadora e os setores sociais e populares houvessem ganhado a batalha maior, que foi desmontar mais este golpe civil-militar que pairava sob suas costas, houve também perdas deste lado. As principais perdas durante todo este ano de 2002, e até o fim do *Paro petrolero*, em 2003, provocadas pela ação da oposição, foram grandes. A maior delas foi não conseguir aprofundar o processo revolucionário que ambicionavam. A segunda foi, sem dúvida, as perdas humanas, pois,

³⁶⁵ Corte dejó sin efecto orden de arresto contra petroleros. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 18 mar. de 2003. N. 16. 824, p. 07 e 08.

³⁶⁶ Estiman que reactivar Pdvsa requerirá \$ 3.500 millones. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, viernes 04 abril de 2003. N. 16. 841, p. 05.

³⁶⁷ Datos la tasa de desempleo será de 35% este año. *El Nacional*. Caracas. Viernes, 21 de feb. de 2003. N. 21.360, p. B2.

se, de um lado, os *presos podem sair da cadeia*, como confirmou com a oposição golpista, por outro, *os mortos jamais podem sair da sepultura*. Centenas de populares perderam suas vidas em todos estes confrontos³⁶⁸, em torno de duas centenas seguramente foram para sempre desta vida, deixando suas singularidades, seu desejo de vitória, seus familiares e seus companheiros. Assim, “*Longe de ser a própria sociedade que conquista para si mesma um novo conteúdo, é o Estado que parece voltar à sua forma mais antiga, ao domínio desavergonhadamente simples do sabre e da sotaina*”³⁶⁹.

Permanece destes somente um sonho, um sonho utópico de um mundo sem explorados e exploradores, utópico, mas possível nas palavras de Trotsky: “*Todas as revoluções são impossíveis, até se tornarem inevitáveis*”.

³⁶⁸ Em uma análise geral de jornais, dados, entrevistas, revistas, conversas, etc, chego a estes números: são dados a partir de uma visão ampla e analítica de todas as fontes. Não existe uma realidade em que se selecionem fontes oficiais que falem de 10 mortos e somamos este número a outra de 50 etc. No final teríamos um número dentro de uma visão positivista da história. Contudo a preocupação maior aqui foi em não extrapolar muito esta estimativa, tanto para cima como para baixo.

³⁶⁹ MARX. Karl. O 18 brumário de Luís Bonaparte. In: Textos 3. Edições sociais. Alfa-omega, São Paulo: p. 199 a 285.

CONCLUINDO: UMA AVALIAÇÃO NECESSÁRIA

A capacidade que teve Chávez e a direção do movimento bolivariano, aglomerados no MVR, em saírem bem-sucedidos em todos os eventos da luta de classes do país, do final de 2001 ao *Paro petrolero de dezembro de 2002*, é um fato por demais intrigante. Naquele momento, Chávez ainda não era um governo arraigado na sociedade e nas instituições, estava em vias de, porém, esta ligação era ainda muito tênue.

Os elementos ou conceitos teóricos que explicam isto são diversos, desde o viés clássico marxista que joga à classe operária e à sua direção a responsabilidade por não terem forjado em todos estes anos pós Caracazo suas ferramentas classistas, a exemplos de outros casos na história³⁷⁰. Outro viés explicativo é o novo matiz positivo do socialismo do século XXI defendido por Dietrich, que se mostra também como uma linha de explicação³⁷¹. Outro matiz de pensamento vê na própria capacidade desta nova ideologia bolivariana uma fonte válida para os problemas e atualidades do país³⁷². Enfim, há debates muitos diversos que tentam explicar o relativo e real sucesso de Chávez em se manter no poder, em que pese toda a conjuntura oposta a seu governo.

Tais discussões teóricas são muito interessantes, à medida que procuram entender o ser humano e seu intrincado processo social de relações e, de certa forma, postulam soluções ou respostas que indiquem um caminho mais salutar nesta passagem terrena do homem. Não é necessário dizer que das várias explicações muitas são diametralmente opostas. Com estas reflexões finais, procuramos analisar elementos do processo de lutas sociais de 2002 que auxiliam na discussão teórica e na compreensão destes fatos, pois, a nosso ver, não há nada mais vulgar que uma discussão teórica e ideológica sem elementos concretos, dos fatos e do processo histórico. Neste caso, a preocupação é oferecer e afunilar elementos concretos de análises nos acontecimentos, e

³⁷⁰ MORENO, Nahuel. *Después del Cordobazo*. 3ª edición. Argentina: Antídoto, 1997. Moreno analisa, nesta obra, a insurreição popular na Argentina na cidade de Córdoba, em 29 de maio de 1969, mediante toda a conjuntura advinda da França e seu maio de 68. A Argentina teve neste levante de Cordobazo um paralelo em muitos aspectos do que foi posteriormente o Caracazo venezuelano de 1989. Ainda que o Cordobazo tenha sido de magnitude inferior ao que foi a situação na Venezuela.

³⁷¹ Heinz Dieterich Steffan, teórico e sociólogo alemão, de maior divulgação a partir dos anos 2000, elaborou a teoria do “Socialismo do Século XXI”. Para este teórico que encontrou muita receptividade na Venezuela de Chávez, o novo socialismo não necessitaria de expropriações, de lutas diretas pelo poder da classe trabalhadora e popular. Como ferramenta de expressão destes setores excluídos e fora do poder, seu caminho deveria ser através de plebiscitos, referendos e moralização das instituições.

³⁷² MILANO, Elias Jaua (org.). *Seminário De dónde viene nuestra Revolución? Movimiento Quinta República*. Dirección Nacional de Ideología y Formación. Caracas: 2004.

não uma árdua discussão teórica ainda que os dois procedimentos caminhem em reciprocidade.

Com tal preocupação, pode-se dizer que, dos elementos conjunturais oferecidos em todos os conflitos sociais e políticos ocorridos no processo histórico venezuelano, analisado desde dezembro de 2001 ao *Paro petrolero de dezembro de 2002*, o governo Chávez procura tirar o maior proveito. Assim, o que estava em jogo para Chávez não era vencer os obstáculos em si, mas como, a partir deste obstáculo, poderia tirar vantagem em favor de sua política. Desta forma, Chávez vai atuar com um profundo oportunismo; o outro elemento que se coloca para ele é como verter toda a força social em luta para cumprir seus objetivos, pois a ação direta de milhões de populares e operários era extraordinária, contudo, deveria ser disciplinada. Estas eram políticas ou desafios que Chávez soube perseguir em seu favor. Vejamos como isto se dá a partir de dois elementos em discussão: um é a reestruturação da PDVSA e o outro é como tirar proveito das ações diretas dos operários e populares neste momento.

UM OPORTUNISMO SEM QUARTEL: “ELLOS FACILITARON NUESTRO SERVICIO”

Existem personagens no meio político e jornalístico da Venezuela que argumentavam, naquele momento do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, que o governo Chávez, de certa forma e em certa medida, havia incentivado o *Paro* para derrotar a oposição dentro da PDVSA e com isto colocar toda sua política na empresa³⁷³.

Se realmente existiam estes grupos de pessoas que defendiam esta idéia e, de certa maneira, faziam-na presente através da imprensa, não se pode negar simplesmente estes viés. Contudo, defender este ponto de vista é ir por um caminho das explicações conspirativas, conduta não defendida por correntes históricas em sua grande maioria. Além disso, se deveras Chávez, na repressão à oposição em Chuao, na capital do país, nos primeiros dias do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, havia aplicado uma repressão descomunal sobre a direita, inclusive sobre as mulheres, causando a revolta

³⁷³ El “boomerang” petrolero. *El Nacional*. Caracas, domingo 15 de dic. de 2002. N. 21.294, p. B 04.

geral, e também, antes do *Paro*, insultara a oposição petroleira para que saísse para o enfrentamento, pois ele gostava dos “*retos*”, ou seja, dos *desafíos*, não podemos deduzir daí que havia uma política auto conspirativa. Esta parece uma afirmativa exagerada.

Chávez, neste *Paro* petroleiro e nacional de dezembro de 2002, não caiu por causa da resistência dos operários e populares, porém, sua derrocada esteve por um fio, como procuramos demonstrar na pesquisa empreendida aqui. Deste modo, seria uma medida por demais insana de Chávez se este estivesse conscientemente premeditando o processo de antemão. Entretanto, perceber que, com a derrota da oposição petroleira, o governo teria tirado proveito do momento, de forma oportunista, é ir efetivamente ao cerne da questão.

Portanto, compreender que o governo Chávez possuía um projeto de reestruturação da PDVSA, e que vinha desenvolvendo uma adequação da empresa dentro da política neoliberal, sem perder o suposto caráter revolucionário de seu governo, se tornou evidente na análise do processo³⁷⁴. O governo impulsionou diversas mudanças dentro da empresa no sentido de se levar a este caminho de reestruturação neoliberal. A primeira medida de reestruturação que apontamos aqui, embora houvesse outras anteriores, refere-se ao operativo de separação da PDVSA em duas: uma que cuidasse da área de petróleo e outra que cuidasse da área de gás. Tudo isto foi uma luta grande, pois os trabalhadores não queriam desmembradas estas áreas, uma vez que se tratava de um mesmo tipo de trabalho, ainda que o produto final se dividisse em dois. Porém, o que se propunha nesta iniciativa era criar uma empresa de gás, a PDVSA-GAS, em que os direitos e condições de trabalho fossem discutidos desde o princípio, já que se tratava de uma “outra” categoria de trabalhadores.

O resultado desta investida do governo é que os direitos e conquistas dos trabalhadores petroleiros nesta área de exploração foram revistas para baixo. Contudo, as perdas não se deram de forma passiva: os trabalhadores petroleiros, inclusive um setor burocrático da direção sindical, lutaram contra esta iniciativa do governo Chávez:

Félix Jiménez, presidente de Fedepetrol, prevé conflictos en el sector por la decisión del Ministerio de Energía y Minas de despedir entre dos y tres mil empleados petroleros para el año 2002. “Este tipo de posiciones ha sido la que

³⁷⁴ Quem ofereceu a pista que sinalizava nesta direção foi Héctor Rincón, ex militante de La Jornada e liderança operária que atuou contra o *Paro*, e César Neto, assessor sindical no sindicato Fedepetrol, em Anzoátegui, que, em uma conversa informal, me ofereceu estas pistas e opiniões em 2008, contudo, eles não foram ao trabalho da pesquisa, sendo a mesma feita neste momento pelo autor.

permanentemente ha tenido el Gobierno en contra de los trabajadores e inclusive en contra de la principal industria del país”, Jiménez ve un matiz de retaliación porque el parecer no perdonan la posición que asumieron en contra de la separación de Pdvs-gas³⁷⁵.

Havia uma intenção do governo em diminuir o pessoal de serviço da empresa, e, da mesma forma, rebaixar as conquistas, ainda que esta política venha com um discurso de moralização e de *caça aos marajás*³⁷⁶. De fato havia marajás na empresa, porém, o sentido perseguido é o neoliberal e não o de zelo com os recursos públicos. Assim, já em 2001 houve uma iniciativa de promover uma demissão em massa na empresa, procurando, com isto, ir paulatinamente implementando as diretrizes neoliberais, ainda que de forma disfarçada. É neste horizonte que se aprova a lei de Hidrocarburetos, em primeiro de janeiro de 2002, sendo que um pouco do sentido desta lei foi discutido dentro dos novos processos de exploração do petróleo, vistos no capítulo I. Desta forma, Chávez, com a lei de Hidrocarburetos, cria um grande passo para a mudança que visualiza na indústria petroleira no sentido de internacionalizar a PDVSA: *Chávez resaltó que la nueva ley ofrece el camino de la industrialización interna de los hidrocarburos donde la vieja política de nacionalización da un salto adelante, hacia la Internacionalización*³⁷⁷. Percebe-se que o horizonte é ter uma empresa com fachada venezuelana e capital internacional, integrada ao ramo petrolífero mundial. É um projeto que beneficia os grandes capitais internacionais do negócio petroleiro, e para burguesia, ainda que não seja o ideal, Chávez pode cumprir este papel.

Quando se observa este problema, analisando a ótica dos antigos partidos burgueses do país, seus quadros, seus discursos e suas linhas políticas, nota-se que eles, com um mesmo fim, objetivam um projeto neoliberal para a empresa e para o país naquele momento. Contudo, não sabem conduzi-lo, estão fora de seu tempo, não captam a mudança conjuntural vivenciada cotidianamente por milhares de pessoas que querem

³⁷⁵ El Tiempo N. 16.387. *Fedepetrol*. Puerto La Cruz, jueves, 27 de diciembre de 2001. p. 08.

³⁷⁶ Um discurso parecido ao que o candidato brasileiro Fernando Collor de Melo realizou nas eleições presidenciais de 1989. A caça aos marajás é uma alusão à casta indiana que leva este nome e que por seu vínculo de sangue possui privilégios naquela sociedade, o que o indivíduo comum não possui. O que se queria em ambos os casos, brasileiro e venezuelano, era acabar com os altos salários. Porém, a intenção era, além de rebaixar os salários, retirar direitos sociais destes trabalhadores. No caso brasileiro, este discurso comoveu uma grande parcela social, levando a ganhar as eleições Fernando Collor de Melo que governou de 1990 a 1992, quando diante de uma grande mobilização popular, sofreu um processo de impeachment, uma vez que estava envolvido em um enorme processo de corrupção.

³⁷⁷ Ayer entró en plena vigencia nueva Ley de Hidrocarburos. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 02 de ene. de 2002. N. 16.392, p. 08.

discutir os problemas do país e participar das discussões políticas. Deste modo, tentam governar como se não houvesse o Caracazo de 1989 e tudo que este significou à população pobre do país. Um exemplo muito ilustrativo disto é a orientação que Hugo Faría, professor titular do Instituto de Estudos Superiores de Administração e porta voz da Fedecámaras, propõe como solução:

*Hay que vender una parte de Pdvsa, para cancelar deuda interna y externa. Y con el resto, hay que devolverle a cada venezolano su acción. Esto sería altamente popular... Si la idea es proteger a toda la propiedad privada de los venezolanos, hay que ir a un cambio fundamental en la política monetaria, que en mi opinión, debería ser una dolarización de la economía*³⁷⁸.

É evidente que a burguesia e seus velhos partidos AD e Copei, da mesma forma, assim como em todo passado, não possuíam uma política melhor para oferecer à maioria da população e à classe trabalhadora do país, as propostas que empunhavam eram completamente fora da realidade de luta em que vivia o país. Naquele momento de acirrada luta de classes, propor dolarização da economia era tentar “moldar titânio a golpes de martelo”, havia e ainda há (2009, período de pesquisas de campo) uma repulsa da presença norte americana no país. Sob a ótica dos interesses burgueses, haveria que ser mais inteligente que o titular professor e as velhas receitas da Fedecámaras, que não havia dado sinais de assimilação mesmo pós o fracassado golpe de 11 de abril de 2002³⁷⁹. Deste modo, privatizar a PDVSA abertamente, vendendo suas ações na praça, há que se ironizar, somente vinda de incultos políticos burgueses tal proposta.

Um projeto de política neoliberal no país, e principalmente na PDVSA, somente poderia ser disputado pelo governo, contra os trabalhadores e populares, se o mesmo viesse na forma de disfarce. E Chávez possuía o melhor disfarce para esta política:

“Se hará una reestructuración en Pdvsa hasta los huesos. Será revisada la escala de sueldos, particularmente de la alta gerencia. Por más cuentos que me echen de que Pdvsa es la principal industria, cómo es posible que en un

³⁷⁸ Fedecámaras, la CTV y los políticos deben renunciar a cuotas de poder. *El Nacional*. Caracas, domingo 29 de dic. de 2002. N. 21.294, p. B 02.

³⁷⁹ LVIII Asamblea anual de Fedecámaras. Declaración de Barquisimeto. Barquisimeto: octubre, 2002.

país tan golpeado por la crisis existan jubilaciones que pasan de 15 millones de bolívares mensuales”, 6 de septiembre de 1999³⁸⁰.

A política de reestruturação da PDVSA era antiga, Chávez não havia perdido o fio condutor da política dos grandes e antigos monopólios do petróleo mundial, como Shell, Exxon Mobil e Chevron Texaco. Portanto, é necessário entender que a luta interna no país, entre estes grupos que tentavam controlar a PDVSA, era de quem iria comandá-la e sob que égide se aprofundaria a rapina no país. As trêfegas entre os setores burgueses e o novo modelo bolivariano possuíam como centro esta disputa. Ocorre que para resolver esta grande contenda, haveria de suceder grandes choques, e houve isto desde o primeiro *Paro* em dezembro de 2001. Não era à toa que Chávez precisara frear o movimento popular e setores operários, pois não estava soprando o vento a seu favor. Mesmo havendo necessidade de mobilizar, haveria o problema de se saber por qual direção esta mobilização caminharia. Se não se vê por esta ótica, não se entende o criminoso papel da alta direção do MVR, representado e personalizado na eficiência de José Vicente Rangel para esta tarefa.

Chávez estava levando a seu modo, e como a luta de classes o permitia, o projeto neoliberal de reestruturação da PDVSA. Portanto, uma política antiga, pois, quando ele entra no governo do país, em fevereiro de 1999, em setembro do mesmo ano já se vê estas declarações pessoais a respeito da reestruturação da PDVSA “até no osso”. Deste modo, ele, ao ir percebendo a vitória contra a oposição, no final de janeiro de 2003, compreende astutamente que estava aberto um momento oportuno de avançar com seu projeto de reestruturação da empresa e não perde tempo. Isto é muito evidente na fala de Alí Rodríguez Araque, presidente da PDVSA, em uma entrevista naquele momento:

Sí. Antes de la crisis ya había poderosas razones para reestructurar. Por ejemplo, los cambios en el mercado energético mundial y la incursión de Pdvsa en negocios que dan pérdidas. Y luego apareció el factor crisis que precipita esa necesidad, entre otras razones para restablecer la gobernabilidad de la empresa. Pdvsa adquirió una estructura cada vez más piramidal. Ahora es necesario achatar esa estructura, transferir a las áreas una serie de actividades que estaban concentradas en Caracas y en otras regiones, y que representaban peso muerto para la organización. Por eso se

³⁸⁰ Chávez siempre aspiró a tener una Pdvsa patriótica. *El Nacional*. Caracas, domingo 12 de ene. de 2003. N. 21.320, p. A 07. Nesta matéria se discute pronunciamentos anteriores de Chávez a partir de sua campanha eleitoral de 1998.

*crearon dos nuevas empresas, que van a absorber a las gerencias burocratizadas*³⁸¹.

Não paira nenhuma sombra de dúvida sobre as intenções do governo em fazer a reestruturação da empresa, uma vez que, apegado às diretrizes internacionais, devido às mudanças promovidas pelo monopólio internacional de petróleo, a PDVSA deveria dar sua resposta positiva a este chamado. Neste sentido, a política de internacionalização do petróleo, discutida no primeiro capítulo, encontra seu momento. Internacionalizar a PDVSA significa a entrada do capital internacional em suas entranhas, fazendo empresas mistas entre Estado e estes monopólios, sendo que o Estado venezuelano, no caso, entraria com as reservas, principal riqueza de fato. Esta política incide da mesma maneira no enxugamento da empresa, com corte de pessoal e rebaixamento de salários e direitos. Nas palavras de Alí Rodríguez se havia conjugado naquele momento esta necessidade de adequar e o fator crise política com a oposição contra Chávez, e a vitória do governo contra os antigos diretores da PDVSA vinculados a oposição, propicia o momento de reestruturar a empresa petrolífera. É, então, que Chávez não perde esta oportunidade. Alí Rodríguez Araque, na mesma entrevista, oferece outra sentença que acaba de cimentar efetivamente o papel oportunista que jogou o governo:

*Estamos demostrando que sí se puede manejar la industria como mucho menos gente que la que hemos tenido. Esta es una de las cosas que debemos agradecer a los líderes de este paro, pues nos facilitaron las cosas, porque en otras condiciones hubiese sido muy difícil llevarlas a cabo*³⁸².

A sentença de Alí Rodríguez Araque é central, não há necessidade de comentá-la. Diante deste quadro as demissões vão ser avassaladoras e o trabalhador que está sendo demitido encontra-se completamente atordoado, não sabe de onde parte a pancada que o desmonta. O clima ostensivo de combate ao antipatriota e ao golpista está envolto em uma névoa, em que já não se sabe diferenciar o inimigo de classe e as artimanhas do governo. É totalmente certo que, aos responsáveis pelo *Paro* e pelas ações de sabotagens, danificação de equipamentos, derramamento de petróleo em diversas

³⁸¹ La amnistía total ya la dimos en abril. *El Nacional*. Caracas, domingo 26 de ene. de 2003. N. 21.334, p. B 01.

³⁸² IDEM.

regiões, tanto em terra, como no mar, as mortes, etc. Tudo isto deveria ser cobradas as devidas responsabilidades e aplicadas as respectivas penas, em um tribunal operário e popular, uma vez que foram estes setores operários e populares que defenderam o processo e colocaram a vida a fio contra os golpistas. Portanto, deveriam estes setores que atuaram contra o *Paro* fazer a justiça. Ademais, com a lição que aprenderam, ao reerguer a indústria petroleira, poderiam ter feito isto com muito mais justiça que qualquer outro tribunal.

Contudo, quem deu a tônica dos “julgamentos” foi o governo e aí cumpriu o mesmo papel, quando dos resultados do golpe de 11 de abril em que prendia lutadores sociais e soltava os assassinos golpistas. Esta linha se repetiu. Ainda que tenha colocado para fora da empresa alguns responsáveis, o mesmo não diferenciou entre direção golpista e sua base submissa ou enganada.

Observemos o exemplo do caso Intevep, que é um centro tecnológico do país onde se desenvolvem tecnologias para a indústria petroleira, em todos os ramos, desde os estudos geológicos para sua descoberta, até modernas técnicas industriais do refino do produto. Neste centro, com mais de 15 anos de funcionamento, foram demitidas, no dia 02 de fevereiro de 2003, 881 pessoas, que haviam e não haviam participado do *Paro*. Gustavo Inciarte, ex diretor do centro, conta que um de seus planos foi formar 100 PhDs, em 5 anos: conseguiram formar 97, em 7 anos. Neste processo de demissão, havia em Intevep 156 PhDs, dos quais 108 foram demitidos³⁸³. Não existia dúvida de que neste centro tecnológico havia um ninho da oposição, contudo, o objetivo não era buscar responsáveis e responsabilidades, mas sim adequar a empresa. Afinal, para que manter um centro tecnológico de altíssimo custo, se, na internacionalização do petróleo, a tecnologia vem de fora, além do quê, com um novo centro, se contrata com salários e direitos rebaixados?

As demissões em massa tiveram início no final de janeiro e se estenderam ao longo de todo ano de 2003. Isto para todas as áreas de trabalho, e em cada parte do país:

A juicio de Capriles, en la zona que dirige había exceso de personal. Así, en la refinería El Palito existía una nómina fija con más de 950 personas, y según los estudios hechos por expertos, sólo se necesitaban 456.

³⁸³ Con los despidos de Intevep el país volvió a 1975. *El Nacional*. Caracas, domingo 16 de feb. de 2003. N. 21.355, p. B 07

Capriles fue enfático en señalar que quienes han sido despedidos no van a ser sustituidos, pues se está aprovechando la oportunidad de la huelga para realizar una reestructuración a fondo de la compañía.

“De 17 gerencias que existían en El Palito, quedarán 7, de tal manera se concreta el clamor popular de “limpieza en Pdvsa”, dijo³⁸⁴.

Tornava-se evidente pela própria fala das direções da PDVSA que as demissões eram a oportunidade para fazer a reestruturação da empresa. Alí Rodríguez Araque, presidente da PDVSA, havia dito que, se não houvesse estas condições, seria muito difícil executar o projeto de reestruturação. Nestas circunstâncias, o que estava acontecendo tinha a cooptação dos populares para isto, uma vez que se procurava colocar as demissões mediante a palavra de ordem de “limpeza na Pdvsa”. Os setores populares que atuaram contra o *Paro* ou ofereceram apoio ao governo Chávez não conseguiram perceber a dimensão total do que ocorria, e ao jogar fora *a água da bacia, estavam jogando a criança junto*.

As denúncias e lutas contra estas demissões e violações de direitos começaram a aparecer e situações graves surgem. Mas, como estas denúncias estavam, em grande parte, sendo feitas pela oposição ou setores abertamente golpistas, não tiveram forte impacto, ainda que o teor do que ocorria, como as cartas de compromisso, que as pessoas assinavam para serem aceitas novamente no trabalho, fossem draconianas:

Parte del texto reza lo siguiente: “... he participado de manera injustificada y notoria en una paralización ilegal de actividades en la empresa Pdvsa, abandonando y ausentándome de la misma, obedeciendo las órdenes ilegales impartidas de quienes hasta entonces fueron mis supervisores y gerentes.

...Los hechos referidos han causado daños a la empresa y a la economía del país, configurando las causas de despido previstas en los ordinales f, g, i y del artículo 102 de la Ley Orgánica del Trabajo y el artículo 44 del reglamento de la misma.

...He decidido reincorporarme a mis labores habituales, comprometiéndome a no incurrir en situaciones similares en el futuro”³⁸⁵.

Para o governo foi muito oportuno tudo isto, pois agarrava um setor completamente desmoralizado, uma parte estava convicta do que fez, outra havia

³⁸⁴ Pdvsa anunció nuevos despidos de trabajadores. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 27 de ene. de 2003. N. 16.387, p. 07. Este Capriles é um gerente da refinaria de El Palito, e não o Capriles Rodonzky, ex prefeito, ou Capriles do Jornal Últimas Noticias.

³⁸⁵ IDEM. p. 03.

paralisado obedecendo a seus superiores, outra enganada. Havia diversos tipos de pessoas nestas situações. A maioria era os omissos, que pensavam que, uma vez tomando esta atitude de omissão, quando do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, qualquer dos lados que ganhassem não afetaria seu status. Neste quadro, estes próprios trabalhadores desmoralizados não procuraram reverter sua situação de demitidos, buscando formas legais. Aceitava-se a demissão: um exemplo é que, até o dia 20 de fevereiro de 2003, somente 400 pessoas, segundo a Ministra do Trabalho Maria Cristina Iglesias, haviam acionado o Ministério do Trabalho para serem readmitidas em seu posto. E destes, a maioria constituía-se de pessoas que estavam de férias no momento do *Paro petrolero de dezembro de 2002*, ou dispensados por saúde ou outra questão, inclusive gravidez, logo haviam sido demitidas injustamente. Os outros consideravam que haviam sido “demitidos justamente”, pois foi muito baixo o número de pessoas que entraram com ação no Ministério do Trabalho para rever seu caso. Para esta mesma data, de 20 de fevereiro de 2003, Alí Rodríguez Araque, presidente da PDVSA, informa oficialmente que o número de trabalhadores na empresa era de 40.133 trabalhadores, e até aquela data haviam sido despedidos 12.385. Este alto número de demitidos não para de crescer nos meses seguintes³⁸⁶.

José Vicente Rangel, vice-presidente naquele momento, sempre foi acostumado a perdoar e a conciliar, como fez com Gustavo Cisnero, em 11 de abril, retirando do mesmo qualquer participação do golpe, quando seu próprio avião estava na ilha de Orchila para retirar Chávez do país. Conciliador com os militares golpistas de 11 de abril, justificando suas absolvições dos tribunais por suas participações nos eventos, aplaudindo quando a oposição e a polícia metropolitana do sanguinário Alfredo Peña passavam por cima dos manifestantes “incontroláveis”. Agora possui uma posição taxativa: “*Desde el punto de vista político no hay amnistía ni perdón*”. Esta foi a posição permanente de Rangel neste caso, o que mostra que sua antiga atitude de perdoador não era inerente a sua natureza humana, mas às suas convicções políticas.

As demissões na PDVSA seguiam a todo vapor e em todas as áreas, sendo a área de PDVSA-Marina também submetida ao processo e, no dia 30 de janeiro de 2003, 222 funcionários são demitidos de seus cargos. Setores empresariais privados aproveitavam da mesma forma para despedir seus funcionários diante da crise econômica que havia se aberto com o *Paro petrolero de dezembro de 2002*. Deste modo, servidor público de

³⁸⁶ Min-Trabajo y Alí Rodríguez dispuestos a revisar despidos injustificados en Pdvsa. *El Nacional*. Caracas, viernes 21 de feb. de 2003. N. 21.360, p. B 02.

um lado e trabalhadores do ramo privado do outro se viam desempregados a cada dia. A CTV, que havia levado a classe trabalhadora “ao matadouro”, agora enfrentava uma difícil situação, pois seus parceiros da Fedecámaras colocavam nos trabalhadores o peso da crise gerada na aventura de derrubar Chávez do governo.

Com este quadro, a CTV não fazia mais que, a cada dia, contar e anunciar uma nova cifra de demitidos. Por conveniência dos meios de comunicação, passou a ser cada vez menor o espaço da CTV nas matérias dos jornais. Se antes a CTV e a Fedecámaras ocupavam as páginas centrais dos principais jornais do país, agora, sobretudo a CTV, eram relegadas a pequenas colunas: anunciar em demasia os problemas do país poderia provocar uma pressão sobre os próprios empresários, o que estes preferiam evitar. A solução encontrada pela CTV foi denunciar o governo diante dos tribunais da Organização Internacional do Trabalho, tribunal que condenou posteriormente a Venezuela, contudo, nada fez no momento para a situação que era emergente para a classe trabalhadora³⁸⁷.

O Ministério do Trabalho era pressionado para que socorresse os trabalhadores que estavam submetidos a este programa de demissão, mesmo que as pessoas demitidas não estivessem procurando com muita frequência o Ministério do Trabalho para fazer seus reclamos, uma vez que não acreditavam nele. Todavia, havia uma cobrança social, também veiculada na imprensa, de que o governo não poderia se fazer de cego diante dos fatos. Neste sentido, o Ministério do Trabalho se pronuncia:

La ministra del Trabajo, Maria Cristina Iglesias, dijo ayer que su despacho asesorará a los trabajadores de Petróleos de Venezuela que estuvieron confundidos. “Muchos fueron engañados, mal asesorados, manipulados o utilizados. Se les dijo que todos tenían inamovilidad y el salario garantido aún estando en paro que podían desconocer la autoridad legal de la empresa y abandonar su trabajo sin incurrir en falta, cosa que no era cierta”. Aunque la titular no dio más detalles de la ayuda que se ofrecerá, sí le dijo a los otros empleados que actuaron con plena conciencia que deberán asumir la responsabilidad de sus actos³⁸⁸.

A resposta do governo era esta: embora tenha aprovado com o agravar da situação um decreto que proibia novas demissões, em um prazo de um ano, porém, na PDVSA,

³⁸⁷ CTV inició defensa de los petroleros. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 06 de feb. de 2003. N. 16.784, p. 08.

³⁸⁸ Petroleros “engañados” serán asesorados. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, jueves 09 de feb. de 2003. N. 16.737, p. 08.

as demissões seguiam. No norte do Estado de Anzoátegui da mesma forma se processavam as demissões: em 12 de fevereiro de 2003, o número de demitidos era de 1.200 pessoas que somados ao da região vizinha de Monagas totalizavam 3.400 demitidos e os números não paravam de crescer. Quando se chega ao mês de abril, a cifra de despedidos supera a 19.000 trabalhadores, ou seja, praticamente a metade dos funcionários da PDVSA é demitida neste processo³⁸⁹. Há deste modo uma evidência: a questão não se referia a uma punição aos que haviam aderido ao *Paro petrolero de dezembro de 2002*, mas ao projeto do governo de reestruturar a empresa. Na própria declaração dos novos gerentes, há a afirmativa de que anteriormente, no plano de reestruturação da empresa, já se previa cortar 20.000 dos 40.000 funcionários que a empresa possuía.

A PDVSA-GAS sofria ainda mais o processo de demissões, pois, como era uma empresa que tinha, há pouco, se separado da PDVSA, conforme se estabelecera com a lei de Hidrocarburetos do governo Chávez, de primeiro de janeiro de 2002, sua reestruturação foi ainda maior. Não temos os dados em âmbito nacional, mas da região de Anaco, ponto central de onde se distribui o gás a todo país e que funciona, de fato, como a matriz deste produto, aí, neste setor, as demissões chegaram a 65% do pessoal:

*A casi dos meses de asumir la nueva gerencia distrital de Pdvsa gas en Anaco, el ingeniero Luís Pulido manifestó ayer que apenas han incorporado a 35% del personal despedido en esa jurisdicción central por sumarse al paro convocado en diciembre por la Coordinadora Democrática y la Central de Trabajadores de Venezuela*³⁹⁰.

Efetivamente, a nova rama responsável pelo gás no país sofreu uma reestruturação de invejar qualquer governo neoliberal da América Latina, até mesmo o Presidente do Brasil. Declaradamente neoliberal Fernando Henrique Cardoso não havia conseguido, em seu governo, obter estes recordes em corte de pessoal. O que fazia então com que um governo dito bolivariano, de ruptura com o neoliberalismo, como postulava Chávez, efetivasse isto? É preciso compreender que a política burguesa, em suas diversas fases, no neoliberalismo ou não, vem sendo aplicada por todos os governos da América

³⁸⁹ Cifra de despedidos en Pdvsa supera las 19.000 personas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 15 de abr. de 2003. N. 16.852, p. 06.

³⁹⁰ En Pdvsa-Gs incorporaron sólo a 35% del personal. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 22 de abr. de 2003. N. 16.857, p. 02

Latina, desde a década de 1980. Mesmo que se crie para a América Latina um estereótipo de governos vindos do povo, como metalúrgicos, indígenas ou camponeses, ou militares populares, a partir dos anos 1999, todos eles não fogem às leis que regulam o mercado. Deste modo, como destacou Marx, *não se pode julgar uma pessoa pelo que ela diz de si*³⁹¹, da mesma forma, não se pode entender estes governos acreditando no que eles dizem de si, mas analisando suas políticas. Ao analisar esta política de Chávez, percebe-se que ela colocava a PDVSA de forma potencializada dentro do quadro internacional da política neoliberal. E o que lhe dava forças para aplicar isto, assim como a seus colegas presidentes contemporâneos, ditos governos operários ou camponeses, é, dentre outros elementos, a capacidade de capitalizar o descontentamento dessa massa de latinos americanos, ainda que esta capitalização seja distorcida.

Como a vitória do projeto de Chávez, dentro da PDVSA, está sendo absoluta, o governo lança uma segunda determinação, que se refere a todas as outras empresas mistas. Nestas, embora o governo para estas, não tivesse a maioria das ações, não se permitiu que contratassem as pessoas demitidas da PDVSA. Deste modo, empresas como Petrozuata, Ameriven e Sincor, dentre outras, estavam proibidas de aceitar novos funcionários que tivessem sido demitidos da PDVSA. Não se tratava de uma obra de pura perseguição, o fato é que forçava uma reestruturação geral, pois permitia uma contratação com salários bem reduzidos, em que os novos engenheiros, técnicos e trabalhadores em geral se submetiam, uma vez que quem estava se empregando pela primeira vez não discutia muito salário: conseguir a vaga já era uma vitória. O resultado foi que, posteriormente, para a categoria petroleira nacional, discutir um contrato coletivo se tornou muito mais duro com a nova realidade. De aí por diante o governo freia a discussão de contratos coletivos e, quando o faz, os aumentos salariais vêm somente à conta gotas. Muitos destes trabalhadores tiveram que arrumar emprego em outro país, quando possuíam alguma especialidade no ramo de petróleo. Deste modo, foram para o Canadá, Estados Unidos, Espanha etc.

Neste processo, em julho de 2003, o governo canta sua vitória, e o Ministro de Minas e Energia, Rafael Ramírez, oferece os dados conseguidos com esta nova reestruturação da empresa.

³⁹¹ MARX, Karl. FRIEDRICH, Engels. *A ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Org/Trad) Marcelo Backes

La reestructuración organizacional, sumada a la drástica poda laboral que tuvo lugar en Petróleos de Venezuela (Pdvs) tras la inédita huelga de diciembre-enero, permitirá a la casa matriz una reducción de costos operativos anuales por el orden de los 3 millardos de dólares.

Tal es el estimado del ministro de Energía y Minas, Rafael Ramírez, quien anunció que el proceso de reingeniería corporativa activado por el gobierno, ha permitido normalizar la producción del holding y optimizar los márgenes de ganancias.

De acuerdo con el balance que ofreció el titular de la cartera energética, se han logrado reducir los costos de producción en un 40% al reducir el valor unitario del barril petrolero (sin regalía) en 2,59\$

“En primer semestre de 2002, generar la unidad de crudo requería una inversión de 6,70 dólares, mientras que en 2003, sólo hacen falta \$ 4,11”, explicó.

El alto funcionario también señaló que el despido de los 18 mil trabajadores petroleros involucrados en la huelga permitirá a la industria básica un recorte de gastos de 400 millardos cada año. “Financiar la abultada estructura de sedes y nóminas gerenciales significaba una inversión muy elevada que no se justificaba”, dijo³⁹².

O governo havia conseguido concluir seus objetivos de reestruturar a PDVSA, mostrava-se como um autêntico oportunista, pois, na luta contra o *Paro petrolero de dezembro 2002*, vencida pela intervenção operária e popular, ele se aproveitava do contexto desta vitória. Assim, aplicava uma dolorosa e silenciosa derrota à classe, pois, embora as demissões não fossem aplicadas aos que haviam permanecido e lutado na PDVSA, sua política, pós *Paro*, trazia um malefício a todos trabalhadores e populares. Os trabalhadores da PDVSA tiveram de entrar em um novo ritmo de trabalho e de salários, com esta nova reestruturação, e, ao mesmo tempo, não foram eles que discutiram e escolheram os critérios de punição, tudo vinha de cima e, como o clima era de festa e confraternização pela vitória, não se percebeu a ameixa envenenada do bolo.

A população pobre do país, em sua absoluta maioria, que de um modo ou outro havia lutado contra o *Paro*, participando das manifestações e dos apoios, ou se resignando à fome, também era violentada neste momento pelo governo. Cada novo trabalhador jogado na fila do desemprego representava mais roubo nas ruas, mais álcool na família, mais prostituição e delinquência. Não era por isto que os populares haviam lutado no *Paro*, queimando sua própria cama para fazer a sopa comunitária, enfrentando os duros golpes da polícia metropolitana do carniceiro Alfredo Peña, para não falar do fogo “amigo” que Chávez, com a Guarda Nacional e o Exército, desferia sobre sua própria base. Nesse momento, poucos perceberam a verdadeira face do Coronel Chávez,

³⁹² Pdvs) reporta baja de 40% en costos de producción. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 15 de jul. de 2003. N. 16.857, p. 09.

e o papel que ele cumpria na história venezuelana do momento. Contudo, as experiências continuavam, e os operários petroleiros da refinaria de Puerto La Cruz experimentaram algo mais, e esta sua prática, em meio ao processo em que vivia o país, em 2002 e ao longo de 2003, mostrou algo de autonomia que agora Chávez necessitava apagar. Para o governo, os louros da vitória não poderiam sair de suas mãos. Ele havia passado por situação de desobediência de uma parte de sua base popular, entre agosto e dezembro de 2002, quando os Círculos Bolivarianos e outros setores mobilizados não queriam sair das ruas, deste modo não queria que isto ocorresse com os setores operários que Puerto La Cruz ensaiava. Assim haveria que apagar este ensaio petroleiro, objeto que compreenderemos em seguida.

O PAPEL DA AÇÃO DIRETA E DO CONTROLE OPERÁRIO NA LUTA DE CLASSES

Dialogar um pouco sobre o que seja a *ação direta* e o controle da produção por parte dos trabalhadores é rico para perceber a dinâmica da luta de classes, em determinados episódios. Tais expedientes vêm sendo usados pela classe trabalhadora, ao longo de sua história, sendo seu maior auge a Revolução Russa de 1917.

Leon Trotsky, o que mais experiência conseguiu acumular neste processo, uma vez que comandou, na linha de frente, os *Soviets* da Revolução Russa de 1905 e 1917, traz contribuições para análise da ação de ocupação da produção por parte dos trabalhadores. Dentre algumas de suas obras, o *Programa de Transição*, elaborado em 1938, oferece diversas diretrizes para entender este procedimento. Trotsky, que no final da década de 1930 via a iminência da II Guerra mundial e ao mesmo tempo o despreparo da classe trabalhadora para assumir suas lutas independentes neste momento, principalmente na Europa, visualizava uma saída para a classe, a partir da fomentação de Comitês de Fábricas e ações diretas para encontrar o caminho. Para o teórico e revolucionário Trotsky, a classe trabalhadora somente iria aprender por ela mesma, em sua ação prática. Assim, poderia fazer vencer o desnível tão grande entre condições objetivas da luta, ou seja, a condição precária de vida em que vivia, e a falta de organismos e lideranças classistas para serem a referência da classe e agregar os trabalhadores.

É com este problema em mente que ele vai elaborar o *Programa de Transição*, que consistia justamente, dentre outras coisas, na proposta de que os trabalhadores ousassem e produzissem experiências de controle da produção com a ocupação de fábricas, e partissem para ações diretas, passando por cima das ordenanças e instituições burguesas. Inclusive, passando por cima dos próprios sindicatos pelegos e suas lideranças burocráticas e, com isto, ampliando o número de trabalhadores em luta, principalmente nos momentos mais acirrados da luta de classes.

*Os sindicatos, mesmo os mais poderosos, não congregam mais de 20% a 25% da classe operária que, aliás, são suas camadas mais bem qualificadas e bem pagas. A maioria oprimida da classe operária só é levada a luta em momentos especiais, de excepcional ascenso do movimento operário. Nestes momentos, é necessário criar organizações ad-hoc que congreguem toda a massa em luta: os comitês de greve, os comitês de fábricas, e enfim, os Sovietes*³⁹³.

Trotsky avaliava aquele momento como difícil para a classe trabalhadora, pois a II Guerra Mundial batia às portas e, como a I Guerra, levaria, da mesma forma, a que trabalhadores matassem trabalhadores nos campos de batalhas. Então, haveria necessidade dos trabalhadores serem mais audaciosos em tempos de crises. Seus atuais dirigentes acomodados, quando vêm os tempos de crise, sempre possuem o costume de levar a classe trabalhadora ao matadouro: *Em tempo de guerra ou de revolução, quando a situação da burguesia fica particularmente difícil, os dirigentes sindicais tornam-se de ordinário, ministros burgueses*³⁹⁴. Embora os tempos fossem outros, esta reflexão caberia como uma luva para a Venezuela de 2002, uma vez que era justamente isto que a CTV havia se tornado: um ministério da burguesia e não uma central da classe trabalhadora venezuelana. Afinal, quando se observa o papel de Carlos Ortega, presidente da CTV, ao lado de Pedro Carmona Estanga ou Carlos Fernández, ambos dirigentes da burguesia venezuelana nos processos golpistas, a teoria se confirma na prática. Por isto é que Trotsky colocava tanta ênfase para que a classe operária procurasse seu próprio caminho e, nos momentos de crise, fosse mais ousada com suas metas, propondo, assim, os Comitês de Fábricas e a ação direta, não somente dos

³⁹³ TROTSKY, León. *Programa de Transição: A agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional*. Editora Instituto José Luís e Rosa Sunderman. São Paulo: 2004. p. 17 e 18.

³⁹⁴ IDEM. p. 18.

trabalhadores, mas do conjunto da classe explorada. Com isto acrescenta o seguinte na reflexão:

As greves com ocupação de fábricas, uma das mais recentes manifestações dessa iniciativa, escapam aos limites do regime capitalista "normal". Independentemente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das empresas golpeia, no cerne, a propriedade capitalista. Toda greve com ocupação coloca na prática a questão de saber quem é o dono da fábrica: o capitalista ou os operários.

Se a greve com ocupação suscita essa questão episodicamente, os comitês de fábrica conferem a essa mesma questão uma expressão organizativa. Eleito por todos os operários e empregados da empresa, o comitê da fábrica cria de uma só vez um contrapeso à vontade da administração.

... Entretanto, o principal significado dos comitês é o de tornarem-se estados-maiores de combate para as camadas operárias que o sindicato não é, geralmente, capaz de atingir. É, aliás, precisamente dessas camadas mais exploradas que sairão os destacamentos mais devotados a Revolução.

Desde quando o comitê aparece, estabelece-se de fato uma dualidade de poder na fábrica. Por sua própria essência, essa dualidade de poder é transitória porque encerra em si própria dois regimes inconciliáveis: o regime capitalista e o regime proletário³⁹⁵.

A Venezuela, em seu processo do *Paro Petrolero de dezembro de 2002*, vivia quase que integralmente o problema, ainda que os nomes dos organismos fossem outros, e a fábrica fosse uma empresa do Estado, no caso a PDVSA. Contudo, estes complexos processos foram vividos por estes trabalhadores petroleros e populares mobilizados na ação direta e no anseio de controlar a produção. Assim, mesmo o processo de controle operário por meio dos *Comitês Guías*, que, na prática, eram sinônimos de *Comitês de Fábricas*, foi muito desigual na sua formação no meio da classe operária petrolera, porém sua existência possibilitou derrotar o golpe que se vinha construindo com o *Paro Petrolero de dezembro de 2002*. A classe estava aprendendo com esta ação direta e fazia, na prática, aquilo que a história e a teoria buscam sistematizar. Deste modo, atitudes, como por exemplo, de Socorro Hernández e Maria Fernández que atuaram no *Paro* eletrônico, no sentido de restabelecer o funcionamento virtual da empresa, já haviam sido sugestão de Trotsky nestes momentos de acirrada luta de classes: *Os comitês de fábrica, e somente eles, podem assegurar um verdadeiro controle sobre a produção, contando com a colaboração (como conselheiros e não como tecnocratas) dos especialistas honestos e devotados ao povo: contadores, estatísticos, engenheiros,*

³⁹⁵ IDEM. p. 19 e 20.

*cientistas, etc.*³⁹⁶. Ao passo que Socorro Hernández e Maria Fernández buscaram e encontraram, no meio do povo, pessoas para auxiliar no restabelecimento do sistema de informática da empresa, Chávez, com seus tecnocratas, se mostrou inapto para as tarefas. Conclui-se daí que a classe necessita confiar mais em si, ver suas forças e seus aliados, descobrir que é possível buscar seu próprio caminho.

Compreender o problema do controle operário e da ação direta, a partir da experiência de um destes personagens do *Paro petrolero de dezembro de 2002* possibilita avançar nesta reflexão, entendendo o processo contemporâneo, na visão dos que atuaram nele. Assim sendo, ao fazer a pesquisa, me perguntei o que era isto que esses petroleiros falavam e entendiam como controle operário:

*O sea, yo hablo de controle obrero cuando tu solamente no resguarda las instalaciones, sino que asume todas las funciones y decide lo que vas hacer con ellas. Tiene controle porque tú decides lo que vas hacer con el de manera democrática, tu como trabajador, junto con otros compañeros discuten lo que hacen con las instalaciones...En refinería de Puerto La Cruz en cambio hubo lucha física para sacar a los escuálidos de la empresa, e los trabajadores entre ellos decidieron que se hacía, que no se hacía eligieron sus supervisores, hacían asambleas diariamente para evaluar la situación de refinería. Incluso llegaron a despachar gasolina lo cual me parece una experiencia muy importante, lo único, bueno yo imagino que por la falta de cuadros que no pudieron a dirigir a otras zonas, porque los pocos cuadros concentrados en mantener la producción, no pudieron trasladar esa experiencia hacia a otros sectores...Pero sobretodo la experiencia de ser dueño de la producción del destino de la producción, de la decisión de producir de cuanto, cuando, producir, eso es una experiencia muy valerosa, porque suma a la posibilidad que los trabajadores pueden hacer dueños de la economía en el socialismo*³⁹⁷.

Para Douglas Sucre, a experiência dos próprios trabalhadores designarem os rumos da produção foi muito educativa, pois mostrou, na prática, a possibilidade de se produzir sem a opressão e exploração de classe. Puerto La Cruz havia se transformado nesta referência nacional, conseguira, pela própria organização daqueles petroleiros e com o apoio popular, romper um tabu muito apregoado de que sem o patrão nada é

³⁹⁶ IDEM. p. 22.

³⁹⁷ Entrevista feita pelo autor em 23-05-2009. O entrevistado é Douglas Sucre, trabalhador do setor petrolero desde 2001. Quando entrou neste ramo de trabalho, era funcionário contratado da empresa Parmaven, uma das empresas filiais da PDVSA que cuida do Centro Tecnológico e Agropecuário. Esta empresa, tanto no golpe de 11 de abril de 2002, como no Paro petrolero de dezembro, auxiliou sistematicamente a oposição nas tentativas de derrubar Chávez. Douglas Sucre trabalhava nesta empresa, e como atuou contra o *Paro petrolero de dezembro de 2002*, posteriormente consegue entrar como trabalhador efetivo da PDVSA. Embora tendo uma ação bem coadjuvante na cidade de San Tomé, em relação ao que foi o controle operário na Refinaria de Puerto La Cruz, em San Tomé participou em um destes ensaios do que foi os *Comités Guías*.

possível. Aliás, demonstrou-se o contrário, que sem o padrão é possível produzir e distribuir os produtos de forma mais democrática. Embora a PDVSA não fosse uma empresa privada comum, sua dimensão e grau de complexidade provavam a eficiência dos Comitês de Fábrica em ambos os extratos de produção.

Era o exemplo da classe operária, juntamente com o apoio popular em um clima de grande disputa política, que desenvolvia outra resposta classista sobre os problemas venezuelanos. A burguesia e seus auxiliares não contavam com uma participação tão ampla de trabalhadores e populares em processos de lutas diretas. Até mesmo Chávez não contava com uma resposta tão contundente destes. Um dos problemas, que destaca Douglas, foi que a experiência mais exitosa, que era de Puerto La Cruz, não pôde ser estendida ao resto do país para culminar em um processo mais avançado na luta de classes. Porém, é necessário pontuar que os elementos estavam sujeitos a isto, tanto que, aprofundando na questão, podem-se destacar outros setores operários e populares que atuaram na mesma direção dos petroleiros de Puerto La Cruz, neste processo revolucionário venezuelano, no ano de 2002 e 2003. É o caso dos trabalhadores siderúrgicos da região de Guayana, no estado de Bolívar.

Estes trabalhadores das indústrias básicas estavam com um problema sério quando se iniciou o *Paro petrolero de dezembro de 2002*: com o *Paro* da indústria petrolera estava faltando gás a seus fornos de fundição. A cidade de Anaco, no estado de Anzoátegui, que é responsável pela distribuição do gás por quase todo o país, havia baixado o nível de fornecimento às empresas siderúrgicas de Guayana. Isto causava um sério perigo que o próprio Douglas descreve:

Inclusive voy a poner un ejemplo, creo que es muy importante, hubo un contacto de coordinación porque los obreros de industria básicas Venalun y Alcasa creo que Ferrominera estaban a punto de paralizar los hornos, hornos grandísimos que necesitan bastante energía para conseguir altas temperaturas y que tardan una semana de imponer desde el inicio hasta el momento operativo para fundir los metales. Se gasta una semana para hacer lo operativo y que se paraliza así de repente o sea, para paralizarlo tiene que hacer el operativo creo que una semana también para hacer el operativo. Eso estaba amenazado con que iba le faltar el gas y se falta el gas se paraliza de repente, se paraliza de repente las paredes reflatarias de eses hornos se iban a partir y iba ser una pérdida de todo horno³⁹⁸.

³⁹⁸ IDEM.

Os operários siderúrgicos com o nível de consciência que possuíam da gravidade do problema, e com as experiências vividas no golpe de abril de 2002, debatidas anteriormente neste trabalho, se organizam para enfrentar o problema. Embora não fossem donos diretos destas empresas, compreendiam que estes fornos não poderiam correr o risco de serem inutilizados por atos irresponsáveis da oposição golpista. E como se haviam mobilizado de arma na mão para enfrentar os golpistas de 11 de abril de 2002, novamente se mobilizam para resolver a tempo o problema da falta de gás para seus fornos. Neste sentido, de forma autônoma e acreditando na ação direta da classe, organizam duas expedições de trabalhadores para dirigir, desde a cidade de Puerto Ordaz, região de Guayana, até a cidade de Anaco, no estado de Anzoátegui. Este episódio foi tratado até mesmo nos jornais, que, em sua maioria, apoiavam os setores golpistas:

El anuncio hecho por los trabajadores de Pdvsa Gás-Anaco, sobre la operatividad de 30% en el envío de combustible a través de sus plantas, no fue recibido con agrado en el estado Bolívar.

Ayer a mediodía y de manera intempestiva llegaron a la localidad gasífera ocho autobuses, con unas 400 personas para exigir ante el holding el pronto envío de suministro.

Ramón Tineo, director laboral de CVG Bauxilum, informó que desde el lunes las plantas de Anaco sólo enviaron 15 mil metros cúbicos de gas de 160 mil que les corresponde a diario para mantener activos los trenes de la industria hacia guayana.

Tineo explicó que de no aumentar los niveles, hoy colapsarían Venalum, Bauxilum y Alcasa, mientras más de 8 mil trabajadores quedarían en la calle.

“Esto no es un juego político, no podemos permitir que los hornos y otros equipos dejen de funcionar porque Anaco decide cerrar el suministro de gas”³⁹⁹.

Com esta ação direta, os trabalhadores destas siderúrgicas tentavam convencer seus colegas, trabalhadores da PDVSA, para que restabelecessem a quantidade normal de fornecimento de gás às suas indústrias: caso isto não ocorresse de imediato, os prejuízos seriam enormes para toda região siderúrgica do país. Era um clima de muita tensão, pois a pressão ocorria de todos os lados e os trabalhadores de Anaco não poderiam se omitir neste momento perante a classe trabalhadora: esta era a cobrança dos trabalhadores siderúrgicos. Não se tratava de uma pequena demanda, os setores mais mobilizados contra o *Paro* percebiam que se perdessem a luta, o regime, que se

³⁹⁹ Trabajadores de Guayana exigen a Pdvsa envío de gas. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 11 de dic. de 2002. N. 16. 729, p. 11.

instalaria, deceparia suas cabeças. Portanto, as iniciativas de luta deveriam ser contundentes e sem vacilo, pois, do outro lado da contenda, a oposição também possuía sua força e capacidade de polarizar, tanto é que estava conseguindo com que os trabalhadores de Anaco entregassem os pontos e viessem a se somar ao *Paro* petrolero. A situação neste momento ainda estava muito incerta, tanto para os trabalhadores siderúrgicos de Guayana, contrários ao *Paro*, como para os adeptos do *Paro* que pressionavam os trabalhadores de Anaco a cruzar os braços e fechar os registros de fornecimento de gás ao país. Não havia limites para a oposição. Neste quadro é que transcorre outra mobilização na região, sobre a qual o jornal oferece uma versão dos fatos:

Nuevamente la zona centro de Anzoátegui fue ayer escenario de la violencia, esta vez para imponer respecto a la autonomía municipal.

A tempranas horas de la mañana se conoció que trabajadores de las empresas básicas de Guayana regresaban a bordo de ocho autobuses, para exigir el suministro de gas desde Anaco. Los vecinos, personal de Pdvsa, así como los alcaldes Jacinto Romero Luna y Antonio Barreto Sira, se prepararon para impedirlo.

Al tener conocimiento de la llegada de trabajadores de Guayana, el alcalde Romero Luna junto con la Coordinadora Democrática exhortaron a la comunidad a salir en defensa de la autonomía y la paz que caracteriza a la jurisdicción central.

El despliegue de la Policía de Anzoátegui, con el Comando de Apoyo Operacional y las policías municipales de Anaco y Freites, resultó de gran ayuda.

Romero Luna fue enfático: “No vamos a permitir que vengan a invadir nuestro territorio. Un municipio como Anaco que vive en plena paz y armonía no dejará jamás entrar a quienes buscan alterar el orden. Que vayan a Caracas a pedir gas”.

El mandatario freitiano instó a todos sus homólogos a defenderse de las arbitrariedades de los grupos afectos al gobierno nacional.

“Es necesario que los alcaldes se decidan a defender; junto con el pueblo, sus territorios. Nosotros nos mantenemos unidos con Anaco, por nuestra paz y por el derecho a vivir en verdadera democracia”⁴⁰⁰.

O encaminhamento que se dá à demanda, pelo viés da imprensa e dos prefeitos que se mobilizaram, era tratar o problema como autonomia municipal, daí o chamado bairrista de proteger o município de Anaco que estava sendo invadido por incautos do estado de Bolívar. A burguesia, nessas ocasiões, não se cansa de apelar à vulgar ideologia de caráter bairrista ou nacionalista. Se em dimensões maiores vemos como ela

⁴⁰⁰ Anaco y Freites impidieron ingreso de personal guayanés. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, miércoles 17 de dic. de 2002. N. 16. 735, p. 09.

apela à defesa da pátria, como nos exemplos da I e II Guerras Mundiais, aqui o fazia em defesa do município para se manter a paz e a democracia. Para quem conhece um pouquinho de Anaco e região vizinha, sabe que não há nada de paz nestas regiões, basta andar um pouco na periferia da região para ver o estado e as condições de vida em que vivem as pessoas. A criminalidade, fome e desemprego não são problemas ausentes nestes municípios e, inclusive neste período do *Paro*, as pessoas tiveram de ocupar estabelecimentos para retirar comida, senão morreriam de fome.

O alarde que estes prefeitos golpistas colocaram era que não se podia interferir na decisão dos trabalhadores da PDVSA de Anaco, o município deveria ser defendido: que os trabalhadores de Guayana fossem pedir gás em Caracas a Chávez. Com tais palavras de ordem mobilizaram seus regimentos militares e uma parte da população da cidade. Os jornais falam em 8 mil pessoas contra os 400 de Guayana para impedir os operários siderúrgicos de conseguirem o abastecimento de gás. Contudo, os jornais contam somente uma parte destes eventos de Anaco.

A ação direta e firme destes trabalhadores de Guayana foi um dos episódios mais maduros e contundentes de toda a classe trabalhadora neste início de século XXI na América Latina. Ainda não havia uma ação deste patamar ocorrida até então. Ao analisar este episódio se verifica que ele foi muito mais profundo do que o apresentado nos noticiários. Os trabalhadores de Guayana, a exemplo do que foi a mobilização de 11 de abril de 2002, quando souberam de fato o que ocorrera com o golpe em Chávez, e todo o episódio dialogado no capítulo III, realizam um processo mais avançado ainda. Deste modo, quando avaliam que, se não saíssem com uma resposta à altura do problema, de fato iria faltar gás na produção, logo, organizam uma estratégia depois da discussão na base. O encaminhamento deliberado foi de ir, em comitiva, até Anaco e dialogar com os companheiros petroleiros para resolver a situação. Para isto, organizam comissões entre os trabalhadores siderúrgicos para oferecer os meios necessários. O primeiro problema a resolver seria encontrar transporte para levá-los a Anaco, pois, embora os jornais falassem de 400 pessoas vindas de Guayana, na verdade, eram em torno de 2 mil operários. Elio Colmenares fala que foram 2500 operários que vieram de Guayana para Anaco. Ao analisar os indícios, um número mais real gira em torno de 2 mil.

Para garantir o transporte, os trabalhadores de Guayana saíram em comissões nas prefeituras e nos órgãos públicos que possuíam ônibus. Foram também nas empresas públicas, solicitando o empréstimo dos veículos para a atividade, assim, quando se

conseguia o apoio, o veículo era utilizado sem nenhum problema. Todavia, quando havia resistência de empresários, ou órgão público, o ônibus era retirado sob a mira da pistola, de fuzil ou de metralhadora. Os operários não estavam brincando, necessitavam do transporte. Não se deve esquecer que, desde os episódios de 11 de abril, os trabalhadores haviam se apropriado das armas da Guarda Nacional e da polícia da cidade de Puerto Ordaz. Deste modo, angariaram 40 ônibus que foram abarrotados de trabalhadores em uma comitiva até Anaco. O governo Chávez não teve a menor participação neste episódio, tudo foi feito pela iniciativa própria dos trabalhadores, de forma independente e na absoluta ação direta.

Ao chegar a Anaco, os planos eram que um grupo negociador fosse recebido pelos trabalhadores responsáveis pelo centro de distribuição de gás da cidade e do país. Sob difícil quadro, lograram sentar com os trabalhadores da PDVSA-Gás e convencê-los a manter o envio de gás para Guayana. O objetivo era dialogar e conseguir a compreensão sobre a gravidade da situação. Caso isto não ocorresse, estes trabalhadores estavam dispostos a entrar à força dentro das instalações e, a partir da ocupação, tentar eles mesmos, com a ajuda de outros que entendessem dos sistemas, controlarem o envio. Por felicidade, resolveram a querela sem que houvesse uma carnificina, pois os prefeitos de dois municípios estavam com efetivos armados e haviam insuflado a população ao enfrentamento, por meio da Coordenadora Democrática – CD. Contudo, os trabalhadores siderúrgicos de Guayana foram superiores nos embates e restabeleceram a produção, não faltando mais gás para estas indústrias durante todo o restante do *Paro Petrolero de dezembro de 2002*, que se estendeu oficialmente até 03 de fevereiro de 2003.

Os trabalhadores venezuelanos estavam dando um exemplo de luta direta e controle da produção de forma ainda não vista por todos estes governos contemporâneos da América Latina, e isto causava inquietação. A preocupação deste processo se estender a outros setores não era somente de Chávez, mas de outros governos da América Latina que viam, neste terrível exemplo, uma instabilidade para seus regimes. O Grupo de Países Amigos da Venezuela queria, por toda maneira, que se fechasse esta crise revolucionária no país, apelando ao bom senso de seus próprios irmãos burgueses venezuelanos, para que aceitassem as negociações que estavam tentando sedimentar, tanto a OEA, como o grupo do ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, para que este processo de lutas diretas se fechasse. Posteriormente, a burguesia voltaria a

fazer sua oposição tranquilamente e em melhores condições de derrotar Chávez, para isto era necessário acreditar nas urnas.

A evidência de fechar o processo de lutas diretas na Venezuela nunca esteve tão às claras, como nas palavras do Chanceler argentino, participante da comissão de negociação, quando diz que os venezuelanos deveriam “*exprimir nas urnas e não na rua seus descontentamentos*”⁴⁰¹. Esta orientação era justamente a oposta de Lênin que dizia que quando as massas votam com os pés se pode propiciar a solução efetiva dos seus problemas. E votar com os pés era justamente se expressar nas ruas e não nas urnas. A burguesia venezuelana estava dividida neste momento, pois, enquanto uma parte desejava que houvesse logo a intervenção da OEA e promovesse a paz dos cemitérios, outros setores burgueses avaliavam que o melhor era negociar com Chávez e entrar em um acordo amigável. Neste processo, a classe trabalhadora venezuelana e os setores populares davam seus passos mais avançados de luta direta. Tal processo é notado com uma clareza ímpar em uma matéria de jornal, certamente perdida naqueles dias calorosos de luta, mas que vale a pena ver na íntegra:

Lo que está sucediendo en cada una de las áreas de trabajo en las diversas dependencias de Petróleos de Venezuela es un acontecimiento nunca escrito en nuestro país y que sin lugar a dudas cambiará la historia del movimiento de trabajadores y la dividirá entre antes y después del paro gerencial y administrativo de la principal industria nacional.

La respuesta que dieron y están dando los trabajadores sin importar su rango o tipo de nómina a sus líneas de mando directas, cuando pretendieron paralizar todas las operaciones de la industria petrolera, fue contundente y demoledora: “ustedes no van a paralizar esta industria por sus intereses políticos” y los hechos demostraron que no pudieron paralizarla en el oriente del país, hoy estos trabajadores escriben nuestra historia.

En un proceso sin precedentes en la industria petrolera, los trabajadores no sólo fueron capaces de restituir las operaciones y mantenerlas pese a la ausencia casi total de las líneas de mando integradas por los supervisores, jefes de grupos, superintendentes y gerentes, sino además con la participación en asambleas y reuniones permanentes restituyeron esas líneas de mando, colocando al frente a sus compañeros de trabajo que por experiencia, capacidad, formación y mística podían asumir esas posiciones garantizando la seguridad y eficiencia en las operaciones.

Esta en marcha un proceso de cogobierno y autogestión en la toma de decisiones y de increíble participación democrática que rompe con los esquemas tradicionales de gerencia y sin lugar a dudas jugará un papel preponderante en el crucial proceso de reestructuración de Pdvsa.

Los ECO, equipos de coordinación operativas, las reuniones de gerencia participativas y ampliadas, las asambleas por departamentos y áreas de trabajos son expresiones muy claras y concretas de lo que significa la

⁴⁰¹ Gobierno de Perú evalúa convocar consejo de la OEA. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, domingo 08 de dici. de 2002. N. 16. 726, p. 01, anexo.

*participación democrática y protagónica de los trabajadores en la conducción de la más importante empresa de todos los venezolanos*⁴⁰².

O autor da matéria, Willian Jose Rodríguez, consegue captar um processo macro na luta de classes venezuelana, somente não compreende que, posteriormente, a reestruturação da PDVSA foi o contrário daquilo por que os trabalhadores lutaram todos estes duros dias de *Paro* petroleiro. No entanto, se esta experiência de controle operário, juntamente com a ação direta nas ruas, estava derrotando a oposição golpista, por outro lado estava da mesma forma debilitando o governo Chávez. Uma vez avançando em um projeto deste, a própria classe trabalhadora e os populares poderiam ver em conjunto, mais cedo ou mais tarde, que Chávez era o freio de tudo isto. Alguns setores já vislumbravam isto, principalmente aqueles setores que se mobilizavam independentemente do governo, e que eram uma minoria, porém sempre atacados pelo MVR.

Diante desta contradição na luta de classes, Chávez percebe claramente que, embora tivesse que contar com o apoio popular e operário, não poderia deixar desenvolver seus elementos de independência de classe, haveria que amordaçá-los. A partir de 2003, quando se mostram mais evidentes os indícios de que venceria a luta contra a oposição golpista dentro da PDVSA, é que tem início sua segunda fase, que foi um contra ataque à própria classe que o apoiava, ou seja, os petroleiros e com atenção especial aos de Puerto La Cruz. Para isto, Chávez vai usar de diversos meios: inicia cooptando as principais lideranças, fazendo com que estas assumam cargos oficiais, e com isto traz para sua raia os elementos mais atuantes ou mais chaves do processo. Destacamos o exemplo da cooptação de um dos dirigentes do sindicato petroleiro Fedepetrol:

No se hicieron esperar las reacciones al ingreso del presidente de la Federación de Trabajadores Petroleros, Petroquímicos y afines, Rafael Rosales, a la junta directiva de Petróleos de Venezuela. Tras haberse efectuado la juramentación este jueves, algunos miembros del comité ejecutivo de Fedepetrol condenaron el hecho por considerar inapropiado que un dirigente sindical vaya a formar parte de las autoridades de la industria. Pese a que los críticos de Rosales admiten que no es nada nuevo la presencia de un director laboral en representación de los trabajadores, recalcan que lo novedoso está en la incorporación de éste dentro de la directiva de Pdvsa.

⁴⁰² Los trabajadores deciden. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, lunes 20 de ene. de 2003. N. 16. 767, p. 09.

Félix Jiménez recordó que anteriormente se hacían elecciones para escoger al representante, pero nunca lo designaba nadie y mucho menos el Presidente de la República. “Aquí nadie eligió a Rosales para ocupar ese cargo. Ningún trabajador fue consultado sobre la incorporación de este a la directiva de Pdvsa”, resaltó⁴⁰³.

Com este tipo de tática, Chávez vai entrando no movimento e, sob diversos argumentos e formas, oferece meios e modos a todo aparato do MVR, no sentido de conter as ações independentes dos trabalhadores, o que, contudo, não vai ser uma tarefa fácil para o governo. Tudo isto deve ser entendido dentro de uma grande relação de disputa, uma vez que os trabalhadores haviam aprendido muito, e sofrido muito também, pois as circunstâncias do controle operário não foram nada fáceis para os mesmos que colocaram suas vidas e todo o entorno familiar em um projeto em que acreditaram. Exemplo do grau desta dificuldade e a complexidade que representou a ação direta destes trabalhadores podem ser visualizados na experiência de vida de um petroleiro que viveu o processo e apostou na luta da classe. Félix Rodríguez, trabalhador petroleiro da região ocidente do país, participou nas atividades para levantar a indústria petroleira, quando do *Paro petroleiro de Dezembro de 2002*:

Mi papá estaba grave, estaba inconciente y no me podía escuchar, yo no le podía decir.” Papá te dejo solo”. En ese momento, mi esposa ve la inquietud que tengo y me dice: “Félix, debes estar pasando momentos difíciles, decidir entre tu papá, yo, la familia y el país”. Yo le dije: “Yo no sé”. Entonces ella me dijo: “Yo creo que si tu papá hablaba y consultaras con él, estaría de acuerdo en que tienes que irte y, por mí, anda, porque te vas a morir. Yo te quiero vivo, aquí te vas a morir. ¡Anda, vete!”. Ése es el testimonio más puro que yo pueda dar del sacrificio que implica la patria⁴⁰⁴.

Aqui se percebe a subjetividade do processo e o quanto de desprendimento houve da classe para entrar na luta, que muitos, como o próprio Félix Rodríguez, entendiam que se tratava de salvar a pátria. Estes trabalhadores lutaram nas circunstâncias em que viviam. É importante salientar que nada estava traçado de antemão, quando se decidia entrar na luta para reativar a indústria. Este processo é que ia forjando estes trabalhadores, colocando o foco na classe, pois viviam na pele o que era vencer todos os

⁴⁰³ Ingreso de Rosales a Pdvsa generó críticas de sindicato. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, sábado 08 de mar. de 2003. N. 16. 767, p. 07.

⁴⁰⁴ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 65. Testemunho de Félix Rodríguez.

obstáculos, visto que tinham embutida a ideologia de que se necessitava mérito para tocar a empresa, que somente os chefes e engenheiros vindos das melhores escolas é que possuíam o conhecimento suficiente para tocá-la. Porém, tudo isto foi sendo vencido, à medida que a classe trabalhadora, com um enorme apoio popular, se atreveu a enfrentar os problemas e encontrar seus próprios meios. Félix Rodríguez oferece mais uma opinião de como isto foi construído entre eles:

Entonces, yo dividía las cosas, ustedes se encargan de todo este perol, si tumban un sistema ustedes salen a levantarlo... Levantabas, mientras había otro que seguía adelante. Todos, uno en una cosa y otros en otra, dividiendo esfuerzos. Dividimos eso en 38 partes y nombramos 38 gerentes. Cuando digo nombramos es porque no los nombré yo, sino que cada grupo decidía a quién como gerente: "Nombralo tú", "Nombrenlo ustedes",⁴⁰⁵.

Esta experiência de fazer, a partir da base, com métodos democráticos, o controle e ocupação da produção, em um amplo mecanismo de ação direta, foi amplamente usada na Venezuela do *Paro petrolero de dezembro de 2002*. Ainda que tenha sido evidentemente um movimento muito desigual em todo país e sem uma coordenação nacional, respirava-se o clima no país que contagiava trabalhadores e populares. Quando do mês de março, em que definitivamente já se havia derrotado os setores oposicionistas ao governo, os trabalhadores e populares, que haviam avançado mais no processo de controle operário da produção, tinham aprendido muito, estes não queriam entregar novamente o processo produtivo. Este foi o exemplo dos trabalhadores petroleros de Puerto La Cruz, e populares que participaram deste processo, que lutaram para não devolver a empresa novamente ao modelo antigo de produção. Encontramos diversos enfrentamentos neste sentido. Um deles se deu na própria entrada da empresa em Guaraguao, onde, desde quando setores populares iniciaram o controle dos portões da empresa, eles mesmos controlavam os trabalhadores que deveriam entrar na empresa. Transcorria-se ali o mesmo processo que usaram antes, para evitar as sabotagens:

La presencia de adeptos al oficialismo en la alcabala montada desde hace tres meses en la entrada del edificio sede de Pdvsu Guaraguao esta generando molestias a los trabajadores. Según la versión que maneja la líder de Gente del Petróleo, Zuleyma de Lyon, desde la semana pasada estas personas, que controlan el acceso a las

⁴⁰⁵ IDEM. p. 71.

instalaciones del holding, impiden el paso al gerente de la división oriental Luís Marín y al gerente de producción Rafael Lander. El incidente ocasionó que el propio ministro de Energía y Minas, Rafael Ramírez, enviara un mensaje de salutación y apoyo a los empleados de Pdvsa Oriente, tras reunirse con el viceministro de Hidrocarburos, Luís Vierma y el director regional Numa Lozada, quienes le informaron sobre lo ocurrido. En la misiva asegura Ramírez que está en desacuerdo con este hecho “irregular”, pues piensa que factores políticos ocasionan contratiempo al personal. También pide paciencia y sostiene que solucionará el conflicto⁴⁰⁶.

Era necessário, sob a ótica do governo, desmontar todo este procedimento de ação direta, seja popular ou operária. Para uma empresa como a PDVSA, com todas suas ramificações com o capital internacional, sob uma política de internacionalização do petróleo, seria impensável deixar que os trabalhadores e populares controlassem os rumos da empresa. Era necessário e urgente controlar a situação, ainda que não fosse de uma só tacada, mas paulatinamente restabelecer o antigo controle da empresa com uma nova direção que aceitasse tudo que o comandante e inquestionável coronel Chávez determinasse. Na verdade, este vai ser o embate que a classe travará durante todo o ano de 2003, fundamentalmente no caso de Puerto La Cruz, onde o processo de controle operário da produção foi mais avançado que em outras partes do país.

Portanto, era necessário desmotivar essa atitude de que os populares é quem fiscalizava quem poderia entrar na empresa, principalmente, em um momento, em que Chávez estava colocando novamente na PDVSA aqueles que o traíram, mas que, de alguma maneira, amarraram acordos. Como Chávez desejava voltar para seu controle os antigos mandos da empresa, haveria que negociar com líderes ou altos técnicos ex golpistas, que entendiam do setor do petróleo, uma vez que os que se fizeram de chavistas de plantão não possuíam os conhecimentos necessários para administrar desde acima a empresa e os que aprenderam pelo controle operário e desejavam manter a independência de classe não interessava ao governo.

Para os trabalhadores e populares não poderia haver acordos de bastidores, conheciam quem havia se comprometido ou não com a classe, portanto, mantinham de pé seus objetivos. No entanto, para o ministro de Minas e Energia, Rafael Ramírez, esta atitude de populares e trabalhadores de decidirem os rumos da empresa era *irregular* e haveria que voltar às antigas normas. O fato, entretanto, é que os trabalhadores de Puerto La Cruz tinham avançado bastante com o controle operário da produção, ainda

⁴⁰⁶ Alcabala en Pdvsa genera tensión dentro de la industria. *El Tiempo*. Puerto La Cruz, martes 18 de mar. de 2003. N. 16. 824, p. 06.

que houvesse sido localmente, mas com isto haviam despertado melhor a consciência e alguns viam o processo até em amplitude, como se pode observar, na opinião de Jose Bodas:

Sí tenemos la capacidad técnica, sí tenemos la capacidad científica y no es una utopía, como lo hemos dicho, que podemos dirigir mejor que la tecnocracia, podemos dirigir mejor que la burguesía las empresas donde nosotros trabajamos. De eso no tenemos la menor duda y lo demostramos, si lo pudimos hacer con una empresa tan compleja, tan automatizada como Petróleos de Venezuela, es que lo podemos hacer con este país, es que lo podemos hacer en cualquier país, y es que lo podemos hacer en el mundo⁴⁰⁷.

Bodas sintetiza, aqui, o que os trabalhadores apreenderam nestes momentos de controle direto da produção e coloca, na prática, todo o problema da questão da propriedade privada dos meios de produção. Os trabalhadores e populares visualizaram, na luta prática, que este tipo de propriedade deveria ser coletivo e isto atacava o cerne da propriedade capitalista. Mais uma vez os comitês de fábricas e a ação direta de milhares de trabalhadores e populares faziam abalar os conceitos do sistema capitalista⁴⁰⁸. Tal audácia, sob a ótica burguesa, deveria ser desmontada e se possível apagada da história e das mentes destes trabalhadores. Portanto, era urgente que o governo Chávez golpeasse com força este processo e destruísse a iniciativa. Como Chávez consegue realizar este processo de desmonte, no ano de 2003, é um problema que merece algumas laudas a mais.

Alguns dos trabalhadores que viveram o processo possuem uma leitura de como Chávez vai habilmente controlar o movimento. Primeiramente, não se pode esquecer de que a personalidade de Chávez é muito forte, a força de sua palavra atravessa mentes e corações dos mais bem intencionados e abnegados lutadores. Portanto, o seu peso subjetivo não pode ser desprezado, contudo, esta observação deve ser compreendida dentro do próprio processo histórico em que vive a Venezuela, pós o Caracazo de 1989.

⁴⁰⁷ Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA. Editora Marianella Yanes, 2004. p. 372.

⁴⁰⁸ É necessário compreender que o controle operário da produção, com ocupação de fábrica, também não é a panacéia de todos os males. O próprio trotskismo avalia que, em um dado momento, por exemplo, de tomada de poder pela classe, se, ao invés disto, ela se centra somente nos comitês de fábricas, se perde uma oportunidade histórica para os trabalhadores. A burguesia e a burocracia sindical sabem disto, e podem inclusive, em momentos excepcionais, usar os comitês de fábricas para sair do perigo de tomada de poder pela classe trabalhadora, desviando sua atenção do objetivo central até recuperar sua estabilidade novamente.

Neste contexto, Chávez é um elemento muito importante, porém, deve ser visto em conexão com o conjunto da luta de classes e das relações sociais por que atravessa o país, em sua relação com o mundo, as coisas não são desconectadas⁴⁰⁹. É necessário notar que a cada discurso de Chávez, que são muito constantes e longos, sua palavra, naquele momento, como afirma Luís Dias⁴¹⁰, uma das lideranças dos petroleiros de Puerto La Cruz, vinha no sentido dos trabalhadores aceitarem a ordem e a disciplina. Luís Dias conta que foi muito forte a propaganda do governo, principalmente para os trabalhadores de Puerto La Cruz, de que deveriam aceitar os mandos normais, que o processo não poderia ser bagunçado, que haveria que ter disciplina, e respeitar as instâncias da instituição. Tudo isto era feito em paralelo a um grande elogio demagógico que sempre tecia a estes trabalhadores que salvaram a pátria de mais um golpe. Ou seja, Chávez agiu de um modo hábil para convencer os trabalhadores a entregarem o controle da refinaria.

Todo este processo se desenvolve em meio a duas contradições enormes, e isto se mostrou mais notório nos anos posteriores, a primeira delas tratava-se de como ser um governo liberal, como confirmava a política econômica de Chávez, e, ao mesmo tempo, se alinhar a um programa de estatismo em alguns setores da economia, como se concretizou, por exemplo, em telefonia e cimento. A outra contradição tratava-se de como se manter no governo e responder às aspirações dos trabalhadores e populares, suas principais bases sociais, sem romper com o sistema capitalista e com a burguesia aliada, além de, ao mesmo tempo, conquistar a burguesia descontente? No que tange à primeira contradição, entre liberal e estatismo, é necessário entendê-la observando que, após a introdução da política neoliberal na América Latina, nos anos de 1980, esta não poderia ser a mesma após mais de 20 anos, pois as lutas sociais sempre apresentaram demandas a que os governos devem responder. Na América Latina, a percepção de que a vida dos trabalhadores havia piorado com as privatizações e a perda de serviços sociais, dentre outros, se tornou patente e um repúdio havia se generalizado, assim, com

⁴⁰⁹ ARCAÏ, Valério. *As esquinas perigosas de história*. São Paulo: Xama, 2004. Neste trabalho do autor se atualiza uma discussão muito interessante que o marxismo fez a respeito do papel do indivíduo na história, temos Guiorgui Plekhanov sendo analisado à luz de reflexões atuais. Esta tese em particular, embora tendo atenção a estas peculiaridades, não produziu um capítulo ou tópico específico dialogando sobre a personalidade de Chávez, o que não é uma tarefa inviável, contudo, não era prioridade em nossa proposta de trabalho executar tal tarefa.

⁴¹⁰ Luís Dias é trabalhador de Pdvsa, encarregado de navio rebocador que manobra os cargueiros para se atracar nos portos de Guaraguao. Ele participou como liderança operária nas atividades de Puerto La Cruz para restabelecer a produção durante o *Paro petroleiro de dezembro de 2002*. Luis Dias ofereceu longas horas de diálogo contando sua versão de todo o processo, gravou uma entrevista, que por infelicidade foi extraviada.

dificuldades, a burguesia entendeu que era melhor perder o anel que os dedos. Portanto, houve necessidade de mesclar um pouco de gestão estatal dentro da gestão liberal: os economistas burgueses elaboraram, e Chávez aplicou a receita.

Não é diferente essa política, somente o método de aplicação da mesma, no caso do Governo Lula no Brasil. Aqui, por exemplo, o Banco do Brasil e a Petrobrás, que são estatais, tem oferecido um grande espaço de lucro à burguesia acionista, assim como, na Venezuela, a estatização da Cantv e da Cemex foram realizadas em comum acordo com seus ex-donos. Um exemplo muito atual e emblemático desta nova reciclagem do neoliberalismo e estatismo é a medida de Lula, em 2010, de recriar parte da estatal Embratel para instalação de conexão de banda larga no Brasil, ainda que não se possa colocar sinal de igual entre governo Chávez e governo Lula. Deste modo, o estatismo não tem sido contraditório com o liberal, desde que administrado como subterfúgio a retardar as demandas sociais, ou, em outros casos, para capitalizar estruturalmente setores capitalistas em dificuldades. O caso da estatização da empresa multinacional de cimento Cemex, em 2008, na Venezuela é elucidativo sob este ponto de vista. Pois, quando o governo estatiza esta empresa, a faz sob o pagamento de um montante acordado entre uma equipe do governo e outra dos capitalistas proprietários. Assim, acaba auxiliando a multinacional cimenteira a sair de uma crise financeira onde necessitava enxugar filiais para redimensionar sua estrutura.

A segunda contradição tratava-se de como, em meio à política econômica liberal de Chávez, este poderia atender as demandas populares para manter uma base de apoio? Para isto, em linhas gerais, o que estes governos vem fazendo é colocar na frente dos ministérios da Economia e Banco Central direções liberais e nos ministérios sociais periféricos, como o das Mulheres na Venezuela e das Cidades, por exemplo, no Brasil, lideranças populares. A receita se tem mostrado profícua. Veja o caso, a título de comparação, entre o Brasil e a Venezuela: no Brasil, durante 2002 a 2010, os dois mandatos de Lula, Henrique Meireles esteve na presidência do Banco Central, um assumido liberal, ex-diretor do Banco de Boston, enquanto, no ministério das Cidades, sua direção foi ocupada por pessoas como, por exemplo, Benedita da Silva, ex-lutadora de setores favelados do Rio de Janeiro. No caso da Venezuela, o Banco Central é independente, não é Chávez que dita, em essência, os eixos econômicos, porém aparenta sê-lo, entretanto, no ministério das Mulheres, por exemplo, sempre quem ocupa esta direção são pessoas identificadas com as lutas sociais das mulheres pobres dos bairros miseráveis. Assim, é necessário compreender a grosso modo, que em um país além do

executivo, quem dita a política econômica que vai nortear todos gastos e prioridades, são os ministérios financeiros, e não os sociais. Isto pode parecer obvio, mas às vezes se esquece.

Portanto, Chávez somente conseguiria manter sua base social e seu mandato, diante de tanta contestação, se soubesse, com habilidade, caminhar entre os obstáculos. Desta forma, diante à efervescência social da América Latina do século XXI, não tem sido contraditórios liberalismo e estatismo, temperados, diga-se de passagem, com demagogia e repressão. Assim, designar ministros liberais, nos pontos chaves da economia, que de fato direcionam a política do Estado, e escalar ministros populares, em setores não estratégicos, que não controlam os recursos, tem se mostrado propício a manutenção do sistema.

Há que se destacar outro problema que afeta os operários e populares venezuelanos, favorecendo o sucesso de Chávez nesta política, que é a falta de serem levados, a fundo, os conceitos de independência de classe para os operários e populares, ou seja, discutir-se a premência de que eles façam política com suas próprias forças e confiem somente na própria classe. Ressalta-se, portanto, que há um baixo nível teórico da classe na compreensão histórica das lutas operárias e de suas realidades. Isto se tem mostrado nefasto para suas lutas, por exemplo, nos encontros de categorias ou mesmo grandes encontros sindicais, os diversos setores políticos e sindicais não apresentam teses para discussões, avaliando o movimento e propondo um programa da classe a ser construído ou disputado. Ao final do encontro, as propostas apresentadas são aclamadas, ainda que haja incompatibilidade entre elas: a nosso ver, tudo isto é um descabro teórico para armar a classe e estes setores na construção de um programa que atenda suas necessidades.

Diante de tudo isto, o trabalho de Chávez surtia e surte efeito, não que os trabalhadores aceitaram sua política e seu discurso de imediato, sem fazer suas próprias análises, mas discursos de um lado e pressão e repressão de outro, durante praticamente um ano, foram definindo os rumos do processo venezuelano de controle operário. Douglas Sucre, outro que viveu este processo, opina como Chávez restabelece o controle, e também faz uma leitura de porque os trabalhadores foram desmobilizados neste momento, ou porque não conseguiram avançar com o controle operário. Para ele, um dos primeiros equívocos destes trabalhadores da refinaria de Puerto La Cruz foi de aceitar a nomeação de novos gerentes, depois que já haviam restabelecido a produção. Embora estes gerentes se “submetessem” às instâncias dos trabalhadores, abriu-se

caminho para que o controle voltasse às mãos da alta gerência, agora totalmente chavista. *Pero el controle era tal que, inclusive ellos aceptaron el gerente pero con la condicione de que el gerente fuese a las asambleas que ellos hacían semanalmente, para discutir con ellos la producción y todo los problemas de la administración de la refinería*⁴¹¹. Esta atitude do governo Chávez de indicar e dos trabalhadores, com adendos, aceitarem os novos gerentes, por si, rompe com os princípios do controle operário, uma vez que, neste, não se indicam, mas se elegem e se escolhem, democraticamente, as direções a partir da participação conjunta da classe. Destarte, na avaliação de Douglas, o processo tendeu a ser conciliatório e não de independência de classe, porém, é feito de uma forma bem dialética e subjetiva, não é um modo estanque, mas cheio de mediações, que o próprio Douglas consegue apontar:

*Mira hubo, lo que faltó fue expresamente consciencia de la necesidad de independencia de clase y del papel histórico que juega la clase trabajadora en el socialismo. O sea, faltó ese programa político, y la mayoría de los trabajadores en ese momento eran chavistas y hoy sigue siendo, pero en aquel momento eran más chavista todavía, en ese momento ellos veían a gobierno que tenían de defender a su gobierno, pues consideraban suyo y era como natural entregarle la refinería al gobierno. Más patético fue en El Palito donde hubo también controle obrero, solo que ellos paralizaron mismo la actividad porque no tenían como despachar, en El Palito no lograron despachar gasolina y simplemente producirán gasolina hasta que llenaron los tanques. Ante al peligro de que los tanques se rebosara ellos mismos paralizaron. Pero en El Palito fue peor porque en El Palito no fue que esperaban que el gobierno nombrara nuevas autoridades, sino que fueron hacia el gobierno pedir instrucciones para entregarle el controle. Pero eso estoy te diciendo, porque simplemente nunca se plantearon que esa era una oportunidad para tomar posiciones de poder, no estaba planteado en ese momento. Lo que faltó en la consciencia era que no había un programa político, yo creo que tiene relación con la respuesta anterior, no había una organización y un trabajo previo que pusiera en la mentes de los trabajadores, que estamos en una lucha que en la cual cada oportunidad hay que aprovechar al máximo para profundizar la revolución. Aquí se movilizaron en ese sentido objetivamente profundizaron la revolución, pero para luego volver a una situación anterior, que fue aprovechada por supuesto por el gobierno*⁴¹².

Como Douglas avalia, o governo Chávez cumpria um papel de magnetismo, ao passo que os trabalhadores careciam de organizações próprias instaladas no seio da classe com antecedência. Os trabalhadores haviam lutado bravamente, porém, no calor da luta, não foi possível improvisar todas as ferramentas necessárias para avançar nos

⁴¹¹ Entrevista feita pelo autor com Douglas Sucre, em 23-05-2009.

⁴¹² IDEM.

processos revolucionários que vislumbram ao socialismo. Ainda que este socialismo seja um horizonte muito confuso na consciência das pessoas, como é o caso da Venezuela, um socialismo sem teoria. Chávez se aproveita desta debilidade da classe trabalhadora venezuelana e amarra aquilo que os próprios trabalhadores deixam solto, ou seja, a criação de suas organizações independentes. Este problema pode ser comprovado na prática, pois, na refinaria de El Palito, onde uma disputa das consciências, por uma perspectiva de independência de classe, não foi construída, se entregou o controle operário com muito mais velocidade. Ao passo que, na refinaria de Puerto La Cruz, onde o *Movimiento Clasista La Jornada* ensaiou um movimento independente dos trabalhadores, estes suportaram mais a pressão por uma conciliação, por parte do governo, ainda que no final fossem vencidos também, contudo, neste caso, a disputa foi mais acirrada e com elementos mais ricos⁴¹³.

Com todas estas mediações e particularidades, o governo vai conquistando a transição e realizando o controle efetivo da petroleira.

Y tú lo ves también como hizo la transición, porque posteriormente a la medida en que el gobierno iba tomando controle de la industria empezó haber restricciones a la participación. Para 2004 aproximadamente, no acuerdo la fecha en San Tomé se planteo ya cesó la contingencia, ahora viene la gobernabilidad, hay que mantener la gobernabilidad, entonces se pasó de ese primero discurso a discurso de recuperar la gobernabilidad, disciplina para aumentar la producción. Y con la excusa de la gobernabilidad se atacaba todo intento independiente de participación por parte de los trabajadores. Tanto es así que durante la contingencia se criaron los llamados Comités Guía, que en San Tomé fueron más mediados porque fueron controlados por los gerentes. Pero que tenía la idea de la participación de que los trabajadores participaron en la creación de una constituyente petrolera para que las normas de PDVSA cambiara, normas que eran muy punitivas hacia a los trabajadores, era muy elitista y muy burocráticas en muy aspectos. Lo que quería era cambiar eso para que hubiese más participación democrática de los trabajadores en las decisiones en los destinos de la empresa. Y esos Comités Guía empezaron a ser atacados, y los Comités que se resistían o las personas que se resistían que fueron atacadas en esos Comités fueron despedidas, trasladadas a otros sectores. Y la excusa era que no pudiera ver anarquía, la gobernabilidad, la disciplina. Entonces si tú compara ese discurso en ese momento con el discurso previo, te das cuenta que el discurso previo era simplemente una excusa porque no tenía el controle de la industria, el controle quien tenía era las comunidades y los trabajadores. Una vez que la empresa retoma la gobernabilidad a través de sus ingenieros de mando se desentiende de la comunidad e se desentiende de los trabajadores⁴¹⁴.

⁴¹³ Este movimento sindical posteriormente foi cooptado para o chavismo e aquela organização, que anteriormente possuía como ponto estrutural a independência de classe e contra a conciliação, passou para o outro lado da trincheira, ou seja, o da burocracia sindical e do atrelamento. Neste processo, uma pequena parte rompe com a *La Jornada* e vai formar a *Opción Clasista*, que tenta, nos anos seguintes, levar as antigas bandeiras de *La Jornada*. Seus mais conhecidos dirigentes é José Bodas, Héctor Rincón, Luis Dias e Endy todos petroleiros de Puerto La Cruz.

⁴¹⁴ Entrevista feita pelo autor com Douglas Sucre em 23-05-2009.

Esta era uma etapa do processo se fechando, pois, como mesmo destaca Trotsky, o controle operário carrega em si uma grande contradição do capitalismo, que é o destino da produção e distribuição em benefício de um setor reduzido, no caso a elite, versus a política de distribuir a produção de forma social. Este processo provoca uma dualidade de poder, de um lado, os trabalhadores e, de outro, a burguesia com interesses inconciliáveis. A sociedade não pode viver muito tempo assim, uma das partes deve vencer para que se estabilize a luta política em patamares aceitáveis. Esta disputa se deu na Venezuela, durante todo ano de 2003 e parte de 2004, até que o governo se impõe dissolvendo esta organização independente dos trabalhadores vinda desde a base. Contudo, o ensaio do controle da produção por parte dos trabalhadores e populares se tornou tão sólido na mente destes protagonistas, que viveram a experiência mais patente, que não se sentem derrotados em definitivo. Embora ainda não pudessem colocar, novamente, como primeiro ponto de pauta dos trabalhadores, este controle operário, possuem uma experiência que continua latente, possível de aflorar:

Ahora se tú te pone a ver se eso que se hizo en una coyuntura de desespero entre gente que no se conocían, pero que tenían un objetivo común, aun que no se conducirá previamente el objetivo común de mantener la producción en bien estar común de todo mundo. Qué tal se los obreros de la industria básica y los obreros de PDVSA gas estuviera organizado bajo una misma organización sindical y política que le dijera en ambos caso que debe hacer, como hacer, cuando hacer porque tuvieron coordinados, verdad esa experiencia, y si eso no se hace solamente en la industria petrolera como vimos, sino en una coordinación entre industria petrolera y industria básica. Cualquier otra coordinación tendría sido posible, entonces ha ra, se yo logro suministrar gas a las industrias básicas también porque no puedo coordinar suministrar metal a industria de Sidor. Porque no puedo suministrar cabilla a la industria de construcción, porque no puedo suministrar casa de la industria de construcción hacia otros trabajadores. O sea toda la economía yo puedo coordinar de la misma manera si hizo así, si los trabajadores petroleros que controlaron la industria la refinería y lograron despachar gasolina, porque no los trabajadores de las granjas no pueden despachar coordinar los despachos a los sectores alimenticios o por qué no los trabajadores de supermercado no pueden garantizar el suministro a las poblaciones. Yo me explayo allí porque creo que la gente, o sea eso está destinado a los trabajadores⁴¹⁵.

⁴¹⁵ IDEM.

A questão, para a ótica do governo Chávez, era que se havia avançado demais com estas propostas e ações diretas dos trabalhadores e seus aliados, que o ponto final a tudo isto teria de ser efetivado. Para isto, aproveitar os erros da classe foi de muita importância a Chávez, assim ele desponta, ao final de 2004, com o troféu na mão. Troféu de ter conseguido momentaneamente desmontar novamente as lutas acirradas dos trabalhadores e populares e conquistar a confiança novamente de setores importantes da burguesia venezuelana. Tal objetivo se confirma em sua plataforma de governo e é proferido em um de seus discursos, tido como um discurso muito célebre por seus correligionários e simpatizantes, pronunciado em inícios de 2005. Neste discurso, gaba-se de ter restabelecido o crescimento econômico da Venezuela, mostrando cifras nunca alcançadas nestes 50 anos do país. E para estas cifras tão elevadas, a participação dos empresários venezuelanos havia sido o ponto chave “*Esto, ciudadana Presidenta de FEDECÁMARAS, señores empresarios de Venezuela, esto es positivo para todos, ¡vamos juntos para que el 2005 sea la continuación expansiva de este crecimiento sólido, sostenible, para beneficio de todo el país!*”⁴¹⁶. Chávez agradece aos empresários, a forte crise revolucionária com ocupações da produção e ação direta havia terminado, o governo estava de bem novamente com seus verdadeiros pares. Há que se recordar que esta presidenta da Fedecámaras era, em 2002, a vice presidente da mesma, tanto no mandato de Pedro Carmona Estanga, como de Carlos Fernández, e agora assumia a presidência da entidade golpista. Chávez felicita a estes setores que haviam matado indiscriminadamente, em todo ano de 2002, e estes eram agora, depois das pazes feitas, seus efetivos parceiros, tanto que, em momentos posteriores de seus discursos, chama a aplaudir a Fedecámaras e os empresários honestos venezuelanos.

Para diversos trabalhadores, todos estes episódios permitem fazer uma releitura de Chávez, possibilitando-lhes perceber seu papel de freio do processo revolucionário, como defende Wladimir em seu depoimento visto no capítulo II. De fato, Chávez, em diversas circunstâncias, usando de mediações e subjetividades pelo seu caráter carismático, cumpre o papel de acalmar as lutas sociais, pós caracazo de 1989, restabelecendo as instituições e a institucionalidade abalada por todo o processo de lutas. Tudo isto está em suas próprias palavras e em seus ícones:

⁴¹⁶ No demos descanso a nuestros brazos y a nuestras almas. Histórico mensaje del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela Hugo Chávez Frías, desde el Palacio Legislativo, el 14 de enero de 2005. p. 06.

Hace más de 40 años, estaba recordando ayer el almirante Maniglia, Inspector General de las Fuerzas Armadas, me comentaba que él estaba leyendo el discurso que dio el presidente Kennedy cuando asumió la presidencia por allá en 1961, y anoche en la madrugada me llegó – cosa que agradezco mucho al almirante – una copia de aquel discurso, y Kennedy hablaba en 1961 de la revolución de la esperanza, Kennedy decía aquello de que los que le cierran el camino a la revolución pacífica, le abren al mismo tiempo el camino, quizás sin darse cuenta, a las revoluciones violentas. Qué bonito discurso el que dio Kennedy aquel día de enero de 1961...⁴¹⁷ .

Chávez, com o feito claro de evitar revoluções violentas, que mudem a estrutura, constrói então sua estabilidade e se reconcilia novamente com fortes setores da burguesia que o havia abandonado em 2001. 2005 é um marco bem evidente deste processo, posto que, embora continuasse a haver contendas entre ele e setores burgueses, as suas diferenças eram de forma e não de conteúdo. Para alívio dos governos da América Latina, a estabilidade na Venezuela voltava a patamares suportáveis, sem que se continuasse colocando para os trabalhadores e populares latinos a possibilidade de processos insurrecionais que impregnasse o continente de lutas diretas. Somente em finais de 2007 é que surgiria novamente um ascenso de lutas no país, agora localizadas diretamente no setor operário, a partir das mobilizações em defesa de um contrato coletivo de petroleiros, realizadas pelos operários da categoria, na cidade de Puerto La Cruz. Deste modo, com as lutas que se iniciaram na rama petroleira, o setor siderúrgico, automobilístico, produção de cimento, elétricos, entre outros, ensaiam novamente uma nova onda de lutas no país. O que isto pode trazer de desdobramento na luta de classes, ainda não há um quadro mais definido. Porém, a conjuntura mundial, com o esgotamento da política neoliberal e uma forte crise do capitalismo, detonada a partir do setor financeiro e imobiliário dos Estados Unidos, em fins de outubro de 2008, coloca a ideologia neoliberal da suposta não intervenção do Estado na economia sob o solo. O que a classe trabalhadora e popular da América Latina e do mundo pode vir a desenvolver, enquanto luta de todos contra os ataques que sofrem aos seus direitos, durante mais de duas décadas de neoliberalismo, é uma reação que ainda está por vir. Porém, na Venezuela, se mostra claro que a classe trabalhadora quer melhores dias e estão novamente insurgindo em lutas salariais e por direitos.

⁴¹⁷ IDEM. p. 06.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALCÁNTARA, Tomás Polaco. *Juan Vicente Gómez: aproximación a una biografía*. 1ª edição espanhola e 10ª edição venezuelana. Barcelona – Espanha: Morales i Torres Editores, S. L, 2004.

ALMEIDA, José Maria de. *Os sindicatos e a luta contra a burocratização*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007. (Coleção 10,1)

ARCAY, Valério. *As esquinas perigosas de história*. São Paulo: Xama, 2004.

------. Seria o marxismo um fatalismo economicista? In: *O encontro da revolução com a história*. São Paulo: Xama e Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006, p. 197-230.

BRZEZINSKI, Iria.(org.). *LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam*. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: Cortez, 1998. p. 19-42.

BRITO, Figueroa Federico. *Historia Económica y Social de Venezuela*. Tomo I, II, III e IV. Caracas: Ediciones de la Biblioteca U. C. V. , 1974.

CARDOSO, Ciro Flammarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Memórias e imagens: (re)pensando os significados do Memorial JK*. In: *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 177-193.

CATALÁ, José Agustín. Editor. *El estallido de febrero: un país mas cierto y mas dramático*. Caracas: Ediciones Centauro, 1989.

COLMENAREZ, Elio. *La insurrección de febrero*. Caracas: Ediciones la Chispa, 1989.

D'ALESSIO, Marcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico*. Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madaleine Rebérioux. 2ª reimpressão. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

D'ARAUJO, Maria Celina (org.) *Os anos de chumbo. A memória militar sobre a repressão*. RJ: Relume-Dumará, 1994.

DIETERICH, Heinz. *Hugo Chávez: El destino superior de los pueblos latinoamericanos y el gran salto adelante*. Conversaciones con Heinz Dietrich. 2ª edición. México: Jorale editores, 2006.

ELIZALDE, Rosa Mirian. BAEZ, Luis. *Chávez nuestro*. Cuba: Casa Editora Abril, s/d.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP: Boitempo, 1997. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges.

-----, *A Idéia de Cultura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

FIGUEROA, Roberto Alonzo. *Gás, testimonios del paro petrolero 2002-2003*. Puerto La Cruz/Anzoátegui/Venezuela: Litopapeles Síglo XXI, 2005.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

FRANK, André Gunter. *Lumpenburguesía: lumpendesarrollo, dependencia, clase y politica en latinoamerica*. Chile: Ediciones prensa latinoamericana S. A., 1970.

GENTILI, Pablo (Org.) *Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional*. In: Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação) p. 77-108.

Gerencia Corporativa de Asuntos Públicos. *Testimonios de un rescate*. Caracas/Venezuela: PDVSA, Editora Marianella Yanes, 2004.

GOMES, Américo; ITURBE, Alejandro; WELL, Joseph; NETO, César. Dossiê: Venezuela. *Marxismo Vivo*. Revista de política e Teoria Internacional. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, n. 10. 2004. p. 57-93.

_____. (Org). *Uma proposta clasista para a reestatização da Petrobrás*. SP: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

GONZALES, Érika. *Monopolios Petroleros en América Latina y Bolivia: Repsol y otras transnacionales europeas*. Cochabamba: Centro de Documentación e información Bolivia, 2007.

GUAZZELLI, César Augusto; FERRAZ, Sílvia Regina Petersen; SCHIMDT, Benedito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. Orgs. *Questões da teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFGS, 2000.

GUERRA, Jose. *Lo qué es el socialismo del siglo XXI?* Venezuela: Edición del autor, marzo de 2006.

HARNECKER, Marta. Org. *Taller de alto nível “El nuevo mapa estratégico”*. Intervenciones del Presidente de la República Hugo Chávez Frías. Caracas: Publicación del Ministerio de Comunicación e Información, 12 y 13 de noviembre de 2004.

HARVEY, David. *Espaços de Esperanças*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HERNÁNDEZ, Martín. *El veredicto de la historia. Rusia, China Cuba... De la revolución socialista a la restauración capitalista*. San Pablo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

HERNÁNDEZ, Pablo. *El verdadero golpe de PDVSA*. Maracaibo/Venezuela: Imprenta Internacional, julio de 2006.

----- *El oscuro pasado del 4 de febrero (o porque una vez mas no voto)*. 2009.

HURTIG, Anna-Karin; SEBASTIÁN, Miguel San. Cáncer y petróleo. In: *Cáncer en la Amazonía del Ecuador (1985-1998)*. 2ª Edición. Quito/Peru: Instituto de Epidemiología y Salud Comunitaria “Manuel Amunárriz”, 2004.

ITURBE, Alejandro. Chávez e o “socialismo do século XXI”. *Marxismo Vivo*. Revista de Teoria e Política Internacional n. 15. SP: Instituto José Luiz e Rosa Sundermann, 2004, p. 05-33.

LANDER, Luis E. (Editor). *Poder y petróleo en Venezuela*. Caracas – Venezuela: Faces – UCV, PDVSA, 2003.

LEÓN, José Ignacio Moreno. *El capital social: nueva visión del desarrollo, Venezuela de primera: del rentismo a la sociedad productiva y solidaria*. Universidad Metropolitana. Centro de Estudios Latino Americanos. Caracas: Editorial Texto C. A., 2004.

LEÓN, Trotsky. *A revolução traída: O que é e para onde vai a URSS*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

----- *Programa de Transição: A agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2004.

LENIN, Wladimir Ilitch. Sobre os sindicatos. *Coleção Teoria e Historia 4*. São Paulo: Editora Polis Ltda., 1979.

----- *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. 2ª edição. Coleção: *os economistas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985. Tradução: José Paulo Netto. Revisão, com base no original russo, de Paulo Bezerra.

LUCENA, Carlos. *Tempos de destruição: educação, trabalho e indústria do petróleo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2004.

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun. Orgs. *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Textos 3 edições sociais*. São Paulo: Alfa-omega, s/d. p. 199-285.

MARX, Karl. FRIEDRICH, Engels. *A ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Org/Trad) Marcelo Baches.

MAYA, Margarita López. *Del viernes negro al referendo revocatorio*. Venezuela-Panamá: Alfadil ediciones, 2005.

MILANO, Elias Jaua (org.). *Seminário De dónde viene nuestra Revolución? Movimiento Quinta República*. Caracas: Dirección Nacional de Ideología y Formación, 2004.

MIERES, Francisco. Org. *PDVSA y el golpe*. Caracas – Venezuela: Editorial Fuentes SLR, 2002.

MORENO, Nahuel. *Después del Cordobazo*. 3ª edición. Argentina: Antídoto, 1997.

MORENO, Nahuel, PETIT, Mercedes. *Conceptos políticos elementares*. Buenos Aires: 1986.

NOVAIS, Fernando A. *Aproximações – Estudo de História e Historiografia*. Editora Casacnaify, 2005.

PAIM, Elisangela Soldatelli. *IIRSA ¿Es esta la integración que nosotros queremos?* Núcleo Amigos da Terra/Brasil: dezembro de 2004.

PEREIRA, Alejandro. *Socialismo del siglo XXI, o socialismo científico?* Bogotá: Ediciones El Socialista, 2007.

PLEKHANOV, Guiorgui Valentinovitch. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo: Expressão popular, 3ª reimpressão, 2006.

PETRO PRESS. *Revista de análisis e información sobre políticas em recursos naturales, industrias extractivas y medio ambiente*. ¿Quién es y qué hace Repsol YPF en Bolívia? N. 09. Bolivia: abril, 2008.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. E História oral e memórias: Entrevista com Alessandro Portelli. In: *HISTÓRIA & PERSPECTIVAS*, N. 25 e 26 – Jul/dez. 2001/jan.2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de História e Programa de Mestrado em História. p. 09-54.

------. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: v. I, n.2. 1996. p. 59-72.

------. *La orden ya fue ejecutada*. Roma, Las Fosas Ardeatinas, la memoria. Traducción Roberto Raschella. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A., 2004.

RANGEL, Domingo Alberto. *Proceso del capitalismo venezolano*. 2ª edición. Valencia/Venezuela: Universidad de Carabobo, 2003.

ROSSO, Sadi Dal. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TENNASSEE, Paul Nehru. *Venezuela Los obreros petroleros y la lucha por la democracia*. Madrid – Caracas. Venezuela: Editorial Popular, S. A. 1979.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002. V. I, II e III.

VILLEGAS, Luis Enrique. Historia del movimiento obrero venezolano: La huelga petrolera 50 años, (1936-1986). *Nueva serie*. Serie cuadernos sindicales. 2ª edición. Caracas: El Pueblo, 1988.

FONTES IMPRESAS - JORNAIS

El Nacional. Jornal de Circulação nacional. Caracas/Venezuela. Período de 1 de dezembro de 2002, a 28 de fevereiro de 2003.

El Tiempo. Jornal de circulação regional. Cidade de Puerto La Cruz/Anzoátegui/Venezuela. Período de 1 de julho de 2001, a 30 de julho de 2003.

FONTES ORAIS - ENTREVISTAS

Elio Colmenarez. Entrevista realizada na cidade de Puerto Ordaz em 12-10-2008. Colmenarez ocupa cargos de primeiro escalão no governo Chávez. Foi ministro uma vez e vice ministro duas vezes, além de assessor especial do governo.

Douglas Sucre. Entrevista realizada na cidade de Puerto La Cruz em 23-04-2009. Sucre era trabalhador da Parmaven desde 2001, em 2003 passa para o quadro de funcionários efetivo da PDVSA.

Gustavo Jose Guarema. Entrevista realizada na cidade de Puerto La Cruz em 03-11-2008. Guarema trabalha no setor petrolero desde 1998. Em 2008 entra como trabalhador efetivo da PDVSA.

Luis Peres. Entrevista realizada na cidade de Puerto La Cruz em 16-07-2006. Luis é militante de setores populares que atuaram contra o Paro Petrolero de dezembro de 2002.

Pedro Arturo. Entrevista realizada na capital Caracas em 09-09-2008. Pedro Arturo Moreno neste momento era secretario executivo da CTV, e no período do Golpe de Abril de 2002 era membro direção da central.

Wladimir. Entrevista realizada na capital Caracas em 11-09-2008. Wladimir é de origem colombiana com dupla nacionalidade. Foi militante dos Círculos Bolivarianos e chavista entre os anos de 2000 a 2004.

FONTES DIVERSAS

Agenda Alternativa Bolivariana. Ministerio Del Poder Popular para la Comunicación e información. Caracas: fevereiro de 2007.

Aló Presidente. Programa 253. Ministerio de Comunicación e Información. Impreso N. 68. Caracas: 26 de abril de 2006.

Aló Presidente. Nadie podrá detener el proceso de integración de Suramérica. Caracas: 16 de enero de 2005.

Discurso en cadena Nacional del Presidente Chávez. Marcha en defensa de la soberanía: concentración frente al Palacio de Miraflores. Caracas: 23 de enero de 2005.

Histórico mensaje del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela Hugo Chávez Frías. No demos descanso a nuestros brazos y a nuestras almas. Caracas: 14 de enero de 2005.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año I n°. 08 septiembre de 2005.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año I n°.01 abril de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. El barril social. Año I n°.3 julio-agosto de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año I n°. 09 marzo de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año II n°. 11 Julio-Agosto de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año II n°. 15. 13 mayo de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año II n°. 16 septiembre de 2006.

CORPORATIVO. *Avances de la nueva PDVSA*. Año III n°. 21 marzo-abril de 2007.

Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. *Serie Discursos N° 4*. El petróleo es la plataforma de la soberanía de Venezuela. Caracas, Venezuela: janeiro de 2006.

Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. *Serie “Plena Soberanía Petrolera” 3*. Convenios Operativos: un negocio contra PDVSA y el Fisco. Caracas: Julio 2005.

Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleo de Venezuela, S.A. *Serie “Plena Soberanía Petrolera” N 1*. Una política petrolera nacional, popular y revolucionaria. Caracas: 25 de mayo de 2005.

Gerencia Corporativa de Asuntos de Petróleos de Venezuela, S. A. *La Internacionalización: una costosa ilusión*. Caracas, Venezuela: jul. de 2005.

Gerencia de AAPP CVP. Complejo Industrial Gran Mariscal de Ayacucho: Proyecto Delta Caribe ... donde nace el gas que une a nuestros pueblos. Plan Siembra Petrolera. Caracas: agosto 2006.

Contacto con la Nueva PDVSA. Suramérica impulsa la Industria de Oleofinas. Boletín Informativo sobre la industria petrolera venezolana, N. 13. Caracas: abril 2007.

Jornada de trabajo de la plancha 7. *Por la democracia sindical con dignidad venceremos*. Puerto La Cruz: Movimiento Clasista La Jornada, 1999.

LVIII Asamblea anual de Fedecámaras. Declaración de Barquisimeto. Barquisimeto: octubre, 2002.

Venezuela: Un balance sobre el 11 de abril. *Comisión Internacional de Bandera Roja*. Editorial Metrópolis, Caracas. s/d.

Prohibido Olvidar: las marchas por la libertad. *El Nacional*. Visión y misión, 2002. 1 DVD (800) fotografías.

VENEZUELA. PDVSA/Instituto Geográfico de Venezuela Simón Bolívar. *Mapa Refinerías en Venezuela*. Puerto La Cruz, janeiro de 2010. 1 mapa, color. Escala 1:2.000.000. Realizado por Douglas Sucre.

VENEZUELA. Ministerio de Desarrollo Urbano. *Mapa Ubicación Refinerías de Puerto la Cruz/Anzoátegui/Venezuela*. Puerto La Cruz, janeiro de 2010. 1 mapa, color. Escala 1/5000. Realizado por Douglas Sucre.

<http://www.iirsa.org> IIRSA – Iniciativa Para a Integração da Infra-estrutura Regional Sul Americano -. É um projeto continental para tornar a América Latina eficiente em produção e escoamento de matérias primas para os principais países capitalistas.

www.jubileubrasil.org.br A respeito da dívida externa brasileira e dos países pobres ver também www.divida-auditoriacidada.org.br .

www.asambleanacional.gob.ve Decretos leyes contenidos en la Ley Habilitante reformados por La Asamblea Nacional. 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)